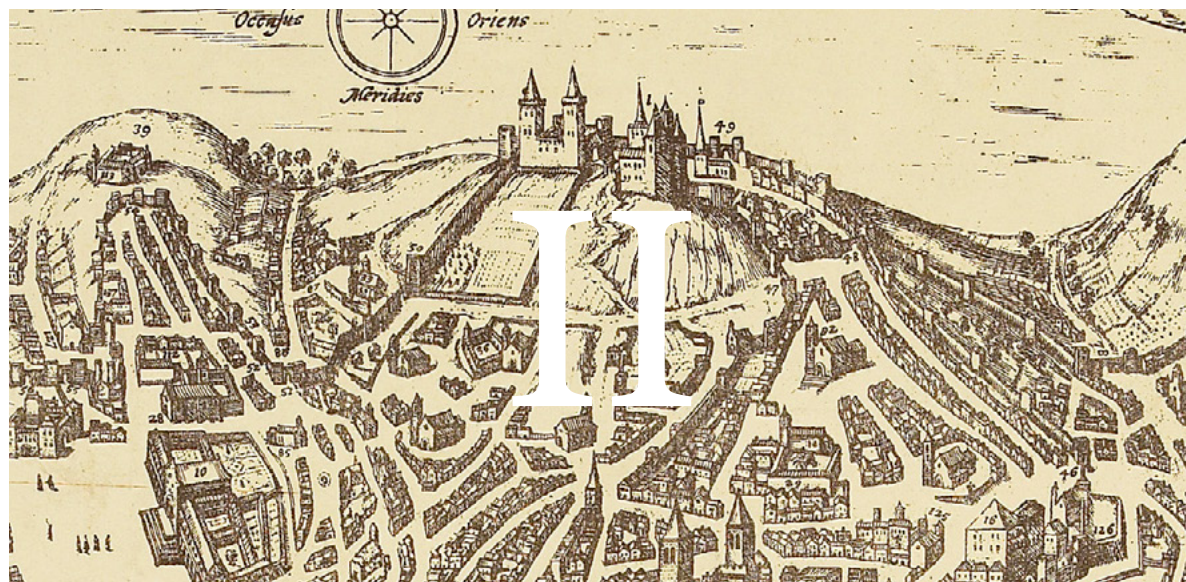




COORDENAÇÃO
João Salvado Ribeiro
Abílio Tavares Cardoso

PREFÁCIO
José Mattoso

PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA

José da Felicidade Alves

Segundo Tomo
IGREJAS MEDIEVAIS DE LISBOA
(1147-1495)

ANÁLISE CRÍTICA
Paulo Almeida Fernandes

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

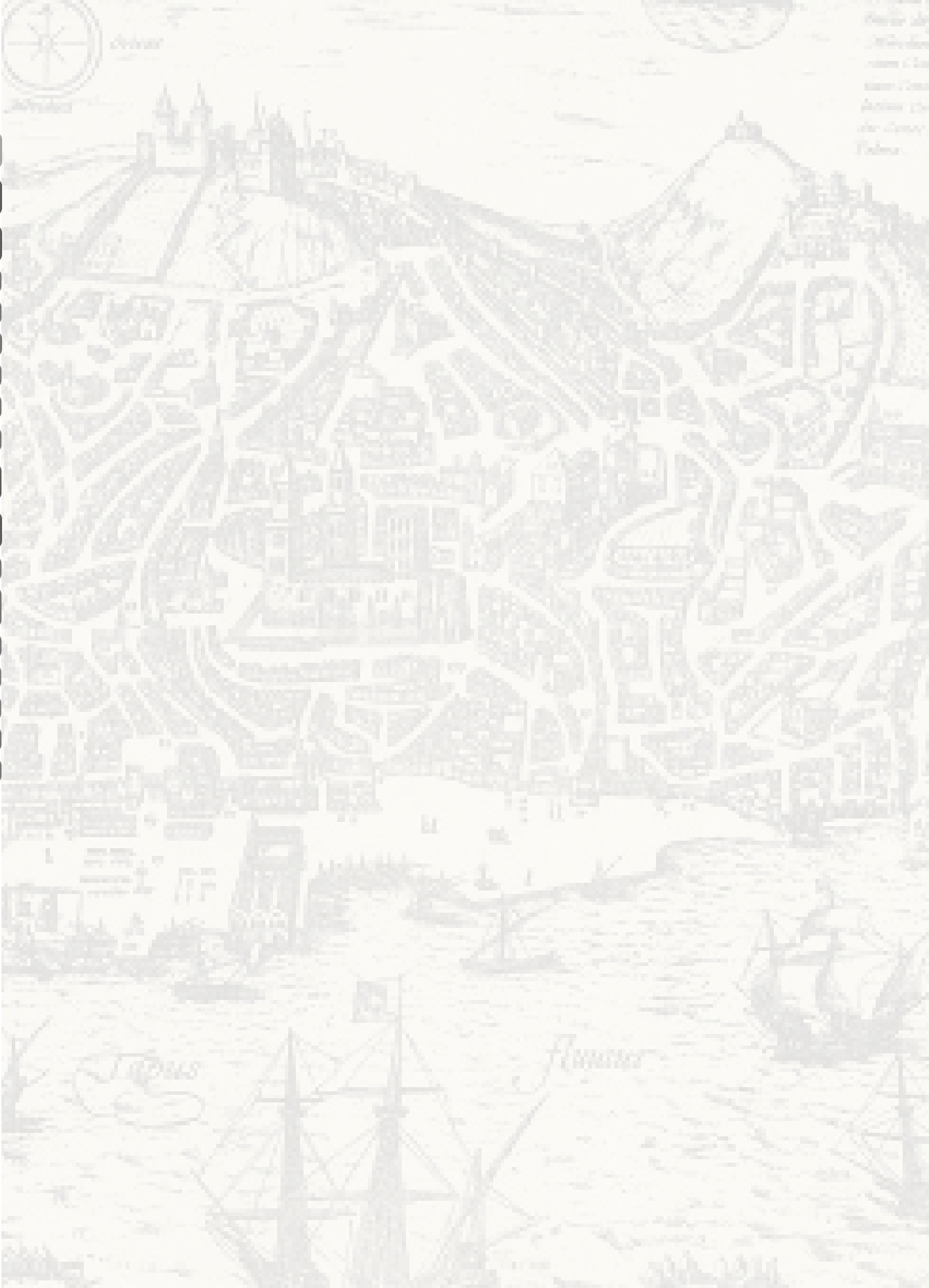
1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA

José da Felicidade Alves

Segundo Tomo

Igrejas Medievais de Lisboa (1147-1495)

ANÁLISE CRÍTICA

Paulo Almeida Fernandes

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

► BIBLIOGRAFIA

► ÍNDICE

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Peregrinação pelas Igrejas de Lisboa

Tomo II: *Igrejas Medievais de Lisboa (1147-1495)*

AUTOR

José da Felicidade Alves

ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso

PREFÁCIO

José Mattoso

ANÁLISE CRÍTICA

Paulo Almeida Fernandes

PROJETO E APOIOS

Projeto desenvolvido pelo Centro de Estudos de História Religiosa, UID/HIS/00647/2013 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e pelo Centro Nacional de Cultura, com o apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian



PROPRIEDADE, EDIÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR)

Faculdade de Teologia

Universidade Católica Portuguesa

Palma de Cima – 1649-023 Lisboa

secretariado.cehr@ft.lisboa.ucp.pt / www.cehr.ft.lisboa.ucp.pt

REVISÃO EDITORIAL

Mário Farelo e Paulo Esmeraldo Lopes

CONCEÇÃO GRÁFICA E EXECUÇÃO

Bruno Miguel Leal

ISBN: 978-972-8361-94-5

URI: <http://hdl.handle.net/10400.14/28238>

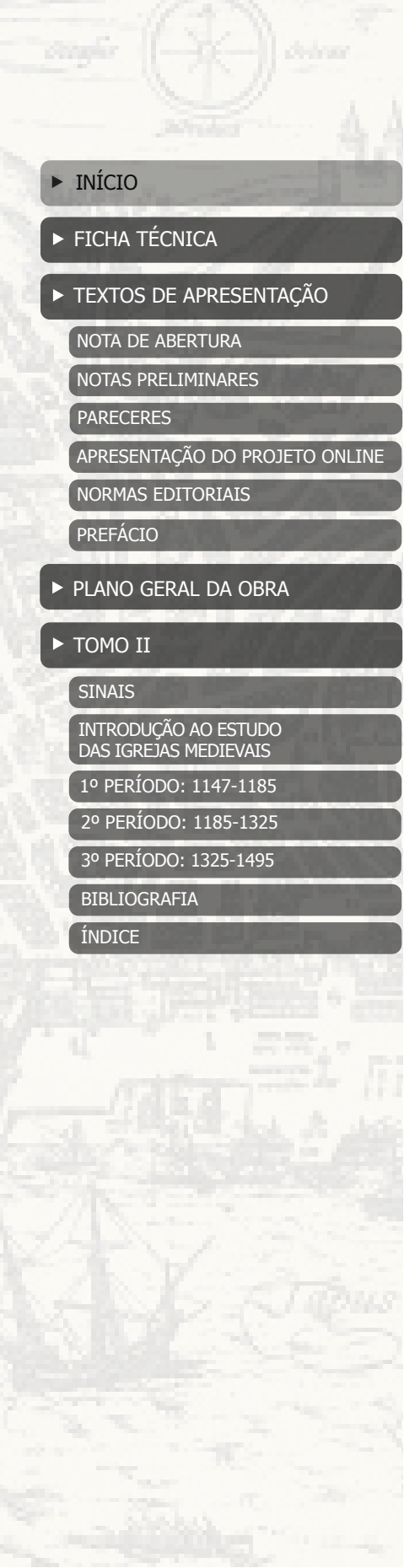
EDIÇÃO

© Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa / Centro Nacional de Cultura Lisboa, 2020

CAPA

A partir de *Perspetiva de Lisboa*. Xilogravura de Franz Hogenberg (1535-1590), de c.1598.

© Museu de Lisboa, Palácio Pimenta (MC.GRA.1691)



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

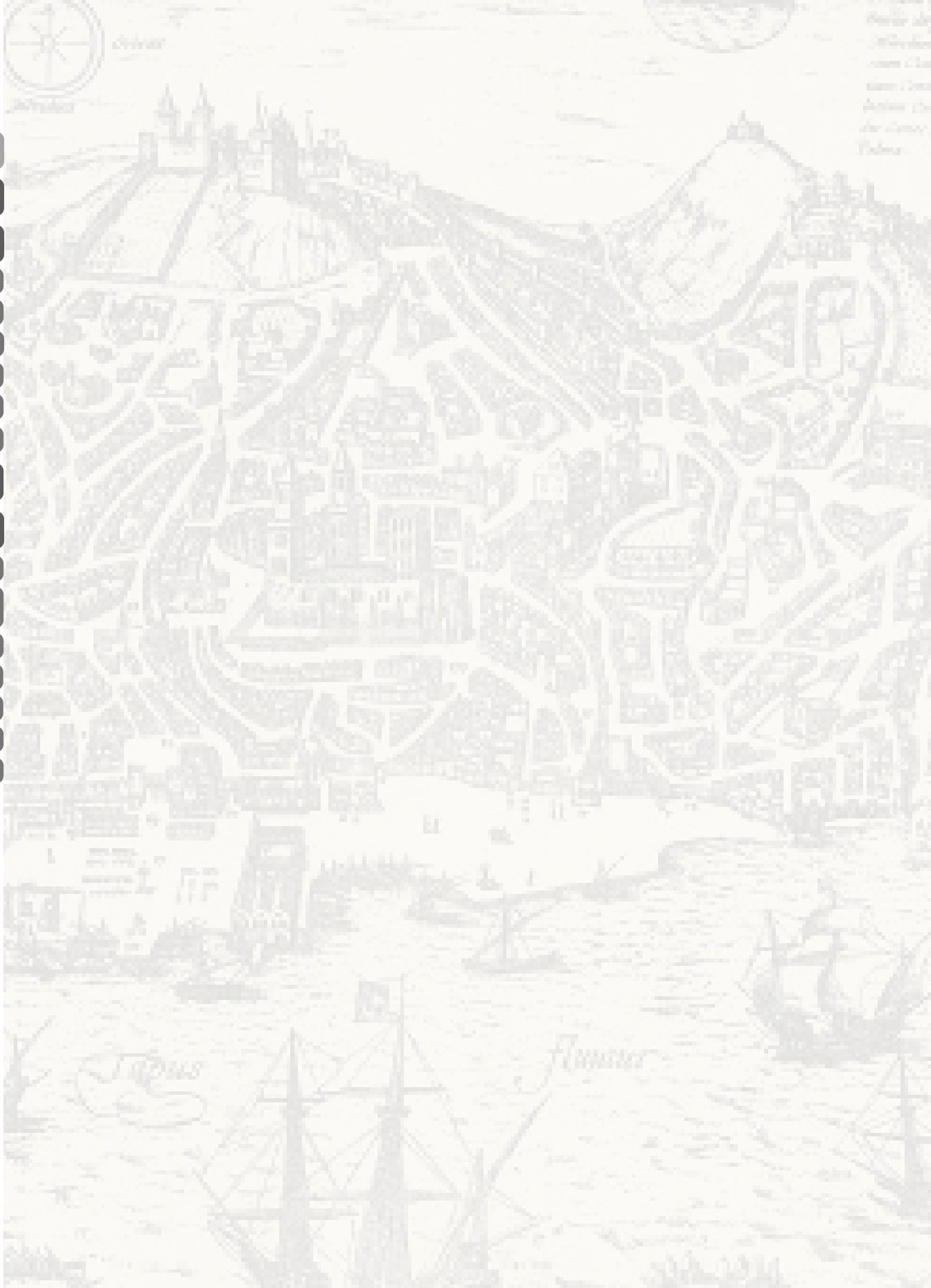
1º PERÍODO: 1147-1185

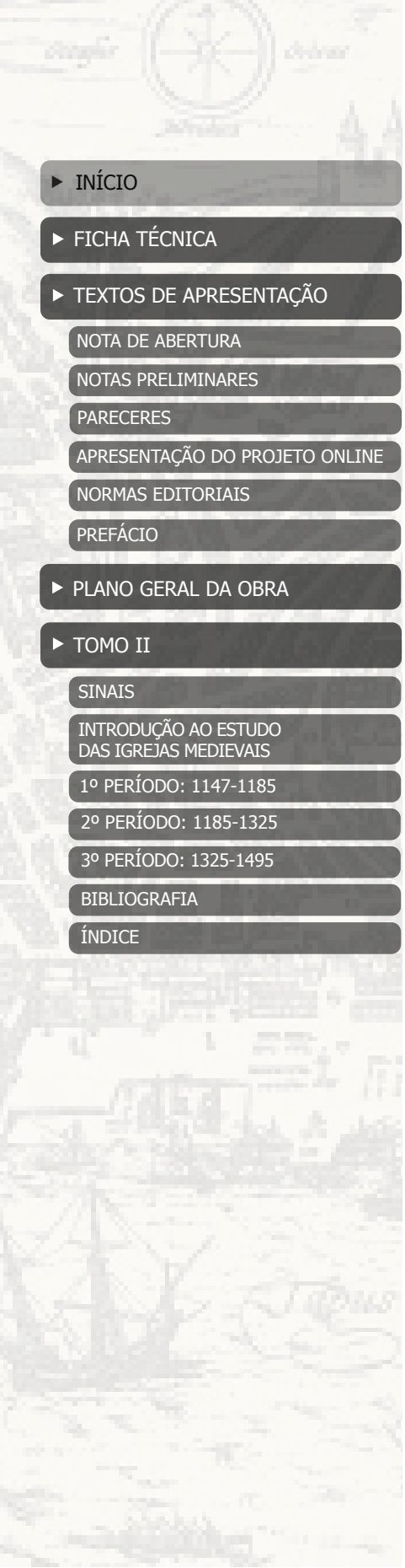
2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE





► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

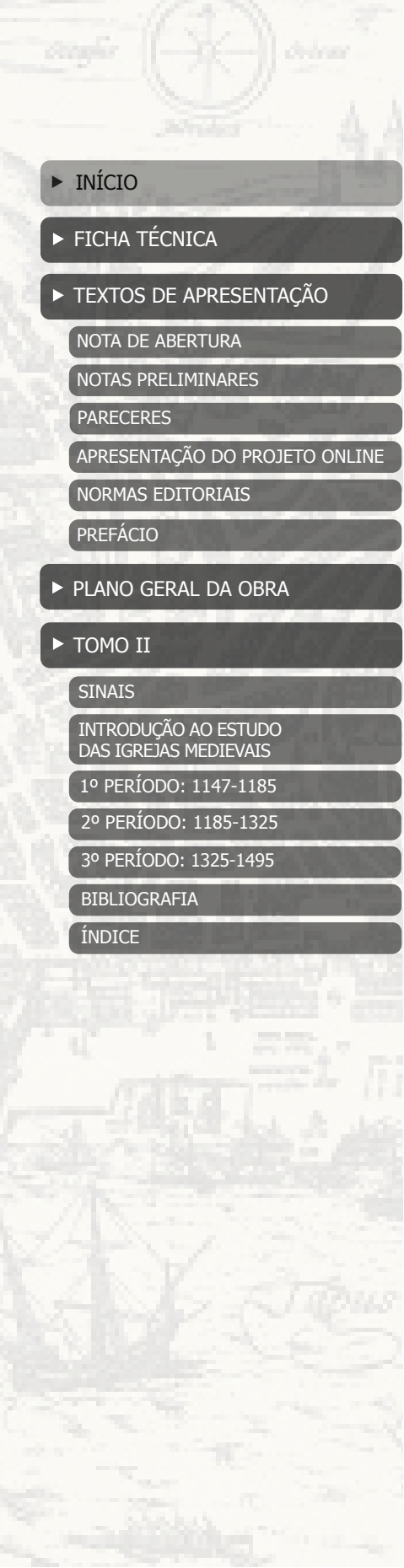
NOTA DE ABERTURA

JOSÉ DA FELICIDADE ALVES - UMA OBRA IMPERDÍVEL

José da Felicidade Alves é um exemplo de cidadania democrática que lembramos com saudade. No final da vida dedicou-se à investigação sobre o património cultural religioso, em especial na cidade de Lisboa. Na homenagem que o Centro Nacional de Cultura organizou em dezembro de 2008, tive a oportunidade de afirmar que seria importante promover a publicação dos materiais que se mantinham inéditos, que estavam à guarda da família e dos Livros Horizonte e que correspondiam ao importante labor levado a cabo por Felicidade Alves. É parte desse precioso material que agora se publica, o que permite dispormos de uma importante base de trabalho para investigadores e estudiosos. Assim, não só se homenageia o autor, mas também se abrem novas pistas para o conhecimento de um riquíssimo património cultural. A publicação ocorre no decurso do Ano Europeu do Património Cultural, constituindo uma das iniciativas do mesmo, ainda que a divulgação ocorra já em 2019.

Não posso deixar de recordar neste momento, além da memória do nosso homenageado, a personalidade do Dr. Rogério de Moura, referência do mundo editorial português, alma dos Livros Horizonte e saudoso amigo que não esqueço. Foi graças a ele que o Dr. José da Felicidade Alves foi desafiado a desenvolver este trabalho. Ainda recordo o papel desempenhado pelo Centro Nacional de Cultura (CNC), nos anos sessenta do século passado, no apoio à causa democrática e à defesa das liberdades, personalizado pelo então Padre Felicidade Alves, com a participação ativa de figuras fundamentais, como Nuno Teotónio Pereira, Sophia de Mello Breyner Andresen, Francisco de Sousa Tavares, António Alçada Baptista, João Bénard da Costa e de tantas outras – num momento em que no CNC funcionou na clandestinidade a Comissão de Apoio aos Presos Políticos e em que a polícia política se tornou presença assídua na nossa sede. Recordar-se, aliás, o episódio em que Sousa Tavares salvou os documentos do GEDOC e do Direito à Informação no congelador do velho frigorífico...

Deste modo, a memória que aqui se evoca tem tudo a ver também com a história do CNC e com a resistência dos católicos inconformistas à “desordem estabelecida”. Devemos agradecer a Maria Elisete Felicidade Alves a sua confiança e a generosa doação ao Centro do manuscrito da “Peregrinação pelas Igrejas de Lisboa”, numa versão digital e na sua versão transcrita, revista e anotada por especialistas, sob a orientação do Prof. Doutor José Mattoso, a quem também exprimimos a nossa gratidão. A necessidade de preparar a edição, em livro e em versão digital, levou-nos a solicitar ao Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa (UCP) a indispensável parceria científica neste projeto. Assim, este trabalho passará a estar incluído no Portal de História Religiosa da UCP. Daí o nosso agradecimento a toda a equipa e em especial ao Prof. Doutor Paulo Fontes, pelo indispensável apoio.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Nada teria sido possível sem o empenhamento total dos Drs. João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso, cuja generosidade, empenhamento, competência e confiança no CNC merecem especial agradecimento. Foram muitas horas de trabalho, sempre com o espírito de total entrega. Ao Prof. Doutor Eduardo Marçal Grilo e ao Dr. Manuel Carmelo Rosa devo uma palavra de gratidão pelo apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, dado desde o primeiro momento, logo em 2009, atenta à importância cultural e educativa do projeto. É uma obra imperdível que chega a bom porto...

Guilherme d'Oliveira Martins

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

NOTAS PRELIMINARES

1. A tarefa de organizar o espólio de José da Felicidade Alves, por vontade expressa da viúva Maria Elisete Nunes da Felicidade Alves e formalizada através de procuração, permitiu-nos ir conhecendo, a pouco e pouco, a verdadeira dimensão do acervo literário de José da Felicidade Alves e do seu contributo em termos de investigação, nos mais diversos domínios (estudos teológicos, bíblicos e pastorais; olissipógrafos, políticos e outros).

A biblioteca, doada à Biblioteca Universitária João Paulo II (Universidade Católica Portuguesa), compreendia 1.655 títulos (1.800 unidades), de entre os quais merecem especial destaque, como obras de referência e de grande impacto: Charles Joseph Hefele - *Histoire des Conciles: d'après les documents originaux*, trad. Française (21 vols.); Yves M.-J Congar - *Le Concile au jour le jour - Vatican II - 1962-1966; Les Actes du Concile Vatican II: texts integraux des Constitutions et décrets promulgués*, 1966 (3 vols.); Antoine Wenger - *Vatican II* (4 vols.); Obras de Jean Danielou, Karl Barth, Hans Kung, Henri de Lubac, Garrigou-Lagrange, Schillebeeckx, Paulo Arnaboldi, Riccardo Lombardi, M-D. Chenu; *La Sainte Bible*, trad. en français, École Biblique de Jérusalem, 1948-1954 (10 vols.); Michael Schmaus - *Teologia Dogmática*, trad. espanhola, 1960-1964 (6 vols.); *Compêndio de Teologia Dogmática fundamental segundo a mente de S. Tomas de Aquino - acomodada aos tempos actuais; Institutiones Systematico historicae in Sacram Liturgiam*, Phillipus Oppenheim (8 vols.); Tanqueray - *Teologia Dogmática*, 1932 (7 vols.); Gabriel Roschini - *Mariologia* (4 vols.); Hans Küng - *L'Eglise* (3 vols.); Martin Luther - *Oeuvres*, 1957-1967 (10 vols.); Pio XII - *Discursos e Radiomensagens*; João XXIII - *Encíclicas Sociais*; Theillard de Chardin - *Obras completas*; Uladimir Llitch Ulianov - *Oeuvres*, 1969-1977 (44 vols.). E ainda coleções de revistas especializadas, tais como *L'Actualité Religieuse dans le Monde* (coleção completa), *Informations Catholiques Internationales* (coleção até aos anos 70), *L'Anneau d'Or*, *Fêtes et Saisons*, *La Maison-Dieu*, e tantas outras.

2. A tipologia dos temas que a biblioteca exhibia, em particular a dos temas respeitantes a áreas de elevada especialização (teologia, estudos bíblicos, liturgia, pastoral e outros), traduzia de forma eloquente a diversidade de matérias e de informações que José da Felicidade Alves dominava, com rara intuição e rigor intelectual. A essa luz se deve entender o interessante leque de estudos e de investigações, documentado por apontamentos, projetos de investigação, monografias, manuscritos, textos em fase de redação avançada, etc., que emerge das várias dezenas de pastas de arquivo. Coube à Fundação Mário Soares acolher esse valioso espólio, acrescido de centenas de cartas e do manuscrito, em fase de prelo, do ROTEIRO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA PORTUGUESA NO SÉCULO XVI, desde o início da utilização da imprensa até à dominação filipina (2.270 fichas).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. Na sequência das tarefas de triagem de todos os papéis e apontamentos guardados nas referidas pastas de arquivo (cerca 100, com as dimensões, em cm, 0,335x0,265x0,10) de-mo-nos conta que a Livros Horizonte, editora da quase totalidade dos seus livros e onde José da Felicidade Alves desempenhava funções de assessor literário, era depositária de vários estudos considerados em fase de prelo. Um deles era justamente o manuscrito PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA, desde os seus longínquos alvares até aos nossos dias.

Encetadas as diligências necessárias, o Dr. Rogério Moura (Director de Livros Horizonte) fez entrega à herdeira Maria Elisete, em janeiro de 2009, das pastas de arquivo que continham o dito manuscrito.

4. Foi, pois, com imensa curiosidade e algum espanto, que fomos compulsando, folha a folha, as múltiplas páginas dessa investigação, organizada em 7 tomos, pacientemente elaborada, ao longo de vários anos (1981-1991), cujas fichas ora surgiam escritas à mão, ora preenchidas por texto dactilografado do próprio autor ou por recortes e fotocópias de textos doutros autores, nem sempre fáceis de identificar. Uma ou outra vez, anotações de “última hora”, escritas nas margens da mancha gráfica ou pequenos aditamentos de texto sobrepostos à página original. Um genuíno manuscrito, produzido sem recurso a computadores!

5. O manuscrito incide sobre um larguíssimo período de tempo, nada menos que 1.600 anos, organizado em fichas (2.360). O estilo de investigação que o caracteriza obedeceu ao critério de proceder a um levantamento, quase exaustivo, “desde os seus longínquos alvares até aos nossos dias”, de todos os edifícios religiosos existentes na cidade de Lisboa.

A informação coligida resultou da consulta de inúmeras obras eruditas dos séculos XVI e XVII e de autores mais recentes, em bibliotecas e gabinetes de estudos, situados na cidade de Lisboa. Para desenhar as suas hipóteses de investigação, o autor optou, em grande parte dos casos, por recolher a informação que autores credenciados apresentavam nas suas obras, valendo-se de fotocópias, que recortava em função da mancha gráfica alusiva aos temas em estudo. Se se pensar que nesse período, em que o manuscrito foi sendo redigido (1981-1991), muitas das obras consultadas ou figuravam em secções de acesso limitado (Reservados) ou então estavam microfilmadas, fica-se com a noção dos milhares de horas de trabalho que o autor, pacientemente, dedicou à sua investigação, ao longo de mais de 10 anos. Por vezes, a identificação de algumas fontes falhou, muito provavelmente porque reservou para a fase final a revisão de eventuais lacunas ou imprecisões de texto. Aliás, conhecendo a casa por dentro, José da Felicidade Alves sabia, melhor do que ninguém, que entre a data de entrada de uma obra “no prelo” e o seu efetivo agendamento para publicação podiam mediar vários anos. Não é de estranhar, por conseguinte, que tivesse criado o hábito de introduzir uma publicação na calha, a partir de um certo nível de desenvolvimento da investigação, contando rever, completar ou mesmo reescrever partes do manuscrito, antes de o entregar à tipografia. Tal não chegou a verificar-se, porém, dado que a revisão final só ocorreu 10 anos após a sua morte. Aliás, terá sido essa a razão para que os tomos VI e VII tenham ficado inacabados, no-

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

meadamente o último que apresentava simplesmente um esquema minucioso, sem qualquer desenvolvimento.

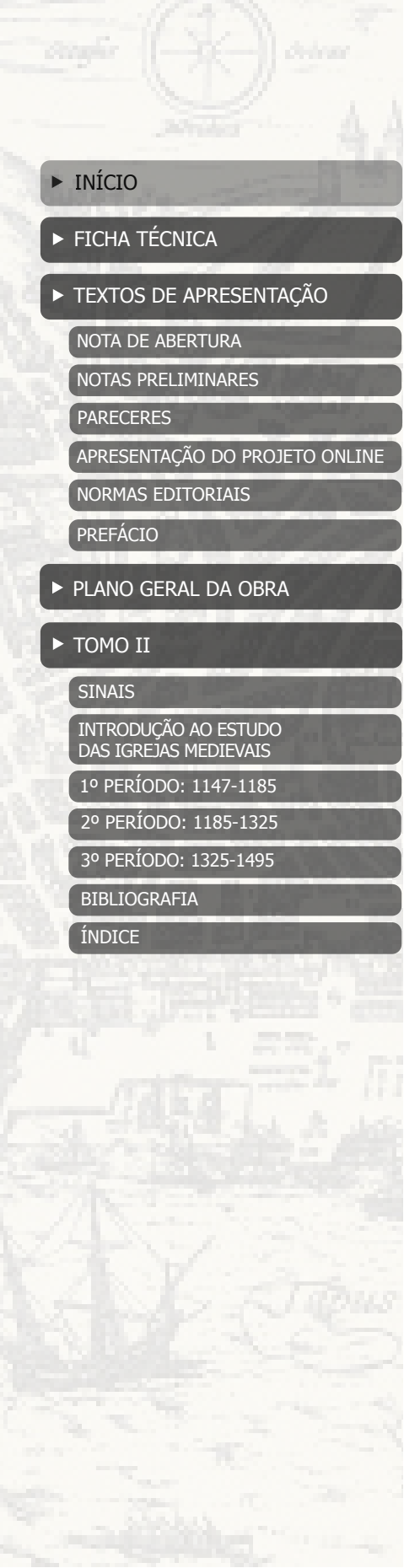
6. Cientes das nossas limitações, fizemos apelo ao Professor José Mattoso, cujo parecer, acrescido de valiosas sugestões e de persistentes diligências para convidar colaboradores credenciados, nos convenceu a abraçar o projeto de publicar a obra. Adicionalmente, a Professora Ana Isabel Buescu, com o seu parecer sobre o tomo IGREJAS DE LISBOA NO SÉCULO XVI, veio reforçar o nosso ânimo para avançar com o projeto. Coube aos investigadores José Luís de Matos, Paulo Almeida Fernandes, Pedro Flor, Miguel Soromenho e João Alves da Cunha empreender as tarefas mais ingratas de ler e reler os textos originais, conferir e elucidar questões ou dúvidas ocasionais e valorizar a obra com notas e comentários laboriosamente tecidos.

7. As tentativas para encontrar editor idóneo tornaram-se muito complexas, tendo em conta a dimensão do manuscrito (previsivelmente 2.000 páginas) e a modéstia do interesse comercial da obra. Afortunadamente, a homenagem a José da Felicidade Alves, que o Centro Nacional de Cultura (CNC) e o Centro de Reflexão Cristã promoveram em 16 de dezembro de 2008, suscitou a curiosidade do Presidente do CNC, Dr. Guilherme d'Oliveira Martins, que se mostrou interessado em espreitar a “arca” dos trabalhos e manuscritos guardados na editora Livros Horizonte.

Em novembro de 2009, apresentámos ao CNC o nosso projeto e manifestámos o desejo de congregiar sinergias para implementá-lo. Os primeiros passos foram algo titubeantes, até que surgiu a hipótese, em 2012, de a Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM) vir a assumir a publicação, desde que se respeitasse o desenho inicial que o autor concebeu para a sua investigação. Mediante parecer favorável do Professor José Mattoso, optou-se, assim, por concluir o tomo 7 com textos de autor. Foram tempos de esperança, que em 2014 se mostraram gorados, alegadamente por efeitos da crise financeira que o país vivia.

8. Surge então a hipótese, em 2014, de o Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa colaborar na execução do projeto, na sequência do patrocínio entretanto anunciado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Dessa maneira, foi possível assegurar junto dos especialistas convidados a viabilidade da iniciativa e incentivá-los a prosseguir no seu trabalho. Assim, nos termos do protocolo acordado entre o CNC, o CEHR e os coordenadores da edição, a obra PEREGRINAÇÃO PELAS IGREJAS DE LISBOA será editada em formato digital e alojada no Portal de História Religiosa, da responsabilidade do CEHR.

9. Uma última palavra de agradecimento a todos os que decididamente contribuíram para a implementação deste ambicioso projeto, nomeadamente Professores José Mattoso e



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Ana Isabel Buescu, CNC e sua inestimável equipa (Doutor Guilherme d'Oliveira Martins, Professora Maria Calado, Dra.s Teresa Tamen e Maria da Conceição Reis Gomes) e bem assim os investigadores já referidos Doutores José Luís de Matos, Paulo Almeida Fernandes, Pedro Flor, Miguel Soromenho, José Daniel Soares Ferreira e João Alves da Cunha. Sem o seu empenho e generosidade, não teria sido possível realizar este projeto.

1 de dezembro de 2017

João Salvado Ribeiro

Abílio Tavares Cardoso

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

PARECERES

PARECER DO PROFESSOR DOUTOR JOSÉ MATTOSO

Tendo examinado o original da obra *As igrejas de Lisboa*, da autoria do Revº Pe. Felicidade Alves, por ele deixada pronta para publicação mas ainda inédita, sou de parecer que merece ser publicada, e que a sua publicação constitui uma digna homenagem ao seu saber, à sua personalidade e à sua obra intelectual. Creio, todavia, que é de recomendar um trabalho prévio de revisão por parte de dois ou três especialistas de História da Arte que assinalem alguns passos em que o autor transmite informações com base em obras eruditas do séculos XVI e XVII que devem ser sujeitas a crítica. Na minha opinião deve-se respeitar o texto deixado pelo Pe. Felicidade Alves; bastaria acrescentar curtas notas de pé de página devidamente assinadas pelos seus autores, para não induzir os leitores em erro. Os passos que seria preciso assinalar não me parecem muito numerosos.

Carvoeiro do Vouga, 13 de Novembro de 2009

José Mattoso

PARECER DA PROFESSORA DOUTORA ANA ISABEL BUESCU

Igrejas de Lisboa no século XVI por José da Felicidade Alves

Apreciação global:

Tem inegável interesse, pelos materiais carreados e sistematizados, sobretudo se tivermos em conta a “atomização” da informação neste campo. Contudo, em nossa opinião, o manuscrito requer um trabalho de edição minucioso, que uniformize critérios, sobretudo de citação e indicação de fontes utilizadas, e preencha algumas – poucas – lacunas de informação existentes, que manifestamente o A. teria intenção de completar*.

Julho 2009

Ana Isabel Buescu

Universidade Nova de Lisboa - Departamento de História

* Esta apreciação global é seguida de um vasto conjunto de notas em que são elencados, página a página, casos de omissão de fontes, referências bibliográficas, notas do autor incompletas, citações extensas não identificadas, bem como a necessidade de inserir/uniformizar as legendas de figuras. Sendo estas recomendações também válidas para os restantes tomos, tanto os coordenadores como os analistas procuraram tê-las em consideração.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

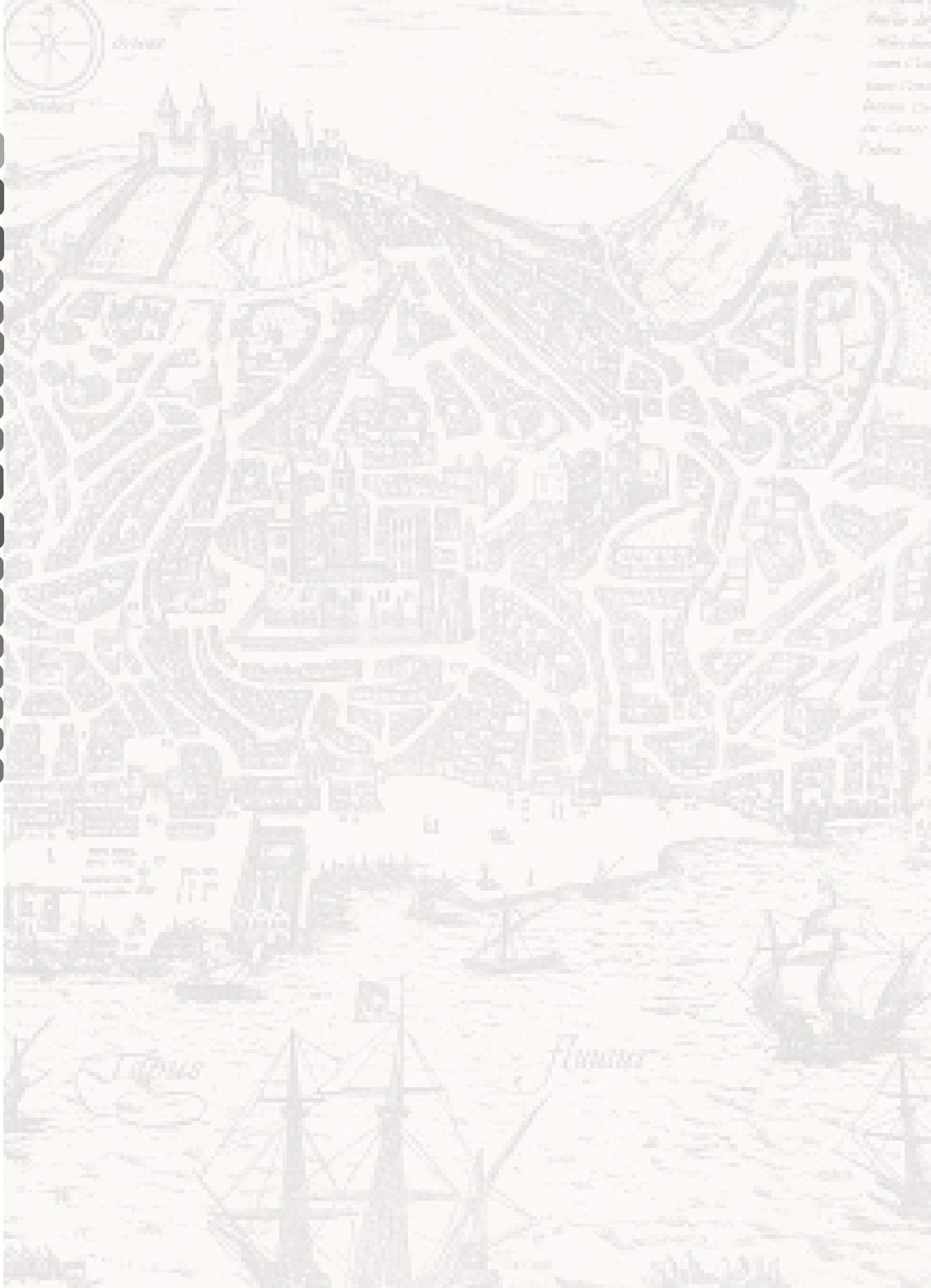
1º PERÍODO: 1147-1185

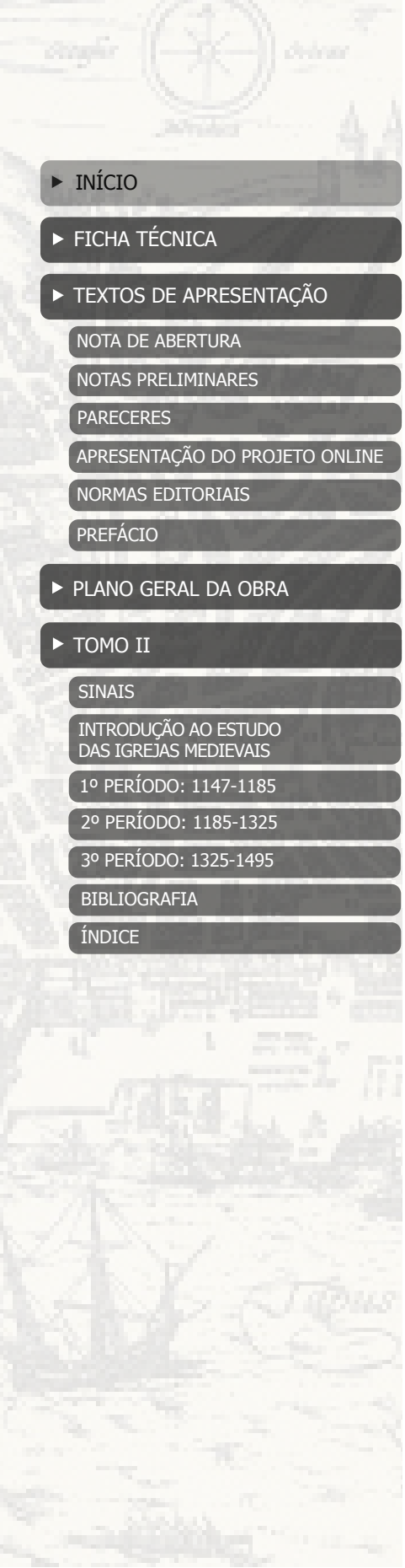
2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



- 
- ▶ INÍCIO
 - ▶ FICHA TÉCNICA
 - ▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO
 - NOTA DE ABERTURA
 - NOTAS PRELIMINARES
 - PARECERES
 - APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE
 - NORMAS EDITORIAIS
 - PREFÁCIO
 - ▶ PLANO GERAL DA OBRA
 - ▶ TOMO II
 - SINAIS
 - INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS IGREJAS MEDIEVAIS
 - 1º PERÍODO: 1147-1185
 - 2º PERÍODO: 1185-1325
 - 3º PERÍODO: 1325-1495
 - BIBLIOGRAFIA
 - ÍNDICE

APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE EDIÇÃO “ONLINE”

No ano de 2015/2016, o Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP) foi contactado pelo Centro Nacional de Cultura (CNC), no sentido de se estudar a possibilidade de colaboração na publicação da obra inédita do Padre José da Felicidade Alves, intitulada “Peregrinação pelas Igrejas de Lisboa: desde os seus longínquos alvares até aos nossos dias”. Iniciou-se um diálogo que conheceu várias etapas e diversos intervenientes, nomeadamente entre os responsáveis do CNC, do CEHR-UCP e os coordenadores do projeto editorial, João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso. Os coordenadores traziam consigo o manuscrito, uma estrutura editorial em vários tomos, o trabalho de uma equipa de investigadores dedicada à análise crítica do original, através de um sistema de notação do texto do autor e uma firme determinação em fazer publicar a obra na íntegra e de harmonia com o parecer do Professor José Mattoso.

Assegurado o interesse científico e cultural do projeto, por razões que os pareceres já existentes e os textos de análise crítica referenciados no prefácio desta obra explicitam, coube ao CEHR o estudo de uma proposta de publicação, de acordo com os meios disponíveis. Foi então acordada uma publicação em formato digital, que viabilizasse a sua edição e imediata acessibilidade *online* e salvaguardasse, simultaneamente, a possibilidade de uma impressão da obra em papel, ainda que em número reduzido de exemplares e conforme às necessidades advenientes, mas com o mesmo design e paginação. Nas propostas de solução editorial que fomos fazendo, três aspetos fundamentais foram tidos em conta: a extensa dimensão do manuscrito original existente, cuja publicação integral se pretendia assegurar; a natureza diversificada dos textos redigidos, obedecendo a uma recolha e sistematização de informação bibliográfica, frequentemente sob a forma de fichas de citação de textos, cuja autoria haveria que procurar graficamente identificar; e a necessidade de facilitar e tornar o mais acessível possível a consulta da obra, na perspetiva do serviço cultural que se pretendia prestar com esta publicação.

Salvaguardando todo o trabalho já realizado e seguindo os critérios editoriais definidos previamente pelos coordenadores da obra do Padre Felicidade Alves, foi necessário assegurar, no entanto, que a publicação do manuscrito (inacabado) se faria de acordo com as regras científicas em vigor e que o texto publicado seria não só legível, mas ganharia em utilidade se, a par da leitura continuada, a sua consulta se pudesse fazer tirando partido da edição eletrónica. Assim, a par da possibilidade de navegação oferecida pela própria estrutura da obra, conforme ao índice da mesma, a disponibilização do *pdf* do texto permite também navegar em função de necessidades de consulta e de pesquisa de quaisquer temas, mediante a simples introdução de palavras ou expressões chave, a pesquisar em cada um dos sete tomos disponibilizados.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Tendo-se decidido, desde o início, que o conjunto da obra deveria ficar alojado e acessível no Portal de História Religiosa, considerou-se útil que a publicação da mesma fosse enquadrada como um projeto editorial específico, referenciando nomeadamente elementos biográficos e bibliográficos relativos ao Padre Felicidade Alves, seu autor e uma das figuras marcantes do catolicismo português do século XX. É, pois, com redobrado regozijo que assinalamos agora o lançamento do projeto com a criação do *website* e a edição *online* do primeiro tomo da obra ao abrigo de um Protocolo de colaboração estabelecido entre o Centro Nacional de Cultura, o Centro de Estudos de História Religiosa e os coordenadores da obra, em ordem à execução do projeto de edição do manuscrito, protocolo assinado a 15 de novembro de 2017.

Por último, um agradecimento é devido a todos os que ajudaram a definir este projeto e, de modo particular, à pequena equipa de trabalho que se constituiu para o estruturar, sustentando o necessário diálogo entre todas as partes envolvidas, nomeadamente à Dr.^a Teresa Tamen e à Dr.^a Maria da Conceição Reis Gomes, que da parte do CNC mantiveram os contactos pessoais e institucionais quotidianos, em ordem ao desenho e concretização desta parceria, e da parte do CEHR, ao Dr. José António Rocha, que comigo assegurou o respetivo diálogo institucional e a conceção da solução agora apresentada; ao Dr. Bruno Leal, que concebeu o design gráfico do sítio e do livro, assim como a respetiva execução; aos Doutores Mário Farelo e Paulo Esmeraldo Lopes, que se ocuparam do trabalho de revisão editorial do texto, nos termos acertados entre todos os intervenientes e cujos critérios explicitam em texto próprio. Aos coordenadores da obra, Doutores João Salvado Ribeiro e Abílio Tavares Cardoso, agradecemos a confiança e a disponibilidade manifestadas para connosco colaborarem na procura de uma solução que viabilizasse a finalização do seu projeto editorial. Ao anterior e à atual presidente do CNC, Professores Guilherme d'Oliveira Martins e Maria Calado, agradecemos a confiança institucional depositada no CEHR desde os contactos iniciais até ao momento de finalização deste projeto. Esperamos que, na simplicidade da resposta tecnológica encontrada, mas com o rigor científico que sempre temos procurado imprimir no trabalho deste Portal, possa o novo sítio agora criado contribuir para um melhor conhecimento da pessoa e do trabalho do Padre José da Felicidade Alves, nomeadamente enquanto investigador da história religiosa da cidade de Lisboa.

Lisboa, julho de 2018

Paulo F. de Oliveira Fontes
(Diretor do CEHR-UCP)

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

NORMAS EDITORIAIS

1. Respeitou-se o texto original, preparado pelos coordenadores, diferenciando de forma inequívoca as autorias (o que é da autoria do Padre José da Felicidade Alves e o que é criação dos analistas).
2. Estabeleceu-se a uniformização do texto, no âmbito do processo de composição e definição do mesmo.
3. Definiu-se um modelo de apresentação do texto do Padre José da Felicidade Alves comum a todos os volumes que compõe a obra.
4. Completou-se e uniformizou-se o aparato crítico, nomeadamente ao nível das referências bibliográficas.
5. As notas do próprio Padre José da Felicidade Alves foram uniformizadas, sendo apresentadas em numeração árabe (1, 2, 3 ...) e sobre fundo branco.
6. As notas da autoria dos analistas foram igualmente uniformizadas, sendo apresentadas em numeração romana (I, II, III, IV, V, ...) e cor azul, por forma a não deixar dúvidas ao leitor acerca da sua proveniência. O objetivo é evitar o risco de confusão entre as notas do autor e as dos analistas.
7. A bibliografia evocada pelo Padre José da Felicidade Alves surge ao longo do próprio texto, nos locais exatos onde o mesmo efetua as referências, e compilada no final de cada tomo por ordem temática (e, no interior desta, por ordem alfabética). Vejam-se os seguintes exemplos:

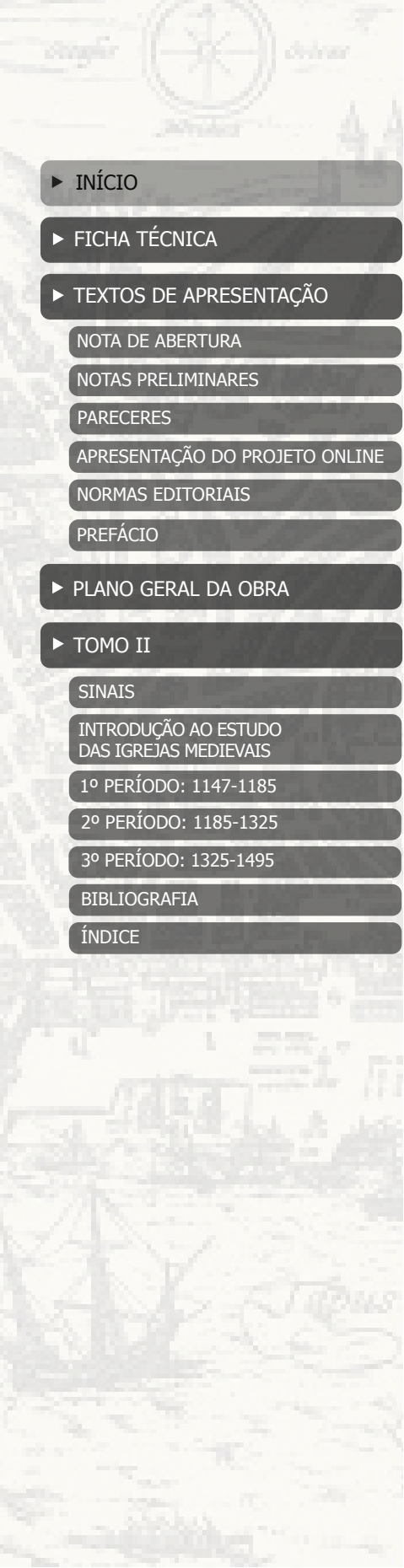
Fontes Impressas

AZEVEDO, Rui de (ed.) (1944) – *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

Estudos

ALMEIDA, Fernando (1958) – “Pedras Visigodas de Lisboa”, *Revista de Guimarães*, vol. LXVIII, nº 12, pp. 117-137.

8. No interior de cada subcapítulo, no caso do primeiro volume, apresenta-se entre parêntesis retos a numeração reconstituída de forma a completar a utilizada pelo próprio autor: [1], [2], [2.1], [3] ...



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

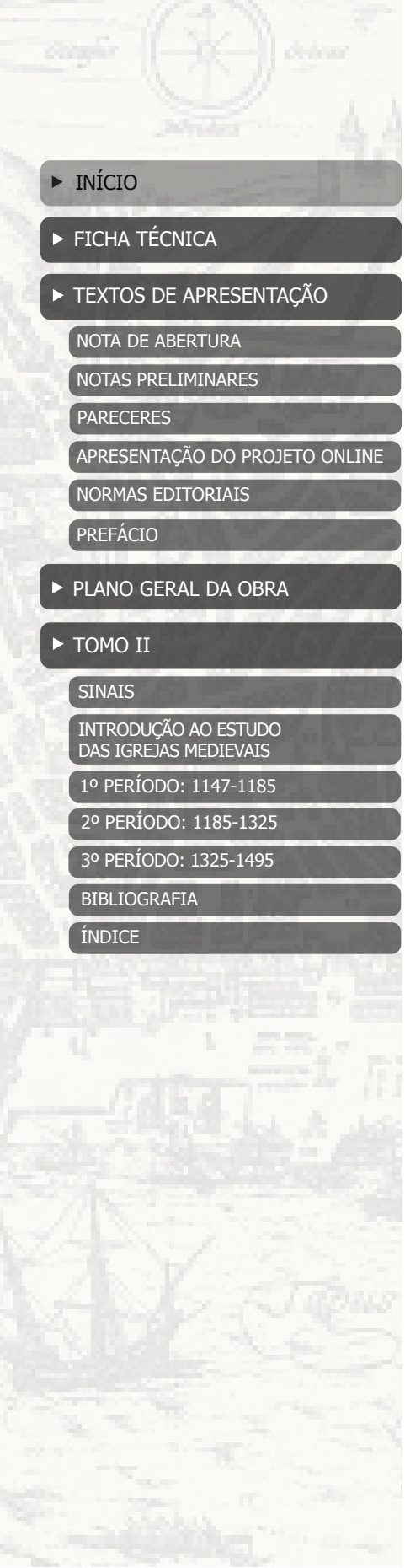
BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

9. As citações extensas (três linhas ou mais) efetuadas pelo autor surgem sobre um leve fundo cinzento. O objetivo é que o texto do próprio José da Felicidade Alves fique bem diferenciado relativamente ao citado de outros autores. Evitam-se desta forma eventuais confusões sobre a proveniência de cada bloco de texto, ficando ao mesmo tempo salvaguardada a originalidade do texto autoral.

Mário Farelo

Paulo Catarino Lopes



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

PREFÁCIO

Provavelmente nenhum católico português com alguma cultura, e que tenha vivido pelos anos 60 ou 70 do século passado, ignora quem era o “Pe. Felicidade”. Falecido em 1998, a sua memória foi evocada, dez anos mais tarde, numa sessão solene do Centro Nacional de Cultura. Quem com ele contactou pessoalmente não pode esquecê-lo. O grande público conhece sobretudo a sua ação veemente e corajosa na condenação da Guerra Colonial e na denúncia da submissão da hierarquia católica ao regime do Estado Novo, através, nomeadamente, da publicação clandestina dos Cadernos GEDOC. Excomungado pelo Patriarca de Lisboa D. Manuel Gonçalves Cerejeira em 1970, manteve sempre as suas posições políticas e convicções religiosas. Entre 1968 e 1975 tornou-se a referência unânime e obrigatória dos assim chamados “católicos progressistas”, quaisquer que fossem as suas opiniões ideológicas e atitudes pragmáticas. Depois do 25 de Abril, aderiu ao Partido Comunista Português, mas retirou-se progressivamente da política ativa, e dedicou-se ao estudo da História da Arte, concentrando a sua atenção sobretudo nas igrejas e monumentos religiosos de Lisboa e na obra artística de Francisco da Holanda. Publicou alguns dos resultados destes estudos, concretamente acerca dos mosteiros de S. Vicente de Fora e dos Jerónimos (três volumes). Entretanto foi tomando notas acerca das outras igrejas de Lisboa. Em 1991 completou uma obra a que chamou *Peregrinação pelas igrejas de Lisboa*, onde reuniu uma grande quantidade de informações sobre os monumentos religiosos da cidade, mas não chegou a comprometer-se com nenhum editor. Não pretendia fazer investigação original nem publicar documentos inéditos, mas reunir sistematicamente os dados necessário para conhecer o essencial da história das suas igrejas.

Aos olhos dos seus herdeiros e amigos, a obra parecia estar pronta para ser publicada. Pensaram fazê-lo como homenagem à sua inesquecível personalidade. Todavia, tiveram o cuidado de procurar um parecer que garantisse o valor da informação fornecida, nomeadamente acerca das igrejas fundadas na época medieval. Tendo eu aceitado a tarefa, como admirador que sempre fui do Pe. Felicidade, e partindo do princípio de que se tratava de uma obra de divulgação, verifiquei que a grande maioria dos dados nela registados procediam da historiografia erudita dos séculos XVII e XVIII, a qual consagrava sobretudo notícias lendárias e fantasistas de origem local ou regional, empoladas pela mentalidade barroca da época. Com efeito, as memórias locais serviam de base, muitas vezes imaginária, a manifestações de rivalidade entre ordens religiosas, sempre prontas a exagerar os elementos maravilhosos e edificantes para proclamarem um passado glorioso. As informações documentais eram lidas à luz dos princípios do Direito Canónico pós-tridentino, criado na época moderna para dirimir conflitos de jurisdição eclesiástica segundo princípios anteriormente inexistentes. Pareceu-me impossível publicar uma obra que, na prática, teria o efeito perverso de consagrar

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

informações erradas e interpretações abusivas. Ao mesmo tempo, pareceu-me, em contraste com as informações relativas à época medieval, as da época moderna eram corretas e objetivas. Propus, então, que os dados referentes à época moderna, sobretudo ao século XVI, fossem examinados por um especialista, para certificar a validade global das informações neles registadas. O parecer que para esse fim foi benevolmente dado pela então minha colega da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Professora Catedrática Ana Isabel Buescu foi favorável à publicação desta parte da obra. O carácter sistemático das monografias redigidas pelo Pe. Felicidade Alves era também uma qualidade a recomendar a sua edição. Mas tinha de se decidir o que fazer com o volume sobre as igrejas da época medieval. Propus a sua publicação anotada por um especialista de História da Arte Medieval. A solução foi aceite e a tarefa confiada a Paulo Almeida Fernandes. José Luís de Matos, que tinha sido amigo pessoal do Pe. Felicidade, arqueólogo e especialista da História da Península Ibérica no período da Antiguidade Tardia, encarregou-se de rever e anotar as informações relativas às igrejas anteriores ao princípio da Idade Média.

O trabalho foi mais demorado do que se esperava, mas acabou por ser feito. Com as notas de pé de página consideradas necessárias, com o patrocínio institucional do Centro Nacional de Cultura, o apoio do Presidente, Guilherme de Oliveira Martins, e o suporte mecânico da Fundação Calouste Gulbenkian, encontravam-se finalmente reunidas as condições necessárias para que a obra do Pe. Felicidade Alves fosse publicada, e assim se cumprissem os objetivos que ele lhe destinava.

Duas palavras mais para sublinhar alguns aspetos que tornam esta publicação um acontecimento *sui generis*. Quinze anos depois da sua redação e vinte e três depois da morte do seu autor, pode-se perguntar o que justifica de facto a sua publicação póstuma. Uma obra de piedade e devoção dedicada um amigo desaparecido? A memória de alguém que lutou de forma exemplar, sem desfalecimento e com sacrifício da própria vida por uma causa justa? O serviço cultural prestado ao público interessado e de conteúdo ainda válido? Os depoimentos de Joana Lopes (in *Entre as brumas da memória - Os católicos portugueses e a ditadura*, p. 125-128) e o de Diana Andringa, prestado no Centro Nacional de Cultura em 2008, situavam-se na primeira ou segunda de tais perspetivas. Ignoravam a terceira. Quem não conheceu pessoalmente o Pe. Felicidade poderia pensar que o autor erudito e cuidadoso, especialista de História de Arte religiosa não era o mesmo que o combatente da luta pela independência política dos católicos na época marcelista. A verdade é que o Pe. Felicidade cumpriu ambas as tarefas de maneira exemplar. A sua personalidade pluriforme não se esgotava em nenhuma delas. Com efeito, o seu rigor intelectual obrigava-o a tomar a sério tudo aquilo que fazia. Se a História da arte e a História religiosa eram para ele, de certa maneira, um *hobby*, nada poderia ser mais alheio à sua personalidade do que a irresponsabilidade de um diletante. Por isso os seus amigos e aqueles que o consideram um modelo de fidelidade às suas convicções se

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

preocuparam tanto com o conteúdo da sua obra. Não quiseram publicá-la sem verificar antes o seu valor efetivo. Estou certo que o Pe. Felicidade não deixaria de aprovar estes cuidados.

A obra que da conjugação destes fatores resulta, e aqui se apresenta, constitui de facto, creio eu, não só uma fonte de informação sistemática e bem selecionada dos dados mais importantes para a história da arte sacra e da história religiosa da cidade de Lisboa, mas também uma novidade importante do ponto de vista da historiografia medieval. Com efeito, o conjunto das notas de atualização de conhecimentos reunidas por Paulo Almeida Fernandes transmite uma visão completamente diferente da que anteriormente se conhecia a tal respeito, com base na cronística seiscentista e setecentista. Apenas ligeiramente tocada pelo pensamento iluminista do século XVIII, e sofrendo nos séculos XIX e XX de violentos ataques anticlericais, a historiografia eclesiástica portuguesa só soube responder-lhe de forma apologética e ineficaz. A sua efetiva incapacidade permaneceu até aos nossos dias. As informações transmitidas pelas enciclopédias e corografias portuguesas, baseadas nas crónicas das ordens religiosas e diocesanas, estavam cheias de erros e confusões. Ora a investigação medieval tem feito progressos enormes durante os últimos vinte ou trinta anos, tanto no domínio da história social e económica, como no da cultura e mentalidades. Mesmo no domínio da história das instituições, terreno privilegiado da historiografia universitária portuguesa desde o tempo de Herculano, se verifica que a projeção dos conceitos jurídicos tridentinos sobre o passado medieval, multiplicou os equívocos e contradições. Hoje, porém, graças a uma minuciosa investigação monográfica sobre muitas entidades religiosas medievais, e a uma efetiva coordenação do passado religioso com o seu enquadramento social, económico e político, torna-se possível apresentar uma visão mais coerente e mais exata da realidade histórica. A contribuição do jovem investigador que aceitou rever o texto do volume da *Peregrinação pelas igrejas de Lisboa* relativo à época medieval, confere às suas notas, não só um valor acrescentado à memória do Pe. Felicidade Alves, mas também um contributo notável para a história religiosa da cidade de Lisboa por si mesma. Só quem tem explorado o terreno da medievalidade se apercebe da importância deste facto. Com efeito, o carácter predominantemente rural da civilização medieval, aliado ao relevo que a historiografia tradicional atribui aos centros da vida monástica (considerada também como fenómeno rural) manteve a religiosidade urbana como uma área praticamente desconhecida. Em Portugal, sobretudo. O conjunto das notas redigidas por Paulo de Almeida Fernandes, que procede a uma cobertura completa e sistemática dessa mesma área, confere-lhe uma importância própria. Aliado às informações sobre a evolução de cada um dos seus elementos, desde a sua criação até à época contemporânea, torna-se um estudo de valor inestimável. Creio que o Pe. Felicidade ficaria contente com tudo o que aconteceu à sua obra.

S. Pedro do Estoril, 14 de janeiro de 2014.

José Mattoso

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

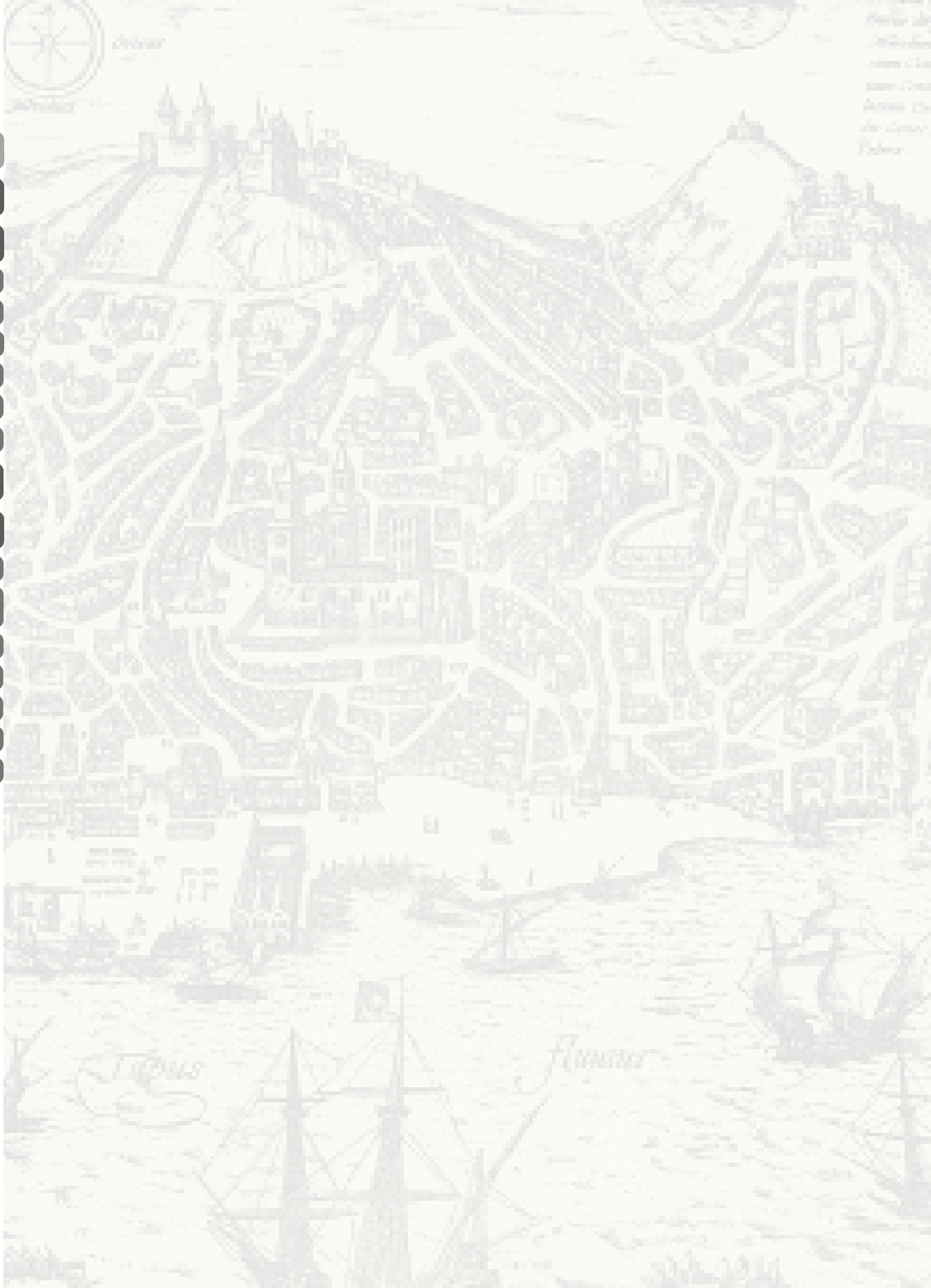
1º PERÍODO: 1147-1185

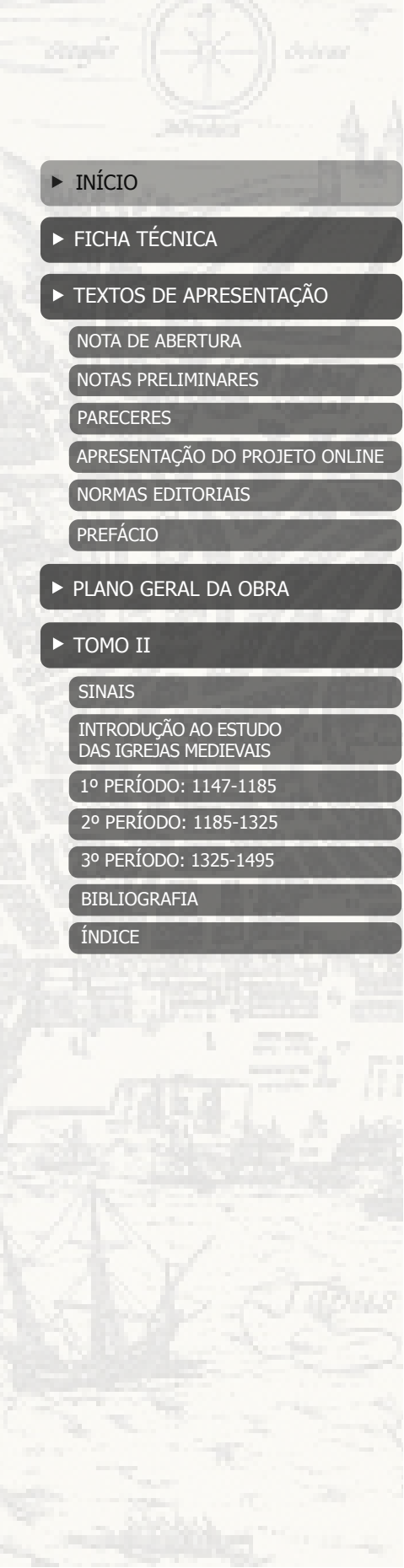
2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE





► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

PLANO GERAL DA OBRA

TOMO I

Templos anteriores à conquista de Lisboa aos Mouros (1147)

Análise crítica - José Luís de Matos

TOMO II

As Igrejas medievais (1147-1495)

Análise crítica - Paulo Almeida Fernandes

TOMO III

As Igrejas do século XVI (1495-1580)

Análise crítica - Pedro Flor

TOMO IV

As Igrejas de Lisboa desde 1580 a 1755

Análise crítica - Miguel Soromenho

TOMO V

As Igrejas de Lisboa ao Tempo do Terramoto

Análise crítica - José Daniel Soares Ferreira e Paulo Almeida Fernandes

TOMO VI

As Igrejas de Lisboa desde 1755 a 1834

Compilação - Abílio Tavares Cardoso e João Salvado Ribeiro

TOMO VII

Panorama das Igrejas existentes no séc. XIX e séc. XX (1834-1995)

João Alves da Cunha

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

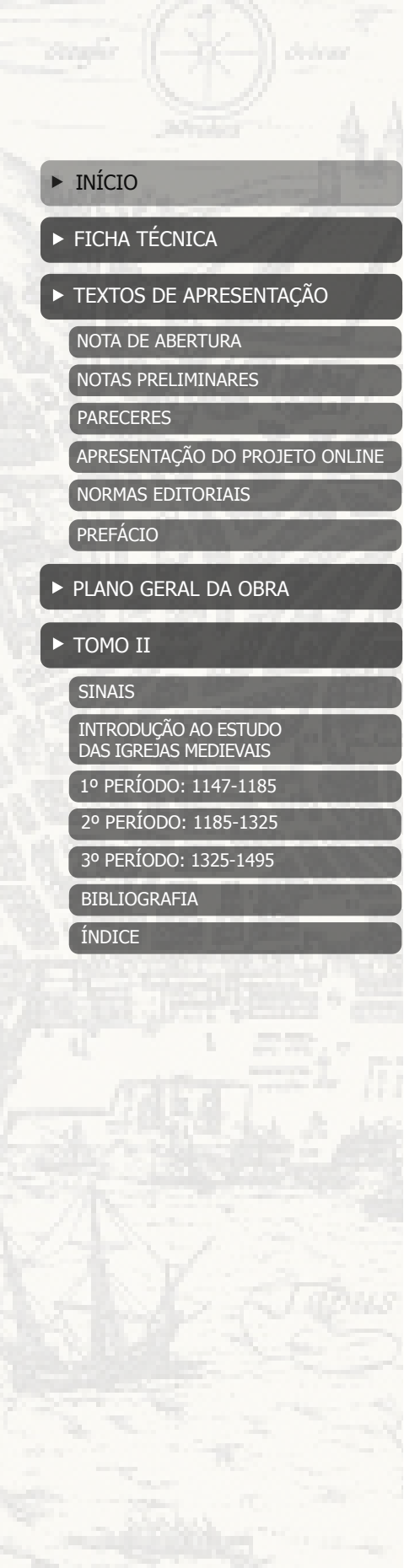
2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE





► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

TOMO II IGREJAS MEDIEVAIS DE LISBOA (1147-1495)

Desde a Conquista de Lisboa aos Mouros (1147)
até ao início do reinado de D. Manuel I (1495)

Análise crítica **Paulo Almeida Fernandes**

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

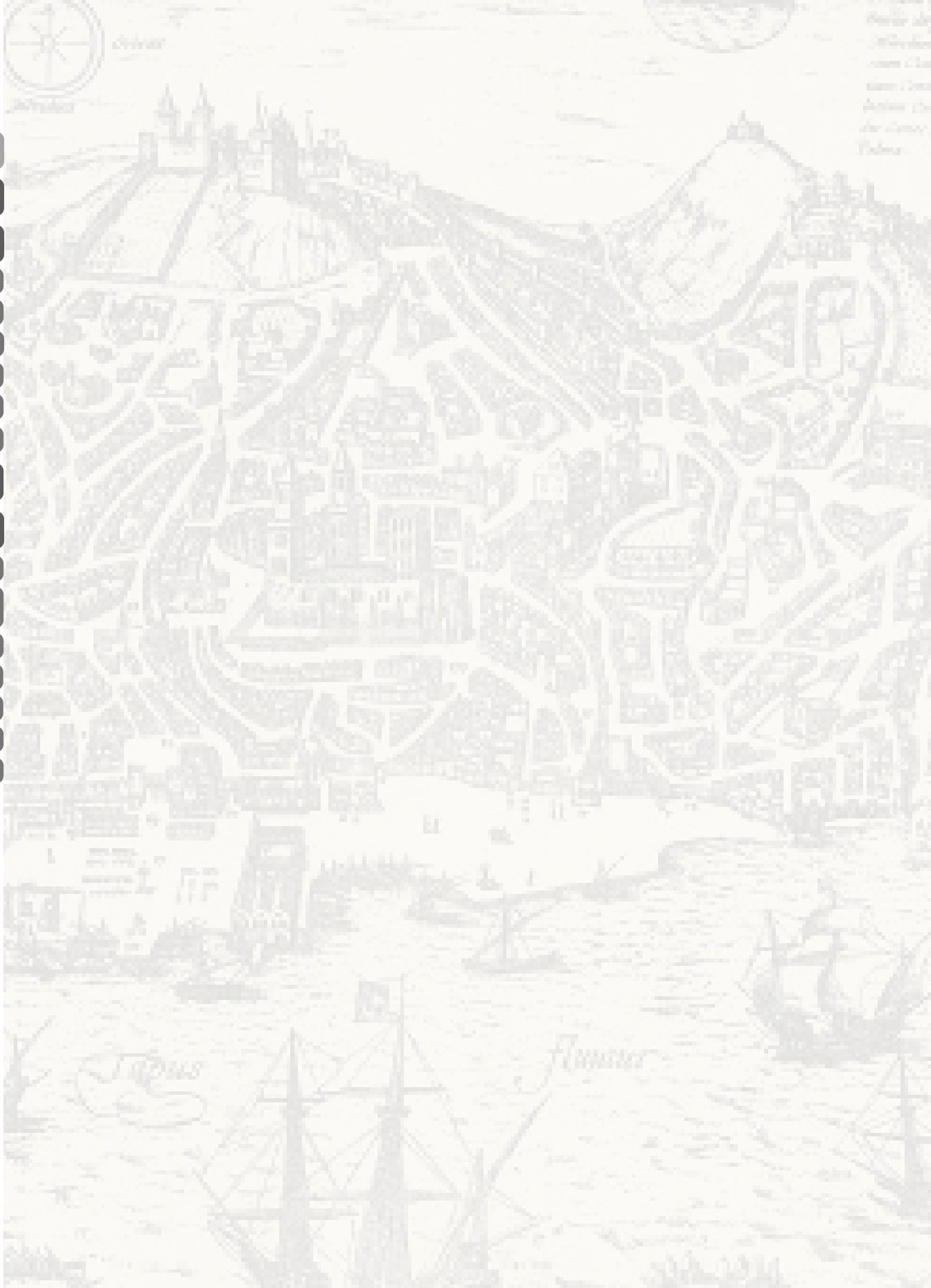
1º PERÍODO: 1147-1185

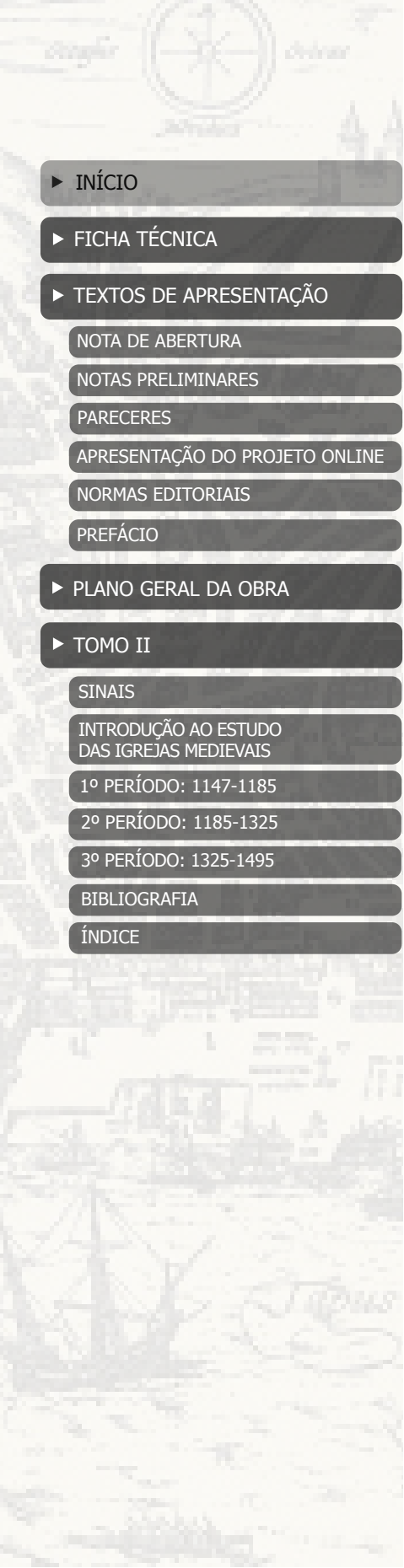
2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE





► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

SINAIS

- † Sé episcopal
- ⦿ Igreja paroquial
- ⊖ Igreja de instituição pública não paroquial e não conventual
- ⊙ Ermida sem cura d'almas
- ♂ Igreja conventual de frades (ou análogos)
- ♀ Igreja conventual de freiras (ou análogos)
- ‡ Sofreu obras de restauro ou reparações importantes
- # Foi reedificado, ou sofreu transformações tais que equivalem a um novo edifício
- ↔ Foi substituída por outra do mesmo título, quer no mesmo local, quer noutra
- † Desapareceu totalmente, por destruição ou demolição ou afectação a fins profanos
- ∴ Subsistem ruínas ou restos notáveis
- ◇ Ainda subsiste hoje, substancialmente tal como era
- Subsistiu até...

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

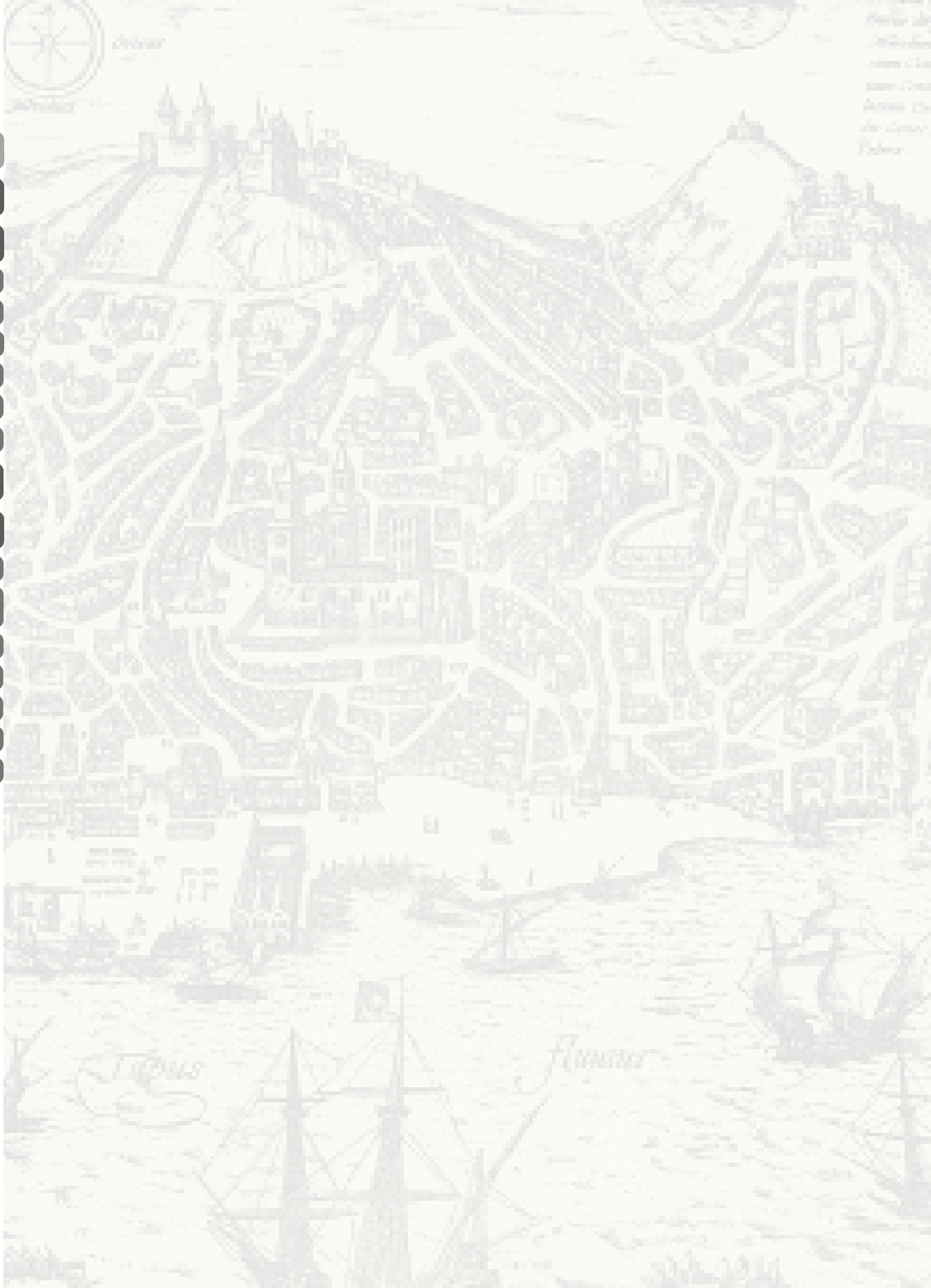
1º PERÍODO: 1147-1185

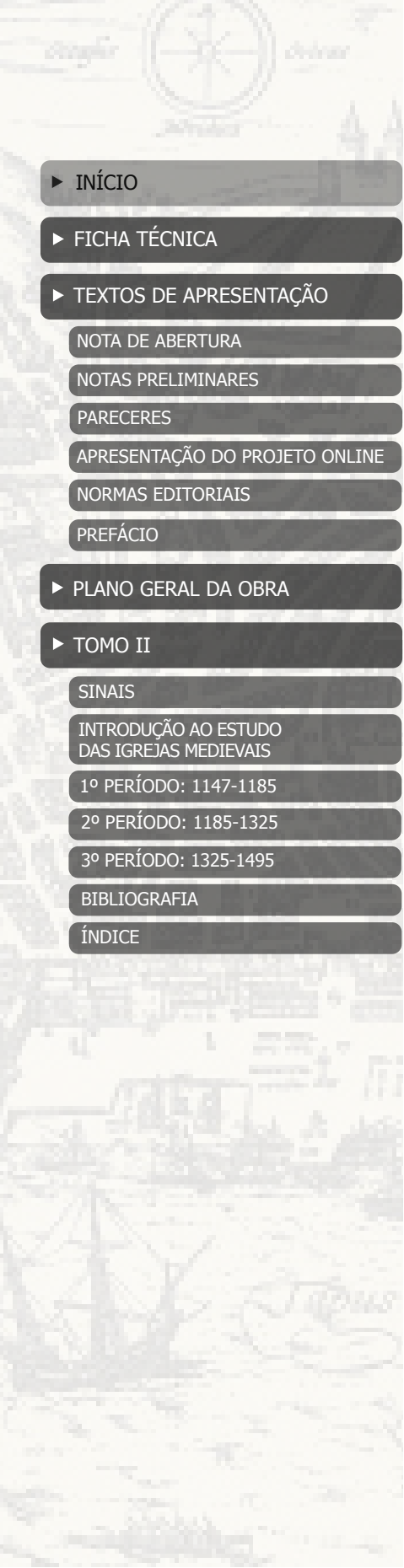
2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



- 
- ▶ INÍCIO
 - ▶ FICHA TÉCNICA
 - ▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO
 - NOTA DE ABERTURA
 - NOTAS PRELIMINARES
 - PARECERES
 - APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE
 - NORMAS EDITORIAIS
 - PREFÁCIO
 - ▶ PLANO GERAL DA OBRA
 - ▶ TOMO II
 - SINAIS
 - INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS IGREJAS MEDIEVAIS
 - 1º PERÍODO: 1147-1185
 - 2º PERÍODO: 1185-1325
 - 3º PERÍODO: 1325-1495
 - BIBLIOGRAFIA
 - ÍNDICE

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1. EDIFÍCIOS RELIGIOSOS DA LISBOA CRISTÃ MEDIEVAL: 1147 A 1495

O tema e o âmbito deste nosso estudo são claramente definidos.

Tratamos dos edifícios dedicados ao culto na cidade de Lisboa, após a conquista desta cidade pelos cristãos, que a arrancaram definitivamente ao domínio mouro, em 1147.

Os edifícios em questão podem denominar-se igrejas, num sentido genérico. Tal designação abrange também as ermidas, que não tinham cura de almas. Escalonando as diversas categorias de edifícios de culto, distinguimos: a igreja episcopal, ou Sé, ou Catedral; as igrejas paroquiais, com cura de almas; as igrejas conventuais, ou monásticas, pertencentes a comunidades não-paroquiais; as igrejas não-curadas, sedes de instituições de direito público, tais como hospitais ou colégios; as ermidas, normalmente criações populares de devoção.

A época medieval termina, para o caso presente, em 1495, data da morte de D. João II e início do reinado de D. Manuel I.

Dividimos esta época medieval em três períodos:

1º período: de 1147 a 1185. Vai desde a conquista de Lisboa aos Mouros até à morte do Rei D. Afonso Henriques, em 6 de Dezembro de 1185. Coincide esta data com a morte também do 2º bispo de Lisboa conquistada, D. Álvaro, que faleceu em 11 de Setembro de 1185. Foram 38 anos.

2º período: de 1185 a 1325. Vai desde a morte de D. Afonso Henriques até ao final do reinado do Rei D. Dinis, em 7 de Janeiro de 1325. Foram 140 anos.

3º período: de 1325 até 1495. Vai desde o final do reinado de D. Dinis até ao início do reinado de D. Manuel I. Foram 170 anos.

Estas balizas - 1185, 1385 - são algo convencionais, reconhecemo-lo. Poderíamos acaso assinalar a data de 1394, em que Lisboa deixou de ser sufragânea e passou a sede arqui-episcopal. Mas este facto parece irrelevante para o tema que nos ocupa.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

2. CARACTERÍSTICAS DO PERÍODO INICIAL: 1147 A 1185

1. Neste breve período de 38 anos encontramos uma vintena de igrejas.

Atente-se que é o momento de ruptura religiosa e política com o domínio muçulmano e a instalação das novas estruturas políticas e religiosas, de cristandade. Salta à vista o “programa” subjacente das construções religiosas deste período.

a) A primeira preocupação é a implantação da igreja episcopal, ou Sé. A presença dum bispo e da consequente sede episcopal era o elemento estruturante capital da nova cidade cristã.

A Sé de Lisboa, após uma instalação interina - no espaço da Mesquita Moura -, foi definitivamente construída por volta do ano 1150 (?)¹. Permanece substancialmente idêntica nos nossos dias a parte então edificada.

b) As necessidades pastorais de uma população cristã reclamariam, com carácter de urgência, a criação de paróquias urbanas e suburbanas. Veremos como se terá processado esta parte do programa.

c) Tinha carácter de obrigação imperiosa a construção de dois templos, que teriam sido objecto de um voto do rei conquistador: um em cada acampamento militar dos cruzados sitiantes. Foi a igreja de Nossa Senhora dos Mártires e a de São Vicente de Fora (que, aliás, serviram de sede paroquial).

d) Não podia esquecer-se a construção, ou restauro, de memórias cristãs antigas, que vinham dos séculos passados e estavam em ruínas na data da conquista. Eram a Ermida dos Santos Veríssimo, Máxima e Júlia; a igreja de São Félix e Santo Adrião, em Chelas; a Ermida de São Gens, provável bispo de Lisboa nos primeiros séculos.

e) As manifestações de culto popular, ou os interesses particulares (cura de doentes, acolhimento de viajantes, etc.) ditaram algumas outras construções. Assim, as igrejas de São Mateus, de São Lázaro, do Hospital de São João, do Hospital dos Meninos Inocentes, da Capela da Albergaria.

¹ A data de 1150 tem sido apontada por uma certa tradição como o ano de conclusão da obra românica da Sé (veja-se a nota XLI), mas, na verdade, diz respeito à constituição do Cabido diocesano, corpo religioso formado a partir de uma estrutura vigente no clero normando e cujos cargos dirigentes foram entregues a homens de origem anglo-normanda (como o seu bispo): Roberto, Bartolomeu, Mateus, Adam, Durandus e Menelaus) (Branco, 1996: 134 e 1998: 60 salientou a semelhança da organização hierárquica do cabido lisboeta com a de Chichester, de onde Gilberto de Hastings era originário). A teoria segundo a qual a Sé Catedral havia sido construída em escassos três anos foi admitida pelo primeiro restaurador do templo (Fuschini, 1904: 146), extrema rapidez a que atribuiu a «simplicidade architectonica» e «pobreza de ornamentação, que manifesta a parte primitiva do edifício». Este entendimento acerca do plano românico catedralício não é já sustentável e, graças aos trabalhos de Real, 1974 e 1987, e Almeida, 1986 e 2001, a Sé de Lisboa ocupa um capítulo cimeiro na evolução e afirmação da arte românica em Portugal. Não está também provada a sua implantação sobre a mesquita aljama da cidade islâmica.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

2. Detemo-nos um pouco nas igrejas paroquiais^{II}. É que julgamos discernir duas fases na implantação da rede paroquial na cidade de Lisboa:

- a fase imediata à conquista de Lisboa;
- a segunda fase, que se desenvolveu no período seguinte.

O “programa” do estabelecimento de igrejas paroquiais era, sem dúvida, um dos mais urgentes. As comunidades cristãs reuniam-se imperiosamente todos os domingos: era esta uma tradição que nascera no mesmo dia em que Jesus ressuscitara; e era observada com o maior escrúpulo. A celebração da Palavra de Deus, da Ceia do Senhor e da Caridade Fraterna reclamavam locais estáveis e dimensionados a comunidades territoriais de pequenas dimensões. A administração do baptismo, as celebrações da penitência, etc., não dispensavam uma rede de paróquias adequada.

A fase imediata, que coincidiu com o exercício episcopal de D. Gilberto (1147-1166) e D. Álvaro (1166-1184). Nesta fase, criaram-se as primeiras três paróquias suburbanas de São Vicente, Santa Justa e Nossa Senhora dos Mártires; e também as quatro paróquias urbanas de Santa Cruz, São Martinho, São Bartolomeu e São Jorge.

Quanto às três paróquias suburbanas, temos o registo de D. Rodrigo da Cunha, que escreve: “[Gilberto, 1º bispo de Lisboa após a conquista] ... dispôs três Parrochias em os principais bairros da cidade, que hoje permanecem com o mesmo nome, que sam S. Vicente de fora, (...) sancta Justa, e Nossa Senhora dos Martyres, com que facilitou de maneira a administração dos Sacramentos” (Cunha, 1642: fl. 72v). Note-se que a palavra bairro, na sua primitiva acepção, ainda normal em Espanha (barrio) foi de “lugar de fóra”, “arrabalde”, “subúrbio”. É óbvio que tal é o significado do termo na frase citada relativa à acção pastoral do bispo Gilberto.

Quanto às paróquias do interior da cidade, não encontramos documentos expressos. Mas impõe-se uma reflexão. Temos que o bispo estabeleceu três paróquias para os arrabaldes de Lisboa; conclui-se ser evidente que também havia paróquias dentro da cidade, pois é absurdo que o bispo deixasse de prover à cura d’almas da população cristã do interior da cerca moura.

^{II} A origem das paróquias urbanas de Lisboa motivou alguns dos contributos mais decisivos sobre a evolução paroquial no Portugal urbano medieval. Os trabalhos pioneiros devem-se a Silva, 1942 e Matoso, 1963, os quais foram complementados por informações algo dispersas de Pradalié, 1975, Marques, 1994, Clemente, 2001 e Rodrigues, 2006. A mais objectiva abordagem é de José Manuel Vargas, 2002, sem esquecer o quadro geral em que o problema se inscreve, exposto por Mattoso, 1980. Na verdade, são já 14 as freguesias cujas origens podem ser recuadas ao período 1147-1185: para além das 7 citadas por Felicidade Alves, e da de Santa Maria Maior (1149), devem integrar-se neste período as freguesias de Santiago (1160), Santa Maria Madalena (1164), S. Salvador da Mata (1170), Sto. Estêvão (1173), S. Pedro (1175) e S. João da Praça (1178) - cf. Vargas, 2002: 38-49, com a advertência de que algumas destas datas foram retiradas de textos duvidosos, em concreto algumas crónicas do século XVII. Para uma contextualização destas datas vejam-se as notas respeitantes às entradas de cada igreja.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Tais paróquias, ou foram criadas por D. Gilberto paralelamente à criação das paróquias suburbanas referidas, ou D. Gilberto as não criou...porque já viriam de antes da conquista. Inclino-me a pensar que já viriam de antes da conquista: mencionando a acção pastoral de D. Gilberto evidenciada na criação de três paróquias dos arrabaldes e omitindo a criação das do interior da urbe, ressalta que não foi Gilberto o seu criador; mas, como existiam, é porque já vinham de trás.

Que se tratava das quatro paróquias - Santa Cruz, São Bartolomeu, São Jorge e São Martinho -, parece dever concluir-se da Escritura do bispo D. Álvaro, de 25 de Maio de 1168: *Vd. infra*, nº 4. 2. E parece ser confirmado pelo Sínodo de 1191: *Vd. infra*, nº 4.3.

Além destas 7 igrejas paroquiais - 4 dentro dos muros, 3 nos subúrbios - é possível que outras tenham tido origem neste período. Pelo menos, inclinamo-nos a pensar que já existiam a de Santa Maria Madalena e a de São Miguel.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. CARACTERÍSTICAS DO 2º PERÍODO MEDIEVAL: 1185 A 1325

Este período vai desde a morte de D. Afonso Henriques († 1185) até ao fim do reinado de D. Dinis († 1325). É de ter em conta a irradiação religiosa da rainha Santa Isabel († 1336).

1. Uma primeira característica deste período é o da segunda fase da criação da rede paroquial de Lisboa: expansão e consolidação do tecido paroquial. O número de igrejas paroquiais de Lisboa, que em 1185 era de sete (quatro no interior da urbe, mais três nos arrabaldes), ou talvez de nove, passou no final deste período para 22, a que se devem acrescentar pelo menos mais duas no Termo (depois integradas na cidade, isto é, São João Baptista do Lumiar e São Lourenço de Carnide).

Praticamente, esta organização basilar da cura d'almas permaneceu inalterável até ao século XVI.

O primeiro impulso terá sido dado durante o governo episcopal de D. Soeiro (1185-1209 ou 1210). Este bispo realizou um Sínodo em 1191. O instrumento público deste Sínodo menciona como existentes 7 igrejas colegiadas, sedes de freguesia. São as mesmas sete atrás mencionadas: São Vicente de Fora, Nossa Senhora dos Mártires, Santa Justa (nos subúrbios, ou fora de muros); e Santa Cruz, São Bartolomeu, São Martinho, São Jorge (dentro das muralhas). A paróquia de Santa Maria Maior, da Sé, está evidentemente presente. Não são mencionadas as duas que consideramos existirem antes de 1185: Santa Maria Madalena e São Miguel.

Em dois documentos da 1ª metade do século XIII (Vd. capítulo 5, §§ 4 e 5 desta introdução) são dadas como já existentes, além dessas 7, mais as seguintes: dentro dos muros: São João, São Tiago; fora dos muros, lado oriental: São Pedro de Alfama, Santa Marinha do Outeiro, Santo André, Santo Estêvão, São Miguel, Santo Tomé, São Salvador; fora dos muros, lado ocidental: Santa Maria Madalena, São Julião, São Lourenço, São Nicolau, Santa Maria de Alcamim (depois chamada São Cristóvão), São Mamede. Terão todas estas sido criadas depois da celebração do Sínodo de 1191? Ou já existiriam algumas antes, embora não tivessem participado no dito Sínodo? Não sabemos.

2. Um segundo traço muito de assinalar é a multiplicação de Comunidades monásticas ou conventuais com as suas respectivas igrejas. Embora não fazendo parte da estrutura pastoral ou de cura d'almas, estas comunidades e igrejas eram pólos de irradiação religiosa e centros de vida espiritual. Antes de 1217, apenas se conheciam os Mosteiros de São Vicente de Fora, dos Cónegos Regrantes, e o dos Cavaleiros de Santiago, em Santos; e a pequena comunidade dos Eremitas de Santo Agostinho, na ermida de São Gens.

Em 1217 é estabelecida a ordem de São Francisco com o Convento de São Francisco da Cidade; e, sucessivamente, o Mosteiro da SS. Trindade (1218), o Mosteiro das Comendadeiras de Santiago, em Santos (c. 1239), o Convento de São Domingos, ao Rossio (1242), o Convento de Santo Agostinho ou Nossa Senhora da Graça (1271). Depois surgem os Mosteiros das Bernardas, de Odivelas (1294) e o de Santa Clara (1294).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Este facto da “explosão” de ordens religiosas vai dar uma tonalidade muito especial à organização da Igreja e à vida religiosa.

3. Outra característica é o aparecimento de igrejas ligadas a instituições públicas de ensino e de assistência: São Mateus, São Lázaro, São João do Hospital; Colégio de Santo Elói (1286), Espírito Santo da Pedreira (ant. a 1279)...

A espontânea devoção popular deu origem a numerosas ermidas: N^a. S^a. do Paraíso na Pampulha (que depois se transferiu para a zona ocidental da cidade), N^a. S^a. da Oliveira ou Santa Maria de Rocamador; e várias ermidas dedicadas ao Santo Espírito (em Carnide, em Benfica, na Charneca...).

É curioso sublinhar a devoção ao divino Espírito Santo, que teve o seu apogeu a partir do século XIII até ao século XV; e a acção dos pescadores, que gerou diversos hospitais com suas ermidas.

4. Embora fora do âmbito deste estudo, registamos a difusão de igrejas paroquiais (ou postos de cura d'almas, embriões de paróquias) no termo da cidade de Lisboa. Documentos do século XIII e XIV dão-nos a conhecer a existência de várias igrejas nos Montes: São Pedro de Brequenena, Santa Maria de Abuzelas, Santa Maria de Belas, São Pedro de Sousa, Santa Maria de Loures, Santo Antoninho de Fanhões, Santa Maria de Montagaço, São Julião de Albergaria de Montachique, Santa Maria de Vila Franca de Xira. Simultaneamente, são referidas 4 igrejas em Sintra: São Miguel, São Martinho, São Pedro, Santa Maria; a igreja de Santa Maria de Cheleiros; a igreja de São João de Lichym[?]; as quatro igrejas de Torres Vedras: São Pedro, Santa Maria, São Miguel, São Tiago; a igreja de Santa Maria de Carbonaria; a igreja de São Salvador de Montagaço; a igreja de Santa Maria de Exaria; a igeja de Santa Susana de Alcabrichel; a igreja de Santa Maria em Azambuja; Santa Maria nos Povos; São Leonardo na Atouguia; Santa Maria em Lourinhã; Santa Maria em Vila Verde.

Estas 28 igrejas do Termo (9 nos “Montes” e 19 no resto do termo) vêm todas mencionadas na Inquirição Particular, que remonta ou ao reinado de D. Afonso II (1211-1223) ou aos anos de 1226-1230.

Outras igrejas aparecem mencionadas em documentos dispersos: Santa Catarina de Ribamar (1171?); Nossa Senhora da Purificação, de Sacavém (ant. a 1191); São Julião e Santa Basiliza, de Frielas (ant. a 1191); São Silvestre, de Unhos (ant. a 1257) Santo Adrião, do Tojal (ant. a 1291); Nossa Senhora da Purificação, de Oeiras; São Romão de Carnaxide (séc. XIV-XV); São Lourenço de Arranhó, etc., etc.

É muito interessante - e merecia uma investigação cuidada - notar que muitas das igrejas do Termo, especialmente as mais próximas, eram patrocinadas (sem podermos especificar com mais rigor a natureza deste “apadrinhamento”) pelas colegiadas das paróquias da cidade. Assim: São Romão de Carnaxide era ligada a Santa Cruz do Castelo; São Pedro de Barcarena estava ligada a São Martinho; N^a. S^a. da Assunção de Via Longa estava ligada a Santo André; N^a. S^a. de Oeiras a São Lourenço; São Lourenço de Arranhó, a São Cristóvão...

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

4. CARACTERÍSTICAS DO 3º PERÍODO MEDIEVAL: 1325 A 1495

O terceiro período da Época Medieval vai desde o fim do reinado de D. Dinis até ao início do reinado de D. Manuel I: 1325-1495, ou seja, 170 anos.

1. O tecido paroquial estava consolidado desde os finais do século XIII. Por isso, não houve a fundação de nenhuma nova paróquia, nem a edificação de nenhuma igreja paroquial, neste período, no âmbito da cidade. Apenas registamos o aparecimento de duas novas paróquias nos subúrbios, que mais tarde vieram a ser integradas no âmbito do município de Lisboa: Santa Maria dos Olivais (1385) e São Bartolomeu da Charneca (talvez do século XV?).

A igreja construída por volta de 1460 pelo Infante D. Henrique tinha funções paroquiais do tipo de “paróquia pessoal” e não territorial; essas funções parece que não foram mantidas por muito tempo, e não existiam no início do século XVI, quando foi edificado o Mosteiro de Santa Maria de Belém, para os frades Jerónimos.

2. As igrejas conventuais, que tinham acusado um crescimento notável no período anterior, ainda neste período registaram um crescimento significativo. Assim, foi transformada em conventual a igreja paroquial de São Salvador (1349). Sobressai a construção sumptuosa do Convento e Igreja de N^a. S^a. do Carmo (concluída em 1423). E aparecem no decurso do século XV: a igreja do Convento de Santo Elói (1442), a igreja do Convento de S. Bento de Enxobregas, também da Congregação dos Lóios (1455), a igreja do Convento de Santa Maria de Jesus, ou de São Francisco de Enxobregas (1460), e a igreja do Mosteiro das Comendadeiras de Santiago, ou Santos-o-Novo, no sítio do Paraíso à Cruz da Pedra (1490).

3. Adquirem relevo muito singular as Ermidas. Algumas foram embrião de futuras paróquias: tal sucedeu com a Ermida de N^a. S^a. do Funchal, na Ameixoeira; a Ermida de São Sebastião da Pedreira; a Ermida de Nossa Senhora do Paraíso, à Porta da Cruz. Algumas outras vieram a ser origem de futuros mosteiros: assim, a Ermida de Santa Apolónia, a Ermida de Nossa Senhora do Paraíso, à Cruz da Pedra; a Ermida de Nossa Senhora da Luz, em Carnide; a ermida henriquina de Santa Maria de Belém, no Restelo.

4. Merecem destaque especial algumas ermidas ou igrejas ligadas a instituições de interesse público, algumas das quais ainda subsistem, embora transformadas: a Ermida de Nossa Senhora dos Remédios e do Santo Espírito em Alfama; a Ermida de Nossa Senhora da Graça (ou de São Pedro Gonçalves, ou do Corpo Santo); a capela medieval de Santo António à Sé; a já referida Ermida de Santa Maria de Belém, no Restelo, etc.

5. Este período encerra com a igreja do Hospital de Todos-os-Santos, ao Rossio, obra edificada no tempo do rei D. Manuel, mas fundação do Rei D. João II (em 1492).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

5. FONTES DOCUMENTAIS MAIS IMPORTANTES PARA A ÉPOCA MEDIEVAL ^{III}

5.1 PARÓQUIAS DOS ARRABALDES CRIADAS PELO BISPO D. GILBERTO (1147-1166)

D. Rodrigo da Cunha (1642: fl. 72v) regista:

“...Gilberto, 1º bispo de Lisboa após a conquista]... dispôs três Parrochias em os principais bairros da cidade, que hoje permanecem com o mesmo nome, que sam S. Vicente de fóra, (...) sancta Justa, e Nossa Senhora dos Martyres, com que facilitou de maneira a administração dos Sacramentos.”

N.B. Estas três paróquias foram criadas nos arrabaldes (bairros) da cidade. Nada diz sobre as paróquias do interior da cidade, que obviamente também existiam. Conjecturamos que algumas delas já viriam da época anterior à conquista de Lisboa aos Mouros. Quais seriam?..

5.2 ESCRITURA DE D. ÁLVARO, BISPO DE LISBOA

O mesmo Autor (1642: fl. 78), refere uma Escritura de D. Álvaro, reportada à data de 25 de Maio de 1168.

“Faz mais esta escritura [de D. Álvaro] menção das igrejas de São Jorge, de Santa Cruz, de S. Bertholameu, e São Martinho, tão antiga he sua fundação.”

^{III} Os autores que se debruçam sobre a história de Lisboa no século XII são unânimes em sublinhar a escassez de fontes acerca desse período, razão pela qual Felicidade Alves se circunscreveu, sobretudo, aos relatos tardios de D. Rodrigo da Cunha (1642) e de Fr. Nicolau de Santa Maria (1668) para contextualizar os primeiros tempos de vida da cidade (re)conquistada. Em boa verdade, este capítulo da obra pretende dizer respeito apenas a fontes directas para o estudo das igrejas lisboetas e não a outras realidades sócio-culturais, razão pela qual o autor não incluiu neste pequeno rol o relato da conquista de Lisboa, o *Indiculum...* e o relato de Mestre Estêvão acerca dos milagres de S. Vicente. Branco, 1998: 55 lamenta o desaparecimento de quase todos os fundos documentais relativos às 3 décadas após 1147 e «quase tudo o que respeitava à sua Sé». A mesma autora, todavia, reconhece que são ainda abundantes as fontes indirectas e a possibilidade de, sobre elas, se enveredar por uma abordagem crítica: «os relatos dos cronistas, os registos papais, a documentação régia, das ordens militares, dos mosteiros de Lisboa e de outras sés». Os três primeiros documentos aqui referenciados por Felicidade Alves (5.1., 5.2. e 5.3) têm vindo a ser admitidos, com maior ou menor grau de crédito, por outros autores: Silva, 1942, republ. 1954: 185-187; Silva, 2008, entre outros.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

5.3 DOCUMENTO SOBRE O SÍNODO DE 1191, REALIZADO POR D. SOEIRO ANES (1185-1209 OU 1210), NA SÉ CATEDRAL DE LISBOA

O instrumento público deste Sínodo, mandado extrair por D. Payo, Prior de S. Vicente, existia ainda em 1668 no cartório do Convento de Fora, se nos fiarmos na notícia que os transmite um cronista daquele convento (Santa Maria, 1668: II, 145):

Menciona como existentes as seguintes 7 igrejas colegiadas, sedes da freguesia. Fora dos muros: S. Vicente de Fora, Nossa Senhora dos Mártires, St^a. Justa; dentro da cerca moura: St^a Cruz, S. Bertholameu, S. Martinho, S. Jorge.

5.4 RELAÇÃO DE VÁRIAS IGREJAS DE QUE EL-REI É PADROEIRO NOS BISPADOS DO PORTO, LAMEGO, TUY, COIMBRA E LISBOA: 1209 OU 1229

Pergaminho existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (gaveta 19, maço 14, nº 7: transcrito no *Livro das Gavetas*, gaveta 19, maço 14, fls. 186v).

É datado da era 1247 (= ano 1209), emendada posteriormente para 1267 (= ano de 1229), - portanto do tempo de D. Afonso II (1211-1223) ou D. Sancho II (1223-1248).

Menciona as seguintes 23 igrejas:

Dentro dos muros (7): Santa Maria da Sé, Santa Cruz do Castelo, São Bartolomeu, São Martinho, São Jorge, São João, São Jacob (São Tiago).

Fora dos muros (8): lado oriental: São Vicente, São Pedro de Alfama, Santa Marinha do Outeiro, Santo André, Santo Estêvão, São Miguel, São Tomé, São Salvador.

Fora dos muros, lado ocidental (8): Nossa Senhora dos Mártires, Santa Maria Madalena, São Julião, São Lourenço, São Nicolau, Santa Maria de Alcamim, Santa Justa, São Mamede.

5.5 INQUIRIÇÃO PARTICULAR SEM DATA

(que pode atribuir-se aos primeiros anos do reinado de D. Afonso II [1211-1223] ou aos anos de 1226-1230)

Documento em pergaminho, existente no Arquivo Nacional (Gaveta 1, maço 2, nº 18). Contém uma Inquirição sem declaração de Reinado, nem ano, nem mesmo os nomes dos inquiridores. Trata das inquirições dos bens pertencentes ao património real, às igrejas, mosteiros, ordens militares, etc. O documento será dos primeiros anos do reinado de D. Afonso II (1211-1223), ou então dos anos 1226-1230. Foi editado em Ribeiro, 1815. [BNL, Res. 3051 P]

Faz menção de 39 igrejas de Lisboa e próximos arredores.

No interior da cidade (26): Santa Maria da Sé, São João, São Jorge, São Martinho, São Tiago, São Bartolomeu, Santa Cruz de Alcáçova, São João do Hospital, Santa Maria Madalena,

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

São Mamede, São Julião, São Nicolau, Santa Justa, Santa Maria de Alcami, São Lourenço, São Mateus, Capela de Albergaria, Hospital dos Meninos Inocentes, Santa Marinha do Outeiro, Santo André, Mosteiro de São Vicente, São Tomé, Santo Salvador, Santo Estêvão, São Miguel, São Pedro.

Ao redor da cidade (4): Santa Maria dos Mártires; Santos, dos Freires de Santiago; São Lázaro; São Félix de Chelas.

Nos montes (9): São Pedro em Braquenena, Santa Maria de Abuzelas, Santa Maria de Bellis, São Pedro de Lousa, Santa Maria de Laurias, Santo Antonio de Fainanes, Santa Maria de Monte Agracio, São Julião de Albergaria Monte Aiseque, Santa Maria de Vila Franca de Zira.

Hoc est finitum Ecclesiarum Ulixbonensis, et suis terminis. In primis. = Ecclesia Sancte Marie sedis. = Ecclesia Sancti Johannis. = Ecclesia Sancti Jurgii. = Ecclesia Sancti Martini. = Ecclesia Sancti Jacobi. = Ecclesia Sancti Bartholomei. = Ecclesia Sancte Crucis de Alcázova. = Ecclesia Sancti Johannis Hospitalis. = Ecclesia Sancte Marie Magdalene. = Ecclesia Sancti Mametis. = Ecclesia Sancti Juliani. = Ecclesia Sancti Nicholai. = Ecclesia Sancte Juste. = Ecclesia Sancte Marie de Alcami. = Ecclesia Sancti Laurencii. = Ecclesia Sancti Mathei. = Capella de Albergaria. = Ecclesia Innocentium Hospitalis puerorum. = Ecclesia Sancte Marine de Auteiro. = Ecclesia Sancti Andree. = Ecclesia Monasterii Sancti Vincencii nomine V. = Ecclesia Sancti Thome. = Ecclesia Sancti Salvatoris. = Ecclesia Sancti Stephani. = Ecclesia Sancti Michaelis. = Ecclesia Sancti Petri. = Item he in circuitu Ville. = Ecclesia Sancte Marie Martyrum. = Ecclesia de Sanctis, Fratrum Milicie Sancti Jacobi. = Ecclesia Sancti Lazari. = Ecclesia de Achelis nomine Feliz. = Item he sunt de Montibus. In primis. = Ecclesia de Brequenena, nomine Sancti Petri. = Ecclesia Sancte Marie de Abuzelas. = Ecclesia Sancte Marie de Bellis. = Ecclesia Sancti Petri de Lousa. = Ecclesia Sancte Marie de Laurias. = Ecclesia Sancti Antonini de Fainanes. = Ecclesia Sancte Marie de Monte agracio. = Ecclesia Sancti Juliani de Albergaria Monte aiseque. = Ecclesia Sancte Marie de Vila franca de Zira. = Summa XXXVIII. = Hec sunt nomina Ecclesiarum Sintrie. In primis. = Ecclesia Sancti Michaelis. = Ecclesia Sancti Martini. = Ecclesia Sancti Petri. = Ecclesia Sancte Marie. = Ecclesia de Chileiros no-

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

mine Sancte Marie. = Ecclesia Sancti Johannis de Lichym. = He sunt de Turribus Veteribus. In primis. = Ecclesia Sancti Petri. = Ecclesia Sancte Marie. = Ecclesia Sancti Michaelis. = Ecclesia Sancti Jacobi. = Et in terminis ejus. = Ecclesia Sancte Marie de Carbonaria. = Ecclesia Sancti Salvatoris de Monte agracio. = Ecclesia Sancte Marie de Exaria. = Ecclesia Sancte Susane de Alcabrichel. = In Azambugia. = Ecclesia Sancte Marie, quam dedit Dominus Rex..... = In Populis. = Ecclesia Sancte Marie. = In Atougia. = Ecclesia Sancti Leonardi. = In Laurinana. = Ecclesia Sancte Marie. = In Villa viridi. = Ecclesia Sancte Marie. =

Gaveta 1, Maço 2, Numero 18.

Fig. 1 - Transcrição de parte do documento citado, referente às igrejas de Lisboa, in Ribeiro, 1815: 15-16.

5.6 DOCUMENTO DO MOSTEIRO DE CHELAS, 15 FEVº. 1261

Quitação de 15.2.1261 passada pelos alvazis de Lisboa aos sacadores das freguesias de Lisboa, para construção dos muros da cidade. Documento citado por Alexandre Herculano (1903: 53-54).

São referidas 11 freguesias: Magdalena, S. Martinho, S. Jorge, S. Mamede, Sancta Maria de Alcamim, S. Julião, S. João, Sancta Maria Maior, S. Lourenço, S. Nicolau, Sancta Justa.

Não são referidas outras (cuja existência é certa), vg.: São Vicente, Nª. Sª. dos Mártires (por estarem afastadas dos muros da cidade?), Santa Cruz, S. Pedro, S. Bartolomeu, etc.

Porquê?

5.7 CATÁLOGO DE TODAS AS IGREJAS, COMENDAS E MOSTEIROS QUE HAVIA NOS REINOS DE PORTUGAL E ALGARVES, PELOS ANOS 1320-1321, COM A LOTAÇÃO DE CADA UMA DELAS

Documento copiado no ano 1746, reproduzido no manuscrito nº 179 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Vem transcrito em Fortunato de Almeida (1910: II, 609-705). A parte referente a Lisboa é datada de 25 de Março de 1359 (= ao ano de 1321) e encontra-se nas páginas 673 e 874 da o. c..

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bispado de Lisboa	Libras
Aos vinte e cinco do mês de março da era de mil trezentos e cincoenta e nove principiaram os juizes executores na cidade de Lisboa a taxar as igrejas d'ella e de todo seu bispado na forma que adiante se segue.	
Primeiramente foi taxada a mesa episcopal de Lisboa em dezoito mil libras	18.000
A mesa capitular da mesma cidade em doze mil setecentas e quarenta e duas libras	12.742
Os apréstimos do deado, fóra do commum, entrando tambem as rendas litigiosas da Pedreira, em quinhentas libras	500
Os apréstimos do chantrado, fóra do commum, em cincoenta libras	50
Os apréstimos do arcediagado de Lisboa, fóra do commum, em seiscentas libras	600
Os apréstimos da thesouraria não se taxaram em cousa alguma por se gastarem todos em cousas precisas.	
Os apréstimos do arcediagado de Santarem, fóra do commum, em trezentas e cincoenta libras	350
Os apréstimos do mestre-escholado, fóra do commum, em seiscentas libras	600
Os apréstimos particulares das cadeiras, todos juntamente, em trezentas trinta e duas libras e cinco soldos	332,5
O mosteiro de S. Vicente de Fóra, pela parte que tóca á mesa prioral, tirados os apréstimos que lhe foram dados, em mil e trezentas libras	1.300
O convento ou capitulo do mesmo mosteiro, com tudo o que tem adquirido, tirando os apréstimos que lhe foram dados, em mil e oitocentas e cincoenta	1.850
O mosteiro das Donas de Santos, que é da ordem de S. Thiago, em seiscentas e cincoenta libras	650
A commenda do mesmo mosteiro em duzentas e oitenta libras	280
O mosteiro das Donas de Odivellas juntamente com as igrejas de S. Julião de Santarem, Santo Estevam de Alenquer e S. Julião de Frielas, com sua vigairaria, em duas mil libras	2.000
O commum dos raçoeiros da dita igreja de S. Julião de Frielas, com seus apréstimos, em cento e setenta libras	170
O mosteiro das Donas de Santa Clara de Lisboa em cento e trinta e oito libras	108
A igreja de Santa Maria Magdalena de Lisboa em trezentas e cincoenta	350
O commum dos raçoeiros da mesma igreja em cento e oitenta libras	180
A igreja de S. Nicolau da mesma cidade em trezentas e cincoenta libras	350
O commum das raçoeiros da dita igreja em duzentas e cincoenta	250
A vigairaria da igreja de S. Julião de Lisboa em cento e trinta libras	130
O commum dos beneficiados da dita igreja em duzentas e sessenta	260
A igreja de Santa Justa da mesma cidade em duzentas e trinta libras	230
O commum dos raçoeiros da dita igreja em cento e vinte	120
A igreja de Santa Maria de Alcamim (que hoje se chama S. Christovam) em duzentas libras	200

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

	Libras
O commum dos beneficiados da dita igreja em duzentas ¹ libras	200
A igreja de S. Lourenço de Lisboa em duzentas libras	200
O commum dos raçoeiros da dita igreja em cento e cinquenta	150
A igreja de S. Mamede da mesma cidade em cem libras	100
O commum dos raçoeiros da dita igreja em cento e sessenta libras	160
A igreja de S. Bartholomeu de Lisboa em cento e noventa	190
O commum dos raçoeiros da dita igreja em cento e noventa	190
O commum dos raçoeiros da igreja de Santa Cruz de Lisboa, que é do bispo, juntamente com a vigairaria, pelos apréstimos que tem, em duzentas libras	200
A vigairaria da igreja de S. Jorge de Lisboa em oitenta	80
O commum dos raçoeiros d'ella em sessenta	60
A vigairaria de Santo António em sessenta libras E diz-se que nesta igreja ha duas capellarias perpétuas.	60
A vigairaria da igreja de Alhandra em trinta.	30
A igreja de S. Martinho de Lisboa em quatrocentas libras	400
O commum dos raçoeiros d'ella em cento e quarenta	140
A igreja de S. Thiago da mesma cidade em trinta	30
O commum dos raçoeiros d'ella em quarenta e cinco	45
A igreja de S. Tbomé de Lisboa em cento e cincoenta libras	150
O commum dos raçoeiros d'ella em cento e cincoenta	150
A igreja de Santo André da mesma cidade em cento e noventa	190
A igreja de Santo Estevam de Lisboa em trezentas libras	300
O commum dos raçoeiros d'ella em duzentas e cincoenta	250
A igreja de S. Miguel da mesma cidade em oitenta	80
O commum dos raçoeiros d'ella em oitenta	80
A igreja de S. João da Praça da mesma cidade, com seus raçoeiros, em cento e trinta libras:	130
A igreja de S. Pedro de Lisboa em quarenta	40
O commum dos raçoeiros d'ella em quarenta	40
A igreja de S. Salvador da mesma cidade em cento e oitenta	180
O commum dos raçoeiros d'ella em cento e quarenta	140
A igreja de Santa Marinha do Outeiro em cento e sessenta libras	160
O commum dos raçoeiros d'ella em cento e sessenta	160
A igreja de S. João do Lumiar em trezentas libras	300
O commum dos raçoeiros d'ella em oitenta	80
A igreja de Santa Maria de Sacavem em seiscentas e cincoenta libras	650
O commum dos raçoeiros d'ella, com os apréstimos, em cento e oitenta	180
A vigairaria da igreja de Friellas, que é do mosteiro de Odivellas, já foi taxada com elle.	
A vigairaria da igreja de Loures em trezentas	300
A igreja de S. Julião do Tojal em cem libras	100

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

	Libras
A igreja de Santa Maria de Bucellas em duzentas e cinquenta libras	250
A vigairaria da igreja de Canha, que é da ordem de S. Thiago, em setenta libras	70
A igreja de Santa Maria de Bellas em cem libras	100
A igreja de S. Silvestre de Unhos em trezentas	300
O commum dos raçoeiros da dita igreja em oitenta	80

Fig. 2 - Reprodução das páginas do *Catálogo* referente às igrejas de Lisboa.

Outras referências a igrejas da cidade de Lisboa:

- em Igrejas de Santarém:
- O mosteiro das donas de Chelas junto a Lisboa em duzentos e cinquenta..... 250
- O mosteiro da Santíssima Trindade de Lisboa, feito de novo, em duzentas libras 200
- em termo de Thomar, Bens da Ordem de Christo:
- Os apréstimos do Mosteiro de S. Vicente de Fora, de Lisboa, em vinte e seis libras e cinco soldos 265
- A Igreja de S. Lourenço de Carnide com a ermida em cinquenta libras 50

Notas:

- 1º - É mencionada a “Vigairaria de Santo António”. A que igreja se refere? Santo Antão?
- 2º - Não são relacionadas algumas freguesias de Lisboa, cuja existência nos é conhecida por outras vias. Por exemplo:
- Nossa Senhora dos Mártires
Santa Catarina de Ribamar
Santa Maria de Oeiras
São Pedro de Barcarena.
- A explicação possível é que tais igrejas estavam incluídas nas rendas de determinadas colegiadas que tinham direitos de apresentação. Assim,
- Nossa Senhora dos Mártires estaria incluída nas rendas da Sé, de que era capela;
- Santa Catarina de Ribamar, nas rendas da colegiada donatária, de Santa Cruz de Alcáçova;
- Santa Maria de Oeiras, nas rendas da colegiada donatária, de S. Lourenço;
- São Pedro de Barcarena, nas rendas da colegiada donatária, de S. Martinho.
- 3º - A paróquia ou igreja de Santa Maria Maior, da Sé, também não é expressamente mencionada, pois as rendas estão incluídas na mesa episcopal e na mesa capitular.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

5.8 SUMMARIO EM QUE BREVEMENTE SE CONTEM ALGUMAS COUSAS, ASSIM ECCLESIASTICAS COMO SECULARES, QUE HÁ NA CIDADE DE LISBOA - 1551 POR CHRISTOVAM RODRIGUES DE OLIVEIRA

Lisboa. 1ª edição s/ d (1554); 2ª edição 1750; 3ª edição 1939; 4ª edição, Lisboa, Livros Horizonte, 1985.

Documento precioso, quer pela posição do A. (guarda-roupa do Arcebispo de Lisboa), quer pela minúcia das informações.

Trata das 24 paróquias de Lisboa, sob o ponto de vista religioso: dá a estatística da população (vizinhos e almas), roteiro das vias públicas, capelas e confrarias existentes em cada igreja, rendimentos dos benefícios eclesiásticos e confrarias.

Os dados devem referir-se ao ano de 1551, embora a edição não deva ser anterior a 1554.

No Sumário faz-se referência a (pelo menos) 90 lugares de culto.

1. Freguesias com suas igrejas (24):

Sé; Santa Justa; São Nicolau; São Julião; Mártires; Loreto; São João da Praça; São Pedro; São Miguel; Santo Estêvão; São Vicente de Fora; Santa Marinha; São Salvador; Santo André; São Tomé; São Tiago; São Martinho; São Jorge; São Bartolomeu; Santa Cruz; São Mamede; São Cristóvão; São Lourenço.

2. Igrejas que não são paróquias (11):

A Misericórdia; Nossa Senhora da Conceição (da Ordem de Cristo); São Sebastião da Padaria; Santo Espírito da Pedreira; As Chagas; Santo António; São Brás; Capela de São Tomé; Nossa Senhora da Porta de Ferro; São Mateus; São Sebastião da Mouraria.

3. Ermidas (24):

Santa Bárbara e São Jordão; São Lázaro; Os Anjos; São José; São Roque; Santa Ana; São Sebastião da Pedreira; Nossa Senhora do Monte; Nossa Senhora da Escada; Nossa Senhora da Luz; Nossa Senhora da Ajuda; Nossa Senhora da Oliveira; Nossa Senhora da Palma; Nossa Senhora do Paraíso; Santo Amaro; Corpo Santo; Santo Espírito a Cata-que-farás; Santo Espírito em Alfama; Santo Espírito de Alcáçova; mais: S. Jerónimo, Cristo na Coluna, Santa Madalena, Nossa Senhora (no Mosteiro de S. Jerónimo).

4. Hospitais (7):

Hospital de Todos-os-Santos; Hospital de N.ª. S.ª. das Virtudes (Vitória); Hospital de Santa Ana às Fangas da Farinha; Hospital dos Palmeiros; Hospital de N.ª. S.ª. dos Remédios (Pescadores Chincheiros); Hospital dos Pescadores Linheiros; Hospital a Cata-que-farás.

5. Colégios (2):

Santo Antão; Órfãos de Jesus.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

6. Mosteiros de Frades (11):

Graça; São Vicente de Fora; São Domingos; Trindade; Carmo; Santo Elói; São Francisco; São Jerónimo de Belém; São Domingos de Benfica; São Bento (Xabregas); São Francisco (Xabregas).

7. Mosteiros de Freiras (11):

Salvador; Rosa; Penitentes da Paixão de Cristo; Mosteiro das Órfãs; Anunciada; Esperança; Santa Clara; Madre de Deus; Santos (o-Novo); Chelas; Odivelas.

5.9 GRANDEZA E ABASTANÇA DE LISBOA EM 1552

Autor: João Brandão (de Buarcos).

Manuscripto nº 679 do Fundo Geral da Biblioteca Nacional de Lisboa; 105 folhas com 0,333 m de altura por 0,245 m de largura. [*Estatística de Lisboa de 1552*]

Texto impresso sob a direção de Anselmo Braamcamp Freire, comentário e notas de Gomes de Brito.

Lisboa, 1923 pp. XVI+280. [= *Tratado da Majestade, Grandeza e Abastança da cidade de Lisboa, na segunda metade do século XVI*]

Nova edição: *Grandeza e Abastança de Lisboa em 1552*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990, pp. 113-116.

Igrejas paroquiais

E as igrejas paroquiais são as seguintes:

Nossa Senhora da Ajuda

Nossa Senhora dos Mártires

Nossa Senhora do Loreto

São Gião (= *São Julião*)

Santa Maria Magdanela (= *Madalena*)

São Nicolau

Santa Justa

São Mamede

São Cristóvão

São Lourenço

A Sé, Igreja Maior

São Jorge

São Martinho

Santiago

Santo André

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

São Tomé

Santa Marinha

São Vicente

O Salvador

São Pedro

São João [Degolado = *São João da Praça*]

Santo Estêvão

São Miguel [*Aparição de São Miguel, 8 de Maio*]

Santa Cruz

São Bertolameu

Nossa Senhora dos Olivais

São Lourenço de Carnide

Santa Maria do Amparo em Benfica

Santa Brígida do Lumiar

Soma das paróquias

Somam estas igrejas paroquiais aqui apontadas, vinte e nove.

Ermidas

As ermidas que não são curadas [= *que não têm cura de almas*] se seguem: Santo Amaro, Santos-o-Velho [*paróquia, em 1556*], as Almas do Purgatório, Santo Espírito ao Cais do Secretariado [*futura sede de S. Paulo*], São Pedro Gonçalves; Santo Tomé, Capela de V. Alteza; São Roque, Santo Espírito da Pedreira, Santa Maria da Escada, Nossa Senhora da Vitória, o Hospital de Todos-os-Santos; São Sebastião da Pedreira, Nossa Senhora da Luz, Santo Espírito de Benfica, Santo Espírito de Carnide, São Sebastião da Mouraria; Santa Bárbara, Santa Maria dos Anjos [= *Os Anjos*], Nossa Senhora do Monte, São Mateus, Nossa Senhora da Palma, a Conceição, São Sebastião [da Padaria], a Misericórdia, Nossa Senhora da Porta do Ferro, Santo António, Santo Espírito de Alfama, Nossa Senhora da Piedade (debaixo do mesmo Santo Espírito), Nossa Senhora do Paraíso, Nossa Senhora da Oliveira, Santa Apolónia, Santo Espírito da Alcáçova, São Braz, Santa Ana, São Lázaro, São José [dos Carpinteiros], Nossa Senhora dos Prazeres, Santo Espírito da Charneca, o Hospital de Santa Ana às Fangas da Farinha, o Hospital dos Palmeiros, as Chagas, São Jerónimo de Belém.

Soma das ermidas

Somam estas ermidas todas quarenta e uma [*aliás, 42*] em as quais entram a Misericórdia e Conceição [Sede da Ordem de Cristo], Hospital de Todos-os-Santos, e as Chagas, e Santo António. Em que é tão notório fazerem-se e celebrarem-se os ofícios divinos mui inteiramente.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Mosteiros de frades

Os mosteiros que há, de frades, [são os que] se seguem:

O mosteiro de São Francisco, desta cidade, que tem 100 frades e 5 servidores; São Francisco de Enxobregas, que tem 55 frades e 4 servidores; São Domingos desta cidade, que tem 100 frades e 5 servidores; o de Benfica tem 60 frades e 4 servidores; a Santíssima Trindade tem 15 frades; Santa Maria do Carmo, 60 frades; São Jerónimo de Belém, 80 frades e 10 servidores; São Bento [*dos Lóios, nos Olivais*], 40 frades e 5 servidores; Santo Agostinho [= *Graça*] tem 100 frades e dez servidores; o mosteiro dos Apóstolos [= *a Casa dos Jesuítas*] 7 ou 8 frades, às vezes mais e menos; Santo Eloi, 50 frades e 5 servidores; São Vicente tem 60 frades, com os da Trindade que estão dentro, e 11 servidores; no mosteiro em que se recolhem os Meninos Órfãos, coisa tão santa e virtuosa, de que se repartem para o Brasil e para outras partes, para servirem a Deus e fazerem fruto com a sua doutrina, haverá 100 Meninos, e às vezes mais e menos.

Soma dos mosteiros de frades

Somam estes mosteiros acima ditos 13: os quais estão dentro da cidade e arrabalde, o que certo não é pequena grandeza.

Mosteiros de freiras

Os mosteiros de freiras que estão dentro desta légua da cidade e arrabalde são os que se seguem:

Nossa Senhora da Esperança, à Boa Vista; Anunciada; Santa Maria da Rosa, o Salvador, Santa Clara, Santos-o-Novo, a Madre de Deus, o mosteiro de Chelas, o mosteiro de Odivelas, o mosteiro das Convertidas; o mosteiro das Órfãs, que certo além da bondade e santidade que os outros todos têm, a bondade e virtude destes que V. Alteza em seu tempo edificou passam por cima de todos, por que bem parecem obras da sua mão. Ora não é pequena grandeza sustentar a cidade 11 mosteiros de freiras, em os quais entram os dois que tenho dito, para o qual me falta o saber relatar a sua bondade de cada um, as quais por si se louvam, pela sua muita bondade, da qual V. Alteza foi prima causa.

Soma de todas as igrejas

Somam estas paróquias todas, com mosteiros e ermidas, 95: em as quais todas se celebram e se dizem cada dia missas...95 igrejas.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

IGREJAS PAROQUIAIS DE LISBOA EM 1551-1552

Segundo Cristóvão Rodrigues de Oliveira (1551) e João Brandão de Buarcos (1552)

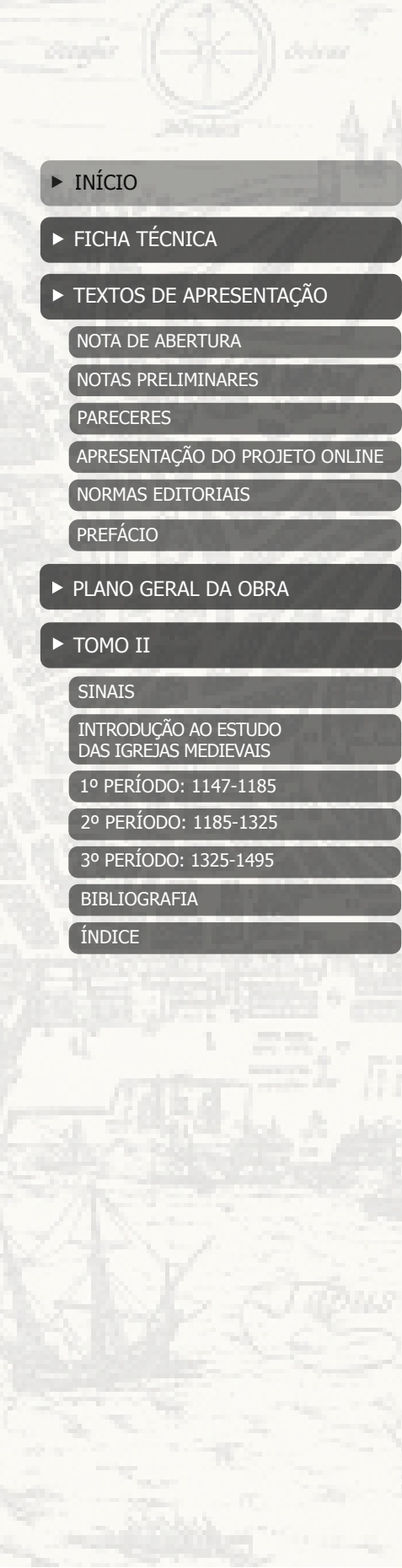
Paróquias	nº de casas	nº de vizinhos	nº de almas	nº de capelas	nº de confrarias	data da fundação
Santa Maria Maior - Sé (a)	350	718	6180	23	7	1150(?)
Nossa Senhora dos Mártires	1209	2552	12435	2	4	1147
São Vicente de Fora	273	389	1711	0	5	1147
Santa Justa	1994	3400	16557	5	9	1173
Santa Cruz da Alcáçova	170	237	1176	4	4	1168
São Bartolomeu	74	91	596	3	2	1168
São Jorge	48	77	507	4	2	1168
São Martinho	28	42	172	3	2	1168
São João da Praça	125	278	1557	0	5	1209
São Tiago	53	59	871	0	3	1160
São Pedro	267	340	1539	0	3	1175
Santa Marinha	103	111	488	2	2	1190
Santo André	82	75	336	2	2	1209
Santo Estêvão	553	954	5314	0	4	1183
São Miguel	295	515	2859	0	8	1180
São Tomé	128	149	887	5	3	1168
São Salvador	88	200	782	0	5	1209
Santa Maria Madalena	676	1440	9671	3	10	1164
São Julião	654	1957	13680	0	7	1200
São Lourenço	70	100	526	4	2	1200
São Nicolau	1308	2101	10775	4	9	1199
Santa Maria de Alcamim / São Cristóvão (b)	258	353	1687	5	4	1209
São Mamede	79	144	1010	3	2	1209
Nossa Senhora do Loreto (c)	1155	1748	8679	0	4	1551
TOTAL	10040	18030	99995	72	108	

(a) João Brandão de Buarcos (em 1552) menciona ainda:

- a paróquia de Nossa Senhora da Ajuda (que o *Sumário* não refere): terá sido criada cerca do ano 1551-1552.
- as 4 paróquias de Nossa Senhora dos Olivais (antes de 1420), São Lourenço de Carnaxide (em 1248-1279), Santa Maria de Amparo em Benfica (séc. XIII-XIV), Santa Brígida ou São João Baptista, do Lumiar (1276). Na altura estavam fora da estrutura urbana.

(b) Por volta de 1300 já se chamava São Cristóvão.

(c) Nossa Senhora do Loreto, dos italianos, é de 1518; a de Nossa Senhora do Loreto dos portugueses foi criada em 2 de Janeiro de 1551.



- ▶ INÍCIO
- ▶ FICHA TÉCNICA
- ▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO
 - NOTA DE ABERTURA
 - NOTAS PRELIMINARES
 - PARECERES
 - APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE
 - NORMAS EDITORIAIS
 - PREFÁCIO
- ▶ PLANO GERAL DA OBRA
- ▶ TOMO II
 - SINAIS
 - INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS IGREJAS MEDIEVAIS
 - 1º PERÍODO: 1147-1185
 - 2º PERÍODO: 1185-1325
 - 3º PERÍODO: 1325-1495
 - BIBLIOGRAFIA
 - ÍNDICE

IGREJAS CONVENTUAIS DE LISBOA EM 1551

Segundo Cristóvão Rodrigues de Oliveira

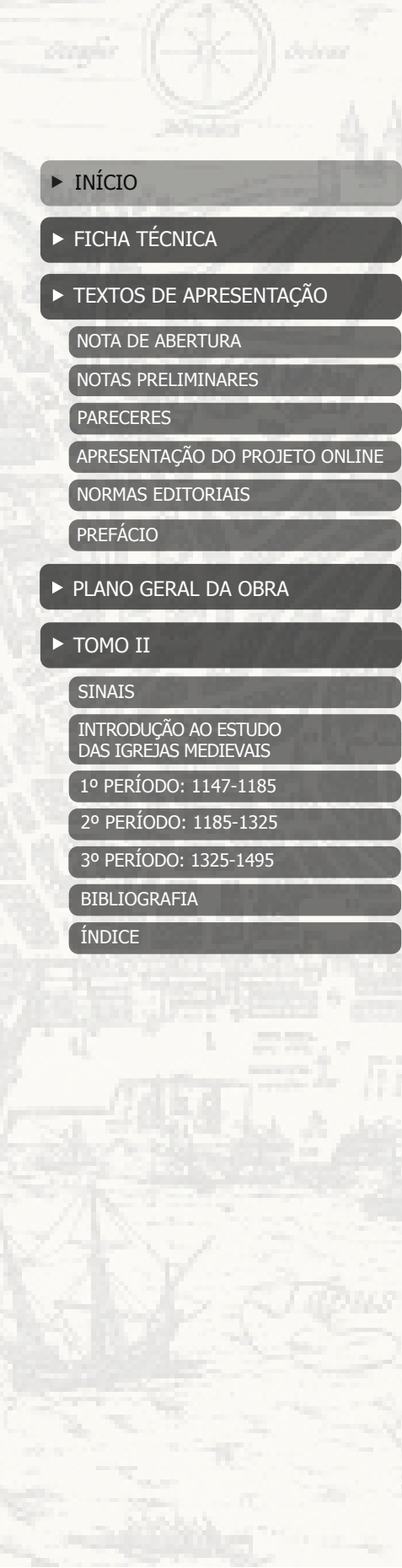
♂ DE FRADES

Mosteiros	Regra	Frades		Servidores
		professos	de missa	
<i>Dos muros a dentro:</i>				
Mosteiro de Nossa Senhora da Graça	Agostinhos	70	20	10
Mosteiro de São Vicente de Fora	Cón. Regrantes	30	-	10
Mosteiro de São Domingos	Frades Prega- dores	100	-	20
Mosteiro da Santíssima Trindade	Trinitários, regra de Sto. Agostinho	18	-	10
Mosteiro de Santa Maria do Carmo	Carmelitas	70	30	10
Mosteiro de Santo Eloy	Cónegos S. João Evangelista	40	-	20
Mosteiro de São Francisco	Observantes/ Mendicantes	120	70	10
<i>Fora dos muros meia légua:</i>				
Mosteiro de São Jerónimo de Belém (a)	Jerónimos	55	35	40
Mosteiro de S. Domingos de Benfica	Frades Prega- dores	33	-	6
Mosteiro de São Bento dos Lóios (em Xabregas)	Cónegos de S. João Evangelista	37	-	26
Mosteiro de São Francisco d’Enxobregas	Frades Menores da Observância	50	35	6
		[623]		[168]

♀ DE FREIRAS

Mosteiros	Regra	Freiras		Servidores
		professas	Noviças	
<i>Dos muros a dentro:</i>				
Mosteiro do Salvador	Dominicanas	80	-	15
Mosteiro de N. ^a Sr. ^a da Rosa	Dominicanas	33	-	12
Most. Penitentes da Paixão de Cristo (b)	-	27	-	?
Mosteiro das Órfãs (b)	-	?	-	?
<i>Fora dos muros:</i>				
Mosteiro de N. ^a Sr. ^a d'Anunciada (a)	Dominicanas	53	-	15
Mosteiro de N. ^a Sr. ^a da Esperança (a)	Clarissas	37	-	28
Mosteiro de Santa Clara	Clarissas	100	-	25
Mosteiro da Madre de Deus (a)	Clarissas	42	4	14
Mosteiro de Santos-o-Novo	Comendadeiras de S. Tiago	24	15	73 (1)
Mosteiro de Chelas	Agostinhas	48	12	25
Mosteiro de Odivelas	Bernardas	93	9	50
			+16	
		[537]	conversas	[257]

- (1) Destes 73 servidores, 40 eram para o serviço da comendadeira e 33 para as freiras!
(a) Estes 4 mosteiros são da 1ª metade do século XVI
(b) Estas comunidades são também da 1ª metade do século XVI



ERMIDAS E IGREJAS NÃO PAROQUIAIS NEM CONVENTUAIS

Segundo Cristóvão Rodrigues de Oliveira (1551) e João Brandão de Buarcos (1552)

Denominações	Mencionada por:		Data da fundação nota 11		
	C. R. Oliveira - 1551	J. Brandão - 1552	Med.	?	Séc. XVI
	Igrejas que não são paróquias	Ermidas que não são curadas			
1 A Misericórdia	x	x			x
2 N.º. S.ª. da Conceição (Freires de Cristo)	x	x			x
3 São Sebastião da Padaria	x	x	x		
4 Santo Espírito da Pedreira	x	x	x		
5 As Chagas	x	x			x
6 Santo António (à Sé)	x	x	x		
7 São Braz	x	x	x		
8 Santo Tomé	x	x			x
9 N.ª. S.ª. da Porta do Ferro	x	x	x		
10 São Mateus	x	x	x		
11 São Sebastião da Mouraria	x	x			x
	Ermidas				
12 Santa Bárbara e São Jordão	x	x n. 1		x?	
13 São Lázaro	x	x	x		
14 Os Anjos	x	x n. 2		x?	
15 São José	x	x			x
16 São Roque	x	x			x
17 Sant'Ana	x	x		x?	
18 São Sebastião da Pedreira	x	x	x		
19 Nossa Senhora do Monte	x	x	x		
20 Nossa Senhora da Escada	x	x	x		
21 Nossa Senhora da Luz	x	x	x		
22 Nossa Senhora da Ajuda	x	- n. 3	x		
23 Nossa Senhora da Oliveira	x	x	x		
24 Nossa Senhora da Palma	x	x		x?	
25 Nossa Senhora do Paraíso	x	x	x		

26 Santo Amaro	x	x			x
27 Corpo Santo	x	x n. 4	x		
28 Santo Espírito a Cata-que-farás	x	x n. 5	x		
29 Santo Espírito em Alfama	x	x	x		
30 Santa Apolónia	x	x	x		
31 Santo Espírito, na Alcáçova	x	x			x
32 São Jerónimo de Belém	-	x			x
33 Santos-o-Velho	-	x	x		
34 Almas do Purgatório	-	x			x
35 Nossa Senhora dos Prazeres	-	x		x?	
36 Santo Espírito de Benfica	-	x	x		
37 Santo Espírito de Carnide	-	x	x		
38 Santo Espírito da Charneca	-	x	x		
	Hospitais				
39 Hospital de Todos-os-Santos	x	x			x
40 Hospital dos Palmeiros	x n. 6	x	x		
41 Hospital de Nossa Senhora dos Remédios	x n. 7	x n. 8	x		
42 Hospital de Nossa Senhora das Virtudes (Vitória)	n. 9	x			x
43 Hospital de Sant'Ana, às Fangas da Farinha	n. 10 [34]	x [42]	x [25]	[15]	[13]
				[43]	

Notas:

1. J. B. Buarcos titula apenas “Santa Bárbara”, omitindo a referência a “São Jordão”. Seriam talvez primitivamente duas ermidas (?) que se uniram.
2. CR Oliveira titula apenas “Os Anjos”; JBB titula “Santa Maria dos Anjos”. O 1º é que está correcto.
3. JBB omite a menção à ermida de N.ª. S.ª. da Ajuda; mas noutro § refere a existência da paróquia de N.ª. S.ª. da Ajuda. Daqui talvez se possa inferir que esta paróquia terá sido criada precisamente em 1551...
4. “Corpo Santo” é o título registado por CRO; JBB titula “São Pedro Gonçalves” (o que é o mesmo orago). Primitivamente, a ermida seria de “Nossa Senhora da Graça”.
5. “Santo Espírito a Cata-que-farás” é o título dado por CRO; JBB titula “Santo Espírito ao Cais do Secretariado”. Terá sido a sede inicial da paróquia de São Paulo.
6. CRO, tratando dos Hospitais de Lisboa, menciona este “Hospital dos Palmeiros” e diz

que nele “todos os domingos e festas (havia) missa de canto e órgão”: donde se pode inferir que existia uma ermida. JBB integra este hospital no elenco das ermidas.

7/8. CRO explicitamente diz que este hospital tem uma ermida em que se diz missa”. JBB menciona uma ermida de “Nossa Senhora da Piedade, debaixo do mesmo Santo Espírito [de Alfama]”. Conjecturo que será a mesma de N^a. S^a. dos Remédios.

9. JBB refere a ermida de “Nossa Senhora da Vitória” no seu elenco de ermidas. CRO apenas diz que em cada uma das duas enfermarias deste hospital há um altar, onde todos os dias se diz missa de devotos. Não parece que tenha uma ermida...

10. Igualmente, JBB inclui o Hospital de Sant’Ana às Fangas da Farinha no seu elenco das ermidas. Quanto a CRO, apenas diz que “nas enfermarias se diz missa todos os dias”.

11. Quanto à data da fundação das ermidas, apenas distinguimos três categorias: Med. (medievais), as que são anteriores ao século XVI; Séc. XVI, as que são claramente da 1^a metade do séc. XVI; e 5 cuja data é imprecisa.

Nota sobre os rendimentos das ermidas

Tem algum interesse a indicação que Cristóvão Rodrigues de Oliveira fornece sobre os rendimentos das ermidas.

Se prestarmos atenção ao valor das esmolas, notaremos que as 20 ermidas mencionadas por Cristóvão Rodrigues de Oliveira se podem ordenar por 7 escalões, por ordem descendente de valores:

Ermidas de 500 cruzados	1	N ^a . S ^a . da Luz
Ermidas de 400 cruzados	1	Santo Amaro
Ermidas de 100 cruzados	4	Santa Bárbara, N ^a . S ^a . da Escada, N ^a . S ^a . da Ajuda, N ^a . S ^a . do Paraíso
Ermidas de 80 cruzados	4	S. Sebastião da Pedreira, N ^a . S ^a . do Monte, N ^a . S ^a . da Oliveira, Santa Apolónia
Ermidas de 60 cruzados	4	Os Anjos, São Lázaro, São José, Santo Espírito em Alfama
Ermidas de 50 cruzados	5	São Roque, Santa Ana, N ^a . S ^a da Palma, Corpo Santo, Santo Espírito a Cata que-farás
Ermidas de 30 cruzados	1	Santo Espírito na Alcáçova

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

6. ESTUDOS GLOBAIS MAIS RELEVANTES

Deixando de lado agora os estudos que incidem sobre igrejas singulares - que mencionaremos nos respectivos artigos -, indicamos apenas os títulos mais relevantes que tratam de conjuntos de igrejas.

1. OLIVEIRA, Fr. Nicolau de - *Livro das Grandezas de Lisboa*. 1ª edição, Lisboa, 1620; 2ª edição, Lisboa, 1804. Nova edição, Lisboa, 1992.

2. GASCO, António Coelho - *Antiguidades da mui nobre cidade de Lisboa Imporio do Mundo e Princesa do Mar Oceano*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1924. Só foi escrita a 1ª parte. Redacção c. 1627-1633.

3. AZEVEDO, Luís Marinho - *Fundação, Antiguidade e Grandezas da mui insigne cidade de Lisboa*. Lisboa, 1652. Redacção de 1626/1640.

4. CUNHA, D. Rodrigo da - *História Ecclesiástica da Igreja de Lisboa. Vida e Acções de seus Prelados e varões eminentes em santidade, que nella florecerão, por D. Rodrigo da Cunha, arcebispo metropolitano de Lisboa*. 1º volume. Lisboa, 1642. O 2º volume previsto não foi publicado pelo Autor.

Entre as várias referências pontuais a diversas igrejas paroquiais de Lisboa, salientam-se: - fl. 163 v. 1ª coluna, menciona:

Breve do papa Alexandre IV, datado de 27 de Setembro de 1257, ordenando ao bispo de Lisboa, D. Aires Marques, que fizesse a delimitação das paróquias do seu bispado.

Ignora-se o resultado.

- fl. 266, 1ª coluna, refere que:

Em 30 de Julho de 1382, o bispo de Lisboa D. Martinho teria feito (segundo consta) uma nova divisão da cidade de Lisboa.

Ignora-se o resultado.

Das Ermidas, trata abundantemente da de Nossa Senhora da Escada (II, 44), São Gens (I, 12), Nª. Sª. do Paraíso (II, 99, 6).

Quanto a Mosteiros, refere-se ao de Santos-o-Velho (P. 1ª, c. 18, n. 7), São Vicente (P. 2ª, c. 3), São Francisco (P. 2ª, c. 27, n. 1), Chelas (P. 2ª, c. 38, n. 4), São Domingos (P. 2ª, c. 43, n. 3, 10, 13, 14, 18), Eremitas de Santo Agostinho (P. 2ª, c. 75), Odivelas (P. 2ª, c. 82, n. 1 e 2), Trindade (P. 2ª, c. 83).

5. *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas, igrejas, capelas e irmandades desta cidade. Com biografias, descrição de ornatos e imagens, e indicações acerca dos seminários e noviciados estabelecidos em Lisboa. De Autor anónimo (certamente um jesuíta).

s./d., provavelmente redigido pelos anos 1704 a 1708. Ms. 145 da BN Lisboa, in-folio a 476 fl. encad.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Publicado pela Câmara Municipal de Lisboa, em dois tomos.

Tomo I, Lisboa - 1950, pp. XL + 608.

Advertência (4 pp.), Exposição (7 p.), Cronologia (7 p.) e Observações (108 p.), de DURVAL PIRES DE LIMA. Provido de 4 índices: de Assuntos (8 p.), de Cargos, Dignidades e Ofícios (9 p.), de Pessoas (11 p.), de Topónimos (5 p.).

Trata de 11 instituições: S. Vicente de Fora, S. Francisco da Cidade, S. Domingos, Senhora da Graça, Trindade, Carmo, Stº Elói, S. Roque, Capuchos, Senhora da Estrela, Stº Antão-o-Novo.

Tomo II, Lisboa - 1972, pp. XXVIII + 528.

O texto foi preparado por DURVAL PIRES DE LIMA, que não chegou a elaborar as anotações (como fizera para o Tomo I).

Apresenta a Cronologia (6 p.)

Provido de 4 índices: de Assuntos (11 p.), de Cargos, Dignidades e Ofícios (7 p.), de Pessoas (15 p.), de Topónimos (7 p.).

Trata de 11 instituições:

Conventos de frades (25): Nª. Sª. do Desterro, Nª. Sª. de Jesus, São Bento, Santo Antão-o-Velho, Noviciado dos Jesuítas, Agostinhos da Penha de França, Nª. Sª. dos Remédios, Semº. de S. Patrício, São João de Deus, Semº. dos Inglesinhos, Capuchinhos Franceses, São Paulo 1º Eremita, Nª. Sª. da Div. Providência, Sacramento dos Carmelitas, Espírito Santo, Boa-Hora, S. Francisco Xavier, S. Pedro de Alcântara, Livramento, Capuchinhos Italianos, Seminário dos Meninos Órfãos, Seminário de Santa Catarina, Noviciado da Princeza D. Joana, Noviciado Jesuíta para a Índia Oriental, outro Noviciado Jesuíta.

Conventos de freiras (17): Santos, Santa Clara, Salvador, Rosa, Esperança, Anunciada, Sant'Ana, Stª. Marta, Stº. Alberto, Santa Mónica, Santa Brígida, Sacramento de Dominicanas, Encarnação, Bernardas, Trinas de Mocambo, Santo Crucifixo, Nª. Sª. da Conceição dos Cardais.

6. SANTA MARIA, Fr. Agostinho de - *Santuário Mariano e História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora, etc.* Lisboa, 1707-1723, 10 volumes.

7. COSTA, P. António Carvalho da - *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal.* Tomo 3º. Lisboa, 1ª edição 1712; Braga, 2ª edição 1869.

Dá notícia de 36 paróquias da cidade e 30 do termo.

8. CASTRO, Padre João Bautista de (beneficiado da Santa Igreja Patriarcal) - *Mappa de Portugal Antigo e Moderno.* Tomo 3º, parte 5ª. Lisboa: 1ª edição 1758; 2ª edição 1763; 3ª edição 1870.

É a obra mais completa sobre as freguesias de Lisboa e do seu termo, até à data da 2ª edição (1763).

Contém 41 paróquias de Lisboa e 23 do termo, a sua história e dos edifícios religiosos existentes no seu território, assim como o roteiro das respectivas vias públicas.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

9. PEREIRA, Luiz Gonzaga - *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Prefácio de A. Vieira da Silva. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1927.

É a publicação do manuscrito nº 215 da secção de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Consta de:

1ª parte: Conventos de Frades: pp. 1-214

2ª parte: Mosteiros de Freiras: pp. 215-336

Ordens Terceiras: pp. 337-352

3ª parte: Igrejas Paroquiais: pp. 353-514

Recapitulação e Templos vendidos.

A parte mais valiosa do livro são os seus desenhos: 52 desenhos de conventos de frades; 30 desenhos de mosteiros de freiras; 4 desenhos de Ordens Terceiras; 40 desenhos de Igrejas Paroquiais.

Preciosas as notas com que remata a descrição de cada monumento, sob o título “alteração posterior a 1833”. As Notícias históricas são no essencial extraídas do Mappa de Portugal, do Pe João Bautista de Castro. (Vd.). As críticas sobre os trabalhos de escultura, pintura e gravura, então ainda existentes, não sendo de critério estético muito apurado, são de precioso valor testemunhal.

10. LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho - *Portugal Antigo e Moderno - Dicionario....* Vol. IV. Lisboa” [ed. de 1874], pp. 102-430.

11. CASTILHO, Júlio de - *Lisboa Antiga. 1ª parte: o Bairro Alto*. 1ª ed., 1 vol., 1879; 2ª ed., 5 volumes, 1902 a 1924.

CASTILHO, Júlio de - *Lisboa Antiga. 2ª parte: Bairros Orientais*. 1ª ed., 7 volumes, 1884 a 1890; 2ª ed., 12 vols., 1935 a 1938.

12. PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme - *Portugal. Diccionario histórico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*. Vol. IV. Lisboa, 1909.

13. COSTA, Américo - *Diccionario Chorographico de Portugal Continental*. Vol. VII, 1940.

Conventos de Frades (pp. 561-582); Conventos de Freiras (pp. 583-586); Igrejas (pp. 586-601); Ermidas (pp. 601-607).

14. SILVA, A. Vieira da - *As Freguesias de Lisboa. Estudo histórico*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1943.

Bibliografia escolhida e analisada, sínteses muito úteis.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

15. ARAÚJO, Norberto e LIMA, Durval Pires de - *Inventário de Lisboa*. Edição da Câmara Municipal de Lisboa. Fascículo I, 1944; Fascículo X, 1955; Fascículo XI, 1956; Fascículo XII, 1956.

Fascículo I (1944):

Sé patriarcal, p. 23-38 (4 ilustr.)

Jerónimos (Stª. Maria de Belém) p. 39-51 (3 ilustr.; 2 fotogr.)

S. Vicente, p. 59-68 (1 ilustr.)

Basílica da Estrela, p. 69-76 (2 ilustr.)

Fascículo X, (1955):

Igreja de S. Vicente, p. 11-12 (1 fotograf.)

Igreja de S. Miguel, p. 13-15 (1 fotograf.)

Igreja de Stª. Cruz do Castelo, p.17-19 (1 ilustr., 1 fotogr.)

Igreja da Madalena, p. 21-23 (1 ilustr.)

Igreja da Sé (Stª. Maria Maior), p. 25-26 (2 fotogr.)

Igreja de Santos, p.27-29 (1 fotogr.)

Igreja de S. Nicolau, p. 31-33 (1 fotogr.)

Igreja de S. Tiago, p. 35-37 (1 fotogr.)

Igreja de S. Cristóvão, p. 39-42 (1 ilustr.)

Igreja de S. Domingos, p. 43-37 (2 fotogr.)

Igreja da Graça, p. 49-53 (1 ilustr., 2 fotogr.)

Igreja do Lumiar, p. 55-57 (1 fotogr.)

Igreja de Stº. Estêvão, p. 59-61 (1 ilustr.)

Igreja dos Olivais, p. 63-65 (1 fotogr.)

Igreja da Luz, p. 67-70 (1 fotogr. 1 ilustr.)

Igreja do Colezinho, p. 71-74 (2 ilustr.)

Igreja dos Jerónimos, p.75-76 (1 grav.)

Igreja da Ameixoeira, p. 77-79 (1 fotogr.)

Igreja de S. Paulo, p. 81-83 (1 fotogr.)

Fascículo XI (1956):

Igreja da Penha, p. 11-15 (1 ilustr.)

Igreja de Jesus, (p. 17-21) (3 fotogr.)

Igreja do Campo Grande, p. 23-24 (1 fotogr.)

Igreja de Stª Catarina (Paulistas), p. 25-28 (5 fotogr.)

Igreja de S. Sebastião da Pedreira, p. 29-31 (3 fotogr.)

Igreja de S. Bartolomeu (Beato), p. 33-35 (1 grav.)

Igreja do Sacramento, p. 37-39 (1 ilustr., 1 fotogr.)

Igreja de S. Bartolomeu (Charneca), p. 41-43 (1 ilustr., 1 foto)

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Igreja da Encarnação, p. 45-47 (1 ilustr., 5 fotogr.)

Igreja da Pena, p. 49-51 (3 fotogr.)

Fascículo XII (1956):

Igreja de Stª. Engrácia (Barbadinhos) p. 11-13 (4 fotogr.)

Igreja de Stª. Isabel, p. 15-17 (1 ilustr., 1 fotogr.)

Igreja de Nª. Sª. do Amparo (Benfica), p. 19-21 (3 fotogr.)

Igreja de Nª. Sª. da Oliveira, p. 23-24

Igreja de Nª. Sª. da Ajuda (Boa Hora), p. 25-27 (1 ilustr.)

Ermida de Nª. Sª. da Vitória, p. 29-30 (1 fotogr.)

Igreja dos Mártires, p. 31-34 (1 ilustr., 2 fotogr.)

Igreja da Estrela, p. 35-36 (3 fotogr.)

Igreja de S. Pedro em Alcântara, p. 37-39 (1 fotogr.)

Igreja do Coração de Jesus, p. 41-42 (1 fotogr.)

Igreja de S. Mamede, p. 43-45 (3 fotogr.)

Igreja de S. Jorge de Arroios, p. 47-48 (1 fotogr.)

Igreja de S. José, p. 49-51 (2 fotogr.)

Igreja de Campolide, p. 53-54 (1 fotogr.)

Igreja dos Anjos, p. 55-57 (1 ilustr., 1 fotogr.)

Igreja de Nª. Sª. de Fátima, p. 59-62 (1 ilustr., 5 fotogr.)

Igreja do Santo Condestável, p. 63-68 (4 fotogr.)

Igreja de S. João de Deus, p. 67-69 (4 fotogr.)

Igreja de S. João de Brito, p. 71-73 (3 fotogr.)

16. ALMEIDA, D. Fernando de (dir) - *Monumentos e Edifícios notáveis do Distrito de Lisboa*, sob a direcção de D. Fernando de Almeida e com a colaboração de uma equipa de especialistas. Edição da Junta Distrital de Lisboa. Volume 5º - 1º tomo: 1973; Volume 5º - 2º tomo: 1975; Volume 5º - 3º tomo: 1988.

Contam sucintas notas históricas: mas o objectivo essencial é apresentar os monumentos tal como existem actualmente.

Menciona uns 79 monumentos religiosos: 18 no 1º tomo, 28 no 2º, 33 no 3º.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

7. BISPOS E ARCEBISPOS NESTA ÉPOCA (1147-1495)

(apud Leal, 1874: 273-278; lista renumerada a partir de D. Gilberto para acertar com a data de 1147)

7.1 BISPOS

1º. - D. GILBERTO, inglês. - Viera na armada estrangeira, que ajudou D. Affonso Henriques a conquistar Lisboa no ano de 1147. Foi sagrado pelo arcebispo de Braga, D. João de Portugal, e assim ficou a igreja de Lisboa suffraganea de Braga, tendo-o sido até então de Mérida. Fundou as paróquias de Nossa Senhora dos Martyres, S. Vicente e Santa Justa; e no ano de 1150 estabeleceu o cabido na sua Sé, ordenando que ali se rezasse pelo Breviário da Igreja de Salisbury, o que se observou até ao ano de 1536. Faleceu aos 27 de abril de 1166, tendo governado 19 anos. Foi sepultado na Sé^{IV}.

2º. - D. ALVARO. - Foi mestre-escola da Sé, e nomeado por D. Gilberto, ainda em sua vida, seu coadjutor e sucessor, o que impugnaram os cônegos quando principiou a exercer a dignidade em 1166, mas que o papa Alexandre III decidiu a seu favor em 1168. Constituiu as paróquias de S. Jorge, Santa Cruz, S. Bartolomeu e S. Martinho. Foi em seu tempo que teve lugar a trasladação do corpo de S. Vicente, martyr, do Algarve para Lisboa. Falleceu em 11 de setembro de 1185, tendo governado 19 anos. Foi enterrado na sua Sé^V.

3º. - D. SOEIRO I. [=D. Soeiro Annes] - Havia sido eleito ainda em vida do seu antecessor, e principiou a governar desde o ano de 1185 até ao dia 28 de setembro de 1209, em

^{IV} Registam-se aqui mais alguns dados biográficos acerca do primeiro bispo de Lisboa: Clemente, 2001: 95 situa a sua eleição antes de Abril de 1148; em 1151 deslocou-se a Inglaterra, supostamente para pregar a cruzada contra Sevilha (e, muito provavelmente, segundo um plano de D. Afonso Henriques, que pretendia continuar a sua estratégia bélica em direcção àquela cidade). Em 1159, com os Templários, participou na negociação que envolvia os direitos eclesiásticos de Santarém e, pouco antes, concedeu idêntico privilégio sobre Leiria a Santa Cruz de Coimbra (1156). Acompanhou ainda D. João Peculiar, arcebispo de Braga, a Compostela e a Roma, envolvida a diocese de Braga na questão metropolitana com Compostela e Toledo. A data de 1166 para o seu falecimento não deverá corresponder à realidade, pois Gilberto desaparece da documentação em 1162 e o seu sucessor, D. Álvaro, confirma documentos de D. Afonso Henriques, na qualidade de bispo de Lisboa, desde Outubro de 1164. Jorge, Nogueira, Roldão e Farelo, 2005: 36 situam o seu falecimento em 1163.

^V A tradição de que Álvaro foi mestre-escola (*cancellarius*) da Sé, associado por Gilberto ao exercício de bispo e contestada a sua subida à dignidade episcopal após a morte daquele, difundida por D. Rodrigo da Cunha, aceite por vários autores e recolhida também por Felicidade Alves nesta notícia, baseia-se numa leitura errada daquele cronista (Branco, 1998: 64-65). Álvaro foi bispo de Lisboa desde, pelo menos, Outubro de 1164. Em 1168, reformulou os estatutos do cabido e envolveu-se em querelas territoriais e jurisdicionais com os cônegos regnantes (de Santa Cruz de Coimbra e de S. Vicente de Fora) e com a Ordem de Santiago. Em 1173, quando um grupo de moçárabes aportou ao porto de Lisboa com as supostas relíquias de S. Vicente, Álvaro não se encontrava na cidade. É provável que tenha falecido em 1184 (Pereira, 1994: 169; Clemente, 2001: 96).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

que se finou. Desde o anno de 1199 ficou este bispado suffraganeo do de Compostella, por composição que fez Sua Santidade Innocencio III, com os arcebispos de Braga e Santiago. Estabeleceu na sua cathedral as quartenarias, para serem em maior numero os ministros da egreja, e pela estima que lhe dedicava el-rei D. Sancho I, obteve para a sua cathedral muitos privilégios^{VI}.

4º. - D. SOEIRO VIEGAS II. - Principiou a governar no anno de 1211; e foi enviado a Roma por el-rei D. Affonso II, para informar ao pontífice sobre a causa de litigio que este monarcha trazia com suas irmãs, conseguindo se por via deste bispo compor-se a negociação. Nesta viagem tratou com S. Boaventura, e não foi menos afortunado na amisade, que contrahiou com S. Domingos e S. Francisco, da qual resultou a admissão de suas religiões em Lisboa. A este prelado se deveu a conquista de Alcácer do Sal, praça mauritana mui forte, no anno de 1219. Por causa da perseguição que lhe moveram os validos de D. Sancho II, teve de peregrinar por terras estranhas, até que o papa Gregório IX o restituiu à pátria com grandes

^{VI} É possível que tenha sido eleito ainda em vida de seu antecessor, como indica D. Rodrigo da Cunha, pois na documentação entre Novembro de 1185 e Junho de 1186 ainda aparece mencionado como *electus*, e apenas como bispo a partir deste último mês (Branco, 1998: 67). Em 1191 celebrou um acordo de repartição de bens com o cabido e, nesse mesmo ano, terá promovido a realização de um sínodo diocesano, o primeiro de que há notícia na diocese lisboeta, cujos documentos não chegaram até hoje, embora se possa admitir que Fr. Nicolau de Santa Maria, em 1668, ainda tenha tido acesso a essa documentação. Em 1195 autorizou os freires de Santiago a construir uma igreja em Palmela, onde já haviam estabelecido a sua sede, data em que recebeu também importantes privilégios para a sua Sé de D. Sancho I. Em 1199 deslocou-se a Compostela para prestar obediência à autoridade metropolitana ordenada pelo papa. Jorge, Nogueira, Roldão e Farelo, 2005: 36 admitem que a sua morte tenha ocorrido apenas em 1210.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

honras. Falleceu a 9 de janeiro de 1232, e foi sepultado na cathedral[, na capela da invocação de Santo André]^{vii}.

5º. - D. PAYO. - Tinha sido cónego em Viseu, e D. prior de Guimarães. São as únicas notícias que há d'este prelado, que falleceu no anno seguinte à sua eleição; em 19 de abril de 1233^{viii}.

^{vii} Barroca, 2000, vol. II: 747 admite que Soeiro Viegas II iniciou o seu episcopado em 1210. O bispo teve papel activo como diplomata de D. Afonso II junto do papa logo em 1212, negociando a confirmação da bula *Manifestis Probatum*, liquidando o censo à Santa Sé e constituindo-se como advogado privilegiado do monarca na causa que o movia contra suas irmãs. Nesse primeiro período, em que chegou a obter uma carta de protecção do rei em 1217, o seu prestígio internacional foi maculado por questões internas: sem que se saiba exactamente a razão, excomungou os Templários, manteve conflitos com o bispo de Coimbra devido a questões territoriais de ambas as dioceses e terá sido objecto de uma inquirição a respeito da sua conduta (Branco, 1998: 71-72). Naquele ano de 1217, empreendeu a conquista de Alcácer do Sal, feito decisivo para a cidade de Lisboa e não menos importante para a memória do já então debilitado D. Afonso II e para o estatuto de Portugal junto do novo papa, Honório III, que logo a seguir concedeu vários privilégios que beneficiaram o reino. A partir de finais de 1218, sustentou um conflito com o rei e o seu deão, Mestre Vicente, contenda que não cessou com a subida ao trono de D. Sancho II. Exilado em Leão e, aparentemente, ao lado do também exilado arcebispo de Braga, D. Estêvão Soares (Branco, 1998: 81), Soeiro terá regressado a Portugal em 1224, mas os conflitos continuaram até ao fim do seu episcopado, com períodos de maior ou menor acalmia. Por volta de 1225 (Branco, 1998: 83), terá promovido a realização de um sínodo, cuja constituição foi inserida no sínodo de 1240, patrocinado pelo bispo João Raolis. Em 1231, em Roma, esteve na origem da interdição que o papa colocou sobre D. Sancho II e foi a principal testemunha para a hagiografia de Santo António e seus anos de juventude passados em Lisboa. A data do seu falecimento (Janeiro de 1232), recolhida por D. Rodrigo da Cunha, tem sido aceite por numerosos autores, embora Jorge, Nogueira, Roldão e Farelo, 2005: 36 mencionem que tal terá ocorrido apenas em 1233. Foi sepultado na Catedral de Lisboa, em túmulo acompanhado de inscrição (infelizmente perdida, mas de que se conservou cópia moderna) datada criticamente de 1232 (Barroca, 2000, vol. II: 745-748) - ou já do ano seguinte - e cujo conteúdo exaltava a conquista de Alcácer do Sal (Fernandes, 2001).

^{viii} O período entre 1233 e 1240 é muito conturbado na diocese e não se limita apenas à eleição de D. Paio, como difundiu D. Rodrigo da Cunha. Costa, 1963: 213-277, com base nas bulas pontifícias de Gregório IX, esclareceu que, após o falecimento de Soeiro Viegas II, o cabido escolheu para bispo Mestre Vicente, mas a confirmação papal nunca chegou porque, entretanto, o mesmo cabido elegeu Paio, «que estava moribundo e que morreu passado alguns dias» (Branco, 1998: 85). Oito meses depois, foi eleito João Falberto, num «expediente legal para que, após a sua planeada demissão se pudesse assim delegar a resolução do caso nas mãos do arcebispo de Compostela» (Branco, 1998: 85). Este escolheu um nome pouco consensual, Estêvão Gomes, sobre o qual pendiam graves acusações de conduta. No Verão de 1237, este último renunciou ao cargo, chamando o papa a si a nomeação de novo prelado. Pereira, 1994: 169 não inclui este bispo na sua lista.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

6º. D. JOÃO I. - Pouco tempo governou também a diocese, porque depois da sua exaltação, em 1240, se ausentou para Roma, em consequência dos distúrbios do reino, e ahi faleceu no anno de 1241^{IX}.

7º. - D. AYRES VAZ OU VASQUES [(1244-1258)] - Não consta a época da sua nomeação, e o primeiro acto em que figura é o da fundação da collegiada de Santa Maria de Marvilla, de Santarém, em novembro de 1244. Assistiu ao concílio que em 1245 se celebrou em Leão, de França, e ao qual foi presente o papa Innocencio IV. No anno de 1248 fez as Constituições para a sua diocese, e assentou novas demarcações ás respectivas parochias. Sagrou a igreja de Alcobaça em setembro de 1252, e em 1254 assistiu ás cortes de Leiria. Acompanhou sempre el-rei D. Affonso III nas guerras e conquistas do Algarve. Faleceu a 6 de outubro de 1258 em S. Vicente de Fora, onde se diz tivera o habito de religioso [, e onde foi sepultado]. Nascera nas terras do Lima, sendo filho de pais nobilísimos^X.

^{IX} João I (João Raolis) foi protagonista cimeiro do conturbado período entre 1233-1239. Integrado no cabido diocesano, fora um dos adversários de Soeiro Viegas II (Fernandes, 2006: 161) e um dos que, em 1233, apelou a Roma, queixando-se da atitude zigzagueante do cabido, que elegeu três bispos num só ano. À data da sua eleição para o episcopado lisboeta, era deão do cabido e médico e capelão do papa, a quem servira durante praticamente duas décadas. Tivera graves contenciosos com o rei, a ponto de este o expoliar de parte do seu património. Fernando de Serpa, irmão do monarca, acérrimo adversário da família dos Raolis e que preferia ver eleito bispo lisboeta a Estêvão Gomes, perseguiu João Raolis, furtou-lhe património, mandou incendiar a casa do deado e promoveu a pilhagem da igreja de S. Mamede de Lisboa (Pereira, 1998: 104-106). A ilustre família dos Raolis (ou Rol) foi estudada por Nogueira (1996, vol. II: 11 e 2007: 112-114) e contava com outros dois religiosos, um dos quais prior da pilhada igreja de S. Mamede, e o famoso Pedro Raolis, primeiro tabelião da cidade. Contestado por elementos do cabido (mas pacificada a relação com Fernando de Serpa em 1239), Raolis promoveu um sínodo, em 1240, onde se adoptou parte da constituição sinodal do seu antigo adversário, Soeiro Viegas II. As 33 determinações então aprovadas ainda se conservam e revelam a actualidade da política deste religioso (Clemente, 2001: 98). Pereira, 1994: 169 colocou a hipótese de João Raolis ter assumido o episcopado lisboeta logo em 1238.

^X Aires Vasques, oriundo de uma influente família nobre do Entre-Douro-e-Minho, foi nomeado bispo de Lisboa pelo arcebispo de Compostela (João Aires, seu tio) em 1241, contra a posição do cabido, que pretendia colocar na cátedra o *chanfre* Ricardo Guilherme (Branco, 1998: 90). O papa confirmou a sua eleição em 1244, mas o novo bispo contou com a oposição de destacados membros laicos da cidade. É natural que Aires Vasques tenha sido envolvido na complexa teia de partidários de D. Sancho II e do futuro D. Afonso III, crise dinástica e guerra civil nas quais Lisboa teve papel decisivo. Cunha, 1642: fl. 161-163 transcreveu um documento em que o bispo lisboeta salientava o direito de D. Sancho II a permanecer no poder e Vilar, 2007: 129 destacou este bispo como dos poucos que é possível situar do lado de D. Sancho II. A mesma autora (Vilar, 2007: 132) realçou ainda o facto de o bispo não estar documentado em Lisboa entre 1244 e 1248, ao longo de toda a guerra civil, aparecendo na cidade apenas neste último ano, para celebrar um sínodo. Finda a contenda, acompanhou D. Afonso III, mas, presume-se, sempre com reservas. Em 1257 promoveu o ordenamento (divisão) das freguesias (Nogueira, 2000: 179; Mattoso, 1980: 46; Silva, 1942, republ. 1954: 192) e terá reunido sínodo em 1248 (Clemente, 2001: 98). Faleceu a 9 de Outubro de 1258, depois de se ter refugiado em S. Vicente de Fora (casa regrente que havia tomado o partido de D. Sancho II), na sequência de um ataque sofrido à lança curta, por supostos partidários de D. Afonso III, entre os quais o alcaide de Lisboa (cf. Marques, 1990: 260).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

8º. - D. MATHEUS. - Depois de eleito, em 1259, passou a Roma a tratar de varias negociações, por parte de D. Affonso III, com os pontífices Alexandre IV e Urbano IV, e d'ahi veio sagrado. Celebrou tres synodos em Lisboa, e no ultimo publicou novas Constituições para a sua diocese. Erigiu a parochia de S. João Baptista, e S. Matheus, no Lumiar. No anno de 1264 fez celebrar em Lisboa, com grande pompa, a festa do Corpo de Deus, pouco antes instituída por Urbano IV. No anno de 1272 passou novamente a Roma a tratar negócios de el-rei e da sua diocese, regressando no anno de 1280, em que continuou com o regímen da sua igreja, até que se finou, aos 19 de Setembro de 1282, sendo sepultado na sua cathedral^{XI}.

9º. - D. ESTEVÃO ANNES DE VASCONCELLOS. - Desempenhou a dignidade episcopal desde o anno de 1284 até ao anno de 1290, em que falleceu, ausente da diocese, como quasi sempre o esteve durante o seu governo. Assistiu a um concilio que se celebrou em Braga no anno de 1286. A sua eleição foi approvada pelo papa Nicolau IV. Era descendente do esforçado capitão Martim Moniz, cujo nome ficou famoso na tomada do castello de Lisboa^{XII}.

10º. - D. DOMINGOS JARDO. - Este varão insigne em letras, nasceu n'um logar da freguesia de Bellas, e do qual tomou a appellido. Coursou a Universidade de Paris. Pela sua erudição foi nomeado capellão d'el-rei D. Affonso III, e também do seu conselho, recebendo depois de el-rei D. Diniz o emprego de chanceller-mór, e a elevação ao bispado de Évora no anno de 1283, d'onde foi transferido para o de Lisboa em outubro de 1289. Fundou o hospital de S. Paulo, que depois foi o convento de Santo Eloy, de cônegos seculares de S. João

^{XI} Após o falecimento de Aires Vasques, o cabido dividiu-se em dois partidos: os apoiantes do deão Pedro Juliães e os do mestre-escola Mateus. Vingou a eleição deste último - possivelmente com o apoio do rei (como sugere Vilar, 2007: 139) -, não sem que o primeiro reclamasse para Roma, o que motivou a gestão provisória da diocese por parte do abade de Alcobaça. A questão foi resolvida em 1262 e, logo no ano seguinte, Mateus deslocou-se a Roma, enquanto Pedro Juliães enveredou por uma carreira internacional, sendo bispo de Braga, cardeal, professor nas universidades de Paris e de Siena e, finalmente, papa João XXI. O seu governo pautou-se por uma deliberada organização diocesana, para o que celebrou três sínodos (1264, 1268 e 1271), um dos quais relativo aos limites geográficos das várias paróquias. Foi bispo até 1283 (Vilar, 2007: 139), embora Pereira, 1994: 170 tenha admitido o seu falecimento um ano antes, bem como Jorge, Nogueira, Roldão e Farelo, 2005: 36. Fernandes, 2001: 94-95 colocou a hipótese de o seu sarcófago se conservar na antiga Capela de Nossa Senhora da Terra Solta (claustro da Sé de Lisboa), embora com reservas.

^{XII} Vilar, 2007: 137 admitiu que, antes de ascender à cátedra episcopal lisboeta, Estêvão de Vasconcelos fora cônego e deão de Braga. É provável que o seu falecimento tenha ocorrido em 1289 e não 1290, como registou Rodrigo da Cunha, aqui aceite por Felicidade Alves. Pereira, 1994: 170 não admitiu a sua existência à frente da diocese e Jorge, Nogueira, Roldão e Farelo, 2005: 36 entendem que o prelado governou o episcopado somente entre 1286 e 1287.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Evangelista (Loyos), onde foi enterrado, tendo falecido a 16 de dezembro de 1293. N'esta sua fundação estudaram os principaes talentos, que n'aquella época floresceram em Portugal^{XIII}.

11º. - D. JOÃO MARTINS DE SOALHÃES - Elevado à cadeira episcopal ao anno de 1294, principiou o seu governo pela fundação do mosteiro de Santa Clara, nesta diocese; e no anno seguinte isentou o de Odivellas da jurisdição dos bispos. Instituiu o morgado de Soalhães. No anno de 1307 fez synodo e ordenou novas Constituições. Assistiu aos concilios provinciaes que os arcebispos de Compostella celebraram nos annos de 1306 e 1310. Foi depois promovido a arcebispo de Braga, onde se finou este illustre descendente da família dos Porto-Carreiros, no 1º de maio de 1325^{XIV}.

12º. - D. FR. ESTEVÃO II. - Foi religioso de S. Francisco, e achando-se em Avinhão a tratar negocios d'el-rei D. Diniz com o papa Clemente Vahi foi nomeado bispo do Porto, e administrador dos bens dos templários, em Portugal; administração com que passou ao bispado de Lisboa, para onde foi transferido por bulla de 8 de outubro de 1322. Aqui teve desavenças com o cabido, e por isso voltou a Avinhão, onde Sua Santidade o proveu no bispado de Cuenca, em Castella. Falecendo n'aquella cidade no anno de 1336, foi seu corpo transport-

^{XIII} À semelhança de outros bispos lisboetas que viram a sua eleição contestada, também D. Domingos Anes Jardo parece ter sido eleito para o episcopado de Lisboa entre 1283 e 1284, mas acabou por transitar para a diocese de Évora, mantendo-se a sede olisiponense vacante até 1286 (Vilar, 2007: 138). D. Domingos Jardo foi sepultado na capela do seu hospital, «junto às escadas que sobem ao seu altar», em túmulo a que se associava uma lápide comemorativa com a seguinte inscrição: «Aqui jas dom Domingos Jardo / Bispo que foy de Evora & des- / ta cidade fundador desta casa / faleceo na era de mil trezentos / trinta & hum» (Cunha, 1642: 210v., versão latina recolhida por Encarnação, 1759-1763, vol. IV: 35). Barroca, 2000, vol. II: 1055 e 1104-1106, apesar de tecer algumas dúvidas sobre a autenticidade desta inscrição, salientou que «todos os dados históricos conhecidos para D. Domingos Anes Jardo não colidem com o texto da sua epígrafe». O mesmo autor apresentou mais algumas informações a respeito da carreira do prelado que importa ter presente, pois o seu percurso permanece por estudar com maior detalhe: assim, começou por ser cónego de D. Dinis (pelo menos entre 1279 e 1281), ascendeu ao cargo de chanceler-mor do reino em 1281, foi cónego da Sé de Évora desde 1281, bispo de Évora em 1285 e, finalmente, bispo de Lisboa em 1289, referindo-se à pretensa eleição para o episcopado lisboeta em 1283 como «uma notícia que não conseguimos confirmar». A data do seu falecimento, 16 de Dezembro de 1293, tem sido genericamente aceite, a partir do relato de D. Rodrigo da Cunha, recolhido também por Felicidade Alves.

^{XIV} O longo percurso eclesiástico e político deste bispo ter-se-á iniciado em Coimbra, de cuja diocese foi cónego (Vilar, 2007: 137). Foi eleito para a cátedra lisboeta logo em Janeiro de 1294 e manteve-se no cargo até 1313, ano em que passou ao arcebispado bracarense. A sua entrada em Braga foi alvo de contestação, uma vez que foi nomeado para o cargo pelo papa e não sujeito a eleição por parte do cabido. É possível que a data da sua morte corresponda ao 1.º de Maio de 1325, pois conhece-se uma inscrição de 7 de Maio desse mesmo ano dando conta do início das obras da capela de S. Martinho da Sé de Braga, que parece resultar de uma disposição testamentária de D. João Martins Soalhães (sobre os dados biográficos deste prelado veja-se ainda Barroca, 2000, vol.II: 1510-1512, de que se destaca o sínodo por si celebrado em 1307).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

tado para o convento de Santa Cruz, em Coimbra para o qual havia alcançado muitas mercês do Summo Pontífice^{xv}.

13º. - D. GONÇALO PEREIRA. - Creado no paço de el-rei D. Diniz, este ascendente do condestável D. Nuno Alvares Pereira, depois de estudar em Salamanca foi deão da Sé do Porto. Empregado em varias negociações com a cúria romana, então em Avinhão, ahi foi eleito bispo de Évora, o que se não confirmou, sendo depois nomeado bispo em Lisboa pelo papa João XXII, em 21 d'agosto do anno de 1322. Em 1324 celebrou synodo. Passou para arcebispo de Braga em 1326, finando-se n'esta cidade no anno de 1358, depois de ter sido arbitro de paz entre príncipes poderosos e ter desenvolvido o seu génio bellicoso em varias acções com os castelhanos, tornando-se notável na famosa batalha do Salado, onde acompanhou el-rei D. Affonso IV. Falleceu em 1358, e jaz na Sé primacial de Braga^{xvi}.

14º. - D. JOÃO AFFONSO DE BRITO. - Foi eleito bispo d'esta diocese em 4 de março de 1326, achando-se então em Avinhão, e sendo deão da Sé de Évora, foi quem ministrou na sua Sé as bênçãos matrimoniaes ao príncipe D. Pedro, filho d'el-rei D. Affonso IV e a D. Constança, sua primeira esposa. Entregou-se esmeradamente à reforma do seu clero. Falleceu a 25 de julho de 1341, cheio de annos e de virtudes^{xvii}.

15º. - D. VASCO MARTINS. - Era sobrinho do bispo do Porto, D. Giraldo, e a este succedeu n'aquella dignidade, sendo transferido, passados 14 annos, para a diocese de Lisboa, em 26 de agosto de 1342. Visitou frequentemente as egrejas deste bispado. Foi o auctor do

^{xv} Bispo de Lisboa desde 1313 (possivelmente nomeado a 8 de Outubro desse ano), esteve envolvido na luta pelo poder protagonizada por D. Dinis e o futuro D. Afonso IV. No início da sua carreira eclesiástica, Frei Estêvão foi próximo de D. Dinis, chegando-se a equacionar o seu nome para o arcebispado de Braga. Este preferiu aceder à diocese de Lisboa e obter o bispado do Porto para um seu sobrinho. Em 1318, as relações entre Fr. Estêvão e D. Dinis estavam já extremadas (Vilar, 2007: 141). Celebrou sínodo em 1315, tendo-se procedido a uma nova divisão paroquial (Pereira, 1994: 170).

^{xvi} Bispo de Lisboa escassos quatro anos, celebrou sínodo em 1324, «mas ignora-se o que nele se tratou» (Pereira, 1994: 170). É possível que, já nessa data, estivesse em Braga, para cuja catedral havia sido nomeado coadjutor e sucessor do então arcebispo D. João Martins Soalhães, em 1323. No reduzido tempo que passou no episcopado da capital, instituiu capela funerária na Sé de Lisboa, que não chegou a utilizar, preferindo sepultar-se na Capela da Glória, na Sé de Braga, onde ainda se conserva o seu túmulo. Os dados biográficos essenciais encontram-se em Coelho, 1990.

^{xvii} As balizas aqui mencionadas para o episcopado de D. João Afonso de Brito têm merecido críticas pontuais por parte da historiografia. Sobre a aparente incongruência para com o conteúdo da inscrição de S. Lourenço de Carnide veja-se o que se diz na nota LXXXVIII). A entrada de D. João Afonso de Brito na Sé lisboeta no dia 4 de Março de 1326 mereceu reparo a Ribeiro, 1836: vol. V, 176, que apontou ter a sua eleição ocorrido a 6 de Maio. A sua morte terá ocorrido a 24 de Julho de 1342, uma vez que, quatro dias depois, a 28 de Julho, foram entregues diversos bens aos seus testamenteiros (Barroca, 2000, vol. II: 1639). Também sobre este derradeiro momento, Ribeiro, 1836: vol. V, 176 registou informação diferente, indicando o 9 de Julho de 1342 como dia do falecimento do bispo. Felicidade Alves, baseando-se nos autores clássicos e também no testemunho de Almeida, 1967, vol. I: 511, registou o ano de 1341 como ano da morte de D. João A. Brito, posição indefensável face aos dados aportados por Ribeiro e Barroca.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

livro intitulado *Roda*, que servia para nêlle se lançar todo o rendimento da Sé. Falleceu no anno de 1344, e foi sepultado na sua cathedral^{xviii}.

16º. - D. ESTEVÃO ANNES. - O pontífice Clemente IV, achando-se em Avinhão, onde também estava este ecclesiástico, foi que o promoveu no anno de 1344 ao bispado de Lisboa. Nunca veio ao reino, governando sempre a Egreja por vigários geraes, e falleceu no anno de 1348 ou 49^{xix}.

17º. - D. THEOBALDO. - Era francez de nação. Foi também eleito pelo pontífice Clemente VI, em Avinhão, e nunca veio ao reino, governando, como o seu antecessor, por vigários geraes. Finou-se em 28 de maio de 1356^{xx}.

18º. - D. REGINALDO. - Também era francez, e familiar do papa Clemente VI, que o elegeu prelado lisbonense, a 20 de junho de 1356, governando sempre a diocese por vigários geraes, até que foi transferido para o bispado de Autun, em França^{xxi}.

19º. - D. LOURENÇO RODRIGUES. - Foi promovido a bispo de Lisboa em Agosto de 1358. Estabeleceu em Lisboa alguns anniversarios. Cuidou muito da reforma do clero ao

^{xviii} Pereira, 1994: 170 confirmou as datas de 1342 e 1344 para o episcopado lisboeta de D. Vasco Martins. Este religioso fora eleito bispo do Porto em 1328 (Coelho e Saraiva, 2005: 132), de onde transitou para a capital. Enquanto prelado portuense, manteve contenciosos graves com os cidadãos da cidade e com o próprio D. Afonso IV, tendo-se exilado em Avinhão. Em 1341, continuando o monarca a actuar no território diocesano sem o consenso do bispo e seu cabido, D. Vasco Martins lançou o interdito sobre a cidade, o que originou um tumulto popular que obrigou o prelado a refugiar-se numa das torres da catedral (Coelho e Saraiva, 2005: 135). O monarca exigiu o seu regresso à diocese mas, perante a recusa do bispo, confiscou-lhe todos os bens e rendas. Faleceu em Santarém, a 18 de Novembro de 1344 (Coelho e Saraiva, 2005: 117), tendo sido sepultado na igreja de Bouças (Matosinhos).

^{xix} Pereira, 1994: 170 situou a sua morte no ano de 1348.

^{xx} Tal como o seu antecessor, foi nomeado pelo papa. Pereira, 1994: 170 localizou-o em Lisboa em 1354, mas, segundo aquele autor, terá sido a única ocasião em que visitou a cidade. Silva e Ramôa, 2009: 114 sugeriram que o túmulo de um bispo que se encontra na antiga Capela de Nossa Senhora da Terra Solta pudesse ter pertencido a este prelado, desafortunadamente para os autores um dos poucos bispos que praticamente não viveu na cidade. Mais lógica e fundamentada é a proposta de Fernandes, 2001: 94-95, que coloca cautelosamente a hipótese de o moimento pertencer a D. Mateus (cf. nota XI), proposta que vai mais ao encontro da estética ainda ducentista revelada pelo monumento funerário. Sabe-se que D. Teobaldo ordenou a sua sepultura na Sé de Lisboa (informação que agradeço a Anísio Saraiva), embora não se saiba a localização e a expressão monumental do seu enterramento.

^{xxi} Outro dos bispos que nunca deve ter vindo a Lisboa, tendo sido nomeado pelo papa de Avinhão. Era francês e tesoureiro do papa Inocência VI.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

qual deu constituições, que rigorosamente fazia observar, assim como todos os annos visitava a diocese. Morreu em 19 de junho de 1364^{xxii}.

20º. - D. PEDRO GOMES BARROSO. - Alguns lhe chamaram *D. Pedro Gomes de Albernoa*, e há divergência sobre a sua naturalidade, não havendo porém duvida de que era hespanhol. Foi eleito bispo no anno de 1365. Conservou-se quasi sempre em Avinhão; e do bispado de Lisboa foi transferido para o de Coimbra, e ultimamente para o de Sevilha, onde falleceu em 1374^{xxiii}.

21º. - D. FERNANDO. - Regeu a egreja de Lisboa desde o anno de 1370, e supposto a governou de Avinhão a maior parte do tempo, parece comtudo que veiu a Lisboa, ou então, fallecendo em França, determinou que o seu corpo fosse enterrado em a nossa cathedral, pois que no anno de 1743 se encontrou na capella mor uma lapida que assim o testificava^{xxiv}.

22º. - D. VASCO II. - Em Avinhão, onde se achava, foi eleito bispo de Lisboa pelo papa Gregório XI, no anno 1371, mas só dois mezes regeu esta egreja, por ser elevado depois a dignidade de arcebispo de Braga, onde falleceu em 18 de novembro de 1372^{xxv}.

23º. - D. AGAPITO COLONA. - Era romano e regia o bispado de Brescia, em Veneza, quando foi transferido para a nossa diocese em 1371. Governou esta egreja nove annos, mas

^{xxii} A eleição deste bispo colocou termo a um longo período em que a diocese lisboeta esteve sob a dependência de Avinhão e sob o governo de delegados que exerciam a autoridade em nome de um prelado distante. Era já bispo de Lisboa em 1359 e faleceu em 1364, tendo a sua morte sido anunciada na manhã de 19 de Junho desse ano (Saraiva, 2005: 421). Durante o seu curto episcopado, visitou todos os anos a sua diocese e empenhou-se na moralização dos costumes do clero paroquial, sendo dessa época o «único livro de despesas diárias de uma Casa episcopal portuguesa que a Idade Média nos deixou» (Saraiva, 2005: 431).

^{xxiii} D. Pedro Gomes Barroso teve uma carreira eclesiástica em constante ascensão. Antes de ser bispo de Lisboa, ocupou a cátedra da diocese coimbrã, entre 1358 e 1364. De Lisboa, transitou para o bispado de Sevilha, onde entrou a 3 de Junho de 1369. Escassos dois anos depois, a 8 de Junho de 1371, foi eleito cardeal e instalou-se na cúria papal. Quer em Lisboa, quer em Sevilha, foi substituído por D. Fernando Álvares Albornoz (cf. escassos dados biográficos mencionados por Barroca, 2000, vol. II: 1869).

^{xxiv} D. Fernando Álvares Albornoz foi bispo de Lisboa durante um período muito curto: 1370-1371. Neste último ano, passou a Sevilha, seguindo os passos do seu antecessor lisboeta, que transitou também da capital portuguesa para aquela cidade andaluza. D. Fernando faleceu em Sevilha, em 1378, mas terá escolhido sepultar-se na Sé de Lisboa, em monumento funerário acompanhado por inscrição que João Bautista de Castro registou e cujo conteúdo foi aceite por Barroca, 2000, vol. II: 1868-1869, no seu *corpus* de epigrafia medieval.

^{xxv} Não terá sido eleito, mas sim nomeado pelo papa de Avinhão.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

renunciando o bispado foi feito cardeal com o título de Santa Prisca, retendo todavia o governo desta diocese até a morte, sucedida em 3 de outubro de 1380^{xxvi}.

24º. - D. JOÃO DE AIX. - Francez de nação, foi eleito em 1381, governando a diocese lisbonense somente dois annos, porque foi transferido para arcebispo de Aix, sua pátria^{xxvii}.

25º. - D. MARTINHO. - Era castelhano. Tendo sido bispo de Silves, no Algarve, foi eleito arcebispo de Braga pelo respectivo cabido, o que não foi approved pelo papa Gregório XI; porém depois o papa Clemente VII, em 1381, o transferiu para a Sé de Lisboa. Delimitou novamente as paróchias da sua diocese. Foi este bispo aquelle que quando teve logar a acclamação de el_rei D. João I foi precipitado da torre da Sé de Lisboa, no dia 6 de dezembro de 1383. Já era fallecido quando o papa Clemente VII o elevou à eminência de cardeal^{xxviii}.

26º. - D. JOÃO ANNES. - Eleito bispo em 1383, sendo conego da Sé de Lisboa. Reformou o clero, e tratou do augmento das egrejas da sua diocese, visitando-as consecutivamente. Havia onze annos que desempenhava esta dignidade, quando a diocese de Lisboa subiu a hierarchia de arcebisado.

7.2 ARCEBISPOS

Quando a casa de Aviz subiu ao throno portuguez, muitas foram as isenções e privilegios com que o primeiro monarcha desta linha, el-rei D. João I, gratificou os moradores de Lisboa, pelo apoio e auxilio que lhe prestaram; e para que ainda mais se estendessem essas mercês, tratou de obter do papa Bonifácio IX que a diocese de Lisboa tivesse foro metropolitano, isenta, e sem dependencia de um outro superior, mais que da Sé apostolica, pois já dissemos que desde 1199 era suffraganea de Compostella, desde que a demittira de si o arcebispo de Braga D. Martinho Pires. Sua Santidade mandou portanto passar para aquelle fim a

^{xxvi} Agapito de Colona deslocou-se à Península Ibérica para negociar a paz entre D. Fernando e Henrique II de Castela. Como recompensa pelo bom desempenho, o papa nomeou-o para a catedral lisboeta. Terá passado grande parte do seu episcopado em Avinhão e encontra-se documentado em Lisboa apenas em 1376, onde não se terá demorado, uma vez que, em 1378, foi eleito cardeal e renunciou ao cargo português. É-lhe atribuída a fundação da capela de Santiago de Camarate (Gil, 1989, vol. 2: 60), porém sem fundamento.

^{xxvii} Este bispo não foi admitido por Pereira, 1994: 170-171, embora o mesmo autor mencione a nomeação de D. João de Agoult e D. João Guterres, homens que «não vieram à diocese e não se podem considerar Prelados de Lisboa», e cuja associação à capital portuguesa resulta da «grande confusão nas listas episcopais» motivada pelo cisma do Ocidente. Clemente, 2001: 97 esclarece que estes dois últimos foram nomeados por Roma.

^{xxviii} D. Martinho foi bispo de Silves e ascendeu ao episcopado lisboeta em 1379. Tentou organizar a sua diocese, para o que realizou uma nova divisão paroquial em 1382. O seu governo, todavia, terminou em tragédia, tendo sido assassinado a 6 de Dezembro de 1383, no início da crise de 1383-85, por ser castelhano e nomeado pelo papa de Avinhão, logo cismático. Depois de lançado da torre da Sé, o seu corpo foi abandonado no Rossio, segundo conta a *Crónica de D. João I*.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

bullas de 10 de dezembro de 1394^{XXIX}, assignando-se por suffraganeos ao arcebispo de Lisboa os bispos de Lamego, Guarda, Silves e Évora, ficando comtudo dois annos depois esta ultima diocese isenta de tal obediencia.

Desde então até hoje contou a diocese de Lisboa 20 arcebispos, cuja taboa chronologica é pela maneira seguinte:

1º. - D. JOÃO ANNES. - Dissemos acima que este prelado occupava havia 11 annos a cadeira episcopal, quando a egreja de Lisboa foi elevada à dignidade arcebispal. Por suas virtudes foi exaltado também o nosso bispo, e assim regeu a diocese mais 18 annos e 10 mezes, tendo n'este periodo algumas contestações com o bispo de Évora sobre a sua isenção, e com o do Porto sobre a fundação da egreja do Salvador. Falleceu a 3 de maio de 1402, e foi sepultado na sua Sé^{XXX}.

2º. - D. JOÃO ESTEVES DE AZAMBUJA. - Foi promovido ao arcebispado no anno de 1402. Passou à Italia para assistir ao concilio de Pisa, no anno de 1409, afim de se serenar o scisma que então dividia a Egreja. Foi a Jerusalem visitar os logares santos. O papa João XXIII, em attenção aos seus méritos, conferiu-lhe o capelo de cardeal, com o titulo de S. Pedro ad vincula, e de Santa Eudoxia, ficando-lhe o arcebispado em titulo de commenda. Dirigiu-se de Roma a Constança, para assistir a novo concilio, e na retirada para Portugal, enfermou gravemente em Bruges, cidade de Flandres, onde falleceu a 23 de janeiro de 1415. Edificou e dotou o mosteiro do Salvador de Lisboa, e para este se trasladaram os seus despojos mortaes. Nas guerras de D. João I com Castella militou valentemente, e foi depois dellas que seguiu o estado ecclesiastico, sendo cónego de Coimbra e de Évora, prior da egreja de Monção, e da Alcáçova em Santarem. Foi confessor de el-rei D. João I, e por este monarcha encarregado de

^{XXIX} A elevação de Lisboa a arcebispado ocorreu a 10 de Novembro de 1393, pela bula *In eminentissimae dignitas*, passada pelo papa Bonifácio IX, diploma que só teve efeitos a partir de 15 de Setembro de 1395 (Costa, 1989: 26).

^{XXX} João Anes Escudeiro era cónego da Sé de Lisboa quando os revoltosos de 1383 assassinaram o então bispo, D. Martinho. Pouco depois desses acontecimentos, foi eleito para o episcopado lisboeta, em data que não é conhecida (está documentado no cargo em 6 de Outubro de 1384, mas não é improvável que a eleição tenha ocorrido ainda em 1383). Foi um dos mais importantes religiosos do tempo de D. João I, assinando o auto de eleição do monarca, nas cortes de Coimbra de 1385, logo a seguir ao arcebispo de Braga. Depois de elevado à categoria de primeiro arcebispo lisboeta, faleceu a 3 de Março de 1402, e não Maio, como recolheu Felicidade Alves. Escolheu sepultar-se na Sé de Lisboa, possivelmente na Capela de S. Sebastião (no deambulatório catedralício). O seu túmulo, hoje, encontra-se no claustro, desprovido de tampa e apenas a inscrição que o acompanha permite identificá-lo com o primeiro arcebispo lisboeta (Barroca, 2000, vol. II: 2075-2083). Um seu filho bastardo, Rodrigo Anes de Valadares, está documentado em 13 de Junho de 1445 (Costa, 1989: 25, nota 82a).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

lhe solicitar em Roma dispensa para casar, pois era professo na Ordem de Aviz. Foi depois bispo do Porto e de Coimbra, d'onde passou para o arcebispado de Lisboa^{xxxI}.

3º. - D. DIOGO ALVARES. - Foi D. prior de Guimarães, e depois bispo de Évora, vindo por fim a ser eleito arcebispo de Lisboa no anno de 1414, ainda em vida do precedente; mas descuidando-se na expedição das bullas o cabido não lhe quis dar posse, no que tiveram grande parte D. João I, o infante D. Pedro, e os grandes do reino; não lhe valendo a intercessão do papa Martinho V para com el-rei, afim de o deão e o cabido desistirem das duvidas com que lhe impediam a administração da egreja. Por este motivo o arcebispo retirou-se para Evora, onde se finou em 5 de maio de 1424^{xxxII}.

4º. - D. PEDRO DE NORONHA. - Nasceu nas Asturias, sendo seu pae o conde de Gijon, neto por bastardia de Henrique II de Castella, e de D. Fernando de Portugal. Teve no anno de 1419 a administração do bispado de Evora, e foi promovido a arcebispo de Lisboa em 1424. Porque se descuidava dos deveres da sua pastoral obrigação, foi reprehendido pelo papa Martinho V, provendo-se a estas cousas com o concilio provincial que se celebrou em Braga a 22 de dezembro de 1426. No anno de 1428 foi por embaixador a Aragão, para tratar do casamento do infante D. Duarte com a infanta D. Leonor. Por morte de el-rei D. Duarte oppondo-se os Tres Estados á determinação de ser a rainha governadora e regente do reino, o arcebispo tomou partido por esta, e como por tal fosse perseguido retirou-se para Castella, tendo aqui sequestradas as suas rendas. Por fim, a pedido de Urbano VI, o regente D. Pedro

^{xxxI} A carreira de João Esteves da Azambuja não poderia estar mais vinculada à dinastia de Avis. Filho de D. Afonso Esteves da Azambuja, reposteiro-mor de D. João I, e neto de Gil de Rolim, primeiro senhor da vila da Azambuja, foi bacharel em Direito Canónico e esteve presente nas cortes de Coimbra de 1385, como procurador de Elvas. Começou por ser prior da Colegiada de Santa Maria da Alcáçova de Santarém, apresentado pelo próprio D. João I, logo em 1385 (Homem, 1987: 55), monarca de cujo conselho fazia parte desde, pelo menos, 1383. Entre 1384 e 1395 foi desembargador de D. João I e, entre 1387 e 1391, desempenhou o cargo de bispo de Silves, eleito e confirmado (Costa, 1989: 6). Foi nomeado bispo do Porto pelo papa Bonifácio IX em 15 de Fevereiro de 1391, cidade onde esteve até 22 de Julho de 1398, data em que transitou para o bispado de Coimbra. Em 1402, antes de 13 de Novembro, foi eleito bispo de Lisboa (Costa, 1989: 27), aqui permanecendo até à sua morte, ocorrida em 23 de Janeiro de 1415, conforme inscrição funerária associada ao seu túmulo, originalmente no convento do Salvador de Lisboa e, hoje, exposta no Museu Arqueológico do Carmo (Barroca, 2000, vol. II: 2117-2128). Logo em 1403, celebrou sínodo diocesano em Lisboa. A esta densa carreira eclesiástica, D. João Esteves da Azambuja juntou diversas missões diplomáticas a Roma e a Castela, esteve presente no Concílio de Pisa em 1409, foi em peregrinação à Terra Santa, em 1410, e foi eleito Cardeal em 1411. Faleceu em Janeiro de 1415, em Bruges, «quando regressava da sua participação na fase inaugural do Concílio de Constança» (Barroca, 2000, vol. II: 2128). Em 1608, o seu túmulo foi trasladado para o coro-alto da igreja, realizando-se, então, uma segunda inscrição, onde se registou o ano de 1413 como da sua morte (Barroca, 2000, vol. II: 2122).

^{xxxII} Após o falecimento de D. João Esteves da Azambuja, o arcebispado lisboeta passou por um período de relativa crise. O seu sucessor, D. Diogo Álvares de Brito, está documentado como arcebispo somente em 1418, três anos depois da morte de D. João da Azambuja. O seu governo, para além de efémero, foi também bastante atribulado, nunca chegando verdadeiramente a reger o arcebispado «porque o Cabido não lhe permitiu tomar posse» (Pereira, 1994: 171) e, também, porque terá contado com a animosidade de D. João I.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

lhe deu permissão de voltar ao reino. No anno de 1445 erigiu em collegiada a egreja de Santa Maria de Ourem. Falleceu a 12 de agosto de 1452, e foi sepultado na Sé^{xxxiii}.

5º. - D. LUIZ COUTINHO. - Parece que o governo d'este arcebispo foi desde setembro de 1452 até abril de 1453. Precedentemente, no anno de 1440, teve o bispado de Viseu, e sendo embaixador em Roma, achou-se na eleição do anti-papa Felix IV, e por elle foi creado anti-cardeal em abril de 1443. Foi transferido para o bispado de Coimbra em 1444, e acompanhou à Alemanha a imperatriz D. Leonor, filha de el-rei D. Duarte, que se desposou com o imperador Frederico III. Não consta onde morreu, nem quando. Era filho de Gonçalo Vaz Coutinho, segundo marechal do reino, alcaide-mor de Trancoso e de Lamego^{xxxiv}.

6º. - D. JAIME. - Era filho do infante D. Pedro, e neto de el-rei D. João I. Prisoneiro aos 14 annos na batalha da Alfarrobeira, onde morreu seu pae, pôde evadir-se da prisão para Flandres, acolhendo-se à protecção de sua tia, a infanta D. Isabel, mulher de Philippe III, que o mandou a Roma; sendo ahi nomeado pelo papa Nicolau V, administrador perpetuo da egreja lisbonense, em 30 de abril de 1453, não alcançando ainda, por só contar 20 annos, a nomeação de arcebispo. Assim governou por vigarios geraes. Recebeu o capello com titulo de Santa Maria *in Portici*, sendo promovido depois ao de Santo Eustachio. Obteve do papa a bulla da cruzada para o reino. Expirou em Florença, quando se dirigia de Roma para Mantua a assistir ao concilio, que n'esta cidade se hia reunir, dando a alma a Deus em 21 de abril de 1450^{xxxv}.

7º. - D. AFFONSO NOGUEIRA. - Depois de entrar na congregação da nova reforma de S. João Evangelista, passou a Veneza. Tendo regressado a Portugal, o papa Nicolau V o nomeou bispo de Coimbra, d'onde o transferiu Pio II para o arcebispado de Lisboa, em 17 de setembro de 1459. Em 1463 celebrou pontifical e lançou a primeira pedra na egreja de Nossa Senhora da Luz, junto ao logar de Carnide. No anno de 1464 falleceu, em Alemquer,

^{xxxiii} A vocação política deste bispo tem sido realçada por vários autores e é conhecido o seu papel na contenda que levou à regência do Infante D. Pedro. Regressado ao reino, com permissão do regente, terá novamente ultrapassado a sua esfera enquanto arcebispo de Lisboa, entrando em conflito com D. Afonso V, o que lhe valeu novos dissabores (Pereira, 1994: 171). Terá entrado no arcebispado de Lisboa ainda em 1423 e faleceu em 1452. Segundo Castilho, 1936: vol. VI, 207, D. Pedro de Noronha morou nos paços da freguesia de Santa Cruz, conhecido como Paço dos Bispos, os quais tiveram origem na doação que D. Afonso Henriques fez de algumas propriedades a D. Gilberto de Hastings.

^{xxxiv} Dos escassos dados que foi possível recolher, a maior parte dos quais confirmam as indicações constantes na notícia recolhida por Felicidade Alves, salienta-se a presença deste religioso na Batalha de Alfarrobeira, nas hostes de D. Pedro, tendo estado presente na derradeira hora do Infante. Terá falecido em 1453.

^{xxxv} De acordo com Pereira, 1994: 171, nunca esteve em Lisboa na qualidade de arcebispo, governando-a através de vigários gerais. O seu falecimento ocorreu em 1459 e não 1450, como Felicidade Alves recolheu.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

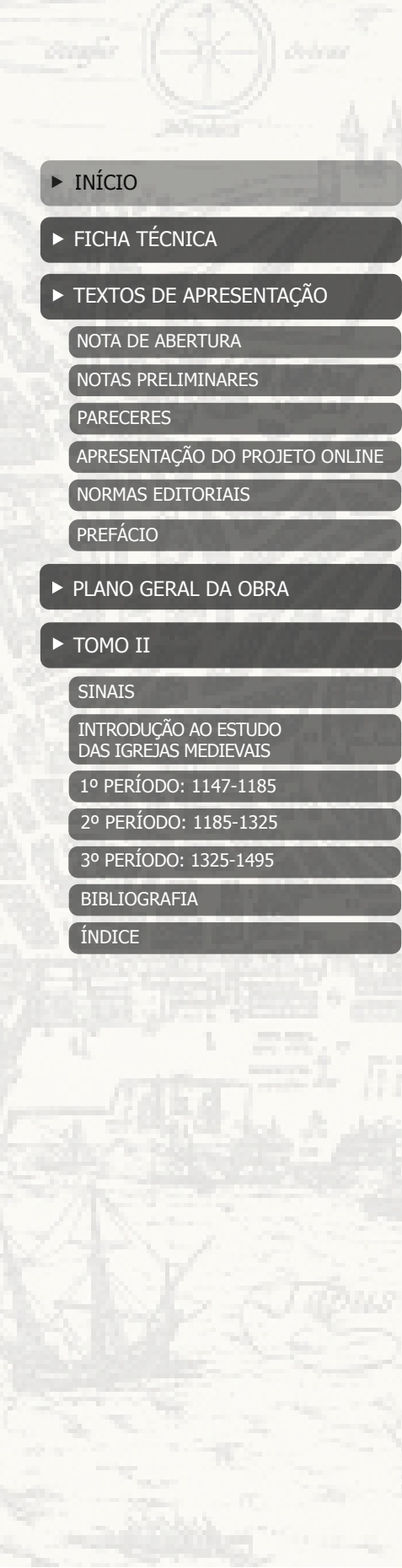
ÍNDICE

da epidemia que então assolava o reino, e o seu corpo foi transportado para a paróquia de S. Lourenço, em Lisboa^{xxxvi}.

8º. - D. JORGE DA COSTA. - Foi muito protegido pela infanta D. Catharina, filha de el-rei D. Duarte, e a isso deveu ser nomeado bispo de Evora, e depois transferido para arcebispado de Lisboa em 24 de Novembro de 1464. Erigiu a capella de Nossa Senhora da Assumpção e S. Luiz, no convento de Santo Eloy. Em 1469 foi por embaixador a Castella, e em 1471 acompanhou D. Affonso V á conquista de Tanger e Arzilla. Quando o dito rei passou a França, ficou o nosso arcebispo por primeiro ministro e conselheiro do príncipe. Delimitou novamente as paróchias da cidade, visitando-as pessoalmente, e varias villas do arcebispado; unindo ao convento de S. Bento de Xabregas as egrejas de S. Leonardo de Athouguia, e S. Miguel de Cintra. A instancias d'el-rei D. Affonso V concedeu-lhe o papa Xisto IV capello de cardeal, em 18 de dezembro de 1476, com o titulo dos Santos Pedro e Marcellino, e recebeu as honras d'esta nova dignidade na igreja de Santo Eloy, assistindo el-rei e a corte. Passou a Roma e ahi viveu nos pontificados de Innocencio VIII, Alexandre VI, Pio III e Júlio II, passando n'aquella corte 28 annos. Em três diversas eleições para o papado teve muitos votos. Falleceu em 19 de agosto de 1508, e foi enterrado na igreja de Nossa Senhora do Populo, em Roma. Tinha renunciado o arcebispado em seu irmão, a 28 de junho de 1500, com permissão d'el-rei D. Manuel^{xxxvii}.

^{xxxvi} Filho de Afonso Eanes Nogueira, alcaide de Lisboa e Doutor pela Universidade de Bolonha, ascendeu ao arcebispado de Lisboa em 1460. Como arcebispo, visitou várias paróquias vinculadas a Lisboa e reuniu sínodo em 1462, «pois nas visitas de Óbidos, desse ano, o arcebispo declara ter preparado umas constituições sinodais que seriam publicadas depois de visitar a diocese, mas o respectivo texto nunca foi encontrado» (Pereira, 1994: 171).

^{xxxvii} A carreira eclesiástica e política de D. Jorge da Costa tem sido objecto de estudo aprofundado. Natural de Alpedrinha e formado no colégio de Santo Elói, em Lisboa, rapidamente ascendeu ao estatuto de conselheiro de D. Afonso V. Em 1476, foi nomeado cardeal e, em 1480, provavelmente por incompatibilidade com D. João II, «o arcebispo retirou-se para Roma de onde nunca mais voltou» (Pereira, 1994: 171). Por volta de 1464, realizou um conjunto de Visitas Geraes, colecção documental recentemente estudada por Garcez, 2006.



8. RELAÇÃO DOS REIS DE PORTUGAL NESTA ÉPOCA

D. Afonso Henriques	1128 - 6 . Dezº . 1185
D. Sancho I	1185 - 29 ou 30. Março . 1211
D. Afonso II	1211 - 25 . Março . 1223
D. Sancho II	1223 - 1245 († 30 Janº . 1248)
D. Afonso III	1248 - 16 . Fevº. 1279
D. Dinis	1279 - 7 . Janº . 1325
D. Afonso IV	1325 - 28 . Maio .1357
D. Pedro I	1357 - 18 . Janº . 1367
D. Fernando	1367 - 21 . Outº . 1383
D. João I	6 . Abril . 1385 - 14 . Agosto 1433
D. Duarte	1433 - 9 . Setº . 1438
D. Afonso V	1438 - 28 . Agosto . 1481
D. João II	1481 - 25 . Outº. . 1495

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

9. PAPAS CONTEMPORÂNEOS DA ÉPOCA MEDIEVAL DE LISBOA

161. *Eugénio III* (1145 - 8 jul. 1153).

162. *Anastácio IV* (12 jul. 1153 - 3 dez. 1154).

163. *Adriano IV* (4 dez. 1154 - 1 set. 1159).

164. *Alexandre III* (7 set. 1159 - 30 ag. 1181).

165. *Lúcio III* (1 set. 1181 - 25 nov. 1185).

166. *Urbano III* (25 nov. 1185 - 20 out. 1187).

167. *Gregório VIII* (21 out. - 17 dez. 1187).

168. *Clemente III* (19 dez. 1187 - 20 mar. 1191).

169. *Celestino III* (30 mar. 1191 - 8 jan. 1198).

170. *Inocêncio III* (8 jan. 1198 - 16 jul. 1216).

171. *Honório III* (18 jul. 1216 - 18 mar. 1227).

172. *Gregório IX* (19 mar. 1227 - 22 ag. 1241).

173. *Celestino IV* (25 out. - 10 nov. 1241).

174. *Inocêncio IV* (25 jun. 1243 - 7 dez. 1254).

175. *Alexandre IV* (12 dez. 1254 - 25 maio 1261).

176. *Urbano IV* (29 ag. 1261 - 2 out. 1264).

177. *Clemente IV* (5 fev. 1265 - 29 nov. 1268).

178. *Gregório X* (1 set. 1271 - 10 jan. 1276).

179. *Inocêncio V* (21 jan. - 22 jun. 1276).

180. *Adriano V* (11 jul. - 18 ag. 1276).

181. *João XXI* (8 set. 1276 - 20 maio 1277).

182. *Nicolau III* (25 nov. 1277 - 22 ag. 1280).

183. *Martinho IV* (22 fev. 1281 - 28 mar. 1285).

184. *Honório IV* (2 abr. 1285 - 3 abr. 1287).

185. *Nicolau IV* (22 fev. 1288 - 4 abr. 1292).

186. *S. Celestino V* (5 jul. - 13 dez. 1294).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

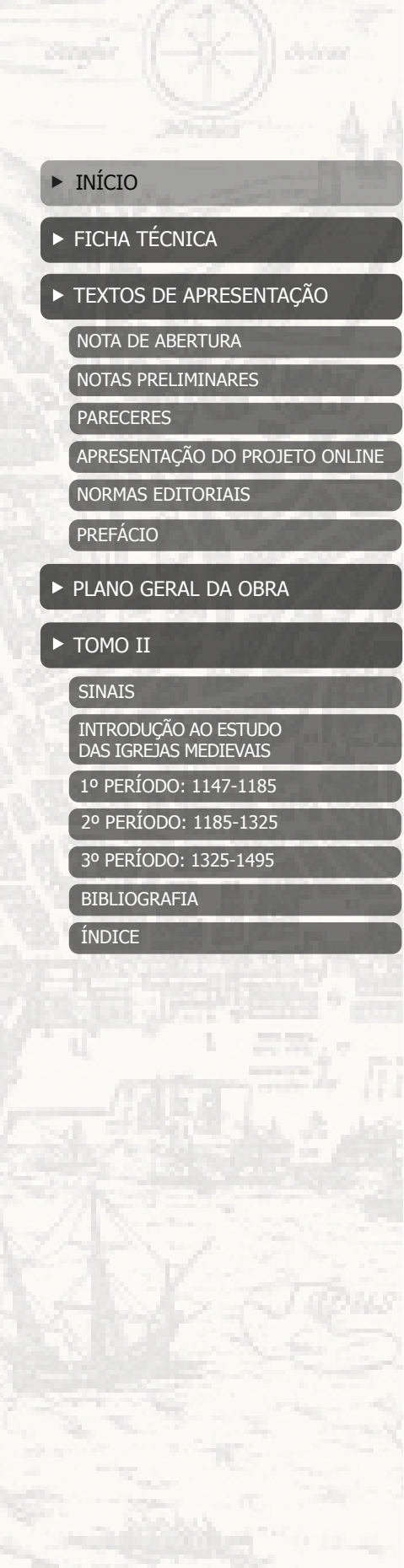
2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

187. *Bonifácio VIII* (24 dez. 1294 - 11 out. 1303).188. *Bento XI* (22 out. 1303 - 7 jul. 1304).189. *Clemente V* (5 jun. 1305 - 14 abr. 1314).190. *João XXII* (7 ag. 1316 - 4 dez. 1334).191. *Bento XII* (20 dez. 1334 - 25 abr. 1342).192. *Clemente VI* (7 maio 1342 - 6 dez. 1352).193. *Inocêncio VI* (18 dez. 1352 - 12 set. 1362).194. *Urbano V* (28 set. 1362; sagr. 6 nov. - 19 dez. 1370).195. *Gregório XI* (30 dez. 1370 - 27 mar. 1378).196. *Urbano VI* (8 abr. 1378 - 15 out. 1389).197. *Bonifácio IX* (2 nov. 1389 - 1 out. 1404).198. *Inocêncio VII* (17 out. 1404 - 6 nov. 1406).199. *Gregório XII* (30 nov. 1406 - 4 jun. 1415).200. *Martinho V* (11 nov. 1417 - 20 fev. 1431).201. *Eugénio IV* (3 mar. 1431 - 23 fev. 1447).202. *Nicolau V* (6 mar. 1447 - 24 mar. 1455).203. *Calisto III* (8 abr. 1455 - 6 ag. 1458).304. *Pio II* (19 ag. 1458 - 15 ag. 1464).205. *Paulo II* (30 ag. 1464 - 26 jul. 171).206. *Sisto IV* (9 ag. 1471 - 12 ag. 1484).207. *Inocêncio VIII* (29 ag. 1484 - 25 jul. 1492).208. *Alexandre VI* (10 ag. 1492 - 18 ag. 1503).



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

1º PERÍODO: 1147 - 1185

Desde a Conquista de Lisboa aos Mouros (1147)

Até ao fim do Reinado de D. Afonso Henriques (1185)

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

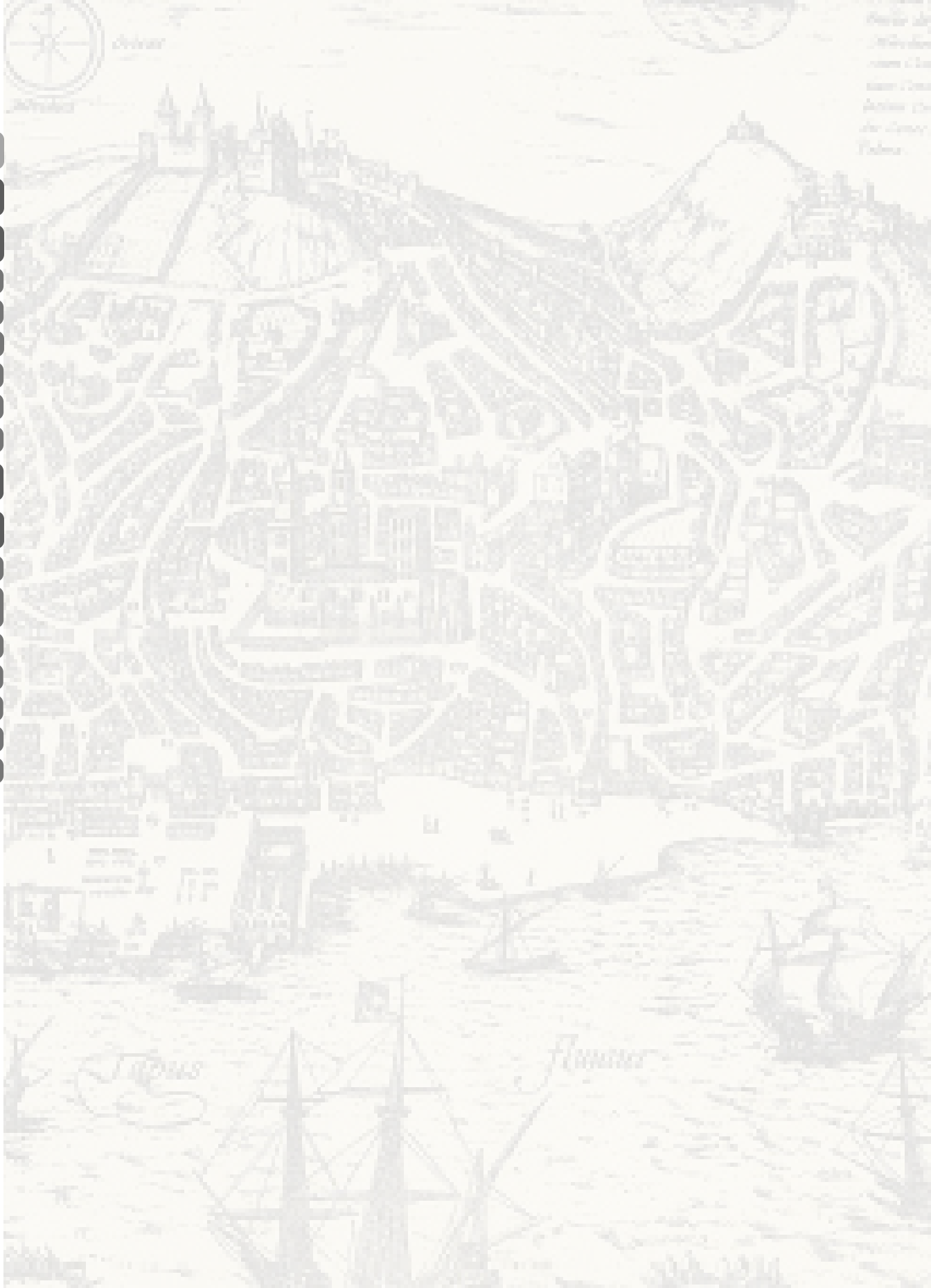
1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

IGREJAS E ERMIDAS DO PERÍODO DE 1147 A 1185

⊖ Ermida do Acampamento dos Ingleses [N ^a . S ^a . dos Mártires]	1147
⊖ Capela de N ^a . S ^a . da Enfermaria	1147 †
† Sé episcopal de Lisboa - provisória	1147 - 1150 †
† Sé episcopal de Lisboa - I - Fundação	c. 1150 → ✦
⊙ Ermida ou Igreja dos Santos Veríssimo, Máxima e Júlia	1148 (?)
⊙/♀ Igreja e Mosteiro de São Félix e Santo Adrião, em Chelas	1147
⊙ Ermida de S. Gens - I - às Olarias	1147 → 1243
♂/⊖ Igreja conventual e paroquial de São Vicente de Fora	1147 → 1582 7
⊖ Igreja paroquial de Nossa Senhora dos Mártires	1147 → 1755 † 7
⊖ Igreja paroquial de Santa Cruz da Alcáçova	1147 → 1755 #
⊖ Igreja paroquial de São Bartolomeu	ant. 1168 → 1755
⊖ Igreja de São Martinho	ant. 1168 → 1634 #
⊖ Igreja de São Jorge	ant. 1168 → 1755 †
⊖ Igreja de Santa Justa	ant. 1168 → 1755/1834
⊖ Igreja de Santa Maria Madalena	ant. 1164 → 1755 #
⊖ Igreja de São Miguel	1150? → 1673 #
⊙ Ermida de N ^a . S ^a . da Corredoura, ou N ^a . S ^a . da Escada	1150? → 1755/1834
⊙ Ermida e Recolhimento de São Salvador da Mata	séc. XII → ⊖
⊙ Ermida de Santa Catarina	séc. XII (?) → séc. XVI
⊖ Capela Real de São Miguel, na Alcáçova	séc. XII (?) → 1755
⊖ Capela de Albergaria	1154 → ?

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ ERMIDA DO ACAMPAMENTO DOS INGLESES [N^a. Senhora dos Mártires] ^{XXXVIII}

1147

Esta Ermida foi erguida no sítio onde assentou o acampamento dos Cruzados Ingleses que em 1147 auxiliaram D. Afonso Henriques na conquista da cidade de Lisboa aos Mouros. Situava-se no alto do morro fronteiro à cidade, no lado do poente, a que chamaram Monte Frágoso, depois Monte de São Francisco.

Vamos servir-nos das palavras de Frei Agostinho de Santa Maria (1707; tom. 1, 31 e ss):

“Alentado o santo e invicto rei D. Afonso Henriques com as grandes e gloriosas vitórias que o Céu lhe havia dado contra os inimigos da Cruz de Cristo, assentou consigo sitiar a grande e populosa cidade de Lisboa, cabeça e principal povoação do Reino Português. E como Príncipe tão santo e católico, que só atendia à maior honra e glória de Deus e ao dilatar a sua Fé, confiado em o mesmo Senhor que o havia de ajudar em semelhante empresa, ajuntou com grande diligência as suas gentes para este efeito. E o Senhor lhe mostrou logo o muito que se pagava dos seus piedosos intentos: porque, estando em Sintra, considerando o modo da sua expedição, todo perplexo por ser a empresa árdua, tanto como era expugnar uma cidade tão populosa e tão guarnecida de gente, além da muita que se lhe havia agregado assim de Santarém como de Leiria e outras terras, quando repentinamente se descobriu em o Mar

^{XXXVIII} A fundação da igreja de Nossa Senhora (dos Mártires) terá ocorrido no dia 21 de Novembro de 1147, a fazer fé numa desaparecida inscrição de S. Vicente de Fora (Barroca, 2000: 228; Fernandes, 2010: 81-82) e na relação umbilical que existiu entre estes dois templos. Ambos terão sido fundados no mesmo dia (assim sugere o texto do *Indiculum foundationis monasterii Sancti Vicentii*: 164-165) e destinados a mosteiros evocadores da memória dos cristãos (mártires) tombados no cerco à cidade de Lisboa. Uma outra informação constante do mesmo *Indiculum*...: 172, dá conta de uma festa realizada pelas forças cristãs em Outubro de 1147, pouco depois de conquistada a cidade, na qual se depreende que a capela estaria já construída (como afirma o cruzado R. no seu relato sobre a conquista da cidade - *De Expugnatione*..., ed.1989: 53-54). Estes dois textos medievais, os mais próximos cronologicamente dos acontecimentos de 1147, contêm outras incongruências. De acordo com o *Indiculum*...: 167, Nossa Senhora dos Mártires serviu de cemitério preferencial às comunidades francesa e colonesa (facto que motiva alguma estranheza, pelo facto de, logo nos primeiros anos de vida da cidade (re)conquistada, ser venerado em S. Vicente de Fora o mártir Henrique de Bona). Já o *De Expugnatione*...: 53-54 situa os flamengos e coloneses a Oriente (como seria mais natural) e os normandos e ingleses a Ocidente, restando os franceses sem menção especial. O patrocínio de D. Afonso Henriques para a sua construção, circunstância exaltada pelos cronistas da época moderna aqui recordados por Felicidade Alves, tem correspondência com o *Indiculum*...: 173. Neste relato, o monarca pretendeu assegurar a viabilidade dos dois mosteiros, antes de iniciar a construção da Sé Catedral. Acerca deste primitivo templo, que o bispo reservou para si, prescindindo, assim, da tutela sobre o mosteiro de S. Vicente de Fora (Cunha, 1642: 74v.), nenhum elemento material ou documental subsiste, para além da referência no *De Expugnatione*... acerca dos seus construtores: os francos - informação que, segundo Real, 1995a: 14, constitui a primeira referência à presença de normandos na arte românica portuguesa. Silva, 1994: 567, supôs que esta igreja tenha sido construída «no que é hoje o topo do Largo da Biblioteca e Escola das Belas Artes, ao cimo da Calçada de S. Francisco», sugestão desprovida de base arqueológica, mas fundamentada pelas informações de alguns cronistas (veja-se o que adiante se diz na nota CVIII).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Oceano uma muito grande e lustrosa armada, cujas naus vinham adornadas de bandeiras com cruzeiros vermelhas em campo branco. Entre a admiração e o alvoroço, mandou aos seus Capitães que reconhecessem a armada e a gente que trazia. Tiveram por resposta que vinha das partes do norte, e que era gente de guerra, que ia em socorro de Palestina, a pelejar contra os Mouros, que ofendiam aqueles santos lugares; e que o General da armada era Guillelmo de Longa Espada, irmão do Duque de Normandia e Rei de Inglaterra, em cuja companhia vinham muitos Príncipes e Cavaleiros.

Animadas as esperanças e os santos intentos do nosso Herói Português, lhes mandou rogar o quisessem ajudar em uma empresa tão santa, como a que ele intentava, que era sitiá-la e tomar Lisboa aos Mouros, porque se achava com pouca gente para os combates: porquanto os bárbaros se haviam fortificado nela e juntado as gentes que haviam escapado de Santarém e de outras muitas partes; e cria que nesta ocasião os trazia Deus para conseguirem deles uma grande vitória.

Como a embaixada era tão pia e tão justificada, aceitaram a ocasião e prometeram acompanhar El Rei, debaixo de algumas condições. Compunha-se a armada de 160 naus; e trazia 13.000 homens de peleja, fora a marinhagem.

Desembarcaram; e tomando por sua conta a parte oriental da cidade, assentaram nela o seu arraial.

Brandão na sua *Monarchia* (p. 3, l. 3) e Cardoso no seu *Agiolégio* (tomo 3º, pág. 223) dizem que, no tempo do sítio, fundara El Rei D. Afonso nesta parte a Igreja de N. Senhora dos Mártires, em louvor da mesma Senhora, para a obrigar a lhe dar a vitória contra os inimigos da Fé, e para nela se enterrarem os mortos que acabavam nos conflitos; e que este fora seu pio e católico fim.

E devia ser isto somente alguma capelinha, junto ao exército que se havia benzido, para sepultura dos mortos.

E como os Estrangeiros também eram muito devotos da Virgem Maria Nossa Senhora, se é que eles não deram o título à Casa, eles foram os que colocaram logo nela a Santa Imagem, porque eles a traziam de Inglaterra na sua armada, com outras imagens, como a de São Leonardo que ainda hoje se venera na Igreja Matriz da Vila de Atouguia; e algumas relíquias, como o afirma o nosso Fr. António da Purificação em a sua *Chronica* (p. I).

De sorte que (digamo-lo assim) a Senhora de Inglaterra veio com este socorro, para que El Rei D. Afonso restituísse aquela nobre povoação ao culto e à Fé de seu precioso Filho, do qual a haviam apartado os Mouros, em castigo dos pecados dos seus habitantes. E com esta soberana Auxiliadora, quem podia duvidar da vitória?

Com tanto zelo andava El Rei nesta matéria, que logo fez erigir assim esta Igreja, como a outra em o seu quartel, que ficava para o Oriente, fazendo voto de fundar assim neste como no outro lugar, dois Mosteiros, se Deus lhe desse vitória.

Assim esta Igreja da Senhora dos Mártires, como na outra que dedicou a Nossa Senhora e ao glorioso Mártir São Vicente, se celebravam os Divinos ofícios.

Qual fosse o primeiro título que a Santa Imagem tinha, não será fácil de saber. O dos Mártires se lhe pôs: porque, edificando-se a Igreja, para que nela se pudesse dar sepultura aos Cristãos (segundo o Rito da Igreja Católica) que em serviço da mesma igreja e em obséquio da Fé acabaram, julgando-se a estes tais por Mártires, se denominou dali por diante a Igreja com o título de Nossa Senhora dos Mártires.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

E com este mesmo título imposto à Santa Imagem, começou ela a ser venerada e buscada dos Cristãos e suas necessidades. Pio IV, na Bula que passou no ano de 1561 faz menção da Senhora dos Mártires e diz que a sua igreja fora fundada sobre o sangue dos mártires.

Em 21 de Outubro [de 1147], dia dedicado às Onze Mil Virgens, com as quais tinham assim os Estrangeiros como El Rei grande devoção, se deu um combate tão grande e porfiado, que não podendo já os Mouros sofrê-lo, se houveram de render. E em acção de graças por tão insigne vitória, e em que morreram dos Mouros duzentos mil, reconhecendo o piedoso Rei que a Senhora fora a sua benigna Auxiliadora, mandou continuar, ou dar principio às obras da Igreja e Convento de Nossa Senhora dos Mártires. Que logo erigiu em primeira freguesia D. Gilberto (a quem El Rei havia eleito Bispo de Lisboa).” (Versão modernizada extraída de Santa Maria, 1707: Tomo I, 31-34).

Em continuação desta Ermida, edificou-se a Primeira Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, de que damos notícia abaixo, em artigo específico.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fig. 3 - Acampamento do exército sitiador na conquista de Lisboa em 1147. Reprodução da gravura de Francisco Vieira Lusitano, junto ao ante rosto da obra *El Alfonso d'el Cavallero* de Don Francisco Botello de Morais y Vasconcellos (1716). Nela se mostra a cidade de Lisboa (ao Centro), o acampamento dos ingleses, aquitanos e bretões (à esquerda), o dos flamandeses e colonenses (à direita) e o arraial de D. Afonso Henriques (ao Norte), apud Castilho, 1935: vol. II, 112.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ CAPELA DE NOSSA SENHORA DA ENFERMARIA ^{XXXIX}

1147

Mencionamos esta capela apenas por ser o local onde, logo a seguir à Conquista de Lisboa, se iniciou a edificação da Igreja de São Vicente de Fora.

Junto de cada um dos dois acampamentos - a poente, no Monte Fragoso; a oriente, no campo que depois foi São Vicente - estabelecera o rei D. Afonso Henriques uma espécie de hospital de campanha, com uma enfermaria e um cemitério anexo. Na enfermaria, com seu altar ao topo, pôs-se uma imagem da Santíssima Virgem da Conceição, lavrada em pedra de Ançã, e que el-rei trazia sempre consigo.

Passou a chamar-se Nossa Senhora da Enfermaria.

Foi certamente desta capela que partiu, no dia 25 de Outubro de 1147, a soleníssima procissão de triunfo, que foi tomar posse simbólica do Castelo de Lisboa.

Ainda nos fins do século XVI, o papa Pio IV evocava esta capela, numa bula dirigida ao Rei D. Sebastião:

“Outrora...enquanto...Afonso, primeiro rei de Portugal, cercava a cidade de Lisboa ocupada pelos Sarracenos, construiu e fundou uma capela denominada sob a invocação da Bem-aventurada Mãe de Deus e sempre Virgem Maria da Enfermaria, fora dos muros antigos da dita cidade, em favor dos fiéis que no referido cerco e assalto da dita cidade eram feridos, ou por outro qualquer modo adoeciam, e para a tal capela eram levados, ou para tratamento, ou para sepultura...”

= “Olim, dum...Alphonsus, Rex Portugaliae primus civitatem Ulixbonam a Sarracenis occupatam obsideret, unam capellam sub invocationem Beatae Dei Genitricis semperque Virginis Mariae de Infermaria nuncupatam extra muros antiquos dictae civitatis, pro fidelibus, qui in ipsa obsidione et oppugnatione praedictae civitatis vulnerabantur, aut aliter infirmabantur, et obibant ibidem curandis et sepeliendis, construxerit et fundaverit...” (Santa Maria, 1668: Livro VIII, cap. II, nº 5 e 6 cit. por Castilho, 1935: vol. II, 220)

^{XXXIX} Também sobre a capela da Enfermaria as duas mais antigas crónicas sobre a cidade (re)conquistada veicularam tradições distintas. O templo foi mencionado no *De Expugnatione...* (ed. 1989: 53-54), mas está ausente no *Indiculum* (Fernandes, 2010: 100). Cunha e Ferreira, 1998: 17 atribuíram ao «complexo religioso» de S. Vicente de Fora uma primeira vocação assistencial. E, de facto, a primeira menção a uma enfermaria no sítio de S. Vicente datará do Verão de 1147, a crer que as duas igrejas construídas pelos francos, a Ocidente e Oriente da cidade, tinham também esse carácter assistencial e não serviam apenas para sepultura dos cristãos caídos em combate. Santa Maria (1707: vol. I, 38-44) informou que a esta enfermaria vicentina deixou D. Afonso Henriques uma imagem de Nossa Senhora, escultura de «vulto, de pedra de Ançã», que o rei «trazia sempre consigo no exercito, & a punha na tenda de campo dos doentes, & feridos, que seruia de enfermaria». Tratava-se de uma imagem de Nossa Senhora, mas não, certamente, da Conceição. O autor tê-la-á ainda visto, num dos altares do transepto da igreja filipina consagrado ao Purgatório. A primitiva enfermaria de campanha terá dado lugar ao hospital regente, embora não existam dados que comprovem uma linha de continuidade entre estes dois espaços. O hospital só aparece documentado na década de 80 do século XII, durante o priorado de D. Paio (1172-1205).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

† **A SÉ EPISCOPAL DE LISBOA (PROVISÓRIA)** ^{XL}

1147 → 1150 (?)

1. Conquistada Lisboa aos Mouros (1147), a mesquita moura foi “restituída” ao culto cristão, depois de “purificada”. Sobre isso temos o testemunho formal e presencial do cruzado que escreveu a Osberno:

“Die vero que omnium memoria sanctorum [1º de Novembro] celebratur, ad laudem et honorem nominis Christi et sanctissimae eius genetricis purificatum est templum ab archiepiscopo et coepiscopis quatuor, et reparatur inibi sedes episcopatus.” (Herculano, 1861: Vol.I, fasc. III, 405).

Ou seja: “No dia em que se celebra a memória de todos os Santos [1º de Novembro de 1147] foi purificado o templo [mourisco] em louvor e honra do nome de Cristo e do de sua mãe santíssima, pelo arcebispo e pelos quatro bispos concelebrantes; e é aí reposta a sede do episcopado [ou: é aí restaurada a Sé episcopal].”

O arcebispo era o de Braga; os bispos eram o do Porto, o de Lamego, o de Viseu, e o novo bispo de Lisboa, D. Gilberto.

Este aproveitamento imediato da mesquita moura para Sé episcopal é corroborado directa ou indirectamente por diversos autores.

Frei António Brandão, apesar de transcrever um testemunho que atribui a feitura da Sé a Afonso Henriques, não deixa de acrescentar: “o modo antigo da construção persuade ter sido mesquita de mouros” [de facto, nós teremos de corrigir: nada na construção o demonstra...].

António Pais Viegas, posto opinar que Afonso Henriques fundou a Igreja Maior, noutra parte escreve: sagrou a mesquita.

Jorge Cardoso, sem embargo das autoridades contrárias, repete: sagrou a mesquita.

D. Nicolau de Santa Maria diz: “restituiu à igreja principal da cidade a dignidade episcopal.”

E. Garibay afirma: “fez catedral a mesquita.”

(Castilho, 1936: vol. V, 156)

2. Parece que temos sólidos argumentos para construir o cenário. Achava-se a mesquita grande, pelos destroços da guerra inteiramente obstruída com quase duzentos cadáveres e mais de oitocentos feridos. Nos dias que decorreram entre a procissão da vitória (25 de

^{XL} Veja-se o que se diz na nota I. No estado actual da investigação, não é possível saber-se o que ocorreu com a “mesquita-futura-Sé” entre 1147 e 1150. Os relatos imaginativos e românticos recolhidos por Felicidade Alves foram fruto de um momento historiográfico específico, mas não possuem credibilidade suficiente para continuar a ser admitidos. Supõe-se que a mesquita terá sido “purificada” e que, até estar viabilizada a subsistência dos mosteiros de S. Vicente e dos Mártires, nenhuma obra tenha sido realizada. Mas é impossível, para já, saber quando terá ocorrido o arranque do projecto românico que ainda hoje subsiste parcialmente na Sé lisboeta. Como indica Felicidade Alves, na entrada sobre a Sé românica (nota XLI), é muito provável que o empreendimento tenha arrancado ao redor de 1150. Acrescento, apenas como dado de reflexão, que 1150 foi a data em que se constituiu o cabido diocesano.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Outubro) e a consagração da mesma mesquita ao novo culto, limpou-se todo o recinto, “purificou-se” [no sentido litúrgico: exorcizou-se...], preparou-se [certamente, com panejamentos, plantas ou flores, móveis...] e adereçou-se quanto possível para a sua dedicação oficial ao Deus dos cristãos. Citando as palavras de Coelho Gasco (Castilho, 1936: vol. V, 167):

“Tanto que se alimpou a mesquita d’esta cidade, que agora é a see cathedral della, ce-llebrou o sancto rey D. Affonso, hua grande, e solemne procissão com muyta cleregia e Bispos; indo todos vestidos de ricas capas, de flores e boninas coroados, indo elrey em pessoa nella, com a mais victoriosa gente, assim de cavallo como de pé; iam todos postos em sua ordem militar, com suas lustrosas e victoriosas bandeiras alevantadas, e com as muitas que alcançaram dos moiros arrastadas, e levadas pelos mais honrados captivos que n’esta gloriosa empresa tomaram. Acompanhavam também a tal solemne procissão os soldados estrangeiros, e fidalgos de Mon-sieur Guilherme de Longa espada, seu capitão general, D. Childe Rolim, D. Liberche, e D. Liguel, e outros muitos grades senhores d’elle, e capitães, com muitas trobetas, saca-buxas, e atabales; e entraram com grande pompa na mesquita maior, e logo pelos Bispos, com muitas lágrimas, e de mais povo, foi consagrada e dedicada à Virgem Sacratíssima Senhora Nossa.”

Júlio de Castilho, que cita as palavras referidas, comenta com emoção:

“Que acto e que festividade!

Estou a ver o edifício velho, insultado e roto ainda das balistas, mas adornado outra vez do símbolo cristão na sua tisonada frente.

A mesquita muçulmana, como que atónita, e mal feita às galas do culto novo, que lhe reveste de sedas, brocados e ouro, as arcarias de volta inteira, e os azulejos multicores, ao ouvir de novo ressoar na sua abóbada o cantochão da liturgia católica, e a entusiástica poesia, tão nobre e tão alta, do hino *Te Deum laudamus*, regurgita de povo, que lhe apinha as serven-tias até à Porta do Ferro.

Terrível é este lugar; é esta a casa de Deus, e a porta do céu - brada a igreja com as suas frases às vezes clangorosas como a trombeta do juízo final”.

(Castilho, 1936: vol. V, 162)

3. E no entanto... hoje nada subsiste à vista que possa servir de apoio à existência da antiga mesquita moura no arcaboço da Sé de Lisboa. Nada!

Que terá sido feito no tempo de Afonso Henriques, depois da purificação da mesquita?

A única hipótese coerente e lógica é a que formularemos no artigo dedicado (a seguir) à Sé definitiva, e que resumimos desde já:

Embora sem base documental, pode formular-se como verosímil a hipótese de que, após um período indeterminado mas breve, a igreja “purificada” e agora de novo sede epis-copal tivesse sido radicalmente reedificada sob a responsabilidade arquitectónica de algum “mestre” normando, cavaleiro cruzado vindo na companhia do clérigo inglês Gilberto Has-tings, que veio a ser o primeiro bispo de Lisboa nesta nova série episcopal posterior à re-conquista cristã. Esta operação teria sido executada à volta do ano de 1150, e o estilo seria o predominante na época, românico do último período.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

† **A SÉ DE LISBOA** ^{XLI} **FUNDAÇÃO: SÉCULO XII [C. 1150]** → ✧**Fundação: século XII [c. 1150]** → ✧

1. Este venerando edifício goza de algumas características que lhe asseguram um perfil ímpar:

- É incontestavelmente o edifício mais antigo da cidade, excluindo os troços que ainda restam da muralha da Cerca Moura.

- Situa-se num sítio consagrado por uma longa tradição de local sagrado: no tempo dos Romanos foi ali um templo consagrado ao Sol (ou a Augusto, ou a Roma...) e aquele espaço integrava o *forum* do Município; ali existiu uma catedral visigótica, de que restam alguns vestígios de pedras incrustadas nas paredes; e era ali a Mesquita principal dos Mouros, até à conquista de Lisboa em 1147.

Todavia, não é um edifício de remota antiguidade, como por notáveis autores chegou a ser afirmado, havendo até quem o tenha comparado a Santa Sofia de Constantinopla, ou identificado com a mesquita moura. O certo é que não se encontrou nunca na Sé o menor vestígio de construção bizantina ou mourisca. “Se acaso qualquer fragmento dessas arquiteturas existe, deve estar a muitos palmos abaixo do actual terreno, possivelmente no mesmo local em que outro edifício religioso aí tivesse sido construído” (Arqº. António do Couto em Castilho, 1936: vol. V, 132).

A Sé é do último período românico, apesar de nela ainda se encontrarem formas e pormenores da melhor época deste estilo, como nas arquivoltas e capitéis da entrada principal, nos pilares das naves, nos pilares, arquivoltas e abóbadas do transepto, no trifório, na abóbada e torre do cruzeiro, nas frestas das naves laterais, nos vãos da entrada do trifório, nas janelas das fachadas laterais e nos vãos simples e geminados das janelas do transepto. (Arqº. António do Couto). Mas junto a estes elementos, sem a menor dúvida ainda de expressão românica, aparecem outros em que a forma e o pormenor pertencem já ao estilo de transição (Castilho, 1936: vol. V, 134-138).

“A igreja da Sé (...) é construção realizada após a conquista de Lisboa, convencendo-me ter sido seu traçador (...) algum monge normando que acompanhasse os cruzados, como era de uso; e que D. Gilberto, 1º bispo de Lisboa [reconquistada], e inglês de origem, conhecendo-o, o tivesse indicado a D. Afonso Henriques como arquitecto competente para criar obra de vulto, visto os caracteres que apresenta este monumento se assemelharem aos da escola da Normandia, uma das escolas em que se divide o estilo românico”. (Arqº. António do Couto em Castilho, 1936: vol. V, 140)

^{XLI} A construção da catedral lisboeta foi um processo que demorou certamente mais de meio século, embora a marcha das obras seja ainda objecto de discussão. Crê-se que a década de 70 tenha sido um dos períodos de maior laboração, altura em que se encontra documentado, em Lisboa e em Coimbra, Mestre Roberto, arquitecto de presumível formação normanda, cujos passos foram estudados por Real, 1974: 209-266. A conclusão ocorreu apenas nos inícios do século XIII (Real, 1987: 535), razão da ampla e já goticizante rosácea, e do carácter proto-gótico dos capitéis do portal principal (Fernandes, 2007). É, todavia, admissível que o projecto arquitectónico ocidental estivesse já em fase de construção no final do século XII, época a que correspondem, pelo menos, três inscrições funerárias de membros do cabido diocesano associadas à fachada ocidental (Barroca, 2000, vol. II: 574-577).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

2. Para sermos rigorosos, devemos reconhecer que podemos detectar duas versões (aparentemente) contraditórias acerca da origem da Sé de Lisboa.

Uma versão considera que a Sé de Lisboa tivesse sido antes, e até ao tempo da conquista cristã, mesquita de Mouros; e que na altura da conquista da cidade em 1147, o templo foi purificado e nele se restabeleceu a Sé episcopal. Esta tese apoia-se nos testemunhos alegados no anterior artigo sobre a sede provisória da catedral olissiponense.

Outra versão parece ignorar a anterior mesquita moura e vê na Sé de Lisboa uma edificação nova do primeiro soberano português. Aduzem os testemunhos:

- de Acenheiro, que diz positivamente: Fez (el-rei D. Afonso) a sée de Lisboa;
- do Livro Velho da mesma Sé, que diz: Ecclesiae ... existit fundator et fautor (= da Igreja... foi ele o fundador e o protector);
- do chanfre Estêvão, muito antigo, que diz: Ecclesiam quam ipse ... constituit ... manueque propria sumptuque fundatam edificavit (= a igreja que ele ... constituiu ... e por mão própria e a expensas suas fundada erigiu). Palavras que o excelente latinista D. Rodrigo da Cunha: egreja, que o rei de seus próprios fundamentos levantara.

- a Chronica de S. Vicente, paráfrase do Judicium, põe na boca de el-rei estas palavras: Bispo, eu edifiquei em esta cidade dois mosteiros. Não menciona a fundação da Sé, apesar de ser uma catedral. Mas mais adiante diz: Depois que esto houver feito... quero logo partir [repartir?] com a igreja cathedral, que há de ser em esta cidade de Lisboa, etc.

- a mesma Chronica diz pela boca do Soberano: Ora nos é cumpridoiro de avermos de tornar ao serviço de Deus, e fazer em esta nobre cidade igreja cathedral, e enlegermos bispo e pastor (Castilho, 1936: vol. V, 154-155).

3. Esta discrepância revela-se apenas aparente, se admitirmos que os testemunhos visam dois momentos: o primeiro, imediato à conquista de Lisboa, em que o Soberano não fundou a Sé, mas apenas instalou a Sé episcopal no edifício purificado da mesquita; o segundo, mais tarde, em que o soberano procedeu à fundação de raiz da Sé de Lisboa.

Assim advertiu já o Dr. Augusto Felipe Simões: “A narração do cruzado [que relata a purificação da mesquita] somente (...) prova, que na mesquita se restabeleceu em princípio a Sé. A observação diz-nos com toda a evidência que, se a primeira ocupava o mesmo lugar, foi totalmente destruída, para talvez com os seus próprios materiais se construir um templo cristão.” (Simões, 1870: 23, col. 2º citado por Castilho, 1936: vol. V, 159).

Que a mesquita fosse totalmente destruída, não é inverosímil nem inédito. Que com os materiais de demolição se tivesse construído a igreja actual, isso é que parece improvável, pois que nunca apareceram quaisquer traços do estilo mourisco.

Visto que (1) nada subsiste à vista que documente a existência da anterior mesquita moura; (2) visto também que são irrecusáveis os testemunhos de ter sido a mesquita adaptada ao uso de sé episcopal; (3) visto finalmente que o monumento actual é indubitavelmente construção românica do último período: pode formular-se como hipótese verosímil, senão óbvia, que, após um período indeterminado mas breve (?) a igreja “purificada”, e agora de novo sede episcopal, tivesse sido radicalmente destruída e em seu lugar levantada dos

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

seus próprios fundamentos uma nova igreja, sob a responsabilidade arquitectónica de algum “mestre” normando, cavaleiro cruzado vindo na companhia do clérigo inglês Gilberto Hastings, que veio a ser o primeiro bispo de Lisboa nesta nova série episcopal posterior à reconquista cristã.

Esta operação teria sido executada à volta do ano de 1150 (?).

O estilo seria, evidentemente, o predominante na época: o românico do último período, da escola da Normandia.

4. Períodos no desenvolvimento da Sé de Lisboa

Baseando-se em documentos, ou pelo exame de trechos arquitectónicos, ou por conjecturas plausíveis, o engenheiro Augusto Vieira da Silva classificou os períodos de maior ou menor intensidade de obras no edifício da Sé, que correspondem a modificações características (Vd. anotações do engº. A. Vieira da Silva em Castilho, 1936: vol. V, 17-35).

Com algumas alterações, os períodos serão os seguintes:

1º. Século XII, posteriormente a 1147, no reinado de D. Afonso Henriques; e nos fins do século XII ou princípios do séc. XIII.

2º. Fins do século XIII e princípios do século XIV: reinado do rei D. Dinis (1279 a 1325).

3º. Princípios do século XIV até aos fins do século XV: reinado de D. Afonso IV até ao governo do arcebispo D. Jorge da Costa (1464-1500)

4º. Meados do século XVI: governo do arcebispo D. Fernando de Vasconcelos (1540 a 1564).

5º. Século XVII: desde o governo do arcebispo D. Afonso Furtado de Mendonça (1627 a 1630) até ao cardeal-arcebispo D. Luís de Sousa (1676 a 1702).

6º. Primeira metade do século XVIII: reinado de D. João V.

7º. Segunda metade do século XVIII: o período do terramoto de 1755 e anos subsequentes.

8º. Século XIX: fases de demolição e restauros.

9º. Século XX: obras de reintegração.

5. Análise do que resta do período inicial da fundação da Sé românica (c. 1150) e primeiros acrescentamentos (fins do século XII)

No reinado de D. Afonso Henriques foi construída a igreja da Sé, em estilo românico. Construiu-se também a muralha do seu recinto.

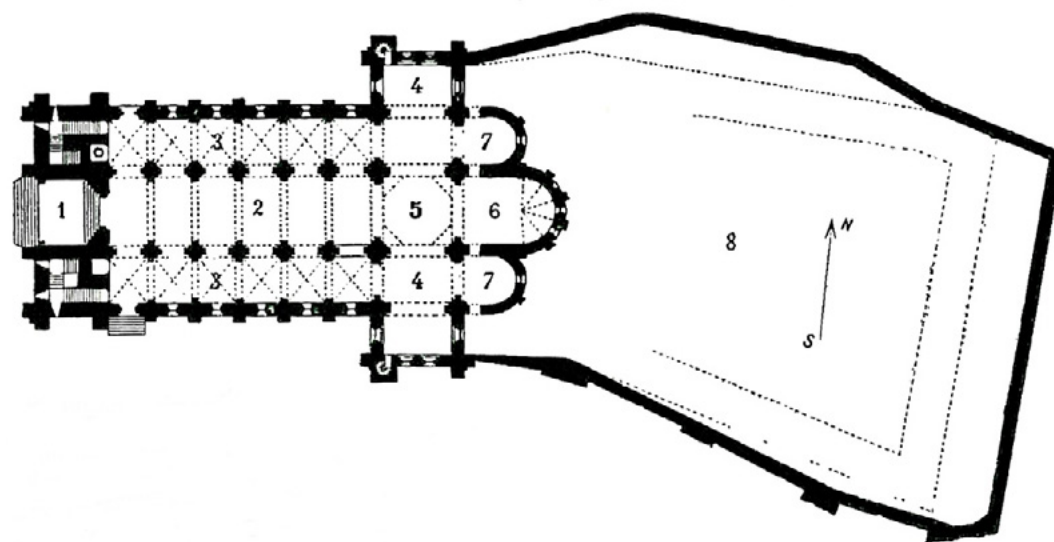


Fig. 4 - Planta da Sé na época de D. Afonso Henriques (2ª metade do séc. XII).
Reconstituição conjectural, in Castilho, 1936: Vol. V, 23.

São dessa época:

1. O átrio, galilé ou nártex
2. A nave central
3. As duas naves laterais
4. Os braços do transepto
5. O cruzeiro
6. A abside e os dois absidiólos (7) que foram modificados no século XIV.

Não consta da existência então de qualquer claustro, mas apenas de um vasto pátio (8). E também não havia quaisquer construções adossadas exteriormente ao lado norte da igreja.

Nos fins do século XII ou princípios do século XIII, construíram-se os corpos de edifício anexados exteriormente à igreja, na sua frente norte, desde o braço do transepto até à porta lateral norte da igreja. Estas construções eram parte em estilo românico e parte em estilo gótico.

Menciona-se um acontecimento memorável: em 1195, Santo António foi baptizado na igreja da Sé.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ANEXO

Leal, 1874: vol. 4, 218-221 dá uma notícia muito interessante sobre a Sé Patriarchal, que se transcreve:

Sé Patriarchal

É este incontestavelmente o mais antigo edificio religioso de Lisboa, e mesmo um dos mais antigos do reino. A sua fundação, envolvida em fabulas ou hypotheses, não se sabe hoje datar com certeza.

Não se pôde sustentar que existisse até ao anno 306 de Jesus Christo, porque, sendo, desde o ano 290, imperador, o cruel Diocleciano, implacavel perseguidor dos christãos, e escolhendo para consul da Luzitania o feroz Daciano, este fez correr torrentes de sangue dos martyres christãos e não havia nem podia haver um templo consagrado ao Deus verdadeiro. Os christãos, para se reunirem, orarem e celebrarem os officios divinos, se escondiam em cavernas ou no mais intrincado dos bosques.

Foi só no anno 306 de Jesus Christo, que o filho de Santa Helena, Constantino Magno, foi elevado ao throno imperial, e que o christianismo respirou e principiou a florescer desassombrado, construindo publicamente e sem temor de perseguições, as suas egrejas e mosteiros.

Dizem alguns escriptores antigos que S. Manços, discipulo dos apostolos, foi o primeiro que em Lisboa prégou o Evangelho, entre os anos 50 e 70 de Jesus Christo, e que foi o primeiro bispo desta cidade; mas celebrava os officios divinos no subterraneo da casa de uma senhora lusitana, christan e virtuosa.

A S. Manços seguiu-se S. Gens, que foi martyrizado pelos romanos no monte que depois, por isso, tomou o seu nome, e onde hoje está a linda ermida do *Monte*, à Graça.

Estes mesmo dizem que, vindo Constantino Magno á Luzitania, lançara os fundamentos á Sé de Lisboa, pelos annos 310 de Jesus Christo.

Nada sabemos do que occorreu nesta egreja durante o dominio dos alanos, que eram herejes (arianos) mas tambem não consta que elles destruissem ou profanassem este templo.

Reunido em 585 o imperio gothico, por Leovigildo, não podiam prosperar os templos catholicos, porque este rei era tambem ariano, apesar de serem christãos quasi todos os povos da Peninsula, e foi mesmo perseguidor dos bispos e dos varões mais respeitáveis em letras e virtudes, não poupando seu filho Hermenigildo, que mandou assassinar, por ser christão.

Felizmente para o christianismo, este usurpador feliz apenas foi soberano da península ibérica pouco mais de um anno, succedendo-lhe no throno, seu filho Flavio Recaredo; que horrorizado pelas crueldades de seu pae, e commovido pelos santos exemplos de seu irmão Santo Herminigildo, martyr, abjurou o arianismo; sendo instruído em todos os mysterios da nossa santa fé por S. Leandro, bispo de Sevilha.

O novo rei tratou de arreigar a religião catholica nos seus vastos dominios, não só fundando egrejas e mosteiros, mas também convocando concílios e prégando elle mesmo o Evangelho, de que foi um apostolo incansavel.

É de supor que no tempo d'este monarcha a Sé lisbonense fosse reparada e ampliada.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Em 715 Muça e Tarik, chefes ou emires arabs, se apossaram de Lisboa e de toda a Lusitânia, como se haviam apossado de toda a Hespanha; principiando por saquear, destruir e incendiar varias egrejas e mosteiros, assassinando ou captivando seus moradores.

Reconhecendo, porém, passado o primeiro impulso da invasão, que faziam melhor *negocio* em conservar os templos e conventos christãos, lhes concederam o pleno e publico uso do seu culto, mediante certos tributos.

Parece porém que expulsaram da Sé lisbonense os ministros christãos, transformando o templo em mesquita árabe, tornando-a muito mais vasta e embellezando-a muito.

É certo que hoje alli se vêem nas pedras de seus muros, caracteres arabs, marcando os seus respectivos logares; e que outros muitos vestígios nos provam que o cinzel dos *filhos d'Allah*, aqui trabalhou por muitos anos.

D. Fruela I, rei de Oviedo, resgatando Lisboa do poder dos mouros, em 753, decerto não teve tempo de purificar a Sé, porque foi logo atacado por *Abd-el-Raman*, tendo de lhe abandonar a cidade.

Por muitas vezes foi Lisboa resgatada e perdida pelos christãos, sem proveito nenhum para a religião, em razão do pouco tempo da occupação dos christãos.

No anno 800, D. Affonso, o *casto*, filho d'aquelle D. Fruela, que era rei das Asturias e Galliza, tomou Lisboa d'assalto, purificando e sagrando a Sé (único templo christão que consta aqui haver n'esse tempo) e aqui se celebraram os officios divinos por espaço de 11 annos, até que em 811, Ali-Aton, rei ou *kalifa* de Córdoba, reconquistou Lisboa.

Tornou pois este templo a ser convertido em mesquita arabe, até á tomada de Lisboa por D. Affonso I, em 21 de outubro de 1147.

Não se pôde dizer com certeza qual era a primitiva invocação d'esta egreja; mas supõe-se que foi desde o seu principio dedicada á Virgem Santíssima. É certo que sob essa invocação foi purificada e sagrada pelo bispo D. Gilberto (de nação inglez, e que vinha na esquadra dos cruzados) logo depois da tomada de Lisboa.

A sua invocação foi então de Santa Maria Maior ou Nossa Senhora da Assumpção, a cujo mysterio todas as Sés portuguezas são dedicadas.

D. Affonso Henriques tambem então mandou reparar e ampliar o templo e o mandou prover de vasos sagrados e de todas as alfaiaes e paramentos necessarios ao culto divino.

D. Sancho I aqui mandou fazer varias obras em 1192.

Os terramotos de 1334, 1344 e 1356, tambem damnificaram muito o templo da Sé e suas dependencias, o que foi logo reparado; o que mais prejuizos causou foi o de de 1344. D. Affonso IV mandou então reedifcar a capella-mór, quasi desde os fundamentos.

A frente principal foi reconstruida por D. Fernando I, pelos annos de 1380, e ficou no estado em que ainda hoje se vê.

Quando este edificio mais soffreu foi pelo terramoto de 1755, pois que foram precisos 26 annos de ininterrompidos trabalhos para se repararem os damnos que o terramoto causou, concluindo-se as obras de reparação em 1781.

Em 1860 se principiaram na egreja varias obras para o seu reparo e aformoseamento, que terminaram em 1864; mas diga-se a verdade —se este magestosissimo templo, com os novos arrebiques, ganhou muito em belleza, perdeu muito mais ainda em magestade; pois incutiam bem mais respeito suas columnas e abobadas cujos marmores mostravam a sua severa e veneranda antiguidade, do que a camada de gesso sarapintado com que a mascararam:

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

N'esta egreja está o corpo de S. Vicente, martyr, padroeiro da cidade de Lisboa; tam-
bem aqui jazem D. Affonso IV, sua mulher, a rainha D. Brites, a infanta D. Beatriz e outras
muitas pessoas notaveis.

Apesar das transformações porque tem passado este edificio, e da irregularidade e he-
terogeneidade das varias obras que se lhe tem adicionado, sem por isso tem perdido na sua
maxima parte, os signaes evidentes da sua respeitavel vetustez.

A Sé de Lisboa foi no seu principio suffraganea da metropolitana de Merida. Depois,
passou a ser metropolita o arcebispo primaz de Braga; mas D. João I a fez Sé metropolitana,
em 1290, por breve apostolico do papa Nicolau IV, sendo seu primeiro arcebispo, D. João I (o
Cavalleiro) natural d'esta cidade; que está sepultado em uma arca de pedra na mesma Sé, na
capella de S. Sebastião.

O cabido da Sé foi instituido em 1150. D. João V lhe mudou o titulo de *Cathedral* em
Basilica de Santa Maria Maior, creando-a dignidade patriarchal, em 1716, por bulla do papa
Clemente XI; sendo seu primeiro arcebispo, D. Thomaz de Almeida, irmão do primeiro mar-
quez do Lavradio, que ainda então era só conde de Avintes.

Foi n'este anno que o rei dividiu Lisboa em *Oriental* e *Occidental*, sendo a Oriental feita
arcebispado e a Occidental patriarchado. Esta divisão apenas durou 25 annos, pois logo no 1º
de setembro de 1741, por bulla do papa Benedicto XIV, impetrada pelo mesmo soberano, foi
supprimido o arcebispado, ficando sómente a Sé patriarchal.

[...] Na sacristia da Sé ainda existem fragmentos das columnas do templo primitivo.
Em uma das capellas da Sé está o tumulo de um *Bartholomeu Johannes*, cuja grosseira effigie
descansa em velha e grosseira pedra. Não se sabe quem é.

Na entrada de um dos claustros está uma cadeira de pedra, com as armas de Portugal
no encosto. Parece obra do tempo do rei D. Manuel, ou pouco anterior. Tem a data de 1626;
mas de certo é a da sua mudança para este logar, porque então, estando nós sob o jugo omi-
noso dos Philippes, as armas portuguezas formavam apenas um escudo no centro das de
Castella.

No portico da egreja estão embebidas nas paredes lateraes duas pedras, cada uma com
a sua inscripção, commemorando a entrada de Lisboa por D. Affonso Henriques. A da direita
(de quem entra) é de caracteres gothicos, e no latim barbaro d'esses tempos. A da esquerda, é
a sua traducção em caracteres romanos. Diz:

TUNC ANNI DOMINI CUM C. M. NOTANTUR
CUNQUE QUATER DENIS IIII ADQUE TRIBUS
CUM PER CHRISTICOLAS EST URBS ULIXBONA CAPTA

ET PER EOS FIDEI REDDITA CATHOLICAE
AERA MILENA FUT HOC DECIESQUE VIGENA
VB DECEM OCTOBRIS IN CHRISPINII FESTO.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ESTES VERSOS LATINOS, QUE ESTÃO NA PEDRA
FRONTEIRA, SE TRADUZIRAM NO ANNO DE 1654.
CONTEM COMO ESTA CIDADE FOI TOMADA
AOS MOUROS, NO ANNO DE 1147, DIA DE
S. CHRISPIM

Já se vê pelas cinco linhas inferiores d'esta inscripção, que em 1654 se não entenderam com o latim barbaro da primeira, decifrando apenas o principal.

Tambem me não entendo com ella, e ainda menos com o modo de contar a data. — O que apenas posso colligir, é que — *Era no anno do Senhor que então se contava 1147 (?) quando por um pequeno numero de christãos foi tomada a cidade de Lisboa e restituida á fé catholica. Isto aconteceu no dia da festa de S. Chrispim.*

A pia baptismal que existe na Sé, ainda é a em que foi baptisado, em 22 de agosto de 1195, o famoso Santo António de Lisboa, que nascera junto a esta egreja, nas casas hoje convertidas em templo (de que trataremos no logar competente). Era filho de Martim de Bulhões e Thereza de Azevedo. (A sua biographia vae junto com as das outras celebridades de Lisboa.)

N'esta mesma pia foi baptisado, em 6 de fevereiro de 1608, o grande padre Antonio Vieira, um dos nossos primeiros classicos e o principe dos oradores sagrados e profanos de Portugal. Era filho de Christovão Vieira Ravasco e de D. Maria de Azevedo. (A sua biographia também vae adiante).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Refere ainda (Leal, 1874: vol. 4, 361-362):

“[...] Com os terramotos de 1344, 1356, 1373 e 1755, que todos mais ou menos desmantelaram este antigo templo, e com as suas reparações, e reconstrucções que depois d'elles se lhes fizeram, tem-se alterado muito em varias partes a ordem da sua primitiva architectura, meia ara-be, e meia gothica.

Antes do terramoto de 1755, as duas torres da frontaria eram coroadas por altos corucheus, que então cahiram. Vê-se isto por uma estampa que vem no livro — *La galerie agréable du monde*, impresso em Leyden, em 1729 — e pela estampa que vem a pag. 240 do volume do *Archivo Pittoresco*, que representa Lisboa no seculo XVI.

O antigo sino da Sé tinha de altura até às *presilhas*, sete palmos e uma e meia pollegada (1m,58) — de diametro, pela parte interior, 8 palmos e uma e meia pollegadas (1m,80) e pela exterior 24 e meio palmos (5m,39). Era cercado por tres circulos de letras gothicas, e nos vãos que ficavam entre os letreiros tinha diversos escudos d'armas e alguns sellos.

O letreiro superior dizia:

SXB. MTANIPANA: DICUNTUR: COMODA: SANA:
LAUDO: DEUM: VERUM: VOCO; POPULUM: CON-
GREGO: CLERUM: DEFUNCTOS: PLORO: SATHAM:
FUGO: FESTA: DE: CORO:

O do centro, dizia:

ANGELE: QUI: MEUS: ES: CUSTOS: PIETATE:
SUPERNA: ME: TIBI: COMISSUM: SALVA: DEFEN-
DE: GUBERNA: MENTEM: SANCTAM: SPONTA-
NEAM: HONOREM: DEO: ET: PATRIA'. LIBERA-
TIONEM:

O inferior dizia:

EM NA ERA DE: MIL: III: CCC: E: XV: ANNOS:
FOI: . FEITO: ESTE: SINO: DO RELOGIO: MUI:
NOB: CIDADE: DE LISBOA: POR: MANDADO: DO :
MUY'. NOBRE: REY: DOM: FERNANDO: DE: POR-
TUGAL. ET': DO: MUITO: HONRADO: CABIDO DA
DITA: CIDADE: DE: LISBOA: X DOS HOMES BOOS:
DAETA CIDADE: MARTRE: JOHAM: FRANCES: ME:
FEZ :

Este sino foi destruido pelo terramoto de 1755.

Note-se que a era da terceira inscrição está errada, pois é a de 1315, quando devia ser a de 1415, que é o anno de Jesus Christo 1377. (D. Fernando principiou a reinar em 18 de janeiro de 1367, e falleceu em 22 de outubro de 1383.)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Em 1748, mandou D. João V, collocar ná torre do lado direito, pelo architecto Antonio Canevari, um grande relógio, chamado *da cidade*, que também o terramoto seguinte aniquilou.

A igreja era interiormente de forma ogival, sustentada por duas ordens de columnas, formando (como hoje) tres naves. Tinha de comprido, desde a porta principal até ao altar-mór, 264 palmos (58m,8) e de largo 96 palmos (21m,12). O cruzeiro era coroado por uma cúpula, que, desde o pavimento até á extremidade superior, media 120 palmos d'altura (26m,40).”

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

◉ ERMIDA, OU IGREJA DOS SANTOS MÁRTIRES, VERÍSSIMO, MÁXIMA E JÚLIA^{XLII}

Século XII [1148 ?]

1. Já em obra anterior, *Edifícios Religiosos de Lisboa, anteriores a 1147*, se abordou o testemunho dos Martirológios sobre a “paixão” dos Três Santos Irmãos, Veríssimo, Máxima e Júlia, naturais de Lisboa e aqui supliciados no início do século IV (?)¹. Seus corpos, arrojados à praia que depois e até hoje se chama de “Santos”, aí foram sepultados pelos cristãos; e ali se edificou um memorial e ermida, o mais antigo templo cristão de Lisboa, de que há memória. Existente sob o domínio visigótico, foi depois arrasado pelos Mouros. Os cruzados que em 1147 colaboraram com D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa aos Mouros depararam com o templo completamente arrasado (*soletenus* = até aos alicerces); dele apenas restavam “três pedras como lembrança da sua destruição, as quais nunca dali puderam ser retiradas”, que tanto podiam ser altares como sepulturas: assim informa a *Carta de Osberno* (ed. 1989: 35).

2. Efectuada a Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147, D. Afonso Henriques teve a notícia do que havia acontecido há quase 850 anos com o martírio dos Três Irmãos oriundos de Lisboa. Mandou o Rei mandar levantar um templo dedicado aos Três Santos Irmãos Mártires: não se tratou de restauro (pois o templo fora arrasado totalmente), mas de nova construção. E como se sabia apenas confusamente qual o sítio onde se presumia que estavam enterrados os mártires, e não se dispuseram a proceder então a novas escavações, o templo votivo foi erguido “por ali” (Vd. Cunha, 1642: fl. 40).

^{XLII} O sítio peri-urbano de Santos é um dos locais de maior ancestralidade religiosa. Aquando do cerco e conquista de 1147, o cruzado R., autor da crónica da conquista da cidade, mencionou o arruinado templo, construído em memória dos três mártires cristãos lisboetas, mortos nas perseguições de Diocleciano de inícios do século IV (ed.1989: 35). Do local procede uma pedra decorada (encontrada em 1965, segundo Almeida, 1966-67: 228-229), de provável cronologia moçárabe (Real, 1995: 54), que se conserva no Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa (Fernandes e Fernandes, 2014: 225-243). O templo teria estado activo durante a maior parte do domínio nominal islâmico, tendo sido destruído apenas no século XI, durante a vaga de intolerância almorávida (Picoito, 2010: 82). Na Lisboa reconquistada, o conjunto terá recebido o patrocínio de D. Afonso Henriques e foi doado por D. Sancho I à Ordem de Santiago, «para que se edificasse aí um mosteiro de freires clérigos e se ordenasse um cemitério». (Sousa, dir., 2006: 484). Sobre esta fase do imóvel, veja-se o que se diz na nota CVII.

¹ Veja-se infra o anexo sobre estes santos, extraído de Cunha, 1642: fl. 39-40.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. Na doação que D. Sancho I fez à Ordem de Santiago no ano de 1194, é referida “aquela nossa casa que se chamava Santos, a qual meu Pai, o Rei D. Afonso de feliz memória, mandou edificar em honra dos Santos Mártires Veríssimo, Máxima e Júlia”.

Passados 46 anos, a Ermida de Santos passou a ser a Igreja da Casa dos Cavaleiros de Santiago.

Não sabemos como era a dita Ermida, nem o seu tamanho.

Vd. Igreja do Mosteiro dos Cavaleiros de Santiago, em Santos, 1194.

ANEXO

O MARTÍRIO DOS SANTOS MÁRTIRES VERÍSSIMO, MÁXIMA E JULIA

“O que consta de suas vidas he, que sendo naturaes de Lisboa, nacidos de pays nobres & ricos (fieis deuião de fer, quando não achamos memoria de sua conuerção) occupados em romarias, passarão de Lisboa (sua patria) a Roma, só a visitar aquelles Santuarios Ahi lhe apareceu hum Anjo, que da parte de Deos os amoeftou tornassem a Portugal onde alcançarião a coroa do martyrio, que com tanta anfia procurauão; não tardaraõ em folicala hum momento, & pondose ao caminho com o defejo affectoso, que trazião de darem as vidas por Christo, em breues dias se acbaraõ em Lisboa, & sem esperar, que os buscasse Tarquino, ministro executor da barbara perseguição de Dioclesiano, que entam senhoreaua esta parte do imperio Occidental, se apresentaraõ diante delle confessando a vozes a fé, que professauaõ, a resolução, que tinhaõ de confirmarem com seu sangue esta confissão, parendolhes limitadas vidas as que offereciaõ ao cutelo, em proua da verdade catholica; reprehenderaõ asperamente ao tyrano, a crueldade grande, de que vfaua, em perseguir a inocencia, & pureza da religião de Christo, que era só a verdadeira; condenaraõ por barbaros aos que seguiaõ a idolatria, que os conduzia a miseravel perda de suas almas; propuzeraõ o premio aos que alumiados da luz do Euangelho, caminhauaõ por este forol ao vltimo descanso da bemauenturança, como tambem o castigo, aos que pelo contrario se desuiauaõ do caminho da saluação.

4 Confuso Tarquino cõ ouuir tam ponderosas palauras em tão tenras idades, lhes perguntou quem erão? Somos (respondeo Verissimo) tres irmãos filhos desta cidade, que seguimos a bandeira de Christo, como tu, a do demonio ; não te pareça temeridade o espirito, com que te fallamos, porque Deos quiz pôr na cabeça dos pequenos a sciencia, que ocultou aos grandes, na resolução que mostramos, podes conhecer a firmeza da fé, que nos alumia; a dizerte semelhant rezoões: enuergonhate de as ouuir da boca de duas donzelas, se fracas por natureza, tam valerosas por graça, que ouzaõ a cõdenar teos mandados sem temor de tuas crueldades. Furioso o tyrano de ouuir o fanto mancebo Verissimo o mandou prender na cadeia publica, em companhia de Maxima e Julia suas irmãs, onde executou sua impiedade, com tanto rigor, que quasi parece se deu Deos por obrigado a confortar por hum Anjo estes foldados feos, com particulares auxilios, porque não receassem entrar na batalha, que os esperaua assegurandoos, sayraõ della vencedores, & triunfantes.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

5 Corrido, & indignado o cruel ministro do demonio, repetindo varios tormentos, depois de os mandar atar ao eucleo, considerandoos alegres & contentes quando os imaginava mortos & despedaçados, ordenou, que os, açoutassem cruelmente com escorpões, que eraõ huns azorragues, que tinhaõ as pontas de ferro & a breue espaço, afrontado de ver a constancia dos gloriosos martyres ; os mandou abrir pelas costas com pentéis ; & vnhas de ferro, pondolhe lãminas & pranchas ardentes sobre as feridas. Igualava à fortaleza dos Santos, a crueldade do barbaro, que parece andavaõ á competencia; porem quem ha entre os mortaes, por tyrano que seja, que oprima o valor que Deos comunica a feos feruos?

Finalmente por vltima diligencia de sua tyrania, os mandou arrastar pelas ruas publicas da cidade, & poftos na praça fóraõ apedrejados, & depois degolados, & deitados feos corpos no campo, para que se ceuassem neles os animaes, & aues de rapina; porem hum instincto que os governava, os fogueitou milagrosamente à rezaõ, de modo, que reconheceriaõ naquelles fantos corpos, a grandeza do poder diuino, & affi respeitando às fagradas reliquias acufauão com esta veneração a crueldade dos homẽs, que esquecidos de sua natureza, tomavaõ a das feras, por se mostrar ingratos ao autor della.

6 Pareceolhe ao tyrano, que cadaueres tam respeitados de irracionais affi como mostrarão ter muito de milagrosos, lhe feruirião de fícaes perpetuos se ouueffe memoria delles ou pelo menos se leria naquelles fantos noffos, em quanto fossem vistos das gentes, a historia cruel de sua tyrania. Depois mandou, que por esta causa os deitassem no rio, bem no pego, que as agoas do mar, misturadas com as do Tejo, fazem entre Almada & Lisboa.

Não quiz este elemento mostrar-se menos lijongeiro, que os brutos, aquelles ditos corpos, tam fauorecidos do ceo, antes com hũa demonstração de feo reconhecimento, os leuou à terra sem injuria das ondas, que sustentarão o peso das grandes pedras, em que hião atados, só por mostrar sua obediencia chegando primeiro a terra, do que a barca, que os leuou a deitar no pego. Marauilhas tam grandes, não só causarão deuação aos Chriftãos, mas espanto aos infieis tyranos, de forte que não oufarão a impedir a solemnidade, & lagrimas, com que os Catholicos lhes derão sepultura. Forão estas fantas reliquias nas idades seguintes, veneradas dos fieis, com summo respeito, pelos grãdes milagres, que Deos obraua mediante a intercessão destes feos feruos

7 Chegada a destruição dos Mouros em Espanha, por que não viessem estes fantos corpos a poder dos barbaros, os esconderão os Chriftãos, no lugar onde hoje vemos feos sepulchros, que he onde está situada a Igreja parochial de Santos-o-Velho, nome que tomou dos mefmos Martyres, a que por excellencia nesta cidade chamão, Santos. A tradição, que durou nos poucos Chriftãos que escassamente se conferuam entre aquelles barbaros, desde aquelles tempos até o da recuperação desta cidade. Descubrio ainda que em confusão, a parte onde se perfumia que estavaõ enterrados estes Martyres”.

(In Cunha, 1642: fl. 39-40).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO FÉLIX E SANTO ADRIÃO, EM CHELAS** ^{XLIII}**Século XII [1147] - 1604 →**

Vimos em obra anterior - *Edifícios Religiosos de Lisboa anteriores a 1147* - que uma tradição antiga mencionava ter existido um templo romano em Chelas, anteriormente à era de Cristo; e até já se dizia ter sido, esse templo, casa de Virgens Vestais. Teria sido convertido em instituição cristã no século IV. Por volta do ano 666 teriam sido ali depositadas as relíquias de São Félix e seus 12 companheiros. E no século IX, também ali teriam sido colocadas as relíquias de Santo Adrião, de sua mulher, Santa Natália, e de mais 11 companheiros.

Terá sido mesquita moura no tempo da ocupação árabe (ano 716).

1. D. Afonso Henriques, logo depois de ter tomado a cidade de Lisboa em 1147, tratou de purificar e restituir ao culto divino vários templos, que os mouros tinham profanado; e um deles foi o de Chelas. Encarregou disso o arcebispo de Braga, D. João Peculiar.

Tinha esta igreja de Chelas uma claustra, em cujas paredes havia algumas cruzes semelhantes às que havia na igreja, pelo que mostrava fora sagrada. Por estas cruzes, claustra e oficinas que ao redor dela estavam quase arruinadas, entendeu o arcebispo que naquele lugar houvera antes um mosteiro. Comunicando isto a el-rei D. Afonso Henriques, e com o novo bispo D. Gilberto, assentaram se restaurasse este mosteiro em honra dos Santos Mártires que segundo a tradição antiga ali estavam sepultados.

A igreja foi então purificada pelo arcebispo de Braga, assistindo o rei a esta cerimónia e à trasladação das relíquias que estavam em duas caixas de mármore (como é óbvio, não se tratava de 13 corpos em cada caixa, mas certamente apenas relíquias dos 13 mártires em cada caixa).

Essas caixas foram colocadas na capela-mor, e ficaram servindo de altares de São Félix e de Santo Adrião.

Restaurado o antigo mosteiro de Chelas, foi o arcebispo D. João Peculiar a Coimbra - ou escreveu para Coimbra ao Padre São Teotónio. E com licença deste, vieram ao Mosteiro

^{XLIII} A doação do mosteiro de Chelas a uma ordem militar no século XII carece de prova documental. Os autores variam sobre que ordem (Santiago, Templo ou Hospital) e sobre a data em que tal hipotética doação terá ocorrido. Coincidem, no entanto, acerca de um pormenor: que uma ordem religiosa militar terá ocupado o mosteiro por um período muito escasso (Picoito, 2010: 82). Sabe-se que o conjunto foi alvo de avultadas obras na segunda metade do século XII, época a que correspondem os dois únicos vestígios materiais do templo românico: um capitel, hoje pertença do Museu Nacional de Arqueologia, que revela uma inusitada coerência estética para com modelos ainda almorávidas (Real, 1987: 535; Fernandes, 2008: 24) e uma desaparecida inscrição funerária da provável religiosa que se encontrava à frente da instituição à época - D. Justa Rabaldes (Barroca, 2000, vol. II: 570). Em paralelo com a construção do novo mosteiro, ter-se-á realizado uma trasladação solene das relíquias altomedievais ali depositadas, cuja memória terá ficado plasmada em duas inscrições comemorativas onde se encontrava a menção ao patrocínio de D. Afonso Henriques (Barbosa, 1864: 376 registou os letrados). Este primitivo mosteiro feminino estava vinculado às Donas de S. João de Coimbra, mas desconhece-se se seria apenas um mosteiro feminino, ou se se tratava de uma comunidade dupla (Fernandes, 2008: 25).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

das Donas de São João para este de Chelas três religiosas (ou quatro) Cónegas. Com elas, como Priora, veio a irmã do dito arcebispo, Justa Robaldes da Cruz, cónega também do referido mosteiro.

Vieram também, com estas quatro religiosas, alguns cónegos do Mosteiro de Santa Cruz, para ficarem com elas neste mosteiro de Chelas.

2. Formulámos a hipótese de serem desta época as duas pedras encontradas por altura das obras de 1604².

Uma das pedras é assim descrita por Azevedo (1652: 330): “He a pedra de forma redonda, de mármore vermelho, jaspeado; e ainda que está partida em dous pedaços, se deixão ler as letras”. A inscrição dizia o seguinte:

A ✠ ω
DEPOSITIO
BONE MEMORI~
MARTVRI D~
FELICIS D~
IDIBUS ERA
DCCIII

= Cristo Alfa e Omega. Nos idos de Dezembro de 703

[= 13 de Dezembro de 665 de Jesus Cristo] se fez o depósito de São Félix, de boa memória, mártir de Deus.

Também se encontrou outra pedra, que ainda existia em 1864, “pedra já muy gastada, e quebrada, que esta em huma das paredes do pateo, e no alto d’ella se divisão parte das duas letras gregas alpha et Omega; e abaixo se lêem estas [letras] latinas, barbaramente escritas” (Azevedo, 1652: 358). Vilhena Barbosa publicou nesse ano de 1864 (Barbosa, 1864: 376) as letras (que parece não terem sido compreendidas nem bem copiadas as da terceira linha):

DEPO
SITIO BONE ME
MORIAE CTFRI...

3. Na era de M.CC.LV (= que é o ano de 1217), D. Soeiro Viegas, bispo de Lisboa, começou a reedificar este mosteiro, acrescentando-o em edifícios. Encontrou então na claustra a sepultura desta santa Priora, a qual tinha este epitáfio:

² Veja-se o que diz Barbosa (1864: 376) sobre estas pedras reproduzido no tomo I desta obra, pp. 76-78.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Justa a Cruce dicta, Justa nomine et vita,
Jacet hic, a nece extincta:
Prima Fundatrix et optima contemplatrix,
At nunc in Caelo est, pro nobis auxiliatrix.

= Aqui jaz Justa da Cruz, Justa no nome e na vida
cuja luz a morte apagou. Foi a primeira fundadora
deste mosteiro, e óptima contemplativa. Agora no céu
é nossa intercessora.

O referido bispo D. Soeiro Viegas mandou passar o seu sepulcro para a igreja e o meteu na parede à parte do evangelho, com a mesma pedra do epitáfio.

Temos também notícia de uma doação que em 1192, estando em Lisboa D. Sancho I e sua mulher D. Aldonça, e seus filhos, fez Gonçalo João, filho de João Ermonges e de Dona Ausenda, em Março de 1191, de toda a sua herdade que tinha no lugar de Aroil, com casas, águas e quanto em si tinha.

4. É discutido se o mosteiro era de freiras, se de frades, ou se era duplex.

Uns dizem que o mosteiro restaurado em 1147 ainda continuou a ser duplex ou dobrado, isto é, de ambos os sexos. Assim, Vilhena Barbosa (1864: 375).

Outros rejeitam a hipótese de alguma vez ter sido dobrado, embora reconheçam que houve muitos destes em Portugal (vg. O de Santa Cruz de Coimbra); e concluem “que não havia ali religiosas, nem ao tempo da primeira doação por el-rei D. Sancho (1192), nem ao da confirmação por el-rei D. Afonso (1219)”. Assim, D. Rodrigo da Cunha (1642: fl. 147).

É mais provável que tivesse sido dobrado, e de crúzios, porque o breve apostólico do papa Gregório IX, de 1234, que concede muitos privilégios ao mosteiro, diz que ele é de agostinianas (freiras).

Outro tema de debate é quem fossem os religiosos ou religiosas que o povoaram.

D. Rodrigo da Cunha “suspeita” que inicialmente seriam os cavaleiros de Santiago, que depois passariam para Santos [o-Velho] (Cunha, 1642: fl. 147v).

Frei Luís de Sousa (Cacegas e Sousa, 1767: parte I, livro I, cap. XXIII, 99) diz que eram cavaleiros da Ordem Militar de São João do Hospital de Jerusalém.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Vilhena Barbosa (1864: 375) opta por outra solução:

“Foi o mosteiro restaurado, e novamente povoado, mas variam as opiniões àcerca de quem foram os povoadores. Que ainda continuou a ser duplex, prova-se com documentos: quanto à ordem que tomou posse d'elle inclinàmo-nos mais a que seria a dos conegos regrantes de Santo Agostinho, por ser D. Affonso Henriques muito seu afeiçoado, e ter a esse tempo fundado o convento de Santa Cruz de Coimbra, e porque o bispo de Braga, D. João Peculiar, que celebrara aquella cerimonia da purificação, tinha sido conego regrente e era privado del-rei”.

5. ^{XLIV} O mosteiro sofreu obras no tempo do rei D. Manuel, pelos anos de 1510.

Desta intervenção resta ainda o pórtico manuelino da igreja. Pode ver-se umas gravuras em Barbosa (1864: 212-213).

6. Em 1580, as tropas do duque d'Alba deram de noite assalto ao mosteiro. Mas não conseguiram entrar.

Em 1589, os ingleses que vieram com o Prior do Crato fizeram fugir as freiras para Lisboa.

No princípio do século XVII, sendo prioriza Dona Luiza de Noronha e arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, procedeu-se a grandes obras no mosteiro, que se pode considerar um novo mosteiro.

Vd. Mosteiro de São Félix e Santo Adrião - 2º - 1604

^{XLIV} Ainda antes da reforma manuelina, o mosteiro passou por uma fase mendicante, de que se desconhecem as balizas cronológicas, as obras realizadas e, até, a ordem a que se teria associado. Dois cronistas do século XVII reivindicaram para as suas Ordens a tutela sobre a comunidade feminina de Chelas (Fr. Nicolau de Santa Maria advogou que teria sido sempre regrente; Fr. Luiz de Sousa convocou-a para a esfera dominicana). Do que foi possível averiguar, conclui-se que o bispo D. Soeiro Viegas terá determinado nova reforma arquitectónica do conjunto (de que se conserva um capitel gótico no Museu Arqueológico do Carmo - cf. Fernandes, 2005: 291) e que, algures pelas décadas de 20 e 30 do século XIII, terá havido uma tentativa para vincular o mosteiro a uma observância dominicana. Regrantes e Dominicanos seguiam a mesma regra de Santo Agostinho, pelo que as motivações para esta alteração poderão estar no domínio económico e na crescente atracção que os ideais mendicantes granjeavam no Portugal urbano ducentista (Fernandes, 2008: 29). Em 1295, todavia, já Chelas havia regressado à sua origem regrente, nova alteração provavelmente resultante da reacção das monjas contra possíveis tentativas de maior normalização da comunidade.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bibliografia

As notícias recolhidas encontram-se em

SANTA MARIA, Nicolau de (1668) - *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do patriarcha S. Agostinho....* Lisboa: Officina de Ioam da Costa.

AZEVEDO, Luís Marinho da (1652) - *Primeira parte da fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa, e seus varoens illustres em sanctidade, armas, & letras: catalogo de seus prelados, e mais cousas ecclesiasticas, & politicas ate o anno 1147.* Lisboa: Officina Craesbeckiana

BARBOSA, Inácio de Vilhena (1864) – “Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inédito)”, *Archivo Pittoresco*. Lisboa: Castro & Irmão, vol. 7/27, pp. 212-214; vol. 7/47, pp. 374-376

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ ERMIDA PRIMEIRA DE SÃO GENS, ÀS OLARIAS^{XLV}

Século XII [1147?] → 1243

1. Quem era São Gens?

São vários os Santos deste nome (Ginesivs em latim, Ginés em castelhano) que a Igreja Católica celebra, os Historiadores Eclesiásticos mencionam, e o Martirológio Romano regista. São pelo menos cinco: um que foi notário cristão, martirizado em Arles, na França, sob Diocleciano, e celebrado a 25 de Agosto; outro, também celebrado a 25 de Agosto, que foi comediante, e que teria sido martirizado em Roma; o terceiro, que é celebrado a 11 de Outubro, martirizado com vários companheiros, entre eles Anastásio e Plácido; um outro, que foi arcebispo de Lyon de França, grão valido de Clodoveu, rei dela; e finalmente um quinto, chamado Adelhardus Genesis, sobrinho de Carlos Magno...³

O São Gens que tem relação com Lisboa é o terceiro, celebrado portanto a 11 de Outubro.

Seria natural de Lisboa. Dom Rodrigo da Cunha cita, a favor desta tese, um comentador de Flávio Dextro, que diz serem Anastásius, Plácido e Genesius concives (concidadãos) dos Três Santos Mártires de Lisboa; e noutra passagem “et hi [os Três Santos Mártires] similiter olixbone nati et educati essent” (Vd. Cunha, 1642: §3).

Que teria sido bispo de Lisboa, conjectura-se do facto de haver tantos templos, muitos deles antiquíssimos, em todo este Reino, dedicados a este glorioso Santo, e em todos se vê a sua imagem pintada com mitra e báculo; e do facto da sua cadeira, que se venera na Ermida da Senhora de Monte; e do retábulo que lá existia, em que a imagem do Santo aparecia com insígnias episcopais (Cunha, 1642: §§ 4,5,6)

Quanto ao lugar do seu martírio, não há consenso. Em Lisboa afirma-se que foi martirizado na cadeira e parte onde é venerada; em Santarém mostra-se a porta por onde foi levado ao martírio; Madrid reivindica para si o martírio de São Gens, e lá continua a igreja de San Ginès; outros o levam para Córdoba...

^{XLV} As origens da ermida de Nossa Senhora do Monte situam-se, para já, no campo lendário, não existindo materiais documentais, arqueológicos ou artísticos que as enquadrem. A tradição de que a primitiva comunidade eremítica de S. Gens, situada nas proximidades das Olarias, transitou para o monte de S. Gens, em 1243, não encontra eco em alguns autores (Sousa, dir., 2006: 426, admite que os eremitas de Santo Agostinho terão escolhido o alto do monte de S. Gens logo na segunda metade do século XII). Para uma melhor contextualização deste templo, veja-se o que se diz na nota XCVI.

³ Os Bolandistas rejeitaram a historicidade de vários homónimos São Gens, conservando apenas o São Gens de Arles. A difusão do culto deste São Gens na Gália, na Itália e na Espanha, teria dado origem ao seu desdobramento em três homónimos: um em Roma, outro em Barcelona e o terceiro em Córdoba. Hagiógrafos medievais peninsulares completaram este desenvolvimento hagiográfico (*opiniam*), promovendo um dos Gens espanhóis (talvez o de Córdoba) a bispo de Lisboa.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Também não consta o tempo em que alcançou a coroa do martírio. Uns, apontam para o ano de 362, sob o Imperador Juliano; outros, dão-no como vítima de Diocleciano, na mesma época em que foram martirizados os três Santos Veríssimo, Máxima e Júlia, portanto cerca dos anos 306-308; finalmente, outros afirmam que padeceu o martírio na perseguição de Nero, no ano 66!...⁴

2. Já haveria em Lisboa ou uma capelinha, ou uma cadeira de pedra, em que São Gens costumaria pregar e ensinar a doutrina aos cristãos que já então por aqui havia, antes da conquista de Lisboa aos Mouros? Pinho Leal (1874: vol. IV, 228) afirma-o. Mas não há documentos que fundamentem bastante esta opinião.

3. Consta que, logo depois de Lisboa ser resgatada do poder dos Mouros, e mesmo no ano de 1147, foi fundada a Ermida de São Gens. Essa fundação foi ao fundo do monte que olha para oeste, no sítio depois chamado Fornos do Tijolo, ao pé de almocabar (cemitério) dos mouros. A este lugar ainda até ao fim do século XVIII se dava por isso o nome de Almocabar. Hoje chama-se Olarias.

Foram os frades de Santo Agostinho (futuros graciosos, ou seja, os Eremitas de Santo Agostinho que teriam vindo para Portugal nesse mesmo ano de 1147 [o que não parece confirmado]) que, com esmolas do povo de Lisboa, fundaram esta capela, e umas casas contíguas para lhes servirem de hospício. Aqui estiveram até 1243.

Em 1243, a Ermida foi transferida para o alto do monte de São Gens (vd), com o mesmo nome.

⁴ Veja-se infra o anexo sobre S. Gens, extraído de Cunha (1642, fl. 28-31).

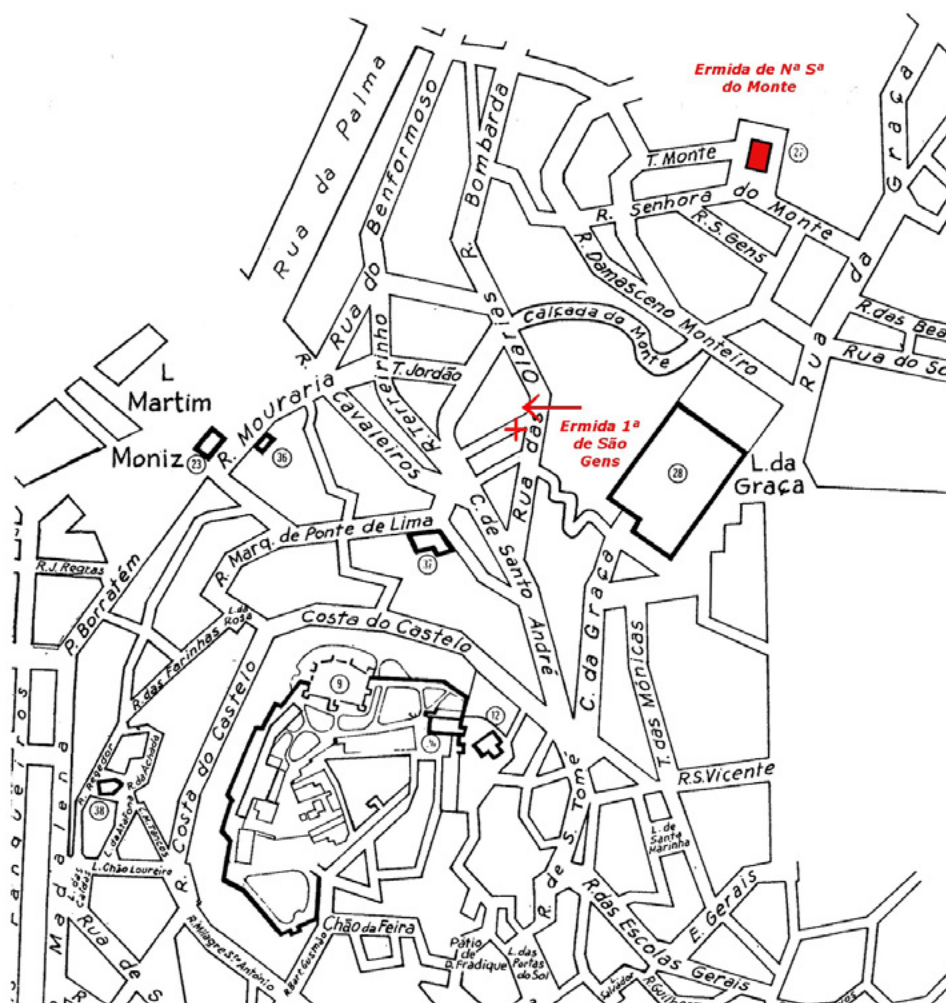


Fig. 5 - Pormenor de planta de Lisboa com a localização da Ermida de S. Gens.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ANEXO

De Rodrigo da Cunha (1642: fl. 28-31), extraímos a seguinte nota:

“São muitos os Santos, que deste nome celebra a Igreja Catholica, & os Hiftoriadores Ecclesiasticos, de que faz menção o Martyrologio Romano: dous que Iança em 25 de Agofto, hum, q̃ padeceo em Roma, & foy comediante, outro em Arles na França; & o terceiro, que entendemos fer efte noſſo, o poem a 11 de Outubro, no que também concorda o Cardial Baronio; & poſto que lhe não nomea lugar de martyrio, & dá por cõpanheiros os meſmos que refere Flauio Dextro, que ſaõ Anaſtaſio, & Placido, lemos em Mofandro outro Santo deſte nome que foy Abbade em Subleuamen, & depoes Arcebiſpo de Leão de França, grao valido de Clodoueo Rey della. No meſmo achamos outro chamado Adel Hardus Genefius, ſobrinho do Emperador Carlos Magno, de que tambem faz menção Iuliano, no feu Chronicon, cujo corpo affirmáo eſtar hoje em hum moſteiro de Franciſcanos, tres legoas de Cartagena, lugar aonde efte Santo fez vida heremitica muitos annos.

3. Entre todos eſtes Santos temos ao terceiro por noſſo natural, & Biſpo deſta Cidade, o que ſe pode inferir primeiramente de hũas palauras de Flauio Dextro, que tras no anno de 308, fallando dos ſantos Martyres, Veriſſimo, Maxima, & Iulia, irmãos todos & confortes no martyrio, dos quaes ninguem duuidou ferem naturaes deſta Cidade, Oliſipone (diz Dextro) in Luſitania ſancti Chriſti Martyres Veriſſimus, Maxima, & Iulia, eiufdem Martyris ſorores & confortes martyrii. Ibidem etiam celebres ſunt Anaſtaſius praesbyter Placidus & Genefius. De maneira, que eraõ eſtes Sãtos ſegundos, celebres em Lisboa, como naturaes, do meſmo modo q̃ os primeiros. O que ponderou elegantemente Frey Francisco de Biuar doutiſſimo illuſtrador de Dextro, neſta propria allegação, em que chama a todos eſtes Sãtos, concidadoes de Lisboa. *Nunc per anticipationem* (falla dos vltimos Santos, em que Dextro faz menção delles anticipadamente) *obitérq; de illis dictum est credas cum ſermo eſſet dr ſantis Martyribus Oliſipponenſibus, quibus & hi conciuſes erant.*

E depoes no anno de 353, fallando no feu martyrio, o diz maes claramente com eſtas palauras: *Eorundem Martyrum ſupra memimer at Author ad annum tercenteſſimum, occaſione ſanctorum Veriſſimi, ac ſorum Olixbonenſium, quod nimirum, & hi ſimimiliter Olixbone nati & educati eſſent.* Affi q̃ hũs & outros ſantos erãõ igualmente nãcidos, & criados em Lisboa. E de que, foſſe Biſpo della, temos baſtantes conjeituras nas meſmas palauras de Dextro, por ſer Sam Gens igualmente Prebytero, que Anaſtaſio, & Placido, que era o meſmo Prelados, como ſe infere dos Concilios, naquella primitiva Igreja, porq̃ a voz, *Praesbyter*, neſte lugar, ſe refero a todos, como ſe vê em outro do Martyrologio Romano, fallando de S. Bafileo: *In Hispania, ſanctorum Martyrũ Epitatij Epifcopi, & Bafilei*, E todavia ſabemos, q̃ S. Bafileo foy Arcebiſpo de Braga, como notamos no feu Catalago, na primeira parte, & affi ſe ha de referir a palaura, Eoiſcopi, neſta oração, a ambos Sãtos Epitacio, & Bafileo.

4 Eſta he, fem duuida a caufa, por onde vemos tantos templos, muitos delles antiquiſſimos, em todo efte Reyno, dedicados a efte glorioſo São, por ſer coſtume muy proprio dos naturaes, leuantarem Igrejas a ſeos Santos, & em todos ſe vê a ſua imagem pintada com Mitra, & Bago; de maes da cadeira, que ſe venera, como precioſa reliquia, em noſſa Senhora do Monte deſta Cidade, ha quem ſe lembra ver no retabolo velho, que por roto & antigo o recolherão os Religioſos Agoſtinhos, a cujo cargo eſtã aquella hermidã, a imagem do Santo, com inſignias

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

episcopaes. Em hum monte, termo de Ponteuel, Arcediagado de Santarem, fóra do lugar, ha hũa hermidã, em que a piedade Chriſtãa tem achado remedio às cezoês, doença bem ordinãria por toda; aquella terra, de que acode grão concurſo de gente, obrigando a interceſſão do noſſo Santo com hũ cajado, que lhe offerecem, com que ſe perſuadem, que alcançaõ ſaude; que não he pouco myſterioſa, no modo, com que ſe pede; em que tambem parece que allude á ſignificação de Paſtor, & Prelado, cujo officio denota o cajado, que repreſenta o Bago paſtoral dos Biſpos.

5 No Biſpado do Porto ha hũa Abbadia com o titulo de Sam Gens, em Boelhe, de q̃ já demos noticia no Catalogo dos feos Prelados fol. 419, Temos outra em S. Gens de Macroue, terra do Deado de Braga, do padroado del Rey, & junto de Guimaraẽs, em hũa annexa ao Cabido, que antigamente tinha doze raçoeiros, cõforme diz o Arcebiſpo Dom Lourço, na yifita, que fez em 27. de lunho, anno de 1432. O moſteiro de S. Gens de Montelongo, na terra de Vieira, em Braga. S. Gens de Caluos, em hũa doação feita à Igreja de Guimaraẽs na era de 1067, q̃ he o anno 1027, ſe diz ſer feita entre outros Sãtos, ao ſenhor S. Gens. Dos paços Arcebiſpaes de Braga, ſe eſtã vêdo outra bermida do meſmo Santo, em hum môte, que fica para o Poente, viſinho á cidade. Tem outra hermidã em Alanquer, annexa da parrochial de S. Pedro, de que ſe paſſou carta de hermitania em 9 de Outubro de 1584. Na Beyra, pelos Biſpados de Lamego, Viſeu, & Guarda, ha tambem muitas; antiquiſſima he a que tem entre o Conſelho de Frontelheiro, a Villa de Celorico, a que coſtumaua ir hũa das procieſſões das Ladaynhas, em que ſe via o Santo com paramentos pontificaes. Em Alentejo, na ferra Doſſa, ao pê de hũa Atalaya, poſta no maes alto della, eſtã hũa hermidã antiquiſſima, cujo orago he S. Gês, em que ſe ve ſua imagem de vulto, com habito Episcopãl. Dura tambem em Santarem hũa porta da vilã, com o meſmo nome deſte Santo, de que he tradição conſtante, que por ella ſãhio ao martyrio, & he muy prouauel, que fucedeffe aqui, que como era chancellaria dos Romanos, não podia deixar de prêgar neſte lugar, com mayor feruor.

6 Da dedicação de tantos templos, & lugares, ſe collige certeza do que refere Dextro, de que a memoria do, ſenhor S. Gens, era celebre em Lisboa, o que parece ſe eſtendeu a todo o Reyno, como natural prelado, & bem feitor, pois ſempre foi coſtume de toda a Chriſtandade, celebrar com particular affecto de cada nação os proprios Santos, leuantandohe Igrejas, fazendolhe romarias, orações, & feſtas, como auogados maes propicios, por domeſticos, antepondoos aos Santos eſtrangeiros. E aſſi dos cinco, que deſſe nome acabamos de referir, concorrẽ muitas razões, & fundamentos para entendermos, que eſte vltimo foy Biſpo de Lisboa, porq̃ de maes das conſiderações propoſtas, vermos a ſua memoria tã reſpeitada neſte Reyno, he indicio verifiſimil, de q̃ foſſe natural, & prelado delle, & vltimamẽte não auer em contrario diſto autoridade, nem conjectura, q̃ faça força.

7 Do lugar, & tempo do martyrio, ſe duuida tambem com mayor incerteza, porque até nas tradições ha encôtros. Em Lisboa ſe afirma conſtantemente, que eſte glorioſo Santo foy martyrizado na cadeira & parte onde hoje a venerão em noſſa Senhora do Monte.

Na villa de Santarem ſe contradiz eſta fama, & moſtra a porta por onde foy leuado ao martyrio, com o meſmo nome do Santo: he opinião aſſentada entre todos do que paſſou aſſi. Os que eſcreuem antiguidades de Madrid, dizem que padeceo martyrio naquellas partes, fundados em hum lugar de Dextro, que diz eſtas palauros: *Mantua Carpentanorum eſt in pretio, Anaſtaſius praelbyter, & Placidus, & Genesius & ſocij, qui poſtea ſub Iuliano paſſi ſunt pro Cbrifti fide, illuſtre ſimul ibidem martyrium.* O Arcipreſte Iuliano o leua a Cordoua, & a meſma

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

opinião segue Entrando, anno de 668 por estas palauras. *Cordubae Toleti, & in alijs Hispanie locis, celeberrima memoria est sancti Genesij martyris, Hispani Cordubae passim in persecutione faeuissima Imperatoris Neronis.* Vejão-se neste lugar as notas, que faz a este autor, D. Thomas Tamayo Vargas, Chronista das Espanhas, & Indias, por elRey Dom Phelipe IV de Castella, varão verdadeiramente doutissimo, & muy diligente, & curioso. Em tanta controuersia, tam duuidosa, & chea de difficuldades, todo o juyzo, que se fizer terá parte de temeridade; assi o deixamos, para que cada hũ figa a opinião, que julgar maes acertada; basta para gloria nossa, de que fosse nosso prelado & natural.

8 O tempo, em que alcãçou a coroa do martyrio não consta, porque o lugar de Dextro referido aos annos de 330 não confronta com o imperio de Iuliano, que começou no de 362, em cuja perseguição affirma, que foy morto mormente, que este tyrano apostata enuejoso do valor dos santos Martyres, não pretendeo dar-lhe esta gloria, assi forão raros. os que mandou matar, & ainda estes, com varios pretextos de razão deestado, como notou o Cardeal Baronio. Durou eleito em Cesar sete annos, & tres na dignidade imperial, ou dous, & não perfeitos, como lhe affinao, autores, & veyo a morrer no de Christo de 366, 33 depoes dos que Dextro refere ao martyrio de S. Gens; por cujo errofrey Francisco de Biuar lhe parece, que não falla aqui do feu martyrio, que succedeu, conforme a este autor, no anno de 362, em que já imperaua Iuliano; porem que naquelle tempo florescia em Madrid com milagres, marauilhas, & virtudes, assi S.Gens, como feos companheiros, que depoes todos juntos martyrizou.

9 Suposta a variedade destas opinioes, ha outros, que affirmam, que padecerão estes Martyres na perseguição de Dioclesiano, que foy das mães terriueis, que ouue; & para conciliar o texto de Dextro dizê, que o Presidente executor do martyrio se chamaua Iuliano, assi que as palauras deste autor, não se referem ao Emperador, mas ao ministro, que em seu nome gouernaua Lusitania, & que da maneira, que em Euora mataraõ a S. Vicente, & a S. Iordão Bispo daquella cidade, aconteece o mesmo em Lisboa, buscando aquelles ministros infernaes logo q martyrizaraõ aos santos Martyres Verissimo, Maxima, & Iulia, o feu Prelado Gens, porque estes eraõ os que procurauão prèder, & castigar com mayor cuidado, por ferê os que maes valerosamente lhe resistião, como pastores, & mestres, por cujo exemplo, & doutrina, se gouernauão as maes ouelhas.

10 Porem nenhuma destas opinioes tem fundamento, aduertido o computo dos tẽpos, em que he maes prouauel, que estes Santos padecessem, & assi nos parece maes conforme, ainda às tradiçoẽs, que correm nesta cidade, hum lugar de Iuliano, que nos tira toda a duuida, cujas palauras faõ as seguintes *Rutinij in hispania in Celtiberia, vndecimo Octobr. sanctorum martyrum Anastasij praelbyteri; & Genesij militis, & focrorum, qui in primis Ecclesie persecutionibus passi sunt.* De maneira, que conforme este autor, padecerão estes santos Martyres na primeira perseguição geral da Igreja, que foy a de Nero, & começou no anno de Christo de 66, segundo a opiniao commum dos autores, q confirma o lugar de Tertuliano: *Orientem fidem Romae prius Nero cruentauit.* E no particularde S. Gens, o diz maes claramente Luit prando, fallando de hum templo, que os Mosarabes de Cordoua edificaraõ a S. Gens, no qual lugar, duuida, a qual dos dous, que ouue deste nome, foy dedicado, se a este nosso Bispo, se ao outro, Abbade, & fobrinho de Carls Magno. *Mucarabes Cordubentea aedificant intra vrbem, tẽplũ, dubiũ, ne Genesio martyri ibidẽ passio in persecutione imoeratoris Neronis, an Abelardo cognomento Cenesio, consanguineo Caroli Magni Episcopo, Abbatique glorifio? O mesmo (& com a mesma clareza) exprime Iuliano. E posto que diga que padeceo em Cor-*

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

doua, & o faça foldado legionario, podia côpadecerfe cõ fer depoes presbytero, mudâça mui ordinaria na primitiua Igreja, poes com a conuerfaõ mudauão de estado; & como naquelle tempo era maes commum o da milicia, vimos muitos Santos, que trocarão a espada pelo Bago, & o elmo pela Mitra.

11 Vltimamente he digno, de que se confidre, como acção myfteriofa, o fitio, em q̃ os nossos Portuguezes leuantaraõ hermidas, & templos a este Santo, que mostrauão no effeyto o officio, que tinha de ensinar como Prelado, & fer cidade pofta no monte, onde o Euangelho a confitue, & allí veremos, que os maes dos templos, & hermidas eſtaõ em montes, ajuftandose os fieis, q̃, lhas leuantauaõ, á memoria, com que a Igreja Catholica o celebraua, como a Bispo da primitiua, no exercicio, que teue em vida, de ensinar, & prègar a doutrina Euangelica, fóra dos lugares pouoados, nos mōtes, & defertos onde o feguião maes facilmente os poucos, á imitação de Chriſto noſſo bẽ, que tantas marauilhas obrou nos campos, em o concurſo das gentes, que atrahia a fuauidade, & verdade de fua doutrina.

12 Com eſtas noticias, conjeituras, & fundamentos, damos por muito prouauel a opinião dos que fazẽ Bispo de Lisboa ao glorioſo S.Gens, dado q̃ nos faz grande duuida o dizerfe tambẽ fora diſcipulo de Santiago; porq̃ em nenhũ autor o achamos referido por tal, ſe bẽ não falta quẽ affirme, que eſte ſagrado Apoſtolo tcue muitos em Eſpanha, cujos nomes ignoramos. Deſtes poderia ſer Sam Gens; & poes o fauorece tanto, como vemos, a tradição dos naturaes, he certo auer fundamento baſtante, para introduzirfe, viſto como nas materias, q̃ pendem de fé humana, tem grande força; mormente nas hiſtorias da patria, a que ſe deue maes credito, que às eſtrangeiras, por ficarem eſtas maes remotas da noticia dos homẽs, como notou elegãtamente Merfilio Lesbio: Num de gentis antiquitate, & origine, magia creditur ipſi genti, atque vicinis, quam remotis & externis.

13 Temos dito as congruencias, & rezoẽs, que nos perſuadirão a eſcreuer por Biſpos de Lisboa, os tres Santos referidos, Manfo, Gens, & o Incognito, que nomea Calidonio, com a probabilidade, & certeza, que moralmente podemos deſcubrir; poes na materia de q̃ tratamos, como fucedem todas as couſas moraes, não ſe podem, nem ſe deuẽ pedir demõſtraçõs, conforme o Philoſopho: *Dicetur autẽ ſatis, ſi declarabitur perinde atq; ſubiecta materia poſtulat, ipſum enim exactum non eſt in omnibus ſimili modo flagitandum.* Aſſas ſe diz, o que ſe faz, quando ſe trata hũa coufa cõ a certeza, que ſofre a materia, poes não ſe há de pedir para todas, hũa maneira de proua. Donde collige S. Thomas, declarando eſte lugar de Ariſtoteles, que a verdade, ſendo ſempre hũa, não eſtá atada a hũ modo ſo de proua; antes he tam vario, que todo o homẽ de entendimento, & capaz de diſciplina, ſe deue ajuftrar á natureza das couſas, & não pedir, fóra de feos termos, impoſſibilidades. *Non omnis (diz o Angelico Doutor) veritatis manifeſtãdae modus eſt idem; diſciplinati autẽ hominis eſt tantũ de unoquoq; fidẽ cupere, quantum natura rei permittit.* Baſtante ſatisfação be eſta para que não aja quem nos impute a erro, ou a nimia credulidade, o que publicamos neſte aſũpto, cõ algũa nouidade, não fẽdo noſſo intento introduzilas fóra do ordinario, & comũ fẽtir dos doutos, & antiquarios, a cujo voto, & juizo remetemos com toda a modeſtia eſta noſſa eſcritura”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⚔ ♂ **IGREJA DO MOSTEIRO DE SÃO VICENTE DE FORA - 1ª** ^{XLVI}**Século XII [1147] - 1582**

No planalto, onde actualmente se situa o templo de São Vicente de Fora e o Campo de Santa Clara, acamparam os exércitos dos cruzados flamengos e alemães, nos princípios de Julho de 1147. Ali se instalou uma capela, e logo uma Ermida, consagrada a Nossa Senhora da Conceição (cuja imagem o rei trazia sempre consigo): ficou-se chamando Capela ou Ermida de Nossa Senhora da Enfermaria.

Cumprindo um voto, o Rei mandou levantar no local uma igreja e convento. A 1ª pedra foi lançada no dia 21 de Novembro desse mesmo ano.

O novo templo seria evidentemente uma construção românica. Dele temos algumas imagens: a mais antiga Panorâmica de Lisboa que conhecemos, atribuída a Duarte Darmas e conservada na Biblioteca da Universidade de Leyden (Holanda), que deve datar-se (pelo menos) do tempo compreendido nas duas primeiras décadas do século XVI, dá-nos a mais antiga imagem de “Sam Vicente de Fora, Mosteiro de Cónegos Regrantes”. Da 2ª metade do século XVI (c.1580), uma gravura de G. Braunio, Perspectiva de Lisboa, inserida na sua obra “Urbium Præcipuarum Mundi Theatrum Quintum” dá-nos uma outra representação da primeira igreja e mosteiro: construção robusta, com seu torreão ameiado, à maneira das igreja-fortalezas da época.

O bispo de Lisboa, D. Gilberto, estabeleceu nesta igreja a sede de uma das três primeiras igrejas paroquiais dos subúrbios da cidade (as outras duas eram Nossa Senhora dos Mártires e Santa Justa). D. Gilberto faleceu em 1166. Era assim uma das duas igrejas conventuais que, em tempos antigos, servia também de paroquial; a outra era a do Salvador, só que aqui foi paroquial antes de ser conventual. A paróquia tinha como orago São Miguel, cuja capela é a primeira do lado direito entrando no templo.

^{XLVI} Em estudo recente, apresentei uma proposta cronológica para a obra românica de S. Vicente. Lançada a primeira pedra a 21 de Novembro de 1147 (de acordo com o conteúdo de uma epígrafe de existência duvidosa, mas criticamente admitida por Barroca, 2000: 228), os primeiros tempos de vida do mosteiro pautaram-se por uma intervenção directa do rei, da comunidade alemã e de religiosos premonstratenses. Os cónegos regrantes terão entrado na posse do mosteiro ainda na década de 50 (Fernandes, 2010: 85), embora estes só estejam documentados em 1162 (em Sousa, dir., 2006: 200 aponta-se um período mais largo para a adesão de S. Vicente aos crúzios - 1161 a 1164). Terá sido o primeiro cónego regrante, David, procedente do mosteiro do Banho, a iniciar a construção do mosteiro, o qual já deveria estar relativamente bem definido na década de 70, época em que o então prior, D. Paio, promoveu a edificação do hospital. Possivelmente afectado pela crise de final do século XII, o estaleiro ter-se-á arrastado, vindo a concluir-se a singular torre-*narthex* apenas no início da centúria seguinte (Fernandes, 2010: 86).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Após tentativas diversas, falhadas, o mosteiro foi confiado aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, em 1160^{XLVII}.

No tempo de D. João III realizaram-se obras importantes de reparação, pois o mosteiro acusava já a sua vetustez. No reinado de D. Sebastião já se pensava a sério na sua reconstrução total, pois o mau estado de conservação a que chegou exigia obras de restauro caras demais e que já não se justificavam.

Filipe II de Espanha [Filipe I de Portugal] empreendeu a reedificação de raiz dum novo mosteiro e nova igreja de São Vicente, sendo demolida a igreja de São Sebastião em vias de construção no Terreiro do Paço, e ficando a nova igreja a ter a invocação de São Vicente e São Sebastião (em vez da invocação que tinha antes, de Nossa Senhora da Conceição da Enfermaria e São Vicente Mártir).

Essa é, pois uma nova igreja.

Vd. Igreja do Mosteiro de São Vicente de Fora - 2ª: 1582

^{XLVII} Pouco ou nada se sabe acerca do mosteiro na época gótica. As escassas informações referem-se a enterramentos privilegiados, como terá ocorrido em 1286, ano em que, certamente por decisão do futuro bispo de Lisboa (ou já nomeado para esse cargo, mas não o ocupando - veja-se a nota XIII), D. Domingos Anes Jardo, se trasladaram para S. Vicente de Fora os corpos de sua mãe e sua avó (Barroca, 2000, vol. II: 1054-1055). A 12 de Novembro de 1368, recebeu sepultura no mosteiro o prior Gonçalo Garcia, a crer no conteúdo de uma desaparecida inscrição registada por dois autores do século XVII e que estaria associada à tampa de sepultura daquele clérigo (cf. Barroca, 2000, vol. II: 1806-1807). Gonçalo Garcia foi o primeiro prior após a Peste Negra de 1348, que teve grande impacto no mosteiro, vitimando mesmo o anterior prior, Pedro Domingues. Escasseando as informações relativamente ao mosteiro propriamente dito, aumentam as que mencionam a sua envolvimento urbana. Em redor do cenóbio desenvolveu-se um verdadeiro complexo religioso. Para além do mosteiro, seu hospital e sua albergaria, documentação baixo-medieval recentemente divulgada (Fontes, 2007: 264; Branquinho, 2007) dá conta da existência de mulheres “emparedadas” que viviam à sombra da aura de santidade de S. Vicente de Fora. Esta comunidade está documentada desde 1277 e a sua existência percorre praticamente todo o século XIV (pelo menos até 1374). Também existia um grupo de homens reclusos, provavelmente desde o século XIII (Fontes, 2007: 262). Diferente parece ser o estatuto das *sorores* vicentinas, vinculadas à observância regrente e mencionadas desde 1204 (Acabado, 1969: 74-75). Estas, viviam em habitações mais condignas, designadas como «casa das sorores» e diferenciavam-se, assim, das mais heterodoxas práticas eremíticas. No século XV, todas estas vivências religiosas em torno de S. Vicente terão sido alvo de um processo moralizador. Antes de 1439, é provável que uma tal Margarida de Cristo tenha fundado uma comunidade de beguinhas, beatas que aliavam uma fervorosa acção religiosa com a educação de jovens pobres ou órfãs. Meio século depois, é possível que este grupo tenha evoluído para uma observância franciscana, como aparece referido em documentação de 1498 (Fontes, 2007: 269).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ANEXO 1º:

CRONOLOGIA DOS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS RELACIONADOS COM O MOSTEIRO DE SÃO VICENTE, DESDE 1147 A 1582

Antes de 1147

Ignoramos o que haveria no sítio onde depois se ergueu o Mosteiro de São Vicente: era habitado aquele sítio? Haveria ali algum local de culto? Seria local de algum cemitério?...

1147 (1. Julho)

O “exército” de D. Afonso Henriques e os cruzados acampam em redor de Lisboa. O arraial de El-Rei fica a Norte; o dos flamengos e dos alemães a nascente; e o dos ingleses a poente. O acampamento a Nascente, dos cruzados flamengos e alemães, situava-se no planalto onde actualmente está o mosteiro de São Vicente de Fora e o Campo de Santa Clara, então fora dos muros da cidade.

D. Afonso Henriques fez sagrar no sítio do acampamento um cemitério, para que aí fossem piedosamente sepultados os que iam morrendo em combate. Construiu-se uma enfermaria de tendas de campo; fez-se erguer um altar e nele foi colocada uma imagem em pedra de Ançã, representando Nossa Senhora com o título de “Nossa Senhora da Conceição”, que o rei trazia sempre consigo (ou que lhe fora oferecida pelos cruzados?). A esta imagem passou a chamar-se Nossa Senhora de Enfermaria. Edificou-se ainda uma Ermida, entregue à administração de clérigos estrangeiros.

O Rei teria feito, no decurso do cerco, o voto secreto de mandar levantar uma igreja e convento naquele sítio, se ganhasse a cidade, querendo que dentro das paredes desse recinto sagrado ficasse incluído o cemitério.

1147 (21. Outubro)

Festa das Onze Mil virgens. Os Mouros rendem-se aos exércitos cristãos.

1147 (25. Outubro)

Festa de S. Crispim. Efectua-se uma Procissão triunfal, que terá partido do sítio em que estava a Senhora da Enfermaria, seguindo o caminho para a Sé (a mesquita-Mor purificada em templo cristão), onde se cantou o *Te Deum*, seguido de Missa Solene.

1147 (21. Novembro)

Lançamento da 1ª pedra no novo templo em honra da Virgem Santa Maria e do Mártir São Vicente. Sagrada a pedra fundamental, o próprio rei com as suas mãos a colocou no lugar em que devia estar aberto o alicerce destinado para a capela-mor da igreja, ficando debaixo do altar da dita capela da parte do evangelho.

Nos primeiros tempos o serviço religioso foi assegurado sucessivamente pelos clérigos estrangeiros Roardo (ou Vivardo), Scia, Salérito.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

1147 (Depois de -)

A igreja e o convento de S. Vicente são confiados a uma pequena comunidade de Quatro Religiosos Premonstratenses, que tinham vindo embarcados com D. Gilberto na mesma nau, (ou teriam chegado entretanto?) os quais se chamavam Cónegos e seguiam a regra de Santo Agostinho debaixo do estatuto que havia poucos anos lhe deixara São Norberto, no convento Premonstratense, que em Flandres fundara. O superior chamava-se Gualter.

O Rei estabeleceu com D. Gilberto, novo bispo de Lisboa, uma partilha, pela qual o mosteiro de S. Vicente ficaria totalmente do rei e dos seus sucessores, com tudo o que lhe tinha dotado, e isento de toda a jurisdição do bispo de Lisboa; pelo contrário, a igreja e o convento de Nossa Senhora dos Mártires ficaria padroado do bispo e cabido da Sé de Lisboa.

1155/1159 (?)

Como os cónegos Premonstratenses manifestassem vontade de sujeitar o convento de S. Vicente ao de Premonstrato na Flandres, o rei despediu-os e mandou-os para Flandres, donde tinham vindo.

1160 (Antes de -?)

Sucedeu no governo do convento um cónego regente do mosteiro de Grijó, chamado David; mas como o rei queria ter a voz decisiva na admissão dos noviços; e o cónego não se acomodava, o Rei ordenou-lhe se podia voltar para o seu antigo convento ...

1160

D. Afonso Henriques consulta São Teotónio, prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Foi nomeado primeiro Prior de São Vicente o padre Dom Godinho Zalema, que assistia no mosteiro de São Salvador do Banho (junto de Barcelos: mosteiro hoje em ruínas), o qual veio com 12 cónegos do mosteiro de Santa Cruz. Assim ficou o novo mosteiro pertencendo aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.

1173

O Prior D. Godinho foi nomeado bispo de Lamego. Foi nomeado seu sucessor o padre Dom Mendo, Cónego do Mosteiro de São Salvador do Banho.

1173 (15. Setembro)

Chegam a Lisboa as relíquias (o corpo) de São Vicente, vindas do Promontório Sagrado ou Cabo dos Corvos (= Cabo de São Vicente). Ficou depositado nessa noite na Igreja de Santa Justa. No dia seguinte, 16 de Setembro, as relíquias são colocadas na Sé.

1173 (depois de -)

Segunda viagem ao Cabo dos Corvos, conseguindo-se recolher algumas tábuas do caixão e um pedaço do “casco” do Santo. D. Afonso Henriques oferece esta relíquia ao seu convento de São Vicente de Fora, onde foi colocada em precioso relicário.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

1175 e ss

Sucederam-se as doações aos cônegos de Santo Agostinho:

Em 1175, a igreja paroquial de Santa Maria da Arruda;

Em 1176, as rendas do lugar do Tojal.

Por testamento, legaram-lhe D. Sancho I (1209) quinhentos maravedis; Afonso II (1221), quinhentos maravedis; Sancho II, trezentos; Afonso III (1271) mil libras; D. Dinis, duzentas.

No final do século XII, o mosteiro tinha propriedades em Lisboa, nas freguesias da Sé, Santo Estêvão, S. Pedro, S. Nicolau, S. Julião (casas, lagares de azeite, lojas, palheiros); e possuía almoíñas, herdades, casais, granjas e vinhas na Corredoura, Alvalade, Lumiar, Te-lheiras, Chelas, Charneca, Andaluzes; e ainda em Carnaxide, Queluz, Agualva, S. Julião do Tojal, Atouguia, Torre Vedras, etc.

1182

Morre D. Mendo. O Rei nomeia, como sucessor dele, Dom Payo, Cônego do mosteiro de São Salvador do Banho.

Século 12 (finais)

Nas colunas (capitéis) da claustra velha, lavradas em tempo de D. Afonso Henriques, viam-se esboçadas cenas da legenda de S. Vicente, tais como a frota que de Lisboa partira em busca das relíquias, outros que cavam a terra para as acharem, outros que achadas as levam às naus, e com festa de toda a armada dão à vela, entram pelo porto de Lisboa, alegres e contentes; vê-se procissão que de Santa Justa até à Sé se ordenou, quando ali foram colocadas as relíquias.

(Cunha, 1642: parte II cap.15, §5)

1184 e ss

Disputas várias sobre a isenção episcopal do mosteiro:

1184: Bula de confirmação de Lúcio III, isentando o Mosteiro de São Vicente da jurisdição episcopal; 1189: composição entre Prior-mor de São Vicente e o bispo de Lisboa D. Soeiro sendo árbitro o bispo D. Martinho de Coimbra, sobre a isenção do mosteiro; 1190: Bula de Clemente III, aprovando a composição e isentando a paróquia de S. Vicente da jurisdição episcopal; 1191: no Sínodo de Lisboa deste ano, promovido pelo bispo D. Soeiro Anes, confirma-se o direito de precedência dos priores-mores de S. Vicente, no assento e no voto; 1262: Urbano IV concede aos priores-mores de S. Vicente o uso do anel, cruz peitoral, mitra e báculo; 1268: o bispo de Lisboa D. Mateus contesta ao mosteiro a isenção da jurisdição episcopal; 1349: Clemente VI confirma a isenção do mosteiro...

1210 - 1214

Fernando de Bulhões (futuro Santo António), que nascera a 15 de Agosto de 1195, filho de Martim de Bolhões e D. Tareja Taveira, escolheu aos 15 anos de idade o Mosteiro de

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

S. Vicente, para tomar o hábito religioso de cónego regrante, que lhe foi dado pelo prior D. Gonçalo Mendes. Ali permaneceu de 1210 a 1214, seguindo depois para Coimbra^{XLVIII}.

1331

A câmara de Lisboa doa uma herdade ao mosteiro, com a condição dos monges rogarem perpetuamente pelos vivos e mortos da cidade.

Século XV (meados do -)

Os “Painéis da Veneração de S. Vicente”, obra máxima da pintura portuguesa, foram certamente encomenda real de um dos soberanos da Casa de Avis (o regente D. Pedro? D. Afonso V?), para o seu convento de S. Vicente de Fora, onde foram descobertos em 1882. Encontram-se actualmente no Museu Nacional de Arte Antiga.

1531 (Por volta de -)

Um braço do mártir São Sebastião foi furtado de uma igreja de Milão, no tempo em que o exército de Carlos V saqueou Roma. Trazido para Lisboa, é apresentado ao rei D. João III. Este obteve do papa Clemente VII uma bula (16 de Março de 1531), legitimando a posse da relíquia.

D. João III delibera fundar um templo para guardar a relíquia; enquanto se não dava execução a tal propósito, mandou que estivessem em depósito no Mosteiro de São Vicente.

1538

No tempo de D. João III realizaram-se obras importantes de reparação, pois o mosteiro acusava já a sua vetustez. Júlio de Castilho encontrou uma breve notícia datada desse ano de 1538: “Ali se diz que a contemplação (por el-rei D. João) do quebranto dos edifícios e perdição da religião do dito mosteiro produziu o efeito e reformação dele; e não tão somente em a material, mas muito mais em a espiritual estrutura; e nessa mesma data (...) dizia o impressor que o soberano o começa já de fundar e reformar de tais e tão solenes edifícios que, segundo o princípio, parece que o fim não trará menos admiração em seus contemplativos que os outros muitos que Sua Alteza tem feitos”

(Castilho, 1937: vol. VII: 37-38).

1551

Neste ano há no mosteiro 30 frades e 10 servidores. A renda do mosteiro vale 3000 cruzados anuais

(Oliveira, ed. 1987).

1561

Bula de Pio IV, passada a instâncias do rei D. Sebastião, concedendo várias graças e indulgências ao Convento de São Vicente.

^{XLVIII} Sobre Santo António, veja-se o que se diz nas notas LXX e CXXXVI.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

1569

Por carta datada de Sintra, 7 de Julho de 1569, D. Sebastião comunica à Câmara de Lisboa o voto, em que se propunha edificar um templo ao mártir São Sebastião, em acção de graças pelo fim da “Peste grande”. Destinava-se a igreja a albergar as relíquias do mártir S. Sebastião, então guardadas em S. Vicente, enviadas por Carlos V. Juntamente seria guardada ali a seta enviada ao monarca pelo Santo Padre Gregório XIII, recebida por el-rei das mãos do legado *a latere* Pompeu Lanoja, em Almerim.

Numa outra carta à vereação de Lisboa, em 24 de Dezembro desse mesmo ano de 1569, o rei D. Sebastião comunica-lhe que encarregara AFONSO ÁLVARES, mestre das fortificações, de fazer uma traça e modelo para o templo do bem-aventurado São Sebastião, e para com ela logo se começar a edificar, no sítio em “que está a igreja de São Sebastião da Mouraria na parte que vos dirá o dito Afonso Álvares”

(Vd. Viterbo, 1965: vol. 1, 14).

Atribuiu-se inicialmente para local do edifício, aquele que estava ocupado pela paróquia de São Sebastião da Mouraria (que mais tarde assumiu o nome de Ermida de Nossa Senhora da Saúde, que ainda subsiste).

Depois optou-se pelo Terreiro do Paço. Seria junto do Cais da Pedra, e o templo ficaria ligado ao Paço da Ribeira por uma varanda, da parte chegada ao rio.

Século XVI (2ª metade: c. 1580)

Uma gravura de G. BRAVINIO - *Perspectiva de Lisboa* -, inserida na sua obra “Urbium Præcipuarum Mundi Theatrum Quintum” dá-nos uma representação da primitiva igreja e mosteiro de São Vicente: construção robusta, com seu torreão ameiado, à maneira das igrejas-fortalezas da época. Tratava-se evidentemente de uma construção românica, provavelmente com alguns acrescentos góticos.

1571 (29. Abril ou 19. Março)

A primeira pedra da igreja de São Sebastião, no Terreiro do Paço, foi lançada a 29 de Abril de 1571 (segundo um memorialista do tempo, teria sido a 19 de Março), com solenidade extrema, concorrendo o monarca, o cardeal-infante e o Senhor D. Duarte. A primeira pedra foi levada numa padiola pelo rei e por D. Henrique, e por D. Sebastião lançada à terra; a segunda foi colocada por D. Duarte.

Nesse mesmo ano de 1571, FRANCISCO D’HOLANDA escreve a sua obra *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa*, e nela faz severa crítica muito desfavorável para a arquitectura da nova igreja de S. Sebastião e apelando ao rei para que ao menos lhe ponha um gradeamento de protecção e resguardo, e também para que se cuide do decoro, riqueza de gosto e dignidade dos retábulos e de tudo o mais

(cf. Segurado, 1970: 221-226).

As obras prosseguiram em bom ritmo até 1573 e estavam muito adiantadas, quando do desastre de Alcácer-Quibir (1578). As obras paralisaram então.

O projecto foi elaborado pelo arquitecto Afonso Álvares. Terá Francisco de Holanda concorrido com algum projecto? Se o fez, foi preterido...

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

1575

Neste ano já era falecido Afonso Álvares, mestre-arquitecto das obras de S. Sebastião no Terreiro do Paço. Quem lhe sucedeu? Certamente, o seu filho BALTAZAR ÁLVARES, que em 1579 será confirmado no cargo de mestre da comarca do Alentejo, nomeação anterior de D. Henrique.

1578 (13. Junho)

D. Sebastião, em seu testamento, feito antes de partir para África, determina que em caso de vir a morrer na expedição o seu corpo seja trazido a Lisboa e depositado na capela-mor de São Vicente de Fora; e que, passado um ano do seu falecimento, sejam seus ossos levados para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que elegia para sua perpétua sepultura (História Genealógica - Provas, tomo 3º, nº 153).

E planeava proceder à reedificação total do Mosteiro, que ameaçava ruína.

1578 (4. Agosto)

Batalha de Alcácer-Kibir. Morre o rei D. Sebastião e com ele a fina-flor da juventude de Portugal. O novo rei é o Cardeal D. Henrique.

1579

O Cardeal D. Henrique doa um padrão de um conto de réis para activar a construção da igreja fundada por D. Sebastião (Vd. Jorge Segurado, 1976, p. 35).

1580

Graves acontecimentos:

Morre o cardeal-rei D. Henrique em 31. Janeiro. 1580.

D. António Prior do Crato é proclamado rei a 25. Agosto. 1580.

Derrotado D. António, é proclamado rei de Portugal. Filipe II de Espanha.

1581

Filipe II entra em Lisboa em 29. Junho. 1581. No seu séquito vem o arquitecto JUAN HERRERA (1530-1579), discípulo e sucessor de J. Baupista de Toledo na obra de São Lourenço do Escorial.

1581 ss.

Estava nessa época em Lisboa FILIPPO TERZI, radicado em Portugal desde 1577, que acompanhou D. Sebastião na expedição a Alcácer-Kibir, aí foi feito prisioneiro e depois resgatado. Veio a morrer em Lisboa em 10. Abril. 1597.

Permaneceu em Lisboa cerca de dois anos (desde 29. Junho. 1581 até fins de Março de 1583) o referido Juan Herrera, período de tempo em que decerto trabalhou e colaborou com o rei nas suas ideias de obras...

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

1582

Filipe II, encontrando-se em Lisboa, resolveu que a igreja que se estava a edificar em honra de São Sebastião no Terreiro do Paço, se fizesse no mesmo sítio em que se queria construir a de São Vicente, ficando a mesma sendo comum a um e a outro Santo. Sem atender às despesas feitas, o monarca estrangeiro acedeu, assim, aos pedidos dos padres de S. Vicente, mandando suspender as obras e depois autorizando a demolição do que estava feito, em benefício da projectada obra de S. Vicente. A razão dada pelos cónegos era a de serem eles os possuidores da relíquia de S. Sebastião e de não estarem resolvidos a cedê-la, nem mesmo para a nova igreja. O mosteiro passou a ter a invocação de S. Vicente e de S. Sebastião, deixando a que tivera - N^a Sr.^a da Conceição da Enfermaria e S. Vicente Mártir.

O Rei explica o seu procedimento:

“Mandey ver o sítio e lugar ã que a dita Igreja está principiada, por pessoas doudas de prudencia e consideração, porque fuy informado que o dito lugar, por muitas rezões, era muy indecente há veneração do culto divino e a obra de tal callidade...”

“... ouve por suficiẽtes e bastantes pẽra a dita Igreja se dever de novo edifficar ã lugar mais convẽnte, e conforme ao imtẽto da fundação della, e em que se conseguisse e tivesse inteiramente effeito o voto e promessa feita pollo Snr Rei dom Sebastião, meu sobrinho que ds tẽ.”

“... que a dita Igreja do glorioso e bem auenturado martir São Sebastião se passe e faça de novo no dito mostu^o de São Vicẽte de fora, naquelle sitio e da manr^a e cõforme há traça e apontamẽtos que p^a isso mandei fazer, sem os dittos Relligiosos nem seus prellados niso alterarẽ cousa algũa...”

(Vd. Oliveira, 1896: 531-532).

Ajustou-se que El-rei Filipe II concorreria cada ano com 2500 cruzados, sobre o rendimento da Alfândega da Cidade, enquanto a obra se não acabasse. Fixava, como condição, que os Cónegos reservariam o cruzeiro e a capela-mor para jazigo real. O convento, por sua parte, concorreria cada ano com 2000 cruzados.

A capela-mor, o coro-baixo, e o cruzeiro, pertenceriam a El-Rei; ao convento competiria o corpo da igreja, com as capelas de um e outro lado, além da parte propriamente conventual.

Os cónegos receberam ainda toda a pedra destinada ao edifício do templo de S. Sebastião, e outros privilégios.

1582

Os trabalhos de demolição da infausta igreja de São Sebastião, voto do malogrado rei D. Sebastião, efectuaram-se com rapidez febril.

Iniciaram-se os trabalhos preparatórios para a construção de raiz do novo templo e mosteiro de São Vicente no mesmo sítio onde existia já o primitivo mosteiro românico erigido pelo primeiro rei de Portugal, a partir de 1147. Nomeadamente, terá sido obrigatoriamente feito o levantamento da planta do velho mosteiro (estará este levantamento registado da “planta do pavimento da igreja, claustro, e mais oficinas”, com assinatura de João Nunes Tinoco, conservada na Academia Nacional de Belas-Artes:

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

(Vd. Segurado, 1976: 15-16, 19-21, estampas nº 1 e 3).

“É de supor que o trabalho de levantamento de toda a parte antiga a demolir, tenha sido efectuado desde Janeiro a Agosto de 1582, muito provavelmente feito por Balthazar Alvares” (Segurado, 1970: 37).

1582 (25 de Agosto)

É lançada a primeira pedra do novo convento e igreja, pelo arquiduque Cardeal Alberto, que ficaria por Governador do reino, em nome de Filipe II de Espanha.

O Cronista D. Marcos da Cruz diz:

“Lançada a p.^{ra} pedra fundamental [25-8-1582] se comessou logo com mto fervor a trabalhar, que a Mag. De del Rey Philippe ueyo uer depois duas uezes, pefgandosse/ m.tº della, por ser debuxo, q elle mandara fazer por Joan Herrera, seu grande / architecto, aprovado, por Philippe 3.º e outros grandes artitectos, e por ele que tinha / muito bom voto nestas materiais; e não se achou sua Magde ao lançar da pra pedra / fundamental, por então se achar indisposto...”

(“Catálogo dos Priores do Mosteiro de São Vicente”, 1626 cit. por Segurado, 1970: 23).

1582

“Os ossos dos caualleiros que deram occasiam à fundação do Mosteiro (cruzados alemães) se passarão da igreja velha para a capella, em cimiterio particular, que fica debaixo do coro da noua [igreja], cuja primeira pedra lançou o Cardeal Alberto (...) em 25 de Agosto de 1582”

(Cunha, 1642: parte II, cap. 4, fl 75 v).

“Depois, pelos anos de 1582 estando já arruinada a dita Igreja, procedeu-se á nova reedificação por ordem do intruso rei D. Filippe, e no esteio que ficava da parte do evangelho no altar da capella mor, foi encontrada uma pedra quadrada em que estavam gravadas as seguintes letras,

HOC TEMPLUM AEDIFICAVIT REX PORTUGALIE
ALPHONSUS, IN HONOREM BEATE MARIA VIR-
GINIS, & SANCTI VICENTII MARTYRI, XI. KA-
LEND DECEMBRIS SUB ERA MCLXXXV

Cuja tradução é - Esta Igreja fundou El-rei D. Affonso 1º de Portugal á honra da Bema-venturada sempre Virgem Maria e de S. Vicente Martyr em 21 de Novembro de 1185 - segundo a era de Cesar se contava de mais com 38 annos, por isso contando era de christo, marca 1147 annos)”

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ANEXO 2º:

A PLANTA E AS MEDIDAS DA IGREJA QUE FOI DEMOLIDA EM 1582

Na Academia Nacional de Belas-Artes encontra-se uma planta (1,29m de comprimento, 0,74m de altura), desenhada e aguada em papel colado sobre tela fina, que permite extrair as linhas gerais da antiga traça do mosteiro românico, existente no momento da grande remodelação promovida por Filipe II a partir de 1582. Sobre esta planta do mosteiro anterior foi sobreposta a planta mandada executar de novo.

Transcrevem-se algumas passagens do estudo feito por Jorge Segurado):
(1976:20)

“Foi sobre ela [a planta do anterior mosteiro] que o autor da nova fábrica se debruçou para estudar, inventar e definir a traça do novo mosteiro. Tudo o que nela se apresenta foi demolido. Respeitou-se só o local na nova implementação. Assim se perdeu um importante monumento românico.

Salienta-se no lado Nascente a oblíqua indicação da muralha que cercava Lisboa erguida pelo Rei D. Fernando, com o sítio da porta de S. Vicente ou do Arcebispo, enfrentando o Campo de Santa Clara, tudo portanto posterior à obra erguida pelo primeiro rei de Portugal.

A legenda sumária que inserimos, dá-nos uma ideia da provável distribuição do piso terreno da Igreja e do Mosteiro.

A traça no seu conjunto ostenta grandiosidade. Destacam-se duas principais peças: a Igreja - 2 e a zona do Claustro - 7, a par dela. Em ordem de grandeza seguem-se-lhes o Refeitório - 8, (com indicação de mesas) e a Sala do Capítulo - 9 (com altar e ampla portada de colunelos adoçados dos humbrais). As outras dependências ou oficinas, não são fáceis de concretizar, com excepção da Sacristia - 5, e possivelmente é de admitir que os compartimentos situados a poente junto do Refeitório, tenham sido a cozinha, copa, etc. É de supor, basicamente por exclusão de partes, que as celas ou dormitórios dos monges ficassem em piso superior, à volta da Claustro Velha, nos lados Nascente, Sul e Poente. Também temos de admitir como certo que a área paralela do corpo da Igreja no lado Norte, fosse terreno livre, e Cemitério - 6 o da Capela de Nossa Senhora da Enfermaria, com acesso pela porta lateral correspondente, exceptuando porém o corpo do ângulo no topo Norte-Poente.

A orientação do templo, seguiu a norma litúrgica da época, dispondo o eixo longitudinal com a cabeceira a Nascente e a portada principal a Poente. De notar o Adro, - 1, em amplo patamar, servido por três lanços de escadas.

A Norte havia caminho que mais tarde a muralha fernandina tropejou.

Examinemos a Igreja. É de traça simples. Corpo bastante comprido de três naves, com central ligeiramente mais larga. Sem transepto. Abside principal e dois absidiolos de cantos chanfrados nas cabeceiras rectas. A abside-mor sofreu com o decorrer do tempo grande ampliação, pois é manifesta a sua desproporção não só em relação à escala da traça, mas também ao espírito do românico.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O corpo das naves comporta sete tramos. É de notar que a Sé de Braga, obra do conde de D. Henrique, tem de comum a S. Vicente o corpo de sete tramos, absides de cabeceiras rectas embora um dos tramos seja ligeiro transepto. Os seis duplos pilares definem-se em secção de planta quadrada tendo no sentido longitudinal das naves, colunas adoçadas. Há todavia uma excepção na indicação geométrica dos pilares: Os terceiros a contar da portada da entrada são maiores sem indicação de colunas. Trata-se aqui e só nestes dois, de indicação de sapata de alicerce, ou na verdade, a sua elevação era prismática e excepcional com secção rectangular? É difícil responder a tal pergunta.

A portada principal, exígua - menor do que a da sala do Capítulo - está apertada entre as duas torres, bem robustas, entre contrafortes, topos prolongamentos das paredes-mestras da Igreja: mostra-nos um corolário de arcarias reentrantes, decrescentes, de feição bem nitidamente românica e da mesma família da das Sés de Coimbra e de Lisboa, ambas posteriores a S. Vicente.

Pela completa ausência de contrafortes transversais e de pouca espessura das paredes-mestras (cerca de 1m), pode concluir-se que a cobertura da igreja não foi abobadada com terraço, mas sim de estrutura de madeiramento, suportando telhado.

De resto, este sistema justifica a necessária rapidez no erguer da obra a par de importante economia de custo. Esta igreja constituiu outro exemplo de três naves não abobadadas, a juntar a outras românicas portuguesas.

Sobre a ampliação da Ábside-mor em grande sala-de-coro, ocorre perguntar-se se tal larguesa não teria sido uma das obras de D. João III?" (o.c., p. 20).

O referido Autor aponta as medidas aproximadas:

“Para se ajuizar das dimensões das duas peças principais do Mosteiro de D. Afonso Henriques apontamos aqui, as seguintes medidas aproximadas, em conversão métrica (palmos iguais a 0,22m) de:

Igreja: Comprimento = 36,08m. Largura = 13,53m

Nave Central = 4,18m

Naves Laterais = 3,74m

Ábside Central = comprimento ? X 4,18m

Ábsides laterais = comprimento 4,40 X 3,74m

Claustro = Comprimento = 29,15m. Largura = 28,38m

Capítulo = Comprimento = 10,78m. Largura = 5,50m

Refeitório = Comprimento = 24,86m. Largura = 5,72m”

Esta igreja e convento desapareceram por completo em 1582 e ss.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

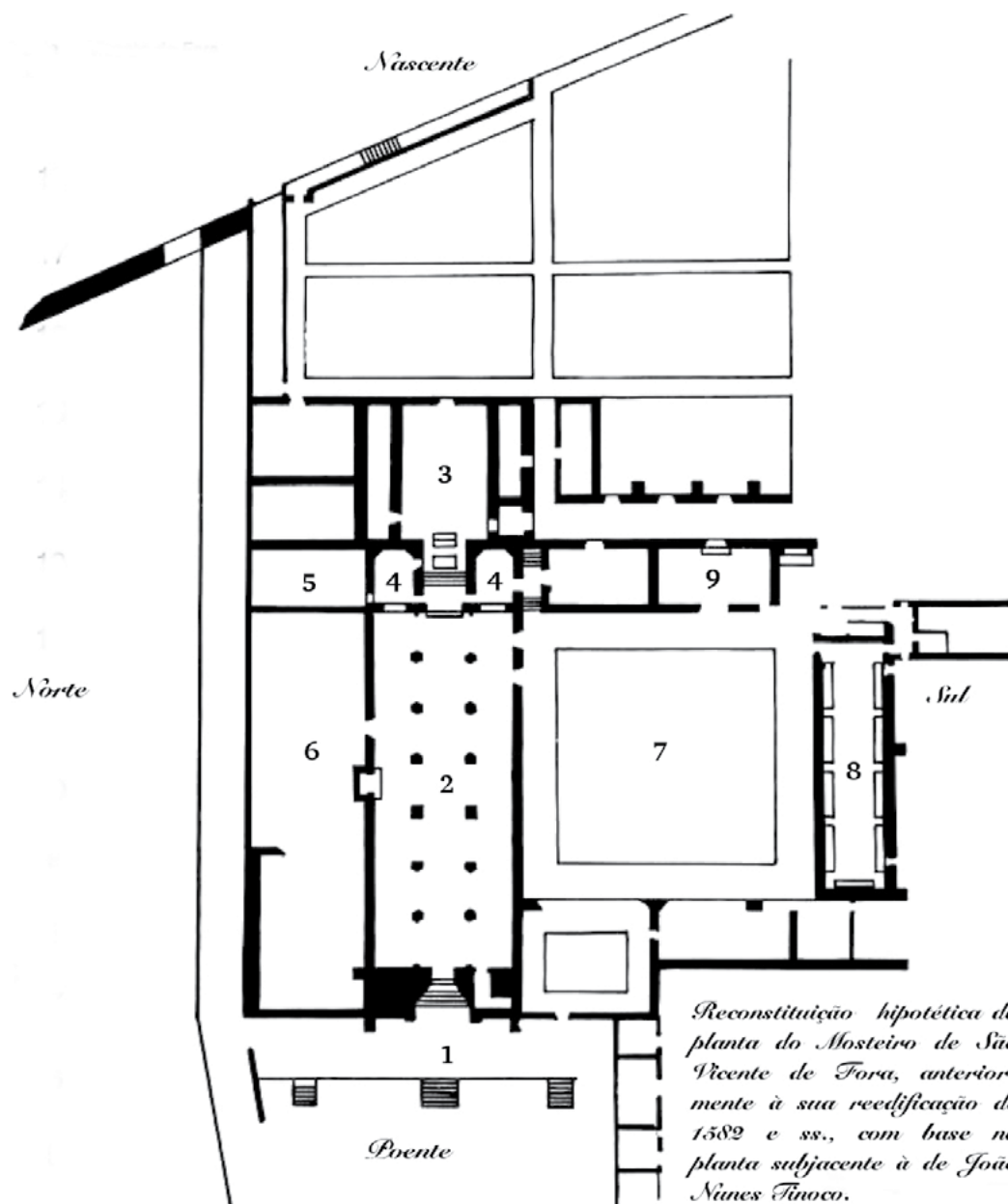


Fig. 6 - Reconstituição da planta do mosteiro erguido por D. Afonso Henriques, tal como seria antes da reconstrução no tempo de Filipe II.

In Segurado (1976), Da obra Filipina de S. Vicente de Fora.

- (1) Átrio; (2) Nave da igreja; (3) Abside principal; (4) Absides laterais; (5) Sacristia; (6) Zona a céu aberto, acesso lateral, cemitério; (7) Claustro velha; (8) Refeitório; (9) Sala do capítulo.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES - 1ª XLIX

Século XII [1147]

1. Na origem desta igreja está uma pequenina Ermida dos Cruzados Ingleses, auxiliares do Rei D. Afonso Henriques no assédio e saque da cidade mourisca de Lisboa. Situava-se ela no local então chamado Monte Frágoso, e mais tarde, Alto de São Francisco. Ali se instalou o acampamento dos Cruzados Ingleses, com o cemitério dos seus “mártires”, a poente da Lisboa sarracena.

Vd. Ermida do Acampamento dos Ingleses - 1147

2. Em 21 de Outubro [de 1147], dia dedicado às Onze Mil Virgens, com as quais tinham assim os Estrangeiros como El-rei grande devoção, deu-se um combate tão intenso e porfiado que, não podendo já os Mouros sofrê-lo, se houveram de render.

Em acção de graças por tão insigne vitória, reconhecendo o piedoso rei que a Senhora fora sua benigna e eficaz Auxiliadora, mandou continuar (ou dar princípio) às obras da Igreja e Convento de Nossa Senhora dos Mártires.

A primeira pedra terá sido lançada no dia 21 de Novembro de 1147, no mesmo dia em que foi lançada a 1ª pedra da igreja de São Vicente de Fora. Mandou logo abrir os alicerces para os dois Conventos, e dispor as plantas em forma que os cemitérios ficassem dentro das igrejas. Nesta do acampamento dos Cruzados Ingleses ficaram sepultados todos os cristãos que em defesa da Fé acabaram a vida, cujos ossos se conservaram sempre nela, debaixo do altar das Almas, com muita honra e veneração, como Mártires.

Foi muita a alegria, quer do Rei quer dos Estrangeiros, Prelados e mais Senhores. E se ele lhe deu o título referido, por devoção dos Estrangeiros, por julgarem piamente que todos os seus companheiros, que ali haviam dado as vidas, e estavam sepultados naquele lugar, deviam ser tidos por Mártires, pois pelejando pelo nome de Cristo e pela exaltação da sua Fé, haviam derramado o sangue, pelejando contra os inimigos dela, sem mais estipêndio que o de dilatar a mesma Fé e procurar a sua maior honra e glória.

3. Dizem os Autores que o Rei mandara com grande cuidado e diligência continuar com a obra dos dois Conventos. De tudo deu conta El-rei ao papa Eugénio III, que então

^{XLIX} Da obra românica desta igreja nada se sabe, assim como das eventuais campanhas que poderão ter ocorrido na época gótica. O templo foi radicalmente modificado no período barroco e as informações acerca da sua história medieval são muito escassas. A primitiva localização era mais a Sudeste da actual, próximo do local onde, mais tarde, se construiu o Convento de S. Francisco. À semelhança de outros importantes templos da cidade, também Nossa Senhora dos Mártires se instituiu como verdadeiro complexo religioso. O seu conteúdo martirial e o estatuto de templo umbilicalmente ligado à conquista da cidade atraíram outras fórmulas religiosas que não as estritamente motivadas por uma igreja paroquial. Foi o caso de um eremita de nome Pedro (Fontes, 2007: 262), enigmática personagem ali estabelecida na Baixa Idade Média. Em 1472, aqui recebeu a primeira homenagem o corpo do Infante Santo, D. Fernando, irmão de D. Duarte, após o seu resgate em Marrocos. Consta que, no templo, foi venerado um painel (ou retábulo?) que evocava a memória daquele Infante, o qual foi visto por Camões que lhe consagrou um soneto (Silva, 1994a: 567).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

presidia na Cadeira de São Pedro; e lhe pediu a confirmação para o novo Bispo de Lisboa, D. Gilberto, e a aprovação dos dois Conventos.

O Pontífice mandou logo uma e outra confirmação. Para habitantes do Mosteiro de Nossa Senhora dos Mártires, foi de parecer o bispo D. Gilberto que se pusessem nele os Clérigos que vieram na Armada: porque vinham nela muitos sujeitos de grandes letras e virtude; e que, por esta Igreja ser aquela em que estavam sepultados os Estrangeiros, tinham eles na preferência maior razão.

Abraçou o Rei o parecer do Bispo. E assim, aos Clérigos Estrangeiros se deu a Igreja e o Convento. Mas terão perseverado nele pouco tempo, em forma de Comunidade e Religião: porque (como refere o Padre Frei Manoel da Esperança) já no ano de 1217 não havia memória de tais Clérigos que vivessem regularmente e só contava ser uma das mais antigas paróquias. E da fundação do Convento de São Francisco da Cidade (começado no ano de 1217 com o favor do Rei D. Afonso II) consta não haver ali, além da Igreja da Senhora, muitos edifícios; e que aquele sítio eram uns montes livres e desocupados.

4. O Bispo D. Gilberto erigiu logo esta igreja como paróquia. Ainda hoje se conserva (embora mutilada!) a pia baptismal. Ela registava em letras góticas uma inscrição que dizia:

ESTA HE A PIA EM QUE SE BAPTIZOU O
PRIMEIRO CHRISTÃO NESTA CIDADE QUANDO
NO ANNO 1147 SE TOMOU AOS MOUROS

Mas no ano de 1602, modificaram a pia baptismal, poliram-na em forma oitavada, picaram a pedra para eliminar a escrita gótica e transformá-la em escrita redonda!

5. É importante esta paróquia, como matriz de novas paróquias. Consta que, na sua origem, o território desta freguesia se estendia desde a Sé e Santa Justa até Oeiras. Por uma demarcação paroquial feita por escritura de 2 de Agosto de 1476, esse território foi muito reduzido, passando a abranger então somente o território que ia até ao local das Portas de Santo Antão (a leste) e a ribeira e a ponte de Alcântara (a poente). Em 1551 já a sua circunscrição estava ainda mais reduzida, ignorando-se em que ano e por qual arcebispo essa redução fosse executada. Posteriormente foram-se desmembrando dela novas freguesias, do lado ocidental até à ponte de Alcântara, algumas completadas em territórios destacados doutras paróquias. Assim, até 1750, foram as seguintes:

- Nossa Senhora do Loreto (mais tarde chamada de Nossa Senhora da Encarnação), em 1551;
- Santa Catarina, em 1559;
- Santos Mártires, Veríssimo, Máxima e Júlia (Santos-o-Velho), em 1566;
- São Paulo, em 1566 (?);
- Nossa Senhora das Mercês, em 1632 (separada, por sua vez, da de Santa Catarina, com território também da freguesia do Loreto);
Entretanto, tinham-se criado na área da freguesia de N.ª Sr.ª dos Mártires duas novas paróquias de tipo pessoal (isto é, sem território privativo):
- Chagas de Jesus Cristo, em 1542 (dos homens do mar);

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- Nossa Senhora do Loreto, em 9 de Janeiro de 1551 (dos italianos). Posteriormente a 1741 desmembraram-se desta freguesia alguns tractos de território em que, ou se formaram novas freguesias completas, ou contribuíram com outros extraídos de freguesias limítrofes para a constituição de novas paróquias. São estas:
- Santa Isabel, em 1741;
- São Pedro em Alcântara, em 1770;
- Nossa Senhora da Lapa, em 1770;
- Santo Condestável, em 1934.

6. Do templo primitivo não possuímos uma descrição elucidativa terá sido várias vezes reedificado ou restaurado.

Em 1518 esteve prestes a ser demolido para ser construído noutro lugar. Foi o caso que, pretendendo o rei D. Manuel aumentar e reformar o Convento de São Francisco, deu início à obra em 1517. O Rei projectava colocar o velho templo de Nossa Senhora dos Mártires noutro lugar: e para tal recorreu ao papa Leão X; o qual logo concedeu a licença (breve de 8 de Junho de 1518). Já se ia dar começo à demolição, quando os próprios frades do Convento de São Francisco dissuadiram o rei de consentir nesse acto de vandalismo inútil!

7. A Dedicção desta igreja celebrava-se a 13 de Maio. Nesse dia iam em procissão àquela casa, todos os anos, o Senado de Lisboa e o Cabido da Sé metropolitana. Qual a razão desta data?

Uns diziam que o Cerco de Lisboa começara em 13 de Maio de 1147. Todavia na opinião de muitos, o Cerco começara em 28 de Junho, vésperas dos Apóstolos São Pedro e São Paulo.

Parece mais provável a explicação de que caía nesse dia a Dedicção da Basílica de Nossa Senhora dos Mártires de Roma, que o Papa Bonifácio IV mandou purificar (era então o célebre Panteon, onde eram honrados todos os falsos deuses) e consagrou à honra da Virgem Maria e de todos os Mártires, imperando Focas.

8. A imagem primitiva de Nossa Senhora esteve sempre colocada no altar-mor, numa rica tribuna, e posta em um magnífico trono, “feito com grande artifício e valente escultura” (Santuário Mariano, tomo 1º, p. 37-38).

“É a santa imagem de talha, estofada, e sobre ela a vestem de ricas telas e bordados. Compõem-na com toalha, a cor é trigueira, mas de grande formosura e majestade. A altura é de quatro para cinco palmos [entre 0,88cm e 1,10m]. É com haver mais de 550 anos que ali se colocou [isto era escrito no início do século XVIII], sendo de madeira, está a encarnação tão viva e perfeita, que causa admiração. Tem ao Infante Jesus sobre o braço esquerdo, olhando para a Mãe”. (ib.)

A seguir:

1598/1602: 2ª Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, destruída pelo terramoto de 1755

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

1761/1786: 3ª Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, reedificada após o terramoto, nou-
tro local, e que ainda subsiste.



Fig. 7 - Pormenor da Vista de Lisboa na 2ª metade do séc. XVI (Braunio, 1598).
Em destaque, a Igreja de N. S.ª dos Mártires (107) e o Convento de S. Francisco (25).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ IGREJA PAROQUIAL DE SANTA CRUZ DA ALCÁÇOVA ⇒ SANTA CRUZ DO CASTELO - 1ª L

Século XII [1147] - † 1755 ➡

1. Esta igreja foi primeiramente designada de Santa Cruz da Alcáçova, designação que ainda aparece em documentos de 1248 e 1279, e depois passou a chamar-se Santa Cruz do Castelo.

Foi fundada, segundo a tradição, por D. Afonso Henriques, logo após a conquista da cidade (1147); e terá sido instalada no edifício de uma mesquita moura que naquele local existia.

A primeira referência documentada remonta ao ano de 1168 (Escritura do bispo D. Álvaro). Depois é referida no Sínodo de 1191; na Relação de 1209 ou 1229; na Inquirição Particular de 1211-1230 (“ecclesia sancte Crucis de Alcazova”)....

2. É verosímil que esta igreja de Santa Cruz - que, segundo tradições conservadas por Coelho Gasco e Carvalho da Costa, era a mesquita da Alcáçova durante a dominação moura - tivesse sido o templo que recebeu a procissão e o cortejo real de 25 de Outubro de 1147.

^L Castilho, 1936: vol. V, 147 atribui a este templo o estatuto de primeira e efémera “catedral” lisboeta, apontando-o como local de ordenação de Gilberto de Hastings como bispo de Lisboa, por D. João Peculiar. O relato do cruzado R. (ed.1989: 76-77) permite concluir que a procissão entrou na cidade conquistada pelo lado nascente (perto do acampamento militar de D. Afonso Henriques), dirigindo-se, então, à Alcáçova. Segundo o mesmo relato (ed.1989: 78), no entanto, a escolha de Gilberto para bispo só terá ocorrido alguns dias mais tarde (entre a entrada triunfante na cidade, 25 de Outubro, e a pretensa sagração da mesquita maior, 1 de Novembro). Silva, 2008: 236 admitiu que a invocação da freguesia estaria associada aos regantes de Santa Cruz de Coimbra, porém sem citar qualquer documentação. O relato do cruzado R., por seu lado, é elucidativo a respeito do emblema que o estandarte principal dos cruzados ostentava - a «cruz redentora» -, o qual foi «colocado no mais alto do castelo» (ed.1989: 76-77). Sobre a função e trajetória do templo durante a Alta Idade Média, as opiniões são também distintas. Torres, 2001: 76 localizou neste bairro o principal núcleo populacional ligado à administração islâmica e respectivo exército, dando aparente crédito à tradição de ali se situar uma mesquita; Silva, 1942, republ. 1954: 184 já havia advertido para a inconsistência acerca da tradição segundo a qual este templo teria sido mesquita, embora os seus argumentos mereçam revisão. Por outro lado, Matos, 1999: 33-34 sustentou que o local teve culto moçárabe, ainda que não se possa assegurar estar em funcionamento aquando da conquista de 1147; de Santa Cruz provêm materiais escultóricos ainda inéditos, que Real, 2000: 52 aproximou a outros característicos da Lisboa moçárabe (em concreto peças do antigo mosteiro de Chelas e datáveis do século X). Na Baixa Idade Média, certamente atraídas pela aura de sacralidade do sítio, o adro da igreja foi parcialmente ocupado por celas eremíticas, onde viviam mulheres emparedadas, prática devocional documentada para o local entre 1308 e 1385 (Fontes, 2007: 263-264). É possível que ali se tenha feito sepultar D. João Afonso, bispo de Évora, mas a inscrição recolhida por Coelho Gasco, no século XVII, que ostentaria a data de 1318 (possivelmente Era) não foi admitida por Barroca, 2000, vol. II: 2183 no seu *corpus*. Entre 1359 e 1360, no início do seu episcopado, D. Lourenço Rodrigues efectuou obras de reparação (Saraiva, 2005: 433). No baptistério conserva-se uma imagem gótica da *Santíssima Trindade*, que a tradição admite procedente da destruída capela do Espírito Santo, embora subsista também a versão de a própria igreja ter tido uma capela dedicada ao Espírito Santo.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Sabemos que a Lisboa mourisca se rendeu aos cristãos no dia 21 de Outubro, uma 3ª feira, pelas quatro horas da tarde, após dezassete semanas de heróica resistência. No sábado seguinte, 25 de Outubro, festa de São Crispim e São Crispiniano, fez-se a entrada solene na cidade, que a *Carta de um Cruzado Inglês* descreve nos seguintes termos:

“Indo à frente o arcebispo [de Braga] e os bispos com a bandeira da cruz do Senhor, entraram depois os nossos chefes, juntamente com o rei e com os que para isso tinham sido escolhidos.

Quão grande foi a alegria de todos! Que grande glória a nossa!

Quantas lágrimas de júbilo e piedade quando, em louvor de Deus e da Santíssima Virgem Maria, o estandarte da cruz redentora foi visto por todos, colocado no mais alto do castelo, em sinal de submissão da cidade, cantando o arcebispo e bispos com o clero e todos os demais, banhados em lágrimas e com grande júbilo *Te Deum laudamus*, com o *Asperges me* e outras orações devotas!

O Rei entretanto deu uma volta a pé pelos muros mais altos do castelo”

“Tomada Lisboa, o vitorioso e santo Rei se foi aposentar nos paços del-rei mouro, que são hoje os d’alcáçova, nome corrupto de Alcácer, que quer dizer em língua arábia, castelo. E a mesquita dos mouros, que estava dentro nesta alcáçova, a mandou santificar e a limpar, e chamou-lhe Santa Cruz, por amor do dia da tomada desta cidade” (Gasco, 1924: 285).

3. Como era a igreja nos seus inícios, não sabemos. Nem como atravessou os séculos XII a XVI.

Nos fins do século XV e princípios do século XVI, a igreja foi riquíssimamente restaurada por Dona Isabel de Sousa^{LI}, aia e camareira da rainha Dona Leonor, ornando-lhe as paredes “com mui grandes e custosos retábulos”, em que tinha suas armas, e azulejando-as de modo muito vistoso (diz Coelho Gasco cit em Castilho, 1936: vol. IV, 24). Por isso, na capela-mor, do lado do evangelho, ficou uma tumba ou arca, de pedra alvíssima, debaixo de um arco, separada do público por um gradeamento de ferro. Sobre a tumba jazia uma figura de mulher; e via-se em baixo o seu escudo de armas. Onde foi a sepultura que actualmente já não existe) colocou-se uma lápide, onde se lê:

SEPULTURA DE DONA IZABEL DE SOUZA AYA E CAMA.
REIRA MÓR DA RAINHA D. LEONOR. FALECEO NO
ANNO DE 1516

4. Antes do terramoto de 1755, a igreja tinha três naves, porta principal para o sul, outra para o nascente, outra para o poente; sobre o arco da porta principal erguia-se, dentro de um caixilho de pau, uma antiquíssima imagem de Nossa Senhora da Graça.

Possuía uma boa tribuna toda dourada, e quatro capelas: do lado da epístola, a de São Francisco e a de Nossa Senhora da Graça (jazigo dos Condes de Sant’Iago); e da parte

^{LI} A proximidade do templo em relação a propriedades da rainha, e da sua corte, terá certamente motivado esta intervenção, pois sabe-se que, desde cedo, se estabeleceram na freguesia os Paços da Rainha (Castilho, 1936: vol. VI, 207). Anexo, existiu o Hospital da Rainha, instituído antes de 1335 (Silva, 2008: 240).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

do evangelho, a capela das Almas, com o Arcanjo São Miguel, Santo António e Senhora da Conceição, e a capela de São Sebastião.

A igreja media (segundo os tombos da reedificação da cidade em 1755) 50 palmos de frente [= 11 metros] e 151 palmos de fundo [33,20 m].

O chão da igreja estava coberto de antigas lápides “de muy nobres linhagens e famílias”. Gasco copiou muitas: as armas dos Castros, outra com as armas dos Pereiras, outras com as armas dos Soares de Melo; os brasões de gente de apelido Fonseca, Paiva, Machado, Brandão; a sepultura de um Lourenço Fernandes, a campa de D. João Afonso, bispo de Évora, e de seu pai e sua mãe. Numa capela com a invocação do Espírito Santo, que pertencia a uma família de Abreus (que era então a 1ª à direita entrando pela porta principal), viam-se dois cofres de pedra, cada um com seu escudo: num dos cofres jazia a ossada de Pedro de Abreu, no outro, a ossada da sua mulher Dona Mécia Botelha d’Andrade (Castilho, 1936: vol. IV, 26).

5. O terramoto de 1755 não a destruiu toda; mas o incêndio que se seguiu ao abalo é que fez medonhos estragos em toda a zona.

A construção da igreja actual é quase toda posterior ao terramoto.

Vd. Igreja de Santa Cruz do Castelo - 2ª, sec.XVIII [1776]

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA DE SÃO BARTOLOMEU (AO CASTELO)** † ^{LII}**Século XII [ant. a 1168] → 1755**

A notícia mais antiga que conhecemos sobre a existência duma igreja de São Bartolomeu em Lisboa vem numa escritura de 25 de Maio de 1168, conforme nos refere D. Rodrigo da Cunha: “Faz mais esta escritura [[de D. Álvaro, bispo de Lisboa] menção da igrejas de São Jorge, de Santa Cruz, de São Bartholomeu, e São Martinho, tão antiga é a sua fundação” (Cunha, 1642: fl. 78). Depois é sucessivamente mencionada no documento sobre o Sínodo de 1191, na Relação de 1209 ou 1229; na Inquirição Particular de 1211-1230. Omitida no Doc. de Chelas, de 1261. O Catalogo de 1320-1321 taxa a igreja de São Bartolomeu de Lisboa em 190 libras e o comum dos raçoeiros da dita igreja em outras tantas 190 libras. O Sumário de 1551 menciona-a: tem vigário, e três beneficiados, e um tesoureiro; três capelas, duas confrarias; 74 casas; 6 ruas e uma travessa; 91 vizinhos e 596 almas.

Estava situada onde agora é o Largo dos Lóios, perto do Castelo de São Jorge, antes de se entrar nela, dentro do pátio que tem neste largo os n.ºs 3 e 4.

Consta que foi capela dos reis antigos e no tempo de el-rei D. Dinis já era sua, sendo palácio as casas que lhe ficavam fronteiras. Havia um passadiço do dito palácio ou reais paços para esta igreja (como se vê dos vestígios e sinais que estão na parede da torre dos sinos, diz alguém).

Foi restaurada algumas vezes, e reedificado o templo em 1707, por diligências do prior, o padre Manuel da Silva e Moura.

Antes de 1755, a igreja media de frente (para o poente) 64 palmos = 14,08m; e de fundo, 100 palmos = 22m; o adro media 51 X 53 palmos = 11,22 X 11,66m.

Nos princípios do século XVIII (segundo nos diz Costa, 1932: tomo III, 350-351), a igreja tinha três naves com três arcos cada uma, e 5 altares. O altar-mor ostentava uma tribuna de talha doirada, onde se venerava a Senhora da Conceição (lado do evangelho) e o Apóstolo São Bartolomeu (lado da epístola). Os dois altares colaterais também apresentavam boa obra de talha. O da banda do evangelho tinha no trono uma linda imagem de Nossa Senhora da Graça; o oposto pertencia a São Miguel e possuía irmandade das almas. Tinha mais, do lado da epístola, a imagem de São Sebastião; e no lado contrário São Silvestre, papa (imagem

^{LII} Vargas, 2002: 48 e 66 aceita a antiguidade da igreja proposta por Cunha, 1642: 78 e também seguida por Silva, 1943, republ. 1954: 230 e por Felicidade Alves. Outra tradição, aceite por Castilho, ed. 1938: vol. XI, 60 dá conta do estatuto do templo como capela real no tempo de D. Dinis, altura em que estaria, de certo modo, privatizada, pois comunicava com o palácio real fronteiro e teria um passadiço. Andrade, 1948: 116 recordou a acção de Júlio Mardel de Arriaga, morador no Largo dos Lóios e que encontrou, num prédio, os arranques da abóbada da igreja. Cortez, 1994b: 436 disse desse templo gótico que tinha portal de arco apontado, espaço interior para 300 pessoas e cobertura da nave pintada com as armas reais. Silva, 2008: 243 mencionou dois documentos da Chancelaria de D. Dinis, pelos quais se fica a saber que a igreja era, até 1286, do padroado real, transitando, nesse ano, para o Hospital que o seu chanceler (então já como bispo de Évora), Domingos Eanes Jardo, havia construído cerca de dois anos antes. Nos séculos XIII e XIV, juntamente com a Igreja de Santa Cruz do Castelo, S. Bartolomeu atraiu a devoção de eremitas e emparedados, estando documentada uma D. Urraca em 1286 (Fontes, 2007: 263 e 265).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

única em toda a Lisboa). As outras duas capelas, á direita de quem entrava no templo, pertenciam a particulares.

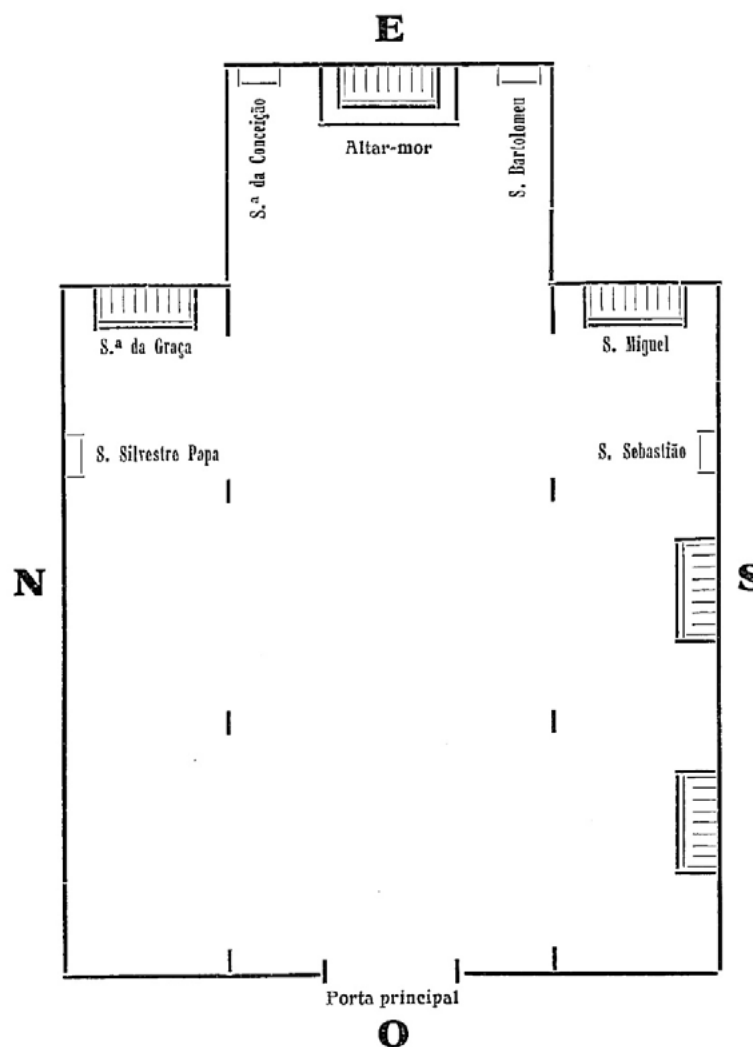


Fig. 8 - Reconstituição da planta da Igreja de S. Bartolomeu por Júlio de Castilho, a partir da descrição de Carvalho da Costa nos princípios do século XVIII (cf. Castilho, 1937: vol. VIII, 64).

† 1755 O terramoto de 1755 derrubou o tecto e a frontaria do templo; o incêndio subsequente destruiu-lhe as melhores três capelas, a prata e os ornamentos, salvando-se no entanto tudo quanto pertencia à Senhora da Graça (esta imagem era atribuída ao tempo da rainha Santa Isabel).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O título da paróquia - **São Bartolomeu** - peregrinou por diversos locais:

- Primeiramente, foi instalar-se numa barraca construída no sítio, então ermo, do Cardal, ao Campo de Santa Clara, donde nasceu o nome da rua do **Cardal à Graça**, local onde está a capela de N.^a Sr.^a da Glória, na rua do mesmo nome.

- Daí passou para a Ermida de N.^a Sr.^a do Rosário, na Rua da Verónica, nº 31, onde depois foi uma fábrica de malas, depois um armazém de sacaria, mesmo em frente da Travessa do Rosário a Santa Clara.

- Pelo Plano de remodelação das freguesias, de 1770, foi trasladada para o sítio do Beato, com sede na igreja do Convento de São Bento de Xabregas, de Cónegos Seculares de São João evangelista, vulgarmente chamado do Beato António, que era da mesma Ordem religiosa que o Convento de Santo Elói ou dos Lóios, vizinho da primitiva paroquial de São Bartolomeu do Castelo.

- Extintas as Ordens Religiosas em 1834, foi mandada instalar a paróquia de São Bartolomeu (aviso de 5 de Outubro de 1835) na igreja do Convento de Frades Franciscanos de Nossa Senhora de Jesus de Xabregas; tal não se chegou a efectuar por o povo se ter oposto, visto o templo se encontrar em péssimo estado, devido às profanações e aos saqueamentos ignóbeis a que tinha sido exposto.

- A pedido do povo, o Governo mandou transferir então, em 28 de Novembro de 1835, para a igreja do Convento de Nossa Senhora da Conceição do Monte Olivete, vulgarmente cognominado **dos Grilos**, de Religiosos Agostinhos Descalços, também em Xabregas. Para lá transitou em 27 de Dezembro de 1835, ocupando apenas a igreja e a sacristia.

Na capela de Sant'Ana, que vinha a ser a primeira à entrada da porta principal, do lado da Epístola, lia-se sobre uma sepultura esta inscrição:

DEPOSITUM
INTESTINORUM
PETRI DE TAVARES
DOMINI MIRAE
XVI DIE MARTII
ANNO DNI M. DC. XXVI

Sobre outra sepultura da mesma capela lia-se a seguinte inscrição preciosa por nos dar o nome dos fundadores:

ESTA SEPULTURA HE DE IOÃO DA FON-
SECA CUJAS FOROM AS ILHAS DAS FRORES
E DE SUA MOLHER M.^{DA} DALCAÇOVA
OS QUAIS EDIFICARÃO ESTA CAPELLA PERA SEU
IAZIGO, E DE SEUS FILHOS, E ERDEIROS. ELLE SE
FINOU 22 DIAS DO MES DAGOSTO DA ERA DE 1522 ANNOS.

(Em Castilho, 1938: vol. XI, 65-66)

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



LARGO DOS LÓIOS, VISTO DO NASCENTE PARA POENTE

Nuns compartimentos do prédio alto ao meio da estampa existem ainda restos da capela-mor da igreja paroquial de S. Bartolomeu. A entrada é pelos dois portões quási unidos que se veem na fachada

Cliché Ed. Portugal

Fig. 9 - Fotografia do Largo dos Lóios reproduzida de Castilho, 1938: vol. XI, 116.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA DE SÃO MARTINHO - 1ª → LIII****Século XII [antes de 1168]**

A mais antiga notícia da existência desta igreja e paróquia remonta ao ano de 1168: é a escritura de D. Álvaro, em que se faz menção das quatro igrejas mais antigas do interior de Lisboa (vd.). Depois é mencionada no Sínodo de 1191; na Relação de 1209 ou 1229; e na Inquirição particular de 1211-1230.

No tempo de Afonso II, a Ordem do Hospital possuía uma casa nesta freguesia: “in Sancto Martino unam casam”. Em 1222 já era venerada ali a imagem de Nossa Senhora da Piedade, conforme uma lápide sepulcral (que ainda ali existia no século XVIII) de um antigo vigário, falecido em 22 de Fevereiro de 1222 e enterrado defronte de Nossa Senhora da Piedade (dizia a lápide).

João Bautista de Castro refere, no seu Mappa de Portugal, que havia um documento lapidar que provava ter sido esta paróquia priorado já em 1183. A inscrição dizia:

Decimo tertio kalendas Februarii Joannes Ramiris hujus

Ecclesiae Primus Prælatas obiit aera 1221 (Castro, 1763: tomo III, 368).

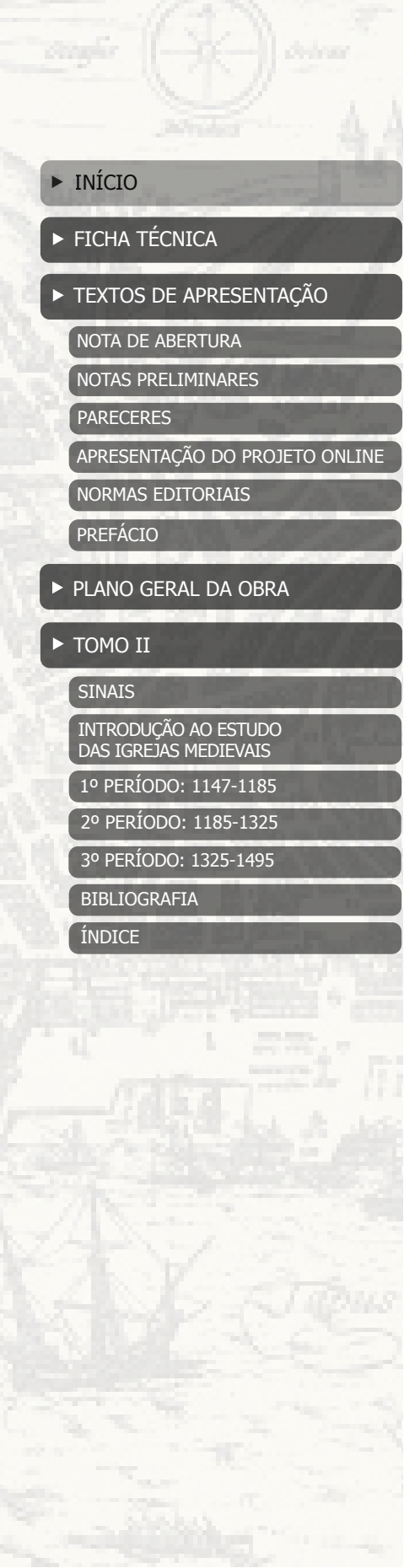
= No dia 13 das calendas de Fevereiro [= 20 de Janeiro], João Ramires, primeiro prelado desta igreja, faleceu na era de 1221 [= ano de 1183].

A igreja ficava situada no espaço agora ocupado em parte pelo leito do Largo de São Martinho, em frente do prédio n.ºs 8 a 11.

Junto a esta igreja situava-se o Paço a-par-São Martinho, notável por muitos acontecimentos, alguns trágicos, da nossa história: ali vivia Dona Leonor, viúva do rei D. Fernando, a qual em 1383 era Regente do Reino; ali foi assassinado em 6 de Dezembro de 1383, pela mão do Mestre de Aviz (depois Rei D. João I), o famoso Conde Andeiro... Do dito Paço saía um arco passadiço para o templo fronteiro de São Martinho. O referido arco deixou memória na toponímia: Arco do Limoeiro.

No século XVII achava-se o templo tão arruinado, que foi reedificado desde os alicerces. Quando foi demolida a nova igreja (século XIX), encontraram-se vários vestígios da primitiva construção.

^{LIII} Vargas, 2002: 48 e 66, apoiado em Cunha, 1642: 78, atribui a data de 1162 como mais antiga referência, mas deve equivocar-se, trocando o 2 por 8. Andrade, 1949: 146, apoiado em Carvalho da Costa e na inscrição de João Ramires, admite uma data anterior a 1183 como primeira referência para a igreja. A mais antiga prova material é a inscrição funerária do seu prelado, João Ramires, que ali se fez sepultar e de que se conserva epitáfio com a data de 20 de Janeiro de 1183, actualmente no Museu Arqueológico do Carmo (Barroca, 2000, vol. II: 456-458). É a ela que se referiu João Bautista de Castro, em 1763: vol. III, 368. Felicidade Alves refere-se a duas inscrições, pretensamente realizadas em datas muito próximas, mas a relativa à era de 1222, onde constaria a menção ao culto de Nossa Senhora da Piedade, não merece crédito à moderna historiografia, devendo antes tratar-se de uma tradição veiculada por alguma deficiente leitura da inscrição de 1183 (Era 1221). Em 1496, D. Manuel concedeu o padroado do templo à rainha D. Leonor. Não foi possível confirmar o aparecimento de vestígios arquitectónicos medievais aquando da sua demolição, em 1838, à excepção da referida inscrição.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Vd. Igreja de São Martinho - 2ª [1634...]

Proveniente desta igreja, conserva-se na igreja de São Tiago uma imagem de “Nossa Senhora da Piedade”, que passa por ser uma das mais antigas de Lisboa. (Vd. O que escrevemos neste mesmo artigo, no início).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA DE SÃO JORGE** ^{LIV}**Século XII [antes de 1168] - † 1755**

A primeira referência a esta igreja e paróquia remonta a 1168, à Escritura do bispo D. Álvaro. Depois é mencionada no Sínodo de 1191; na Relação de 1209 ou 1229; na Inquirição Particular de 1211-1230: “Ecclesia Sacti Jurgii”; no Documento de Chelas, 1261; no Catálogo de 1321 é taxada a igreja de São Jorge em 80 libras e o comum dos raçoeiros dela em 60.

Era uma freguesia minúscula, com área e população um pouco superiores às da vizinha freguesia de São Martinho, mas mais pobre de rendimentos.

Situava-se no local que divide as ruas do Limoeiro e do Barão, fronteiro ao antigo Aljube, perto do extremo ocidental do troço leste-oeste da actual Travessa das Merceeiras, à Sé, da banda do norte.

Era esta igreja priorado de concurso provido pela Mitra. Já em dias de D. Dinis se anexava a mesma igreja à cadeira do mestre-escola da Sé.

Júlio de Castilho descreve-nos como era a igreja antes do terramoto de 1755:

“Ficava na Rua do Arco do Limoeiro, à esquerda de quem vem do Limoeiro para a Sé, do lado do Tejo, e aproximadamente onde hoje vemos o asilo dos Mercieiros.

Até 1755 manteve-se o edifício no estado em que, já no princípio do século XVIII, no-lo descreve a Chorografia Portuguesa: com as suas duas portas. A principal para o poente e a outra para o norte ⁽¹⁾: na rua direita que vai de santa Maria Maior para o Limoeiro, á parte direita, confirma outro escritor ⁽²⁾.

Se penetrássemos na nave, notaríamos ser esta a sua configuração:

Na cabeceira do templo, topo oriental, o altar-mor com as sagradas particulas. Aos dois lados dêste altar duas imagens: da banda do Evangelho, Nossa Senhora da Conceição; da banda da Epístola, S. Jorge. Dois altares colaterais: um de Jesus, Maria e José, com irmandade de cegos, e uma devota imagem de Jesus Crucificado; e outro de Nossa Senhora da assunção e S. Miguel.

⁽¹⁾ *Chorogr.*, tom. III, pág. 349

⁽²⁾ Assim se exprime o padre José Lino de Azevedo no seu manuscrito de informações para o *Diccionario* de Luiz Cardoso. Vidê na Torre do Tombo; tem a data de 29 de Março de 1758.

^{LIV} O testemunho de D. Rodrigo da Cunha acerca da existência da paróquia em 1168 tem sido consensualmente aceite. Em 1185 foi vendida uma propriedade na freguesia de S. Jorge (Pradalié, 1975: 39), o que sugere uma coerente delimitação daquele território. Os dados recolhidos por Felicidade Alves até ao reinado de D. Dinis são aceites por Silva, 2008: 247, mas não a sua localização, não tendo este autor recuperado as informações veiculadas por Carvalho da Costa em 1712.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Tinha mais esta igreja uma capella fóra do corpo da mesma (explicação do padre Azevedo, que não posso entender ao certo; imagino uma capela como a de Nossa Senhora a Franca, na paroquial de S. Tiago). Nesta de S. Jorge venerava-se Nossa Senhora da Soledade.

É mais sucinto o padre Carvalho da Costa, quando, enumerando as quatro capelas, designa rapidamente assim: a do Santíssimo, instituída por Francisco de Lima, duas das Almas, e uma do menino Jesus, que era a dos cegos.

Consta-me que se adornavam os altares com pinturas do nosso famigerado Bento Coelho, artista do século XVII ¹.

Era esta igreja priorado de concurso provido pela Mitra. Contavam-se no seu distrito paroquial antes do terramoto, 58 fogos ²; em 1757, 72 fogos ³, com 376 pessoas. Rendia uns 600\$000 réis, e além do prior havia quatro beneficiados a 200\$000 réis.

⁽¹⁾ Cirilo V. Machado, *Memórias*, pág. 86.

⁽²⁾ *Portugal sacro-profano*.

⁽³⁾ *Ibid.*, e o padre Azevedo, acima citado.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

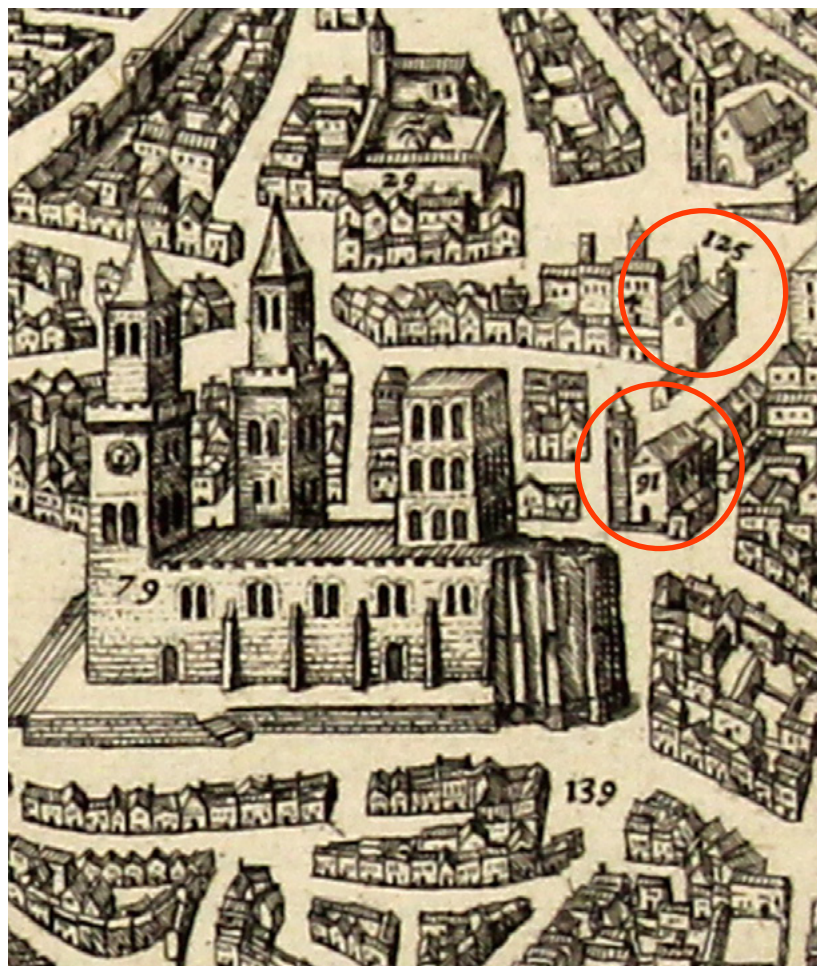


Fig. 10 - Pormenor da Vista de Lisboa na 2ª metade do séc. XVI (Braunio, 1598).
Em destaque, a Igreja de S. Jorge (91) e a Igreja de S. Martinho (125).
Em primeiro plano a Igreja da Sé (79).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

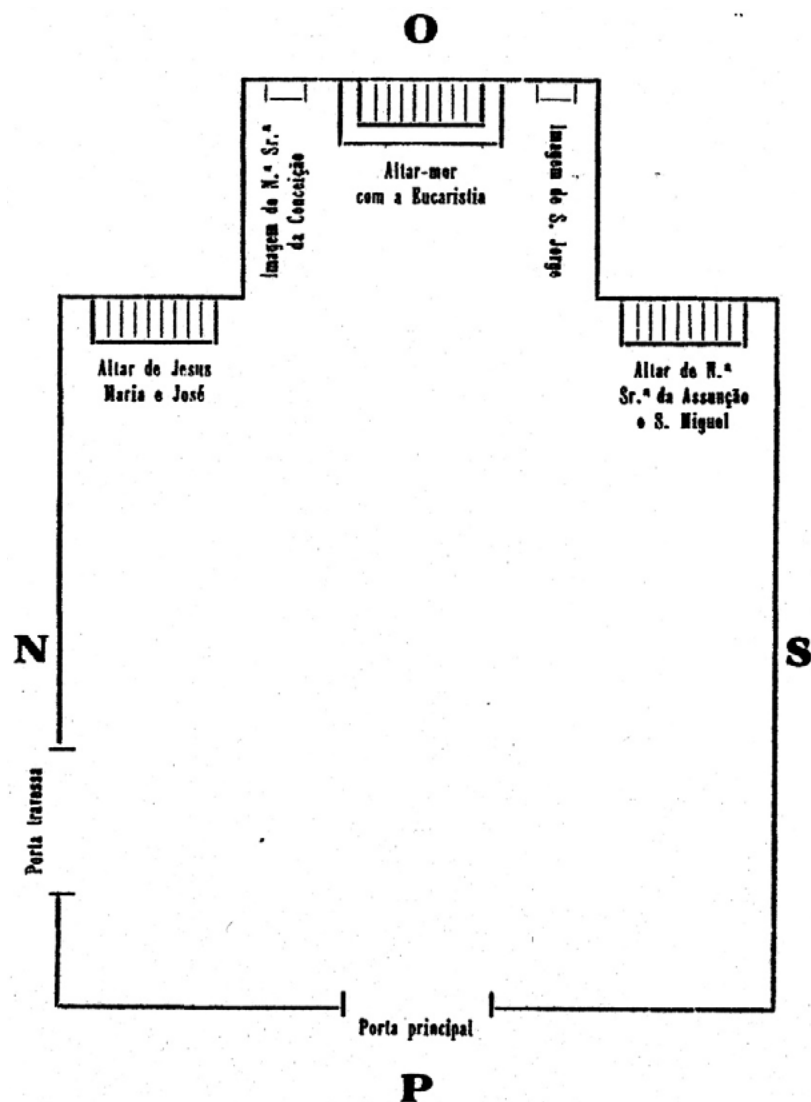


Fig. 11 - Reconstituição da planta da Igreja de S. Jorge por Júlio de Castilho, a partir da descrição de Carvalho da Costa em 1712 e do padre Azevedo em 1755.
Reprodução de Castilho (1937: vol. VIII, 214).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

1755. Esta igreja foi destruída pelo terramoto de 1755. E não foi reedificada.

A paróquia passou, juntamente com a de São Martinho, para a Ermida de Santa Bárbara, em Arroios. Pelo Plano de 1770, foi-lhe assinado distrito no sítio das olarias, com sede na Ermida do Senhor Jesus da Boa Sorte e Via Sacra, para onde se transferiu solenemente em 24 de Janeiro de 1770. Mas pelo Plano de divisão paroquial de 1780 foi-lhe destinado e demarcado um novo distrito, no sítio de Arroios, com sede provisória na ermida de Santa Rosa de Lima, do palácio então dos herdeiros dos Senhores de Murça. Aí permaneceu enquanto se não concluiu a nova igreja de São Jorge, no Largo do Cruzeiro de Arroios, para a qual a paróquia se transferiu solenemente em 8 de Novembro de 1829.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA DE SANTA JUSTA** †^{LV}**Século XII [antes de 1168] † 1755, 1834**

1. A primeira referência a esta igreja e paróquia remonta ao tempo do 1º bispo de Lisboa após a conquista, D. Gilberto: foi este quem dispôs três paróquias nos principais bairros nos subúrbios da cidade; e entre estas três figuravam a de Santa Justa.

Depois é sucessivamente mencionada no Sínodo de 1191: na Relação de 1209 ou 1229; na Inquirição particular de 1211-1230; no Documento de Chelas, de 1261; no catálogo de 1321, em que a igreja de Santa Justa é taxada em 230 libras e o comum dos raçoeiros da dita igreja em 120.

Segundo Carvalho da Costa e Bautista de Castro, terá sido a 2ª paróquia instituída por D. Gilberto (entenda-se: nos subúrbios de Lisboa).

Quando foi feita a trasladação dos ossos de São Vicente para Lisboa, em 1173, ou seja 26 anos depois da conquista, foi nesta igreja que ficaram albergadas as sagradas relíquias, à sua chegada. Sobre a porta do templo foi mais tarde colocada a estátua em vulto de São Vicente.

A igreja de Santa Justa era do padroado real; D. Dinis transferiu esse padroado para os cónegos regantes de Santo Agostinho, S. Vicente de Fora, em 1305 (Vd. Castro, 1763: tomo III, 309).

2. Situava-se perto das espraçadas do esteiro marítimo. Hoje é a Rua dos Fanqueiros, do lado oriental, onde se construiriam as escadinhas de Santa Justa, que ligavam aquela rua com a da Madalena.

O território da paróquia era extensíssimo: abrangia desde o local da igreja até ao Alto de Campolide e Portela de Arroios, Penha de França, Monte Agudo, Graça, Santo André e Mouraria. (Vd. Oliveira, ed. 1987:19-21).

Depois de 1551 até 1741 foram dele destacadas as freguesias seguintes:

- Anjos, entre 1564 e 1569;
- Sant' Anna (depois, Nossa Senhora de Pena), entre 1564 e 1569;
- São José (dos Carpinteiros) em 1567;

^{LV} Cunha, 1642 apontou Santa Justa como uma das três paróquias criadas por D. Gilberto, mas esta deve ter ascendência moçárabe. O seu papel na chegada das supostas relíquias de S. Vicente parece ser claro quanto ao estatuto que o templo detinha para a comunidade cristã sob domínio islâmico (Picoito, 2008: 7). Vargas, 2002: 49 e 66 registou como referência mais antiga a menção de Duarte Galvão acerca do papel da igreja na chegada das relíquias de S. Vicente, em 1173. Mas não apenas o relato de Galvão é muito tardio (já do reinado de D. Manuel), como a argumentação de Pedro Picoito assegura uma existência anterior a essa data. Silva, 2008: 213, baseado em Almeida, 1967: 248, admitiu como primeira referência o ano de 1191. Inicialmente do padroado régio, foi associada por D. Dinis ao Mosteiro de S. Vicente de Fora, em 1305. Nesta igreja instituiu capela D. Sancha Eanes Palhavã, em data anterior a 1393, «embora se desconheça, quer a respectiva carta de fundação, quer o testamento da instituidora» (Silveira, 2007: 201 e 209).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- São Sebastião da Mouraria (depois, N.^a Sr.^a do Socorro), em 1596;

- São Sebastião da Pedreira, entre 1608 e 1620.

Posteriormente a 1741 desmembraram-se desta freguesia parcelas territoriais que, ou formaram novas freguesias completas, ou constituíram com outras destacadas de freguesias limítrofes para a constituição de novas paróquias. São então:

- Santa Isabel, em 1741;

- Santa Joana (depois, Coração de Jesus), em 1770;

- São Mamede (em Vale do Pereiro), em 1770;

- Santo António de Campolide, em 1938

- Nossa Senhora de Fátima, em 1938.

Esta igreja terá tido algumas reconstruções, que se ignoram.

No início do século XVIII era igreja "sumptuosa, de uma só nave, com a porta principal para o poente, e outra para o norte" (Costa, 1712: tomo III, 393). Veja-se igualmente a descrição de Castilho (1936: vol. IV, 201-209).

Antes do terramoto de 1755, o plano de distribuição dos altares e das imagens era o seguinte (segundo o padre Ferreira Freire);

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

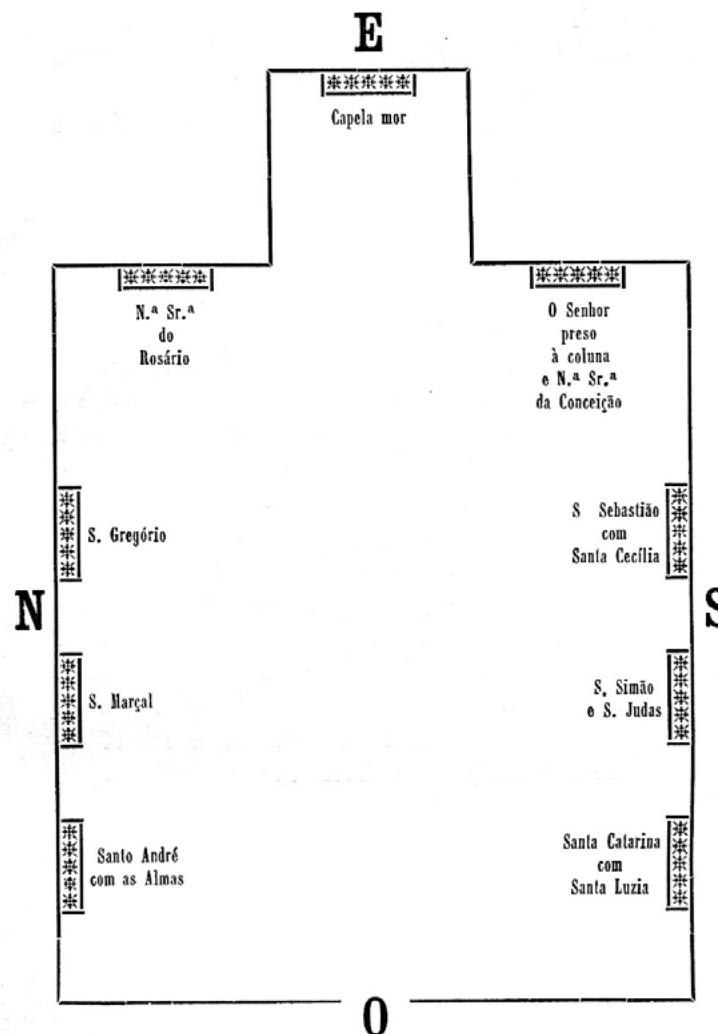


Fig. 12 - Reconstituição da planta da Igreja de Santa Justa em 1755 por Júlio de Castilho, a partir da descrição do Padre Ferreira Freire, Reprodução de Castilho (1936: vol. IV, 205).

1755. A igreja de Santa Justa resistiu aos abalos do terramoto de 1755 mas foi devorada pelo incêndio subsequente. Em consequência disso, a paróquia passou a instalar-se provisoriamente em vários sítios:

- Numa barraca no Rossio, em frente da igreja do Hospital de Todos os Santos, onde permaneceu dois meses e meio;
- Na Ermida de São Camilo, do palácio dos marqueses de Cascais, ao Poço de Borratém, exactamente em frente ao Beco dos Surradores, até a véspera de Ramos do ano de 1757;
- Nesse dia voltou a instalar-se na sua antiga e arruinada igreja.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Por exigências do novo plano de reconstrução da cidade após o terramoto, foi destinada para o novo templo de Santa Justa um local próximo e um pouco ao sul daquele que existia o antigo, na Rua Nova da Princesa, actualmente dos Fanqueiros, que faz esquina para as escadinhas da Santa Justa. No local existiu até à segunda metade do século XX a Companhia do Papel do Prado; actualmente, são as lojas da Pollux.

A igreja nunca chegou a concluir-se, mas funcionou ali, em acomodação provisória, a paróquia até 1834.

1834. Extintas as Ordens Religiosas, a paróquia foi transferida, em 30 de Novembro de 1834, para a igreja do ex-convento de São Domingos, passando a ter a invocação de Santa Justa e Rufina.

Em Dezembro de 1834, a câmara mandou demolir o adro, por sair fora do alinhamento: foram então destruídas as escadas do adro.

Seguidamente serviu de quartel-general a um campo de tropas⁵; e por volta de 1848 foi vendido o que restava do templo a um particular. Em Novembro de 1848 a Câmara aprovou as condições para a compra do retábulo e mais cantaria da capela-mor. Em Março de 1849, a Câmara autoriza a adquirir-se o frontispício do templo.

Em 1849, é transformado em teatro, que se denominava “Teatro de D. Fernando”; pouco depois foi reformado o projecto do teatro, deitando-lhe abaixo o arco da capela-mor, para alargar a caixa do teatro e plateia.

Instalou-se ali em 1863 o Hotel Pelicano, depois chamado Novo Hotel Pelicano. Acabou por ser adquirido em Março de 1922 pela Companhia do Papel de Prado. Actualmente (1991) são as lojas da Pollux.

Do primeiro templo nem vestígios se encontram: apenas o título da paróquia e a referência toponímica: Rua de Santa Justa.

⁵ “Em 1835, o antigo templo ficou servindo de quartel do 7º Batalhão da Guarda Nacional de Lisboa, cujo batalhão se estabeleceu no Convento dos Camilos, e se promudou para a antiga paróquia, em virtude da venda do seu primitivo quartel. Este batalhão foi extinto por ocasião das revoluções políticas que teve a Guarda em 1838. A igreja velha ficou mais destruída com estes hospedes...” (Pereira, 1927: 425).

- INÍCIO
- FICHA TÉCNICA
- TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

- PLANO GERAL DA OBRA

- TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

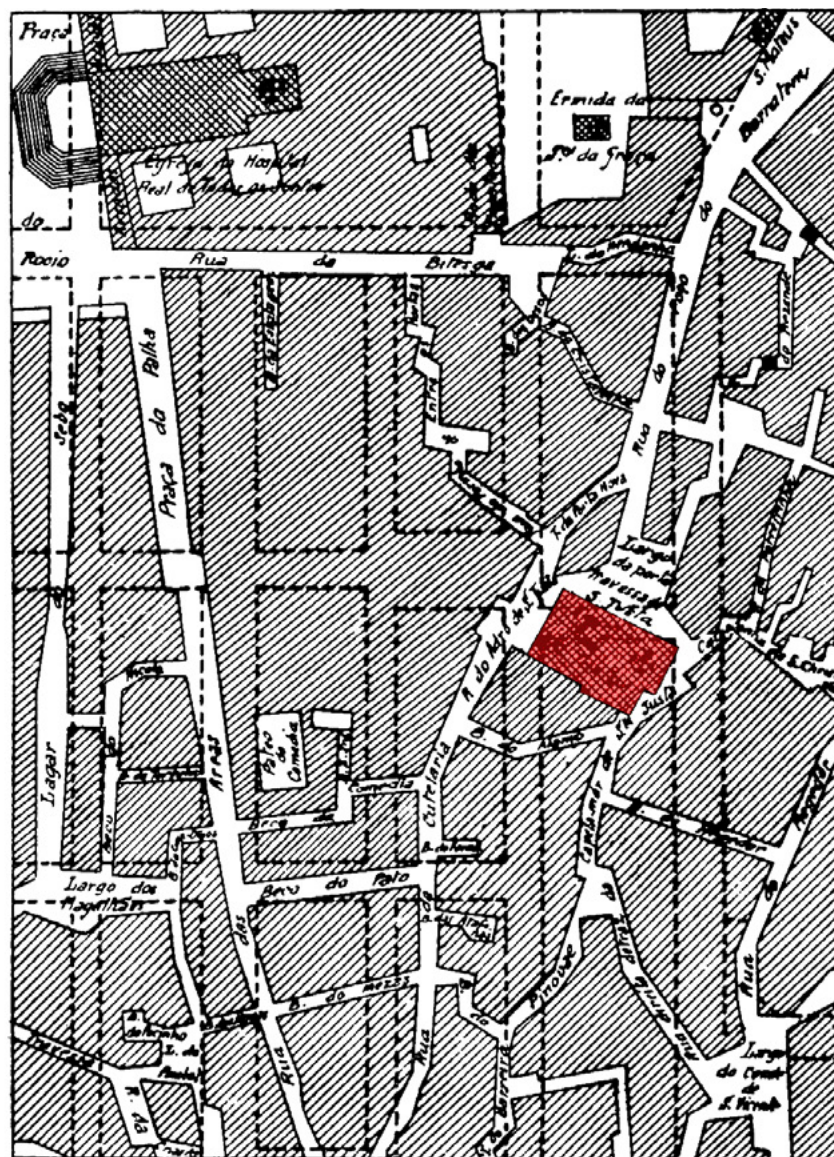
1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



PLANTAS TOPOGRAFICAS DO SITIO DA ANTIGA IGREJA
PAROQUIAL DE SANTAS JUSTA E RUFINA, E SEUS ARREDORES

Escala 1 : 2.500

A planta, a traço cheio é do local anterior ao terremoto de 1755.
O traço interrompido mostra o local actual

Desenho do eng. A. E. Abrantes

Fig. 13 - Reprodução de Castilho (1936: vol. IV, 192).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA PAROQUIAL DE SANTA MARIA MADALENA - 1^a LVI****Século XII [anterior a 1164]**

1. A primeira igreja dedicada a Santa Maria Madalena em Lisboa já existia em 1164. Com efeito existia no Cartório desta igreja, pelo menos até ao terramoto, um livro “antiquíssimo” escrito em letra gótica em pergaminho e a pasta preta, tudo muito antigo (Vd. Portugal e Matos, 1974: 151), livro que o P. João Bautista de Castro declara ter visto (Castro, 1763: tomo III, 361), onde se mencionava a existência desta freguesia no lado poente da Cerca Moura, atestado que na era de 1202 [isto é: no ano de Cristo de 1164] falecera um prior desta freguesia, por nome D. Fuas, que legou à mesma paróquia as terras e herdades do Murganhal; em troca de tal legado, constituía um aniversário por sua alma, no dia 13 de Setembro (o que sempre se cumpriu, pelo menos até aos princípios do século XX). Estava-se então apenas a 16 anos da conquista de Lisboa! Vd. Castro, 1763: tomo III, 214; Portugal e Matos, 1974.

As memórias desta paróquia continuam ainda pelos anos de 1237, pois segundo refere o cronista-mor Fr. Francisco Brandão (1650: liv. XVI, cap.XII, fl 22v), por esse tempo reinava D. Sancho II, consta de uma escritura que João Annes e Ouroona Richardes pagavam às religiosas de Chelas o foro de umas casas, que estavam sitas na freguesia da Madalena junto ao Paço dos navios de El-Rei: *quas habemus in Paroquia Sanctae Mariae Madalenae circa palatium navigiorum Regis*. (Castro, 1763: tomo III, 362).

Esta igreja é também mencionada pela Relação de 1209 ou 1229; pela Inquirição particular de 1211-1230; pelo Documento de Chelas, de 1261. O Catálogo de 1320-1321 taxa a igreja de Santa Maria Madalena em 350 libras, e o comum dos raçoeiros da mesma igreja em 180 libras.

2. Sempre foi esta igreja do padroado real, como consta no censual da Mitra feita pelo arcebispo D. Fernando de Meneses no ano de 1547, que o P.^e João Batista de Castro declara ter visto. E também de um contrato celebrado em 1352, sendo bispo de Lisboa D. Theobaldo, em que com autorização regia, sendo Prior ou Reitor o Mestre João Fogaça, se dividiram os

^{LVI} A data de 1164 tem vindo a ser sistematicamente repetida, com base num documento de 1178 visto por João Bautista de Castro (Silva, 1942, republ. 1954: 185). Pradalié, 1975: 147 publicou um diploma de venda de umas casas, datado de 1175, onde se refere a igreja «sancta Maria madganela». A versão difundida por Castro, 1763: 214 acerca da doação de uma herdade no sítio do Murganhal, aqui aceite por Felicidade Alves, encontrou também eco em Ambrósio, 1994: 847 e Silva, 2008: 230, embora não subsista qualquer prova documental a esse respeito. Igualmente duvidosa é a informação recolhida por Felicidade Alves e relativa a 1237, segundo a qual a comunidade religiosa de Chelas possuía umas casas na freguesia. As séries documentais estudadas por Andrade, 1996 não recuam ao século XIII, embora nos dois séculos seguintes a propriedade urbana do mosteiro de Chelas na freguesia da Madalena seja relevante (Andrade, 1996: 72). Sobre as pretensas reformas góticas do templo (em 1262 e 1372, esta última em consequência do incêndio provocado pelas tropas castelhanas) também nenhum vestígio material se conhece, apesar de serem indicações sistematicamente repetidas por vários autores.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

frutos desta igreja entre prior e beneficiados, que até aquele tempo viviam juntos em umas casa místicas à igreja.

O Padroado passou mais tarde para a casa das Sereníssimas Rainhas, e era reputado o seu rendimento até o dia do terramoto em 600 mil reis.

Vd. Castro, (1763: tomo 3, 362).

3. A “igreja da Madanela” (sic) é descrita no *Sumario* de Cristóvão Rodrigues de Oliveira com um prior e quatro beneficiados, e um capelão perpétuo que diz a missa do dia e quotidiana, é obrigatórios coro, é-lhe feito porção como beneficiário; e um tesoureiro. Rendia o priorado 390 cruzados; e cada ração 80 cruzados. Tinha nessa altura (1551) 10 confrarias: Santo Sacramento, Nossa Senhora, Santa Maria Madalena, Santa Catarina, Nossa Senhora da Purificação, Sant’Ana, São Sebastião, dos Cosmos (?), Santo Elói, Almas do Purgatório. Estas confrarias valiam 200 cruzados. A freguesia tinha 676 casas, 1440 vizinhos, e 9671 almas. Estendia-se por 24 ruas, 11 travessas e 4 becos (Oliveira, ed. 1987: 107).

4. A igreja sofreu frequentes danos. Assim consta que foi reedificada em 1262. Foi novamente reedificada em 1372, por D. Fernando, depois do incêndio provocado pelo primeiro cerco castelhano. Foi danificada por um furacão em 1600, que arruinou o edifício, perdendo-se então a maior parte dos documentos do seu cartório, conservando-se apenas um livro antiquíssimo onde se continham notícias e memorias desde os primeiros tempos da paróquia. Foi novamente objecto de amplos restauros em 1692.

5. Mencionaremos mais à frente a imagem do Senhor Jesus dos Perdões. Acerca desta imagem consta uma curiosa lenda, que nos parece ser útil rememorar.

Aconteceu numa das tardes de procissão do século XVIII, desfilava pelo sítio um certo mesteiral. Este enamorou-se de uma linda donzela que da sua rótula via passar o cortejo religioso: a devoção da moça não a impediu de reparar na mesurada corte que lhe dirigiu o jovem artífice. Dessa troca de olhares nasceu o namoro, e este contrariado pela família da menina. O pai desta, para se desembaraçar do rapaz, deu-o por autor de um horrendo crime (não encontrei identificada a natureza deste), do qual se desconhecia o verdadeiro praticante. Foi o mesteiral preso, enclausurado, julgado, condenado à morte. A donzela mais não podia fazer, senão desfazer-se em pranto.

Saía o infeliz condenado da cadeia do Limoeiro a caminho do patíbulo, passando pelo Arco da Consolação, na Porta de Ferro, e ali ouviu a última missa da sua vida, na capelinha daquela invocação. Prosseguiu o lúgubre cortejo e chegou em frente da igreja da Madalena e pediu que o deixassem entrar para rezar. Obtida a permissão, foi ajoelhar-se ante o altar do Senhor Jesus dos Perdões, rogando-lhe que manifestasse de qualquer modo a sua inocência, para não ficar essa nódoa criminosa na sua família e descendência. Da imagem caiu então o cravo que prendia a mão direita e o Senhor ergueu o braço protector; vendo-se este milagre, foram logo sabedores os Juizes, sendo o homem absolvido. O cravo foi pregado, mas repetiu-se o milagre mais vezes, o que aconteceu num dia em que o bispo estava fazendo oração. O cravo conservava-se, (até quando?) metido num relicário de prata, que se expunha nas 1^{as} sextas-feiras de cada mês, dia em que a imagem do Senhor Jesus dos Perdões era especialmente venerada.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A imagem do Senhor Jesus dos Perdões estava colocada num pequeno altar por cima do cruzeiro da igreja; passou depois para a sacristia; daí para o altar das Almas; e em 1715 foi colocada na capela de Sant'Ana. No terramoto de 1755, a imagem perdeu-se, mas foi substituída logo de seguida por outra.

6. Com razão se orgulhava esta paróquia dos seus ilustres paroquianos. Entre eles, celebravam-se:

- O grande doutor João Afonso de Aregas, ou João das Regras, benemérito filho desta freguesia, filho de Afonso Annes de Aregas e de sua mulher Sentil Esteves, a qual viveu sempre nesta freguesia no sítio das Pedras Negras, e foi sepultada nesta igreja de Santa Maria Madalena, na sepultura de seus pais, Gonçalo Esteves cidadão nobre desta cidade de Lisboa e Anna Vasques. A sepultura estava em monumento metido na parede junto à sepultura de Martim Alho, arcebispo da Sé desta cidade, em capela de Santa Clara que na igreja velha ficava entre a capela dos Santos Cosme e Damião e a de Santo Eloy. Vd. Portugal e Matos, 1974: 160.

- Também “muito se deve gloriar esta freguesia em ser Mãe do exemplar de Prelados e Pais de Pobres, o grande D. Rodrigo da Cunha, em ela baptizado aos 24 dias do mês de Novembro do ano de 1575: foi bispo de Portalegre, do Porto, Arcebispo de Braga, e ultimamente de Lisboa” (ib).

- “Aos vinte e dois diaz do mez de Julho do anno de mil quinhentos e outenta e sete nasceo em a rua do Principe desta freguezia de Santa Maria Magdalena o Illustrissimo D. Apolinario de Almeida, em trinta e hum do dito mez lhe administrou nesta Igreja o Sagrado Baptismo sendo seu padrinho o famoso architecto Felipe Terço. Entrou na Companhia de Jesus em o Noviciado da Cotovia em sinco de Novembro de mil e seis centos e hũ. Foj doutorado em a Universidade de Evora em dez e nove de Junho de mil e seis centos e vinte e quatro. Filipe 2º em Portugal o nomeou Bispo de Nicea, coadjutor e futuro sucessor o Patriarcha da Ethiopia D. Afonso Mendez. Em vinte de Abril de mil e seis centos e vinte e seis partio para a India honde chegou a vinte e hũ de Outubro, e em dez de Novembro do mesmo anno partio para o Imperio da Ethiopia ahonde depois de immensos trabalhos entrou em dez de Agosto de mil e seis centos e trinta. Achou aquella Igreja muito alterada com a perseguição contra os fieis a qual foj crescendo tão cruelmente que os Operarios Evangelicos forão desterrados da Ethiopia. Immensos forão os trabalhos que o Sancto Bispo padeceo por conservar aquella Christandade, a qual se rezolveo a não dezamparar vivendo pelas branhas (sic), e asperozos mattos vezinhos ao Mar Roxo. O que constatando ao Emperador o mandou conduzir prezo com seos companheiros à sua prezença e atados com fortes grilhões os entregou a hũ dos mais cruéis inimigos do nome Christão que de dia os trazia prezos atraz de si, e de noute os engaiolava, debaxo do leito em que dormia sem lhe dar de comer mais que hum pouco de (825) Aros podre. Não pararão aqui os seos trabalhos foj desterrado para a frigidíssima ilha de Dambea e entregue com seos companheiros, o P.º Francisco Rodriguez natural de Carnide termo desta cidade de Lisboa, e o P.º Jacinto Francisco Milanes, aos frades sismaticos seos cruéis e declarados inimigos, daqui forão conduzidos ao arrayal honde por cauza do Sacramento da penitencia que publicamente exercitavão forão condemnados à morte, então despedidos huns dos outros com os lensos da Charidade em que vivião sogeitos entre si tão conformes forão despojados de seos vestidos e enforcados huns à vista dos outros em diferentes arvores. Permanecerão vivos algum tempo louvando ao Senhor por quem padecião athe

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

que os sismaticos os matarão às pedradas, e hũa que deo em o santo Bispo foj tão cruel que lhe lançou os olhos fora; seos corpos forão tirados do patíbulo e expostos à ferocidade dos lobos que se mostrarão mais humanos do que os homens athe que houve quem se animou a dar lhes sepultura. Tratarão deste insigne mártir, Francus, Annus Gloriosus. Cardozo no Agiológico”.

- Outros nomes ilustres desta freguesia: a Madre Sor Brites do Nascimento (nascida em Pedras Negras em 25 de Dezembro, professa no Convento de Santa Clara). O principal Lázaro Leitão Aranha. Fr. João da Madalena, Eremita de Santo Agostinho. E tantos outros...

7. Esta antiga igreja era de três naves, muito mais vasta que a actual. A nave do meio era sustentada por grossas colunas de pedra, cobertas de talha dourada, como todo o mais corpo desta nave, com admiráveis pinturas. As naves das ilhargas e o frontispício eram de mármore.

Parece que a sua frente principal deitava então para o Nascente, para a Rua da padaria. Assim parece no desenho de Bráunio (3º quartel do século XVI). Todavia, a *Corografia*, diz que as três portas são “todas para o Ocidente”.

Possuía, além da capela-mor, duas capelas colaterais, e oito laterais.

A capela-mor - de quem eram Padroeiros os Irmãos do Santíssimo - era toda de talha dourada. “E foi a primeira que nesta cidade se dourou”. Tinha no meio do retábulo o Sacrário; no nicho da parte direita, a imagem de sua padroeira Santa Maria Madalena, “imagem perfeita e milagrosa”; no nicho da parte Epístola, a de Santa Marta. O trono em que se expunha o Santíssimo era majestoso; no mais alto estava uma charola toda de prata dourada com seus relevados e figuras; e no meio uma custódia sustentada por quatro anjos, em a qual se expunha o Santíssimo, toda guarnecida de diamantes e pedras preciosas. Toda esta obra tinha 13 palmos de alto [= 2,86m]. O retábulo do altar-mor fora pintado por Giovanni Gisbrant, pintor inglês que vivia no ano de 1680.

A capela colateral da parte do Evangelho era primeiramente de Sant’Anna. Depois passou a ser da Congregação do Senhor Jesus dos Perdões e Santa Catarina. Esta sagrada imagem de Cristo crucificado era tão antiga como a igreja; havia a tradição que ela existia desde o tempo de D. Afonso Henriques, que a mandara colocar na dita igreja (o Rei, em todas as igrejas que fundou, mandou colocar a imagem de Cristo crucificado, em memória do que lhe apareceu e falou em o Campo de Ourique). Sempre se conservou sobre o arco da capela-mor, até ao ano de 1715, em que o trasladaram para a capela de Santa Catarina. Era uma imagem perfeitíssima, de grande estatura. Um devoto, Padre Pedro de Oliveira, erigiu-lhe uma nobre Congregação. Todas as primeiras sextas-feiras dos meses, por Breve Pontifício, se expunha o Santíssimo em o lado do Senhor. Festejava-se Santa Catarina em 25 de Novembro; e o Senhor Jesus dos Perdões a 3 de Maio, e neste dia a Mesa dava vários dotes para donzelas pobres filhas desta freguesia, pelos legados que a esta Congregação deixou Pedro de Carvalho. A Congregação administrava várias capelas (incluindo o antigo Hospital dos Palmeiros); tinha Sacristia própria; e excelente quantidade de relíquias, sendo entre todas as mais especiais a de Santa Catarina e uma grande parte do Santo Lenho em um precioso relicário de prata.

A capela colateral da parte da Epístola era dedicada a Nossa Senhora das Candeias, ou Senhora de Belém. Era imagem antiga. Teve esta capela uma grande e opulenta Irmandade com grandes privilégios, pois o seu Juiz o era privativo das causas dos foros e rendas que pertenciam à dita Irmandade. Alguns devotos tinham mandado fazer uma nova imagem,

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

que era perfeitíssima e majestosa, e a tinham colocado na dita capela pouco tempo antes do terramoto. Na mesma capela se venerava a imagem de Santo António.

Dos altares laterais da parte do Evangelho, o primeiro a partir do altar-mor era a Capela de Santa Luzia, da Irmandade dos Corrieiros; tinha esta capela as imagens de Nossa Senhora do Bom Despacho, e a de Santa Teresa. Seguia-se a Capela de São Cristóvão, em a qual se venerava a imagem do Menino Jesus, venerada no domingo do Bom Pastor. Nesta mesma capela estava a milagrosa imagem de São Tude, advogado da tosse; no seu dia expunha-se à devoção dos fiéis um precioso reliquário com uma sua relíquia. Imediata a esta ficava a capela dos Apóstolos São Simão e São Judas, que antigamente tiveram na sua confraria (extinta já nos meados do século XVIII). Nesta mesma capela estava colocada uma grande e milagrosa imagem de Santa Anna. A última capela desta nave era dedicada a São Clemente, Papa e Mártir, que em tempo teve uma grande Irmandade (a qual se extinguiu). Serviam esta capela os frades e devotos de Santa Rita; também ali estava a imagem de Santa Bárbara.

Dos altares laterais da parte da Epístola, era a primeira capela a das Almas, dedicada ao Arcanjo São Miguel, e ao Apóstolo São Matias. Esta Congregação tinha 20 capelães que eram pagos com as esmolos que todos os dias o zelo dos Irmãos tirava da freguesia; e não se satisfaziam só com este sufrágio, mas em o oitavário dos Santos lhes mandavam dizer muitas missas, para o que chamavam comunidades religiosas; e no fim do ano, feitas as contas, tudo o que acrescia despendiam em sufrágios pelas Almas. Tinham sua Casa de Despacho, andador que tratava da capela, e menino que ajudava às missas. Esta capela e altar eram privilegiados e unidos à Igreja de São João de Latrão. A segunda capela deste lado era a dos Santos Cosme e Damião, médicos; tratavam dela os Professores de Medicina [e os médicos, cirurgiões e boticários] que celebravam os seus patronos em 22 de Setembro; tinham capelão próprio. Nessa capela estava colocada a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Imediata a esta estava a capela de Santo Eloy, francês de nascimento, e bispo do Noyon, a quem serviam e festejavam os Ourives da prata. Nesta capela estavam colocadas as imagens dos dois santos consortes Andrónico e Anastásia, que também foram ourives da prata, cujas imagens ali foram colocadas com uma notável festa no ano de 1725; e no seu dia se expunham as suas relíquias em belos relicários de prata. A última capela era a do mártir São Sebastião, com sua Irmandade dos Alfaiates e Algibebes da rua do Príncipe, a mais antiga desta igreja por se ter como certo que esta igreja se fundou em lugar onde estava uma ermida dedicada ao dito santo, cujos alicerces se achavam quando de novo se fez a nave em que estava.

Todas estas capelas tinham retábulos dourados com excelentes pinturas, belos cortinados, e muita prata para serviço das mesmas. Era esta uma das mais ricas freguesias da cidade.

NB. As notícias sobre o interior da igreja, nas vésperas do terramoto, são-nos fornecidas pelo cura Padre José de Azevedo Álvaro, no seu *Relatório* de 1758 (?), publicado no livro sobre as Memórias Paroquiais de 1758 (Portugal e Matos, 1974: 152-155).

8. Os ministros desta igreja eram à data do terramoto: a) o Prior e cinco beneficiados que rezavam em coro, os rendimentos do Prior eram de cerca de 500.000 réis (a seguir ao terramoto não chegavam a 300.000) e os rendimentos dos benefícios eram de cerca de 100.000 réis (depois do terramoto, não chegavam a 60.000). b) o cura, que administrava os Sacramentos. c) O tesoureiro, que tratava da limpeza da igreja e asseio dos altares. Havia ainda mais de 40 capelães obrigados a dizer missa nesta igreja todos os dias.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- Tinha então a freguesia 3700 pessoas de sacramentos, com 800 fogos, nas ruas seguintes: Rua da Corrieira, rua do Terreiro de Martines, rua das Pedras Negras, rua dos Almazéns, rua do Arco do Carangueijo, rua do Pé da Costa, rua da Porta de Ferro, rua dos Seleiros, rua Nova da Prata, rua Nova até quase o primeiro arco, Confeitaria até o Arco do Açougue, Largo do Pelourinho, o sítio dos Azeiteiros, a rua da Portage, a rua da Fancaria de baixo, rua dos Carniceiros, rua de D. Gil Annes, rua Dona Mafalda, rua do Hospital dos Palmeiros, rua da Padeiria, rua dos Arcos da Misericórdia, beco do Cura, beco do Espera me Rapás, beco do Açougue, beco de Martim Alho, beco chamado do Arco de D. Teresa, beco do Muro da Escada de Pedra, beco do Forno, beco da Oliveira na Padeiria, beco da Amoreira (Algumas variantes em a *Corografia*).

- Nesta freguesia estavam situadas três ermidas: a do Hospital dos Palmeiros, da invocação de Nossa Senhora de Belém; a Ermida de São Sebastião; a Ermida da Assunção.

- Esta freguesia teve muito maior circuito: dela tirou o Cardeal D. Henrique a maior parte com que erigiu a freguesia da Conceição.

9. Esta igreja foi totalmente destruída pelo incêndio subsequente ao terramoto de 1755.

No seu mesmo lugar foi construída outra de novo, que pouco ou nada tem de comum com a anterior (sob o aspecto físico).

Vd. Igreja Paroquial de Santa Maria Madalena - 2ª - Século XVIII [depois do terramoto]

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bibliografia

As obras referidas na Introdução:

CASTRO, Padre João Bautista (1763) - *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, tomo III, Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme (1908) - *Portugal. Diccionario histórico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*. Lisboa: J. Romano Torres, vol. IV, p. 756-758.

CASTILHO, Júlio de (1937) - *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, vol. IX, p. 178-181.

- A monografia, da autoria de Luís Pastor de Macedo (1930) - *A Igreja de Santa Maria Madalena de Lisboa*. Lisboa: Solução: aí é registado magistralmente tudo quanto se refere à dita igreja.

PORTUGAL, Fernando e MATOS, Alfredo de (1974) - *Lisboa em 1758: Memórias Paroquiais de Lisboa*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

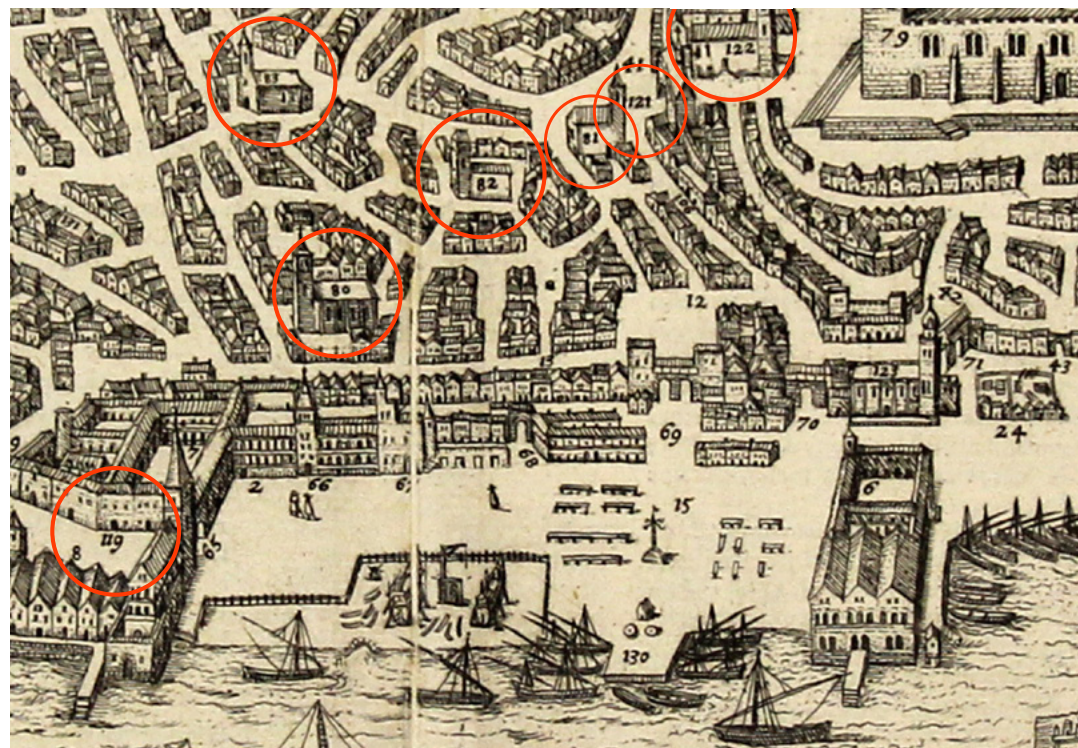


Fig. 14 - Pormenor da Vista de Lisboa na 2ª metade do séc. XVI (Braunio, 1598).

Em destaque, as Igrejas de S. Julião (80), Santa Maria Madalena (81), N. S.ª da Conceição dos Freires (82), S. Nicolau (83), S. Tomé (119), a Ermida de N. S.ª da Consolação (121) e a Igreja de Santo António (122).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA DE SÃO MIGUEL - 1ª** ^{LVII}**Século XII [1150?] - 1673 →**

Remonta aos primeiros tempos da nacionalidade, talvez ao ano de 1150 (?)⁶. A Relação de 1209 ou 1229 menciona-a; igualmente a Inquirição Particular de 1211-1230 (“Ecclesia Sancti Michaelis”). O Catálogo de 1320-1321 taxa a igreja de São Miguel em 80 libras, e o comum dos raçoeiros dela em outras tantas 80 libras.

Primeiramente foi consagrada esta igreja paroquial à “Aparição de São Miguel”, que anda referida no Calendário do Patriarcado no dia 8 de Maio (segundo Gomes Brito)⁷.

Terá sido restaurada, ou reedificada, em 1220, no reinado de D. Afonso II. Novos restauros no século XVI (1574).

Era o templo do padroado real, que rendia 300\$000 réis por ano; tinha 4 benefícios de 70 a 80\$000 réis cada um, com obrigação de coro, sendo os beneficiados apresentados pelo prior.

Em 1673, a igreja ameaçava ruína, pelo que a Irmandade a mandou reconstruir “desde os fundamentos” em 1674 (Costa, 1712: vol. III, 386).

Vd. Igreja de São Miguel - 2ª

⁶ Leal, 1874: vol. IV, p. 215 diz que a igreja foi fundada por D. Afonso Henriques em 1150.

⁷ O Sumário refere que a igreja de São Miguel tem prior e quatro beneficiados e que o priorado rendia 175 cruzados; cada razão rendia 40 cruzados. Tinha 7 confrarias: Santo Sacramento, São Miguel, Nossa Senhora, Espírito Santo, São Roque, Santa Ana e Santa Catarina, São Sebastião. Tinha esta freguesia então (1552) 295 casas, 515 vizinhos, 2859 almas; havia nela 14 ruas, 1 travessa, 2 becos, 1 quintal, e as alcaçarias ao longo da muralha (Oliveira, ed. 1987: 107)

^{LVII} Pradalié, 1975: 39 admitiu que a igreja tivesse sido construída por volta de 1180, indicação confirmada por Vargas, 2002: 49, mas não aceite por Silva, 2008: 260, que apontou apenas como primeira referência documental o ano de 1229. A possível reforma de c. 1220, reinando D. Afonso II, aqui admitida por Felicidade Alves, não está provada.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA CORREDOURA OU NOSSA SENHORA DA ESCADA^{LVIII}

Século XII [?] → † [1755] 1834

1. Parece que o nome mais primitivo era Santa Maria da Corredoura, que devia ser o nome deste sítio.

Como esta ermida ficava alta (decerto por causa das inundações habituais naquele sítio), tão alta como a cornija das capelas laterais da igreja de São Domingos, convento que lhe é muito posterior, subia-se ao templozinho por uma larga escada: desta circunstância veio à ermida o nome de Nossa Senhora da Escada (Vd. Castilho, 1936: vol. IV, 295).

E, sendo a sua festa no dia 2 de Fevereiro, dia da Purificação de Maria, também se chamou a esta ermida, de Nossa Senhora da Purificação.

A ermida ficava no sítio onde em 1886 existia um prédio com uma confeitaria em baixo na esquina do Largo de São Domingos para a Rua Barros Queirós; posteriormente foi uma loja de candeeiros e artigos sanitários.

2. Pinho Leal diz que a ermida “é muito antiga, pois foi edificada durante o reinado de D. Afonso Henriques. Alguns escritores supõem mesmo que foi fundação gótica”.

O mesmo autor assegura: “ninguém sabe a origem desta imagem. Supõe-se que apareceu neste mesmo lugar, onde estava escondida desde o ano de 715”.

O que é indiscutível é ser a ermida muito mais antiga do que a igreja de São Domingos, ao Rossio (como veremos mais adiante) (Leal, 1874: vol. IV, 230-231).

^{LVIII} Esta pequena igreja constitui uma das maiores incógnitas da história religiosa medieval lisboeta. Era inicialmente conhecida por Nossa Senhora da Corredoura, adoptando assim o nome da via que a servia, a Corredoura de S. Domingos. Ficava ao Norte daquele convento dominicano, na esquina de um largo com a Travessa de S. Domingos, sendo servida por longa escadaria, acesso que acabou por ser transposto para uma das suas designações. A entrada não assinada do *Dicionário da História de Lisboa* (1994: 638) entende que a construção da capela era anterior à instituição do Convento de S. Domingos e que foi objecto de devoção por parte de D. Afonso Henriques, indicações que carecem de prova documental ou arqueológica. Segundo o testemunho de Cunha, 1642: cap.44, a ermida figurava no ritual velho da Sé de Lisboa (com grande probabilidade negociado entre os moçárabes e o clero romano-cluniacense), celebrando-se procissão no dia 31 de Janeiro. Constituiria mais um elemento da herança moçárabe da cidade (re)conquistada? Aquando da construção do Convento de S. Domingos, e supostamente devido à devoção que por ela nutria D. Afonso III, a capela terá sido mantida (Silva, 2008: 215). Terá também sido objecto de obras no reinado de D. Fernando (por patrocínio do seu vedor da fazenda, Pedro Afonso Mealha). A Senhora da Escada foi ainda um templo importante para a nova ordem dinástica saída da revolução de 1383-85: Fernão Lopes indica que Nuno Álvares Pereira nutria grande devoção por este templo, a ele se recolhendo em oração em 1384. Em 1432, aqui fundou André Dias uma confraria dedicada ao Nome de Jesus. E, em 1449, registou-se a notícia de, nas suas imediações, viverem mulheres emparedadas, numa «cassa torre (...) a par de santa Maria da escaada» (Fontes, 2007: 270-271). Em 1538 terá servido de capela real ao Palácio dos Estaus e, em 1874, ainda permanecia de pé.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. D. Rodrigo da Cunha (Cunha, 1642: cap. 44) dedica um minucioso capítulo a esta “ermida de N.^a Sr.^a da Purificação, vulgarmente chamada da Escada”, capítulo que vamos seguir.

- A fundação da ermida de N.^a Sr.^a da escada parece remontar aos tempos do bispo D. Gilberto, o 1º bispo de Lisboa depois da conquista da cidade aos Mouros. “Pelo menos não se pode negar haver por aquele sítio uma ermida a que chamavam Nossa Senhora da Corredoura, e a quem a gente do mar e navios - que ancoravam no esteiro que até ali chegava, de que não há muitos anos se acharam grandes vestígios - faziam um dia depois das kalendas de Fevereiro festa particular” (ib. §1). “Entre as procissões antiquíssimas deste cabido [de Lisboa] era uma no 1º de Fevereiro à tarde, a N.^a Sr.^a da Corredoura: *kalend. Februarii, vespere fit processio ad Sanctam Mariam de Corredoura*, são palavras que achamos escritas no princípio de um livro de óbitos desta Sé, e nos quiseram dizer se achavam também em outro de São Vicente de Fora, e por ventura se fazia a procissão na véspera à tarde por ficar a manhã do dia [seguinte] desempeida para o ofício e bênção da cera” (ib. §1). “O nome do sítio, e orago desta ermida, dizem muito com a mesma que hoje se chama da Escada” (ib. §1).

- Quando se edificou a igreja de São Domingos (século XIII), a capela da Senhora da Escada ficou-lhe unida, da parte do evangelho (ao norte), vindo a formar um conjunto com a igreja, com a qual comunicava: os novos fundadores do mosteiro, os dominicanos, decerto ficariam muito contentes, “porque ficavam ali como emparados e debaixo de boa sombra da Mãe de Deus” (ib. §1).

- Foi certamente por respeito à sua muita antiguidade e grande devoção que o povo lhe tinha que, sendo necessário ao rei D. Afonso III o solo ocupado pela ermida para o seu novo edifício da igreja de São Domingos, o Rei dispôs a traça de tal forma “que nem a Senhora perdesse o que tinha nem a igreja ficasse afeiada, antes mais airosa com a tribuna que corre ao longo da parede esquerda, que lhe dá notável graça”; “assim que o Rei antes quis que as capelas do evagelho, que respondem ao corpo da Igreja ficassem debaixo da abóbada que serve de pavimento à ermida, que tirar a Senhora do lugar que de tantos anos atrás possuía” (ib. §2).

- Pedro Afonso Mealha, veador da fazenda do rei D. Fernando e muito seu valido, foi grande benfeitor desta ermida, reparando-a; e mandou-se sepultar em uma das capelas que lhe ficam debaixo [isto é, na igreja de São Domingos] (ib. §3).

- A cidade de Lisboa, entre as procissões que decretou em acções de graças pela vitória de Aljubarrota, foi uma a esta ermida, a que a crónica já chama Santa Maria da Escada, em o primeiro dia de Maio. Devoção que durou por muitos anos e acabou com a entrada dos castelhanos [isto é, em 1580]. Na procissão levavam a imagem de São Jorge: saía a procissão da igreja de São Jorge e terminava na casa da Senhora da Escada (Leal, 1874: vol. IV, 231).

- “Notável foi sempre a devoção que os nossos Reis e Príncipes tiveram a esta santa casa” (Cunha, 1642: cap. 44, §4).

“Recolhendo-se a Lisboa, de Alcochete, onde lhe deu a última doença, el-rei D. João I, e sentindo que morria, quis antes entrar na sua casa [que era onde depois foi o Limoeiro], entrar nesta da Senhora, a despedir-se dela e tomar-lhe a bênção, para jornada tão comprida” (ib. §4).

“El-rei D. Duarte, seu filho e sucessor, não se contentando com as benfeitorias que naquela ermida tinha feitas el-rei seu pai, a mandou concertar de novo e pôr na grandeza

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

que hoje está, com esmola para uma lâmpada perpétua, que de contínuo ardesse diante da Senhora” (ib. §5).

“Aqui nesta ermida se confessou e comungou o santo Infante D. Fernando, quando houve de se embarcar para África, e desta casa, e não da de el-rei seu irmão, se foi meter na nau, levantando toda a armada de ferro em dia de Santiago [21.Julho] de 1437” (ib. §6).

“Da mesma maneira el-rei Dom Afonso V, indo a tomar Arzila e Tânger, se veio primeiro a oferecer, a si e a toda a armada, à Virgem Mãe de Deus: confessou-se, ouviu missa, e comungou na manhã de sua Assunção, 15 de Agosto [de 1471], embarcou-se imediatamente, e na mesma tarde saiu do porto” (ib. §7).

“El-rei D. Manuel, mandando sair do convento todos os frades nele moradores, e pela morte dos judeus [no dia 19 de Abril] no ano de 1506 [por serem influentes na morte de mais de 4000 judeus], exceptuou o frade que tinha cuidado da Senhora da Escada; e ainda algumas memórias digam [que]o fez, respeitando à santidade do mesmo religioso, bem se deixa ver, entrou também aqui o respeito e veneração em que tinha as coisas pertencentes a esta santa ermida” (ib. §8).

“Dom João III, em uma grossa esmola que deu para o repaio do convento, que quase todos arruinou pelos tremores de terra no ano de 1531, teve particular lembrança desta ermida da Senhora, encomendado ao prior que não ficasse ela sem repaio” (ib. §9).

“A gente da cidade, como na Virgem da Purificação, ou da Escada, acha remédio de todas as suas necessidades, a ela acode com grande afecto, e concurso em particular nos dias que lhe são consagrados pela Igreja” (ib. §9).

Até aqui a crónica da autoria do arcebispo D. Rodrigo da Cunha.

4. O *Sumário* (1551) de Cristóvão Rodrigues de Oliveira deixou-nos a seguinte nota sobre esta ermida:

“A Ermida de Nossa Senhora da escada está na freguesia de Santa Justa. Há nela duas confrarias, uma de Nossa Senhora, regida por pessoas honradas; e outra também de Nossa Senhora, governada por pessoas baixas, a que chamam ganha-pães. E tem muita cera, e está bem concertada. Valem as esmolas cem cruzados.” (Oliveira, ed. 1987: 55).

5. Júlio de Castilho aduz ainda algumas notícias muito interessantes. “Foi esta mesma capela escolhida pelo piedoso ânimo da rainha a senhora Dona Catarina, em 1572, para fundar aí o seu colégio para instrução de clérigos destinados a párocos e confessores. Dotou a rainha a sua fundação com boas rendas, e de manhã e de tarde aí recebiam trinta clérigos doutrinação especial” (Castilho, 1936: vol. IV, 300: que cita em nota as abonações).

“Diz Frei Luís de Sousa que ouvira a pessoas de crédito que a cadeira de Casos, o Colégio de Clérigos pobres, fundações ambas da rainha Dona Catarina na ermida de N.ª Sr.ª da Escada, do convento de São Domingos de Lisboa, se deveram a conselho do Padre Frei Francisco de Bovadilha, muito aceito à mesma real Senhora” (Castilho, 1936: vol. IV, 300; cita Cacegas e Sousa, 1767: parte II, livro II, cap. XIV, 141-142).

“Diz o mesmo historiador que o cargo desta ermida foi sempre andar em Frades velhos, e de virtude callificada” (Castilho, 1936: vol. IV, 300).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

6. O terramoto de 1755 causou-lhe grandes estragos e o incêndio que se seguiu arruinou-a de todo. Mas foi o “vendaval” político de 1834 que levou a que nesse ano a ermida fosse arrasada, para edificação do prédio que torneja do Rossio para o Largo de São Domingos (*Guia de Portugal*, 1984: vol. I, 197).

Pela extinção da ermida foram os seus bens dispersos; e as alfaias entregaram-se, a título de depósito, à Irmandade do Santíssimo da Igreja de São Domingos. Passado tempo, uma irmandade pobre requisitou-as, e foram-lhe cedidas.

A antiga imagem da Senhora ficou em São Domingos, e morava na capela do Santíssimo, saindo de lá todos os anos para a capela-mor, onde se lhe faz festividade a 2 de Fevereiro.

7. “O que era em 1834 o venerando edifício que nos ocupa agora, diz-mo, nuns apontamentos manuscritos que deixou, engendrados com a sua sagaz paciência, e o seu amor sincero do passado, o grande e descompreendido operário que se chamou José Valentim de Freitas.

A escada era - conta ele - era ao poente, no adro, fora do edifício, onde a tinha antes do terramoto; e, segundo me disseram, tinha ao tempo da demolição 16 degraus de pedra, julgo que sem comprehender o da entrada; com um na porta de entrada para a ermida, vinham a ser 187 ou 18. O edificio, para a parte da travessa, tinha a frente que ainda hoje tem, em forma de prédio particular.

A ermida occupava no comprimento o espaço de norte a sul, entre a frente do prédio e o largo da egreja de São Domingos, e de largura um espaço em que ficavam a duas janellas de sacadas mais proximas ao cunhal. Vinha a ficar no primeiro andar, porém com o pavimento pela altura das bandeiras das portas das lojas, ficando as abobadas d'estas muito baixas.

A planta da ermida era em figura de rectângulo, sem separação de capella mór; a entrada ficava junta ao cunhal, e o altar mór com o retabulo junto ao lado da egreja de S. Domingos, e fronteiro ás dua janellas. O retabulo era de madeira com talha, pintado e doirado, mas d'elle só vi bocados depois de tirado (eu tinha ali entrado só uma vez, e não estou lembrado de coisa alguma).

No lado, na parte do nascente, e fronteiro á porta, havia uma estreitinha capella á face, formada por um pequeno arco guarnecido de madeira.

Era coberta de abobada de volta abatida, com quatro lunetas por lado. A porta ficava por baixo da primeira, da parte do poente; por baixo da segunda, da parte do nascente, ficava a capella lateral; e o retabulo do altar mór por baixo da quarta, á parte do sul, occupando um espaço pouco mais ou menos como a metade da luneta.

Tinha um forro de azulejo com dez fiadas, com uma cercadura pintada de ornatos, de cor azul escuro, e, no centro, de arabescos de azul mais claro.

As paredes, do azulejo para cima, e a abobada, eram de estuque (e era já o segundo) fingindo pedra.

A sacristia e a casa do despacho ficavam ao lado da ermida para a parte do nascente, occupando ambas outras duas janelas.

Além destes preciosos apontamentos, tão exactos, tão conscienciosos, tão de mestre, deixou José Valentim o primoroso desenho de muitos capitéis e outros fragmentos encontrados na demolição; desenhos que todos se conservam no museu da real associação dos

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

arquitectos civis e arqueólogos portugueses (1886); debuxos admiráveis! Dos melhores que tenho visto!”

(Castilho, 1936: vol. IV, 301-304)

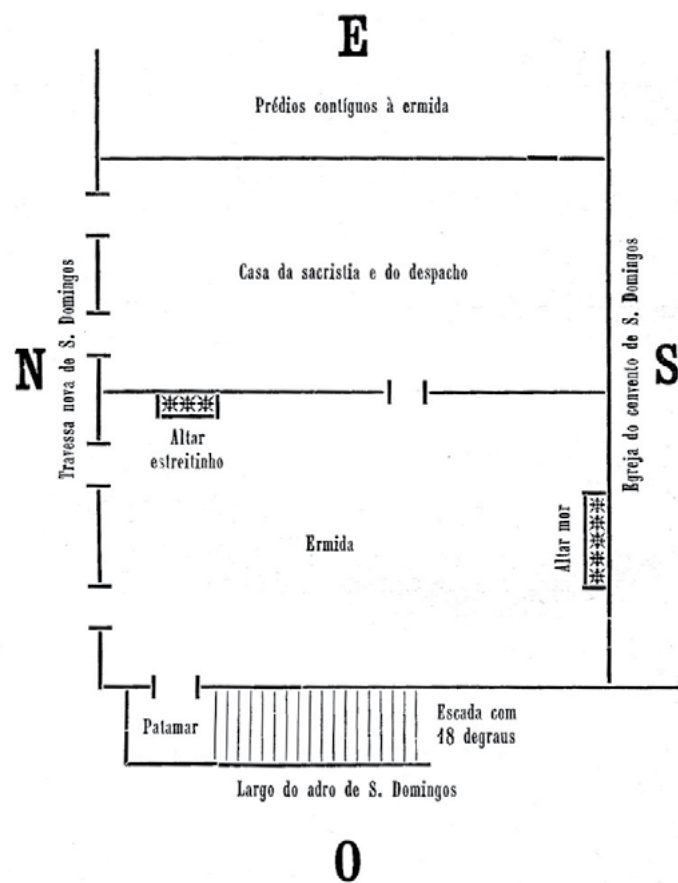


Fig. 15 - Reconstituição da planta da ermida de Nossa Senhora da Escada por Júlio de Castilho, segundo as indicações de José Valentim de Freitas em 1834. Reprodução de Castilho (1936: vol. IV, 304).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bibliografia

CACEGAS, Fr. Luis de e SOUSA, Fr. Luis de (1767) – Segunda Parte da História de S. Domingos particular do reino e conquistas de Portugal por Fr. Luis Cacegas, da mesma ordem e provincia, e chronista d'ella reformada em estilo e ordem, e amplificada em sucessos e particulares por Fr. Luis de Sousa, filho do convento de Bemfica. 2ª edição. Lisboa, Officina de António Rodrigues Galhardo;

SANTA MARIA, Nicolau de (1668) - *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do patriarcha S. Agostinho....* Lisboa: Officina de Ioam da Costa.;

CUNHA, D. Rodrigo da (1642) - *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa...* Lisboa: Manoel da Silva, cap. 44;

História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa (1950-1972), ed. de Durval Pires de LIMA. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950 (tomo I), 1972 (tomo II).

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho (1874) - *Portugal antigo e moderno: diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, vol. IV.

CASTILHO, Júlio de (1936) - *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, vol. IV.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fig. 16 - Pormenor da água-tinta de Zuzarte que representa a Praça do Rossio antes de 1755, mostrando a fachada da igreja do Convento de S. Domingos (ao centro) e a da ermida da Corredoura ou da Escada à sua esquerda.
Reprodução de Castilho (1936: vol. IV, 294-295).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ ERMIDA E RECOLHIMENTO DE SÃO SALVADOR DA MATA ^{LIX}

Século XII [?] → séc. XII - XIII

1. É mencionada na Relação de 1209 ou 1229: “São Salvador”. Na Inquirição particular de 1211-1230 vem referida como “ecclesia” com o título “Sancti Salvatoris”. No Catálogo de 1320-1321, a Igreja de São Salvador é taxada em 180 libras, e o comum dos raçoeiros dela em 140.

Esta ermida veio a ser igreja paroquial e mosteiro de religiosas dominicanas. É digna de grande veneração pelas maravilhosas circunstâncias que concorreram nas suas origens, de que foi ocasião o prodigioso caso que sucedeu “poucos anos depois do invicto rei D. Afonso Henriques ganhar à força de suas armas aos Mouros a cidade de Lisboa” (Vd. *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 259).

O ano e o tempo preciso do sucesso não constam; nem o nome dos intervenientes. Mas não há razões para se duvidar da verdade dele.

2. Foi na forma seguinte:⁸

“[*Poucos anos depois da conquista de Lisboa aos Mouros*] Sahio hum dia à cassa hum fidalgo dos que ficaram na cidade pera a habitarem e defenderem, e entrando pello sitio em que agora vemos a igreja do Salvador, [*fora das Portas do Sol, sitio que então se chamava Al-fungera*] que naquelle tempo era huma matta serrada de arvores sylvestres a que fazia companhia muyta e descompоста penedia, e rompendo pello mays denso da matta chegu a dar vista e descobrir com os olhos huma crescida e ferosa palmeyra, de cujo pé se levantava hum grande cruz, e sobre ella hum proporcionado vulto de corpo humano, pés e mãos encravadas, rosto defunto, e caído, a cabeça coroada de hum tecido d’espinhos. E posto que o achado tam pouco esperado naquelle lugar nam deyxou de causar admiracão acompanhada porem de devoçam, deo confiança ao fidalgo pera chegar mays perto a considerar com alguma atençaõ o que via, e pareceo-lhe ser a imagem digna d’estar colocada sobre hum rico altar, e advertindo melhor, vio que o pé da cruz e palmeyra rodeava hum mesa de favos de mel, obra que parecia mays do Ceo que da terra.

⁸ O relato deste prodígio vem descrito na obra *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 259-264.

É desta obra que são extraídas as notícias aqui registadas.

Sobre a ermida e recolhimento de São Salvador - assim como sobre a paróquia do mesmo título e sobre o Mosteiro de Dominicanas - podem consultar-se também: Cacegas e Sousa, 1767; Silva, 1618 e Castilho, 1937: vol. VIII: 237-265

^{LIX} Já mencionada em 1170 (Vargas, 2002: 49), data que merece alguma reserva pois não consta de qualquer diploma medieval, a ermida terá sido objecto de grande devoção, de acordo com o conteúdo lendário aqui retomado por Felicidade Alves. Pradalié, 1975: 39 assegura a sua existência em 1190 e a freguesia só está documentalmente atestada nas primeiras décadas do século XIII (vejam-se as entradas sobre a Igreja Paroquial e o Mosteiro do Salvador: notas LXXI e CL).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Admirado o cassador com tal achado, querendo descobrir se havia naquelle sitio mays que notar começou com suas mãos a esmontar e descobrir alguma parte do matto. Pagoulhe bem a ventura do trabalho da diligencia, porque feyta ella, encontrou huma imagem da Virgem Mãy, ocupados os braços com outra do Minino Jesu, bem parecido na fermosura com a sua querida Mãy.

He de crer que rico o fidalgo com tam preciosos achados de que nenhuma maneyra esperava em tal lugar, obrigado do favor recebido do Ceo, dando graças a Deos e a si os perabens de tam ditosa cassa, voltando pera a cidade a encheo de alvoroço e alegria, fazendoa participante da sua ventura.”

Ficaram todos tendo por certo que seria obra de esconderijo de visigodos cristãos, durante a invasão das Espanhas pelos Moiros.

3.

“Nam tardou a devoçam do povo em concorrer ao lugar, recolhendo as sanctas imagens, e pera lhe darem lugar no mesmo em que tinham sido achadas com grande fervor quebraram penedos, cortaram arvores, roçaram mato e deyxando só a palmeyra por memoria levantaram huma pequena e humilde ermida em corpo e fabrica conforme a pobresa daquelle tempo e deram-lhe titulo de Sam Salvador da Matta.

Seguiramse logo milagres, e pera que nam os experimentassem somente os que corriam a venerar na ermida as sagradas imagens pedindolhe o remédio de suas necessidades e o alivio de sua penas, levaram a coroa dos espinhos do Senhor a casa dos enfermos, cuja fé e devoçam lhes grangeava a saude e o alivio.

A fama das mercês que os visinhos da cidade experimentavam chamou romagens e concurso de mays longe. O que vendo o Bispo da cidade, parecendo-lhe que o Senhor estaria com mayor descencia da que tinha tratou de tresladar a imagem da ermida em que estava e colocala na sua igreja cathedral, e sem duvida o faria assim se hum prodigioso caso nam dera a entender ao Bispo que o Senhor se nam agradava da mudança que elle pretendia fazer, o que se vio claramente com o caso seguinte:

Determinado o dia pera a tresladaçam concorreo o povo. Desceram a cruz do altar, com o Senhor, guiaram pera a porta da ermida os que a levavam. Querendo porem sahir pella porta fora nam ouve modo nem industria pera fazerem passar a cruz, nam porque se fizesse immovel ou de peso demasiado mas por outra maneyra mays estranha, e foy vencer sempre a cruz a grandeza da porta sem que bastassem as traças dos que a pertendiam passar, nam deyxando alguma por tentar.

A maravilha do caso deo a entender ao Prelado que a vontade do Senhor nam queria deyxar a humilde casa em que estava pella grandeza da Sé, pera onde o queriam mudar, (...).

E tal foy, como temos referido, o principio da fundaçam da igreja do Salvador, em que nam devem fazer duvida o achado das imagens no lugar sobredito, porque cousa sabida he que pella invasam dos Mouros em Hespanha, nam querendo os christãos expor as sagradas imagens, que como catholicos veneravam, às irreverencias e desacatos dos inimigos da Verdade, sectarios do ímpio Mafoma, as escondiam nas entranhas da terra, e as occultavam nos

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

bosques e cavernas dos montes, fiando-as à Divina Providencia que livrando por sua misericórdia o Senhor as terras do poder dos inimigos, se vieram a descobrir em Hespanha diversas imagens, que se fizeram muy celebres com prodígios, como sam em Castella a Senhora de Guadalupe, a de Penha de França, a de Moncerrate em Catelunha. Nem em Portugal nos faltam semelhantes ezemplos, e taes sam junto à villa de Pederneyra Nossa Senhora da Naret, no Bispado de Lamego Nossa Senhora da Lapa, e no Porto o devotíssimo Crucifixo de Boyças. Nem faça escrúpulo à verdade do referido nam se declarar o tempo preciso em que se descobrio o venturoso achado das imagens no lugar sobredito, como tambem nam se dizer o nome do fidalgo inventor de tam rico thesouro, porque a rudesza daquelles tempos tinha pouco cuydado de por em memoria muytas couzas digníssimas de perpétua lembrança, e faltar esta nam deve fazer escrupulo pera se duvidar da verdade na sustancia do caso referido, que faz muyto crível a authoridade de hum historiador tam grave como muyto reverendo Padre Frey Luis de Souza, na segunda parte das *Chronicas de sam Domingos*”.

4. Crescendo mais a devoção, houve que edificar naquele sítio um modesto recolhimento para albergue de romeiros que acorriam de todas as partes do país. Este desenvolvimento ter-se-á acelerado com a passagem da ermida a igreja paroquial.

Vd. Igreja paroquial de São Salvador - séc. XII/XIII

“Constituida a igreja freguesia, foi crescendo a povoação na visinhamça della, e concorrendo perigrinos que vinham de longe a visitar as sagradas imagens, a piedade de alguns visinhos pera que os perigrinos tivesse algum commodo pera se recolherem emquanto faziam as suas devoções, fabricaram huns aposentinhos térreos, que começando em humas pequenas cellas foram depouys morada de algumas boas mulheres, que fazendo deserto do povoado se entayparam na estreytesa dellas, e despedindose de todo o comercio e tratto de gente se apostaram a viver só pera Deos e pera si, nem havendo em cada huma mays de huma estreya fresta que lhe servia pera lhe entrar a luz e o ar, e pera poderem tomar algum alimento.

Causou a determinação espanto, deolhe reputação; a perseverança juntoulhes companheyas; mas nam ficou em memoria o tempo em que este recolhimento começou. Serve porem de conjectura ao grande chronista da Religiam de Sam Domingos da Província de Portugal, Frey Luis de Sousa, saber que a semelhante clausura dera principio em Sanctarem, pellos annos do Senhor de 1240, Elvira Duranda, e assim, a semelhança da vida, dá algum fundamento pera se conjecturar seria hum e outra modo de vida em Sanctarem e Lisboa pellos mesmos annos. Depouys de viverem alguns sem companhia alguma se vieram as de Sanctarem a ajuntar em communidade, e o mesmo fizeram as de Lisboa.

Mas nam foy a mudança que fizeram parte pera diminuírem o primeyro rigor d’aspereza da vida, antes com o exemplo e vista huma das outras crescia o fervor, e com elle a virtude, porque vivendo juntas, assim guardavam o silencio como se cada huma vivesse ainda reclusa. O necessario pera sustentar a vida nam o procuravam, nem por si nem por interposta pessoa contentandose daquilo que a caridade dos fieis lhe[s] trasia por esmola a huma pequena roda que pera isso servia , e disso que lhe trasião, o que lhe[s] parecia sobejo ou o nam acceitavam ou o repartiam logo entre os pobres de fora, nam reservando nada de hum dia pera o outro,

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

fiando na Divina Providencia que, assim como nam falta aos passarinhos do ar e aos bichinhos da terra com o alimento necessario pera poderem viver, assim nam lhes faltaria a ellas. E quando, querendoas o Senhor provar, lhes faltava alguma vez com o que parecia necessario, levavam a falta com tanta paciencia e conformidde que nunca desconfiavam, no que se nam achavam enganadas. Com a pobreza do sustento concordava bem a pobreza e asperesa do vestido, sendo muy semelhante o desabrido e duresa da cama.

Com ser porem tal a vida das recolhidas, iam crescendo em numero, e pera poderem recolher as que se mostravam com animo de lhes fazer companhia, dezejavam ter o sitio desembaraçado dos grossos penedos que o ocupavam, mas mettia medo aos mesmos officiaes de alvenaria o tempo e trabalho pera os desfazer e gastar.

Andando com semelhante cuydado succedeo que levantandose huma manhã, sem saberem como, acharam livre e despejada tanta parte do sitio quanta pera o intento que tinham de se alargarem lhes parecia sufficiente. De maneyra que bem se pode crer e ter por certo que o Senhor dos Anjos mandou alguns a desfazer os penedos e aplaynar e compor a praça que havia de ocupar o mosteyro do Salvador.

Vendo as recolhidas que o Ceo lhes accommodava o sitio, o cercaram logo com grande consolação sua e nam menor admiraçam do povo que via tam claros sinaes do favor do Ceo sobre as virtuosas recolhidas do Salvador. Mas com serem muyto dignas, por seo virtuoso procedimento, de ficarem seos nomes em lembrança, só passou a nós o de huma chamada Dona Catherina, da qual dizem que era de sangue real, sem se declarar a origem do ditto sangue, chamando as dittas recolhidas as emparedadas, nome que lhe grangeou a primeyra reclusam. Depoys o muyto favor que receberam de huma Rainha antiga deste Reyno, que muyto paga da grande virtude que nas dittas recolhidas reconhecia lhe chamava as suas beatas (chamavalhe suas pello amor que lhe tinha, e beatas pello muyto exemplo de virtude em que floreciam) e vendo o povo a affeyçam que a Rainha lhe[s] mostrava as começou a nomear por Beatas da Rainha”.

Este recolhimento passou a Convento em 1391.

Vd. Igreja paroquial e conventual de São Salvador - 1391

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DE SANTA CATARINA** ^{LX}**Século XII (?) - Séc. XVI**

Existia talvez já na data da fundação da nacionalidade uma ermida dedicada a santa Catarina, que daria o nome às Portas de Santa Catarina, na Cerca Fernandina (1373-1375).

Estaria situada no sítio entre os actuais Largo Trindade Coelho e Largo da Trindade (onde se instalou a oficina de encadernação da firma Paulino Ferreira e Filhos, Lda, Rua Nova da Trindade, 18 A/B, ao lado da Cervejaria da Trindade).

Quando os trinitários se estabeleceram em Lisboa, o que aconteceu no ano de 1218, a ermida, que era do padroado real, foi entregue a essa Comunidade, tendo sido construídas ao redor umas casas de morada dos religiosos e outras para peregrinos.

Esta ermida era de uma só nave, com menos de 9m de comprimento, por 4,5 de largo.

Foi incorporada na Igreja do Convento da Trindade, construído depois de 1289. Era no topo do cruzeiro, no lado do evangelho. Nesta capela foi instituída uma Confraria de Livreiros, em 1480.

A ermida desapareceu nas transformações da Igreja do Convento da Trindade, no século XVI.

A confraria dos Livreiros foi transferida para a Igreja de Santa Catarina, mandada construir no Monte de Belver ou Alto de Santa Catarina (27.Maio.1557). Esta igreja passou a paroquial por escritura de 9 de Outubro de 1557.

Bibliografia

SILVA, Augusto Vieira da (1954) - *Dispersos*, vol. I, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 381-382.

^{LX} Tem-se atribuído à ermida de Santa Catarina uma cronologia ainda undecentista, porém sem confirmação material ou documental. Sequeira, 1954, vol. I: XVI, localizou esta ermida «com a possível exactidão, no pátio que fica ao fundo da actual Cervejaria da Trindade, na Rua Nova da Trindade (sítio correspondente ao canto Levante-Norte do claustro grande do Convento), e que os frades demoliram em 1564». Com as construções posteriores (séculos XIV e XVI), a primitiva ermida teria sido convertida em Capela de Nossa Senhora do Egípto. A tradição de que a confraria dos Livreiros foi transferida para a Igreja de Santa Catarina de Ribamar em 1557, recolhida por João Bautista de Castro e aqui mencionada por Felicidade Alves, mereceu a crítica de Matos Sequeira (ed.), 1954: vol. I, XVII-XVIII. Até ao século XVI, este ponto específico de Lisboa era conhecido por Santa Catarina, razão pela qual a porta da cerca fernandina recebeu o seu nome. A denominação entrou em desuso com a construção da igreja de S. Roque (em inícios do século XVI) e a renovação do Convento da Trindade, a partir de c. 1560.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

CAPELA REAL DE SÃO MIGUEL, NA ALCÁÇOVA ^{LXI}

Século XII (?) ou séc. XIII - † 1755

1. O costume de ter Capela Real foi introduzido nas Espanhas pelos Reis Suevos, dos quais se lê no Concílio de Lugo (569), reinando el-Rei Teodomiro que tinham por capelães-mores os Bispos de Dume, junto a Braga, e cujos súbditos eram só a família do Paço e os criados d'el-Rei. Os tais bispos faziam Pontificais na Capela; e entre os Condes do paço havia um que era o tesoureiro-mor da Capela Real (Conde dos Sacrários).

Os monarcas portugueses retomaram este costume dos Reis Suevos. Dom Afonso Henriques erigiu o ofício de Capelão-Mor na pessoa do Arcebispo de Braga, D. Payo Mendes, conforme a doação do mesmo Rei feita aos 6 das kalendas de Junho de 1146, que existe no Cartório da Sé de Braga⁹.

E do mesmo tempo conta ser erecta, ou enobrecida com a dignidade de Capela Real a Igreja de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, e a Igreja de santa Cruz em Coimbra, e a de Santa Maria da Alcáçova em Santarém; e à sua imitação as igrejas paroquiais de São Bartolomeu e de São Martinho, em Lisboa, e ainda a igreja de Nossa Senhora da Escada junto a São Domingos.

2. Especialmente como Capela Real foi instituída no Castelo de Lisboa a Capela Real com a invocação de São Miguel. Embora se não saiba com inteira certeza se vem já do tempo de D. Afonso Henriques, ou se só foi instituída por D. Dinis.

Segundo uns, a Ermida de São Miguel seria coeva com o princípio da monarquia pois a fundara (segundo parece) o rei D. Afonso Henriques. Coelho Gasco diz: “Tanto que o magnânimo rei D. Afonso esteve nos Paços da Alcáçova, fez nêles um oratório do bem-aventurado arcanjo São Miguel, em lembrança do dia do seu aparecimento, que é a 8 de Maio. (...) E nesta capela se baptizaram alguns príncipes e infantes, e a sereníssima imperatriz Dona Isabel, mulher de Carlos V”. E Frei Belchior de Sant’Anna, afirma, referindo-se ao ano de 1589: esta igreja “que em seus Paços mandou fazer o primeiro Rei deste Reino, D. Afonso Henriques, à honra do glorioso arcanjo São Miguel, tinha um retábulo lindíssimo do glorioso São Miguel,

⁹ Entre outras coisas diz: “Insuper dono Tibi, atque concedo in Curia meã Totum illud, quod ad clericale officium pertinet, scilicet, Capellaniam, Scribaniam, et caetera omnia, quæ ad Pontificis curam pertinent, ut in manu tua, in manu successorum tuorum, qui me dilexerunt, totum meum consilium committo”.

^{LXI} Acerca da pretensa obra do reinado de D. Afonso II nada se sabe e apenas um documento de 1299, pelo qual o rei instituiu capelão vitalício com a obrigação de dizer missa quotidiana, se lhe refere (Silva, 2008: 241). Este dado sugere que se terá operado alguma modificação no conjunto, uma vez que também D. Dinis terá promovido importantes obras no paço régio. Ainda são visíveis restos da capela-mor, aguardando-se que uma intervenção arqueológica possibilite o aparecimento de novos materiais. De 1431 data a bula papal que concedeu o direito de uso da igreja pelo clero diocesano e, de 1494, são algumas ordenações de D. João II relativamente à capela real e à compra de paramentos novos. Em 1502 fez-se uma descrição sucinta no âmbito das festas por ocasião do nascimento do futuro D. João III (informações que agradeço à Dra. Susana Serra).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Coro com suas cadeiras, uma Sacristia, e outro aposento, e um Claustro mui fermoso, cheio de laranjeiras e loureiros” (Sant’Ana, 1656: vol. I, 271 citado por Castilho, 1936: vol. IV, 39).

Todavia esta tradição da fundação por D. Afonso Henriques parece um pouco obscura.

3. Maior solidez apresenta a versão de que foi o rei D. Dinis o fundador da ermida de São Miguel, pelo menos como capela real.

Assim, D. António Caetano de Sousa (1735: tomo I, p. 210) assegura: “Foi el-rei D. Dinis quem ordenou que na sua capela do paço da Alcáçova, dedicada a S. Miguel, se rezassem todos os dias as horas canónicas, e houvesse Missa, ainda que os reis estivessem ausentes”. Essa ordem seria de 10 de Janeiro de 1299.

“Consentindo niffo o Bispo da Cathedral de Lisboa, que então era D. João Martins de Soalhães; o qual passados dous annos, no de 1301 juntamente com o beneplacito do feu Cabi-do, por gratificar os beneficios, que do dito Rey havia recebido, se obrigou por huma escritura publica a manter dous capellães com seus Moufinhos, ifto he, Acolytos, não fô na sobredita Capella Real de Lisboa, mas tambem na de Torres-Vedras, que alli instituiu a Rainha D. Brites, mãy do dito Rey D. Diniz, como tudo confta de duas certidões, que vimos, extrahidas da Torre do Tombo, e afinadas pelo feu Guarda mór João Couceiro de Abreu” (In Castro, 1763: vol. III, 165).

De facto, “D. Dinis foi o reformador, o reedificador, o verdadeiro fundador do nobre palácio chamado da Alcáçova. (...) e assim é de crer que a sua capela particular merecesse ao magnifico soberano, ao artista, ao poeta, ao affectuoso marido de Isabel de Aragão, especialissimo desvelo” (Castilho, 1936: vol. IV, 36).

A rainha Santa Isabel, “depois de recitar em sua câmara a parte das horas canónicas, ouvia as restantes na dita capela, com grande piedade e devoção. Deste tempo parece teve princípio o cantar-se na capela do paço o ofício divino, ao menos nas vésperas solenes, como diz o licenciado Jorge Cardoso...” (Sousa, 1737: tomo III, 178-179).

“Em seu testamento o rei D. Dinis ordena que ao seu Mosteiro de Odivelas se dêem todas as capas, mantos e vestimentas, e [d]almáticas, que se achassem na sua capela real, e uma grande cruz de prata dourada com pé e botões dourados, a qual destinava ao altar-mor do dito mosteiro” (Castilho, 1936: vol. IV, 37).

4. O rei D. Duarte, vendo que na dita Capela se não cantava como devia ser, mandou em 18 de Março de 1437, que se observasse a instituição de D. Dinis, acrescentando para esse efeito o ordenado do Capelão-mor em 210.000 libras cada ano, e nomeando para tal dignidade Afonso Vicente, criado do Infante D. Henrique, seu irmão.

No *Leal Conselheiro* (cap.^{os} 95 e 96) encontra-se o regimento que o soberano queria que se observasse e mantivesse na Capela Real (Vd. Castilho, 1936: vol. IV, 37-38).

D. Afonso V erigiu maior número de Capelães e Cantores para rezarem nela solenemente as Horas Canónicas. E obteve do papa Eugénio IV, por Breve passado em Florença no ano de 1439, que na Capela Real deste Reino se celebrassem os Offícios Divinos somente segundo o rito da Igreja Romana.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

D. João II ordenou, no ano de 1494, que houvesse na sua Capela todos os dias as Horas Canónicas, aplicando-lhe para isso rendas e distribuições como em Sé catedral. O cronista Garcia de Resende nota que a nossa capela Real “é a melhor que rei cristão tem”.

Nas matinas do Natal de 1502, representou-se na dita capela, por ordem da Rainha Dona Maria, o *Auto pastoril castelhano*, de Gil Vicente; e no dia de Reis de 1503, ali se estreava o *Auto dos Reis magos*, do mesmo Gil Vicente.

5. A capela real foi transferida para o Paço da Ribeira, dedicada a São Tomé, padroeiro da Índia (1505).

A partir de então, entrou a diminuir o esplendor da liturgia na capela de São Miguel da Alcáçova.

Damião de Góis, que habitava (ao que parece) no castelo, refere que a missa diária deixara de ser dita, que chovia na capela como na rua, “de sorte que em bem pouco tempo acabará de cair de todo”. O mesmo Damião de Góis doou à capela várias coisas (Vd. Castilho, 1936: vol. IV, 39-41). Júlio de Castilho descreve um episódio curioso, sucedido em 1589, com as carmelitas descalças do Mosteiro de Santo Alberto (Vd. Castilho, 1936: vol. IV, 41-44).

6. A capela situava-se na cidadela do Castelo de São Jorge, encostada à face sul da sala gótica (restos do antigo Paço da Alcáçova).

Tinha de frente, no ano do terramoto, conforme as medidas do tombo da cidade, 48 palmos (= 10,56m), incluída a sacristia; e de fundo, 60 palmos (= 13,20m).

† 1755. O terramoto arrasou a ermida.

∴ Subsistem ainda alguns vestígios em planta, com especial relevo para a delicada ou-
sia (capela-mor).

Na igreja de Santa Cruz do Castelo existe um crucifixo que teria vindo da capela real do Paço da Alcáçova. Esse crucifixo teria mais de uma vez dirigido a palavra a Santa Isabel (Vd. Castilho, 1935: vol. III, 48; vol. IV, 22).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

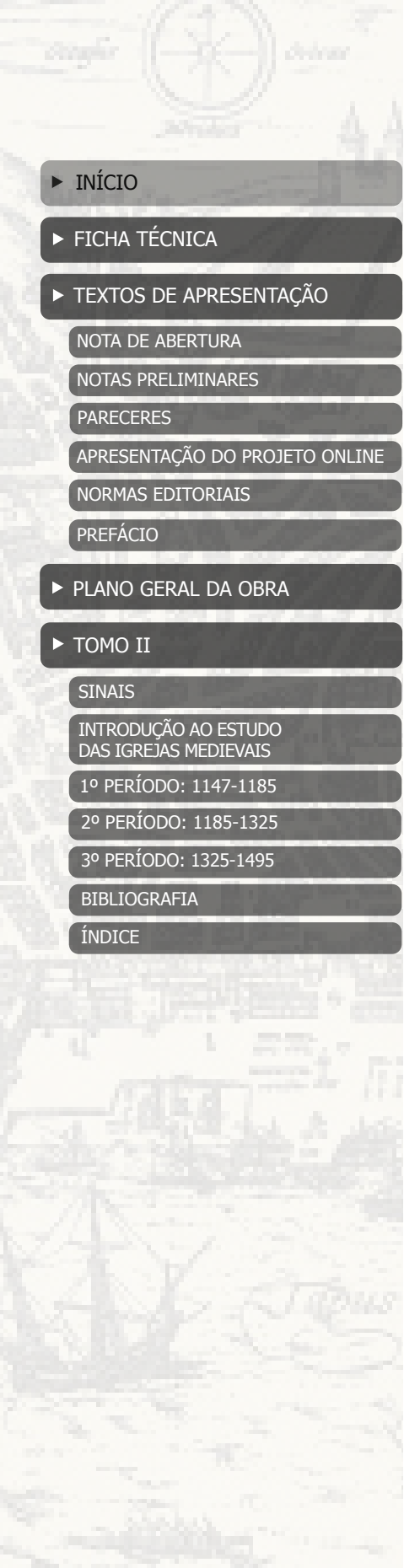
CAPELA DA ALBERGARIA ^{LXII}**Século XII [1154] ...**

As albergarias eram instituições destinadas a peregrinos, acumulando frequentemente as funções de abrigo e hospital. Eram criadas por ordens religiosas e militares, confrarias, reis e rainhas, ou simples particulares.

Em Lisboa, foi fundada no ano de 1154 uma albergaria, por D. Payo Delgado, um edifício próprio, junto à igreja de São Bartolomeu [ou no Poço do Borratém]. A ela vinculou importantes propriedades e rendas, para nela também se curarem os soldados pobres feridos em campanha. Esta instituição deixou memória no apelido “de Albergaria”, que passou para vários ramos de famílias ilustres de Portugal. D. Diogo Soares de Albergaria, descendente de D. Payo Delgado, foi o primeiro fidalgo que assinou com aquele apelido.

Na Inquirição Particular, de 1211-1223 ou 1226-1229, menciona-se a “Capella de Albergaria”.

^{LXII} Não foi possível apurar quaisquer dados relativos a esta enigmática e precoce instituição assistencial, bem como ao seu presumível instituidor. Pela data recuada recolhida por Felicidade Alves, é possível que se trate de uma das muitas albergarias, fundadas por particulares às portas das principais cidades, algumas das quais foram posteriormente mencionadas na documentação dos mais importantes mosteiros (como S. Vicente de Fora, que acolheu várias albergarias logo nos inícios do século XIII, algumas tão distantes como na Lourinhã) e dos eremitas de Rocamador. Haverá, todavia, que aguardar novos dados que contextualizem minimamente esta “invisível” albergaria onzcentista e respectiva capela.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

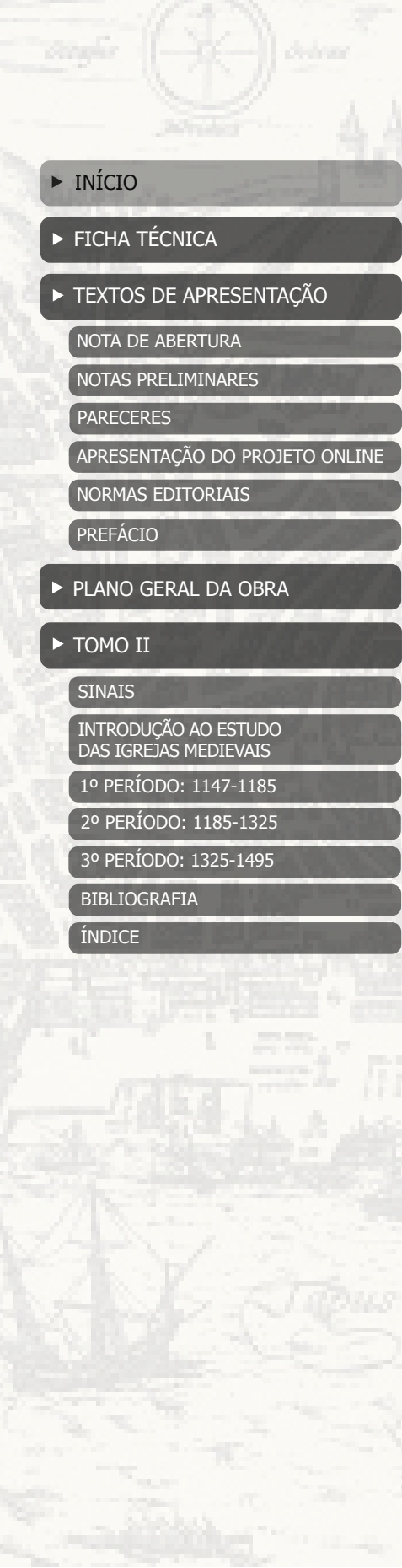
BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

2º PERÍODO: 1185-1325

Desde o fim do reinado de D. Afonso Henriques (1185)

Até ao fim do reinado de D. Dinis (1325)



IGREJAS E ERMIDAS DO PERÍODO DE 1185 A 1325

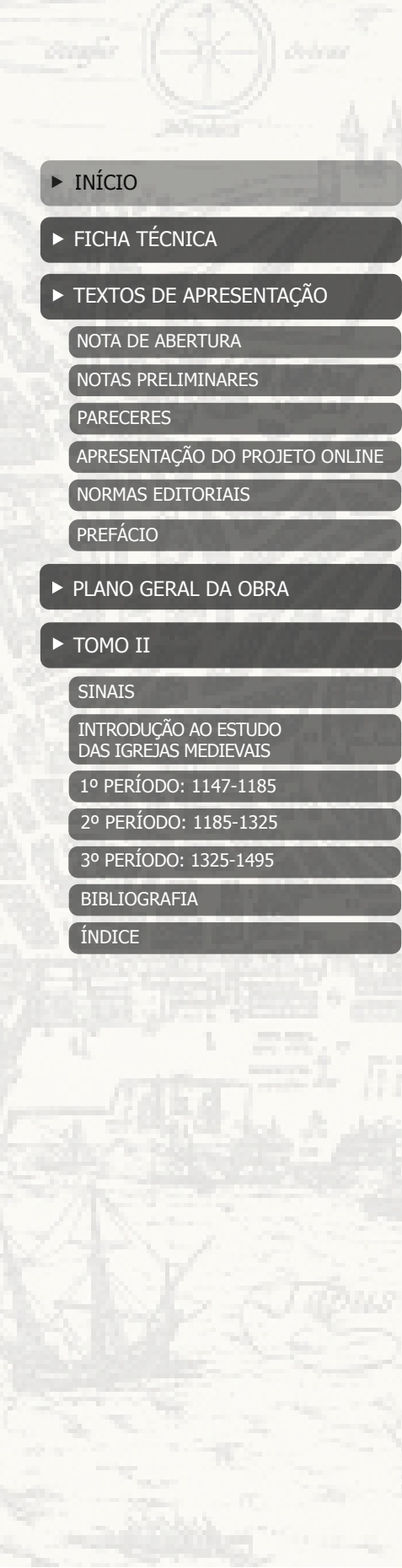
† A Sé de Lisboa – II – Acrescentamento dos fins do século XII
A Sé de Lisboa – III – Acrescentamentos do tempo de D. Dinis

⚪ IGREJAS PAROQUIAIS

S. Pedro de Alfama	ant. 1191 → 1755 †
S. Julião	c. 1200 → 1755 † ➡
São Mamede ao Castelo	ant. 1220 → 1755 † ➡
São Salvador	ant. 1209-1229 → 1834 †
Santo André	ant. 1209-1229 → 1835 †
Santa Marinha do Outeiro	ant. 1209-1229 → 1837 †
São Tomé do Penedo	ant. 1209-1229 → 1834 †
São Tiago	ant. 1209-1229 → séc. XVII #
São João da Praça	ant. 1209 (?) → 1755 #
São Nicolau	ant. 1209-1229 → 1755 #
Sta. Maria de Alcamim → São Cristóvão	Séc. XIII → séc. XVI #
São Lourenço	Séc. XIII → 1755 #
São João Baptista, do Lumiar	Séc. XIII → 1934 #
Santo Estêvão	Séc. XIII → 1740 #
São Lourenço, de Carnide	Séc. XIII/XIV → 1755 #
Nossa Senhora do Amparo, de Benfica	Séc. XIV → 1750 ➡

⚪ IGREJAS DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS NÃO-PAROQUIAIS NEM CONVENTUAIS

São Mateus	Séc. XII-XIII →?
São Lázaro	Séc. XII ou XIII →?
São João do Hospital	Séc. XIII →?
Hospital dos Meninos Inocentes	Séc. XIII →?
Espírito Santo da Pedreira	Séc. XIII → 1671 ♂
Colégio de Santo Elói	Séc. XIII → 1492 ♂



☉ ERMIDAS SEM CURA D'ALMAS

São Gens no Monte	1243 → 1755 #
São Braz, ou Santa Luzia	Séc. XIII → 1755 #
Nossa Senhora do Paraíso, na Pampulha	Séc. XIII → 1366
Nossa Senhora da Oliveira, ou Santa Maria de Rocamador	c. 1300 → 1755 †
Santo Espírito, de Carnide	Séc. XIII → ?
Santo Espírito, de Benfica	Séc. XIII-XIV → ?
Santo Espírito, da Charneca	Séc. XIII-XIV (?) → ?
Nossa Senhora da Estrela, no Restelo	Séc. XIII (?)
Santa Brígida, no Lumiar	Séc. XIV (início)
Nª Senhora do Funchal, na Ameixoeira	Séc. XIII-XIV → ♂

♂ IGREJAS CONVENTUAIS DE FRADES (OU ANÁLOGOS)

Cavaleiros de Santiago, em Santos [-o-Velho]	Séc. XII → 1239 ♀
São Francisco da Cidade	1217
SS. ^{ma} Trindade	1218
São Domingos, ao Rossio	1242
Santo Agostinho, ou Nª Sr. ^a da Graça	1271

♀ IGREJAS CONVENTUAIS DE FREIRAS (OU ANÁLOGAS)

Comendadeiras de Santiago, em Santos [-o-Velho]	c. 1239-1490 †
São Dinis, em Odivelas	1294
Santa Clara	1294

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

† A SÉ DE LISBOA – II ^{LXIII}

Nos fins do século XII, ou princípios de século XIII

Nos fins do século XII, ou princípios de século XIII, construíram-se os corpos do edifício anexados exteriormente à igreja, na sua face norte, desde o braço do transepto até à porta lateral norte da igreja. Estas construções eram parte em estilo românico e parte em estilo gótico.

Um acontecimento memorável ocorreu na Sé: Santo António (Fernão de Bulhões) foi baptizado na igreja da Sé, em 1195^{LXIV}.

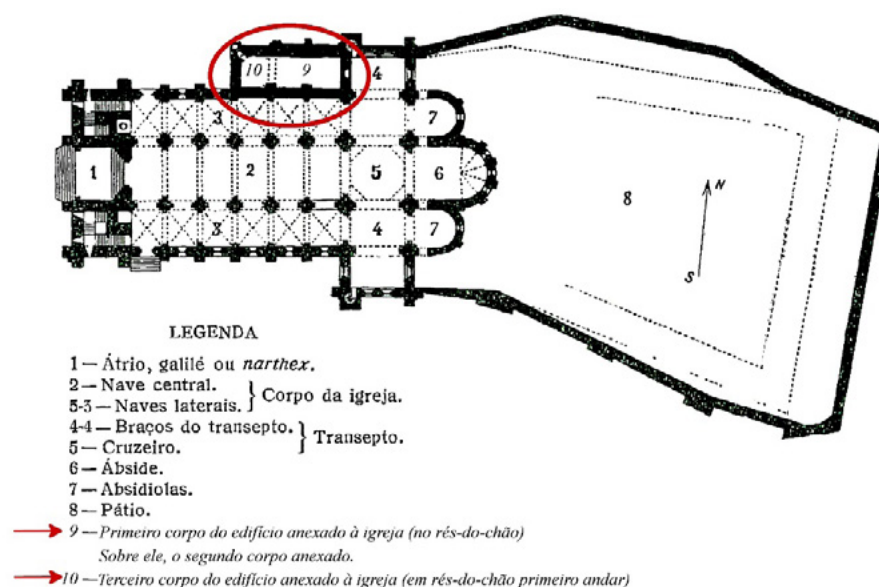


Fig. 17 – Reconstituição conjectural da planta da Sé nos fins do séc. XII ou princípios do séc. XIII adaptada de Castilho, 1936: vol. V, 23.

^{LXIII} As construções mencionadas neste capítulo são conhecidas por Camarim do Patriarca e, segundo estudo de Silva (1936: vol. V, 19 e 61-65), tratar-se-iam do resultado de três campanhas cronologicamente muito próximas entre si. O espaço não foi objecto de análise histórico-artística recente. Ainda da transição para o século XIII é o portal ocidental e os seus capitéis. Também do século XIII, mas já da segunda metade, deverá ser a grade medieval que encerra uma das capelas do deambulatório, obra única no nosso país e que se inscreve numa tradição peninsular relacionada com o Caminho de Santiago (Fernandes, 2002a).

^{LXIV} Sobre a figura de Santo António, veja-se o que se diz nas notas LXX, LXXIX, CXXVI.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

† A SÉ DE LISBOA – III ^{LXV}

Século XIII [1279-1325]: tempo de D. Dinis

Durante o reinado de D. Dinis realizaram-se obras importantes na Sé de Lisboa:

Foram construídos os três lanços do claustro, a abraçar as faces externas das duas capelas secundárias da primitiva cabeceira românica.

Também foram construídas as capelas da ala oriental do claustro.

E porventura, as capelas das suas alas norte e sul.

- Tudo isto no estilo de transição românico ogival.

Foi também edificada a capela de Bartolomeu Joanes, na frente norte, em estilo gótico^{LXVI}.

^{LXV} No reinado de D. Dinis realizaram-se duas grandes obras no espaço catedralício: o claustro e a capela de Bartolomeu Joanes (nota seguinte). O claustro ocupa “excentricamente” o topo nascente do conjunto arquitectónico e estava em construção em 1281, data em que Miguel Martins é referido como mestre das obras da Sé. A sua construção obrigou à demolição do bairro que ali existia e respectivo entulhamento até uma cota bastante elevada. Em 1305, o conjunto devia estar já bastante adiantado, pois data desse ano a inscrição fundacional da capela de Sto. Estêvão, situada no extremo Sudeste do claustro (Barroca, 2000: vol. II, 1282-1285). Durante muito tempo, considerou-se esta obra uma realização tardia (década de 30 do século XIV) e destituída do carácter de ruptura proporcionado pelo claustro do mosteiro de Alcobaça (iniciado em 1308). Defendo uma leitura distinta e proponho que, antes do estaleiro claustral alcobacense, a renovação da arquitectura e da escultura aplicada plenamente naturalista verificada no reinado de D. Dinis ocorreu no claustro da Sé de Lisboa, tendo parte significativa da companhia de artífices lisboeta reaparecido posteriormente em Alcobaça. A marcha de instituição das capelas é um dos dados apontados para o recuo na tradicional cronologia atribuída ao claustro: a primeira inscrição funerária data de 1302 (relativa a Mestre João Moniz, tesoureiro de D. Afonso III - cf. Barroca, 2000: vol. II, 1269), enquanto a capela de Nossa Senhora da Terra Solta terá sido cedida a D. Maria Albernaz, para fins funerários, entre 1290 e 1300 (Figueiredo, 2000: 45-46). A última capela a constituir-se terá sido a de S. Miguel e Almas, em 1308 (capela funerária do clérigo Pedro Vicente, inicialmente consagrada a Santa Cruz - cf. Barroca, 2000: vol. II, 1352-1359), numa altura em que os principais escultores estavam já em Alcobaça, ressentindo-se dessa ausência a escultura aplicada que acompanha a capela, de notória menor qualidade que as restantes parcelas do claustro (Fernandes, 2006: 47).

^{LXVI} Bartolomeu Joanes foi o mais célebre mercador da cidade no reinado de D. Dinis. Morador na freguesia da Madalena ainda no século XIII, construiu um verdadeiro império comercial, alicerçado em redes com a França e a Flandres. A sua casa de Lisboa, conhecida como Torre da Esscrevanyinha (que Silva, 1987a: est. IV sugeriu localizar-se no troço da cerca moura sobranceiro à Rua dos Bacalhoeiros), passou para a posse de D. Afonso IV após a sua morte (Barroca, 2000: vol. II, 1496), ocorrida a 30 de Novembro de 1324. As relações com França terão motivado a realização do seu túmulo, que Fernandes, 2001: 107-108 atribui a um artista francês ou burgalense. Rosa, 2000: 464 destacou a grande proximidade deste mercador para com a família real: ao instituir capela funerária da Sé de Lisboa, reservou para si e para o rei o monopólio do sufrágio das almas daquele espaço da catedral. Aquando da instituição da capela, instituiu também hospital (decisão comum a outros importantes membros da sociedade lisboeta trecentista), cujas disposições foram transpostas para uma longa inscrição que se encontra na sua capela (Barroca, 2000: vol. II, 1498-1505).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

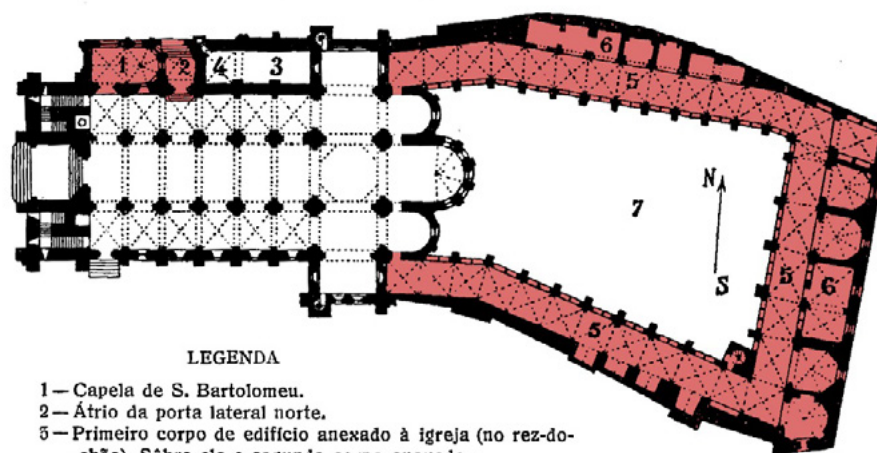
1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



LEGENDA

- 1 — Capela de S. Bartolomeu.
 2 — Átrio da porta lateral norte.
 3 — Primeiro corpo de edifício anexado à igreja (no rez-do-chão). Sobre ele o segundo corpo anexado.
 4 — Terceiro corpo de edifício anexado à igreja (com rez-do-chão e primeiro andar)
 5-5 — Galerias do claustro.
 6-6 — Capelas do claustro.
 7 — Pátio.

Fig. 18 – Planta da Sé nos finais do reinado de D. Dinis, em 1325.
 Reconstituição conjectural pelo arquitecto António do Couto,
 reproduzida de Castilho, 1936: vol. V, 25.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ IGREJA DE SÃO PEDRO DE ALFAMA ^{LXVII}

Século XII [ant. a 1191] - † 1755

1. É certo que esta igreja já existia em 1191. D. Rodrigo da Cunha, na vida do bispo D. Soeiro Annes, diz que no ano de 1191, reinando D. Sancho I, dera este prelado à fábrica da Sé a igreja de S. Pedro d'Alfama (Vd. Cunha, 1642: 99).

É mencionada na Relação de 1209 ou 1229; igualmente, na Inquirição Particular de 1211-1230. No Catálogo de 1320-1321 é taxada a igreja de S. Pedro de Lisboa em 40 libras e o comum dos raçoeiros dela em outras 40 libras.

Na vida do bispo D. Vasco Martins, D. Rodrigo da Cunha (Cunha, 1642: 245v-248) afirma que este prelado, estando em Santarém, cometera em 21 de Abril de 1344 a D. Diogo, seu vigário geral, a instituição da igreja d S. Pedro de Alfama. Daqui parece inferir-se (Castro, 1763: tomo III, 387-388) que a igreja tivera duas instituições, ou que a segunda fora reformação da primeira.

Foi sempre do padroado das Rainhas, as quais apresentavam o prior, que tinha 200\$000 réis, e dois benefícios de 60\$000 réis cada um, sendo os dois beneficiados apresentados pelo prior.

A Irmandade do SS. Sacramento apresentava 11 capelas de vários instituidores e de diferentes côngruas; a de Santa Cruz e Almas provia 3 capelas de 50\$000 réis; e a do Senhor Jesus dos Aflitos uma de 46\$000 réis.

Nesta freguesia foi incorporada a comuna judaica de Alfama, que nela se achava encravada, quando esta, como as outras judiarias do Reino, foi extinta em 1496.

2. A igreja paroquial ficou totalmente arruinada pelo terramoto de 1755, restando somente a parede da parte do evangelho, ao norte, com a Capela de Santa Cruz e Almas, sendo vítimas nesta horrorosa catástrofe mais de 100 pessoas. A mesma destruição sofreram quase todos os edifícios que constituíam a freguesia: de 108 que eram antes do terramoto, só ficaram 6 capazes de ser habitados. Os habitantes fugiram para os campos dos arredores da cidade, fabricando abrigos e barracas para se acolherem.

O prior recorreu ao rei D. José, que lhe mandou dar um armazém ao chafariz de el-Rei (na véspera de Natal de 1755). Sendo precisa esta casa ou armazém para se continuar a obra da Nova Alfândega (ou antes, do Terreiro do Trigo), mudou-se solenemente a freguesia para uma barraca que se construiu dentro das ruínas da própria igreja, em 19 de Março de 1757.

Pela divisão das paróquias de 1770, foi a de S. Pedro trasladada para o sítio de Alcântara, totalmente a poente da ribeira do mesmo nome, com território destacado da freguesia da Ajuda.

^{LXVII} Pradalié, 1975: 39 registou que esta igreja já existia por volta de 1180. Silva, A. V. - 1942 republ. 1954: 185, baseado nas informações de Rodrigo da Cunha, admitiu como primeira referência a data de 1191, informação também considerada por Silva, 2008: 248 e Araújo, 1938-39, vol. 2, Liv. 9: 35. Silva, 1994: 817, por outro lado, propõe que a igreja tenha sido constituída apenas em 1344. De acordo com recente proposta de Vargas, 2002: 49, esta é uma das igrejas cuja cronologia fundacional pode ser recuada até 1175.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. No local da Igreja de São Pedro de Alfama foi construído o prédio da Calçada de S. João da Praça (nº 2), que torneja para o Largo de São Rafael (nº 7).

Vd. Igreja de São Pedro em Alcântara – 1786

Bibliografia

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme (1904-1915) – *Portugal. Diccionario histórico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*, vol. IV, Lisboa: J. Romano Torres, 1912, p. 720.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA PAROQUIAL DE SÃO JULIÃO – 1ª** LXVIII

Século XII [c. 1200] → † 1755

1. O local desta primeira igreja de São Julião ocupava metade do 3º quarteirão de prédios de casas da Rua Augusta, do lado esquerdo, indo da praça do Comércio; o adro, do lado ocidental da igreja, ocupava a outra metade, e a capela-mor caía toda sobre a Rua Augusta, abrangendo com o seu comprimento a largura total desta rua (cf. Vieira da Silva).

2. Esta igreja aparece mencionada na Relação de 1209 ou 1229; igualmente na Inquirição Particular de 1211-1230; *ecclesia sancti Juliani*; e também no Documento de Chelas, de 1261. O Catálogo de 1321 taxa “a vigairaria da igreja de S. Julião de Lisboa”, em 130 libras, e o comum dos benefícios da dita igreja em 260 libras.

Segundo alguns escritores (vg. Cardoso, 1666: vol. III, 322 ss.) já no ano 1200 estava erecta em paróquia, sendo nela baptizado o Papa João XXI, a que chamaram Pedro Julião (1205-1211).

Aliás, também ali foram baptizados: o venerável Padre António de Castro, que morreu mártir nas Molucas; e o venerável Mestre João Vicente, fundador da Congregação dos Cônegos Seculares de São João Evangelista.

Reinando D. Sancho I, dizem que a igreja de São Julião foi sagrada pelo bispo D. Domingos Jardo, no ano de 1241; e que o rei D. Dinis fizera doação do padroado dela ao cabido da Sé.

3. Quando D. Manuel mandou edificar à beira do Tejo os Paços da Ribeira, como existente dentro dos limites desta paróquia, honrou-a com muitos benefícios; mandou-a generosamente reedificar (Vd. Góis, ed. 1955: 232); e ordenou que, quando fosse preciso aos enfermos do Paço receber os sacramentos, se administrasse tudo desta freguesia (não obstante haver sacrário na Capela Real de São Tomé); e fez mercê ao Prior de São Julião do título de capelão régio, para este poder exercer livremente estas funções dentro do Palácio, sem desdouro para o Capelão-mor.

4. O rei D. Sebastião, pelo seu embaixador em Roma Lourenço Pires de Távora, alcançou do Papa Pio IV, em 20 de Outubro de 1560, um Breve para que a Confraria do Santíssimo desta freguesia de São Julião se anexasse à que existia em Roma, na Igreja do Convento de Minerva, e lograsse os mesmos privilégios e indulgências. Passou então a ter o título de Ar-

LXVIII Tem-se atribuído uma data ao redor de 1200 para a constituição da paróquia de S. Julião, com base no testemunho de Jorge Cardoso (Vargas, 2002: 49 e 66), mas não existe prova material ou documental de tal facto. Certo é que já existia em 1229 e alguns autores apontam o ano de 1241 como o de sagração do templo, também sem prova documental. Pradalié, 1975: 34 situou a sua construção em inícios do século XIII, como consequência de uma expansão urbana da cidade para poente. A localização aqui referida por Felicidade Alves é a indicada por Silva, 1943, republ. 1954: 237. Em escavações arqueológicas realizadas na Primavera de 2010 (ainda inéditas), foi possível identificar um troço de muralha no actual templo, provisoriamente atribuído ao amuralhamento ordenado por D. Dinis na então zona ocidental de Lisboa.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

qui-Confraria. D. Sebastião mandou ainda dar 20 arrobas de cera, de 4 em 4 anos, para a dita Arqui-Confraria. Esta esmola foi extinta no tempo dos Filipes; mas D. João IV renovou-a; e quis ser admitido como confrade, com o príncipe D. Teodósio, que no ano de 1644 foi eleito Juiz da sobredita Arqui-Confraria. Desde então ficou a tradição de se eleger para Juiz perpétuo dela, uma das Pessoas Reais, as quais costumavam mandar pagar todos os anos a esta paróquia 8\$000 réis pelas conhecenças a que eram obrigadas como paroquianos as pessoas que viviam no Paço.

Constituída em paróquia própria de toda a régia família a Capela Real, por Breve de Clemente XI, de 24 de Agosto de 1709, erigiu-se nesta uma nova confraria do SS. Sacramento. Consequentemente, D. João V mandou, por decreto de 27 de Março de 1710, que as 20 arrobas de cera ficassem aplicadas para a nova Irmandade do SS. da sua Real Capela; retribuiu todavia a falta desta mercê com uma vantajosa esmola.

5. Em 1551 a igreja de São Julião tinha um prior e sete beneficiados: o priorado rendia 470 cruzados (= 188.000 réis), e cada razão 80 cruzados (ou 32.000 réis) (Vd. Oliveira, ed. 1987: 24).

Nas vésperas do terramoto de 1755 (Vd. Castro, 1763: tomo III, 303), a paróquia constava de um Prior, apresentado pelo Patriarca, cujo rendimento de frutos certos e incertos importava mais ou menos em 600\$000 réis cada ano; tinha 6 beneficiados com obrigação de coro de manhã e de tarde, com o rendimento de 150\$000 réis, cada um. Tinha mais 2 curas, que o prior apresenta; e 2 tesoureiros, um da igreja, outro da Irmandade do SS.

6. Em 1551 havia nesta igreja sete confrarias: Santo Sacramento, de Jesus, de Sant'Ana, de S. Sebastião, de N^a Sr.^a da Purificação, das Almas do Purgatório, de S. Bartolomeu (administrada por alemães). Rendiam as esmolos destas confrarias 270 cruzados.

7. Em vésperas do terramoto, havia no altar-mor as imagens de S. Julião e Santa Barilisa (de cuja irmandade era juiz perpétuo o Marquês de Abrantes); e mais duas imagens, de S. Pedro e S. Paulo (mandadas fazer pela Irmandade dos Clérigos, ali estabelecida em 1652).

Do lado do evangelho havia três capelas: * a dos alemães, com o título de S. Bartolomeu (anteriormente estivera na Ermida de Santa Bárbara): tinha sacristia própria debaixo da capela, e porta própria que era a travessa da igreja; apresentava 5 capelães (o primeiro com obrigação de ser confessor, e lhe rendia 100\$000 réis, e a cada um dos outros quatro 50\$000 réis). * Capela de S. Sebastião, que estava debaixo da porta da travessa, e com Irmandade, que era dos sapateiros de vaca. * Capela do Senhor Jesus Crucificado, com sacristia própria, e com Irmandade dos Mercadores, Sirigueiros e Vestimenteiros, e com seu próprio capelão com 60\$000 réis.

Do lado da epístola: * Capela de Nossa Senhora das Candeias, da Irmandade dos Alfaiates de medida, com dois capelães perpétuos, de 50\$000 réis. * Capela de Santa Catarina, dos Alfaiates de calcetaria, com capelão. * Capela de Sant'Ana, de tanoeiros. Havia ainda as capelanias de Santo Elói (dos ourives de ouro, com seu capelão de 50\$000 réis, e pelas missas de Natal lhe davam uma moeda de ouro), e de Santiago (dos Sombreiroiros, com seu capelão).

Todas estas capelas gozavam de privilégio real, para que não pudesse nenhum dos officios, que lhes pertence, entrar na Casa dos 24 sem primeiro terem servido estas irmandades.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A Capela das Almas apresentava 34 capelanias, cujo rendimento era de 50\$000 reis cada; e a Capela de Santo António tinha o seu capelão de 50\$000 reis.

† 1755. O terramoto arrasou esta igreja, perecendo algumas pessoas; e o incêndio reduziu tudo a cinzas, com exceção da Casa do Despacho da Irmandade de Nossa Senhora das Candeias, e a Capela da Confraria de Santo António.

Sobre a história das igrejas posteriormente reedificadas, com o título de São Julião, Vd. Igreja Paroquial de São Julião – 2º - 1810

Bibliografia

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme (1904-1915) – *Portugal. Dicionario histórico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*, vol. IV, Lisboa: J. Romano Torres, 1912, p. 695-696

CASTRO, Padre João Bautista (1762-1763) – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, vol. III, Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1763, p. 299-307.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ IGREJA DE SÃO MAMEDE, AO CASTELO † LXIX

Século XIII [antes de 1220] † 1755

1. A igreja de São Mamede é mencionada na Relação de 1209 ou 1229; e também na Inquirição Particular de 1211-1230 (“Ecclesia sancti Mametis”). Igualmente, no Documento de Chelas, de 1261. O Catálogo de 1320-1321 taxa a igreja de São Mamede em 100 libras e o comum dos raçoeiros da dita igreja em 160 libras.

D. Rodrigo da Cunha diz que a paróquia de São Mamede se estabeleceu no tempo do bispo D. Estêvão II, o qual estando em Avinhão, a 16 de Maio de 1312 cometera a Martim Mateus e a Pedro Formão a sua instituição. Porém, no *Mappa de Portugal* lê-se que numa antiga escritura encontrada no seu antigo cartório se dava a perceber que a freguesia já se estava erecta em 1220, porque nesse ano Maria Pires, mulher de Pedro Martins de Bulhões, irmã de Santo António, instituiu nessa igreja uma missa cantada em sua vida todas as 6^{as} feiras, em honra de Santa Cruz, por 4 soldos de esmola (Castro, 1763: vol. III, 312). Tal é a opinião de Jorge Cardoso (Vd. a seguir):

“Como se isto não bastasse para escudar a opinião de Jorge Cardoso, chegou-lhe ainda às mãos outra escritura, feita no ano 1222, em que o dito Pedro Martins de Bulhões se declara comprador de uma almoinha, em Caneças, para a sua capela de Santa Margarida em São Mamede (Jorge Cardoso, *Agiológio Lusitano*, vol. III, p. 675 e 676). Foram os vendedores da almoinha Martim Annes e sua mulher” (Sequeira, 1918: vol. II, 173).

Quase da mesma antiguidade era o sepulcro de pedra, em que por tradição jazia o pai do mesmo Santo António, o qual estava colocado debaixo de um arco junto aos degraus do adro desta igreja, segundo o antigo uso daqueles tempos, e que ficou da parte de dentro da sacristia, quando se procedeu a umas obras em 1665.

Fica assim provado que a Paróquia de São Mamede e o seu templo já existiam em 1220.

2. Em 1490 foi elevada à honra de capela real. Era priorado apresentado pelo Rei; e tinha quatro beneficiados. Recebia o Prior 250\$000 réis e cada benefício era de 30\$000 réis, sendo os beneficiados apresentados pelo Prior.

Segundo Cristóvão Rodrigues de Oliveira (ed. 1987: 44), tinha a paróquia em 1551 setenta e nove casas, repartidas pelas seguintes ruas: rua da Calçada de D. Bernaldo, rua de Sete Cotovelos, rua da Costa [do Castelo], rua da Pedras Negras; e pelas travessas d'Antre os Arcos, das pedras Negras e por um beco (sem nome). Atribui-lhe 144 vizinhos e 1010 habitantes.

Em 1712, o P.º Carvalho da Costa (Costa, 1712: vol. III, 386-387) fornece dados que permitem notar as diferenças entretanto verificadas.

^{LXIX} A igreja de S. Mamede aparece referida pela primeira vez no «Inventário de Compras do Mosteiro de S. Vicente», documento datado de Maio de 1190 (Vargas, 2002: 49 e 66; cf. Acabado, 1969: doc. 62), informação não recolhida por Silva, 2008: 262. Araújo, 1938-39: vol. I: 23 assinalou a data de 1220 como mais antiga referência da igreja, «a fazermos fé por uma escritura em que interveio Maria Pires, cunhada de Santo António». São Mamede foi, com certeza, uma das igrejas que maior devoção atraiu ao longo da Idade Média, pois também aqui instituiu missa por alma de seus pais o mercador lisboeta Bartolomeu Joanes (Rosa, 2000: 464). Sobre o passado altomedieval da igreja, possivelmente visigótico (século VI), veja-se Fernandes e Fernandes, 2014.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

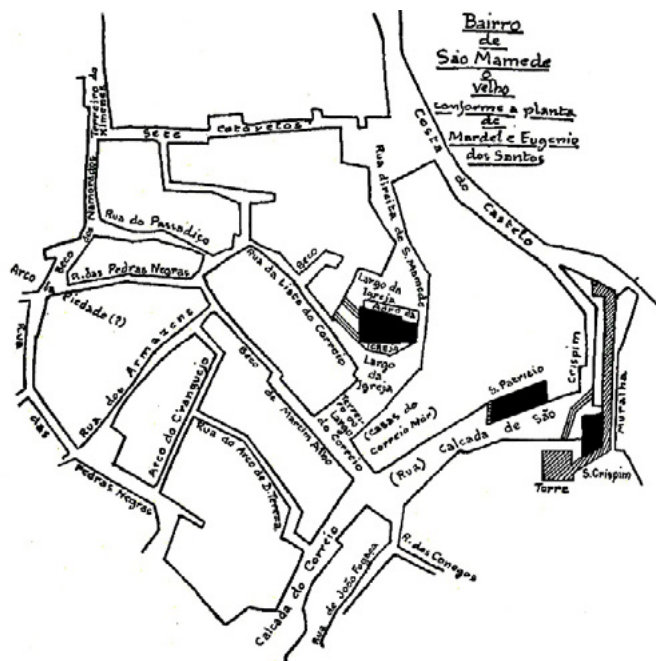


Fig. 19 – Pormenor da planta de Lisboa de Carlos Mardel, Eugénio dos Santos, Sebastião Elias Poppe e Carlos Andreias.

3. Em São Mamede [na igreja? no local?] havia, segundo testemunha André de Resende (Vd. Cunha, 1642: 16) uma pedra dedicada à deusa Concórdia, com a seguinte Inscrição:

CONCORDIAE SA
CRUM M. BAE. BIUS
M.F.M.M. FELIG. IV
LI. DAT.

A muralha moura de Lisboa passava por ali “Entre a rua do Milagre de Santo António e a Rua de São Mamede, ao longo das escadinhas de São Crispim, há ainda visível um lanço da muralha. Junto à Rua do Milagre, conjectura o Sr. Vieira da Silva a existência de uma das torres da Cerca e, no ponto em que a calçada do Correio encontra a Rua de São Mamede, parece também ter assentado outra torre de base octogonal como a que ficava junto à porta de D. Fradique. Para cima a muralha obliquava até à ermida de São Crispim, onde avultava outra torre; seguia a linha da fachada dos prédios do nascente das calçadas do correio até o ângulo sul das Pedras Negras, de onde ia obliquando até Santo António da Sé, à Porta do Ferro” (Sequeira, 1918: vol. 2, 173-174, que cita Silva, 1899: 25).

No templo de São Mamede havia sepulturas, em arcas de pedra, de cristãos mortos no cerco de Lisboa: diz-nos Miguel Leitão de Andrade no “Diálogo Segundo” da sua *Miscelânea* (Sequeira, 1918: vol. 2, 177).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

4. Pouco ou nada se sabe de como era o templo. Coligimos alguns dados.

Capelanias

João Baptista de Castro aponta nas igrejas sete capelanias, mas enumera apenas seis: “Uma do Santíssimo, de 70.000 réis; duas das Almas de 50.000 réis, uma que constituiu a condessa de Valadares, de 48.000 réis, outra do Correio-mor, de 50.000 réis, e outra, de João Ribeiro, instituída na capela do Senhor Jesus, com a cômputa de 30.000 réis” (Castro, 1763: tomo III, 332).

Descrição do templo

A igreja era orientada a poente, isto é, tinha a fachada principal virada para esse lado, ficando o altar-mor para o oriente.

O templo, em forma de cruz latina, ficava isolado a meio de uma espécie de largo.

A velha igreja tinha só uma nave, com quatro capelas no corpo principal e excelentes tribunas.

No altar-mor estava a imagem de Nossa Senhora da Encarnação e a de São Mamede, “que é advogado dos meninos e faz grandes milagres às mulheres a que se lhes seca o leite” (Costa, 1712: vol. III, 389).

A capela do Espírito Santo, onde Pedro Eanes Lobato e a sua mulher instituíram em 1438 uma missa quotidiana por suas almas, legando-lhe, em seu testamento, dois cântaros de azeite e duas arrobas de cera, vencidas pelo natal. Esta capela passou para a Ermida de Nossa Senhora de Monserrate, onde permanecia ainda nos meados do século XX.

A capela de Santa Margarida, onde Maria Pires, cunhada de Santo António, instituiu uma missa quotidiana. Nela estava enterrado o irmão de Santo António, Pedro Martins de Bulhões. (Vd. nº6)

Capela de Santo António: tinha uma missa quotidiana, instituída pelo Correio-mor, e mais outra missa todas as quartas-feiras.

Capela do Bom Jesus. Possuía uma imagem muito antiga e milagrosa.

5. A Família de Santo António e a paróquia de São Mamede: Sepulturas dos pais do Santo e de seu irmão

Da família de Santo António – Fernando de Bulhões – estão relacionadas com esta igreja de São Mamede pelo menos três membros.

1º Pedro Martins de Bulhão, irmão do santo. Falecido em 1220 [?] (portanto, 11 anos antes da morte do taumaturgo) achava-se enterrado na capela de Santa Margarida, na igreja de São Mamede. Maria Pires, sua viúva e cunhada de Santo António, instituiu nela uma missa quotidiana. A administração desta capela esteve sempre na família de Santo António.

2º Os ossos do pai de Santo António, Martim de Bulhão, ou de Bulhões, estavam “aos pés de Santa Margarida” conforme nos diz Coelho Gasco (Vd. 1924: 145). Notícia algo diversa de Jorge Cardoso, que diz estarem os ossos do dito Martim de Bulhão “debaixo dum arco junto aos degraus da igreja” [de São Mamede]; e que, quando em 1665 se fez a sacristia nova, para lá foram removidos desse local. Tendo-se aberto por essa ocasião o túmulo, não se en-

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

controu nele mais do que uma porção de terra solta. Assim, em Jorge Cardoso. As referências leio-as em Sequeira, 1918: 182.

3º Quanto aos ossos da mãe de Santo António, Tareja Taveira, eles estiveram primeiramente “em uma daquelas sepulturas altas que esta[vam] no adro do priorado de São Mamede junto da rua”, conforme diz Coelho Gasco (1924: 145).

Mas em 1431 foi trasladado o seu cadáver para a capela de Santo António, em São Vicente de Fora, por indústria do bispo de Viseu, D. João, conforme a lápide antiga que Jorge Cardoso copiou¹⁰. Ou então teria sido em 1453, segundo outra lápide¹¹.

Quando foi reedificada a velha igreja de São Vicente, foram os ossos da mãe de Santo António tirados do mausoléu e guardados em especial recato. A campa foi posta, por altar na mesma capela de Santo António; um cônego recolheu os ossos em uma caixa, ornada com uma comprida inscrição latina, e pô-la na parede da capela do lado da epístola, com uma breve lápide¹². Do lado do evangelho foi colocada em 1649 a lápide própria (?) da sepultura de Tareja Taveira¹³.

Em 1525, 94 anos depois da trasladação de Tareja Taveira, uma carta de D. João III dá-nos a entender que se punha a hipótese de transportar os restos mortais dos pais do Santo António para a igreja de Santo António à Sé. (Vd. Sequeira, 1918: vol. II, 184-186 e Oliveira, 1885: tomo II, 372-373).

¹⁰ « HIC SITŪ est cadaver matris D. Antonii, qui in eadē domo fuit in lucem editus in qua nunc Urbis comitia geruntur. Fruit huc trāslatū studio D. Joannis Visensis Episcopi anno Dñi N. Jesu Christi 1431.

¹¹ «Aqui jaz: o cōpo da made ã Sto Ātonio: q̄ nasceo: u ora he: a cama ã esta cidade: o q̄l foi aq̄ traladado p mādado d̄ Dō: Jo Bpō: d̄ Viseu: Ano d̄ Nosso Sor Jhu Xo d̄ Mil IIIILiii an»

¹² AQU ÊSTAÕ OS
OSSOS DA MAI
D S ANTONIO

¹³ O texto da inscrição é o que vem referido na nota 2. À roda dessa inscrição lê-se:
ESTA PEDRA HE A PROPRIA DA SEPULTURA/
FOI AQUI POSTA EM ABRIL/ DE 649 OSOS
ESTÃO A PARTE DA EP/ISTOLA NA PAREDE

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

6. A administração da Capela de Santa Margarida, sempre na família de Santo António

O pai de Santo António – ou Fernando de Bulhões – chamava-se Martim de Bulhão. Este teve, de sua mulher Tareja Taveira, dois filhos e duas filhas: o 1º nascido em 15 de Agosto de 1195, foi Fernando (depois chamado António = Santo António)^{LXX}; o 2º foi Pedro Martins do Bulhão; das meninas, uma foi Maria Martins Taveiro (que professou em São Miguel das Donas), e outra que se terá casado e foi mãe do servo de Deus Aparício (que teria sido resuscitado por seu tio).

Pedro Martins do Bulhão, falecido em 1220, casou com Maria Pires e tiveram três filhos: Martim Pires de Bulhão, Domingos Pires de Bulhão, e Gonçalo Pires do Bulhão. A viúva, Maria Pires, por testamento feito em 1237, passou a administração da capela de Santa Margarida, erecta na igreja de São Mamede e onde ficou sepultado o marido Pedro, para Gonçalo Pires de Bulhão.

Gonçalo Pires do Bulhão, casou com Constança Afonso, e tiveram seis filhos, o 2º desses filhos foi Afonso Gonçalves do Bulhão.

Afonso Gonçalves do Bulhão, foi pai de Pero Afonso do Bulhão.

Pero Afonso do Bulhão, teve, de sua mulher Maria Afonso, Lopo Afonso do Bulhão, 3º senhor da Quinta do Bulhão.

Lopo Afonso do Bulhão, casou com Joana Escolar; e instituíram um morgado, que deixaram a seu filho António Lopes do Bulhão

António Lopes do Bulhão¹, casou com D. Joana Boto e teve o filho Afonso Lopes do Bulhão.

Afonso Lopes do Bulhão, casou duas vezes; do primeiro matrimónio teve António Lopes do Bulhão². Do segundo casamento nasceu Maria Afonso do Bulhão, tia paterna de Dona Maior (Vd. infra).

António Lopes do Bulhão², casou com D. Leonor de Almeida; e tiveram como filha e herdeira D. Maior de Almeida do Bulhão. Esta sucedeu na administração da capela de Santa Margarida.

Dona Maior de Almeida do Bulhão, casou com D. Pedro de Meneses. Deste matrimónio não nasceram filhos. A herança passou para Maria Afonso do Bulhão, tia paterna da dita Dona Maior (como dissemos).

^{LXX} A bibliografia sobre Santo António é considerável e nela entroncam aspectos historicamente verificáveis e outros lendários. Os dados biográficos mais fiáveis encontram-se em Costa, 1982 e Coelho, 1996 (sem esquecer os estudos de Caeiro, 1969). Fernando Martins (Fernando de Bolhões) nasceu por volta de 1188, em Lisboa, ao que tudo indica numa casa «diante da porta da Sé» (Garcez, 2002: 35), entre a Catedral e a antiga Porta de Ferro da muralha de origem islâmica. Em 1208 entrou como cônego regente do mosteiro de São Vicente de Fora e, dois ou três anos depois, ingressou no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Aderiu aos mendicantes por volta de 1220, num processo aparentemente conflituoso com os regentes e com a própria família, possivelmente respondendo a uma individual «atração pelo martírio tingida de traços de cruzada» (Rosa, 2001-2002: 410). A partir dessa data, percorreu parte da Europa e Norte de África, conheceu São Francisco de Assis em 1221 e foi um dos mais destacados pregadores da Ordem, bem como seu primeiro teólogo, cujos sermões serviram de manual dos franciscanos. Faleceu a 13 de Junho de 1231, em Pádua, e foi canonizado logo no ano seguinte.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

10. Maria Afonso do Bulhão, veio a casar com D. Aires da Cunha, senhor de Tábua, destes foi filho e herdeiro D. Pedro da Cunha.

11. D. Pedro da Cunha, casou com Dona Ana de Meneses; tiveram como filhos D. Manuel da Cunha e D. Lourenço da Cunha. O primeiro faleceu sem filhos: o herdeiro foi D. Lourenço da Cunha.

12. D. Lourenço da Cunha, casou com Dona Isabel de Aragão e tiveram como filho Pedro Álvares da Cunha.

13. Pedro Álvares da Cunha, era em 1710 o administrador da capela de Santa Margarida. A quinta filha dos segundos Condes da Cunha, Dona Ana Mafalda da Cunha, que herdou a dita capela.

14. Dona Ana Mafalda da Cunha, casou com D. António Maria de Portugal e Meneses; desse matrimónio nasceram D. António Pedro Meneses, Dona Maria do Carmo de Meneses (que foi Marquesa de Sabugosa), e D. João de Meneses.

15. Os representantes mais recentes da família de Santo António – em cujas veias poderá correr o sangue ínclito de Martim do Bulhão, pai do grande Taumaturgo português – terão sido os filhos dos referidos D. António e D. João.

O terramoto de 1755 destruiu esta igreja.

Vd. Igreja Paroquial de São Mamede – 2 – ao Rato (depois do terramoto)

O terreno onde antes se erguera a igreja foi arrasado depois da trasladação do título em 1770. O território da paróquia foi distribuído pelas paróquias de São Cristóvão e da Madalena.

O sítio chamou-se os entulhos, e à rua em que a igreja estivera, **Rua dos Entulhos de S. Mamede**. Esta denominação durou ainda à rua oficialmente até 1870. Hoje chama-se Rua de São Mamede. E ao sítio da antiga igreja chama-se **Largo do Correio-mor**.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO SALVADOR † LXXI

Século XII- XIII [ant. a 1209-1229] † 1834

1. Já registámos como apareceu a Ermida de São Salvador da Mata, nos tempos de D. Afonso Henriques; e de como se formou à sua volta o Recolhimento das “Beatas da Rainha”.

Vimos também que um bispo de Lisboa – mas qual? mas quando? Isso não sabemos... – pretendeu trasladar a imagem do Salvador, da ermida para a sua igreja catedral, o que não se efectuou por “resistência” da própria cruz...

Entendendo o prelado que deveria deixar o crucifixo na sua tradicional morada, resolveu acrescentar e honrar a ermida com o título de freguesia.

Não se sabe como, nem em que tempo, nem quem seria o bispo que tal decidiu. De certeza que foi antes de 1391. E o facto de se lhe chamar “ecclesia” pode sugerir que já era paróquia, e não simples ermida, no tempo anterior a D. Afonso II ou a D. Sancho II, época da Relação de 1209 ou 1229, e da Inquirição particular de 1211-1230. A mesma conclusão, mas mais sólida, deriva do facto de ser taxada, em 1320-1321, conforme consta do Catálogo.

Os sucessores do bispo que criou essa paróquia constituíram-na em Priorado, aplicando-lhe para sustentação do prior e beneficiados os dois terços dos dízimos da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, do lugar de Benfica.

2. João Esteves, alcaide-mor de Lisboa e Privado do rei D. Fernando, chamado João Esteves, o Privado, fundou na paroquial do Salvador uma capela e um vínculo, que veio a ser representado pelos Condes de Arcos.

Nela foi sepultado ele; e, sucedendo-lhe na posse da capela seu irmão Afonso Esteves, também este ali foi sepultado.

Estes factos estão na origem das ligações e interesses de D. João Esteves de Azambuja com esta igreja. Disso se dirá algo mais extenso a este propósito do Mosteiro do Salvador, de Dominicanas^{LXXII}.

^{LXXI} Exceptuando as versões lendárias acerca da origem do templo (nota LIX), as primeiras menções à freguesia e sua igreja paroquial datam de inícios do século XIII (Silva, 2008: 264). Araújo, 1938-39: vol. II, 73 difundiu a versão de que, por 1240, já existia um recolhimento de mulheres penitentes (Marques, 1994: 96 atribuiu essa realidade aos meados do século XIII). A associação ao templo de comunidades femininas emparedadas, mencionadas por Felicidade Alves na primeira notícia sobre São Salvador, só tem confirmação documental para a primeira metade do século XIV (1319 e 1338), em terreno contíguo à igreja (Fontes, 2007: 264).

^{LXXII} Esta capela foi instituída por seu tio, João Esteves, homem muito activo no governo de D. Fernando. Curiosamente, a família nuclear de D. João Esteves da Azambuja esteve mais ligada ao reinado de D. Pedro e, posteriormente, ao de D. João I, distintas barricadas da História que marcaram profundamente a sociedade portuguesa de finais do século XIV. É possível que a escolha do arcebispo de Lisboa por S. Salvador da Mata tenha tido origem numa intenção de reabilitar a memória daquele seu parente.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Apenas se acrescenta que, em 1392, quando foi fundado o Mosteiro, D. João Esteves de Azambuja (então Bispo do Porto) obtivera do Papa Bonifácio IX o “poder de anexar às rendas do Mosteiro as rendas e direito que ao Prior e Beneficiados da paróquia pertenciam, de tal forma que, vagando os ditos benefícios, a Priora e Freiras do Mosteiro pudessem tomar posse das rendas e convertê-las em seus usos”. Tudo isto estava a coberto do Breve papal.

Todavia, depois de começada a obra, surgiram dúvidas com o Bispo de Lisboa, que era então D. João Annes (que passou a arcebispo em 1394, e faleceu em 1402), o qual se queixava de ser em prejuízo das rendas episcopais. Fez-se composição, pela qual o Bispo do Porto, a Priora e as Freiras largaram ao Prelado de Lisboa a terceira parte dos dízimos da Igreja do Salvador, em 29 de Julho de 1393 (Vd. Castro, 1763: tomo III, 415).

3. Em 1551, a paróquia tinha um vigário, apresentado pelo padroeiro, que recebia 65 cruzados (= 26\$000 réis); e 2 capelães que o ajudavam, apresentados pelo dito padroeiro, com o ordenado de 60 cruzados; e um tesoureiro, com 28 cruzados. E havia na igreja 5 confrarias regidas por leigos: do SS. Sacramento, do Salvador, de N^a Sr.^a dos Remédios, de São Sebastião, das Almas do Purgatório.

4. Em 1755 arruinou-se o corpo da igreja. E a paróquia teve o destino seguinte:

Primeiramente, passou interinamente para a igreja do Menino Deus, onde esteve dois meses;

Transferiu-se depois para uma casa do próprio convento, que era grade das religiosas;

Pelo Plano da divisão paroquial de 1770 foi esta freguesia trasladada, em 11 de Fevereiro desse ano, para a parte ocidental da cidade, com o título de Senhor Jesus da Boa Morte;

Pela nova reforma paroquial de 1780, foi extinta a paróquia do Senhor Jesus da Boa Morte; a do Salvador, que foi restituída em 23 de Janeiro do dito ano ao seu antigo local e igreja, esta já restaurada.

A paróquia do Salvador, depois de 1836, teve as seguintes vicissitudes:

Foi anexada à de Santo Tomé, em 1836

Juntas, as paróquias de São Tomé e Salvador transitaram para a Igreja do Menino Deus, em virtude da portaria de 17 de Outubro de 1836;

- Em 1856 reuniram-se à paróquia de S. Vicente de Fora e mudaram-se para esta igreja, onde actualmente se conservam.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA DE SANTO ANDRÉ** † LXXIII**Século XII/XIII [antes de 1209 ou 1229] † 1835**

1. É mencionada a igreja de Santo André na Relação de 1209-1229; igualmente, na Inquirição Particular de 1211-1230; o Catálogo de 1320-1321 taxa a igreja de Santo André em 190 libras. O Sumário, de 1552 refere que tem prior e cinco beneficiados, rendendo o priorado 150 cruzados e cada razão 35 cruzados. Tinha então duas confrarias: SS.^{mo} Sacramento e Santo André. A freguesia tinha 52 casas, 75 vizinhos, 336 almas, 1 rua, 3 travessas e um adro.

Foi do real padroado. D. Dinis deu-a a Ayres Martins e a sua mulher Maria Esteves, atendendo aos merecimentos do dito Ayres Martins, que foi escrivão da puridade e chanceler do referido monarca, e também aos rogos do bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães, seu particular amigo. Ayres Martins, morrendo sem sucessão, mandou que se elegessem nove capelães que dissessem todos os dias missas por sua alma e pela de D. Dinis, à custa das suas fazendas. Maria Esteves, mulher de Ayres Martins, instituiu sete merceiras, deixando a cada uma um alqueire de trigo por semana e 240 réis cada mês – e cada ano um manto, um par de sapatos, um pote de azeite, e carne pelas festas de Natal e Páscoa. (Leal, 1874: vol. IV, 211).

Estava situada no Largo de Santo André, actualmente de Rodrigues de Freitas, podendo ver-se ainda hoje alguns restos da sua capela-mor num pátio que tem entrada pela porta nº 6 da travessa do Açougue à Graça.

2. Em 1755 desabou com o terramoto o corpo da igreja até à porta da entrada, escapando a capela-mor, o cruzeiro, a sacristia, e as capelas de Santo Ambrósio e da Senhora da Vida. A igreja estava cheia de devotos, mas todos se salvaram, fugindo pela serventia que da igreja ia para a residência do prior.

A imagem da Senhora da Vida foi para a igreja do Menino Deus, assim como o SS. Sacramento; e ali se conservou até que o prior mandou fazer à sua custa e dos beneficiados uma decente acomodação de madeira dentro da mesma igreja paroquial arruinada, e na parte que não tivera ruína fez colocar outra vez o SS.mo e a dita imagem da Senhora da Vida no altar-mor. Os ofícios divinos principiaram no dia 8 de Dezembro seguinte.

^{LXXIII} A primeira notícia acerca desta igreja data de 1211, a crer no testemunho de Azevedo, 1937: 54 (aceite por Vargas, 2002: 49). Em 1296 (e não 1286, como registou João Bautista de Castro, 1745: 58, e como aceitou Sousa, 1966: vol. III, 17), D. Dinis doou o seu padroado a D. Aires Martins e sua mulher, Maria Esteves, casal que instituiu a capela de Santo Ambrósio. Aires Martins foi escrivão da puridade do rei, presumivelmente entre 1281 e 1297, e terá falecido no ano seguinte, pois a 25 de Dezembro de 1298 já Maria Esteves era viúva (Silva, 2008: 256-257; Barroca, 2000: vol. II, 1145 aponta o dia 25 de Março de 1298 como data do último documento em que Aires Martins é mencionado). Da instituição da capela de Santo Ambrósio conserva-se o conteúdo de uma inscrição comemorativa, datada criticamente de 1298-1325 (Barroca, 2000: vol. II, 1144), cuja cronologia exacta não deve afastar-se demasiado do final do século XIII. D. Maria Esteves ainda era viva em 1332 (Pereira, 1990: 143-144) e, na capela, estava também sepultado um filho do casal, possivelmente Estêvão Aires, mencionado no documento régio de Dezembro de 1298. A informação de que ainda restavam vestígios da capela-mor foi dada por Silva, 1943, republicado em 1954: 242, mas Sousa, 1966: vol. III, 19 referiu já não existirem quaisquer materiais nos inícios dos anos 60 do século XX.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Procedeu-se à reedificação da igreja, tendo terminado as obras em 1779.

Pelo plano de divisão da paroquial de 1770, foi a paróquia de Santo André trasladada para outra zona da cidade, com o território entre o Forno do Tijolo, Poço dos Mouros e Arroios, destacando-se das freguesias dos Anjos e dos Santos Reis Magos do Campo Grande. A sede da paróquia instalou-se na Ermida de Santa Rosa de Lima, do palácio dos Senhores de Murça (depois, do Conde de Mesquitela), mesmo em frente da actual Rua Marques da Silva, que naquele sítio substituiu a antiga Travessa do Caracol da Penha.

Mas, tendo as obras de restauro terminado em 1779, o Plano de divisão paroquial de 1780 devolveu a igreja para o seu antigo local, com uma circunscrição aproximadamente igual à que possuía primitivamente. Para o território de Arroios foi a paróquia de São Jorge.

3. Depois da extinção das Ordens Religiosas em 1834, anexou-se a Santo André a paróquia de Santa Marinha; e juntas transitaram solenemente no dia 31 de Maio de 1835 para a igreja do ex-convento da Graça.

As sepulturas de Ayres Martins e de sua mulher (Vd. §1) foram também trasladadas para a igreja da Graça.

As imagens dos patronos das igrejas desaparecidas – Santo André e Santa Marinha – ficaram no altar-mor da igreja da Graça.

4. A igreja de Santo André tinha a frente para a barra de Lisboa. Era toda de cantaria, e a fachada era de arquitectura simples, tendo por cima da porta principal uma janela para o coro e ficando ao lado a torre dos sinos.

Na capela-mor via-se sobre o altar a imagem do orago. Na dita capela-mor, dentro de um cofrezinho, existia uma relíquia de Santo André, e outras mais.

A igreja era de uma só nave. No corpo da igreja havia 4 capelas laterais, sendo as mais importantes a de Santo Ambrósio, fundada por Ayres Martins, onde ele e sua mulher foram sepultados, pondo-se-lhe sobre as campas um epitáfio em latim; e a da Senhora da Vida, instituição do prior Bartolomeu Vaz de Lemos.

5. Das imagens existentes na igreja, era a da Senhora da Vida considerada a de maior valor, e de muita antiguidade.

Na capela da Senhora da Vida havia uns antigos azulejos de grande valor. Quando começou a demolição do edifício, José Valentim, desenhador das obras públicas, chamou para eles a atenção do arquitecto da Câmara Municipal, Malaquias Ferreira Leal. Este falou no assunto na Câmara, e pouco depois o professor de escultura da Academia de Belas Artes, Assis, foi com outro artista examinar os azulejos. Uma portaria das obras públicas mandou arrancar e conservar os ditos azulejos. No dia 7 de Janeiro de 1845 começaram-se a arrancar e encaixotaram-se, tendo sido primeiramente desenhados por José Valentim. Assim estiveram encaixotados no Ministério das Obras Públicas, até 1861. Nesse ano alguém teve notícia deles e quis comprá-los: mas não lhes quiseram vender. Depois foram remetidos como objectos de arte para a Biblioteca nacional de Lisboa, sendo então Mendes Leal o bibliotecário-mor. Ali ficaram honrosamente colocados numa parede, até serem transferidos para o Museu do Azulejo, onde contam como das peças mais notáveis do nosso património de azulejos.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

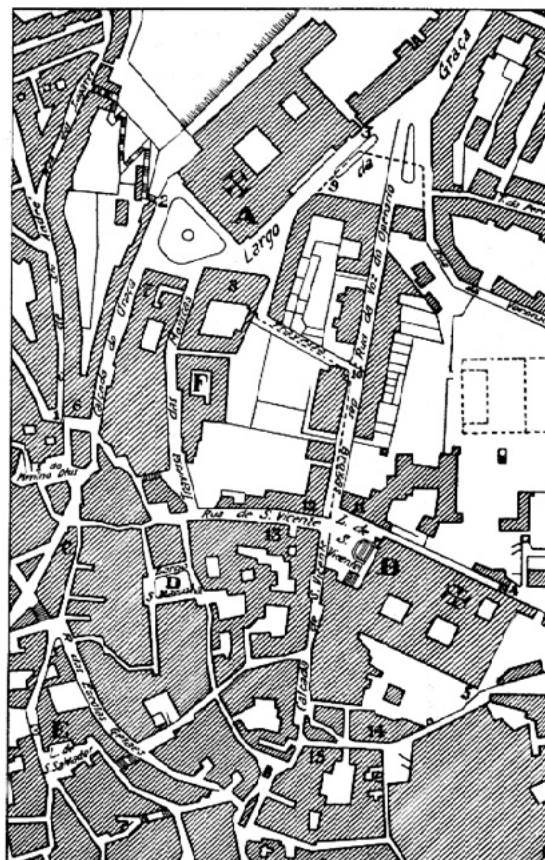
1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

LEGENDA DA PLANTA
QUE ESTÁ NA PÁGINA FRONTEIRA

- A—Igreja de N. S.^a da Graça e convento.
 B—Igreja de S. Vicente e mosteiro.
 C—Local onde existiu a igreja de S.^o André.
 D—Local onde existiu a igreja de S.^a Marinha.
 E—Local onde existiu a igreja do Salvador.
 F—Local do extinto convento das Mónicas; a igreja está servindo de depósito de cereais; e o convento é a actual prisão das mulheres.
- 1—Local do demolido arco de S.^o André.
 2—Local do desaparecido postigo do Caracol da Graça.
 3—Local do desaparecido postigo de N. S.^a da Graça.
 4—Arco Grande de Cima, e local, aproximado, da extinta porta de S. Vicente.
 5—Local do postigo do Arcebispo.
 6—Palácio dos condes da Figueira.
 7—Palácio dos senhores da Trofa, conhecido geralmente por Ilha das Cobras.
 8—Local onde existiu o palácio dos condes de Val-de-Reis, actualmente um grande prédio de muitos moradores, designado por Vila Sousa.
 9—Local onde existiu o palácio de António Luiz Ribeiro de Barros, ou dos Abelhos, onde actualmente está um grande prédio de rendimento.
 10—Local aproximado onde existiu a porta de Heliche, da cerca da casa dos Abelhos, na antiga Travessa das Bruxas.
 11—Palácio que foi de Fernão Teles de Menezes, e que actualmente pertence ao Dr. Alfredo da Cunha.
 12—Palácio dos condes da Redinha.
 13—Palácio dos condes de São Payo.
 14—Palácio dos Quintanilhas, onde morou o general José E. de Moraes Sarmento.
 15—Palácio que foi de Rui Vaz de Siqueira, ou dos condes de S. Martinho.
 O pátio dos Quintanilhas, onde esteve a Universidade de Lisboa desde 1505 (?) até 1534, é o pequeno largo rectangular, com entrada pelo n.º 5 da rua transversal (Escolas Gerais), que liga a rua das Escolas Gerais à calçada de S. Vicente. Apresenta actualmente (1937) à face da rua um prédio com lojas e primeiro andar, com sete janelas de frente, no sítio do muro ameiado de que fala o autor.

Fig. 20 – Planta dos arredores dos mosteiros de S. Vicente e da Graça.
 Desenho do Engº A. E. Abrantes, reproduzido de Castilho, 1937: vol. VII, 228-229.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA DE SANTA MARINHA DO [OUTEIRO]** † LXXIV**Século XII/XIII [antes de 1209 ou 1229] † 1837**

Vem mencionada esta igreja na Relação de 1209-1229 (“Santa Marinha do Outeiro”). Também é referida na Inquirição Particular de 1211-1230 (“Ecclesia Sancte Marine de Auteiro”). No Catálogo de 1320-1321, a Igreja de Santa Marinha do Outeiro é taxada em 160 libras e o comum dos raçoeiros dela em outras tantas 160 libras. O padre Carvalho da Costa alude a uma inscrição que no seu tempo [1712] estava junto da porta, e ainda lá estava em 1841, a qual faz parte actualmente do recheio do Museu Arqueológico do Carmo, que dizia ter sido sagrada a igreja em 12 de Dezembro de 1222:

NO ANNO DE 1222 • FOI
ESTA IGREIA • CONSA
GRADA • AOS DOZE DI-
AS DE DEZEMBRO

O seu local era ao centro do actual Largo de Santa Marinha, na freguesia de São Vicente de Fora, entre a Rua da Oliveirinha, Travessa de Santa Marinha e Calçadinha do Tijolo. O largo formou-se precisamente pela demolição do templo.

Carvalho da Costa chama a esta igreja antiga mesquita de moiros. Não se conhecem documentos que abonem essa atribuição. E quando foi da demolição do templo, não se encontraram vestígios mouriscos ou qualquer resto de construção árabe. A igreja (segundo algumas tradições aliás pouco coerentes) teria sido fundada por uma senhora de sangue real, Dona Maria Afonso, filha de el-rei D. Dinis e de Marinha Gomes^{LXXV}; a mesma D. Maria Afonso que veio a casar com D. João de La-Cerda, senhor de Gibrleon.

Tendo esta igreja sido primeiro do padroado real, foi por el-rei D. Dinis concedida a Pedro Salgado. Havia um epitáfio que fazia alusão a um João Anes Salgado (filho ou sobrinho de Pedro Salgado):

^{LXXIV} Vargas, 2002: 49 e 66, apoiado em Rui de Azevedo, considera que a igreja já existia em 1190, indicação também seguida por Pradalié, 1975: 39 e Barroca, 2000: vol. II, 394. Conserva-se no Museu Arqueológico do Carmo uma inscrição moderna que alude a um outro letreiro, medieval, no qual constaria a data de sagração do templo (1184 ou 1174, como adverte Barroca, 2000: vol. II, 393-394). A tradição de que o templo terá sido fundado apenas em época gótica revela-se, assim, ultrapassada (veja-se nota seguinte).

^{LXXV} Sucena, 1994: 852 admitiu que a igreja foi fundada no reinado de D. Dinis, por patrocínio de D. Maria Afonso, filha bastarda do monarca com D. Marinha Gomes, embora assegure, de forma confusa, que um edifício de culto cristão «já existiria no reinado de D. Afonso II ou de D. Sancho II». Em 1303, e nisso coincidem os vários autores (Silva, 2008: 253), aqui instituiu capela funerária o tesoureiro real Pedro Salgado, cujo descendente, João Anes Salgado, também recebeu sepultura neste local. A capela gótica ainda foi desenhada no século XIX (Vargas, 2002: 50), localizando-se do lado Sul da nave. Das várias notícias relativas a enterramentos privilegiados no templo conta-se a do porcionário da igreja de Santa Marinha, Bartolomeu Vicente, em meados do século XIV (Saraiva, 2005: 426).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

AQUI JAZ OS OSSOS DE JANEENES SALGADO, PRIMEYRO ADMINISTRADOR, QUE TEVE ESTA CAPELLA, INSTI-TUIDA POR PEDRO SALGADO NA ERA DE M.CCCXLI. THESOUREYRO MOR QUE FOY DEL-REY D. DINIS, A QUAL HE UNIDA AO PADROADO DESTA IGREJA, AQUI POSTOS NO ANNO DE 1625 (Costa, 1712: vol. III, 363) (Era de 1341 = ao ano de Cristo de 1303)

De subsequentes reedificações, muito prováveis, ou de obras parciais mais ou menos importantes, existiam sinais certos, registados por José Valentim: ogivas, colonelos medievais, capitéis historiados, rosáceas, etc.

Carvalho da Costa (1712; tomo III, 363) descreve esta igreja em 1712.

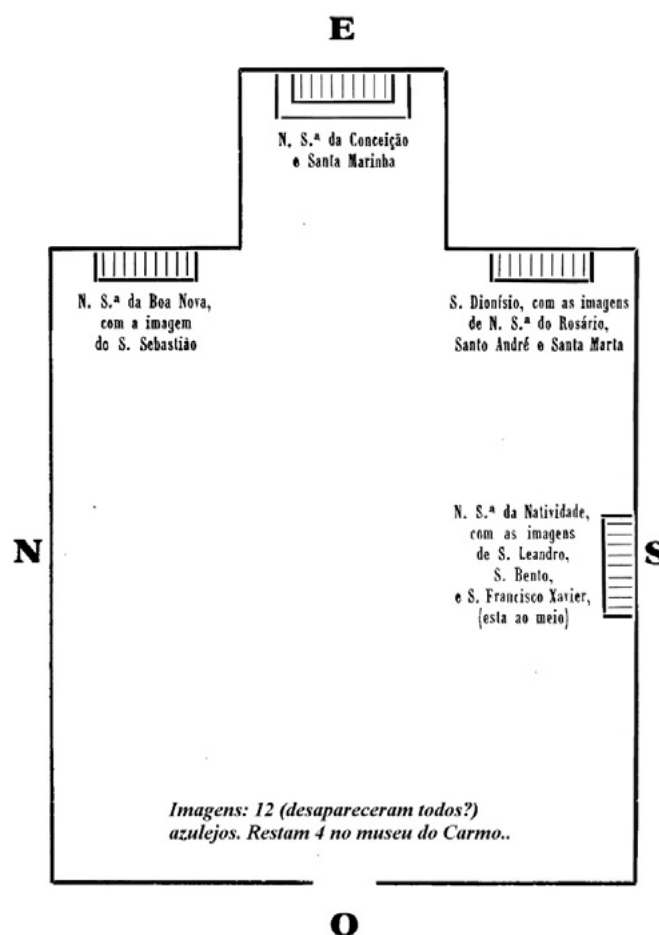


Fig. 21 – Reconstituição da planta da Igreja de Santa Marinha por Júlio de Castilho, a partir da descrição de Carvalho da Costa em 1712. (In Castilho, 1937: vol. VII, 231).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Tinha pois, uma só nave e quatro altares.

“Ao fundo a capela-mor, com boa tribuna de talha doirada, e as imagens de Santa Marinha, da banda da Epístola, e de Nossa Senhora da Conceição, da banda do Evangelho. Era então seu padroeiro o desembargador João Cabral de Barros, que aí tinha jazigo.

Dois altares colaterais:

Do lado direito de quem subia o templo o de S. Dionísio, tendo, além da imagem deste santo, as da Senhora do Rosário, Santo André e Santa Marta.

Do lado esquerdo a capela de Nossa Senhora da Boa Hora, tendo também a imagem de S. Sebastião. Foi fundada esta capela por frei João Brandão Pereira, balio de Negroponte, e comendador de Oliveira do Hospital e Águas Santas, na ordem de Malta, e aqui jazia. Administrava-a o senhor de Pancas.

À direita de quem entrava via-se mais a capela da Senhora da Natividade; instituía a em 1303 Pedro Salgado, segundo logo veremos; nela se viam as imagens de S. Leandro e S. Bento, e entre ambos a de S. Francisco Xavier”.

(Castilho, 1937: vol. VII, 230).

A igreja ficou pouco arruinada pelo terramoto de 1755, e continuaram nela os actos religiosos até 1834.

1834. Em 2 de Fevereiro de 1834 acabou de existir a freguesia de Santa Marinha, por ordem de Sua Majestade Imperial [D. Pedro IV], ficando anexa à freguesia de Santo André. No dia 31 de Maio de 1835, as paróquias de Santo André e Santa Marinha (já anexadas) foram processionalmente transferidas e instaladas na igreja ex-conventual de Nossa Senhora da Graça, de Agostinhos Calçados, que passou a ser paroquial sob o título dos dois santos patronos Santo André e Santa Marinha.

Quanto à demolição, temos o relato de Castilho, 1937: vol. VII, 238-240:

“Em Outubro de 1837 determinou a Câmara que a demolição fosse arrematada a quem a quizesse. Creio que ninguém apareceu.

Em 7 de Janeiro de 1845 começou um partido de soldados a arrancar os azulejos, que foram levados para enfeitar um quartel. Tiraram-se também por então os ossos dos covais e do cemitério paroquial, e foram conduzidos para o alto de S. João, dentro de uma grande caixa preta coberta com um pano bordado, sobre uma carroça, acompanhada do prior, de outro sacerdote e de um sacristão com a cruz.

Em Novembro de 1851 concedeu a Câmara, que dos destroços do templo se extraísse alguma pedra para o acabamento de um muro, que por ordem do Arsenal do Exército se mandara construir na calçada do Cascão, e outro no Campo de Santa Clara.

Depois foi-se continuando, com mais ou menos pressa, a demolição, concluída creio que em 1853.”

“O estado em que se achava Santa Marinha, quando a Câmara Municipal tomou conta dela, era êste, segundo o citado e conscienciosíssimo informador:

Não tinha já retábulo, nem púlpito, nem altares de madeira, nem arcazes, nem escadas das tribunas dos altares, nem portas interiores. Conservavam-se ainda as portas exteriores e

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

as da janela da sacristia da capela de Nossa Senhora da Conceição, bem como a escada que subia para a casa do despacho, com vigamento, solho e fôrro, e bem assim o vigamento e solho por cima da casa dos disimos. Também tinha o côro, mas sem balaustrada.

O corpo da igreja, a capela da Conceição, e a da Senhora do Vale, eram forrados de azulejos; também os havia ainda na sacristia, e alguns na casa do despacho.

Os pilares das duas capelas, e mais o presbitério e altar-mor, e mais o da capela de Nossa Senhora do Vale, foram para o Alto de S. João.

A pia baptismal foi para o cemitério da Ajuda, e mais os lavatórios da sacristia, e a capela da Senhora da Natividade. Foi também a pedraria que formava como uma capela onde estava o túmulo da casa do senhor de Pancas, a da porta da sacristia, a fronteira às portas que havia na capela da Senhora do Vale, a do baptistério, a que ia para o côro, a que havia na capela pertencente a Pedro Salgado, as lages da entrada, os degraus da casa do despacho, etc.

Via-se também na igreja o túmulo de uma senhora, D. Maria Joaquina de Azevedo Diegues, que ignoro quem fôsse; tinha ao centro, por detrás da inscrição, um pequeno caixote de madeira de caixa de açúcar, forrado de pano ou baêta, com alguns pregos de latão nos cantos da tampa, e nesta em cima duma cruz de galão de prata fina. Dentro, outra caixa de chumbo onde se achavam os ossos, e por cima, gravada em letras grandes, a data de 1826. Levou-se tudo para o Beato António. Seria filha essa senhora de Cristóvão Manuel Diegues, negociante matriculado na praça de Lisboa?

O túmulo da casa de Pancas e os ossos dentro dêle, e do jazigo, foram para o Beato, assim como a campa do jazigo do cruzeiro. Os ossos dêste, e os dos covais e do cemitério, foram, como se disse, para o Alto de S. João.

Finalmente, o túmulo de Pedro Salgado foi a pau e corda para o Beato. Dentro dêste túmulo havia alguns ossos, e as solas do calçado do nobre chançarel; eram de bico, e tinham um rebaixo em roda, donde passava o cosido para meia grossura à parte de fora”.

“∴ No Museu do Carmo existem vários vestígios desta igreja: azulejos (nº 612 a 615); setenta e sete fragmentos dos destroços desenhados por José Valentim; os capitéis nº 504 e 505; a inscrição nº 503...”

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA DE SÃO TOMÉ [DO PENEDO]** † LXXVI**Século XII/XIII [anterior a 1209 ou 1229] † 1834**

Vem esta igreja mencionada na Relação de 1209-1229; igualmente na Inquirição Particular de 1211-1230. No Catálogo de 1320-1321, é taxada a igreja de S. Tomé de Lisboa em 150 libras e o comum dos raçoeiros dela em outras tantas 150 libras.

Ficava situada no pequeno alargamento triangular, antigamente Largo de Santo Tomé, que a Rua do Infante D. Henrique forma junto às Escadinhas de S. Tomé. Esse local devia ser um maciço rochoso, certamente a descoberto, do que resultaria ser a igreja designada por São Tomé do Penedo.

Júlio de Castilho (Castilho, 1937: vol. VII) fornece elementos sobre esta igreja, referidos à data da sua demolição em 1839:

Seria certamente um templo de arquitectura ogival. Não sabemos como era. Quando foi demolido, “não se encontrou objecto que parecesse aproveitado de obra anterior” (Castilho, 1937: vol. VII, 126).

Em data que ignoramos (século XVII?) foi o primitivo templo “reformado, adornado de cantaria lisa, só nos vãos, e forrado de azulejo” (Castilho, 1937: vol. VII, 125).

“Ficava a matriz num largo de desigualíssimo nível, no começo ocidental da actual rua do infante D. Henrique (antiga rua de S. Tomé), defronte da portaria do carro do mosteiro das freiras do Salvador, portaria destruída em Janeiro deste ano de 1886, para alargamento a Ruas das Escolas Gerais” (o. c., 124-125). “Esse largo a que me referi pouco acima, primeiro chamado de S. Tomé, hoje encorporado na denominação da Rua do infante D. Henrique, é aquele taboleiro alto, gradeado, adiante da rua das Portas do Sol, a cavaleiro da travessa actual de S. Tomé, e em frente do mesmo beco do Funil”.

(o. c., 129).

^{LXXVI} São Tomé do Penedo está documentada como freguesia desde 1207 (Vargas, 2002: 49, apoiado em Rui de Azevedo, 1937: 54). A história medieval do templo inclui dois momentos de doação, sem que se saiba se tiveram consequência ao nível construtivo: em 1318 (e não em 1320, como tem sido apontado), D. Dinis doou a igreja aos monges de Alcobaça (Silva, 2008: 263) e, em 1414, terá entrado na sua posse a Universidade (Sucena, 1994a: 825).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

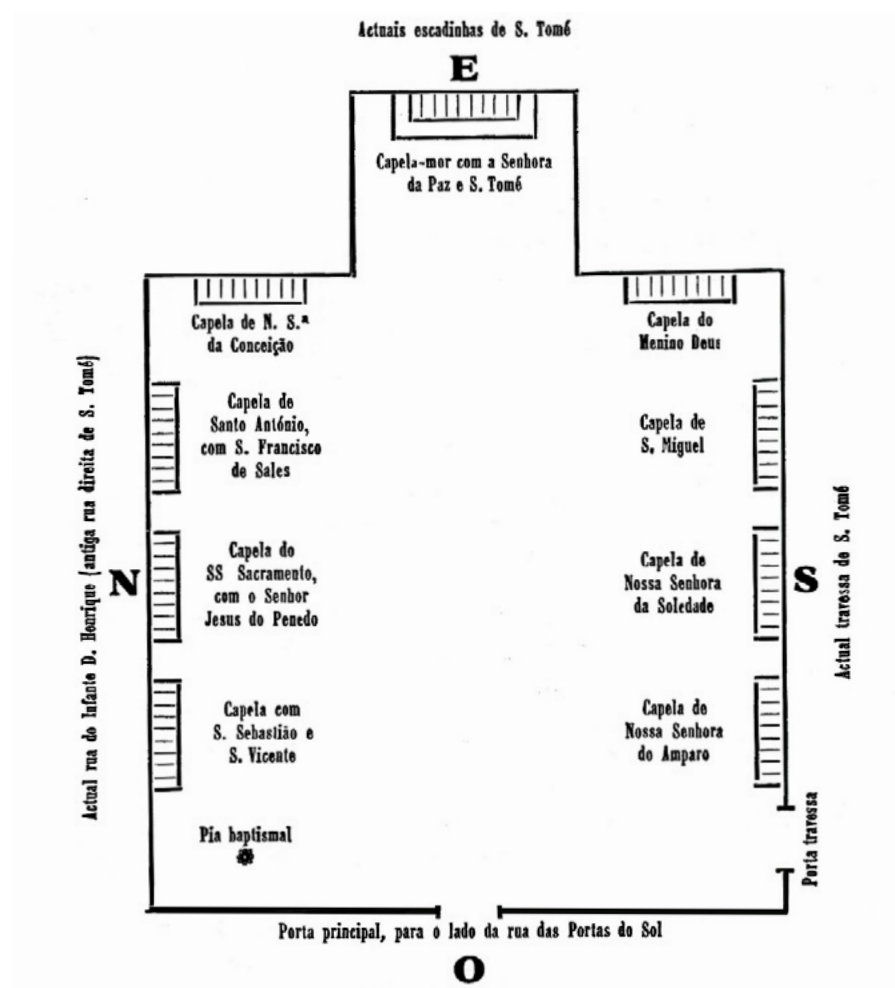


Fig. 22 – Reconstituição por Júlio de Castilho da planta da Igreja paroquial de S. Tomé ao tempo da sua demolição, a partir de apontamentos e planos manuscritos de José Valentim de Freitas. Reprodução de Castilho (1937: vol. VII, 127).

O terramoto de 1755 poupou esta igreja. Mas os actos paroquiais passaram pouco depois a fazer-se na igreja do Menino Deus, até ao dia 24 de Agosto de 1762.

1834

Em Outubro de 1837, a Câmara ofereceu de arrematação, a quem a quisesse, a demolição da dita igreja (Castilho, 1937: vol. VII, 125).

As obras de demolição começaram em 2 de Abril de 1839, por um partido de homens da limpeza. O seu terreno foi concedido à Câmara Municipal, por decreto de 23 de

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Novembro de 1843, para aí se formar o pequeno largo com gradeamento, que em tempos se chamou de São Tomé.

Antes dessa data de 1839, e também por conta do município, tinham ido tirar o degrau de pedra da teia, as campas das sepulturas da capela-mor, e a madeira das sepulturas do corpo da igreja.

A sede paroquial, que se conservou nesse templo desde 24 de Agosto de 1762, e pelas reformas paroquiais de 1770 e 1780, começou a sofrer deslocações depois de 1834. O decreto de 18 de Abril de 1834 determinou que a freguesia do Salvador fizesse parte, para o efeito de eleição do Juiz de Paz, da freguesia mais próxima; e como esta era a de São Tomé, ficou anexa civilmente a ela desde então.

Dois anos mais tarde foi ordenada a união eclesiástica desta freguesia à de São Tiago, por portaria de 7 de Setembro de 1836. Porém, devido à forma como o prior de Santiago fez a anexação, esta foi anulada pela portaria de 17 de Outubro do mesmo ano.

Pela mesma portaria de 17 de Outubro, foi a freguesia do Salvador anexada eclesiasticamente à de São Tomé, passando as duas para a igreja do Menino Deus.

Mais tarde, em fins de Janeiro ou 1 de Fevereiro de 1856, transitaram as duas paróquias reunidas para a igreja do convento de São Vicente de Fora, onde se foram anexar à paróquia da mesma denominação que nela existia.

∴ No Museu do Carmo, sob os números 619 a 623 do catálogo, guardam-se azulejos deste templo de São Tomé. E no Cartório da Associação dos Arqueólogos encontravam-se arquivados muitos desenhos do templo, tomados por José Valentim, que ainda viu a igreja em 1839 com as paredes em tosco, apenas com alguns sarrafos, onde dantes tinha pregada a talha, e por baixo forro de azulejos pintados de ornato (Vd. Castilho, 1937: vol. VII, 129).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ IGREJA DE SÃO TIAGO – 1ª LXXVII

Século XII/XIII [anterior a 1209 ou 1229]**Fundação** séc. XII ou XIII**Restausos** 2º quartel do séc. XVI (talvez depois de 1531)**Reconstrução** século XVII →

1. A Relação de 1209 ou 1229 já menciona a igreja de “São Jacob”; a Inquirição particular de 1211-1230 refere a “Ecclesis sancti Jacob”; e o Catálogo de 1321 taxa a igreja de São Tiago em 30 libras e o comum dos raçoeiros dela em 45 (devia ser esta a paróquia mais pobre de Lisboa, logo seguida da de São Pedro: 40-40).

Na pia baptismal via-se uma mitra: isto gerou uma tradição que fez desta igreja uma fundação do primeiro bispo de Lisboa (cf. Costa, 1712: vol. III, 245; Castro, 1763: tomo III, 418). O argumento é frágil: a mitra esculpida sobre uma roda de navalhas, deve ser do séc. XV, do tempo do arcebispo D. Jorge da Costa.

O documento mais verdadeiro que se conserva no Cartório desta igreja, por onde se possa inferir a sua antiguidade, é uma composição que o Prior e Beneficiados fizeram entre si no ano de 1337^{LXXVIII}. Era bispo de Lisboa D. João Afonso de Brito († 1341).

“No ano de 1371 há memória da sua existência, porque também se conserva a de seu prior João de Sousa, vigário geral do bispo Agapito Colona” (cf. Cunha, 1642: 263).

2. Era primitivamente de três naves, provavelmente góticas, com uma torre sineira do lado esquerdo da fachada.

No século XVI, talvez depois de 1531, ano de um sismo grande, sofreu profundas transformações e restauros “Dando crédito ao panorama de Lisboa de finais do século XVI (Braunio), aparece-nos a Igreja de Santiago com características bem definidas, de que foi um templo de três naves e com uma torre sineira do lado esquerdo da fachada que, embora

^{LXXVII} Azevedo, 1937: 54 apontou como primeira referência para a existência da igreja a data de 1160, indicação aceite por Vargas, 2002: 49, embora sem prova documental conhecida. Pradalié, 1975: 38-39 identificou um contrato de 1186, onde se refere a igreja «sancti Jacobi». Lendária é a tradição, difundida por Costa, 1712: T. III, 350 sobre o patrocínio do primeiro bispo de Lisboa D. Gilberto, para a construção do templo. A Igreja parece ter detido importante património fundiário no final da Idade Média, a ponto de dispor de celeiro próprio, «talvez o local onde hoje está a casa mortuária» (Sanchez, 1994: 855). Como pensava Felicidade Alves, a pia baptismal, que ainda hoje subsiste, foi encomendada por D. Jorge da Costa, possivelmente ao redor de 1463, ano em que ordenou a construção de uma segunda capela no Paço de Santo Elói.

^{LXXVIII} A este documento refere-se Andrade, 1948: 47-48, constituindo este diploma a primeira prova de que os priores da igreja tinham residência em casas anexas ao templo, que o autor localizou como o primeiro prédio do lado Norte na Rua de Santiago. Andrade, 1948: 37-38 identificou ainda outras referências documentais medievais para a história da igreja, em concreto alguns priores: 1337, Gonçalo Martins; 1346, Lourenço Vasques; 1358, Vicente Martins (ou Martinho); 1374, Domingos Anes; 1371, João de Soure (e não Sousa, como registou Felicidade Alves); 1480, João Anes.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

circundada por casario, campeava no meio de espaço terreiro”. Ora, “chegados aos princípios de setecentos, informa-nos Carvalho da Costa que a igreja era de uma só nave com a porta para Poente, tinha quatro capelas com a maior do lado do evangelho; e, da parte da epístola, a antiquíssima capela de Nossa Senhora, chamada a Franca, da Irmandade dos Cirieiros” (*Monumentos*, 1973: vol. V, tomo 1º, 28). Daí se deverá concluir que “profundas transformações se terão efectuado na traça da Igreja de Santiago desde finais do século XVI até ao alvorecer do século XVIII: pois, na planta de Tinoco, nada faz suspeitar já da existência duma torre sineira; e as três naves, segundo parece, góticas, terão sido reduzidas a uma com três capelas do lado do Evangelho e, do lado da Epístola, com maior imponência, a grandiosa Capela da Irmandade dos Cirieiros” (*Monumentos*, 1973: vol. V, tomo 1º, p. 28).

As referidas transformações fizeram com que quase nada subsista hoje do que foi a primitiva igreja.

Vd. Igreja de Santiago – 2 – século XVI/XVIII

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA PAROQUIAL DE SÃO JOÃO DA PRAÇA – 1ª LXXIX****Século XIII [anterior a 1229 ?] →1755**

É mencionada uma igreja de “São João” na Relação de 1209 ou 1229; igualmente na Inquirição particular de 1211-1230 vem logo em 2º lugar, a seguir à Sé, a “ecclesia sancti Johannis”; e no Documento de Chelas, de 1261, é mencionada a freguesia de “São João” entre as 11 freguesias de Lisboa aí citadas. No Catálogo de 1321, a “Igreja de S. João da Praça” é taxada, com os seus raçoeiros, em 130 libras.

Fala-se da existência de uma Ermida de São João Degolado, mandada construir na 1ª metade do século XIII pelo pai de Santo António [Martim de Bulhões], no local onde depois foi a Igreja de São João da Praça, em acção de graças por se ter comprovado a sua inocência. Será de a identificar com a “Igreja de São João” referida pelos documentos supra?

Em 1317, o bispo de Lisboa D. Frei Estêvão II, colou a 28 de Setembro o prior, a quem el-rei D. Dinis fizera mercê do padroado da igreja, com a dedicação a São João o Degolado, dando-se-lhe depois a invocação de S. João da Praça, em memória de naquele lugar ser a praça onde os condenados à força iam cumprir as suas sentenças (Vd. Cunha, 1642: 234-234v). A igreja terá sido alterada nesta época de D. Dinis.

A mesma mercê fez depois D. Afonso IV a um capelão da Capela Real. D. Pedro II fez mercê deste padroado a D. Pedro José de Noronha, 1º Marquês de Angeja.

A igreja antes do terramoto, rendia 400.000 réis para o prior; e 100.000 réis, pouco mais ou menos, para cada um dos quatro beneficiados que existiam então.

Havia nesta igreja as seguintes irmandades: a do Santíssimo, com uma capela de 80.000 rs; a das Almas, com 20 capelas de 50.000 rs; a de São João Baptista; a de Nossa Senhora da Encarnação, com duas capelas de 50.000 rs; havia ainda uma capela de Santa Catarina, instituída por um tal José Rodrigues de Figueiredo, que concorria com tudo o que era preciso.

O terramoto de 1755 e o incêndio subsequente arrasaram completamente o edifício.

Vd. Igreja Paroquial de São João da Praça – 2ª – 1789

^{LXXIX} É possível que a primeira referência sobre a igreja date de 1178 (Azevedo, 1937: 54; Pradalié, 1975: 143), embora nenhum documento tenha sido invocado que autorize essa datação. Silva, 2008: 262 não menciona esta referência, mantendo como data mais antiga a Relação... de 1229. O mesmo autor atribui como documento mais antigo alusivo à freguesia, um contrato de venda, datado de Agosto de 1263, pelo qual Maria Eanes, mulher de Martinho Fernandes, *militis*, alienou meia casa a Estêvão Pais e mulher, Maria Sanches, «à porta de Alfama, na freguesia de São João». A tradição de que o templo fora mandado construir pelo pai de Santo António, Martim de Bolhões, e consagrado a São João Degolado, encontra eco na moderna historiografia (S. João da Praça [igreja de], 1994: 803), porém sem prova cabal. O vestígio material mais antigo que se conserva data de 1287 e trata-se da inscrição funerária do tabelião lisboeta Estêvão Fernandes, falecido nessa data. A epígrafe foi encontrada no século XIX, no Beco dos Armazéns do Linho, próximo da igreja e é, por isso, natural que tivesse pertencido ao templo (Barroca, 2000: vol. II, 1059-1060). A tradição tem sustentado que São João da Praça terá passado por duas reformas góticas. A primeira seria contemporânea do reinado de D. Dinis e a segunda teria ocorrido após 1442 (Silva, 1943, republ. 1954: 248). De ambas, contudo, não se conhecem vestígios materiais.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA DE SÃO NICOLAU – 1ª LXXX****Século XIII [1209-1229] – séc. XVII → 1755**

A igreja de São Nicolau é mencionada na Relação de várias igrejas..., de 1209 ou 1229; igualmente a “Ecclesia Sancti Nicholai” é referida na Inquirição particular, de 1211-1230; e também no Documento de Chelas, de 1261. O Catálogo de 1321, taxa a igreja de São Nicolau em 350 libras e o comum dos seus raçoeiros em 250.

O bispo D. Mateus († 1282) mandou-a reedificar em 1280, estando nesse tempo ausente em Itália.

Em 1430, D. João I anexou a renda dos frutos desta igreja à Universidade, então em Lisboa.

Beneficiou de amplos restauros no século XVI, diz Norberto Araújo (1950: fascículo VII, 23-26ss).

Do território desta freguesia desmembrou-se, em 1584, a paróquia da Trindade, depois titulada do Santíssimo Sacramento.

No princípio do século XVII a igreja foi reedificada. Durante o período em que duraram as obras – desde 18 de Dezembro de 1616 até 8 de Agosto de 1627 – o Santíssimo Sacramento e a freguesia foram transferidos para a Ermida de Nossa senhora da Vitória.

No dia 8 de Agosto de 1627, o Santíssimo voltou em solene procissão para a sua igreja, já reedificada, a qual no entanto só em 1650 viu concluídas as obras.

Uma inscrição numa pequena pedra, colocada na parede da parte de fora da igreja, nas costas da capela de São Bartolomeu, conserva a memória do facto:

“Aos 8 de Agosto de 1627, se passou o Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora da Victória para esta igreja de São Nicolau, e se rebocou com o dinheiro que o procurador e tesoureiro do Reino alcançaram da finta passada d’esta egreja. 1650” (Pereira e Rodrigues, 1912: vol. VI, 714).

A igreja estava situada mais ou menos no local onde se vê a actual, na Rua da Vitória.

Era de uma só nave, com a fachada para o poente. Na capela-mor, sobre o altar tinha o sacrário; do lado da epístola, São Nicolau; do lado do evangelho, a Senhora da Lembrança.

^{LXXX} A igreja aparece referida pela primeira vez num «Inventário de Compras do Mosteiro de S. Vicente de Fora», em 1199 (Vargas, 2002: 49). Pires, 1994: 813 não refere as supostas intervenções do bispo D. Mateus, mas reafirma a anexação de rendas à Universidade de Lisboa, por ordem de D. João I. De acordo com os dados reunidos por Silva, 2008: 254-255, regista-se uma grande dinâmica comercial na área da freguesia, nos meados e segunda metade do século XIV, em particular em torno da classe profissional dos sapateiros, beneficiando certamente da expansão urbana da cidade para esta zona durante o reinado de D. Dinis. Não consta, todavia, que a igreja tenha tido melhoramentos artísticos entre os séculos XIV e XVI, à excepção de uma capela instituída por Maria Gil (filha de Gil de Picoto, comerciante de Lisboa no reinado de D. Dinis) (Oliveira, 2007: 186-187).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Havia mais 10 capelas laterais, todas com boas imagens.

O padroado era das rainhas; e rendia, antes do terramoto de 1755, 1.440\$000 réis, não pertencendo tudo ao prior, por tocar uma terça parte à Universidade de Lisboa, por lhe ser anexa (como se disse).

A colegiada compunha-se de 10 beneficiados, que o prior apresentava, com a obrigação de coro, havendo também 6 capelães-cantores com diferentes vencimentos. A irmandade do Santíssimo apresentava 26 capelanias, também de cóngruas diferentes; e a das Almas apresentava 14 capelas de 14\$000 réis cada uma.

Entre as outras irmandades aqui estabelecidas, era venerável por ser muito antiga a da Senhora das Mercês, porque trazendo a sua origem de uma romagem que certos devotos, tomando o exemplo da festa instituída em Alenquer pela rainha Santa Isabel, faziam todos anos; indo de Lisboa à igreja da Merceana com um círio; ora, no ano de 1431, não querendo os mordomos da Merceana admiti-los, por causa da peste que então afligia Lisboa, os confrades voltaram descontentes e estabeleceram a mesma confraria em São Nicolau com o novo título de Nossa Senhora das Mercês. E fazendo o seu compromisso, não só lho aprovou o núncio Jeronymo Riceno, a 27 de Janeiro de 1538, mas lhe deu faculdade para erigirem capela com adro e sino. O compromisso foi depois confirmado por D. Jorge de Almeida em 28 de Agosto de 1565. No ano de 1728 esta irmandade agregou-se à Arqu-Confraria de Santo Adrião, de Roma, para participar das muitas graças e indulgências que os papas lhe tem concedido.

1755. O terramoto de 1755 e o incêndio que se seguiu causaram à igreja uma horrorosa e total destruição, perdendo-se todas as preciosidades que ela encerrava. Além disso, morreram dentro dos limites da freguesia perto de 4.000 pessoas, ficando os 2.325 fogos que antes existiam reduzidos a apenas 912.

Quanto à nova igreja, Vd. Igreja de São Nicolau – 2ª [1776ss]

Bibliografia

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme (1904-1915) – *Portugal. Dictionario histórico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*, vol. IV, Lisboa: J. Romano Torres, 1912, p. 714-715;

ARAÚJO, Norberto e LIMA, Durval Pires de (1944-1956) – *Inventário de Lisboa*, fasc. 10, 1955.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA DE SANTA MARIA DE ALCAMIM → SÃO CRISTÓVÃO** ^{LXXXI}**Século XIII [1ª metade] – séc. XVI →**

1. A Relação de 1209 ou 1229 menciona a existência da igreja de “Santa Maria de Alcamim”; e a Inquirição particular de 1211/1230, refere a “Ecclesia Sancte Marie de Alcami”. O Catálogo de 1321, diz “a igreja de Santa Maria de Alcamim, que hoje se chama São Cristóvão”. No Instrumento de Instituição da Capela, Hospital e morgado de Santo Eutrópio, de 31 de Agosto de 1308, já figura entre as testemunhas o reitor da igreja de São Cristóvão (Vd. Sousa, 1748a: tomo VI, Livro XIII, 142-145).

Portanto a mudança do orago deve remontar aos primeiros anos do século XIV, ou mesmo ao século XIII.

Alcamim parece que era o nome do local ou bairro a ocidente da cidade moura, pela altura do Largo do Caldas (actualmente), onde consta que se travaram as primeiras escaramuças do cerco da cidade em 1147. Em 1551 ainda se falava do “chão dalcamim” (Vd. Oliveira, ed. 1987: 45).

2. D. João I deu o padroado desta igreja ao bispo de Coimbra, D. Martim Afonso Pires^{LXXXII}, que o uniu ao morgado que tinha instituído, denominado da Patameira, e foram estes morgados que ficaram apresentando o prior, que tinha 600.000 réis.

^{LXXXI} Santa Maria de Alcami aparece documentada apenas em 1220 (Vargas, 2002: 49), mas é das poucas igrejas sobre as quais não devem restar dúvidas acerca da sua existência em época islâmica, servindo de catedral à comunidade moçárabe (Real, 1995: 54; Matos, 1999: 33; Fernandes, 2007:75). O templo aguarda um estudo arqueológico coerente mas restam vestígios materiais de várias épocas: moçárabe?; gótica e tardo-gótica. A mudança de orago de Santa Maria de Alcami para S. Cristóvão é consensualmente atribuída aos finais do século XIII ou início da centúria seguinte (Silva, 2008: 261 salientou que, em 1308, no acto de constituição da capela de Santo Eutrópio, já aparece mencionado o reitor de S. Cristóvão), mas a contraposição que existe entre o passado moçárabe e o demasiado romano-cluniacense S. Cristóvão pode indicar uma alteração de orago do templo em época mais recuada, embora a tradição popular tenha continuado a difundir o conteúdo mariano moçárabe anterior, como acontecia em algum tabelionato do século XIV e como aparece, ainda, no século XVI. Estará a consciência de antiguidade do templo na origem da vivência reclusa de Elvira Eanes à sombra da igreja? Esta mulher encontra-se referida no século XIV (Fontes, 2007: 264), mas nada mais se sabe acerca dela.

^{LXXXII} A Capela do Arcebispo (ou dos Mirandas, como vulgarmente é conhecida), resultou da vontade de ali se fazer sepultar o bispo de Viseu e capelão-mor de D. Afonso V, D. Fernando de Miranda. As razões para esta escolha não são ainda suficientemente claras, mas não é de excluir a proximidade em relação ao local de memória de seu avô, D. Martim Afonso Pires (da Charneca), homem de leis, conselheiro de D. João I, falecido em 1416 e ali sepultado em túmulo com inscrição gótica. A capela encontra-se muito adulterada pelas obras do século XVII e os elementos heráldicos que a compõem estão empilhados, alteração realizada provavelmente no século XIX (Sousa, 1982: vol. II, 71), altura em que se terão suprimido as bases de leões dos túmulos (Matoso, 2001: 76). O panteão integra diversos membros da família (nem todos em tumulária monumental), numa cronologia entre 1416 e 1506, ano em que terá falecido D. Fernando Gonçalves de Miranda, o último da família a sepultar-se em São Cristóvão.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Em 1415 é que parece ter sido instituída a freguesia, pelo mesmo D. Martim, já então arcebispo de Braga, que era conselheiro do referido D. João I, a quem acompanhou na Batalha de Aljubarrota.

D. Martim faleceu em Lisboa a 23 de Março de 1416, como consta do túmulo onde foi sepultado, que existe ainda hoje na sacristia da irmandade. É alto, com relevos e uma mitra, tudo gravado na pedra, sendo já difícil de ler a inscrição.

Além deste prelado, foram também ali sepultados D. Fernando Gonçalves de Miranda, bispo de Viseu, e outros membros da família Miranda, que foram padroeiros da freguesia. Estas sepulturas estão debaixo dos altares, e em alguns outros pontos da igreja.

3. O prior de São Cristóvão apresentava anualmente o cura da freguesia de São Lourenço.

O templo foi construído num pequeno monte, próximo à Costa do Castelo, tendo a entrada principal para a poente. Com o andar dos tempos foi-se reformando aquele sítio, ficando o templo no largo de São Cristóvão, tendo na sua frente as escadinhas do mesmo nome, que descem à rua da Madalena, e uma porta travessa para a rua de São Cristóvão, ficando pela parte de trás a calçada do Marquês de Tancos.

Foi completamente destruída por um incêndio no reinado de D. Manuel, nos princípios do século XVI. Mas reedificou-se.

Vd. Igreja de São Cristóvão – 2 - Século XVI

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO LOURENÇO ✧ LXXXIII

Século XIII [1258?]

Fundação

1258 (ou antes)

Reedificação

várias [séc. XVII...]

Reconstrução

depois do terramoto de 1755

Restauros e melhoramentos

1867, c. 1904

1. Numa tribuna, na parede paralela à linha longitudinal da igreja, lê-se uma legenda com a seguinte inscrição:

“Sepultura de Pedro Nogueira, que foi do Conselho de
el-rei D. Afonso III, e fundou esta igreja no ano [era] de 1296”.

[a era de 1296 equivale no calendário cristão ao ano de 1258]^{LXXXIV}

No entanto, era já mencionada uma igreja de São Lourenço na Relação de 1209 ou 1229; e a Inquirição particular de entre 1211-1230, também menciona a “Ecclesia Sancti Lourencci”. Igualmente é referida no Documento de Chelas, de 1261. O Catálogo de 1321, taxa a igreja de São Lourenço em 200 libras e o comum dos raçoeiros da dita em 150 libras. No tempo do P.º João Bautista de Castro (1763) havia na igreja um padrão de pedra, ou inscrição, com letras antigas, do qual constava que o bispo de Lisboa D. Mateus, na era de 1309 [isto é, no ano de 1271], erguera com suas mãos na dita igreja um altar em honra da Virgem Santa

^{LXXXIII} A primeira referência à freguesia data de 1220 (Vargas, 2002: 49), apesar de Coelho, 1998: 38 assumir que a fundação da igreja ocorreu ainda no século XII. À exceção da Sé e da igreja conventual do Carmo, é este o templo lisboeta que preserva mais significativos vestígios de uma campanha medieval, realizada ainda no século XIII. Desse momento fundacional era já conhecida a abóbada de cruzaria de ogivas de uma capela lateral (Gonçalves e Segurado, 1984: 45) e sondagens mais recentes (Amaro, 1994: 219) revelaram «duas capelas laterais e vãos no corpo principal da igreja que correspondem ao primitivo templo», embora seja de admitir que possam ser dependências algo posteriores à construção inicial, pela sua localização secundária no complexo religioso. No século XIV (1316 e 1347), está documentada a existência de mulheres emparedadas nas imediações (Fontes, 2007: 264).

^{LXXXIV} Segundo os dados recolhidos por Farelo, 2007: 146, Mestre Pero foi um dos mais destacados membros da família Nogueira. Médico de D. Dinis, foi agraciado com diverso património de natureza eclesiástica. Por testamento de 1296, fundou a capela e morgado de Santa Ana na Igreja de S. Lourenço de Lisboa, vínculo que legou a seu irmão, Lourenço Peres. Durante o século XIV, a igreja tornou-se um local privilegiado da família Nogueira, o «centro sócio-económico da família» e o «pólo agregador da sua memória», funcionando na prática como um «“bem” familiar» (Farelo, 2007: 154). Também aqui instituiu capela D. Constança Eanes Palhavã, oriunda de uma das mais importantes famílias da Lisboa trecentista e casada, em primeiras núpcias, com Lourenço Peres. Em 1327, no seu testamento, esta dama manifestou vontade de ser sepultada na sua capela de Santa Catarina, anexa à Igreja de S. Lourenço, o que não veio a suceder, optando-se, posteriormente, por um enterramento no convento de S. Francisco (Silveira, 2007: 200).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Vitória, a rogo de Vicente Martins, vigário de el-rei, e Álvaro de Lisboa, que o edificaram (Vd. Castro, 1763: tomo III, 329)^{LXXXV}.

2. Desde o seu princípio, foi esta igreja sem contradição alguma, do Padroado dos Viscondes de Vila Nova de Cerveira, como administradores do Morgado dos Nogueiras e capela de Sant'Ana, aqui instituída (Vd. Cunha, 1642: 248v). Os viscondes de Vila Nova de Cerveira foram depois os Marqueses de Ponte de Lima, em quem entroncam os Marqueses de Castelo Melhor. São eles o Juiz Perfeito da Irmandade do santíssimo Sacramento, instituída na dita igreja, como consta de um título passado em 2 de Junho de 1649.

Eram os padroeiros que apresentavam o prior e os quatro beneficiados. Rendia o priorado (no século XVIII) 400 mil réis, e cada um dos quatro benefícios rendia 100 mil réis.

A igreja era de uma só nave, com a porta principal para o Poente e outra para o Nordeste. No altar-mor estava o sacrário com o SS. Sacramento, tendo aos lados em dois nichos as imagens de Santo António e São Domingos. No corpo da igreja havia oito capelas, sendo a mais importante a do “Descimento da Cruz”, pertencente aos Condes dos Arcos; e fronteira a do Espírito Santo. A capela da Senhora da Piedade foi mandada construir pelo Patriarca de Lisboa, D. Tomás de Almeida, no tempo em que era prior de São Lourenço.

Uma inscrição informa-nos:

“Dom Lourenço de Lima de Brito Nogueira, oitavo visconde, de Vila Nova da Cerveira, do Conselho de Estado e Despacho, Presidente da Justiça, mandou fazer esta Capela de invocação da gloriosa Sant'Ana, para melhorar a sepultura do fundador e instituidor da dita igreja e morgado, no ano de 1648”.

3. Segundo J. Bautista de Castro, em 1763, havia nesta igreja as seguintes capelas (capelarias). Três, que eram apresentadas pelos sobreditos padroeiros, como administradores do morgado de Sant'Ana, e tinham de cônica 40 mil réis cada um. Apresentavam mais outra que se encontrava reduzida e 145 missas. Apresentavam mais duas, que se achavam reduzidas a uma só de 216 missas. Havia outra capela de Santa Vitória, que era administrada por D. António da Silveira, de 80 mil réis. E outra de Santa Catarina, com obrigação de coro, administrada por D. Isabel Josefa, de Telheiras. Os priores administravam outra capela de 80 mil réis, com obrigação de coro. A Irmandade do SS. Provía e administrava 4; e a irmandade das Almas, 3 de 50 mil réis cada uma (Castro, 1763: tomo III, 329).

4. 1755. O terramoto de 1 de Novembro de 1755 causou grandes danos na igreja: porque ao seu abalo caiu o Coro e quase metade do tecto da igreja, desde a porta principal; deixando todavia ileso a capela-mor e não perecendo nesta ruína pessoa alguma.

O SS. Sacramento foi mudado primeiramente para a igreja do Menino Deus; depois, foi para dentro da cerca do palácio dos viscondes de Vila Nova de Cerveira, onde se ergueu um altar, onde se celebraram os divinos ofícios por alguns dias; finalmente, tendo-se prepara-

^{LXXXV} A informação de João Bautista de Castro a respeito da existência de um altar erguido pelo bispo D. Mateus, em 1271, foi admitida por Silva, 1943, republ. 1954: 240 e por Barroca, 2000: vol. II, 968-970.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

do uma capela e adornado com muita decência uma das salas do palácio do dito fidalgo, para lá foi levado o SS. Sacramento.

A igreja foi seguidamente reconstruída, com uma fachada de muito simples arquitectura; e voltada para o poente, uma porta de entrada, tendo por cima uma janela para o coro, e ao lado a torre dos sinos.

5. Em 1867 foi o templo reedificado, sendo aberto o culto ao público em 24 de Novembro desse ano. São desta época os quatro sinos da torre, fundidos pelo industrial Candido Roiz Bellas. A pintura do tecto é também desta época.

Nos princípios do século XX, novamente se renovou a igreja, com abertura da nova rua do Marquês de Ponte de Lima, para o que foi preciso fazer algumas demolições. Desapareceu o antigo e pequeno largo e escadaria que dava entrada para a igreja, ficando esta ao nível da nova rua, e muito mais bem situada.

Para o altar-mor veio a imagem da Senhora da Pureza, que pertencia à antiga capela do palácio dos marqueses de Castelo Melhor, aos Restauradores; e por ter sido demolida a ermida, para a igreja de São Lourenço se transferiu a imagem, em 5 de Fevereiro de 1902. Aos lados do altar-mor, colocados em duas mísulas, ficaram as imagens de São Lourenço e de São Sebastião.

Uma lápide que está sobre a porta de acesso à sacristia, diz:

MANDADA REEDIFICAR NO ANNO DE 1904
PELO MARQUEZ DE CASTELO MELHOR
VISCONDE DE VARZEA JUIZ PERPETUO
DA IRMANDADE DO SANTISSIMO

Ao lado da capela-mor estão dois túmulos pertencentes a pessoas da família do nobre fundador, com as suas inscrições. O do lado esquerdo é Estêvão de Brito Nogueira, cujo epítáfio alude, na parte final:

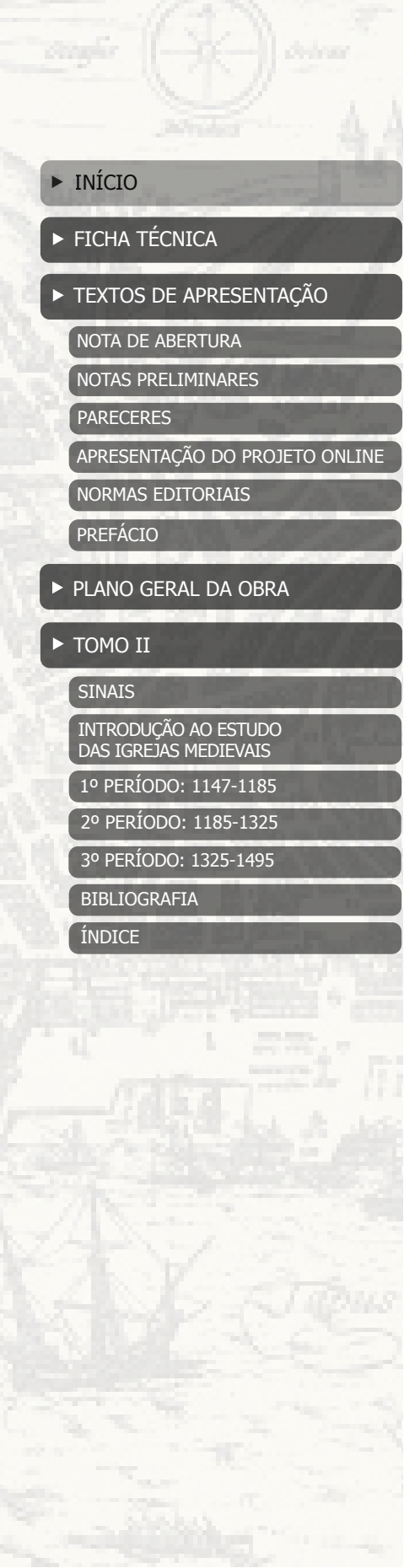
LUIZ DE BRITO NOGUEIRA PAI DESTE ESTEVÃO
DE BRITO ESTA SEPULTADO NO MVST^{RO} DA R
OSA DESTA CIDADE Q FUNDOU

Na parede do mesmo lado, no corpo da igreja, rasgou-se uma elegante tribuna, que servia o Palácio da Rosa.

Na parede oposta, guarda-se em nicho uma escultura de pedra, de “Nossa Senhora do Parto”, policromada, talvez do século XVI.

Conserva-se na sacristia a excelente imagem de “Nossa Senhora da Pureza”, de vulto, setecentista, estofada e policromada (que veio do Palácio Foz em 1902, como atrás dissemos).

O interior do templo está revestido de altos silhares de azulejos setecentistas, de grande perfeição, com painéis que representam passos da vida de São Lourenço, padroeiro de Roma, vendo-se num deles a basílica de São Lourenço dessa cidade, cuja arquitectura se supõe ter sido reproduzida na primitiva igreja de Lisboa.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O órgão do coro é talvez um dos melhores do seu tamanho e género, feito em 1806 pelo afamado organeiro António Xavier Machado e Cerveira.

Num altar lateral está a imagem de São Camilo de Lellis, que foi trazida para esta igreja em solene procissão, vinda da igreja do Convento de São Camilo (à Praça da Figueira), em 1836.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA DE SÃO JOÃO BAPTISTA, DO LUMIAR** ^{LXXXVI}**Fundação****século XIII [1276]****Reedificação****séculos XVI e XVII****Restauro****3º quartel do séc. XVIII****Incêndio****6/7 de Fevereiro de 1932****Reedificação****1932-1934** ✧

A igreja foi fundada pelo bispo D. Mateus († 1282), no reinado de D. Afonso III, em 2 de Abril de 1276, com o título de S. João Baptista e São Mateus. Foi desde logo sede de paróquia.

Ligada a esta igreja está o título de Ermida de Santa Brígida, a que dedicamos um artigo específico.

A igreja de São João Baptista era do padroado de D. Afonso Sanches, filho bastardo do rei D. Dinis; Dona Teresa, Senhora de Albuquerque, já então viúva do referido D. Afonso Sanches, doou esse padroado ao Mosteiro de Odivelas, em 21 de Agosto de 1334.

Esta igreja sofreu várias reedificações, algumas fundamentais:

- No século XVI, reinando D. Manuel (cf. As naves com renques de colunas);
- No século XVII;
- Depois do terramoto de 1755, que lhe causara sérios danos, principalmente na frontaria: os restauros foram executados no 3º quartel do século XVIII.

Um incêndio na noite de 6/7 de Fevereiro de 1932 destruiu-a, perdendo-se a rica guarrição de azulejos quinhentistas, que caracterizava esta igreja como museu de cerâmica. Foi reconstruída por subscrição pública, reabrindo para o culto e para as funções paroquiais em 24 de Agosto de 1934 e inaugurando-se com solenidade em 23 de Junho de 1935. Durante as obras esteve servindo de paroquial a Capela de Santa Rita, anexa ao Palácio da Quinta dos Duques de Palmela, muito próximo da igreja.

A traça interior, com três naves divididas por dois renques de cinco grossas colunas, dá-nos uma ideia do primitivo aspecto quinhentista.

✧ A igreja, tal qual se encontra actualmente, é uma reedificação de 1932-1934 com materiais aproveitados da que ardeu na noite de 6/7 de Fevereiro de 1932. Mas a nave interior, embora reconstruída, evoca a reedificação quinhentista.

^{LXXXVI} A data de 1276 é genericamente aceite como referência mais antiga para esta igreja (Vargas, 2002: 55). Duarte, 1994: 801 e Sousa, 1982a, vol. II: 98, recolheram a tradição de Rodrigo da Cunha, assumindo o ano de 1266, que se deve referir à criação da freguesia. A história deste templo é indissociável do vizinho Paço do Lumiar, originalmente uma propriedade de D. Afonso III (Sousa, 1982a: vol. II, 97), doada ao mosteiro de Odivelas pela viúva de Afonso Sanches, filho bastardo de D. Dinis (conforme recolhido por Felicidade Alves). Em 1318 (Era de 1334, como, por lapso, indicou Felicidade Alves), D. Dinis concedeu o seu padroado ao Mosteiro de Odivelas. Ainda da Idade Média é a actual capela baptismal, dedicada a S. Valentim e iniciada em 1488. Sobre a capela de Santa Brígida, veja-se a nota CV.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA PAROQUIAL DE SANTO ESTÊVÃO – 1ª LXXXVII****Século XIII [anterior a 1295] → 1733/1740 →**

1. São imprecisas as notícias acerca das origens desta igreja. Enquanto Norberto de Araújo escreve (Araújo, 1955: 59) que “a paróquia de Santo Estevão, das mais antigas e representativas de Lisboa, remonta, por notícia, de um documento, a 1183” [não nos provendo qual é esse documento!]; e logo a seguir que “existia seguramente o templo neste lugar em 1279, possivelmente mesmo na primeira metade do século” [XIII], reinado de D. Afonso II; outros afirmam que o documento mais antigo que se encontra é uma provisão passada em 18 de Maio de 1295 por el-rei D. Dinis, para ser colado na freguesia como prior o mestre João, físico da rainha Dona Brites, mulher de D. Afonso III.

A igreja seria assim, provavelmente, fundação do rei D. Dinis, e talvez a freguesia também.

O mesmo rei D. Dinis, em 8 de Julho do mesmo ano de 1295 fez mercê do padroado desta igreja ao bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães, em reconhecimento dalguns serviços que o prelado prestara à Coroa. O padroado ficou pertencendo desde então à Mitra, que apresentava o pároco, por concurso, o qual tinha predicamento de prior, e recebia 400 mil réis.

2. A primitiva igreja, certamente modesta, foi reedificada em 1316, na sequência dos danos causados por sismos no século XIV.

Novamente reedificada em 1543, na sequência de sismos do século XVI.

Terá então sido ampliada e revestida de grandeza, pois sabe-se que ostentou cinco naves – por ventura apenas divisões teóricas demarcadas por colunas de apoio, mas que representariam largueza na traça arquitectónica (Araújo, 1955: 60-61).

3. A Infanta Dona Maria, que se achava moradora no sítio do Campo de Santa Clara, fez desanexar da paróquia de Santo Estevão, por Breve de 30 de Agosto de 1568 do Papa Pio V, e consentimento do Arcebispo eleito D. Jorge de Almeida em 2 de Dezembro de 1569, uma grande porção de moradores, que ficavam extra-muros da cidade, erigindo de novo um Prior, um Cura, e Beneficiados, que se denominaram da Paróquia de Santa Engrácia. A paróquia de Santo Estevão era nos meados do século XVI a 7ª freguesia em número de casas (553) e de vizinhos (954), e a 8ª em número de almas (5.314).

LXXXVII Pradalié, 1975: 39 sustentou que a igreja já existia por volta de 1180 e outros autores admitem que terá sido uma das primeiras mandadas construir por D. Afonso Henriques (cf. Silva, 1943, republ. 1954: 244; Silva, 2008: 257 e Silva, 1994: 868, com troca de data por 1138). Vargas, 2002: 49 registou como primeira referência a data de 1173. Serra, 2001, apontou apenas a data de 1231 como primeira menção à igreja. A presumível reconstrução de 1316 e sua relação com a complexa história sísmica lisboeta do século XIV não está provada, embora tenha sido admitida por Marques, 1994: 98.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O Arcebispo dividiu então a renda da igreja de Santo Estevão em nove partes: das quais foram quatro para o Reitor de Santo Estevão, três para o de Santa Engrácia, e as duas restantes para dois coadjutores de ambas as paróquias.

De oito beneficiados, que havia em Santo Estevão, separou três para a nova igreja, de consentimento deles (Vd. Castro, 1763: tomo III, p. 265).

4. Estava situada a igreja na parte mais elevada do bairro de Alfama, num espaçoso largo ou terreiro, donde se desfruta um lindo ponto de vista sobre o Tejo. A porta principal era voltada ao poente.

5. A traça arquitectónica desta igreja desapareceu completamente numa reedificação radical 1733-1740, que deu ao templo outra planta, fazendo recuar a capela-mor sobre o troço da rua a Sul, ainda hoje incluído no largo de Santo Estevão.

Além da reconstrução posterior ao terramoto (concluída em 1755, a qual não lhe alterou a área nem a configuração), Santo Estevão sofreu ainda profundos restauros de 1833 a 1848, e de reparos já no século XX.

Vd. Igreja Paroquial de Santo Estevão – 2ª – 1733/1740
e Igreja Paroquial de Santo Estevão – 3ª – 1848

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA DE SÃO LOURENÇO, DE CARNIDE** LXXXVIII**Século XIII/XIV [anterior a 1321] -?**

A mais antiga referência a Carnide (Carnedi) surge nas Inquirições do reinado D. Afonso III (1248 a 1279).

No catálogo de todas as igrejas das suas rendas pagavam décimo para subsidiar a guerra contra os Mouros, que é de 1321, aparece-nos mencionada “a igreja de S. Lourenço de Carnide com a Ermida”, as quais ficaram taxadas em 50 libras.

Uma lápide, que os reedificadores a seguir ao terramoto tiveram o cuidado de colocar na fachada, no lado direito da porta principal, e que ainda lá existe diz-nos que esse edifício terá sido construído em 14 de Maio da era de 1380 (= ano de 1342):

ERA DE 1380 14 DE MAYO O BISPO DÕ JOÃO
MANDOU EDIFICAR ESTA IGREJA POR P.º SANCHES
CHÂTRE DE LX.ª A HÕRA DE SÁ LC.º E DEU A A JOÃO DÕR SEU CAPE-
LAM AOS 24 DIAS DO DITO MES
E PASOU O DITO BISPO 24 DE JULHO DA DITA ERA
AO QUAL DEUS PERDOE AMEN > ISTO DECLARA
O QUE DIZ A PEDRA ANTIGA CORRESPONDENTE.

Consta que a igreja foi primitivamente dedicada a Nossa Senhora da Assunção, depois a Santo Amaro e por fim a São Lourenço, orago que a freguesia conserva.

Embora não se saiba desde quando, sabemos no entanto que a igreja de São Lourenço de Carnide estava em 1543 anexa aos frades de São Bernardo (Cistercienses), do mosteiro de Ceíça (Montemor-o-Novo, Coimbra.) D. João III obteve do Papa concordância para instituir em Carnide um novo mosteiro e transferir para ele os bens, igrejas anexas, rendas e direitos do referido mosteiro de Ceíça (18 de Fevereiro de 1544). E assim passou a igreja de São Lourenço para a posse dos freires da ordem de Cristo, desde 1545.

LXXXVIII Apesar de o sítio de Carnide estar documentado desde o século XII, a primeira menção à igreja de S. Lourenço data, apenas, de 1321, como referiu Felicidade Alves e como também admitiu Vargas, 2002: 55. A primeira metade do século XIV parece ter sido um período de desenvolvimento agrícola da área, estando documentada a família Machado (de que fazia parte uma religiosa de Chelas) como detentora de algumas propriedades na zona. Jorge, 1994: 214, retomou a versão, não provada documentalmente, e também recolhida por Felicidade Alves, de que a primitiva igreja teria sido consagrada a Nossa Senhora da Assunção, depois a Santo Amaro e, finalmente, a S. Lourenço. Do templo conhece-se uma inscrição de época moderna (aceite por Barroca, 2000: vol. II, 1638-1639) que indicava o ano de 1342 e a vontade do bispo de Lisboa, D. João, para a construção do templo. Pereira, 1910: 70 terá ainda visto a epígrafe na fachada principal do imóvel, que devia dizer respeito à conclusão das obras e não ao seu arranque, uma vez que a igreja já aparece mencionada em 1321. Este facto entra em contradição com os anos de episcopado de D. João Afonso de Brito, que ascendeu à cátedra episcopal apenas em 1326. Se, como dizia o letreiro, teria ordenado a construção do templo, tê-lo-ia feito ainda não como bispo lisboeta, mas, possivelmente, na qualidade de deão da Sé de Évora. Já a data de falecimento de D. João A. Brito parece ter sido correctamente recolhida pelo autor da inscrição – 24 de Julho de 1342 (veja-se a nota XVII). Em 1364, sabe-se que o ourives João Fernandes havia arrendado os direitos eclesiásticos do templo por 140 libras (Saraiva, 2005: 426).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A igreja foi destruída pelo terramoto de 1755. Foi inteiramente restaurada depois de 1755, aproveitando-se algumas peças da anterior: nomeadamente, uma Ceia do pintor setecentista Bento Coelho, no retábulo da Capela-Mor; o revestimento de azulejos do século XVIII, de azul sobre branco, em grandes quadros alusivos à vida de São Lourenço, que cobriam as paredes do interior da igreja, etc.

Enquanto duraram as obras de restauro, os actos paroquiais passaram a efectuar-se na ermida do Espírito Santo, do Hospital da Luz antecessor do Colégio Militar.

Em 1833 e 1834, de novo a paróquia se instalou nesta ermida por motivo de obras na igreja matriz.

Por ocasião da implantação da República em 1910, achava-se a freguesia na sua igreja que continuava aberta ao culto; mas como estava muito arruinada transferiu-se a freguesia para a capela do Seminário dos Inglesinhos, na Rua do Seminário em Carnide, entre 30 de Março e 13 de Julho de 1913 (o último acto sacramental na igreja de São Lourenço foi um baptizado em 30 de Março de 1913, e o primeiro na Igreja dos Inglesinhos foi um baptizado em 13 de Julho do mesmo ano).

Nesta Igreja dos Inglesinhos se conservou cerca de 5 anos, até 1918, data em que passou para a igreja do extinto convento de Nossa Senhora da Luz (o último acto sacramental na Igreja dos Inglesinhos foi em 28 de Agosto de 1918, e o primeiro na Igreja da Luz foi um casamento em 21 de Setembro de 1918).

A velha e arruinada Igreja de São Lourenço, com os terrenos adjacentes, foram cedidos à Câmara Municipal para serem adaptados à instalação de Escolas primárias da freguesia e respectivo recreio (Decreto nº 3.161, de 9 de Junho de 1917).

Em 1927 (Decreto nº 14.039 de 4 de Agosto) passaram para a posse do Ministério da Instrução Pública.

Em 1937 (Decreto nº 27.650, de 12 de Abril,) foram cedidos à Junta de Freguesia de Carnide, para sua sede e outros fins de utilidade pública.

O estado de ruína da igreja tornou-a incapaz para qualquer uso. Assim se encontrava em 1948 (diz A. Vieira da Silva) e em 1975 (visita pessoal).

∴ Vestígios do passado:

- Uma pia de água benta, medieval;
- Restos de um antigo capitel adornado de figuras grotescas de puro estilo românico (que lá subsistia até ao século XX);
- Revestimento de azulejos das paredes do interior da igreja, de azul sobre branco, em grandes quadros, alusivos à vida de São Lourenço, e que foram depositados no Museu Municipal de Galveias.

A igreja de São Lourenço possuía boa obra de talha: não sei se se salvou alguma. Na capela-mor havia duas mísulas, uma com imagem de Nossa Senhora dos Prazeres, outra com o orago de São Lourenço ... No retábulo da capela-mor, existia uma Ceia do pintor setecentista

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bento Coelho; esse quadro foi praticamente estragado por um restaurador incompetente, na década de 1860...

Bibliografia

PEREIRA, Gabriel – *De Benfica à Quinta do Correio-Mor*. Lisboa: Officina Typographica, 1905;

SILVA, Augusto Vieira da – *As freguesias de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1943;

ARAÚJO, António de Sousa – *O Santuário da Luz, Glória de Carnide*. Lisboa: Paróquia de Carnide, 1977.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ IGREJA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO, EM BENFICA – 1ª LXXXIX

Pelo menos, do século XIV, ou mesmo do século XIII [?]

A. Vieira da Silva afirma que “nada se sabe acerca da origem desta freguesia nem da sua igreja matriz, constando apenas que já existia em 1620”.

No entanto, encontramos mencionada Santa Maria do Amparo em Benfica entre as igrejas paroquiais de Lisboa no escrito do ano 1552 de João Brandão de Buarcos (Vd. BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 114).

Mais: em 1392, D. João Esteves, na altura Bispo da cidade do Porto, fez doação perpétua à Ordem de São Domingos da igreja do Salvador, para o efeito de ser Mosteiro de Freiras Dominicanas, e que para isso lhes aplicava, unia e incorporava para sua sustentação todas as rendas da dita igreja [do Salvador] e também as rendas da igreja de Nossa Senhora do Amparo, do lugar de Benfica, sua anexa no termo da cidade¹⁴.

Por ora não possuímos mais indícios. A Igreja de Benfica remonta, portanto, pelo menos ao século XIV.

Permaneceu como igreja paroquial até aos princípios do século XIX, quando foi inaugurada a nova igreja (que é a existente actualmente).

A igreja velha foi demolida em 1846 a pretexto de ser levada a cabo a ampliação do cemitério.

O P.º Álvaro Proença, na sua obra *Benfica através dos tempos* (1964) elabora a constituição de uma visita fictícia à velha igreja, baseada em documentação existente nos Arquivos Paroquiais. Dela respigamos algumas informações. (Vd. Proença, 1964: 67-73).

A igreja era voltada a poente, e com a parte principal do seu adro para o mesmo lado, sobranceira à estrada de Benfica e um tudo-nada afastada desta via. O adro, em parte coberto por alpendre e em grande parte descoberto, continuava em frente da fachada até encontrar a Azinhaga que do Tojal descia para a Estrada. Sem adro do lado norte, a igreja ficava compensada do lado sul pelo grande recinto que do alpendre fronteiro até à porta lateral corria pela estrada de Benfica,

Construído em lugar elevado subia-se para ele por uma pequena escadaria que dava acesso a um pavimento lajeado onde se erguia o grande cruzeiro em cuja base se lia: “2ª es-

^{LXXXIX} Vargas, 2002: 54 refere esta igreja como Santa Maria de Benfica e assegura que ela já existia em 1315. Franco, 1994: 161 admitiu que a primitiva aldeia de Benfica se tivesse constituído no século XIII, em redor da igreja de Nossa Senhora do Amparo. A «visita fictícia» de Álvaro Proença, como Felicidade Alves bem lhe chamou, é evidentemente fantasiosa, mas constitui precioso auxiliar para ter uma ideia de como seria o templo destruído nos meados do século XIX. A igreja paroquial de Benfica foi também conhecida por Igreja Velha, onde se fez sepultar Pedro Rodrigues, senhor da Azambuja, o qual faleceu a 19 de Abril de 1381 e de cujo enterramento se conserva inscrição funerária (Barroca, 2000: vol. II, 1886-1887).

¹⁴ Vd. 1767: parte II, livro I, cap.IV, 15 e cap. VI, 22-23

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

tação – 1733”, mesmo em frente da porta principal. Este cruzeiro faz supor a existência de uma antiga e monumental Via-Sacra, com os seus passos espalhados pela freguesia (mas dela nem sequer vestígios subsistem). Este alpendre da porta principal prolongava-se para o sul acompanhando o adro e tinha uma magnífica entrada servida por uma grande escadaria de pedra. Com seu tecto excedendo em pouco a altura da porta principal corria ao longo da porta lateral sul, até atingir e cobrir a porta do lado, chamada “Porta do Sol”.

Tanto a frontaria da igreja como a porta lateral e a bela torre de boa cantaria ricamente trabalhada, eram de estilo gótico.

A porta principal, gótica, era fechada por duas meias portas, todas chapeadas de ferro e seguras com enormes fechos.

A igreja era pequena, de uma só nave, com uma teia de madeira à entrada do cruzeiro. As paredes eram revestidas de azulejos com labores azuis, brancos e amarelos; o tecto da nave era todo de madeira e apainelado com quadros. O tecto da capela-mor era estucado. O pavimento da igreja era todo dividido em campas para sepulturas; o cruzeiro e a capela-mor tinham um chão de ladrilho.

Por cima da porta principal ficava o coro; e, do lado do evangelho, em plano simples via-se o baptistério com a sua grande fonte baptismal feita de um só bloco.

Contava com 5 altares, incluindo o altar-mor: o altar de Santo António, o de São Roque, o do Senhor Crucificado, e o de São João. Todos os altares estavam enquadrados por bons retábulos.

Na capela-mor, encontravam-se em dois nichos laterais São Domingos e Santa Joana Princesa (não esquecer que a igreja pagava os dízimos ao Convento dominicano de São Salvador). Um grande painel, representando as Bodas de Caná, com 17 palmos de altura por 12 de largura [3,74m x 2,64m], fechava a boca da capela-mor. Pedro Alexandrino classificava-o de precioso. Tudo era enquadrado por bela talha dourada. Também a credência era de talha dourada. A imagem de N.^a Sr.^a do Amparo (orago da paróquia) estava num nicho, da parte do evangelho, fechado com um grande vidro de cristal da Boémia.

Uma rica teia de pau-brasil rematava o cruzeiro com dois meios cancelos, semelhantes às grandes grades torneadas que fechavam o baptistério.

A igreja tinha sete portas: a principal, duas travessas, duas na capela-mor, uma da sacristia para o altar de São Roque; e outra, do outro lado, da casa de despacho da Irmandade do SS. para o altar de Santo António.

Na sacristia, um arcaz muito bom; e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, mais três telas representando a Anunciação, a Adoração dos Magos e a Ascensão do Senhor.

Depois da construção da nova igreja paroquial, o velho templo foi agonizando lentamente, até ser demolido em 1846.

Vd. Igreja paroquial de Nossa Senhora do Amparo de Benfica – 2º - início do séc. XIX

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ IGREJA DE SÃO MATEUS †^{XC}

Século XII/XIII [anterior a 1211-1230]

1. Incluída na Inquirição particular, de entre 1211 e 1230: “Ecclesia sancti Mathei”.

Torna a aparecer no *Sumario* de Cristóvão Rodrigues de Oliveira (c. 1551) incluída no grupo das “igrejas” (e não das “ermidas”), mas “que não são paróquias”. Diz-se aí: “A igreja de São Mateus está na freguesia de Santa Justa. Tem três capelães quotidianos e um tesoureiro, os quais têm de ordenado cento e cinquenta cruzados” [equivalente a 20\$000 réis cada um] (Oliveira, ed. 1987: 53)

Nesta mesma data (1552), João Brandão de Buarcos inclui-a na relação de “as ermidas que não são curadas”. Mas dedica um largo parágrafo à Capela de São Mateus, que transcrevemos:

“O doutor João de Areguos [sic], em tempo de el-Rei Dom João o primeiro, [houve o] morgado de São Mateus, que naquele tempo era de um João Soiares, que andava em Castela por mordomo-mor da filha de el-Rei Dom Fernando de Portugal, que casou com el-Rei Dom João, o primeiro de Castela, o qual [morgado] lhe veio à mão por mandar el-Rei de Portugal que todos os portugueses que tivessem fazendas nestes reinos viessem usar delas no Reino, e não vindo dentro de tanto tempo as perdessem. E pelo perdimento deste, como digo, veio ter ao doutor João de Regos [sic]. E achou em São Mateus, feita pelos passados, uma albergaria de camas para os forasteiros.

Os quais tirou, e pôs vinte merceiras e três capelães, aos quais mandou dar renda, em cada um ano, vinte mil rs; e às merceiras três alqueires de trigo cada mês, e duzentos e trinta rs em dinheiro para conduto; e cada seis meses quinhentos e quarenta rs para camisas e calçado. E estes capelães todos os dias dizem três missas rezadas; e as merceiras são obrigadas serem presentes e rezarem estando”

(BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 136).

2. Esta ermida era titular do morgado e grande casa de Monsanto. D. Luiz de Castro, senhor do morgado, alcançou do Papa Paulo III uma Bula passada em Roma a 29 de Abril de 1541, pela qual lhe concedeu a faculdade para comprar a Cristóvão de Magalhães, escrivão da Câmara de Lisboa, um espaçoso prédio, situado nas vizinhanças do Poço do Borratém, foreiro à freguesia de São Nicolau, uni-lo ao morgado da sua casa, e fazer-lhe acomodações para três capelães e 20 merceiros, que se acamparam na ermida de São Mateus.

^{XC} São Mateus é uma das mais desconhecidas e enigmáticas igrejas medievais lisboetas, pela lenda fundacional que lhe está associada: uma promessa de Paio Delgado, aparentemente um companheiro de D. Afonso Henriques na conquista da cidade. Segundo a tradição, não provada documental ou arqueologicamente, este nobre teria instituído a capela, uma albergaria e uma residência senhorial. A localização deste eventual complexo arquitectónico tem vindo a ser situada no actual Poço do Borratém. Consta que terá sido destruída no século XVII, pelo então proprietário, o 1.º Marquês de Cascais, D. Álvaro Pires de Castro. Silva, 2008 nada diz a respeito desta ermida, nem da albergaria anexa.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. Nos meados do século XVII, tanto as casas como a ermida estavam arruinadas; e o seu proprietário, D. Álvaro Pires de Castro, 6º Conde de Monsanto e 1º Marquês de Cascais, as mandou demolir, edificando naquele mesmo lugar uma nova ermida e palácio contíguo.

4. Em 1754, foi fundado o Convento da Ordem dos Clérigos Regulares Ministros dos Enfermos – Convento de São Camilo de Lellis – na Ermida de São Mateus, no dito sítio do Poço do Borratém.

D. José tinha dado licença, com a condição de os religiosos assistirem aos enfermos no Hospital Real de Todos-os-Santos, bem como dos fiéis que lhes solicitassem a sua assistência para confissões, e na hora da morte.

A estes religiosos se reuniram, por decreto pontifício e régio, os congregados da Tomina, para assistirem aos agonizantes, ocupando então parte do Palácio do Marquês de Cascais, que o rei D. José mandou comprar para se incorporar à enfermaria, que escapara do incêndio que em 10 de Agosto de 1750 havia destruído o referido hospital.

Vd. Igreja do Convento de São Camilo de Lellis – 1754

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ IGREJA DE SÃO LÁZARO ^{XCI}

Séc. XII ou XIII

Encontramos na Inquirição particular (entre 1211 e 1230) uma “ecclesia sancti lazari”, situada “in circuitu ville” [nos arrabaldes da cidade]. O Sumario de Cristóvão Rodrigues de Oliveira (1551) fala-nos da “ermida de São Lázaro [que] está na freguesia de Santa Justa”. Havia nesta ermida três confrarias, ou seja, a de São Lázaro, a de Santa Marta, e a de Nossa Senhora. As esmolas delas valiam 60 cruzados. Nessa casa se tratavam e abrigavam os gafos (leprosos). João Brandão (1552) também a menciona entre “as ermidas que não são curadas” (Oliveira, ed. 1987: 54).

Segundo o *Guia de Portugal* (1924: 262), tinha “um monumento funerário encimado por um formoso cruzeiro, o melhor de Lisboa, hoje no Museu do Carmo”.

^{XCI} Não obstante os indícios que apontam para a existência de uma igreja consagrada a São Lázaro, logo nos séculos XII-XIII, os elementos mais antigos que se conseguiram recolher datam apenas do século XIV. A 2 de Junho de 1320 recebeu sepultura, no pátio do hospital de S. Lázaro, Estêvão Pais, natural de Bouro e criado pelo bispo D. Domingos Anes Jardo (Barroca, 2000: vol. II, 1438-1441). A igreja está documentada somente em Janeiro de 1384, altura em que a sua envolvente foi palco de uma tentativa de emboscada aos castelhanos que, por essa altura, cercavam a cidade (Moiteiro, 2005: 124). Apesar destes dados, o orago e a mais que provável associação a uma gafaria para leprosos às portas da cidade são argumentos de relativo peso para uma suposta recuada cronologia, sendo certo que o Hospital de S. Lázaro era «tido como a mais antiga Gafaria de Lisboa e uma das mais importantes do Reino» na primeira metade do século XIV (Barroca, 2000: vol. II, 1441). Araújo, 1938: vol. II, 64 referiu que o documento mais antigo relativo ao hospital data de 1355. Silva, 1943, republ. 1954: 276 admitiu que a igreja tivesse sido construída apenas no século XVI, altura em que se desanexou da freguesia de Santa Justa.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ IGREJA DE SÃO JOÃO DO HOSPITAL ^{XCII}

Século XIII [ant. a 1211-1231 ?]

É mencionada na Inquirição particular, que deve remontar ao reinado de D. Afonso II [entre 1211 e 1223] ou aos anos de 1226-1230:

“Ecclesia Sancti Johannis Hospitalis”

A ordem de São João Baptista, chamada do Hospital – e a partir de 1530 conhecida por Ordem de Malta – fundada em Jerusalém cerca de 1048, foi introduzida em Portugal nos princípios do século XII, posteriormente a 1122. Em 1194, D. Sancho I doou aos Cavaleiros de São João do Hospital a terra de Guidintesta, junto ao Tejo (Belver). Em 1232, D. Sancho II doou-lhes os largos domínios da terra, que depois se tornou célebre com o nome de Crato. A partir do reinado de D. Afonso IV, cerca de 1340, o Prior Hospitalis, passou a ser designado por Prior do Crato (por ser nesta terra que estava a sede da ordem).

A igreja a que se refere o presente artigo deve ter sido fundada nos primeiros anos do século XIII.

Conjecturamos que esta igreja poderá talvez identificar-se com a Igreja de São Braz, que era da Ordem de Malta...

^{XCII} Sobre esta passagem, Vargas, 1999: 108 esclarece que se trata da actual Igreja de Santa Luzia (ou São Brás). Ainda de acordo com este autor, a sua origem deve situar-se entre as décadas de 70 e 90 do século XII. Efectivamente, o primeiro documento que «menciona expressamente o comendador e as casas da sede conventual» em Lisboa data de 1190. Sobre a trajectória desta igreja na Baixa Idade Média, veja-se o que se diz na nota XCVII.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ IGREJA DO HOSPITAL DOS MENINOS INOCENTES ^{XCIII}**Século XIII [ant. a 1211-1230]**

Apenas conheço a referência que lhe faz a Inquirição particular sem data (que pode atribuir-se aos primeiros anos do reinado de D. Afonso II [1211-1223] ou dos anos de 1226-1230) e que menciona a “Ecclesia Innocentum Hospitalis puerorum”.

^{XCIII} Um dos muitos hospitais medievais lisboetas, cuja história se desconhece em praticamente toda a linha, crê-se que tenha sido fundado por D. Urraca, mulher de D. Afonso II, o que parece ter correspondência com a notícia aqui recolhida por Felicidade Alves. No reinado de D. Dinis, ter-se-ão registado várias doações. Tratar-se-ia de um asilo ou orfanato, mais que de um hospital, e localizar-se-ia na freguesia de Santa Justa, mais concretamente na «Rua Direita da Porta de S. Vicente», apesar de Silva, 2008: 213-216 não registar qualquer menção a esta instituição naquela freguesia. Foi anexado ao Hospital de Todos-os-Santos (Salgado e Salgado, 1994: 444).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ IGREJA DO ESPÍRITO SANTO, DA PEDREIRA → XCIV

Séc. XIII [ant. a 1279]

1. Julgam alguns que esta igreja tivesse sido fundada pela rainha Santa Isabel, ou pelo menos se edificasse no seu tempo, à imitação da Igreja do Espírito Santo, em Alenquer. Parece, no entanto, que é mais antiga, porque já no ano de 1279 se achava fundada, como consta de uma escritura latina, que estava no seu cartório, em que se diz que no dia primeiro de Março de 1279 fizeram doação a esta igreja um Afonso Cornelano e sua mulher Maria Moniz, de uma vinha no termo de Lisboa para sustento dos pobres.

Tanto o *Sumário* de Cristóvão Rodrigues de Oliveira (1551), como a obra de João Brandão de Buarcos (1552), atribuem a fundação desta igreja a “um forasteiro fidalgo, por nome Dom Adão, e sua mulher Dona Sancha, [que] edificou nesta cidade a casa do Espírito Santo, que está na Rua dos Fornos, onde se chama a Pedreira, a qual casa é das mais antigas desta evocação. E acabada, lhe deixou toda a sua fazenda, e deixou ordenado que nela houvesse onze merceeiros e um homem que servisse de tesoureiro, ao qual mandou dar quatro alqueires de trigo, e cem rs em dinheiro para conduto, em cada mês, e todos os benesses que acudissem à casa” (BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 135). “Foi fundada antigamente por dom Adão e Dona Sancha, e lhe deixaram seus bens para se sustentar um capelão quotidiano” (Oliveira, ed. 1987: 51).

Não nos dizem em que anos viveram Dom Adão e Dona Sancha. Conjecturamos que fosse na 1ª metade do século XIII.

2. Nesta igreja havia uma *Confraria do Espírito Santo*, “governada por pessoas nobres e mercadores”. No ano de 1445 agregaram-se-lhe outros irmãos de uma confraria também de mercadores, que fora instituída na Igreja de São Francisco da Cidade, trazendo a confraria consigo as suas rendas, que não eram poucas, como consta de um acórdão desta união que existia no cartório da mesma casa, feito em 22 de Janeiro do dito ano de 1445. Desta união

^{XCIV} O Espírito Santo da Pedreira é uma das mais obscuras igrejas medievais da cidade, não tendo sido possível, até ao momento, situar a sua fundação. Felicidade Alves recolheu a tradição de a igreja ser anterior a 1279, tal como Rocha, 1994: 351, que ampliou o fundo lendário associado a essa pretensa fase fundacional. O orago do templo, todavia, confirma que não será anterior à chegada da rainha D. Isabel de Aragão, mulher de D. Dinis, a quem se deve a introdução da devoção ao Espírito Santo no nosso país. Não é improvável, contudo, que já nesse final de século XIII ali existisse uma ermida, implantada sobre o alto penedo sobranceiro ao vale que separava a cidade antiga (a nascente) e a zona de expansão ocidental, em torno de Santa Catarina. Em 1445, a instalação da Confraria dos Mercadores (anteriormente instalada em São Francisco) motivou a adesão de um outro grupo socioprofissional de grande importância na cidade – os armadores navais (Rocha, 1994: 351). Do hospital, sabe-se que, no reinado de D. Manuel, mantinha «doze pobres honrados que desfalecem de bens», o que levou Salgado e Salgado, 1994: 444 a considerar que o hospital servia também de mercearia. Terá sido anexado ao Hospital de Todos-os-Santos, embora sem confirmação documental. Araújo, 1938: vol. III, 89 sustentou que, ao findar a Idade Média, a igreja estava integrada num convento masculino, de frades da Congregação do Oratório de São Filipe Nery.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

dos mercadores à irmandade do Espírito Santo resultou que, crescendo mais os rendimentos, se aumentasse também, o culto divino como as obras de caridade em benefício dos pobres; e ao mesmo passo cresceram honras e privilégios concedidos pelos monarcas, sendo os mais notáveis, antes e depois desta união, os seguintes. D. João I concedeu o privilégio para serem coutadas as casas do hospital (de que falaremos em seguida) e irmandade, para que nenhuma pessoa de qualquer qualidade pudesse tomar de aposentadoria. Este privilégio o confirmou seu filho, el-rei D. Duarte, por alvará de 22 de Abril de 1434. D. Afonso V os isentou de darem contas no Juízo das Capelas e Resíduos, nomeando-lhes por seu Juiz privativo o Juiz ou ouvidor de Alfândega, por alvará de 24 de Janeiro de 1458, o qual privilégio lhes concedeu também e confirmou depois el-rei D. Manuel, em 20 de Outubro de 1503. D. Afonso V ainda concedeu mais privilégios que depois confirmaram D. Manuel, D. Sebastião e Filipe I de Portugal. Os monarcas não só favoreceram a irmandade: também a enobreceram, inscrevendo-se e os infantes como irmãos. Pertenceram, portanto, à irmandade ou confraria do Espírito Santo da Pedreira, el-rei D. Manuel e sua segunda mulher, a rainha Dona Maria; D. João III e sua mulher, Dona Catarina; D. Sebastião, o Cardeal D. Henrique; Filipe I de Portugal, a Imperatriz Dona Isabel, mulher de Carlos V e filha de el-rei D. Manuel; a duquesa de Sabóia Dona Beatriz; os infantes D. Luís, D. Fernando e D. Afonso. Com este exemplo, também de assinaram como irmãos as pessoas mais ilustres da Corte. Em 18 de Abril de 1706 fez-se novo compromisso, para bom regimento e governo da mesma irmandade. Os pontífices Pio V e Gregório XIII, seu sucessor, favoreceram sempre a irmandade, concedendo-lhe muitas indulgências, graças, isenções e privilégios.

3. Junto à igreja do Espírito Santo da Pedreira havia um hospital, que por este motivo tinha o nome de Hospital do Espírito Santo. Nele, com as rendas da referida confraria, sustentavam-se 12 pobres, que ali viviam comodamente.

O já citado *Sumário* de Cristóvão Rodrigues de Oliveira dedica a esta igreja, incluída entre “as igrejas que não são paroquiais” uma notícia desenvolvida (Oliveira, ed. 1987: 51)

“A igreja de Santo Espírito da pedreira está na freguesia de são Gão [Julião] e são Nicolau. É igreja grande, tem o altar-mór da invocação do espírito Santo, com outros altares custosos e bons, com bons ornamentos. Foi fundada antigamente por Dom Adão e dona Sancha, e lhe deixaram seus bens para se sustentar um capelão quotidiano. O qual tem ora de ordenado trinta cruzados. E ordenaram estes fundadores uma capela quotidiana no convento de São Francisco, em que se diz missa cantada todas as quintas feiras, pela qual obrigação se dá aos padres de esmola quarenta e cinco cruzados cada ano. Há nesta igreja confraria do espírito Santo, governada por pessoas nobres e mercadores. Rendem as esmolos quarenta cruzados. Há mais dez merceeiras, que têm seu aposento dentro na casa; tem cada uma cada mês cem réis, e todas as esmolos que vêm à casa, que valerão por ano cento e sessenta e cinco cruzados de ordenado.

Há mais um ermitão que tem seu aposento dentro na casa, que tem cuidado da sacristia e de limpar a casa e dar guisamento para se dizer missa, com 12 cruzados de ordenado.

Tem esta casa de renda em cada um ano de propriedade trezentos e cinquenta cruzados”.

O também referido João Brandão insere um parágrafo sobre a “capela de Dom Adão”, que tornamos a citar (BRANDÃO [de Buarcos], ed. 1990: 135):

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

“Um forasteiro fidalgo, por nome Dom Antão, e sua mulher Dona Sancha, edificou nesta cidade a casa do Espírito Santo, que está na Rua dos Fornos, onde se chama a Pedreira, a qual casa é das mais antigas desta avocação*. E acabada, lhe deixou toda sua fazenda, e deixou ordenado que nela houvesse onze merceiras e um homem que servisse de tesoureiro, ao qual mandou dar quatro alqueires de trigo e cem rs em dinheiro para conduto, cada mês, e todos os benesses que acudissem à casa. Em a qual casa dizem cada dia missas, e está hoje em dia muito bem adornada e perfeita, porque os mercadores desta Cidade, os mais principais, se fizeram confrades da casa, e eles a têm muito bem concertada”.

4. O Hospital do Espírito Santo da Pedreira conservou-se neste sítio desde a fundação da igreja até 1672, ano em que nas casas onde estava instalado se começou a fundar o Convento para os padres da Congregação do Oratório. Por esse motivo não se proveram mais os lugares dos 12 pobres, e em seu lugar se aplicaram as rendas, que com eles se gastavam, para dotes de donzelas recolhidas, de 40\$000 réis cada dote.

Em 1 de Maio de 1671, foi feita a doação da igreja e ornamentos ao padre Bartolomeu de Quental e mais padres da Congregação do Oratório.

A doação foi efectuada pelo provedor Diogo Lopes de Malhoa e mais irmãos da mesa da irmandade do Espírito Santo. A irmandade reservou para si a capela-mor e a administração total dos seus rendimentos.

Vd. ♂ Igreja do Convento do Espírito Santo da Pedreira – 1671

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ IGREJA DO COLÉGIO DE SANTO ELÓI →^{XCV}**Séc. XIII [1286] →**

O bispo de Lisboa D. Domingos Anes Jardo – homem abastado, culto e piedoso, que foi preceptor de D. Dinis e mais tarde seu chanceler-mor, bispo de Évora entre 1285-1289, e depois bispo de Lisboa até à sua morte em 1294 – começou a construir um colégio, misto de asilo e de hospedaria de escolares, em 1286, sob a invocação de São Paulo apóstolo, São Clemente papa, e Santo Elói bispo e confessor. Este colégio tornou-se famoso e foi o primeiro do género em Portugal. Determinou o fundador que nele houvesse 10 capelães, 20 merceeiros, 6 escolares de latim, grego, teologia e cânones. Pelos seus estatutos de 1291 a instituição, além de recolhimento para pobres, seria também residência de estudantes e nela se professariam várias disciplinas, como Gramática, Lógica, Medicina, Teologia e Cânones. Por testamento declarou que, se aquele Colégio viesse a ser casa de religiosos, dois fossem teólogos para proveito do povo, e um estudasse Direito para defesa da mesma casa. O bispo possuía grandes riquezas.

Para o funcionamento do colégio, legou-lhe todos os seus bens patrimoniais.

A igreja era de uma só nave. Nela foi colocada a sepultura do bispo D. Domingos Jardo, falecido em 1293. Tinha a seguinte inscrição:

AQUI JAZ D. DOMINGOS JARDO, BISPO QUE FOI D'EVORA
E DESTA CIDADE, FUNDADOR DESTA CASA. FALECEO NA
ERA DE 1331
[A era de 1331 equivale ao ano cristão de 1293].

Após a morte do referido bispo, vieram de Alcobaça para o Colégio ou Hospital de Santo Elói os religiosos de São Bernardo, e aqui se conservaram 23 anos. Passados estes, a administração voltou a ser como havia sido determinado pelo instituidor.

Em 1442, a Instituição passou a outros ocupantes.

→ Convento de Santo Elói (2º), 1442 ♂

^{XCV} Até ao momento, nenhum vestígio material foi encontrado do hospital fundado por D. Domingos Anes Jardo, empresa para a qual o bispo terá tido licença régia em 1284 (Barroca, 2000: vol. II, 1105). Veja-se, ainda, o que se diz na nota XIII. O próprio bispo terá constituído os estatutos do hospital em 1291, tendo o património associado àquele instituto capacidade para sustentar 10 religiosos, 20 pobres e 6 estudantes do Estudo Geral (Barroca, 2000: vol. II, 1105, aceitando como válidas opiniões da cronística alcobacense do século XVII). Castilho, 1938: vol. XI, 235-236 referiu que, após o falecimento de Domingos Jardo, o hospital passou a ser gerido por monges de Alcobaça, de que se conserva diploma de 1298 (processo que terá contado com a oposição do sobrinho do bispo e provedor do Hospital, Afonso Anes, segundo Andrade, 1948: 123) e, mais tarde, foi transformado no Convento dos Lóios.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ **ERMIDA SEGUNDA DE SÃO GENS** † ∴ ∼ xCVI

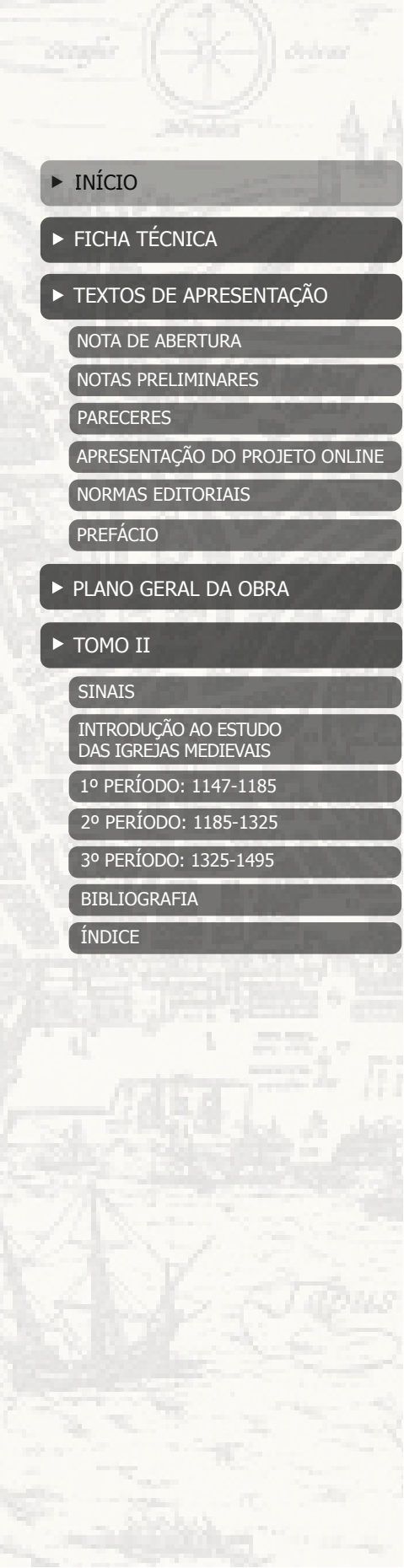
1243 → 1755

Já foi dito o que era possível saber sobre quem era São Gens; e também se referiu a fundação da Ermida primeira de São Gens, nas olarias. Ali estiveram os eremitas de Santo Agostinho, até 1243.

Então, uma senhora chamada Dona Suzana, compadecida de ver os frades habitarem em um sítio baixo e doentio, sendo de mais a mais nesse tempo muito distante da cidade, o que era incómodo para o povo que queria ir à doutrina e assistir aos ofícios divinos àquele hospício, fez (Dona Suzana) doação aos frades, do monte de São Gens, que lhe ficava eminente, e de todas as terras circunvizinhas, que eram dela. Para este sítio se passaram, edificando logo algumas celas. Os religiosos só ali residiram até 1271, mudando então para um sítio mais a Sueste, que então se chamava Almofala. Assim se iniciou o Convento da Graça (vd Cunha, 1642: 28v-29v).

Quando foi construído este segundo ermitério e capela no cume do Monte (por isso chamado Monte de São Gens), para ali transportaram a cadeira de pedra, em que São Gens (dizia-se) se sentava a pregar aos cristãos, e que estivera antes na capela primitiva.

^{xCVI} Sobre o campo lendário em que deve situar-se, por agora, as origens da capela de Nossa Senhora do Monte, e sua eventual relação com S. Gens, veja-se a nota XLV. Consta, porém, que, em 1243, já a comunidade de eremitas de Santo Agostinho estava constituída, sendo seu principal religioso o italiano João Lombard, o mesmo que, depois de 1256, ficou com a missão de organizar a estrutura eremítica agostinha em Portugal. Segundo Sousa, dir., 2006: 426; Jorge, 1994a: 876) referem difundiu a tradição de que os eremitas teriam entrado na posse desta propriedade por doação de uma enigmática dama de nome D. Susana). A transferência para a actual localização, no alto da Graça, deve ter ocorrido em 1271. Fontes, 2007: 261 reafirmou os actuais limites de investigação a respeito desta comunidade e salientou as dúvidas de alguns autores a respeito da datação exacta em que os supostos primeiros eremitas se instalaram no monte de S. Gens (1192 para Avelino de Jesus da Costa; 1234 para Carlos Alonso). Ainda de acordo com Fontes, 2007: 273, o fundo documental actualmente conservado a respeito deste mosteiro não recua além de 1266. Tendo em consideração que a Ordem de Santo Agostinho foi aprovada somente em 1256, o mais provável é que a fundação da comunidade lisboeta tenha ocorrido depois, como aconselha a própria cronologia do fundo documental conservado na Torre do Tombo, sendo as versões que admitem uma fundação em data anterior resultado de um processo de engrandecimento do estatuto do mosteiro por via da sua suposta antiguidade, atitude tão repetida pelos cronistas da época moderna. Em todo o caso, Fontes, 2007: 273 adverte para o facto de, em 1226, já se encontrarem eremitas na região de Lisboa que, mais tarde, viriam a filiar-se na Ordem de Santo Agostinho. Em 1306, de acordo com Jorge, 1994a: 876, os eremitas de Santo Agostinho ainda tinham jurisdição sobre a ermida, a qual seria regida por um capelão-residente, nomeado pela comunidade agostinha da Graça.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

No tempo de D. Rodrigo da Cunha (1642) venerava-se nesta Ermida a dita cadeira, como “preciosa relíquia”; e acrescenta ele: “há quem se lembra ver no retábulo velho, que por roto e antigo o recolheram os Religiosos Agostinhos, a cujo encargo está aquela ermida, a imagem do santo, com insígnias episcopais” (Cunha, 1642: 28v-29v)

O terramoto de 1755 arruinou completamente a capela, que entretanto (não sabemos precisar desde quando) se chamava Capela de Nossa Senhora do Monte. Foi construída outra no mesmo sítio, que ainda existe.

↪ Vd. Ermida de Nossa Senhora do Monte

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ **ERMIDA DE SÃO BRAZ OU SANTA LUZIA** ^{XCVII}**Século XIII (?)**

Na rua que vai do Limoeiro para as Portas do Sol, próximo do largo desta denominação, situa-se a ermida ou igreja de São Braz, também chamada de Santa Luzia. Está erguida sobre um lanço da muralha pré-românica de Lisboa.

“Não se conhecem as origens da ermida, sabendo-se apenas que entrou na posse da Ordem do Hospital [chamada mais tarde Ordem de Malta, a partir de 1530], no reinado de D. Dinis ^{XCVIII}, ou pouco depois, presumindo-se porém que já existisse desde muito tempo, e possivelmente desde o reinado de D. Afonso Henriques”¹⁵.

Pelo desenho da fachada principal, que corresponde a uma simplificação do modelo corrente em Lisboa durante a segunda metade do século XVIII, deduz-se que sofreu transformações notáveis depois do terramoto.

A capela-mor, o transepto e a nave conservam restos de sepulturas, remetendo-nos para o século XVII [1680, 1689, 1684, 1616, ...], para o século XVI [1538], ou até para 1346.

Eis algumas inscrições:

- Na capela-mor, no lado do evangelho, túmulo parietal de mármore, em feitio de urna, e na tampa releva-se uma cruz saindo dum Cálvário. Nele jaz D. João de Sousa, prior do Crato, falecido em 1680. A inscrição:

D. IOANES DE SOVSA D. FRANCISCI DE SOVSA,
ET VIOLANTIS MASCA/REGNIAE FILIVS, OCTAVO
OETATIS SVAE ANNO EQVES MILITENSIS INAV/

^{XCVII} A tradição segundo a qual a ermida teria passado para a posse da Ordem de Malta no reinado de D. Dinis foi difundida por um duvidoso relato do século XVIII (Santa Catarina, 1734: 273) e tem sido genericamente aceite, ainda que sem efectiva prova documental ou material. Também não está provada a sua eventual origem onzcentista, contemporânea do primeiro monarca português (crítica a esta tradição em Andrade, 1949: 107). Como sustentou Vargas, 1999: 108, a primeira referência a um efectivo estabelecimento hospitalário em Lisboa data de 1190. O mais antigo vestígio material é a inscrição funerária de Fr. Lourenço Gil, freire da Ordem do Hospital e neto de D. Afonso III por via bastarda, datada de 31 de Dezembro de 1346 (Barroca, 2000: vol. II, 1671-1675). Segundo o testemunho de Fr. António Brandão (1632a: liv XV, cap. XXIV, fl.220), na mesma igreja estava sepultado outro filho bastardo de D. Afonso III, D. Fernão Afonso, cuja lápide, naquele século XVII, estava «na parede exterior, da parte do mar», pelo que se encontrava já muito deteriorada. Nada se sabe acerca da configuração do templo durante a época medieval, embora se conserve a tradição de que teria sido «uma igreja fortaleza avançada sobre os arrabaldes de nascente» (Carvalho, 1994: 846). Sousa, dir, 2006: 468-469 nada diz a respeito do eventual vínculo desta capela aos Hospitalários.

^{XCVIII} Trata-se de uma gralha na passagem do ano do reinado de D. Dinis, devendo querer mencionar-se a data de 1320. Em todo o caso, como se esclareceu na nota anterior, não está provada a doação régia desta igreja à Ordem do Hospital.

¹⁵ Castilho, 1938: vol. XI, 262.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

GVRATVS ET OB EIVS IN EVM ORDINEM MERITA
SCALABITANA PRAE/CEPTORIA VLTRO DONATVS
AN D MDCXLVI CVM IAM ANTE A ARAN/
DENSEM, HELVIENSEM ET MONTOVITENSEM IVRE
ANTIQVITATIS OB/TINVISSET TANDEM AN D
MDCLXVI IN MAGNUM CRATI, HOC EST/
PORTVGALLIAE PRIORATVM AB IPSO ORDINE
EVECTVS, REGINAE QVE/D. MARIAE OECONOMVS,
DOMI MILITIAE QVE MAGNÁ CVM PRVDENTIÁ,/
ET FORTITVDINE VERSATVS, COMMVNI OMNIVM
FATO AMPLISSIMIS/HONORIBVS, EXIMIIS QVE
VIRTVTIBVS CONSPICVVS SEPTVAGESSIMO/
SECVNDO AETATIS ANNO VLTIMVM DIEM OBIIT AN
D MDCLXXX

- A meio da capela-mor, no pavimento, uma pedra de jaspe armoriada, com a inscrição funerária de Frei Martim Pereira de Eça, cavaleiro de Malta, falecido em 1689:

AQVI JAS O COMMENDADOR
FREI MARTIM PEREIRA DEÇA
RECEBEDOR E PROCURADOR GERAL
DA RELIGIÃO DE MALTA DE Q FOI PRO
FFESSO FALLECEO EM 12 DE ABRIL DE
1689

- No braço esquerdo do transepto, no pavimento, as sepulturas de Manuel da Fonseca († 1616), de Fr. Francisco Roiz Pais († 1684) e Fr. Gonçalo (?):

S.^A DE M^{EL}. DA FONSE
CA CAVAL^{RO} FIDALGO
DA CASA DO SER^{MO}.
PRINC^EPE DO PIAMONTE
VICTOR IOAMADEV
PRIOR DO CRATO
ALMOX^E DA COMEDA
DE S. BRAS E AGT^E DOS
NEG^{OS} DO D.^O PR.^{DO} E DE
SEVS HERDER^{OS}. O QVAL
SIRVIO M.^{TOS} ANOS O D.^O
PRD.^O E PRIOR DELE
COM MUITA. ACEITACÃO
FLC^O. A 3 de IVNHO DE
1616. E DEIXOU 3 M
AQVI IAS FREI FR^{CO}. ROIZ
PAIS FREIRE DO HABITO
DE SÃO JOÃO. PROPRIETHA
RIO Que FOI DESTA IGREI
A FALE SEV A 16 DE 7^{BRO} DE 684

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

FOI P^{OR} NELLA Z8 ANNOS

HIC: JACET:FR:G.º:PR'S

BITER :HVJ': ECCLIE:

OBIIT :E:15Z

- No braço direito do transepto, no pavimento, as sepulturas do Dr. Jorge Cotam († 1538) e Beatriz Gonçalves:

AQVY JAZ HO DOTOR JOR

GVE COTAM COMENDADOR DA HORDE DE POS

HE DESEMBARGADOR

DELREY NOSSO SÔR HO QVAL FALECEO A 5

DE FEVER^O DE

1538

ESTA S HE DE B'ATIZ

GLLZ FALISEV TYA DO

BACHARELL^O REBELO

E DE

- Na nave, no pavimento, do lado do evangelho:

S^A DE PASCOALL

NUNEZ E SVA MO

LHER E JERACÃ

- Na nave, um túmulo parietal do lado do evangelho, com lápide brasonada, e inscrição sepulcral de Frei Lourenço Gil, comendador da Ordem de Malta, neto de D. Afonso III, falecido no ano de 1346 [era de 1384]:

AQVI:IAZ:FREI:LOVRENÇO:GIL:FREIRE:DA:ORDEM:

DO:ESPITAL/COMENDADOR:Q:FOI:DESTA:BAILIA:

DE:SAN:BRAS:DE:LIXBOA:E/FOI:FILHO:DE:

GIL:AFONSO:HO:FILHO:DELREI:DOM:AFONSO:

OP/ADRE:DELREI:DOM:DINIS:E PASOV:DOMIGO:

XXXI:DIA/S:ANDADOS:DE:DEZEBRO:DAERA:DE:

MILCCC:LXXX/IIII:ANOS:AO QVAL:DEVS:PERDOE:

PATER:NOSTER:/POR:SA:ALMA:

(Vd. Almeida, 1973: vol. V, tomo I, 34-36)

Tal como existe actualmente, tem a porta voltada a poente; a capela-mor é rectangular, com uma tribuna do lado da epístola, a cobertura é toda de abóbada semi-circular; no cruzamento das abóbadas do corpo da igreja e do transepto levanta-se uma cúpula semi-esférica.

Aparenta ter tido três capelas. Na capela-mor estava a imagem de S. Braz, tendo do seu lado direito S. João Evangelista. As duas laterais ficavam nos topos dos braços do transepto: no lado da Epístola estava o altar de Santa Luzia, e do lado esquerdo, o de Santa Águeda. Parece ter havido uma quarta capela, de pequenas dimensões, no cruzeiro, da parte da epístola,

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

onde existia um nicho com a imagem de um crucifixo de bastante altura, que parecia ser da origem da ermida.

Aos lados da capela-mor havia duas sacristias. A torre dos sinos, por trás da mesma capela, sobre a muralha da Cerca Moura.

A ermida tinha um pequeno adro em frente da porta, e um pátio da banda sul, que parece ter sido claustro (ali havia uma sepultura). Ao fundo do adro e do pátio ficava a casa de residência do capelão e de outro pessoal da ermida. Esta casa foi demolida por volta de 1927. A área conjunta dessa casa, do adro e do pátio, foi transformada no jardim ou miradouro chamado das Portas do Sol, ou de Santa Luzia, ou Jardim de Júlio de Castilho.

Na 1ª metade do século XIX, a igreja foi secularizada e todos os altares desapareceram, retirando-se de lá as imagens. No ano de 1938 estava lá instalado o arquivo da extinta Casa Real, incorporado na Direcção Geral da Fazenda Pública.

Bibliografia

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*, 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA, vol. XI, Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1938, p. 262-267;

SANTA CATARINA, Fr. Lucas de Santa – *Memórias da Ordem Militar de São João da Malta*. Tomo I. Lisboa Ocidental: Oficina de Joseph Antonio da Sylva, 1734, p. 272ss;

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) – *Monumentos e Edifícios notáveis do Distrito de Lisboa*, vol. V, tomo 1, Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1973, p. 33-36;

SOUSA, J. M. Cordeiro de – “As Sepulturas de Santa Luzia”, *Nação Portuguesa*, 9 (1935), p. 295-302.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO PARAÍSO, NA PAMPULHA – 1ª** ^{XCIX}**Século XIII (?) - 1366****Nota:** Conhecem-se quatro ermidas com o título de “Nossa Senhora do Paraíso”:

Uma no Bairro da Pampulha, que remontaria ao século XIII (se não antes).

Outra que foi instituída em 1366 no sítio onde depois (em 1490) se estabeleceu o Mosteiro das Comendadeiras de Santos.

Uma terceira, junto da Porta da Cruz, alguns anos depois de a 2ª ter sido ocupada pelo dito Mosteiro.

Finalmente, no século XVII, quando o Mosteiro das Comendadeiras se deslocou, a Ermida (2ª) de Nossa Senhora do Paraíso revivesceu.

1. O *Santuário Mariano* (Santa Maria, 1707: vol. I, 68) afirma que “O Santuário e Casa da Senhora do Paraíso (...) teve os seus princípios em a freguesia de Santos-o-Velho [que então ainda não era freguesia], na parte Ocidental da mesma cidade, e perto do [subentende-se: sítio que depois foi] Convento de Nossa Senhora dos Remédios dos Padres Carmelitas Descalços”.

2. Acrescenta o mesmo Autor: “Da sua origem e princípios não pude descobrir nada, o certo é que é muito antiga: porque sendo venerada muitos anos no Bairro da Pampulha, de onde foi mudada para o sítio aonde se fez o Convento Novo de Santos, no ano de 1366 [esta é a data da mudança local da ermida, e não do Convento novo...], e há hoje 349 [anos] que isto sucedeu, e sendo já venerada de muitos anos no primeiro sítio, aonde tinha a Irmandade que a acompanhou... Tudo isto denota muitos anos. Se ali apareceu no sítio em que se lhe edificou a primeira casa, não consta, nem o pude descobrir; mas já lá era buscada com muita veneração. E isto é coisa que podemos conjecturar: que havia naquela Santa imagem alguma singularidade que nos é oculta”. (Santa Maria, 1707: vol. I, 69)

3. A irmandade mudou-se para a zona Oriental de Lisboa em 15 de Agosto de 1366.

Sobre esta ermida na Pampulha, D. Rodrigo da Cunha nada diz.

^{XCIX} Pampulha é o nome de um antigo bairro, supostamente piscatório, localizado entre Alcântara e Santos. Nada se sabe acerca do seu templo. Em 1566, há notícia de o Mosteiro de Santos-o-Novo ter emprazado uma quinta «junto a Santos-o-Velho, à Pampulha» (ANTT, *Mosteiro de Santos-o-Novo*, Lisboa (Santos-o-Velho, S. João da Praça e Madalena), mç. 2, doc. 26), o que parece ser sintomático da extensa dimensão rural do local em pleno século XVI. Ainda no século XIX existem abundantes referências à Pampulha, à sua praia e à indústria moageira ali instalada.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA OU SANTA MARIA DE ROCAMADOR ^C

Século XIII [c. 1300] - † 1755

Estava situada no adro da igreja paroquial de São Julião, para a parte do sul, sobre um chafariz que ali existia, chamado dos Cavalos, na Rua Nova dos Mercadores, ou d'El-Rei, e que ocupava antes do terramoto de 1755 a Rua que depois se chamou de El-Rei, vulgarmente dos Capelistas.

A ermida foi fundada por Pedro Esteves e sua mulher Clara Geraldês, naturais de Guimarães¹⁶. Parece que este sítio era, na data da fundação, apenas povoado de oliveiras. Do Livro de Memórias de El-Rei D. Dinis consta que, no ano de 1299, dera o Rei a mestre Julião, seu sobre-juiz, licença para ter um carnicheiro nas casas de Lisboa, onde chamam a Oliveira, junto ao Hospital de Frei João. A ermida teria sido fundada junto a uma grande oliveira, e por isso se ficou chamando à imagem Nossa Senhora da Oliveira.

^C O primeiro documento que certifica a existência desta igreja data de 8 de Dezembro de 1367 (Silva, 2008: 252), mas trata-se, certamente, de uma referência tardia relativa a uma realidade que pode recuar ao reinado de D. Sancho I. Efectivamente, tem-se atribuído ao tempo do nosso segundo monarca a entrada dos eremitas de Rocamador (Brito, 1981: 25), posição que parece ter correspondência com os escassos dados documentais relativos a estes religiosos: a igreja de Soza (Vagos) terá sido oferecida aos eremitas de Rocamador por D. Sancho I, em 1192 e, nas *Inquirições* de 1258, referem-se já abundantes propriedades nas suas mãos, sintoma de uma implantação rápida e consistente (Mattoso, 1974: 695). Anexo à igreja existiu um hospital, referido no reinado de D. Afonso V a propósito de um tal Pedro Afonso, «procurador dos hospitais de Santa Maria de Rocamador» (Salgado, e Salgado, 1994: 444). A vocação assistencial dos eremitas de Rocamador foi realçada por Martins, 1957: 31, que sugeriu a existência de uma densa rede de hospitais e albergarias medievais, a maior parte dos quais relacionados com as principais cidades do reino. A localização periférica do complexo religioso-assistencial lisboeta na posse dos eremitas de Rocamador em relação à cidade baixo-medieval, a Ocidente do núcleo fundacional e na zona ribeirinha, parece reforçar a sua fundação no reinado de D. Sancho I (ou muito próximo) e a plena vocação de apoio a viajantes e peregrinos, mas nada mais se conseguiu apurar.

¹⁶ Segundo uma tradição (Vd. Leal, 1874: vol. IV, 229-230), a origem da ermida foi a seguinte:

“Quando viviam Pedro Esteves e sua mulher Clara Geraldês, no reinado de D. Sancho I, habitavam a própria casa em que depois se estabeleceu o hospital. Achando-se sem filhos, e ricos queriam ter herdeiros aos seus bens, e recorreram à Santíssima Virgem, que lhes concedeu uma filha, que estando já em idade de casar, faleceu de uma febre aguda.

Seus pães ficaram inconsoláveis e não havia cousa que lhes aliviasse a dôr e as saudades.

Uma noite ouviram a campainha que n'aquelles tempos acompanhava os justicados, grande tropel de gente e pregoeiro que gritava: «Justiça que el-rei manda fazer n'esta mulher (nomeando a filha defunta de Pedro Esteves) por commetter adulterio contra seu marido».

Levantou-se Esteves, e chegando á janela, viu que a padecente se parecia com sua filha. Era uma visão, que os advertia do que poderia acontecer á filha, se fosse viva.

Foi então que os dois cônjuges decidiram dar toda a sua fazenda a Nossa Senhora, edificando em sua casa um hospital, que deram aos religiosos de Roque Amador.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Não se sabe com certeza a data da fundação, mas conjectura-se que foi pelos anos de 1300, reinando D. Dinis.

Os eremitas de Santa Maria de Roque Amador erigiram aqui um hospital, e por esta circunstância se deu também à Senhora a denominação de Santa Maria Roque Amador. A Ordem de Roque Amador teve princípio em França, no ano de 1166, talvez no Santuário de Rocamadour. O fim principal desta instituição era erigirem hospitais para peregrinos. Em Portugal fundaram-se muitos hospitais desta religião, sendo o primeiro na Vila de Sôza (ou Souza), próximo a Vagos. Esta ordem floresceu, sendo muito respeitada. No reinado de D. João II foi suprimida, dentro do plano renovador do sistema hospitalar.

O hospital fundado em Lisboa denominava-se de Frei João, que era um frade muito virtuoso, da ordem de Roque Amador que, ou fundou o hospital, ou foi por muito tempo o seu administrador.

Em 1495 era provedor deste hospital Pedro Nunes, escudeiro, em cuja presença Diogo Delgado, cavaleiro e comendador de Fontarcada, deu umas casas, de sua filha Catharina de Oliveira (na freguesia de São Nicolau), por troca de um olival que estava junto da quinta de Santa Maria dos Olivais, e diz a escritura ser feita dentro do hospital de Santa Maria de Rocha Amador, situado na freguesia de São Gião (Julião).

A imagem era muito linda, diz-se. Era de roca (de vestir) e tinha riquíssimos vestidos. Tinha 1,10 metros de altura, e estava de mãos postas, porque não tinha menino. Estava em uma rica tribuna, na capela-mor. A igreja tinha mais duas capelas, embutidas nas paredes. Todos os altares eram de rica talha dourada, e na igreja havia valiosas pinturas. O altar do lado do evangelho era dedicado a Jesus Cristo crucificado; e o outro, a São Gonçalo de Amarante.

Depois de ser pertença dos religiosos, passou a ser administrada esta casa pelo Confeiteiros de Lisboa, que faziam a sua festa no dia da Natividade de Nossa Senhora, a 8 de Setembro; mas não consta quando tomaram conta desta administração. Os pescadores também lhe faziam umas grandes festas nas oitavas da Páscoa, Natal, e Espírito Santo.

O terramoto de 1 de Novembro de 1755 arrasou completamente a ermida, que não se tornou a reedificar.

Bibliografia

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho (1873-1890) – Portugal antigo e moderno: diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias, vol. IV, Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1874, p. 229-230. A ermida é mencionada no Sumário (1551) e por João Brandão (1552) (Oliveira, ed. 1987: 56; BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 115.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ ERMIDA DO SANTO ESPÍRITO DE CARNIDE ^{CI}

Século XIII (?)

É mencionada por João Brandão de Buarcos, na sua obra de 1552, entre as ermidas que não são curadas: Santo Espírito de Carnide (Vd. BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 115).

O *Sumário*, que não trata das paróquias de fora da cidade de Lisboa, obviamente não a menciona.

No livro *Lisboa. Freguesia de Carnide*, da autoria de Maria Calado e Vítor Matias Ferreira (Contexto Editora, Lda, 1991) diz-se: “Documentos dos séculos XIII e XIV referem a existência de uma Ermida do Espírito Santo que tinha anexa uma pequena gafaria. O culto do Espírito Santo, difundido durante o século XIII, perdurou na região, até ser completamente absorvido pelo novo culto da Senhora da Luz, no século XVI, depois da reorganização da Igreja no âmbito do Concílio de Trento. É pois, remota a origem de fenómenos de romarias e peregrinações que atraíam ao local a população dispersa pela paróquia e muitos forasteiros vindos de longe. Os marítimos (pescadores e navegadores) eram devotos do Espírito Santo e, em 1437, deram início à procissão anual do Sírío do Cabo à pequena ermida local” (Calado e Ferreira, 1991: 19).

Não conheço a aludida documentação; mas aceito a afirmação como válida. A ermida remontará, portanto, ao século XIII.

^{CI} De acordo com Jorge, 1994: 215, esta pequena capela situava-se no actual sítio de Alto do Poço, que a documentação medieval e moderna menciona como «resyo» de Carnide. Não se conhece a data de construção do templo, mas tendo em consideração que vários autores fazem coincidir a introdução do culto ao Espírito Santo com a rainha D. Isabel de Aragão, é muito provável que a capela tenha sido erguida na transição para o século XIV, ou pouco depois. O templo foi demolido em 1858.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DO SANTO ESPÍRITO DE BENFICA ^{CII}

Século XIII - XIV

Esta ermida é mencionada em 1552 por João Brandão de Buarcos, entre as ermidas que não são curadas: ermida de Santo Espírito de Benfica (Vd. BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 115).

O *Sumário* (1551) não a menciona, pois o âmbito do seu inventário não abrange os arredores de Lisboa.

Por analogia com a Ermida do Santo Espírito de Carnide e outras, conjecturo que deve remontar ao século XIII/XIV, quando se deu uma grande difusão do culto do Espírito Santo na região.

Respigamos do livro do P.º Álvaro Proença, *Benfica através dos tempos*, Lisboa, 1964), as seguintes informações:

A ermida do espírito Santo ficava situada mesmo no centro do lugar de Benfica, muito próxima da igreja paroquial; tinha a sua fachada voltada a poente e um único altar. Deve ter sido sede e centro de caridade, com o seu hospital e albergue para peregrinos e pobres. Os terceiros franciscanos dela cuidavam e dos doentes e pobres. Em tempos antigos, a ermida foi a mais nobre e rica da paróquia, com uma vida desafogada de que são testemunhos os numerosos foros que possuía para sua manutenção, culto e caridade.

Era administrada por grande e fervorosa Irmandade; mas já nos fins do século XVIII não existiam nem livros de contas, nem de eleições, mas apenas os títulos de propriedade dos seus bens de raiz. É de notar que os seus rendimentos, antes da sua anexação à fábrica da paróquia (1780), excediam em muito os da igreja paroquial.

“Pela documentação antiga, vemos que a velha ermida tinha dois Prazos principais, com seus subalternos, e uma terra de forma triangular, sita entre o Poço do Chão e o caminho da Correia. Levava três alqueires de trigo e em 1783 rendia 1\$140 réis pagos pela Senhora de Agosto. Esta propriedade tinha o nome «Dos Arneiros».

O primeiro prazo, junto do adro da igreja velha, constava de casas térreas e sobrados, divididos em três propriedades com uma terra mística que antigamente tinha quatro oliveiras, uma amoreira e alguns ulmeiros. Confinava a nascente com outro prazo da ermida, a poente com a Estrada do Tojal para Val Tareja e a sul com o adro da igreja.

Dele existia uma escritura de renovação em três vidas, feita a Vicência Pedrosa, viúva de Lourenço Francisco, em 1761, na qual consta que o dito Lourenço tinha comprado este prazo a Francisco de Melo e sua mulher Maria de Jesus, por escritura feita em 1 de Julho de 1740, sendo a sua natureza de prazo em vidas, foreiro à Irmandade do espírito Santo de Benfica, por 333 réis anuais. Desta escritura consta que o mesmo Lourenço Francisco, com licença da Irmandade, tinha subinfiteutizado parte da propriedade a José da Costa, ficando ele como enfiteuta principal. Também dela consta que, tendo nomeado sua mulher, Vicência Pedroso, na verba do testamento com que falecera, esta sua viúva requerera à Irmandade do

^{CII} Outra das igrejas que terá sido construída na transição para o século XIV, como assinala Felicidade Alves, a sua história é totalmente desconhecida até ao momento.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Espírito Santo a mercê da renovação, a qual lhe fora concedida mas com o aumento do foro para 440 réis anuais.

O segundo prazo estava situado por detrás da igreja velha, e já desde tempos antigos dividido num principal e num segundo subalterno.

O grande constava de casas baixas e sobrados e uma terra de pão, junto às mesmas casas, confinando de nascente com a Azinhaga que ia para Val Tareja, do poente, com as casas térreas do prazo pequeno e do sul com a igreja velha.

O prazo pequeno constava de cinco casas térreas que confrontavam com as do prazo grande pelo nascente, pelo poente com o prazo de Lourenço Francisco e do sul com o adro da igreja velha.

Dele aparece uma escritura de renovação em três vidas, feita por despacho da Mesa da Confraria do espírito Santo, e datada de 22 de Julho de 1757.

Dela consta que por morte do enfiteuta Padre Manuel Ferreira, seu irmão Amaro Ferreira requerera à Confraria o senhorio directo e renovação do prazo por 400 réis. Foi-lhe concedido em três vidas”

(Proença, 1964: 115-116).

Em 1703, entre

“o juiz da Irmandade, os oficiais da fábrica da igreja paroquial, o cura e o povo de Benfca por um lado, e D. Maria de Oliveira, viúva de Paulo Bem Salinas, dona das casas junto ao templo, foi lavrada uma escritura na qual se vê que a ermida necessita de grandes reparações e arranjo a que a dita viúva se obriga desde que lhe seja dada licença para abrir uma porta de comunicação da sua casa para ela e possa ter na sacristia um «caixão» particular, destinado à guarda dos paramentos do seu capelão”

A administração da ermida passou da Irmandade para a fábrica da igreja paroquial: por decreto do Cardeal Patriarca Silva, de 30 de Janeiro de 1780, a irmandade do SS.mo tomou posse, como fabriqueira paroquial, de todas as alfaias e bens móveis e imóveis da ermida (que só efectuou em 1782).

Também, por escritura de 25 de Fevereiro de 1785, a Irmandade do SS.mo passou a ser administradora e usufrutuária das próprias casas de Benfca, junto ao adro da paroquial, que primitivamente eram foreiras da ermida. Cinco anos antes (1780) ainda nela se fez uma festa com três padres de altar, três cantores e um pregador; custou a festa 14\$650 réis.

Em 1800 já não passava de um velho pardieiro, de tal modo arruinada que nem pensar se podia em nela celebrar a santa Missa. Em 1831 ainda a Irmandade lhe mandou fazer uma porta nova “por estar na última e indecente” a velha que já mal servia para fechar.

Em 1832, a Irmandade pagou 8\$790 réis, por causa do “Furão” (?) e “pela delapidação da ermida do Espírito Santo”, “e porque as testemunhas não disseram a verdade”. O Autor da obra que estamos seguindo, não conseguiu descobrir a que é que isto se refere...

Ainda em Dezembro de 1855, a Irmandade do SS.mo mandou fazer ligeiros arranjos na ermida do Espírito Santo.

Nos princípios do século XX, dos restos da velha ermida só estavam de pé as paredes-mestras, que serviam de cocheira.

No lugar de Benfca, onde agora é a Travessa do Vintém das Escolas, entre a Estrada de Benfca e o Largo Ernesto da Silva, era antes a Travessa do Espírito Santo.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DO SANTO ESPÍRITO DA CHARNECA** ^{CIII}**Século XIII – XIV (?)**

Mencionada por João Brandão de Buarcos, entre as ermidas que não são curadas: Santo Espírito da Charneca (Vd. BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 115).

O *Sumário*, que se circunscreve ao âmbito da cidade de então, não a menciona.

Conjectura-se que remonte ao século XIII/XIV, por analogia com as ermidas do Espírito Santo (v.g. de Carnide, Benfica, etc.), que então se difundiam.

^{CIII} Tratar-se-á de mais uma capela dedicada ao culto do Espírito Santo, das várias que se sabe terem sido construídas um pouco por todo o termo de Lisboa (e região Oeste) na Baixa Idade Média, mas não se conseguiu encontrar mais informações a seu respeito.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO RESTELO, OU NOSSA SENHORA DA “ESTRELA”^{CIV}

Século XIII [?]

O sumptuoso Mosteiro de Santa Maria de Belém para os Monges Jerónimos foi erguido ao redor duma igreja (ou ermida) edificada por volta do ano de 1459 pelo Infante D. Henrique com o mesmo título de “Santa Maria de Belém”, e então doada aos Freires da Ordem de Cristo.

No entanto, já ali existira antes, no sítio do Restelo, uma Ermida: e o Infante teria, ou feito construir e edificar de raiz uma nova igreja no lugar da ermida, ou mandado reconstruir inteiramente o templozinho anterior; ou reparado e aumentado a ermida já existente. Os documentos existentes dão base para qualquer desses cenários.

Um documento oficial da autoria dos Monges Jerónimos de Belém, datado de 1804, declara que “no lugar aonde agora está a porta principal do Mosteiro, existia de tempo antigo a pequena Ermida invocada a Estrela, para servir de luz aos Navegantes, para entrarem sem perigo a barra de Lisboa, com o andar do tempo se mudou o nome de Estrela em Restelo, e a mãe de Deus continuou a ser ali venerada com o título de Senhora do Restelo ou das Estrelas”.

Parece até que o próprio lugar é que tinha o nome de “A Estrela”, nome que foi comunicado à Ermida, conforme diz Frei José de Siguenza, em 1605.

Quanto à data da fundação inicial da Ermida, pouco sabemos. Já lá estaria por ocasião da expedição de Ceuta, em 1415. Mas deve remontar a muito maior antiguidade. Já em 1295 é referido “o porto do Restello” por Rui de Pina, contando como as galés e frota de guerra do Rei D. Fernando III de Castela vieram à costa de Portugal e entraram no porto do Restelo, onde tomaram as naus de Portugal carregadas de mercadorias, e as levaram. Não sendo verosímil que uma povoação com intensa vida portuária estivesse privada de um lugar de culto, por mais elementar que o imaginemos, conjecturamos que a Ermida do Restelo remontava ao século XIII. Teria então o título de Nossa Senhora do Restelo, ou eventualmente o título de Nossa Senhora da Estrela.

Bibliografia

Sobre o assunto, Vd. o estudo *O Sítio do Restelo e a sua Ermida Medieval de Santa Maria de Belém*, da autoria de José da Felicidade Alves, manuscrito elaborado em 1991.

^{CIV} Alves, 1994: 477 chegou a publicar parte do texto aqui mencionado. A invocação da ermida à Senhora da Estrela, a sua função de lanterna dos navegantes e a pretensa localização no sítio onde hoje se ergue a porta principal do mosteiro são hipóteses que têm merecido diferentes interpretações a vários investigadores, embora a maioria reafirme os dados cronológicos conhecidos: antes de 1448, havia sido fundada uma ermida no sítio de Belém (Muchagato, 1997: 35), a qual foi ampliada nos anos seguintes (veja-se a nota CXXVIII). Na Bibliografia, o autor remete para uma monografia sobre este templo que, de acordo com os coordenadores desta edição, consta da lista das obras que já estavam no prelo algum tempo antes da sua morte na Editora Livros Horizonte (cf. Espólio Felicidade Alves, depositado na Fundação Mario Soares). Esta obra, no entanto, nunca chegou a ser publicada nem foi devolvida à família.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

☉ **ERMIDA DE SANTA BRÍGIDA** ^{CV}**Século XIV (início)**

Era o nome com que vulgarmente se designava a Ermida de São João Baptista e São Mateus, transformada em igreja paroquial (Vd. Pereira e Rodrigues, 1909: vol. IV, 579).

Santa Brígida era natural de Lisboa e foi martirizada pelos “bárbaros” no 1º de Fevereiro do ano 518. A sua cabeça conservou-se como relíquia...

Ora sucedeu (diz a lenda) que no reinado de D. Dinis vieram a Lisboa três cavaleiros irlandeses, trazendo a preciosa relíquia. O monarca mandou-a para o Convento de Odivelas, que então se andava construindo. Apesar de a jornada não ser longa, os cavaleiros descansaram no caminho; e neste intervalo a cabeça de Santa Brígida desapareceu milagrosamente. Trataram logo de a procurar, e foram descobri-la no alto de um pinheiro que estava junto à ermida ou igreja do Lumiar. Um dos cavaleiros subiu ao cimo da árvore para alcançar a devota relíquia; porem o prior da freguesia opunha-se a que a levassem: a vontade divina estava bem expressa naquele milagre, e seria gravíssima injúria atentar contra um facto tão extraordinário. Os três cavaleiros, porém, desejosos de cumprir a ordem do Rei, seguiram para Odivelas e entregaram a relíquia à abadessa do Convento que D. Dinis fundara. O milagre repetiu-se: a cabeça de Santa Brígida tornou a desaparecer e a ser de novo descoberta no Lumiar. Então todos se renderam...

A igreja do Lumiar ainda hoje conserva uma lápide comemorativa deste acontecimento, a qual se vê colocada na face externa de uma das paredes laterais (pelo menos ainda assim era em 1909). “A relíquia está encerrada num relicário de prata, num altar consagrado à mesma santa” (Pereira e Rodrigues, 1909: vol. IV, 579).

O Rei D. Dinis, conhecedor de que os habitantes dos arredores se dedicavam aos trabalhos do campo, e que para isso lhes seria mister o auxílio de animais, concedeu-lhes alguns bois, cabras e carneiros, para o desenvolvimento da região. Daí nasceu uma feira anual, que se efectua a 2 de Fevereiro.

A antiga capela de Santa Brígida (à esquerda, reentrante), com duas paredes revestidas de azulejos historiados: os do fundo, do século XVIII, com passos da vida de São João Baptista; os da direita (de 1934), reproduzindo os primitivos, com cenas da vida de Santa Brígida. As pinturas do tecto desta capela eram do século XVIII, da autoria de Jerónimo Branco Ferreira.

João Brandão de Buarcos (1552), ao fazer o elenco das igrejas paroquiais de Lisboa, menciona a igreja paroquial de Santa Brígida do Lumiar (Vd. BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 114).

^{CV} Sobre a igreja paroquial do Lumiar, veja-se a nota LXXXVI. A lenda da relíquia de Santa Brígida, trazida por três enigmáticos cavaleiros irlandeses, teve outra versão, de que deu conta Sousa, 1982a: vol. II, 95-96: os cavaleiros, chegados a Portugal em 1283, teriam deixado a relíquia voluntariamente no Lumiar. As religiosas de Odivelas «não se conformaram com a perda de tão preciosa dádiva», requereram que a relíquia fosse todos os anos ao mosteiro de Odivelas e, certo dia, negaram-se a restituí-la ao seu local original. A relíquia desapareceu então misteriosamente e voltou a aparecer à porta da paroquial do Lumiar. Desse episódio conserva-se uma inscrição do século XVII, no exterior da capela de Santa Brígida. A partir de meados do século XVI, registou-se uma grande campanha de obras, tendo sido, na altura, redescoberta a suposta relíquia.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO FUNCHAL, NA AMEIXOEIRA ^{CVI}

Século XIII/XIV (?)

1. Na origem desta ermida está uma lenda: o aparecimento de uma imagem de Nossa Senhora (sem o Menino), no meio de uma funcheira ou funchal [= local onde crescem funchos, isto é, uma planta medicinal também chamada “erva-doce”].

Não consta por quem, nem como, nem quando, foi achada a imagem. Muito vagamente, Frei Agostinho de Santa Maria (1707: vol. I, 424) diz: “Refere-se que aparecera esta santa Imagem, não muito distante do lugar aonde se lhe edificou a igreja, em que hoje é venerada. (...) Apareceu entre uns funchais, e por esta causa a invocavam em seus princípios Nossa Senhora do Funchal; e com este título foi buscada e venerada por muitos anos; depois lhe deram o título da Encarnação...”.

No *Dicionário* de Américo Costa (1929: vol. I, 303) diz-se mais: “no tempo da expulsão dos mouros, foi achada entre uma funcheira, e foi o sítio tão natural em produzi-las, que deram o nome a todas as fazendas, que se continuam até ao lugar do Lumear, e no adro eram tantas, que nos anos de 1680 os oficiais da confraria da Senhora da Encarnação as fizeram extinguir”. E a seguir explica: “Não consta do cartório desta igreja por quem foi achada esta imagem da Senhora; porém ouvi que, questionando os Mouros à saída do lugar com os cristãos, pelejaram até ao sítio do marco, que hoje é quase o meio do lugar e então (era) arrabalde do outro, e nele viraram os mouros costas; e, imaginando os católicos que eles se emboscavam mais adiante, os foram seguindo e procurando: e que então acharam a imagem da Senhora na Funcheira”. Frei Agostinho de Santa Maria opina que, a quem apareceu, “poderia ser algum simples pastorinho ou pastorinha, porque muitas vezes achamos que estes, por cândidos em suas almas, foram dignos de lograr semelhantes favores”.

2. No lugar onde apareceu a Senhora, que está dentro na igreja, se lhe erigiu uma ermida.

Colocada a imagem na ermida, teve o nome de Nossa Senhora do Funchal até aos anos de 1541; e por se não se achar com o Menino, se celebrava a sua festa em 25 de Março (festa da Anunciação, ou Encarnação).

“Achada aquela preciosa margarida da sagrada imagem da Senhora, e colocada na ermida, vindo tantos a festejá-la pelos benefícios que dela recebiam, logo se instituiu uma confraria com algumas pessoas ilustres, a qual (confraria) tinha o título de Nossa Senhora do Funchal” (Vd. Costa, 1929: vol. I, 303).

^{CVI} O estranho orago de Senhora do Funchal tem sido explicado lendariamente através da descoberta casual de uma imagem mariana debaixo de umas «funcheiras», algum tempo depois da conquista de 1147 (Santos, 1994: 62). Esta mesma autora deu crédito a uma outra lendária versão acerca da instalação de um contingente templário em 1098, a que se teria associado um instituto assistencial, cuja existência é admitida por Salgado e Salgado, 1994: 443, porém sem mais dados. Autores mais recentes têm situado as origens da freguesia apenas no século XV (Santo, 1997), inserindo-a no vasto leque de aparições marianas quatrocentistas. No século XVI, a freguesia passou a ter por orago Nossa Senhora da Encarnação e, em 1541, autonomizou-se da do Lumiar. A história da igreja no século XVI foi particularmente estudada por Sousa, 1982: vol. I, 89-94.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Ou com o título de Nossa Senhora do Funchal, ou da Encarnação, teve a Santa imagem muitos devotos, “que de várias partes concorrem a venerá-la em aquela Casa: e em todos os trabalhos e enfermidades que padecem, acham na sua piedade remédio e alívio, como o testemunham muitas memórias que pendem das paredes da sua Casa, assim de quadros e mortalhas, como de vários sinais de cera, pernas, braços e cabeças. E se o descuido dos que lhe assistem não fôra tão grande, para fazerem memória das muitas maravilhas e milagres que tem obrado; e não estivera tão distante da Cidade, sem dúvida fora servida ainda com maior culto e devoção” (Santa Maria, 1707: vol. I, 424).

3. Em dada época (diz Américo Costa que foi pelos anos de 1541...) mudou-se o título, de Nossa Senhora do Funchal, para Nossa Senhora da Encarnação. “Também não se sabe a causa porque se impôs este fermoso título; crê-se que, vindo algum Prelado visitar aquela igreja, achando que o título do ‘Funchal’ não era muito próprio, que com esta consideração mandara se invocasse com o título de Encarnação” (Santa Maria, 1707: vol. I, 424). Ou, porque a sua festa se celebrava a 25 de Março, festa da Anunciação ou Encarnação, daqui se tomou motivo para mudar o título.

A imagem da Senhora é de estatura grande, de 5 a 6 palmos de estatura [+/- 1,20m]; é vestida, e está com as mãos levantadas. “Seu rosto é tão belo, de tão rara formosura, e conserva tão fresca a encarnação, que parece rosto de pessoa viva, e não há memória, ainda no século passado, seu rosto fosse encarnado por mão de pintor em tempo algum” (Costa, 1929: vol. I, 303).

4. Antigamente – antes do século XVI, já – a igreja era anexa à freguesia de São João do Lumiar, que é da apresentação das Abadessas de Odivelas.

Daqui se pode conjecturar com fundamento razoável que já devia ser Ermida no tempo do Rei Dom Dinis. Portanto, remontaria ao século XIII ou XIV.

5. “Não se deraõ por fatisfeitos os moradores da Ameixoeira, de que a Igreja que elles havião reedificado, foffe annexa, & subordinada à de São João do Lumiar; & affim alcançaraõ da Sé Apostolica hum Breve (que guardão no feu archivo) por onde fazia izenta aquella Igreja da fogueiçaõ da do Lumiar; concedendolhe o privilegio de apresentarem o Parocho, que he o Cura daquella Igreja; por que não fó a expenfas proprias levan-táraõ a Igreja, mas a fabricaõ de tudo o que lhe he neceffario, & pagaõ ao Cura, & acodem a tudo o mais do culto, & ferveiço da Senhora.” (In Santa Maria, 1707: vol. I, 425)

Vd. Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Encarnação – séc. XVI [1541]

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ IGREJA DO MOSTEIRO DOS CAVALEIROS DE SANTIAGO, EM SANTOS ^{CVII}

Século XII [1194] → ♀ c. 1239 →

1. Como se disse atrás, pelos anos 1148 D. Afonso Henriques mandou construir, em honra dos Três Santos Irmãos Mártires, Veríssimo, Máxima e Júlia, um templo no sítio conservado pela tradição como sendo o local do martírio, ou sepultura, dos Três Santos.

O Rei D. Sancho I († 1211), determinando partir com os cavaleiros da Ordem Militar de Santiago para a conquista de Alcácer do Sal, fez doação da Igreja dos Santos aos Freires e Comendadores da dita Ordem¹⁷.

Estes aí residiram nalgumas casas contíguas ao templo, edificadas ou por eles ou pelo Rei.

Uma antiquíssima Inquisição, sem data, mas que João Pedro Ribeiro considera do reinado de el-rei D. Afonso II, atesta que os Freires de Santiago possuíam em Santos um Mosteiro com duas vinhas, além de um pomar de limoeiros, e uma boa almoínha na Hortanavia, e um figueiral, e salinas; e uma vinha em Beirolas, e outra em Arroios¹⁸.

A igreja é mencionada na Inquirição Particular (entre 1211 e 1230): “ecclesia de sanctis, Fratrum milicie sancti Jacobi”, como situada “in circuitu villae”.

2. Ali permaneceram os Cavaleiros de Santiago, até ao ano em que foi ganhada aos Mouros a Vila de Alcácer do Sal (1217), para onde passaram os Freires, fixando a sede no castelo da vencida Salacia. Tendo conquistado depois a Vila de Mértola (1238), para lá passaram os mesmos cavaleiros de Santiago; finalmente fixaram-se em Palmela, onde já se haviam estabelecido antes, que ficou sendo até ao fim a cabeça da Ordem.

¹⁷ Ver infra anexo com a transcrição do documento de doação deste templo aos Cavaleiros de Santiago.

¹⁸ Em Castilho, 1893: Livro V, 583:

“In Sanctos unum Monasterium cum duabus vineis; et in Orto-navi citralem, et bonam almoninam, et ficulneum et salinas;... - depois fala de uma vinha in Veirolas et aliam in Arroios. Pág. 13 do Apenso às Memórias para a história das Inquirições dos primeiros reinados em Portugal – por João Pedro Ribeiro”.

^{CVII} O templo e as propriedades que já lhe estavam associadas foram entregues por D. Sancho I à Ordem de Santiago em 1194, embora a primeira referência à igreja pareça datar apenas da centúria seguinte (Silva, 2008: 265). A história do empreendimento na primeira metade do século XIII é largamente desconhecida. É provável que ali se tenha instalado uma comunidade reduzida de frades espatários, à qual se terá juntado, em 1233, um grupo de freiras, procedentes da vila de Arruda (Sousa, 2006: 484). O convento ficou apenas feminino a partir de 1238-1239, quando a sede da Ordem se instalou em Mértola.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. Pela saída dos Freires da Casa de Santos, quando a cabeça da Ordem passou para Mértola (depois de 1238), o Grão-Mestre D. Paio Peres Correa mandou para este Mosteiro de Santos as viúvas e parentes próximos de muitos, as quais, ao tempo em que os cavaleiros andavam por fora, pelejando contra os Mouros, já ali costumavam recolher-se do mundo, e viver em comunidade.

Vieram elas de um outro mosteiro da mesma Ordem, situado na Arruda. Assim, passou a Igreja a pertencer ao Mosteiro das Comendadeiras de Santiago, de Santos.

Vd. Igreja do Mosteiro das Comendadeiras de Santiago, em Santos [-o-Velho] – c. 1239.

ANEXO

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO DE DOAÇÃO AOS CAVALEIROS DE SANTIAGO

Na Torre do Tombo [Livro dos Corpos. fl. 151] encontra-se este importante documento de chancelaria, transcrito em Castilho, 1893: Livro V, 577-578:

“In dei nomine Quoniam consuetudine quæ pro lege suscipitur et legis auctoritate didicimus quod facta regum et principum scripto commendari debeant ut commendata ab hominum memoria nom decidant præterita præsentialiter consistant: iccirco. Ego Sancius Dei gratia Portugalensis Rex una cum uxore mea Regina Domna Dulcia et filiis et filiabus meis facio cartam donationis et perpetuæ firmitudinis vobis Domno Sancio fernandi Magistro militiæ Sancti Jacobi et Domno Suerio Roderici Commendatori de Palmella et Domno Christophoro Priori et Fratibus vestris præsentibus et futuris de illa nostra hereditate et de illa nostra domo quæ dicitur Sanctos, quam Pater meus Rex Domnus Alfonsus felicitis memoriæ edificari fecit ad honorem Sanctorum Martyrum Verissimi Maximæ et Jullia, quorum corpora ibi resquiescunt. Damus vobis pro amore Dei et Beatæ Virginis Mariæ et pro remissione peccatorum nostrorum et pro bono servicio quod nobis fecistis et facietis, et pro amore amici nostri Magistri Domni Sancii, supradictum locum cum omnibus terminis suis videlicet cum vineis et hortis el salinis et fontibus, et pascuis cum omnibus hereditatibus suis ad edificandum ibi monasterium ubi sit conventus clericorum vestri Ordinis, et ad sepulturam vestram, unde magnum defectum habebatis, maxime faciendam. Et Concedimus vobis et omnibus sucessoribus vestris ut ea habeatis jure hereditario in perpetuum. Quicumque igitur hoc nostrum factum vobis et cunctis sucessoribus integrum observaverit sit benedictus a Deo. Amen. Qui vero aliter fecerit maledictus sit ab eo qui cuncta ex nichilo creavit. Facta carta donationis et perpetuæ firmitudinis apud Ulixbonam. In era M^a CC^axxxij. Kalendas Februarii. Nos supranominati Reges qui hanc cartam fieri mandavimus coram testibus subscriptis eam roboravimus, et hæc signa manibus nostris fecimus + + + + + (Selo rodado, em cuja circunferência se lê:

Rex Dominus Sancius.
Regina Domna Dulcia.
Rex Domnus Alfonsus.
Rex Domnus Petrus.
Rex Domnus Fernandus.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Regina Domna Sancia.)

Qui afuerunt.

Gonsalvus Menendi maior domus curiæ conf.

Petrus Alfonsi conf.

Gonsalvus Gonsalvi conf.

Rodericus Menendi conf.

Martinus Valasquiz signifer Regis conf.

Johanes fernandi dapifer Regis conf.

Martinus fernandi conf.

Rodericus fernandi prætor Ulixbonensis conf.

Sueris petri conf.

Gonsalvus froihaz conf.

Martinus bracharensis archiepiscopus conf.

Martinus portugalensis episcopus conf.

Petrus colimbriensis episcopus conf.

Johanes lamecensis episcopus conf.

Nicolaus visensis episcopus conf.

Suarius ulixbonensis episcopus conf.

Pelagius elborensis episcopus conf.

Suarius suarii testis.

Petrus suarii testis.

Giraldus pelagii testis.

Julianus Notarius curiæ scripsit.”

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO, DA CIDADE** → ^{CVIII}**Fundação** séc. XIII: 1217**Ampliação** 1246**Reedificação** 1528

É chamado “da cidade”, para o distinguir de outro de religiosos da mesma invocação de São Francisco, em Xabregas.

1. Nos princípios do século XIII, quando o santo Frei Zacarias vinha de Coimbra para Lisboa com tenção de fundar convento nesta dita cidade, o retardou na sua vila de Alenquer a Infanta Dona Sancha e lhe embargou os passos, mandando-lhe dizer que não lhe negasse a consolação que teria de o ver e lhe falar, já que passava tão perto do lugar em que ela assistia. Tanto se satisfiz a Infanta com o trato e conversação do bom Frei Zacarias, que não lhe permitiu passasse à fundação do convento de Lisboa sem primeiro lhe deixar feita outra naquela sua vila. Obedeceu o frade. E como a arquitectura e medidas da obra eram condizentes com o espírito de pobreza e humildade, a fábrica do novo convento, tendo principiado no ano de 1216, nesse mesmo ano estava tão adiantada, que o frade logo partiu para Lisboa, deixando no novo convento dois religiosos de alguns que tinham chegado de Itália.

2. Eram já muito desejados em Lisboa, de forma que era quase supérflua a Carta de el-rei D. Afonso II que traziam de Coimbra, recomendando ao governo da cidade assistisse com todo o favor aos ditos religiosos.

O governo da cidade deixou-lhes a escolha do sítio para a fundação, que veio a ser um monte despovoado e apartado da cidade, a poente, que tinha o nome de Monte Frágoso, de-

^{CVIII} Não é lícito inferir-se que, logo em 1217, se tenha iniciado a construção de uma exígua igreja, substituída por outra, mais espaçosa, a partir de 1244, como também admite Sousa, 2006: 274. Como sustentou José Mattoso (cit. Vilar, 2000: 230), o exemplo eremítico de São Francisco de Assis terá motivado a fundação de comunidades de escassos recursos, instaladas em condições modestas. Nada se sabe acerca da igreja gótica, que se supõe ter seguido o mesmo modelo das igrejas mendicantes de Santarém, o núcleo melhor preservado do país. A igreja terá sido concluída ainda no século XIII, pois logo em 1310 há menção ao claustro e à Sala do Capítulo, obras financiadas pelo tesoureiro régio João Moniz (Calado, 2009: 116). A construção do claustro deve ter ocorrido ainda na primeira década do século XIV, pois data de 1307 o epitáfio de D. Estêvão Anes, porteiro-mor de D. Dinis falecido em 1304 (Barroca, 2000: vol. II, 1328-1331). Os três anos que separam a data da sua morte e a inscrição funerária associada ao túmulo onde foi sepultado podem estar relacionados com a eventual construção do claustro, não estando a obra suficientemente avançada para acolher os restos mortais daquele nobre logo em 1304. Juntamente com D. Estêvão Anes, ter-se-á feito sepultar sua mulher, tendo ambos os túmulos as imagens em relevo, a crer no relato de Fr. Manuel da Esperança (1656-1666), que ainda os viu. Também no claustro de São Francisco escolheu sepultura a filha do casal, D. Elvira Esteves, em túmulo com a sua efígie em relevo, mas de que se desconhece a data (Barroca, 2000: vol. II, 1991-1992). Também de carácter funerário era a Capela de São Luís, instituída na primeira metade do século XIV (antes de 1340), e onde se fez sepultar a sua fundadora, D. Constança Eanes Palhavã (Silveira, 2007: 200). Há ainda a informação de o bispo de Lisboa, D. Lourenço Rodrigues, falecido em 1364, ter escolhido S. Francisco para sua sepultura, em moimento de pedra que levou sete semanas a ficar concluído (Saraiva, 2005: 421 e 438).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

vido à aspereza e precipícios circunvizinhos que o rodeavam, quer pela parte por onde corre o rio Tejo, quer pelo lado do oriente, onde era a povoação da cidade. Naquele lugar não havia outro edifício mais do que o da pequena igreja de Nossa Senhora dos Mártires, fundada por D. Afonso Henriques.

Foi doado aos religiosos um espaço muito largo, que mais tarde foi sendo reduzido. Assim, quando o Duque de Bragança D-. Jaime, pediu aos religiosos que partissem com ele de parte da cerca claustral, logo eles lhe concederam a parte que era a melhor que a cerca tinha e a mais conveniente para o paço que era morada da Casa de Bragança. Esta doação teve efeito nos princípios do ano 1500. O sítio começou então a nomear-se Horta do Duque...

A construção teve seu princípio no ano de 1217.

3. Contrastando com a largueza da doação feita pela cidade, para fundação do seu convento, revelou-se o espírito de pobreza e de humildade dos religiosos, manifesto no pouco espaço que de tão largo sítio escolheram para a fábrica do convento.

Traçaram-no em tudo tão limitado que, tendo começado no ano de 1217, já em 1244 se fabricava outra igreja, porque a primeira, de tão pequena e apertada, não tinha capacidade para receber os muitos ouvintes que a devoção a ela trazia.

Do mesmo modo se foi alargando o convento, por se ter aumentado o número de seus moradores^{CIX}.

4. Apesar de tudo, era tão limitado o mosteiro e a igreja, que, não o podendo sofrer o ânimo do Rei D. Manuel, determinou este ampliar a igreja, fabricando um grandioso templo. Foi nisso estimulado o rei, por ver introduzida no convento a reforma da Observância, que ele tanto desejava e que viu começada no ano 1517, ou seja trezentos anos depois da primeira fundação da igreja e convento.

^{CIX} A construção da muralha fernandina fez com que a igreja e a cerca conventual passassem da sua posição inicial fora de portas e de costas voltadas à cidade, para um estatuto de pleno direito no interior do perímetro urbano. O convento teve grande importância como centro intelectual: em 1382, a sua escola adquiriu o estatuto de *studium generale* e, em 1453, foi equiparada a universidade (Sousa, 2006: 274). Como aconteceu com outros templos lisboetas, também este atraiu a devoção de eremitas e reclusos. Foi o caso de João da Barroca, castelhano referido por Fernão Lopes, a quem D. João I mandara pedir conselho, «por a grande nomeada que pella cidade corria deste frei» (cf. Fontes, 2007: 262).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

É de evocar aqui um caso muito bonito, relativamente á vizinha igreja de Nossa Senhora dos Mártires, que remetemos para a nota¹⁹.

Vd. Igreja do Convento de São Francisco da Cidade – 2ª – 1518 ss.

Bibliografia

ESPERANÇA, Manuel da – Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal. Primeira parte, que contem seu principio, & augmentos no estado primeiro de Custodia. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1656 (vol. I), 1666 (vol. II), 1705 (vol. III), 1709 (vol. IV), 1721 (vol. V). 5 vols;

História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa, ed. de Durval Pires de LIMA, tomo I, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950.

¹⁹ “E porque a magnificencia com que elle [Rei D. Manuel] queria fabricar o novo templo [do convento de São Francisco da Cidade], era de algum obstaculo à igreja de Nossa Senhora dos Martyres, que ficava proxima à igreja antiga dos religiosos onde El Rey queria edificar a nova, determinou de mudar a freguesia dos Martyres pera outro lugar, com animo porém de a melhorar muyto no que era conforme sua grande generosidade. Mas como se havia de derrubar huma igreja, posto que pequena e muyto inferior em tudo ao que hoje [no início do sec. XVIII] he, nam quiz por a sua vontade em execuçam sem a justificar primeyro com a approvaçam da Sé Apostolica. E assim, no anno de 1518, recorreu a Leam X que deffirio benignamente a supplica de El Rey com um breve passado em oito de Junho de 1518. Chegado o breve na forma que El Rey o tinha pedido, sem embargo de ser muito em beneficio da nova fabrica da igreja, comtudo os mesmos religiosos se desagradaram do intento de El Rey, poque era grande o respeito e devoçam que elles e a cidade toda tinha aquella igreja, em que estavam como reliquias recolhidos os ossos de tantos e tam valerosos soldados de Christo que por tirarem a cidade do poder de infieis tinham com zelo e viva fé perdido a vida por esta causa foy a ditta igreja de seos principios consagrada com a invocaçam de Nossa Senhora dos Martyres. Tomada a resolução de conservar no mesmo lugar a igreja de Nossa Senhora dos Mártires, em 1518, foi El-Rei continuando a obra, que não chegou a ver concluída. E assim por respeyto de tam veneravel lugar e por nam parecer se lhe mostravam ingratos, poys à sua sombra tinham começado a sua primeyra igreja e convento, com que se deram por obrigados a pedir por mercê a El Rey nam quizesse usar do breve que tinha alcançado a favor da nova fabrica do templo. Nam desagradou ao piissimo Rey o requerimento dos frades, pelos respeytos em que se fundava, e pello que, depois de vir o breve, julgou se devia ter aquella sagrada igreja em cuja pia, no anno de 1147, se baptizou o primeyro mouro que se converteo depoy de conquistada a cidade.”

(*História dos Mosteiros*, 1950: vol. 1, 53-54)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO MOSTEIRO DA TRINDADE – 1ª CX****Século XIII [1218] → 1560 →**

1. É digna de memória a história da fundação da Ordem da SS. Trindade para a Redenção dos Cativos – “Trinitários” –, obra de São João da Mata e São Félix de Valois; assim como os misteriosos sinais que acompanharam a aprovação da ordem, pelo papa Inocêncio III em Dezembro de 1198.

Igualmente memorável é a narração da chegada a Lisboa dos primeiros trinos, em número de oito, no ano de 1207, a bordo de um navio que os levava à Terra Santa e vinha acosado de tempestade medonha, que o assaltara na Baía da Biscaia. Mal os frades desembarcaram, logo o bispo de Lisboa D. Soeiro Viegas os acolheu, e tentou demover de continuarem a viagem, pois muito teriam de fazer em Portugal, uma das fronteiras da cristandade. Não se resignaram os trinos e pretenderam partir; mas a barca que os trouxera, embora já recolhida a âncora e de velas desfraldadas, parecia estar aferrada ao rio. Mal porém os padres de novo

^{CX} Na Idade Média, o Convento da Trindade parece ter tido duas grandes fases construtivas: a primeira ocorreu após 1218 e a segunda no reinado de D. Dinis, para cuja obra o monarca legou 300 libras em testamento e, na qual, D. Isabel de Aragão se empenhou. Esta última campanha terá sido motivada pela precoce ruína do edifício anterior (como sugere Sousa, dir., 2006: 445), embora seja de admitir a eventual intervenção do frade trinitário Estêvão Soeiro, confessor de D. Isabel de Aragão. A própria rainha terá destinado a capela de Nossa Senhora da Conceição para sua capela funerária, intenção que não se confirmou. O *Catálogo* de 1320-21 registou que o convento havia sido «feito de novo», o que parece comprovar a radicalidade da intervenção dionisina sobre o primitivo conjunto. Terá sido, certamente, a amplitude da obra do reinado de D. Dinis que levou alguns autores a não mencionar a empreitada fundacional de 1218. Marques, 1994: 93, registou que o conjunto foi edificado «na sua maior parte, de 1289 a 1329». Este autor registou ainda outras informações a respeito da igreja gótica conventual, sua estrutura interna e dependências anexas.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

puseram os pés em terra, logo a barca singrou para a barra, obrigando assim maravilhosamente os oito religiosos a ficar em Portugal²⁰.

Pelo bispo de Lisboa foram os oito frades levados a Santarém, onde estava D. Sancho I, que lhes prometeu dar residência conveniente na vila, o que fez começando o mosteiro de Santarém, com albergue e hospital, em 1208.

2. O bom procedimento dos oito padres Trinitários franceses – e dos portugueses que a eles se foram ajuntando – na vila de Santarém, e as boas notícias que chegavam a Lisboa, fizeram com que viessem quatro religiosos para esta cidade, para dar princípio a um novo convento.

Foi no ano de 1218. A tomada de Alcácer do Sal foi em 1217; e a intervenção dos trinitários no cerco e batalhas que levaram a esta segunda tomada, teriam levado D. Afonso II a consentir na fundação do convento em Lisboa.

²⁰ A entrada da Religião da Santíssima Trindade neste Reino, conforme refere a *História dos Mosteiros*, (1950: vol. I, 146-147) foi da seguinte maneira:

“Navegava no anno de 1208 [ou 1207] huma armada de França pera Palestina em socorro da Terra Sancta, e correndo a costa de Portugal, pera passar ao estreito, lhe sobreveyo huma tam furiosa e extraordinaria tempestade, que a todas as naos derrotou, sendo singular entre ellas a ventura de huma, em que vinham embarcados oito religiosos trinitarios, todos da naçam francesa, a qual nao, na mayor força da tormenta (não se sabe como) entrou pella barra dentro, com admiraçam não só dos que vinham na nao, mas também de todos os que da terra a viam entrar com tanta segurança como se não houvera tempestade.

E querendo admirados e curiosos saber que nao fosse a que vinha tam assistida do favor do ceo, procuravam chegar a bordo e inquirir donde vinha a nao, e pera onde navegava, e como, com tempo tam contrario, tinha atinado com a barra, chegando a ancorar tam felizmente no porto.

Pera dar satisfaçam aos que tinham chegado a bordo, fez o capitam da nao chamar ao convez os oito religiosos da Trindade, e, estando elles presentes, disse o capitam pera os que tinham ido da terra:

‘Eis aqui, senhores, aquelles por cujas orações Deos nos livrou de tam perigosa tempestade, e continuando por sua intercessam os divinos beneficios, esperamos nos levará a salvamento à terra da Palestina, pera onde navegamos’. Edificou muyto aos portugueses, que tinham ido a bordo, a modéstia, e composiçam dos oito religiosos, agradando-lhe tambem a novidade de seo habito.

Reparada a nao do necessário, vendo-se com vento e tempo acomodado pera seguir sua viagem, succedeo hum cazo tam estranho como foy que, tendo levantado ancora, e sendo o vento e a maré muy favoravel pera sair a nao, assim como iam sahindo outras sem difficuldade alguma, só a ditta nao estava immovel, sem que velas nem remos nem o reboque, que lhe pretenderam dar, a fizessem mover do lugar em que estava.

Admirado o capitam e os mays que estavam na nao, de hum caso tam estranho, mandaram pedir ao governador da cidade, que a Chronica dos P.P. Trinitários, composta por Frey Diogo Lopes, chama Pedro Alveres, se informase daquelles religiosos, que na nao levavava, qual seria a causa do que experimentavam, porque, como sanctos, e amigos de Deos, o Senhor como a taes lhe teria comunicado a causa de tam extraordinario effeyto. Chamados pello governador os oito religiosos, logo que puzeram o pé em terra, como se a nao só por isso esperava, tomou a carreyra e desembocando pella barra fora, continuou a sua viagem. Com cazo tam novo e nunca visto, ficou a cidade entendendo claramente que o céo pera alguns altos fins, que os homens nam alcaçavam, queria ficassem em Portugal aquelles religiosos, os quaes tambem assim o entenderam, e passando de Lisboa a Sanctarem, por occasiam que pera isso tiveram, deram principio naquella nobre villa ao primeyro convento, que neste reyno houve de Trinitários.”

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Vieram, pois, quatro religiosos: o padre Frei Mateus Eanes, Frei Julião Álvares, Frei Braz de Lisboa, Frei João Vasques^{CXI}.

A cidade de Lisboa mostrou bem o gosto de ter estes religiosos como vizinhos, pois lhes atribuíram um grande espaço, que deu para sucessivamente se construir uma vasta igreja, sacristia, claustro, grandes dormitórios, as mais oficinas do convento... E ainda sobrou lugar muito grande, que os religiosos aforaram, emprazando as diversas pessoas para fabricarem casas, que lhes ficaram foreiras.

3. Os trinos como sua primeira igreja a Ermida de Santa Catarina (Vd. Chaves, 1966: 117-129), anexando-lhe umas casas de morada dos religiosos e outras para os peregrinos. Essa primitiva “igreja conventual” dos Trinos serviu por muitos anos, enquanto não se edificou o novo convento e igreja, o que só iria acontecer depois de 1283.

Era de uma só nave, com menos de 9 metros de comprimento e cerca de 4,5 metros de largo.

4. A partir de 1289 a Igreja do Mosteiro da Trindade foi ampliada. A própria Ordem tomou à sua conta as obras, recorrendo às esmolas de pessoas devotas. Entre estas, merecem o primeiro lugar as esmolas com que concorreu a liberalidade da rainha Santa Isabel, que não só mostrou a sua grande devoção à Ordem nas esmolas que lhe ofereceu para a construção deste convento, mas também em escolher dele para seu confessor o padre Frei Estêvão de Santarém, ou Frei Estêvão Soeiro. Com a princesa colaboraram: o dito confessor da rainha, o alvazil (vereador) de Lisboa Vasco Martins Rebolo, sobrinho do papa português João XXI (Pedro Julião), e o próprio monarca D. Dinis. Não faltou a esmola dos anónimos que de algum modo deviam aos Padres da Trindade o regresso à Pátria. Efectivamente, desde 1208 que muitos milhares de cristãos, mormente portugueses, foram resgatados aos Mouros pelos discípulos de S. João da Mata.

5. O novo templo tinha a porta principal, vazada num portal de bojo, voltada ao poente. Era de três naves, como eram todas as que se construíam naquele tempo em Portugal; e tinha seis tramos de colunas. A planta era de cruz latina, de 58,52m por 45,32m, sendo a cobertura do cruzeiro e das naves de madeira pintada, e da capela-mor de cantaria. A iluminação do templo fazia-se pela rosácea, sobreposta ao arco triunfal da capela-mor, e por vinte e quatro janelas. Um adro com cemitério dava a entrada à porta sul da igreja. O edifício era o maior do seu tempo na cidade. Obviamente, era em estilo ogival.

A antiga capelinha ou Ermida de Santa Catarina ficou integrada na fábrica, consagrada a Nossa Senhora da Conceição, no topo do braço direito do transepto, portanto do lado do evangelho. A Rainha Santa Isabel mandou construir, em 1320, por alma de D. Dinis, uma capela riquíssima dedicada a Nossa Senhora da Conceição: era esta a primeira capela que neste reino se consagrou a este mistério marial, de que a santa rainha era devotíssima. Foi nesta capela que João Escola, cônego de Coimbra e filho de Lourenço Escola, porteiro da Rainha, instituiu a festa da Conceição no 5º dos Idos de Dezembro (8 de Dezembro).

^{CXI} Castilho, ed. 1954: 364 registou outra tradição a respeito destes 4 frades fundacionais: «Frei Martim Anes, Frei Estêvão de Santarém (ou de Santa Catarina), Frei João Franco, e Frei Mendo». A inclusão, neste grupo, de um frade de Santarém parece dar crédito à tradição de que o convento lisboeta teria sido fundado por religiosos vindos de Santarém, cujo convento trinitário remonta a 1207.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

D. Afonso IV deu o padroado desta capela aos Pessanhas, em 1342.

As obras da igreja da Trindade duraram perto de 40 anos. No decurso do século XV a igreja não sofreu qualquer modificação (ao que parece), salvo a capela-mor ter recebido um grande e magnífico mausoléu, para guardar o corpo do almirante de Afonso V e fronteiro-mor do Algarve, Rui de Melo, casado com D. Brites Pereira, sobrinha de Nuno Álvares^{CXII}.

6. Nos meados do século XVI [1551], Cristóvão Rodrigues de Oliveira redigiu esta sucinta notícia sobre o “Mosteiro da Trindade”:

“No Mosteiro da Trindade há dezoito frades. Guardam a regra de santo Agostinho. Chamam-se da Trindade. Há nele quatro capelas de administradores, todas com missa quotidiana. E tem mais outras duas, uma da invocação da Cruz e outra das Chagas. Os padres, por bens que possuem, dizem quatro centas e quarenta e quatro missas rezadas, e algumas cantadas. E nove trinitários e doze aniversários, que têm administradores. Há mais três confrarias: a confraria da Trindade, governada por cordoeiros; a confraria de santa Caterina, governada por oficiais mecânicos; a confraria de santo Antão, governada por pessoas honradas.

Valem as esmolas destas confrarias cento e vinte cruzados. E a renda do mosteiro vale mil. E tem dez servidores.”

Entre as capelas de administradores contavam-se as seguintes: Capela de Nossa Senhora da Assunção. Fundada e dotada por António Carneiro, secretário de estado de D. Manuel e de D. João III, pai do 1º conde da Idanha e instituidor do seu morgado.

A Capela de Santo Onofre. Fundada pela infanta Dona Maria, filha de el-Rei D. Manuel, por ter muita devoção com aquele santo, e dela fez mercê a Gaspar Rebelo, criado de sua casa, depois que resolveu construir para seu jazigo a capela de Nossa Senhora da Luz.

A capela dedicada aos Santos Reis Magos. Mandada fazer pelo governador da Índia, Lopo Vaz de Sampaio.

A capela de Todos-os-Santos. Tinha uma confraria instituída pelo padre-mestre Frei Bernardo da Madre de Deus, para os criados e oficiais nobres da Casa Real, em 1570. A esta confraria encomendaram os religiosos do convento o cuidado e a administração da procissão do enterro do Senhor, que se fazia desde tempos antigos, com toda a piedade e devoção em 6ª feira santa, na forma como a instituíra o padre-mestre Frei Bernardino de Santo António. Foi fundadora desta capela, a condessa de Linhares D. Filipa de Sá, mulher do conde D. Fernando de Noronha.

^{CXII} Em 1451, D. Afonso V concedeu esmola de 4000 reais, acto que poderá estar relacionado com a instituição de panteão na igreja conventual de seu almirante e fronteiro-mor do Algarve, Rui de Melo. A capela funerária localizava-se no lado da Epístola da capela-mor e o túmulo era acompanhado por extenso letreiro epigráfico, transcrito por Xisco Tavares e publicado por Castilho, ed. 1954: 386, a partir de um apontamento de Anselmo Braamcamp Freire. Este nobre, que foi também camareiro-mor do infante D. Henrique, esteve ao lado de D. Afonso V na Batalha de Alfarrobeira e, subindo este ao trono, confirmou-o no cargo interino de almirante. Faleceu em Portimão, em 1467 (cf. dados biográficos compulsados por Moreno, 1980: vol. II, 863-866).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Havia ainda a capela de Nossa Senhora da Piedade e Chagas de Cristo^{CXIII}. Nesta capela erigiu Frei Diogo de Lisboa uma confraria para os homens do mar, em 1493, que passou depois para a igreja das Chagas, em 1542, que o mesmo Frei Diogo fez edificar (Vd. *História dos Mosteiros*, 1950: cap. V).

7. Para localizar de um modo grosseiro a posição desse templo, aceite-se que se situava na esquina da rua (actual) Nova da Trindade, para onde ficava a porta principal, e a rua da Trindade.

8. Esta igreja medieval (gótica) foi muito atingida pelos dois grandes sismos de 1531 e 1551, que causaram no edifício tais danos que quase se fez de novo todo ele. As obras de reedificação iniciaram-se em 1565 (?).

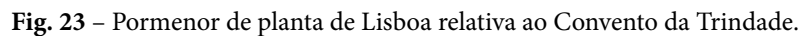
Vd. Igreja do Convento da Trindade – 2ª – século XVI [1565ss]

Bibliografia

História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa, ed. de Durval Pires de LIMA, tomo I, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950, cap. V e 499-508.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *O Carmo e a Trindade: subsídios para a história de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1939

^{CXIII} Outra informação dá conta que a instituição da Capela das Chagas ocorreu em 1482 e ali se fixou a freguesia de um grupo de mareantes ligados à Carreira da Índia (Silva, 1943, republ. 1954: 253). A versão recolhida por Felicidade Alves é a mesma que mereceu crédito a Araújo, 1938-39: vol. III, 53.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO DOMINGOS, AO ROSSIO** ^{CXIV}**1ª Fase: Século XIII [1242] - 1531 →**

Nota prévia: Este convento e a sua igreja tiveram uma história muito complexa: sofreu várias transformações arquitectónicas, e diversas calamidades; e apareceu ligado a dramáticos acontecimentos da vida nacional. Dedicaremos a este monumento três artigos conforme as épocas que mais o afectaram:

1ª fase: desde a sua fundação em 1242 até ao terramoto de 26 de Janeiro de 1531.

2ª fase: desde o terramoto de 1531 até ao terramoto de 1755, período fértil em intervenções de reconstrução e embelezamento.

3ª fase: desde o terramoto de 1755 até ao grande incêndio de 13 de Agosto de 1959.

1. A Ordem Dominicana foi introduzida em Portugal por Frei Soeiro Gomes, mais tarde Provincial da Província Hispânica. Era ainda vivo o fundador da Ordem, São Domingos de Gusmão (1170-1221).

Graças à protecção das duas irmãs de D. Afonso II, as beatas Branca e Sancha (esta última, senhora de Alenquer), os Dominicanos construíram um humilde cenóbio nos arredores de Alenquer, na serra de Montejunto, em 1218.

A segunda casa da Ordem foi criada a rogo da infanta D. Branca, em 1219, nos subúrbios de Coimbra; três anos depois, em 1222, era transferido para Santarém, para o arrabalde de Monjirás, o convento de Montejunto.

^{CXIV} A decisão de fundar o convento ocorreu ainda em 1241, embora a primeira pedra tivesse sido lançada somente no ano seguinte. Felicidade Alves supôs que o cenóbio tivesse passado por duas fases na primeira metade do século XIII, mas o mais natural é que as obras, iniciadas em 1242, tenham decorrido de forma ininterrupta até 1259. Com efeito, a obra deve ter andado a bom ritmo, uma vez que, em 1249, ter-se-á associado à porta que ligava a igreja ao claustro uma inscrição comemorativa da construção do convento. Desse letreiro, que terá sido destruído pelo terramoto de 1755, conservam-se as leituras de Duarte Nunes do Leão, Frei Luís de Sousa e Frei António de Brandão. Tratava-se de uma inscrição notável, das escassas versificadas na nossa Idade Média e dava conta de que D. Afonso III teria fundado o convento de S. Domingos, gastando avultadas somas na sua construção. Como realçou Barroca, 2000: vol. II, 848, a epígrafe destinou-se a glorificar a acção de D. Afonso III, o rei que havia dilatado o reino de seu pai «ignorando o reinado de seu irmão, como é compreensível no contexto histórico em que se concebeu o letreiro». No mesmo sentido deve interpretar-se o silêncio sobre a verdadeira fundação de São Domingos de Lisboa por D. Sancho II, em 1241, atribuindo-se a D. Afonso III todos os louros desta emblemática fundação mendicante na capital. Cedo a nova casa dominicana começou a atrair a atenção de nobres e eclesiásticos da cidade para aí receberem última morada. Do ponto de vista epigráfico, o primeiro testemunho dessa intenção data de 1276 e referia-se ao enterramento de Pedro Peres, cónego das Sés de Santiago de Compostela e de Lisboa (Barroca, 2000: vol. II, 994-997). Ao contrário de instituir sepultura numa das catedrais às quais se encontrava ligado (na Sé de Lisboa é possível que tenha sido ele a instituir a capela de Santa Eulália), preferiu sepultar-se no convento dominicano, tão agraciado por D. Afonso III e D. Dinis.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Junto de uma antiquíssima ermida dedicada aos santos Mártires São Félix e Santo Adrião, e a seus companheiros, em Chelas, criara-se desde cerca de 1154 um convento de Hospitalários, instituído por D. Afonso Henriques e confirmado pelo neto em 1219: decorridos dois anos sobre a fundação de São Domingos de Monjirás (Santarém), D. Afonso II faz doação aos pregadores do edifício e ermida de Chelas, nascendo assim o Mosteiro de Religiões do título de São Félix, sob orientação dos dominicanos (Vd. Cacegas e Sousa, 1866: parte I, livro I, cap. XII, 53-54; cap. XVII, 79-80; cap. XX, 101-102, 114 ss).

2. O Mosteiro de São Domingos de Lisboa começou nos princípios de 1242. Quando em 1241 o Provincial dominicano, Frei Gil de Santarém, se propôs fundar um mosteiro da sua Ordem em Lisboa, encontrou no rei D. Sancho II a maior boa vontade e naturalmente recursos para levar avante o propósito: parece que os Dominicanos haviam tomado o partido do Rei nas discórdias entre ele e a nobreza e alguns prelados portugueses...

Não estava em Lisboa por esse tempo o seu Prelado, Aires Vasques: juntamente com o arcebispo de Braga e o bispo do Porto, tinha ido a Roma a chamamento do papa Gregório IX, que se propusera reunir um concílio na Páscoa de 1241. Estava porém em Lisboa um “bispo estrangeyro”, o Bispo de Ratisbona. Autorizado pelo Cabido de Lisboa e a rogo de D. Sancho II, o dito bispo de Ratisbona lançou a primeira pedra do mosteiro, no Campo de Corredoura.

A autorização do Cabido, do 8º dia das Calendas de Novembro de 1241 e do 5º dia dos Idos de Fevereiro de 1242, consta da certidão publicada por Frei Luís de Sousa e passada em 7 das Calendas de Abril, em Santarém, por mandado do referido bispo de Ratisbona. Eis um trecho do dito instrumento comemorativo da fundação do mosteiro:

“Dei gratia Regensis Episcopus universis præsentis literas inspecturis salutem in Domino. Cum essemus in Ulisbonensi Diæcesi constiluti, Dominus Rex Portugalix precibus apud nos institit, speciales nobis literas destinando, ut in quodam loco circa civitatem Vlisbonensem qui dicitur Corredoura, vbi Monasterium Ordinis Fratrum Prædicatorum construere proponebat primarium lapidem poneremus...”

(*História dos Mosteiros*, 1950: vol. 1, 480).

As obras do mosteiro demoraram pouco tempo, pois o edifício monumental era apenas térreo, sem grande fábrica; e a igreja era modesta, de harmonia com o modesto cenóbio. Quando D. Sancho II morreu no exílio de Toledo († 1248), estava a obra concluída, como se infere do testamento do Rei.

3. Passados sete anos sobre a fundação, isto é, em 1249, D. Afonso III, já então Rei, reforma o templo (e o convento). As obras ficaram concluídas em 1259. O templo erguido era (diz-se) majestoso. Sobre tais obras, vejam-se as inscrições comemorativas, conservadas por Frei Luís de Sousa (Vd. Cacegas e Sousa, part. I, livro II, cap. XX, 215-216; cap. XXIII, 225; cap. 27, 360-363; cf. Sousa, 1940: 123, nº 305).

Fez mais D. Afonso III. Por testamento de 23 de Novembro de 1271, dotara a igreja com duzentas libras; e doara-lhe largas terras baldias que circundavam o mosteiro pelo Norte, Nascente e Sul, que nesses tempos eram ocupadas por telhais e fornos, ferragiais e hortas; atravessadas de Nordeste para Sudoeste por um estiolado rego de água. Quer dizer: os terrenos chãos até à Betesga actual, Praça da Figueira e Mouraria; e os da encosta de Sant’Ana, em ambas as vertentes. Tudo passou a logradouro do convento. Pelo andar dos tempos, todo o pedaço ao sul do mosteiro foi conhecido por Horta dos Frades.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Aquele local ficava próximo das portas da cidade, chamadas Santo Antão (devido a uma ermida existente um pouco a norte, onde hoje é o Largo da Anunciada), por onde corria a estrada da Corredoura, pouco mais ou menos a actual Rua das Portas de Santo Antão. Ali existia uma ermida, chamada ermida de Nossa Senhora da Corredoura que depois ficou conhecida por Nossa Senhora da Escada. A igreja do convento ficou encostada e como que abraçada à ermida.

4. Concluído o mosteiro e a igreja em 1259 no Campo da Corredoura, logo passadas umas dezenas de anos tornaram as obras ao templo e ao convento.

Edificou-se a capela dos Santos Reis Magos, mais conhecida por capela de São Dinis, homenagem popular ao monarca que promovera a construção. E reconstruiu-se parte da casa conventual.

O Rei D. Dinis fez mercê aos Padre de São Domingos da esmola anual de 10 libras, que foi confirmada por Afonso IV em 1326^{CXV}.

O notável projecto régio do Hospital Real de Todos os Santos ocasionou negociações com a Comunidade de São Domingos.

“Antes de 1492 D. João II entrou em negociações com o Prior e Padres de S. Domingos para alcançar a horta onde viria a construir-se o Hospital Real de Todos os santos, dando

^{CXV} A intervenção dionisina no convento de São Domingos não foi admitida por Sousa, dir., 2006: 381, mas a verdade é que existiram obras ao tempo daquele monarca. O conjunto foi enriquecido com algumas capelas privadas, conhecendo-se duas patrocinadas pela influente família Palhavã. Em 1306, João Eanes Palhavã II e sua mulher, Sancha Peres, refundaram a capela de S. João Baptista (Silveira, 2007: 198 e 209, nota 19), onde o pai daquele cidadão de Lisboa, João Anes Palhavã I, recebeu sepultura a 27 de Abril de 1310 (Barroca, 2000: vol. II, 1370-1372 registou a inscrição que estava associada ao túmulo). Poucos anos antes, o claustro do convento fora escolhido por outros distintos membros da família Palhavã para derradeira morada: Martim Pires de Palhavã (falecido em 1279) e sua mulher, Maria Soares (ali sepultada em 1296). Ao monumento funerário associara-se também uma filha do casal, Teresa Martins, falecida em 1290. João Anes Palhavã seria sobrinho em segunda geração de Martim Pires, de acordo com os dados genealógicos recolhidos por Barroca, 2000: vol. II, 1132. O triplo túmulo contém longa inscrição gótica que alude ao patrocínio de D. Maria Soares para a constituição da capela funerária dos Palhavã e diversos melhoramentos no convento (especialmente a conclusão do claustro), o que prova terem ocorrido obras naquele instituto no tempo de D. Dinis, mas não necessariamente custeadas pelo monarca. Outros enterramentos célebres foram registados em S. Domingos, como o de D. Afonso, filho de D. Afonso III, senhor de Portalegre, nobre cuja história está intimamente ligada à resistência que protagonizou, no Alto Alentejo, contra a autoridade de seu irmão, D. Dinis. Faleceu em 1312 e foi sepultado no coro da igreja dominicana. Em 1343 (11 de Novembro), foi a vez de ali se sepultar D. Sancha Peres, mulher de D. João Anes de Palhavã II, em túmulo com jacente acompanhado por inscrição (Barroca, 2000: vol. II, 1651). Também no século XIV, mas no adro, foi enterrado um tal Lopo Gomes, cuja inscrição se conserva no Museu Arqueológico do Carmo (Barroca, 2000: vol. II, 1992-1993) e da qual Sousa, 1936: 15 disse ter estado associada a uma cabeceira de sepultura aparecida durante escavações realizadas no adro mas, hoje, em parte incerta. A mais importante realização relacionada com D. Dinis era a decoração da Capela dos Reis Magos (também conhecida por Capela de D. Dinis), onde o monarca havia patrocinado um retábulo dedicado a Nossa Senhora com o Menino, mas que continha a representação dos encomendadores, em especial a rainha Santa Isabel com o seu filho primogénito, futuro D. Afonso IV (Marques, 1994: 95).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

em troca ‘certos moios de trigo e cevada e certas casas’. Não dizem os autores o valor desses bens móveis e imóveis; o mesmo não sucede com a doação feita por D. Manuel e datada de 22 Agosto de 1502. Vê-se desse instrumento real que o mosteiro cedera «toda a horta e um celeiro com sua manga» e recebera propriedades da coroa que rendiam de foro anual catorze galinhas e mais de 25 mil réis em dinheiro; a sinagoga da Judiaria pequena, junto à Torre de S. Pedro de Alfama, cinco moradas de casas na rua da Tinturaria, na Judiaria grande, uma na rua das Olarias, perto do cemitério dos judeus, outra ainda na mesma rua junto da barroca do cemitério e uma terceira na mesma rua. A cadeia dos Judeus, na Judiaria grande, no beco da rua do Poço da Fotea, uma loja na mesma Judiaria, ao canto da igreja de N. Sr.^a da Conceição e outra na mesma Vila Nova, na rua da Gibetaria. Umas tendas na rua da Ferraria dos Judeus, uma casa na rua de S. Nicolau, as casas dos banhos dos Judeus na Gibetaria e ainda outras na mesma rua. Finalmente a casa da sinagoga no Tojal, no caminho que ia para a igreja desse lugar do termo. O rei dava à comunidade a sua inteira posse com a cláusula, ‘para fazer delos como coisa própria’”

(*História dos Mosteiros*, 1950: vol. I, 482)

5. O mosteiro e a igreja sofreram em diferentes épocas muito com as inundações das águas que vinham do Campo de Sant’Ana e do grande vale da Mouraria, principalmente quando as grandes chuvas coincidiam com as marés vivas, porque as águas do mar tolhiam a vazante às águas da chuva, e aquelas saíam da madre, alagando a terra.

Assim, em 4 de Janeiro de 1343, uma cheia espantosa inundou o Rossio e com ela a cerca do mosteiro, causando consideráveis estragos.

Quarenta e um anos volvidos, em 24 de Outubro de 1384, outro dilúvio de águas carreadas de Arroios, tão crescidas e arrebatadas, entrou pelas oficinas do mosteiro, subindo até à altura de quatro côvados e meio [1 côvado = 66cm, portanto 2,97m]. A inundação produziu muita ruína, estragando também uma grande parte dos ornamentos da igreja, livraria e dormitórios.

Passado um século, em 16 de Setembro de 1488, o cano real (que corria por det  rs do convento, para dar saída   s águas) rebentou e a enxurrada atingiu no convento a altura de 10 palmos [2,20m].

O fen  meno repetiu-se com igual intensidade mais tarde, em 1618...

(Vd. Cacegas e Sousa, 1866: vol. I, 364 e segs. e V, 28; Costa, 1868: vol. III, 277; Castilho, 1879: vol. I, 130-131; Oliveira, 1885: vol. II, 357 e 1889: IV, 323; Carvalho, 1949: 22-24 e 259-262; Castro, 1763: tomo III, 311 e seg.; Ribeiro Guimarães, 1874: vol. IV, 136 e seg.; Sacramento, 1929: 43-44).

6. Na igreja de São Domingos, ou no seu Terreiro do Rossio, ocorreram acontecimentos notáveis para a história de Lisboa e do Pa  s^{CXVI}.

No adro da igreja se juntou a nobreza e os mesteirais, para exigir de el-rei D. Fernando que não casasse com a mulher de João Lourenço da Cunha, e desse adro arengou Fernão Vasques aos seus correligionários.

^{CXVI} No século XV, h   notícia de mais capelas privadas associadas ao templo, como a Capela de São Jorge dos Ingleses, ou a Capela do Senhor Jesus, importante elemento devocional no reinado de D. João I.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Foi nesta igreja que o Mestre de Aviz compareceu, por ocasião da revolta popular de 1383, para ouvir o povo, que contestava o seu projecto de ida para Inglaterra.

É defronte do convento que o povo abandona o corpo mutilado e nu do bispo D. Martinho...

No Rossio é queimado vivo um certo Garcia Valdez, que atentara contra o Mestre.

O Mosteiro figura nas alterações que precedem a regência de D. Pedro, cujos partidários o apedrejam por causa de certo frade, muito sabedor e apaniguado da rainha viúva.

Em 1506, dá-se o motim dos cristãos, e a horrível chacina de cerca de 2.000 judeus (15 de Janeiro); D. Manuel, tendo os frades de S. Domingos por responsáveis daquele desatino, manda-os expulsar do convento, conservando-se nele apenas o que tinha à sua conta o culto da ermida de Nossa Senhora da Escada. Os frades regressaram volvidos uns cinco meses.

7. D. Manuel, após o castigo aplicado em 1506 (Vd. § 6), reconhecendo a pobreza das oficinas e das demais instalações que se conservavam térreas, mandou-as derrubar ou acrescentar de dois pisos. Nomeadamente, mandou levantar o dormitório, que ficou voltado para o Rossio.

8. Em 26 de Janeiro de 1531, um violento tremor de terra abalou a cidade e causou graves estragos no edifício do convento, especialmente na igreja.

Escolhemos esta data, 1531, para assinalar a
2ª Fase da Igreja do Convento de São Domingos

Bibliografia

História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa, ed. de Durval Pires de LIMA, tomo I, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950, p. 479-483.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

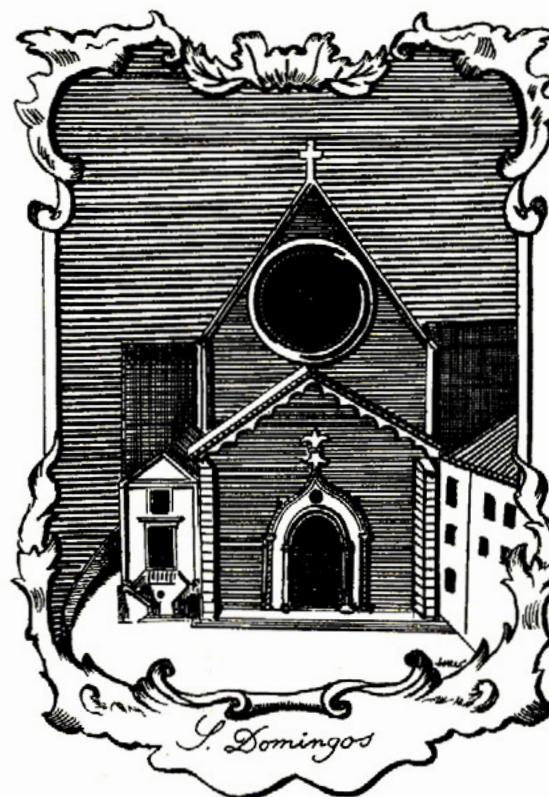
1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



A igreja de S. Domingos e a capelinha da Senhora da Escada; à direita um pedaço da parede norte do mosteiro. Desenho de um pormenor da vista de Zuzarte, da primeira metade do século XVIII

Fig. 24 – Reprodução de desenho relativo à fachada da igreja de São Domingos (*História dos Mosteiros*, 1950: vol. 1, 99).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ IGREJA DO CONVENTO DE SANTO AGOSTINHO, OU DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA – 1º ^{CXVII}

Século XIII [1271] →

Recorde-se a fundação da Ermida de São Gens, às Olarias, em 1147; recorde-se também a transferência desse ermitério para o alto do Monte de São Gens, em 1243, ou Ermida de Nossa Senhora do Monte. Ambos esses cenóbios eram ocupados pelos Eremitas Descalços de Santo Agostinho.

1. Feita a mudança do ermitério velho, na raiz do Monte de São Gens, para o ermitério novo, no alto do mesmo Monte, logo os religiosos começaram a sentir os incómodos do sítio, batido por ventos de todos os lados.

Muitas pessoas da cidade, bem afectas aos religiosos, convidaram os ditos para outro sítio, não muito distante, mas mais vizinho da cidade. Esse sítio chamava-se Almofala.

Para ali mudaram no ano de 1271, uma vez regularizadas as obrigações impostas por escritura de Dona Suzana, aquando da doação dos prédios para a instalação da Comunidade no alto do Monte de São Gens: sendo a principal, que todos os dias se celebrasse na igreja do Monte uma missa por alma da dita Dona Suzana.

A 10 de Fevereiro de 1271 começaram a abrir-se os alicerces para a construção do novo convento, concorrendo para as despesas muitas pessoas devotas. Tratava-se de edificar uma casa capaz de habitação para 40 ou 50 religiosos.

2. O convento era chamado por uns, de São Gens, título que tivera o primeiro domicílio e que os religiosos levaram consigo para o segundo. Outros, chamaram-lhe de Santo Agostinho, visto que era de Eremitas de Santo Agostinho. Este foi o nome que prevaleceu; e este título lhe dá o rei D. Dinis, em uma carta passada em 19 de Setembro de 1302, pela qual toma o convento debaixo da sua protecção.

A mudança do nome, de Santo Agostinho para Nossa Senhora da Graça, foi iniciativa de um Procurador-geral da Ordem, Frei Francisco do Monte Robiano, este solicitava na Corte Romana determinada "graça", que de facto obteve. Para se mostrar agradecido à Virgem

^{CXVII} O ano de 1271 como data aproximada para a instalação dos eremitas de Santo Agostinho no alto da Graça tem sido genericamente aceite, embora seja de ter em mente as palavras de Fontes, 2007: 273, que alerta para o facto de o fundo documental actualmente conservado a respeito deste mosteiro não ir além de 1266. Jorge, 1994b: 430 admitiu que o mosteiro fora concebido para 50 monges e a mesma autora deu crédito à lenda que relatava a descoberta de uma imagem de Nossa Senhora por um grupo de pescadores de Cascais. No século XIV, a construção da cerca fernandina levou a que apenas parte da cerca ficasse intramuros, o que faz com que um trecho da muralha mandada construir por D. Fernando ainda seja visível na massa arquitectónica do antigo mosteiro. Pela mesma altura, «Acerqua do portal da Igreja», se estabeleceu um eremita na transição para o século XV, de nome Vicente, o qual aconselhava muita gente, incluindo nobres e religiosos (Fontes, 2007: 263).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Nossa Senhora, cuja intercessão pedira, e tendo entretanto sido promovido à dignidade de Geral da Ordem, ordenou que os mosteiros que daí em diante se fossem fundando, tomassem a invocação de Nossa Senhora da Graça. E fez também que alguns conventos que já estavam fundados deixassem a invocação que tinham e tomassem a nova, a de Nossa Senhora da Graça. Entre estes estava o Convento de Santo Agostinho, de Lisboa.

3. Ajudou muito a aceitar esta mudança um acontecimento singular. E foi que, tendo alguns pescadores lançado suas redes na vizinhança da vila de Cascais, no ano de 1362, quando as recolheram acharam nelas uma pequena imagem da Virgem Santíssima Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços, imagem lavrada em madeira de cipreste, de rara beleza e formosura *. Alegres os pescadores com tão precioso achado, e desejando que fosse venerada com o culto e reverência que lhe era devida, resolveram de a colocar na igreja do Convento de Santo Agostinho, com o título de Nossa Senhora da Graça. E como o povo tivesse por milagrosa aquela sagrada imagem, começou a concorrer com grande frequência e devoção, que crescia cada dia com muitos milagres que a Senhora obrava em seus devotos **.

Assim se foi consolidando no Convento a invocação de Nossa Senhora da Graça.

4. Cristóvão Rodrigues de Oliveira, no seu *Sumário* (1551), dá deste mosteiro a notícia seguinte:

“O Mosteiro de Nossa Senhora da Graça

O Mosteiro de Nossa Senhora da Graça é de frades de santo Agostinho da correia. Há nele setenta frades professos, e destes são vinte de missa.

Há neste mosteiro treze capelas. Quatro são quotidianas e os padres as cantam; e as outras seis, uma é de são Marçal, e outra de Nossa Senhora da Graça, de muita devoção e esmolas, outra de santa Ana, outra da Assunção de Nossa Senhora, outra do Espírito Santo, outra de santa Mónica. As outras três são de administradores em que os padres são obrigados a dizer certas missas por defuntos que deixaram bens ao dito mosteiro. E destas três capelas, e por outras obrigações que têm, se dizem no mosteiro cada ano duzentas e quarenta missas cantadas, e mil cento e vinte uma rezadas. Há nele três confrarias: uma de Nossa Senhora da Graça, e outra de são Marçal, e outra de santa Ana.

Valem as esmolas delas trezentos e cincoenta cruzados. E a renda do mosteiro vale dois mil e quinhentos cruzados. E há nele dez servidores.”

(Oliveira, ed. 1987: 66).

5. Em 1551 deu-se início a uma reedificação total do convento, de que se tratará na altura própria.

Vd. Convento de Nossa Senhora da Graça – 2 – 1551ss

Desta fase da existência do convento restam-nos:

- uma capela manuelina (1530);

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

- uma sala abobadada, de berço.

Bibliografia

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – Santuario mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora. Lisboa, Officina de Antonio Pedrozo Galraão, 1707 (vol. I-II), 1711 (vol. III), 1712 (vol. IV), 1716 (vol. V), 1718 (vol. VI), 1721 (vol. VII), 1720 (vol. VIII), 1722 (vol. IX), 1723 (vol. X);

COSTA, António Carvalho da – Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens, tomo III, Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1712, p. 251-252.

* A imagem apresentava-se sem a mínima lesão na escultura, ou colorido das roupas. E logo começou a obrar maravilhas, pois que uma menina de peito, que no ajuntamento de muita gente que acudia a ver aquele prodígio, se achava ao colo de sua mãe, articulou vozes dizendo: Esta senhora quer que a levem ao Mosteiro dos seus frades. À vista do que vieram todos em Procissão, e a colocaram no mosteiro de Nossa Senhora da Graça.

** Também o grande Matias de Albuquerque, estando na Índia (foi o 16º vice-rei e 34º Governador da Índia, 1591-1597), foi livre milagrosamente de que o pelouro de um arcabuz o não matasse, invocando esta senhora (Vd. Carvalho, 1712: tomo III, 358).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ IGREJA DO MOSTEIRO DAS COMENDADEIRAS DE SANTIAGO, EM SANTOS [O-VELHO] ^{CXVIII}

Século XIII [c. 1239?] – 1490 →

1. Como dissemos ao tratar da Igreja do Mosteiro dos Cavaleiros de Santiago, em Santos, ao saírem os Cavaleiros para Mértola (c. 1239?), entraram para a Casa de Santos as viúvas e mulheres de maior obrigação dos Freires desta ordem militar, as quais, ao tempo em que eles andavam por fora, pelejando contra os Moiros, já ali costumavam recolher-se do mundo, e viver em comunidade. Vieram elas de um outro convento que a Ordem tinha na Arruda.

Com o andar dos anos, e com as viuvezes e desenganos, vieram muitas destas senhoras recolhidas a afeiçoar-se à clausura, e a professar os votos dos cavaleiros, vivendo sob a Regra de Santo Agostinho; elegeram uma cabeça que as governasse, a que chamaram Comendadeira.

A mais antiga terá sido D. Helena, em 1233.

2. Mas a primeira que terá tido este título de “Comendadeira”, foi uma senhora “ilustre no sangue e na santidade”, Dona Sancha, cuja vida é digna de ser memorada²¹. Esta santa senhora, por particular revelação que teve do céu (uma visão em sonhos, diz a crónica) veio a descobrir o sítio exacto em que estavam enterrados os corpos dos Santos Mártires, e assim achou as santas relíquias destes gloriosos mártires, confirmando Deus esta descoberta com muitos milagres, entre os quais uma notável fragrância, que exalavam seus ossos, de maneira que se gerou grande concurso, não só de portugueses, mas de estrangeiros, que corriam em romaria a visitá-los (Vd. Cunha, 1642: 40v).

3. Em *A Ribeira de Lisboa* (Castilho, 1893: Livro V, 584-585), respigamos as seguintes notícias:

^{CXVIII} A terceira fase do Convento de Santos iniciou-se em 1238-39, mas as primeiras notícias referem-se, apenas, à década de 60 do século XIII, quando a comunidade feminina de Santos foi limitada a 12 freiras. O primeiro documento a mencionar a direcção por uma comendadeira data de 1274 (Sousa, dir., 2006: 484). Cortez, 1994a: 871, por seu lado, admitiu que o mosteiro feminino teve início em 1290, altura em que umas casas doadas por D. Sancho II aos freires de Santiago foram ocupadas pelas mulheres, filhas e viúvas destes. Apesar das limitações económicas impostas pela observância santiaguista, o património das comendadeiras de Santos foi um dos mais importantes na Lisboa baixo-medieval e território envolvente (Mata, 1992). Do conjunto medieval pouco se sabe, mas deveria ser um complexo arquitectónico de grande envergadura, pois, em 1363, dispunha de colégio independente (Sousa, dir., 2006: 484). No final do século XIV o convento foi parcialmente destruído pelas tropas castelhanas. Em 1406, a comunidade terá regressado às antigas instalações, mas parece que este instituto não mais voltou a usufruir do prestígio alcançado no século XIV, vindo a consumir-se a transferência para o convento de Santa Maria do Paraíso em 1490. É provável, ainda, que o processo de transferência tenha sido precedido por uma deslocalização não oficial, em momento não conhecido da segunda metade do século XV, razão pela qual Felicidade Alves admitiu a data de 1475 para essa transferência.

²¹ ver infra o anexo sobre Dona Sancha, Comendadeira de Santos.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

“Da afectuosa consideração dos nossos antigos Soberanos à nobre casa das recolhidas, resta vestígio, já do ano de 1221, quando el-Rei D. Afonso II lavrava testamento. Ao dito mosteiro, que ainda era dos freires de Palmela (quod est fratum de Palmella, palavras textuais) deixa aquele Príncipe cem maravedis por seu aniversário anual ⁽¹⁾.

El-Rei D. Diniz lega-lhe duzentas libras ⁽²⁾.

A Rainha Santa Isabel, cem ⁽³⁾.

A Rainha D. Filipa, nota Frei Francisco Brandão, “tomou sob sua guarda o mosteiro de Santos, e a Comendadeira D. Inez Pires ⁽⁴⁾”.

Enfim, as doações de terrenos ao mosteiro, dos quais ficava sendo ele directo senhor, não foram apoucadas. O extenso chão onde em 1611 veio a construir-se o convento dos Marianos era foreiro às religiosas, e nenhuma das compras a Vasco Fernandes César, a Francisco Soares, etc., senhorios úteis, se poudo realizar sem a prévia e indispensável licença da Comendadeira ⁽⁵⁾.

⁽¹⁾ Hist. Gen. – Provas, tomo I, pág. 53

⁽²⁾ Id. Ibid., pág. 101

⁽³⁾ Id. Ibid., pág. 119

⁽⁴⁾ Mon. Lusit., tomo V, fl. 289 v.

⁽⁵⁾ Frei Belchior de Santa Ana – Crón. dos Carmel., tomo I, pág. 495, col. 1ª”.

4. “Além disso percebe-se, ao compulsar os arquivos genealógicos, a predilecção que as classes aristocráticas mantiveram sempre pelo mosteiro. Sem ir mais adiante, e falando só em vizinhos próximos, mencionarei os Lencastres, que habitavam á Esperança, como se viu no Livro antecedente, e que nesta clausura encerraram no decurso de séculos, muitas senhoras da sua estirpe. Logo, por exemplo, duas filhas do Duque de Coimbra D. Jorge, D. Isabel e D. Joana de Lencastre, ali se recolheram, e viveram exemplarmente ⁽¹⁾; e outras senhoras do mesmo sangue quase Real ali subiram a Comendadeiras, como a notável administradora D. Ana de Lencastre; depois dela sua prima co-irmã D. Brites ⁽²⁾; não esquecendo D. Helena de Lencastre, que no lugar de Comendadeira sucedeu à sua avó D. Ana de Mendonça, e governou até depois de 1578, filha também do Duque D. Jorge ⁽³⁾.

⁽¹⁾ Hist. Gen., tomo XI, pág. 35, 37 e 85.

⁽²⁾ Id. Ibid., pág. 79, 203, etc.

⁽³⁾ Id. Ibid., pág. 34”.

5. É digno de especial menção o facto de ter sido neste Mosteiro das Comendadeiras de Santos que Cristóvão Colon conheceu a sua esposa Dona [Filipa Perestrelo-Muniz].

6. As Comendadeiras permaneceram neste lugar muitos anos. Até que, sendo Comendadeira Dona Violante Nogueira, a Comunidade se transferiu para o lugar de Santa Maria do Paraíso, entre o Mosteiro de Santa Clara e o Mosteiro da Madre de Deus.

Por ordem de D. João II, em 5 de Setembro de 1490, com a Comunidade (se é que esta não tinha já mudado em 1475...), foram transferidos os corpos dos Três Santos Mártires para o novo Mosteiro, com grande pompa; e aí foram metidos em uns cofres de prata, que se colocaram do lado direito do altar-mor, em parte eminente, antepondo-lhe uma inscrição.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

No mesmo dia foram também transferidos os ossos de Dona Sancha.

Vd. ♀ Igreja do Mosteiro das Comendadeiras de Santiago, de Santos-o-Novo – 1490

7. Embora privada do seu mais precioso tesouro, as relíquias dos Três Santos Mártires, a igreja dos Santos – que passou então o local a ser conhecido por “Santos-o-Velho” – continuou a sua história.

Não pode omitir-se um fenómeno que D. Rodrigo da Cunha regista e sobre o qual não sabemos emitir opinião:

"He muito para aduertir o milagre continuo, que testifica a glorio ja memoria do martyrio destes Santos, & he acharemse por todos os lugares vizinhos ao seu sepulcro, hũas pedras pequenas, redondas, com finaes de fangue, & tem hũas cruces muy claras, em forma de rofas (algũas temos em nosso poder). De que os deuotos fazem grande eſtima, & veneração, por receberẽ ſingulares beneficios, & fauores".

(Cunha, 1642: 41)

8. Não sabemos que espécie de obras foram feitas no templo, por ocasião da saída das Comendadeiras.

Em 1566, a igreja foi constituída em sede da paróquia de Santos-o-Velho. A partir daí a igreja tem uma história autónoma em relação ao edifício conventual.

Vd. Igreja Paroquial de Santos-o-Velho ♂ 1566.

∴ Subsiste ainda algo da capela dos Santos Mártires, à direita da galilé da igreja paroquial de Santos-o-Velho. Restaurada em 1919, sobre anterior restauro realizado em 1821, a capela já existia pelo menos no século XV. Ali estavam os restos dos três mártires, encontrados no século XIII/XIV pela comendadeira Dona Sancha (como vimos) e trasladados para Santos-o-Novo.

Na capela subsistente está uma lápide no chão, em mármore rosa, atestando a versão da sepultura dos mártires naquele lugar.

A capela situa-se sobre uma antiga cripta. Um altar de mármore e cantaria, com um painel de azulejos setecentistas, marca o local da entrada da cripta.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ANEXO

SOBRE DONA SANCHA COMENDADEIRA DE SANTOS

Segundo D. Rodrigo da Cunha, 1642: 211v-212v:

“Screuemos largamente na primeira parte desta historia, o martyrio dos gloriosos martyres, Verissimo, Maxima & Julia, cujos cor-pos estão no mosteiro de Santos, & cuja festa celebra esta cidade com grande deuação, ao primeiro de Outubro, dia em que o Martyrologico romano faz também delles mẽção. Ahi nos penhoramos para escrevermos a vida da fanta Commendadeira (affi chamão às preladadas deste mosteiro) Dona Sancha, a qual fabemos foy de nobilissima geração, & tam esclarecida em virtudes, que mereceo lhe descubriſſe Deos o lugar, em que naquella feu mosteiro de Santos o velho (que agora he parrochial) estauão sepultados, que até entam ſe não ſabia. Foy poes o caſo, que defejando esta fantissima matrona alcançar de Deos aquella merce, lha pedio por muitos tempos, com jejūs, disciplinas, oração, lagrimas, vigílias, & outras boas obras, que de contino fazia, até que Deos foy ſeruido concederlha na forma que já diſſemos.

2 Cresceo com ifto a fanta Cõmendadeira na opinião de todos, & obraua a diuina miſericordia por ſua interceſſão tantos, &ram notaeis milagres, que os menores erão dar ſaude a todo o genero de enfermos, que acodião a lha pedir. Tinha porém particular graça para farar de dores de cabeça, virtude, que a inda hoje nela perſeuera, & experimentão os que para esta enfermidade a inuocão, fó com lhe oferecerem tanto de trigo em grão, quanto pôde leuar hũ chapeo, ſe os doentes faõ varões, ou hũa coifa, ſe faõ molheres.

3 Viuendo ainda, & faltandolhe trigo para ſuſtentação de ſuas religioſas, ſe foy com grande fé ao celeiro, em que já não hauia ſenão hũas piquenas alimpaduras, ou varreduras, do que ſe gaſtara pelo maes diſcurſo do anno, & pedindo a Deos lhe déſſe remedio para ſuſtentação de ſuas ſeruas, ſubitamente o achou cheio de trigo eſcolhido, & de maneira, que pela grande copia delle, mal ſe podiaõ abrir as portas. Ficouſe com o que lhe era neceſſario para o reſtante do anno, o maes repartio pelos pobres, q̃ por ſer o anno de grande cariftia, padecião grandes neceſſidades: foy o milagre notorio, não fô em caſa, mas por toda a cidade, que ſabia muito bem a falta, que delle tinhaõ as religioſas, & vio depoes a liberalidade, com que a ſerua de Deos repartia tam grande cantidade pelos pobres.

4 Nada ſabia negar, a quem por amor de Deos lhe pedia eſmola, & quando não tinha à mão outra coufa, daua os proprios veſtidos. A ſobretoalha, que na cabeceira trazia, em lugar de véo, como entam ſe coſtumaua, deo a hũa pobre em certa occaſião, mas o ceo lhe reſtituiu outra de calidade, que logo repreſentaua bem o lugar donde viera, & com ella obraua depoes grandes milagres.

4 Quando fahião ao mar as carauelas, & barcos dos peſcadores, ſe fahião abêdiçoados por ella, era tanto o peixe, de que vinhão carregadas, que alem de fazerê a terra barata: tinhaõ os pobres remedio, affi no que os peſcadores repartião com elles, porque vião dauão niſſo grande goſto à fanta, como no que a ella tambem lhe dauão; porque tomando o neceſſario para as ſuas religioſas, todo o maes, que era em grande cantidade, repartia pelos meſmos pobres.

6 Foy na humildade perfeitiſſima, fugia grandemente da aura popular, & de tal maneira ſe auia entre as marauilhas, que Deos por ella obraua, q̃ nenhũa attribuia a ſeus merecimentos, todas à Virgem Senhora noſſa, aos ſantos Verissimo, Maxima, & Iulia, a quẽ mandaua dar as graças, offerecer doês, & agradecer com outros argumentos particulares, o que pudera parecer

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

obra de sua fantidade. Na penitencia foi fingular, porque, com fer de compreiffão delicada, & fobre maneira gaftada dos jejūs, disciplinas, & outras mortificações, que cada dia inuentaue para fe afligir: já maes despia o cilicio, deixaua de jejuar às quartas, & feftas feiras, a pão, & agoa, comia muito poucas vezes peixe, & carne raramente: sua ordinaria fustentação eraõ eruas mal temperadas, em q̃ muitas vezes deitaua cinza para lhe tirar até o gofto natural, fe algum tinhão, & desta maneira veyo a morrer rica de grandes virtudes, & com grãdes lagrimas de suas religiofas, de toda Lisboa, & do reyno, de que era grandemente amada, pelas grandes merces, que de noſſo Senhor, por feu meyo recebia. Seu corpo fe traſladou para o moſteiro de Santos o nouo. Juntamente com os dos fantos martyres, Veriſſimo, Maxima & Iulia. Nelle viue a memoria de feus exēplos, não sò na boca, mas muito maes na imitação daquellas religiofas. Seguirãoſelhe no cargo de Cômendadeiras, molheres de grande virtude, fangue, & prudencia, & que ſempre mantiuerão aquella caſa na opinião das maes religiofas do reyno. Forão eſtas em Santos o velho, *Dona Mor Paes*, *Dona Maria Pires Varella*. *Dona Vrraca Nunes*. *Dona Ioanna Lourenço de Valadares*. *Dona Ines*. *Dona Leonor de Azevedo*. *Dona Ioanna Telles*. *Dona Leonor Gomes*. *Dona Tareja Correa*. *Dona Brites de Menefes*. *Dona Violante Nogueira*, em cujo tempo ſe mudouo moſteiro para o ſitio, que hoje tem: *Dona Anna de Mendonça*, *Dona Ilena de Lencastre*. *Dona Britis de Lencastre*. *Dona Eyria de Menefes*.

7 Sua memoria de D. Sancha ſe celebra com feſta particular, o primeiro de Nouembro, dia de todos os Santos, por não ſer ainda canonizada, com grande concurſo de toda a cidade. O dia, & anno particular de ſua morte, ſe não ſabe; he porẽ certo, viueo no gouerno do biſpo Dom Domingos Iardo, & reynado delRey Dom Afonſo o 3. & Dom Dynis ſeu filho. Tratão desta fanta Duarte Nunes na diſcripção de Portugal, & frey Luis dos Anjos no jardim das fantas do reyno.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO MOSTEIRO DE ODIVELAS** ^{CXIX}**Século XIII [1294] -**

Era de Freiras da Ordem de São Bernardo (Cister).

1. Este mosteiro teve origem num voto do rei D. Dinis.

“Este monarcha considerava como seu divertimento predilecto os exercicios venatorios, não os monotonos e fatigantes da caça rasteira, ou do ar, mas o de altanería cheio de peripecias e de combates, que tão intimamente se casavam com o espirito guerreiro da epoca e com os costumes e habitos dos principes e dos fidalgos. A lenda, que se conta, diz que estando el-rei D. Diniz em Beja, no anno de 1294, resolveu um dia ir montar para uma serra, algumas leguas distante da cidade. Numerosa comitiva de fidalgos e de creadagem acompanhavam o monarcha, porém este em breve se viu só, porque, deitando a correr atraz d’uma corça, afastava-se com tal velocidade, que a todos os seus perdera de vista. No meio, porém, da carreira, já embrenhado n’uma densa floresta, foi assaltado por um grande urso, que o accommetteu com tanta violencia e tão de improviso, que o lançou por terra, de costas, sem lhe dar tempo a defender-se. O rei, comtudo, não perdeu o animo. Com um supremo esforço de coragem arrancou da cinta um punhal ou faca de matto, e cravou-a no peito do possante inimigo, com tanta fortuna que lhe atravessou o coração, matando-o instantaneamente. A real comitiva chegou quando o soberano acabava de sair victorioso de tão tremenda lucta. No momento solemne do perigo, el-rei fez voto de fundar um mosteiro para religiosas de S. Bernardo, se saísse a salvamento de tão perigoso transe”. (Esteves e Rodrigues, 1911: vol. V, 178).

2. “N’esse mesmo anno de 1294 tratou D. Diniz de dar cumprimento ao seu voto, procurando obter as necessarias licenças eclesiasticas, e mandando apromptar materiaes para a obra. Ultimadas as primeiras disposições, partiu o monarcha para a quinta que possuia em Odivellas, acompanhado da rainha santa Izabel, sua mulher, das principaes pessoas da côrte e do bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães. Achando-se n’aquella quinta já os caboucos abertos, n’elles lançou D. Diniz a pedra fundamental no novo templo e mosteiro a 27 de fevereiro de 1295, com a maior solemnidade. Os trabalhos de construcção correram diligentemente, e ficaram concluidos no fim de dez annos. D. Diniz fez doação do mosteiro

^{CXIX} O mosteiro foi fundado e dotado por D. Dinis a 27 de Fevereiro de 1295, data em que se reuniram todas as licenças eclesiásticas para fundar a comunidade. A lenda acerca da intervenção de S. Luís, bispo de Tortosa, na salvação do monarca das garras de um urso, apesar de admitida por alguns historiadores contemporâneos, tem merecido fundadas críticas, coincidindo as análises mais recentes na exaltação do facto para prestígio e afirmação pessoal do monarca, valores reafirmados pela própria consagração do mosteiro a S. Dinis, seu santo protector (Rêpas, 2007: 233). De acordo com uma informação tardia de Rui de Pina, as obras teriam sido concluídas em apenas 10 anos (opinião aceite por Barroca, 2000: vol. II, 1123). Na segunda década do século XIV, já as obras da igreja estariam concluídas, pois data desse período a constituição da capela de Santo André, por vontade de D. Maria, filha bastarda de D. Dinis, que faleceu, em Odivelas, em 1320 (Barroca, 2000: vol. II, 1395-1398). Sobre o túmulo de D. Dinis, que se exhibe hoje na capela lateral Norte da cabeceira, e o provável túmulo do infante D. João, filho de D. Afonso IV e de B. Beatriz, falecido com apenas um ano de idade (erradamente atribuído a D. Maria Afonso II), vejam-se as conclusões de Fernandes, 2006 e Fernandes, 2009.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ás religiosas de S. Bernardo no anno de 1305; no entretanto, já no dia 1 de março de 1296 ali começaram a residir algumas religiosas com a sua primeira abbadessa D. Elvira Fernandes, segundo affirmava uma memoria antiga do referido convento” (ib.).

3. O risco é do architecto Afonso Martins^{CXX}, que também dirigiu os trabalhos da construção. É o que diz Frei Francisco Brandão (1650: liv. XVII, cap. XXIII, fl. 224), baseado num documento datado de 1324, em que contava que Afonso Martins era “mestre de obra de Odivelas”. Borges de Figueiredo é, porém, de parecer que fora mestre de obra inicialmente Antam Martinz, possivelmnte irmão mais velho de Afonso, que lhe sucederia.

4. “A egreja foi consagrada a Nossa Senhora, S. Diniz e S. Bernardo, mas a S. Diniz é que o povo adjudicou o titulo de padroeiro. Este convento passava por ser o mais grandioso que a ordem de S. Bernardo teve n’este reino, pela majestade do edificio, opulencia de rendas, numero de religiosas, e abundancia de privilegios com que D. Diniz o enriqueceu. Este monarcha fez-lhe amplas doações, e as que confirmou em 7 de fevereiro de 1295 constam do 2.º livro dos dourados do cartorio d’Alcobaca, etc. O referido soberano em 23 de março seguinte lhe fez mercê de o dotar com os padroados de S. Estevão, de Alemquer, com o consentimento da rainha D. Beatriz, sua mãe, a quem elle pertencia, e de S. Julião, de Santarem. Em 1318 lhe annexou mais o de S. João Baptista, do Lumiar, e o de S. Gião, de Friellas. Tambem lhe concedeu por seu alvará, não obstante a lei em contrario, que o convento pudesse herdar os bens das religiosas. Outrosim ordenou por sua alma 7 capellães com o competente rendimento, e que no dia de S. Diniz se dêsse bôdo ao povo que concorresse ali. Por fim fêl-o couto de jurisdição civil com muitas isenções e privilegios que se conservam no Archivo Real, particularmente no 3.º livro da Extremadura a pag. 145. Os annaes do mosteiro contam que nas discordias que se deram entre D. Affonso V e seu tio e sogro, D. Pedro, duque de Coimbra, de que resultou ter morrido D. Pedro na desastrada batalha de Alfarrobeira em maio de 1449, os filhos e a propria mulher do desditoso infante fôram perseguidos, vendo-se obrigados a procurar na fuga a salvação. Sua filha, D. Filippa, apenas com 12 annos de idade, foi acolher-se no mosteiro de Odivellas, e ali permaneceu, vivendo segundo a regra monastica mas sem professor, até que falleceu em 1497. Tambem passou algum tempo neste convento a princeza Santa Joanna, entregue aos cuidados de sua tia, D. Filippa de Lencastre, irmã da rainha D. Izabel, mulher de D. Affonso V”. (ib. 178-179)

^{CXX} Antão Martins (e não Afonso) é o nome que se encontrava gravado num capitel do mosteiro, visto por Figueiredo, 1887: 147 (já descontextualizado do seu local original naquele final de século XIX), mas já não localizado por Barroca, 2000: vol. II, 1123. Na principal obra de architectura religiosa patrocinada por D. Dinis, que o monarca escolheu para sua derradeira sepultura, conhece-se o nome de dois mestres, provavelmente parentes entre si: Antão Martins teria sido o mestre responsável pela definição e construção original, enquanto Afonso Martins (documentado em 1324), teria continuado as obras, presumivelmente nas dependências monacais. Mestre «Anton» aparece também em duas inscrições nas obras dionisinas de Estremoz (Paço da Audiência e Torre de Menagem – cf. Charréu, 1995: 153). O essencial das obras da igreja de Odivelas tem sido situado até 1305 (Dias, 1994: 83; Pereira, 1995: 373). Sobre as parcelas mais utilitárias do mosteiro sabe-se que a Sala do Capítulo estaria certamente concluída em 1340, ano em que a 4.ª abadessa da instituição, D. Urraca Pais de Moles, recebeu sepultura precisamente naquela dependência e cuja tampa ainda se conserva (Barroca, 2000: vol. II, 1615-1620).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

5. “Achando-se a igreja e o mosteiro muito deteriorados pela acção do tempo, no meado do seculo XVII, procedeu-se por ordem de D. João IV a um reconstrucção quasi geral, que fez perder ao corpo da igreja a sua harmonia architectonica. O risco e direcção das obras foi de Fr. João Turreano, architecto e monge de S. Bento. No seculo seguinte, segunda reconstrucção foi ordenada por D. João V, mais para embellezar e engrandecer, do que por necessidade de reparação. A architectura gothica foi tambem sacrificada no corpo da igreja e no coro das freiras. O edificio do mosteiro foi accrescentado com dormitorios novos de tanta capacidade que a comunidade elevou-se a um numero consideravel. A terceira e ultima reconstrucção foi em resultado da ruina causada pelo terramoto do primeiro de novembro de 1755 A capella-mór ficou illesa interiormente, mas na parte exterior sofreu muito. No corpo da igreja abateu uma grande parede da abobada de laçaria de pedra das suas tres naves. Como a ruina da capella-mór apenas prejudicava a conformidade e belleza da architectura exterior, ficou sem reconstrucção. Porém a abobada das naves desapareceu, ou derrocada pelo cataclismo, ou occulta na reedificação sob as camadas de estuque. No mosteiro tambem o terramoto causou grandes destroços, que se repararam. A fachada do templo constitue a parte exterior da capella-mór, que tem a fórma de um meio octangulo, com tres grandes janellas, de arcos de ponto subido, nas suas tres faces principaes. E’ toda construida de cantaria. Julga-se que se erguia aos lados d’ella, um pouco mais recolhidas, duas altas torres que o terramoto derrocou. Um corpo do edificio, tambem construido de cantaria, com uma janella ogival, semelhante ás tres janellas acima citadas, e proximo da porta da igreja, parece que era a parte inferior d’uma das duas torres. Esse alludido corpo mostra na parte superior ruinas que não deixam duvida sobre a sua primitiva elevação. Da outra torre não restam vestigios, pois que no seu lugar se vê uma construcção moderna. A porta da igreja é de estilo gothico, mas simples, e abre-se ao lado da capella-mór, da parte do Evangelho. Serve-lhe como de vestibulo uma extensa alpendrada, sustentada por columnas de marmore, e encostada ao edificio do mosteiro, a qual foi construida em 1573; as suas paredes fôram forradas de bellos azulejos em 1671. Debaixo d’esta alpendrada avultava, meio embebida na parede, uma enorme pedra. Lia-se por baixo a seguinte inscripção, gravada n’uma lapide: «Este pelouro mandou aqui offerecer a S. Bernardo Dom Alvaro de Noronha, por sua devoção, que he dos quom que lhe os turcos combateram a fortaleza Durumuz, sendo ele capitam dela na era de 1557.» Esta data era a da collocação da bala na dita parede, porque o cêrco e combate na cidade de Ormuz a que se refere a inscripção, succederam no anno de 1552. Em 18 de fevereiro de 1893 veio este celebre pelouro para o Museu de Artilharia, onde se admira”. (ib, 179-180)

6. “O templo é de tres naves e de grandes proporções. No corpo da igreja ha quatro altares com retabulos de pintura a oleo. O pavimento é lageas quadradas de marmore branco, preto e côr de rosa, dispostas em xadrez. O coro das freiras faz continuação á igreja, da qual é separado por uma grade de madeira. E’ tão espaçoso que lhe guarnece as paredes vinte altares. A capella-mór não perdeu interiormente as suas feições primitivas, a principal das quaes é de extrema simplicidade na sua architectura, que se casava em intimos laços com a extrema singeleza dos habitos e costumes nacionaes. A abobada é de cantaria artesoadada. As paredes são nuas de ornatos. Levanta-se um throno sobre o altar mór, com ornamentação de talha dourada. Aos lados estavam dois nichos com imagens de santos esculpidas em madeira, e por cima dois quadros de pintura religiosa, attribuidos a Grão-Vasco, bem como outros dois, que adornam a capella-mór. Este quadros fôram ha muitos annos substituidos por outros de pouco valor, sendo os antigos vendidos por uma das abbadessas. Está sepultado n’esta capella

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

o infante D. João, filho de D. Affonso IV, fal. sem ainda ter um anno. Aos lados da capella-mór estão duas capellas ou sacristias que escaparam á acção destruidora dos cataclismos e dos reformadores.

N'uma d'estas está o mausoléo do fundador. O primeiro logar do monumento foi no meio do corpo da egreja, sendo transferido mais tarde para a nave lateral, junto da parede, da parte da Epistola, e porque as freiras se queixavam de que lhes não deixava vêr o alta-mór, tambem d'ali o arrancaram desterrando-o para um logar improprio, por ser acanhado e com pouca luz. N'estas mudanças padeceu o tumulto lamentaveis estragos. O tumulto é de marmore, ou lioz, e tem de comprimento 2m, 62 e de altura 1m,42. A estatua de el-rei D. Diniz, com as vestes reaes ao uso da epoca, tem a cabeça sobre uma almofada, e os cabelos compridos e soltos, a barba crescida, e os pés encostados a um lebreu, que já lhe falta a cabeça. A estatua tem bastantes estragos no rosto, no collo e nas mãos. Junto á cabeça vêem-se os restos despedaçados d'uma figura de bispo, que orava posto de joelhos. Era a estatua de S. Diniz. Com os reparos que se fizeram no tumulto em 1861 desapareceram os restos da figura de S. Diniz, e os concertos que se fizeram na estatua do rei, deram-lhe outro aspecto que muito a prejudicou. As figuras que ressaltam, em meio relevo, do fundo dos nichos, duas em cada um, representam monges da ordem de S. Bernardo, com livros nas mãos, menos os que ficam da parte dos pés e da cabeça. Aquelles empunham um archote e um cofre, e estes não são monges; representam um rei de joelhos deante d'um prelado que está lendo n'um livro. Parece referir-se a el-rei D. Diniz e ao santo do seu nome. São de differente especie os animaes em que descansa o mausoléo. Todos estão mais ou menos mutilados, incluindo o urso, lançado sobre um homem deitado de costas. Todavia reconhecem-se perfeitamente as duas figuras, e que o homem crava uma faca de matto no peito da fêra, junto ás guellas. O tumulto está debaixo d'um docel de velludo suspenso da abobada.” (ib., 180)

7. “O mosteiro de Odivellas foi noutro tempo muito celebrado pela opulencia do seu thesouro em vasos sagrados, e outras peças de ouro e prata do ornato das imagens e dos altares, e do serviço do culto; em paramentos, armações e diversidade de alfaia. Desde D. Diniz até D. João V poucos soberanos deixaram de enriquecer a egreja com valiosas offertas. Infelizmente, o terramoto de 1755 sepultou sob as ruinas da egreja e do mosteiro uma grande parte d'essas preciosidades, dando ao mesmo tempo occasião a que muitas, que escaparam á acção destruidora do cataclismo, fôsem desencaminhadas e para sempre perdidas. Mas não se limitaram a estes prejuizos as perdas d'aquelle thesouro, porque ainda ha talvez pouco mais de 30 annos possuia bastante copia de peças de prata e de paramentos ricos, que serviam nas principaes festividades, porém quando o Estado entrou na posse do mosteiro, pello fallecimento da ultima religiosa, achou toda aquella riqueza reduzida quasi a verdadeira pobreza. No claustro vê-se na parede fronteira ao altar de S. João Baptista um sepulchro, onde jaz D. Maria Affonso, filha bastarda d'el-rei D. Diniz, que foi religiosa d'este mosteiro e n'elle falleceu em 1320, ainda em vida de seu pae. O refeitório, cozinha e mais officinas, são proporcionadas á vastidão do mosteiro, e ao avultado numero de religiosas, que compunham a comunidade na primeira metade do seculo XVIII. Porém, tudo é obra das differentes reconstrucções, que já citámos. A cêrca foi outrora real, e conserva d'aquelle tempo como memoria de seus antigos senhores, a denominação de Vale de Flôres, com que ainda é designado o seu jardim. A cêrca é extensa, e contém bons terrenos. Corta-a e rega-a um ribeiro; tem um grande lago e varios tanques. No edificio installou-se em 1899 o Instituto Infante D. Affonso. (V. este nome, no vol. III, a paginas 986).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

No tempo de el-rei D. João V este convento creou muito má fama, por causa dos escândalos das freiras com os fidalgos seus amantes e com o proprio rei, a quem chamavam o *freirático*, que era assiduo frequentador do convento, entretendo amores com algumas freiras, de quem teve filhos, com especialidade da celebre madre Paula, de quem tambem houve um filho, D. José, um dos tres infantes conhecidos pelos *Meninos de Palhavã*. Os outeiros que se realisavam no convento, em que os poetas improvisavam versos glosando os motes que as freiras lhes mandavam das janellas, eram sempre muito concorridos, chegando muitas vezes ao escandalo.

A' cêrca do convento d'Odivellas póde lêr-se a *Caveira da Martyr*, por Camillo Castello Branco; *O Mosteiro de Odivellas, casos de reis e memorias de freiras*, por J. C. Borges de Figueiredo; *As minhas queridas freirinhas d'Odivellas*, por Manuel Bernandes Branco; *Chronicas de Odivellas*, por Pinheiro Chagas, *Occidente*, vol. IX, de 1886; *O mosteiro d'Odivellas*, por Vilhena Barbosa, no *Archivo Pittoresco*, vol. VI; *As Amantes de D. João V*, por Alberto Pimentel; *Summario de varia historia.*” (ib., 180)

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO MOSTEIRO DE SANTA CLARA – 1ª CXXI****Século XIII [1294]**

1. Este mosteiro de religiosas da Ordem de São Francisco, da Província de Portugal, foi fundado por quatro damas muito nobres: Dona Ignez Fernandes; Dona Maria Martins; Dona Maria Domingas, viúva de Durão Martins da Parada, rico-homem e mordomo-mor do rei D. Dinis; e Dona Clara Annes Soares, filha de João Soares e Dona Margarida. A principal fundadora foi a referida Dona Ignez Fernandes, nascida nas Astúrias e casada com Dom Vivaldo Pandulfo, por pátria genovês, ambos de nobre sangue, naturalizados em Lisboa.

Sendo Dom Vivaldo possuidor de muitos bens, veio a falecer sem ter filhos; deixou a mulher herdeira e senhora de todos os bens. Dona Ignez Fernandes determinou fazer com eles um mosteiro dedicado a Santa Clara.

Recorreu a Roma, impetrando licença para a fundação do mosteiro; e o papa, que era Nicolau IV, em 24 de Agosto de 1288 lhe concedeu, com dependência de aprovação do Ministro Provincial da Província chamada em Espanha de Santiago, a cujo governo eram sujeitas as casas que a Ordem Seráfica tinha em Portugal, requerendo também a aprovação do Custódio de Lisboa e do Guardião do Convento de São Francisco.

Obtidas todas as licenças, tratou-se de buscar sítio para a fundação. Para o qual se escolheu um que ficava por detrás daquele em que depois se construiu a capela-mor do Convento da Trindade. Pondo-se mãos à obra, e não faltando dinheiro para ela crescer, luzia muito pouco o muito que se gastava, com o que se afligia muito Dona Ignez.

2. Diz a tradição que Dona Ignez teve um sonho, que lhe indicava o lugar onde o Senhor queria que se fabricasse o mosteiro, que era o mesmo em que de facto se veio a construir, acrescentando o sonho que em sinal de ser assim a vontade divina acharia uma cruz formada em duas pedras.

Ao acordar, quis logo a devota senhora ir ver o lugar e certificar-se do sinal, o que se confirmou. Logo tratou de comprar uma herdade a Gonçalo Peres, situada no actual Campo de Santa Clara. A obra avançou tão rapidamente que, no dia 1 de Fevereiro de 1292 já o edifício tinha dentro religiosas com o título de Abadessa e Vigária, às quais fez no dito dia da doação a fundadora. Esta não se resolveu logo a vestir o hábito, nem a ficar em clausura: tomou casas próximas ao mosteiro, onde assistia e aplicava-se à obra.

^{CXXI} Castilho, ed. 1954: vol. I: 384 resgatou a tradição mendicante (difundida por Frei Apolinário Conceição no seu *Claustro Franciscano*, 1740: 133) de a capela-mor quinhentista do Convento da Trindade ter sido construída sobre o local onde primeiro se instalaram as freiras clarissas, num período prévio ao seu definitivo estabelecimento no campo de Santa Clara (conhecido na Idade Média por Paraíso). Sobre este templo, veja-se ainda o que se diz nas notas LX e CX. Parece certo que, logo em 1288 (possivelmente por iniciativa de D. Inês Fernandes, a que se tem atribuído o patrocínio da nova casa franciscana), as clarissas ter-se-ão transferido para o actual Campo de Santa Clara, junto a S. Vicente de Fora, dando-se início à construção da igreja em 1294 (Araújo, 1938-39: vol. II, Liv. VIII, 75 indicou que as habitações conventuais estariam concluídas em 1292). Na sua capela-mor foi sepultado D. Vivaldo Pandulfo, marido da fundadora. Na Sala do Capítulo fez-se sepultar, mais tarde, a rainha D. Joana de Castela (Sousa, dir., 2006: 297).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

No dia 7 de Setembro de 1294 foi lançada a primeira pedra para a construção da igreja, pelo bispo de Lisboa, que era D. João Martins de Soalhães, com as cerimónias ordinárias da Igreja, concorrendo a esta função muita da principal nobreza da cidade.

3. A história do mosteiro prosseguiu. De entre os episódios que lhe dizem respeito, refere-se o que trata da célebre imagem da Senhora chamada de Belém, e da nova capela que no claustro do Mosteiro se fundou.

Pelos anos de 1502, tempo em que o convento de Santa Clara aceitou a reforma e se fez da Regular Observância, um sacerdote secular de vida mui exemplar e de conhecida virtude teve um sonho no qual se lhe representava que via nas praias de Belém uma imagem da Virgem, a qual lhe dizia a trouxesse ao mosteiro de Santa Clara, e que por sua intercessão se salvariam muitas almas e que ela livraria sempre aquele mosteiro do terrível mal da peste.

Repetindo-se o sonho segunda e terceira vez, resolveu-se o sacerdote a ir ao sítio que se lhe apontava; e, achando nele a imagem da Senhora, a trouxe ao mosteiro. As Religiosas colocaram a dita imagem em um ninho do dormitório por onde passavam para o coro: mas logo na noite seguinte a foram encontrar no claustro do cemitério das religiosas, ao pé de uma parede. Repuseram-na no dormitório, mas de novo a foram reencontrar no dito claustro. Então mandaram colocar a imagem num nicho, e logo depois numa capela.

4. Em 1551, o mosteiro tinha 100 freiras. E havia nele duas capelas de missas quotidianas cantadas por clérigos, e uma confraria da Ascensão governada por leigos e pelas freiras.

Como a primeira igreja que no Mosteiro de Santa Clara levantou sua fundadora no ano de 1294, fosse feita com muita pressa, e por isso com menos grandeza e perfeição, e embora no decurso dos anos a devoção e o espírito das religiosas fosse melhorando muito a igreja, não se deram contudo nunca por satisfeitas as Religiosas.

E assim, se veio a reedificar uma nova igreja:

Vd. Igreja do Mosteiro de Santa Clara - 2

Bibliografia

História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa (1950-1972), ed. de Durval Pires de LIMA, tomo II, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1972, p. 231-234 e 243ss.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

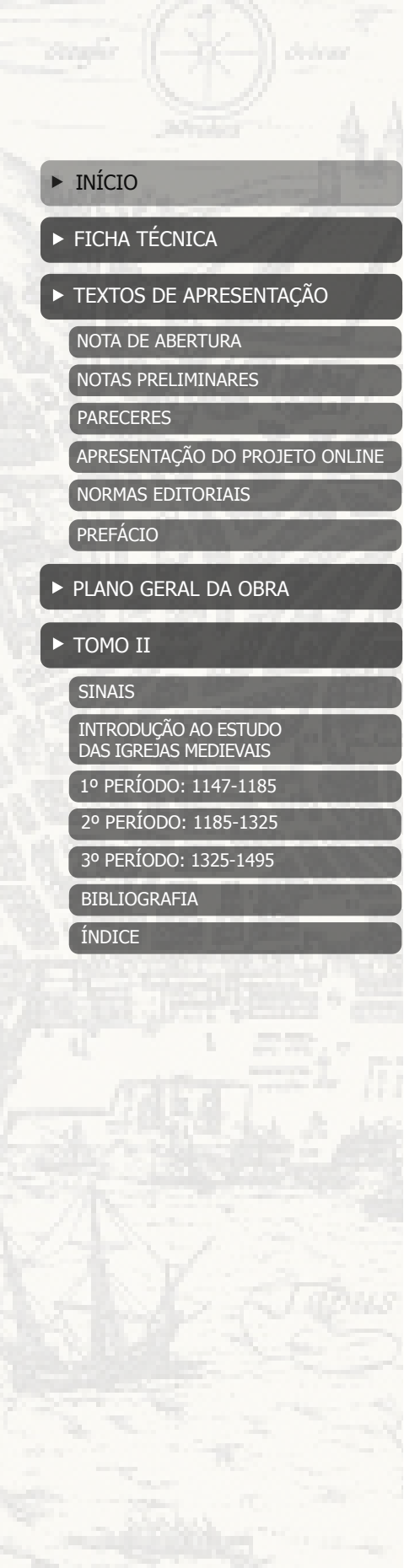
1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3º PERÍODO: 1325-1495

Desde o final do reinado de D. Dinis (1325)

Até ao início do reinado de D. Manuel I (1495)



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

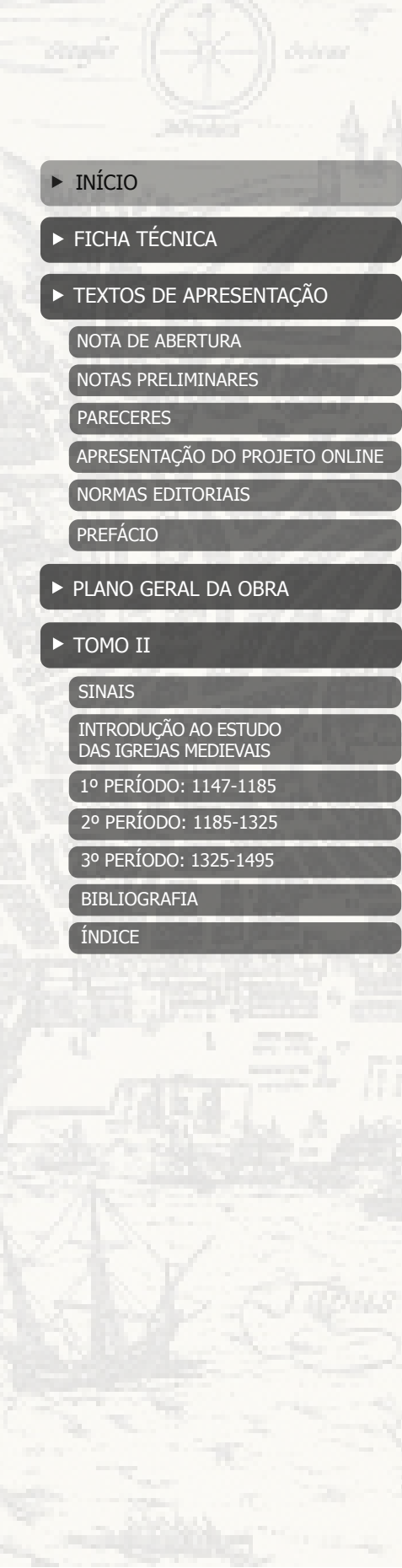
1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



IGREJAS E ERMIDAS DO PERÍODO DE 1325 A 1495

† A Sé de Lisboa – IV – Em tempos de D. Afonso IV (1325-1357) e até ao fim do governo do arcebispo D. Jorge da Costa (1464-1500)

⚪ IGREJAS PAROQUIAIS

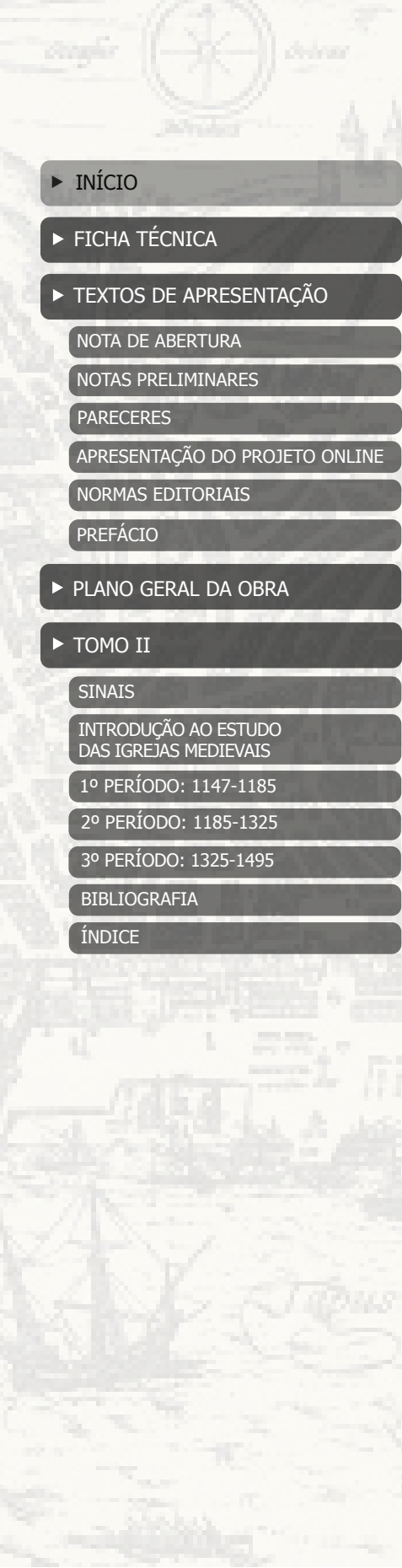
Santa Maria dos Olivais 1385

⦿ IGREJAS DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS NÃO-PAROQUIAIS NEM CONVENTUAIS

Santo Antão, na Courredoura 1400 → 1538 ♀
Capela medieval de Santo António à Sé ant. 1431 → séc. XVI H
Nossa Senhora da Porta de Ferro, ou N^a Sr^a da Consolação ant. 1437 → 1755 †
Santa Maria de Belém, no Restelo 1459 → 1551 ♂
São Sebastião da Padaria c. 1471 → 1755 †
Hospital Real de Todos os Santos 1492 → 1755 †

⊙ ERMIDAS SEM CURA D'ALMAS:

Hospital dos Palmeiros 1330 → 1755 †
Santa Apolónia 1337 (?) → 1718 ♀
Nossa Senhora do Paraíso, à Cruz da Pedra 1366 → 1490 ♀
Nossa Senhora dos Remédios e do Espírito Santo em Alfama Séc. XIV → ✦
N^a Sr.^a da Graça = São Pedro Gonçalves = Corpo Santo 1412 (?)
São Bento de Enxobregas ant. 1446
Nossa Senhora da Luz, em Carnide 1464 → séc. XVI ♂
Espírito Santa, a Cata-que-farás Séc. XV (?)
Nossa Senhora da Ajuda Séc. XV (?) → 1551 ♂
N^a Senhora do Paraíso, à Porta da Cruz 1495 → séc. XIX †
São Sebastião da Pedreira ant. séc. XVI → 1653 ♂
N^a Sr.^a da Palma ant. séc. XVI → 1755 †
Os Anjos ant. séc. XVI (?) →
Santa Bárbara e São Jordão ant. séc. XVI (?) → ?



♀ IGREJAS CONVENTUAIS DE FRADES

Nossa Senhora do Carmo	1423 → 1755 ∴
Santo Elói	1442 → c. 1695 #
São Bento de Enxobregas	1455 → séc. XVII #
Santa Maria de Jesus, em Xabregas	1460 → 1755 †
São Domingos de Benfica	1399 → c. 1630 #

♀ IGREJAS CONVENTUAIS DE FREIRAS

São Salvador	1392 → 1755 †
Comendadeiras de Santiago, em Santos-o-Novo	1490 → séc. XVII #

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A SÉ DE LISBOA – IV ^{CXXII}

Em tempos do rei D. Afonso IV [1325 a 1357] e até ao fim do governo do arcebispo D. Jorge da Costa [1464 a 1500]

3ª Intervenção

Séculos XIV e XV [1325-1500]

Por D. Afonso IV [1325-1357] foi construída, quase desde os fundamentos, a nova capela-mor da igreja, que substituiu a primitiva ábside românica que teria caído pelo terramoto de 1344; igualmente, as novas capelas ogivais da charola, a coroar a dita capela-mor, mas a cortar o claustro românico.

Consta que, arruinada de novo por outro terramoto em 1356, e por um raio, foi a capela-mor reedificada por D. João I. Possivelmente completou-se ou modificou-se, pela mesma época, a torre com lanternim do cruzeiro da igreja, com quatro andares rotos de janelas. D. João I fez de Lisboa Sé metropolitana, desligando-a de Braga (1390). Recorda-se o horrível assassinato do bispo D. Martinho, quando da morte do Conde Andeiro (6 de Dezembro de 1393).

^{CXXII} Tem-se relacionado a intenção de D. Afonso IV em reformular a cabeceira catedralícia com o terramoto de 1344 (Fagundes, 1994: 120; Dias, 1994: 106; Pereira, 1995: 392) ou com o desfecho da Batalha do Salado (1340). Uma opinião mais recente (Fernandes, 2006: 28-29) admite que a obra afonsina estivesse já em marcha em 1332, ano em que João Anes aparece referido como arquitecto responsável por um gigantesco estaleiro activo na Sé. De 1338 seria uma lápide comemorativa da conclusão das obras da cabeceira, referida por Rodrigo da Cunha (1642: fl. 242) e aceite por Barroca, 2000: vol. II, 1568-1571. Na nova capela-mor, no mesmo espaço ocupado pelo túmulo-relicário de São Vicente, fez-se sepultar D. Afonso IV (falecido em 1357) e sua mulher, D. Beatriz (falecida em 1359), atitude que pretendia associar a memória do monarca à do santo padroeiro da cidade, iniciar um novo panteão dinástico e exaltar a vitória obtida pelo rei e seus pares na Batalha do Salado (Fernandes, 2006-2007), reservando as capelas do deambulatório para algumas das mais importantes figuras da época, como D. Lopo Fernandes Pacheco, em cuja capela funerária se guardava a Rosa de Ouro oferecida pelo papa ao monarca. Sobre o original foco de tumulária gótica da catedral lisboeta veja-se Fernandes, 2001. Acerca da figura de Lopo Fernandes Pacheco consultem-se os dados biográficos recolhidos por Barroca, 2000: vol. II, 1706-1709. Não me alongarei nas características artísticas e arquitectónicas da nova cabeceira, matéria demasiado complexa e ainda objecto de discussão, mas importa dizer que a construção se arrastou no tempo e, no reinado de D. João I, não estava ainda concluída, como o comprova a platibanda exterior que coroa as capelas do deambulatório, semelhante à solução encontrada para a cabeceira da igreja tardo-gótica do vizinho Convento do Carmo. Realizaram-se obras também no reinado de D. Fernando, em particular na cabeceira, e datava do seu reinado (1377) o «Sino das Horas», célebre sino lisboeta que continha três inscrições «ao longo de três sequências de anéis concêntricos» (Barroca, 2000: vol. II, 1856-1862).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

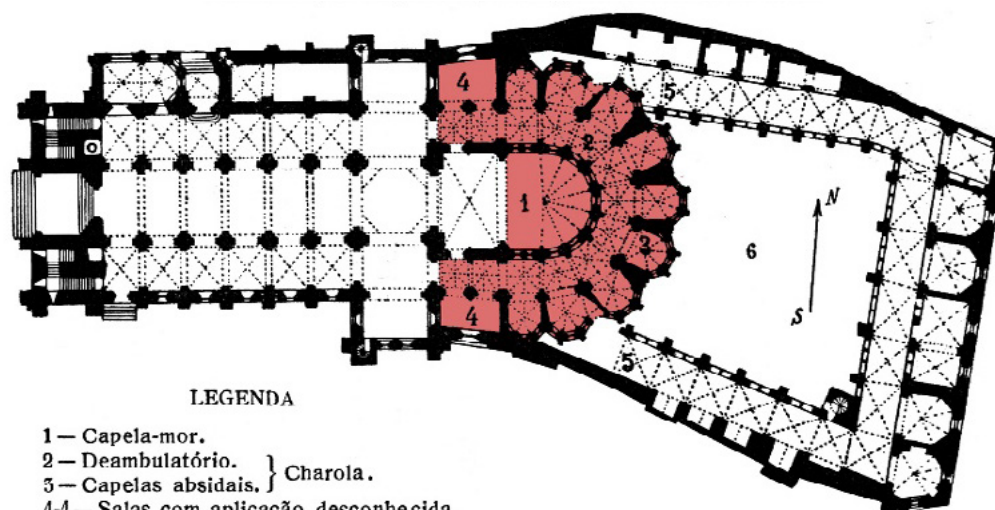
1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



LEGENDA

- 1 — Capela-mor.
- 2 — Deambulatório.
- 3 — Capelas absidais. } Charola.
- 4-4 — Salas com aplicação desconhecida.
- 5-5 — Alas mutiladas do claustro.
- 6 — Pátio do claustro.

Fig. 25 – Planta da Sé de Lisboa nos finais do reinado de D. Afonso IV, em 1367.
Reconstituição conjectural pelo arquitecto António do Couto,
reproduzida de Castilho, 1936: vol. V, 27.

Uma quitação de 1451, passada por um mestre-escola da Sé, revela-nos a presença de um empreiteiro, de nome João Afonso, como mestre-de-obras da capela de São Vicente e das frestas ao redor da capela-mor.

No tempo do cardeal-arcebispo D. Jorge da Costa (1464-1500), deviam ter sido feitas alterações no andar superior das sineiras, ou porventura a conclusão das torres da fachada^{CXXIII}.

^{CXXIII} Já para cá das balizas cronológicas deste estudo, em 15 de Agosto de 1498, fundou a rainha D. Leonor a Misericórdia de Lisboa, que ficou instalada na Capela de Nossa Senhora da Terra Solta (capela do cabido claustral) até 1534, ano em que foi transferida para a Igreja da Misericórdia (actual Igreja da Conceição-Velha).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✠ **IGREJA PAROQUIAL DE SANTA MARIA DOS OLIVAIS** ^{CXXIV}**Século XIV [1385] – 3º quartel do século XVIII** ✧

Desconhece-se a data da sua construção inicial, nem quem a fundou, devendo no entanto situar-se nos fins do século XIV. A paróquia terá sido criada em 1325²².

O templo já existia em 1420. Efectivamente, consta que o seu Prior ofereceu a igreja para habitação dos primeiros Congregados dos Cónegos seculares de São João Evangelista, no ano de 1420, tendo havido antes “muitos priores”. Instalaram-se, pois, ali alguns dos ditos cónegos (Lóios), em 1420 (no tempo de D. João I), que mais tarde passaram a ter o seu convento próprio em Xabregas.

... Mas o prior (não se sabe porquê!) arrependeu-se da doação que voluntariamente lhes havia feito, anulou-a e expulsou-os.

Segundo a tradição, a imagem da padroeira apareceu num olival, dentro da cavidade do tronco duma oliveira: daqui veio o nome à Senhora, e depois à freguesia. Na sacristia da igreja ainda em 1700 se conservava o tronco da referida oliveira, que o vigário de então mandou arrancar.

No ano de 1483, o cardeal arcebispo D. Jorge da Costa uniu a freguesia à Capela de Nossa Senhora da Assunção do Convento de Santo Eloy, ao qual, desde então até 1834, ficaram pertencendo os dízimos desta freguesia. E o reitor deste convento apresentava um vigário, com a cõngrua de 100 mil réis.

A igreja sofreu restauros nos séculos XVI e XVII.

O terramoto de 1755 provocou grandes estragos nesta igreja. Por isso teve de ser quase inteiramente reconstruída no 3º quartel do século XVIII.

Na actual igreja nada perdura que acuse grande antiguidade, ou recorde o primitivo templo quatrocentista, ou sequer denuncie as obras dos restauros que se efectuaram nos sé-

^{CXXIV} Vargas, 2002: 55 registou o ano de 1397 como referência documental mais antiga, tal como Delgado, 1969: 15. Como Felicidade Alves notou, tem sido consensual a atribuição da data de 1397 para a construção da igreja, mas esse ano refere-se apenas à constituição da paróquia. A data que o autor aqui aponta como baliza inferior para a construção do templo (1385) relaciona-se com as quatro cartas de doação com que D. João I engrandeceu o território vinculado à cidade de Lisboa, constituindo o seu termo.

²² Segundo Delgado, 1969: 16, a paróquia foi criada em 6 de Maio de 1397, pelo arcebispo de Lisboa, D. João Anes; confirmada pela bula de 1 de Julho de 1400 pelo papa Bonifácio IX. A igreja dos Olivais era “vigararia”; o reitor do Convento de Santo Elói, ao Castelo, é que apresentava o reitor. Isto, pelo menos desde 1483 (D. Jorge da Costa). Ao convento é que competiam os dízimos da freguesia. Delgado, 1969: 16-17.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

culos XVI e XVII. Apenas a face lateral exterior, do lado norte, guarnecida de contrafortes, e uma galeria interior, em escadaria, contígua à nave do mesmo lado, nos podem fazer remontar ao século XVII.

A igreja é voltada o poente. É antecedida de um adro murado, no qual se ergue um Cruzeiro de pedra, com base lavrada nas quatro faces, e contendo uma legenda datada de 1636.

∴ Frontaria simples, em corpo único. Porta, a nível do adro, sem guarnição trabalhada, e coroada na verga por tímpano raso. Janela iluminante, gradeada, com vidraças azuis. Frontão simples. Torre coroada por sineira. Fachada lateral norte, com contrafortes ou pequenos gigantes de apoio, anteriores à reedificação setecentista.

Interior pobre. Nave única. Tecto de estuque, em arco de cesto, simplesmente caiado. Coro pobre, de madeira. Duas pias de água-benta, em mármore rosa, armoriadas de brasões nobres, diferentes um do outro.

∴ Um altar com colunas salomónicas setecentistas, da invocação de Nossa Senhora de Lourdes. Mais dois altares, nos topos de guarnição idêntica, com as invocações de Nossa Senhora do Rosário (imagem muito antiga) e do Coração de Jesus.

∴ Capela-mor de estuque. Painéis de bons azulejos setecentistas, historiados, figurando cenas da vida da Virgem. Dois quadros representando os Reis Magos e o Nascimento de Cristo.

∴ No altar-mor, com duplas colunas salomónicas; sobre a banqueta a imagem de Nossa Senhora da Assunção (que se supõe ter vindo do Convento de Santo Eloy).

A sacristia tem um revestimento nas paredes com composição inteiriça de talha dourada, envolvendo de cada lado três quadros a óleo, emoldurados e envidraçados, representando S. José, São Caetano, e Virgens Mártires. Nela um altar, com guarnição idêntica à das paredes, em talha estilizada, envolvendo relicários e mísulas. Ali se conserva a antiga imagem, de roca, da padroeira, Santa Maria dos Olivais.

A guarnição da talha da sacristia pertenceu ao convento de São Cornélio, dos Olivais.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

△ **ERMIDA DE SANTO ANTÃO, NA CORREDOURA** ^{CXXV}**Século XIV [1400] - 1538**

Chamamos-lhe “ermida”, apesar de ter sido pertença de uma Ordem Religiosa, por ter sido templo de eremitas.

A Ordem dos Hospitalários de Santo Antão terá sido fundada em 1095. Já existia em Portugal no tempo de D. Sancho II, e é provável que tivesse sido introduzida no Reino nos finais do século XI ou princípios do século XII. Propunham-se tratar os enfermos, especialmente os atacados de lepra ou de outra doença quase tão temida como aquela, à qual davam na Idade Média o nome de “fogo de Santo Antão” ou “fogo de Deus” (uma espécie de erisipela epidémica). Chegaram a ter em Portugal cinco mosteiros.

Este eremitério no vale da Corredoura, que recebeu o nome da Ruas das Portas de Santo Antão, foi fundado em 1400 à custa de uma doação que para esse efeito fizeram João de São Vicente e sua mulher Lourença Joane.

Em 1539, quando apenas já ali existiam só dois religiosos, foi feita a permuta das casas destes Cónegos Regrantes de Santo Antão, pelas casas das Dominicanas que então tinham o seu Convento da Anunciada na Mouraria. A escritura foi feita em 2 de Fevereiro de 1538. Feita a permuta das Casas trocaram também os nomes por que eram conhecidas.

Assim, para a Ermida de Santo Antão veio o Convento da Anunciada; e para a Mouraria foi a pequena comunidade de Santo Antão. Esta passou, alguns anos depois a ser Colégio dos Jesuítas e ficou conhecido pelo nome de “Coleginho de Santo Antão” ou “Colégio de Santo Antão-o-Velho”.

^{CXXV} As informações colhidas por Felicidade Alves a respeito da data de fundação, contexto de doação dos terrenos e localização da igreja são as mesmas admitidas por Sousa, dir., 2006: 221. A sua proximidade em relação a uma das entradas na muralha fernandina fez com que a porta da cerca adoptasse o nome do mosteiro ainda durante o século XV.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

△ **CAPELA MEDIEVAL DE SANTO ANTÓNIO À SÉ** ^{CXXVI}**Século XV [ant. a 1431] – início do séc. XVI****1. Casa dos Pais de Santo António (Vd. Leal, 1874: vol. IV, 225):**

“Nada se sabe com certeza quanto à origem desta casa, como [edifício] particular e de habitação: é porém de supor que já existisse quando D. Afonso Henriques resgatou Lisboa do poder dos mouros, em 1147”.

“Sabe-se que era encostada, ou pelo menos muito próxima, à antiquíssima porta da cidade, chamada porta do ferro, que depois veio a ter uma capela de Nossa Senhora da Consolação.”

“A este sítio se dava o nome de Pedreira da Sé”.

“Nesta casa residia Martim de Bulhões e sua mulher Dona Theresa de Azevedo, quando em 15 de Agosto de 1195²³ lhes nasceu um filho, que no mesmo dia foi baptizado na Sé de Lisboa, com o nome de Fernando, que depois na profissão mudou para António”.

“O pai de Santo António foi enterrado no adro da igreja matriz de São Mamede, que existiu [até ao terramoto de 1755] onde agora está a meia-laranja, em frente das Casas dos Marqueses de Penafiel [na Rua de São Mamede, ao Castelo]”.

“A mãe foi enterrada em São Vicente de Fora; mas depois (1431) foram seus ossos levados para a igreja [ou capela] de Santo António, e estavam em uma capela ao lado do Evangelho. Sendo destruído o corpo da igreja com o terramoto, perderam-se os ossos de Dona Teresa. No seu túmulo havia uma inscrição, que vem no Agiolégio de Jorge Cardoso”.

“Consta que o quarto em que ele viu a luz do dia ficava por detrás do altar-mor da actual igreja; e tem-se como milagre que, destruindo o terramoto de 1755 toda a igreja, respeitasse a capela-mor e o lugar onde nascera o santo. Neste lugar se vê a seguinte inscrição:

NASCITUR.HAC.PARVA.UT.
TRADUNT.ANTONIUS.AEDE

^{CXXVI} Tem sido recorrente atribuir-se a implantação desta igreja ao local onde Santo António teria nascido, por volta de 1188 (Garcez, 2002: 35), mas dessa suposta relação não existe prova material. O templo terá sido construído na Baixa Idade Média, em momento desconhecido, mas já existia em 1431, ano de uma bula papal que o refere, como registou Felicidade Alves, «embora haja quem afirme que existia já em 1321» (Araújo, 1938-39: vol. I, 27). Desse templo, ou do altar que o precedeu, nada se sabe, tendo D. João II ordenado a sua reconstrução, configurando-se posteriormente em igreja manuelina.

²³ Velha tradição fixa o nascimento de Santo António em 15 de Agosto de 1195, festa de Santa Maria. Todavia:

- o dia e o mês deve-os ter imaginado a devoção popular.

- o ano foi calculado, mas parece ser inexacto. Há factos que obrigam a recuar o nascimento para uns anos mais cedo, para aí à volta de 1190.

Ver infra o anexo sobre a vida de Santo António, apud Lopes (1963: vol I, 159-160).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

QUEM.COELI.NOBIS.ABSTULIT.
ALMA.DOMUS."

[Nesta pequena casa nasceu, segundo a tradição, António: que a santa mansão celestial nos arrebatou]

2. A primitiva igreja de Santo António

Também se ignora o ano em que a Casa (paterna) de Santo António foi convertida em igreja da sua invocação. Apenas se sabe que já existia, concluída e exposta à veneração dos fiéis e ao culto divino em 1431; e que o papa Eugénio IV, por uma Bula datada de 9 das Calendas de Fevereiro (24 de Janeiro) de 1433, isentou esta igreja da Jurisdição do Ordinário. Esta isenção foi feita a pedido do Senado da Câmara de Lisboa, que foi quem mandou edificar esta igreja em honra do dito Santo.

Não se sabe ao certo se já em vida do pai de Santo António esta casa era propriedade do Município, ou se só o veio a ser depois. Mas nela se estabeleceu a Casa do Senado da Câmara de Lisboa, que ali se reunia pelo menos desde os começos do século XIV até meados do século XVIII.

Ou a casa onde viveram os pais de Santo António era muito vasta, ou a câmara adquiriu alguma ou algumas propriedades contíguas: pois este edifício estava dividido em igreja com as suas dependências, e em Casa do Senado.

Quando D. Afonso V conquistou aos mouros as praças e cidades africanas de Tânger e Arzila, em 1471, trouxe de lá umas portas de bronze, que eram de uma porta de Tânger, e as ofereceu a esta igreja.

Neste mesmo ano de 1471, por contrato entre a Câmara e a Duquesa de Borgonha, estabeleceu-se nesta igreja uma missa quotidiana por alma do Infante D. Fernando, filho de D. João I e irmão de D. Duarte, que tendo ficado refém em Tânger no ano de 1434, lá morreu (o seu corpo foi, em 1473, trocado por mouros cativos).

D. João II ordenou depois, em seu testamento, a el-rei D. Manuel, que lhe sucedeu no trono, a construção de um templo dedicado ao nosso santo compatriota, no mesmo local onde existira a casa em que ele nascera.

Vd. Igreja manuelina de Santo António à Sé

ANEXO

RESUMO DA VIDA DE SANTO ANTÓNIO (Lopes, 1963: vol. I, 159-160):

“A infância e primeira juventude passou-as ele na casa abastada de seus pais junto à Sé de Lisboa, e a lenda polvilhou aqueles seus dias do pitoresco maravilhoso em que o povo firma o culto muito humano que lhe presta. No pleno deflagrar da juventude arreceou-se das seduções do ambiente malsão, e a robusta fé cristã que lhe enchia a alma, levou-o a abraçar a vida religiosa entre os cônegos regrantes de S. Vicente de Fora. Desejoso ainda de mais segurança, passou-se depois para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde largos anos frequentou os estudos claustrais e meditou os caminhos de Deus, e ao fim foi ordenado sacerdote. O vasto saber que mais tarde iluminou a sua prodigiosa eloquência e enche os escritos que nos legou, em Santa Cruz de Coimbra o aprendeu. Por 1217 começaram de frequentar o ‘hospital’ do mosteiro revoadas de franciscanos que passavam no seu apostolado original de pregação. Por eles se interessou o Santo, e sobretudo pelo grupo que, exuberante de alegria, em 1219 se dirigiu a Marrocos à conquista dos Moiros

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

para Cristo, e dali a um ano, nem tanto, voltou: voltaram os ossos deles trazidos pelo infante D. Pedro para o tesoiro do mosteiro, pois haviam sofrido martírio os Santos Mártires de Marrocos. No entusiasmo daquela Cruzada nova de Paz e Bem, o Santo pediu aos franciscanos que já então moravam no eremitério de Santo António dos Olivais, o admitissem na Ordem, para também se ir aos Moiros a pregar a fé cristã. E ainda naquele ano de 1220, já feito franciscano, se embarcou para Marrocos. Logo à chegada caiu doente; e tão doente continuou que descorçoado, tentou regressar a Portugal, mas no caminho o barco, apanhado por uma tempestade, levou-o à Itália. Refeitas as forças, em Junho de 1221 assistiu ao Capítulo Geral que S. Francisco reuniu em Assis quando voltou da sua missão ao Egipto. A encantadora singeleza dos milhares de frades ali reunidos a louvar o Senhor e a planear conquistas de bondade confundiu-o e retirou-se ao eremitério de Montepaolo a meditar. Obrigado a pregar na cerimónia de ordenação de alguns frades, sua eloquência assombrou o auditório. E dali a pouco S. Francisco de Assis lhe escrevia a mandar que aos demais frades ensinasse a santa Teologia precisa para o ministério da pregação. E ensinou nas escolas de Bolonha e depois em Mompilher e Tolosa no sul da França por onde alastrara a heresia albigense; e ao mesmo tempo ia pregando às multidões a palavra do Senhor. À morte de S. Francisco, em 1226, pôs-se de regresso a Itália para assistir em Assis ao Capítulo Geral da Ordem, e o Superior Geral que foi eleito, Fr. João Parente que anos antes em Coimbra lhe vestira o burel de S. Francisco, mandou-o à Lombardia a governar os frades e a continuar o seu ministério de ensino e pregação. E foram mais uns breves anos de trabalho intenso: com sua palavra taumatúrgica prendia e transformava as multidões, na cátedra ensinava o bom saber aprendido na escola de Coimbra, e nalgum momento de folga escrevia o escoreço dos sermões e das lições que dava, o que constituiu a sua obra literária. Gasto nestes trabalhos, veio a morrer em Pádua a 13 de Junho de 1231. O seu enterro foi uma apoteose, e no seu túmulo foram tantos os milagres que logo em 30 de Maio de 1232, o papa Gregório IX o canonizou elevando-o à glória dos altares. Sobre o seu túmulo levantaram depois os crentes a Basílica de Pádua, e por toda a cristandade lhe foram dedicadas igrejas e altares. A consagrar sua doutrina e saber, o papa Pio XII o proclamou Doutor da Igreja em 16 de Janeiro de 1946. Santo António de Lisboa é a primeira voz de Portugal que pela Europa ressoou e é a primeira figura portuguesa na história da cultura. Sua obra literária, difícil de ler no seu latim medieval e no seu feitiço de apontamentos, revela todavia o que foi a síntese teológica nas escolas da Península Hispânica ao tempo da protoescolástica. (V. Franciscanismo em Portugal). Escritos autênticos de Santo António de Lisboa: Sermones per annum dominicales, In festivitibus Sanctorum per anni circulum sermones, Sermones in laudem Beatissimae Mariae Virginis, publicado várias vezes segundo códices muito incorrectos, e ultimamente nesta edição correcta: S. Antonni Patavini Thaumaturgi incliti Sermones Dominicales et in solemnitatibus edidit notisque et illustrationibus locupletavit Antonius Maria Locatelli, Pádua, 1895-1903. [F.F.L.]

BIBL: Fr. Fortunato de S. Boaventura, Vita et Miracula S. Antonii Olisiponensis, ab Anonymo sed Ordinis Minorum Conscripta, Coimbra, 1830 (é a chamada Legenda Prima ou Legenda Assidua). Jean Rigauld, La vie de Saint Antoine de Padoue par Jean Rigauld, publiée pour la première fois (texte latin et traduction) par le P. Ferdinand-Marie d'Araules, Bordeus-Brive, 1899 (conhecida por Legenda Rigoldina). 'Legenda Martyrum Marrochii', in Portugalliae Monumenta Historica, I, 104-116. 'Liber Miraculorum', in Cronica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285). Manuscripto do século XV, Coimbra, 1918 (publicado por José Joaquim Nunes). Manuel de Azevedo, Vida do Thaumaturgo Portuguez Santo Antonio de Padua. Traduzido por T. Lino d'Assumpção, Lisboa, 1909. P. Fernando Félix Lopes, Santo António de Lisboa Doutor Evangélico, Braga, 1954. S. Antonio Dottore della Chiesa. Atti delle Settimane Antoniane tenute a Roma e a Padua nel 1946, Cidade do Vaticano, 1947.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

△ IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PORTA DO FERRO OU: ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO^{CXXVII}

Século XV [anterior a 1437] – † 1755

Cristóvão Rodrigues de Oliveira menciona, entre as “igrejas que não são paroquiais”, a de “Nossa Senhora da Porta do Ferro” (título do parágrafo), mas no texto escreve só “Nossa Senhora da Consolação”.

“Nossa Senhora da Consolação está situada sobre um arco duma porta do muro [= muralha] antigo, que se chama a Porta do Ferro, freguesia da Sé. Tem todos os domingos e festas de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, missa cantada. Valem as esmolas desta casa oitenta cruzados” (Oliveira, ed. 1987: 53).

João Brandão de Buarcos (ed. 1990: 15) refere simplesmente: “Nossa Senhora da Porta do Ferro”.

^{CXXVII} Silva, 1987a: 83 assinalou que a Porta de Ferro (denominação por que a entrada na Cerca Moura era mais conhecida) chamava-se também Arco de Nossa Senhora da Consolação, certamente por incorporar a pequena capela consagrada a este culto mariano. O relato romântico de Alexandre Herculano, recolhido por Felicidade Alves, constitui a mais concreta aproximação ao edifício tardo-medieval, não obstante a imaginação de que se reveste. As escavações arqueológicas realizadas no Largo de Santo António à Sé, na década de 90 do século XX, não atingiram o espaço da antiga Porta de Ferro, embora tenham identificado um fragmento escultórico altomedieval (possível segmento de friso), que pode constituir um elemento de importante sacralidade para a Idade Média (Fernandes e Fernandes, 2014).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Procurando a origem e princípio da imagem de Nossa Senhora da Consolação, Frei Agostinho de Santa Maria (1707: vol. I, 239-240) enreda-se em hipóteses desanimadoras:

“Da origem, & principio desta Santa Imagem não pude descobrir coufa que declare com certeza de onde veyo, ou quem naquelle lugar a collocou: nem do feu archivo confta nada que me pudesfe dar luz à minha diligencia. Só me deraõ hũas tradições, em que esta Santa Imagem viera em companhia da Senhora a Grande, ou de Betancourt, que fe venera na Sè: & que de França a trouxera Martim Affonfo de Soufa, indo com hũa armada a hum porto daquelle Reyno, que fe chamava Betancourt. Dizem tambem, que o lugar, que a Senhora hoje tem, não era aquelle em que nos princípios foy collocada; porque fe afirma eftivera em outro lugar, aonde hoje fe vê hũa pedra metida na parede que fervia à Senhora como de peanha, ou repreza de hum nicho em que estava. E dizem outros que deste lugar a tresladára hũa Senhora de quem não fãbem dizer o nome, a qual com a occafião de ter hum fonho de que feu marido hia a padecer morte natural, & afrontofa, lhe edificàra aquella Capella, & que nella a collocára.

E accrecentaõ outros, que esta mefma matrona instituiria naquella Cafa hũa Capella com obrigação de nella fe dizer Miffa aos que hiaõ a padecer morte pela justiça; que fẽpre paffam por aquelle lugar para o fupplicio: em acção de graças, fẽm duvida, de lhe livrar ao marido dos effeitos daquelle fonho. Porém tudo ifto tenho por apocrifo, & patranhofo; porque não ha alli a tal Capella, nem Capellão, & a Miffa que fe diz aos jufticados, a manda dizer a Mifericordia, & para iffo dá a hum Clerigo hũa efmola, para que tenha o trabalho de esperar que o padecente chegue àquelle lugar. E os Irmãos da Senhora da Confolação fazem de caridade a despeza de cera, vinho, & hoftias para estas Miffas.”

Talvez a imagem seja de origem incerta. Todavia, a ermida ou capela é já mencionada em documento de 1502, em que D. Manuel lhe chama “Casa de Santa Maria da Porta do Ferro” e “Casa de Nossa Senhora”:

“Em 1502 determinou o rei D. Manuel que, para melhor serventia daquelle rua que vai para a Sé e para outros logares, fossem demolidas todas as casas que vão des o canto que faz a obra nova da Igreja de Santo Antonio, ao longo da casa da camara, até dar na escada da casa de Santa Maria da Porta de Ferro, e além disso, que a escada de serventia da casa de Nossa Senhora se mude de onde agora está, e se lance ao longo da parede das casas da camara, e das outras que forem junto d’ellas¹.

¹ Livro I d’el-Rei D. Manuel, fl. 75, no arquivo da Camara Municipal de Lisboa. – Alvará de 2 de Janeiro de 1502”

(Silva, 1987a : 85-86).

Mais: “parece que o mais antigo vestígio documental da existência desta capela é do ano de 1437. [Testamento do Infante D. Fernando, in História Genealógica da Casa Real Portuguesa, tomo I, pág. 508 – outra referência in Livro IV da Extremadura, fl. 192 v. (ano 1492)]” (Silva, 1987a: 87).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A. Herculano supõe-na existente no tempo de D. João I, com a invocação de Nossa Senhora da Consolação²⁴.

Quanto à referência Porta do Ferro, sabe-se que já a Carta de Osberno (de 1147) evoca a porta férrea²⁵.

A casa sobre o vão do arco (a que se refere o citado alvará de D. Manuel, em 1502) tinha 8,14^m x 5,94^m, incluindo a grossura das paredes, o que parece indicar as dimensões da passagem; a que ficava sobre o encontro da parte do norte tinha por dimensões 2,97^m (sul) x 2,53^m (poente); e a sobre o encontro do arco, da banda do sul, media 2,86^m (sul) x 2,53^m (poente) (Silva, 1987a: 86).

A Irmandade parece ter sido fundada só em 1554 (Santa Maria, 1707: vol. 1, 240):

“Reynando ElRey D. Joaõ o III. cõ os muytos milagres, que eſta Senhora, que he a Mãe, & a conſolação dos peccadores, obrava, fe acendeo muyto a devoção para com ella, & fe lhe erigio então hũa grande Irmandade, que ainda hoje perfevera, fe bem diminuida já do antigo fervor; erigiofe eſta no anno de 1554. porẽm o Compromiſſo começandofe logo, fe acabou no anno de 1556. & foy confirmado pelo Arcebiſpo de Lisboa Dom Miguel de Caſtro, no anno de 1592. Tem Capitulos ordenados com grande piedade; mas de tudo já hoje ſe obſerva pouco, ou nada.”

Quanto à imagem da Senhora:

“A Senhora fem embargo de fer de eſcultura formada em pedra, he de grande mageſtade, & de rara fermofura, & affim infunde em quantos a contemplão grande veneração, & reſpeito. He de muyto grande eſtatura; porque tem mais de oito palmos; mas não diminue nada eſta grandeza a mageſtade, antes a augmenta. Sobre a eſcultura a ornão com ricas roupas: he fervida com muyta devoção; & todos os moradores daquelle deftrito a tem com eſta miſericordioſa

²⁴ “Alexandre Herculano fez uma descrição conjectural da porta no tempo de D. João I, da qual vamos transcrever os seguintes períodos:

“O vão da Porta de Ferro... constituía uma espécie de quadra, rota de dous lados, posto que não em toda a largura, por duas portadas ogivais [...]. N'uma das paredes, que corriam lateralmente em relação ás portadas, via-se um pequeno arco também ogival, e cujo vivo não excederia a decima parte da área dos dous arcos maiores. Era a comunicação para uma escada, que, dividindo-se em dous lanços, subia para o andaime do muro, e para a capella da Senhora da Consolação. Como a antiga muralha já podia servir para a defesa da povoação, que trasbordára por cima e para além do seu antigo recinto, e a capella raras vezes se punha patente, uma grossa porta de castanho impedia a comunicação entre a quadrella e o arco...”

O Monge de Cister, ed. de 1848, tomo II, cap. XIX, pág. 111”.

²⁵ “Encontra-se a mais antiga referência a esta porta na carta do cruzado Osberno, que sempre a denomina, em latim, porta férrea. Não era esta, certamente, a denominação que os muçulmanos lhe davam; vê-se contudo que ela remonta ao princípio da monarquia.

Era tradição, mas que hoje se sabe completamente destituída de fundamento, que por esta porta, segundo muitos Autores, foy entrada a Cidade, quando a ultima vez foy libertada do jugo Mahometano”.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Senhora. Festejaõ-na em a segunda feira depois da Dominica in Albis, que he o dia proprio da Senhora da Confolação, ou dos Prazeres.” (ib.)

Como se disse, nesta capela por muitos anos se rezou a missa dos condenados ou dos enforcados, missão de que se havia encarregado a Irmandade da Misericórdia, de forma que quando o padecente por ali passasse, vindo do Limoeiro, pudesse adorar a Cristo Sacramentado.

A capela foi destruída pelo terramoto de 1755 e pelo incêndio que se lhe seguiu, e depois se mandou demolir o arco, e se extinguiu totalmente a sua existência.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ ERMIDA MEDIEVAL DE SANTA MARIA DE BELÉM CXXVIII

Século XV [c. 1460] → c. 1555 (?)

1. Com o desenvolvimento da actividade marítima na foz do Tejo, o sítio do Restelo, a uma légua da antiga Lisboa, adquiriu uma importância especial, por ser bom o ancoradouro onde as embarcações de alto bordo costumavam fundear. Atento às necessidades espirituais e materiais dos mareantes, e também dos habitantes do lugar, o Infante D. Henrique considerou “como em Restelo, termo da cidade de Lisboa, por muitas vezes eram juntos muitos homens, estando aí por espaço de tempos em armadas, que se faziam destes reinos para muitas partes e isso mesmo dos que iam e vinham a tratar suas mercadorias para lugares desvairados; na qual estada, que ali estava no dito porto, nem podiam ouvir missa, carecendo eles dos eclesiásticos sacramentos, e morriam muitos ali, e os lançavam naquelas areias, e sendo desfalecidos de não poderem haver sacerdote que os confessassem, nem igreja, nem cemitério, em que tais corpos assim mortos pudessem ser lançados”.

Para que os ditos mortos recebessem os cuidados da Santa Igreja, quer nos seus corpos quer nas suas almas, e também para os que vivos que por ali passavam ou ali estavam tivessem o devido conforto, o Infante mandou ali fazer uma igreja, em louvor e reverência da gloriosa Virgem Maria, pondo-lhe o nome de Santa Maria de Belém. Mandou igualmente fazer um cano e chafariz e fonte, para uso da dita igreja, e para os habitantes do sítio, e para os que ali passassem. Comprou Terras para pomares e hortas.

2. Por doação feita na vila de Sagres, datada de 18 de Setembro de 1460, o Infante fez doação de tudo – ou seja: “a qual igreja e padroado dela, hortas, casas e terras com todas suas pertenças” e “outras coisas que assim comprei, e houve para a dita igreja” – à Ordem de Cristo, de que era governador, com as condições seguintes:

- “que da água haja a Ordem sempre servidão, para o que lhe mister fazer para seus pomares e hortas e outra qualquer despêsa”;

- “que outrossim os ditos caminhantes e os dos navios hajam e se possam servir da dita água assim para beber como para suas bestas e gados e seus usos dos ditos navios, pela qual água não pagarão nenhum tributo à dita Ordem, nem a outra pessoa”;

- que “somente em reconhecimento do que assim recebem refresco, e folgança que dão aos corpos e salvação que dão às suas almas, lhes apraza, por minha contemplação, dizer uma vez um Pater Noster e Ave Maria cada um por salvação da minha alma e por os que eu sou obrigado a rogar”;

- que “praza ao capelão que nela (igreja) estiver, dizer cada semana uma missa de Santa Maria ao sábado, por minha alma e a comemoração seja de Santo Espírito, com seu repouso

CXXVIII A primitiva ermida de Nossa Senhora da Estrela (que já existia antes de 1448 - veja-se a nota CIV), foi beneficiada e ampliada até sensivelmente 1458, com vista à sua transformação em igreja paroquial, o que ocorreu logo no ano seguinte (Muchagato, 1997: 35). Todavia, em 1460, foi doada à Ordem de Cristo, que ficou com a incumbência de reger o templo. D. Manuel resolveu entregá-la à Ordem de São Jerónimo e patrocinou a construção do actual Mosteiro dos Jerónimos, cuja história não cabe fazer neste volume.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

e a oração ‘Fidelim Deus’; ao capelão deveria ser dado cada ano, das rendas do infante, ‘um marco de prata, pagado em prata’.

João de Barros diz nas suas *Décadas*:

“A capella de Nossa Senhora do Restello fundou-a o seu governador e perpetuo administrador o serenissimo senhor infante D. Henrique, e a dotou com rendas, terras, pomares e agua, que tinha comprado para sustento dos Freires, e, entre as obrigações que lhe impoz, foi que, nas missas, ao «lavabo», se virassem para o povo e pedissem um «Pater Noster» e uma «Ave-Maria» pela alma do senhor infante, que a mandou edificar, e que os Freires tambem administrassem os sacramentos da confissão e comunhão a todos os cavalleiros e mareantes antes que partissem para as descobertas e conquistas ultramarinas.

N’ellas se demoravam estes, ali faziam seus exercicios espirituais, ouviam missa e esperavam o tempo de embarque, e quando sahiam formavam uma devota e solemne procissão em que os Freires e muitos sacerdotes, que concorriam a celebrar, cantavam a ladainha, a que o immenso povo respondia, e chegando aos escaleres, feito silencio, e postos de joelhos, um dos Freires da casa dizia em alta voz a confissão geral e depois eram absolvidos na fórma das bullas, que o dito senhor infante, como grão-mestre, tinha conseguido para aquelles que n’estes descobrimentos e conquistas fallecessem.” (*apud* Faria e Silva, 1897: 8)

3. A tal cerimónia não se eximiu Vasco da Gama e os seus, antes de partirem para a descoberta da Índia. “O altar aonde se disse a missa existe desguarnecido no interior do mosteiro de Belém, por baixo do côro e defronte da capela do Senhor dos Passos” (se nos fiarmos dum testemunho citado por Silva, 1897: 49).

Igualmente sucedeu quando

“Pedro Alvares Cabral foi mandado em 1500, por el-rei D. Manuel, firmar alianças com o rei de Calecut e levantar n’aquella cidade uma feitoria, como principio do grande commercio do Oriente. Cabral ia por capitão-mór de uma armada de treze velas, sendo dez naus e tres navios redondos, com mil e duzentos homens e outros capitães debaixo do seu commando.

A 8 de março d’aquelle anno foi el-rei, com toda a côrte, a Nossa Senhora de Belem, e ali mandou celebrar missa de pontifical, na ermida do Restello, orando o Reverendo D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, que depois foi de Vizeu. El-rei, em quanto este acto durou, teve junto de si, dentro da cortina da sua tribuna, a Pedro Alvares Cabral e lhe entregou depois, de sua propria mão, uma bandeira, que em todo o tempo esteve arvorada e fez benzer no fim da missa pelo mesmo bispo, e lhe poz na cabeça um barrete bento, que o papa lhe havia mandado por grande honra. Com esta solemnidade, acompanhado de el-rei até ao embarque, sahiu a armada de Lisboa no dia seguinte, que era uma segunda feira, 9 de Março de 1500.” (o. c. : 98).

Como se sabe, esta expedição fez a descoberta do Brasil, a cujas costas aportou em 3 de Maio de 1500.

4. D. Manuel como Grão-Mestre da Ordem de Cristo, decidiu entregar à Ordem de São Jerónimo as funções pastorais ligadas à Ermida; e para tanto promoveu a doação aos Jerónimos quanto pertencia à Ordem de Cristo do Restelo, dando a esta por escambo (permuta) uma casa de muito maiores dimensões, que tinha sido sinagoga dos judeus e era conhecida

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

por Judiaria Grande. Esta permuta efectuou-se por acto de 22 de Dezembro de 1498. Quando Vasco da Gama regressou (30 de Agosto de 1499), já lá não estariam os Freires de Cristo, mas sim os Frades Jerónimos.

Junto da Ermida – “ou à roda dela...” – se construiu a mole sumptuosa da nova igreja conventual dos Monges Jerónimos, também do mesmo título de “Santa Maria de Belém”. A igreja da Ermida sobreviveu ainda alguns anos, chamando-se-lhe “igreja velha”.

Nesta igreja “velha” esteve o sepulcro de D. Manuel desde a sua morte (1521) até à solene transladação para a capela-mor da igreja “Nova” em 20 de Outubro de 1551, onde ficou em catacumba coberta por campã rasa (conforme o desejo do próprio D. Manuel). Posteriormente, refeita a capela-mor em estilo novo, em 1571/1572, o corpo de D. Manuel foi colocado no mausoléu e no local onde ainda se encontra.

A igreja velha deve ter sido demolida em 1551.

5. A imagem de Santa Maria de Belém. Tendo o Infante, quando fundou a Ermida do Restelo, mandado vir de Sagres tudo quanto guarnecia o santuário (conforme reza a tradição), é de supor que a imagem também tivesse vindo de sagres.

“A imagem de pedra de Nossa Senhora de Belém, que estava na sua ermida da praia do Restelo, foi mais tarde transladada para a sua nova igreja (da Conceição dos Freires), tendo sido o transporte feito pelo rio acima, numa galeota, com grande solenidade e acompanhamento, e o desembarque levado a efeito no sítio da Ribeira, passando depois para o templo, que era a pequena distância” (Filipe Nery de Faria e Silva, o.c. 1897, p. 9). Isso deve situar-se no ano de 1502 (id., p. 30).

Em 1755 ficou soterrada nos escombros da igreja; mas dali foi tirada e colocada na Igreja chamada da Conceição Velha.

“O espaldar e os braços da cadeira são de madeira entalhada e dourada e é obra moderna comparativamente com a antiguidade da Imagem; parece ser obra dos primeiros annos do seculo actual. Tanto o espaldar como os braços são de pôr e tirar e ha muitos annos que não estavam no seu logar.

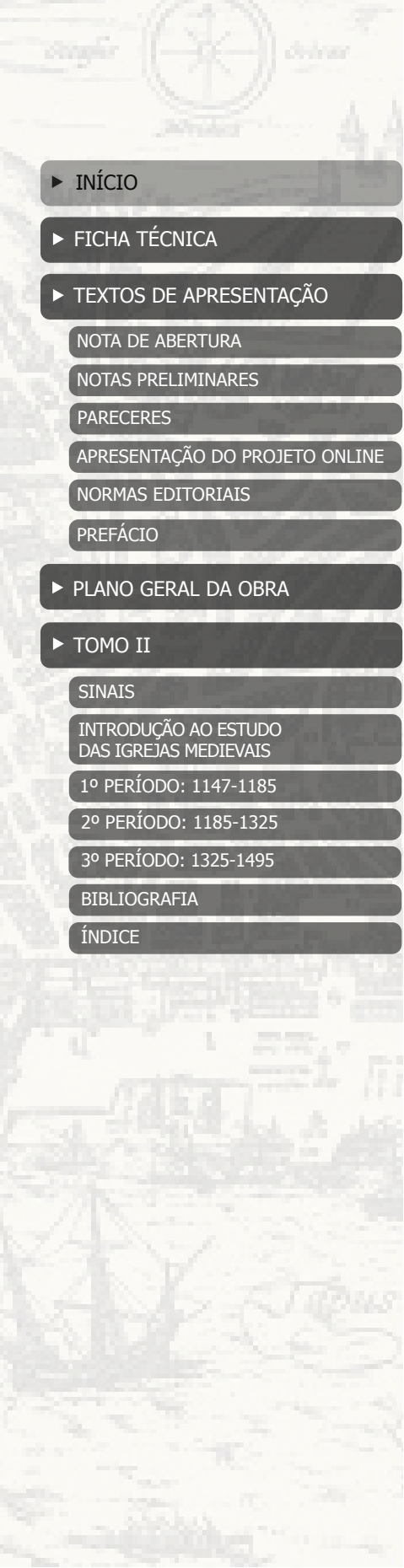
A imagem tem de altura um metro e vinte centímetros; e com a peanha eleva-se a um metro e noventa e cinco centímetros; o espaldar da cadeira passa a cabeça da Imagem noventa centímetros. Tem a mesma de frente, na sua maior largura, no sítio dos joelhos, setenta e dois centímetros e de espessura quarenta e cinco centímetros. A coroa é de prata e peza novecentos e cinquenta e nove grammas.

O manto é pintado de azul ferrete com cercaduras e florões dourados e o vestido de cor magenta, igualmente com dourados.

Na peanha encontra-se, logo na frente, a Cruz da Ordem de Christo, em obra de talha”. (o. c. : 20).

No tempo do vigário Frei Tomás Correia de Sá, que tomou posse do cargo a 29 de Fevereiro de 1820, empreenderam-se diversas obras, com a ajuda dos fiéis, tais como:

“A Imagem de Nossa Senhora da Conceição foi encarnada e dourada e a maquinetã, a pianha e os degraus do trono foram feitos de novo; a Imagem da Senhora do Restelo foi encarnada e dourada estreando por essa ocasião uma grande corôa de prata, que ainda tem na



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

cabeça, sendo feita de novo a pianha e a cadeira em que está assentada; foi renovado o painel da Senhora da Piedade e Descimento da Cruz; encarnadas as imagens do Senhor Jesus da Humildade, Santo Amaro, S. Miguel e Santa Ana; foi comprada uma alcatifa para a armação dos cavaleiros, etc." (o. c.: Faria e Silva, 1897: 86).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

△ **IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO DA PADARIA** ^{CXXIX}**Século XV [c. 1471] – † 1755**

João Brandão de Buarcos menciona-a (provavelmente: pois refere duas vezes a “ermida de São Sebastião da Pedreira”: concluímos que será um lapso, e uma delas será “São Sebastião da Padaria”) entre as 41 “ermidas que não são curadas” (Vd. BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 115).

Cristóvão Rodrigues de Oliveira, em 1551, diz que “há 80 anos que é edificada” (o que nos faz remontar a c. de 1471). Inclui-a no grupo das 11 igrejas que não são paróquias, e não no grupo das 24 “ermidas”. Transcrevemos a extensa notícia que dedica a esta igreja (Oliveira, ed. 1987: 49-50):

“A igreja de são Sebastião da padaria é casa regida e governada pelos oficiais da Câmara da cidade. Há oitenta anos que é edificada, está na freguesia da Madalena, isenta dela por bula do Papa. Tem um capelão quotidiano a quem El-Rei dá nove centos reis cada mês, que são por ano vinte sete cruzados. E para cera para as missas lhe dá seis cruzados; e a câmara lhe dá um moio de trigo. E com as esmolos lhe vale tudo setenta e cinco cruzados.

Tem a cidade nesta igreja um círio grande que pesa vinte e oito arrobas; e trinta e dois pequenos de doze arráteis cada um, os quais manda cada ano reformar e fazer de novo.

São obrigados os cerieiros da cidade a terem na igreja um círio que pese quatro arrobas. E por dia de são Brás mandam dizer uma missa solene. E os carpinteiros por sua devoção têm outro círio.

Há nesta igreja confraria da invocação do santo, regida por pessoas nobres e fidalgos. Rende cada ano duzentos e vinte cinco cruzados.

Tem esta casa por mandado de El-Rei e seu regimento um provedor-mór que é um vereador da cidade. E outros três provedores. Há mais em cada freguesia uma cabeça a que El-Rei dá a cada um cada mês um cruzado que são por ano duzentos e oitenta e oito cruzados. E são obrigados estes provedores e cabeças todos juntamente virem cada dia à igreja à missa; e em casa que para isso têm ordenada dão as cabeças contas aos provedores cada um de sua freguesia, dos enfermos que tem e dos defuntos que no dia dantes faleceram, e de que doenças.

^{CXXIX} É possível que o termo Padaria seja relativo a uma realidade comercial baixo-medieval, trecentista ou já mesmo quatrocentista, nas imediações das Fangas do Trigo, mercado mencionado no reinado de D. João I. Nas proximidades, estavam instaladas também as Fangas da Farinha (ou celeiros reais), possivelmente desde o século XIII, e o açougue da cidade (carneçarias), ampliado no século XIV (síntese em Fernandes, Marques, Filipe e Calado, 2011: 242). Desconhece-se quando terá sido edificada a capela, que provavelmente serviria essa específica população e a sua corporativa devoção, mas não é de excluir que tenha ocorrido já no tempo de D. João I, época em que se empreendeu uma relativa alteração na paisagem religiosa da cidade, não actuante sobre a realidade paroquial, mas sim devocional, multiplicando-se pequenas ermidas e capelas um pouco por todo o perímetro urbano. Ela surge mencionada depois de 1471. Ainda no último século medieval, a envolvente à capela terá passado por várias alterações, tendo-se ali instalado o Paço dos Tabeliães, uma das mais importantes instituições judiciais da cidade durante a época moderna.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Há mais dois guardas, um na ribeira da cidade, e outro em Belém, meia légua da cidade, que tem cuidado como entre qualquer navio e ancora em Belém ou passa a cidade, saberem dele donde vem e se vem impedido de peste. E do que acham dão recado a um dos provedores, e ele tem cuidado de acudir a isso com muita diligência e prover no necessário, tudo a fim de o povo ser melhor guardado para não ser tocado de ares maus. Tem o guarda que está em Belém de ordenado da cidade trinta e cinco cruzados. E de todos navios do Reino que entram pela barra pela arrecadação que lhes dá para poderem vir para cima tem quatro réis: e dos navios estrangeiros por serem obrigados a ancorar ao marco e por os visitar e dar a recadação para poderem entrar na cidade, tem trinta réis. O que tudo lhe valerá cento e cinquenta cruzados. E o outro guarda da cidade está sempre no cais. E a este vêm as arrecadações do outro guarda que está em Belém; a Câmara lhe dá cada ano trinta e cinco cruzados. E dá aos três provedores a cada um cinquenta cruzados e dois moios de cevada. O que tudo valerá cento e noventa cruzados.

Há mais um meirinho e um escrivão e dois físicos que têm todos da cidade duzentos cruzados.”

Em 1585 foi passada a “Carta de Capelania ao padre Anrique Salvado, por morte do padre Agostinho Ribeiro do bem aventurado São Sebastião que está na Rua da Padaria, desta cidade”. O Padre Henrique Salvado era também capelão da vizinha igreja de Santo António (Referência em Segurado, 1976: 39).

Situava-se na Rua da Padaria e Rua de São Sebastião da Padaria, a igreja da Madalena (Vd. Croquis anexo).

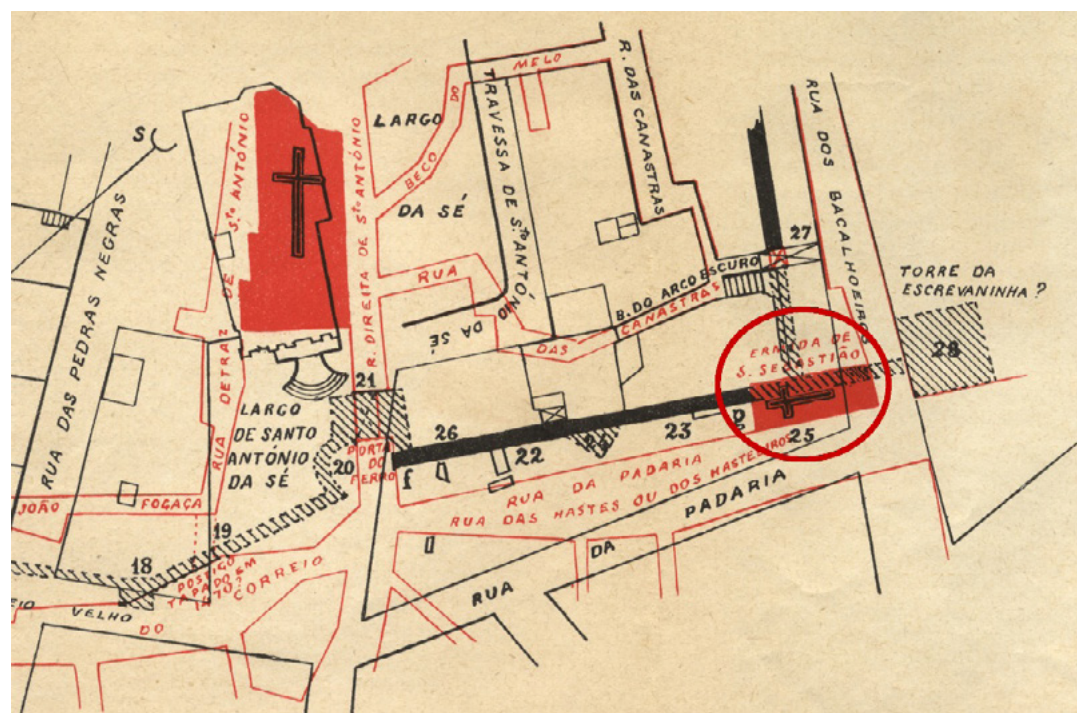


Fig. 26 – Pormenor de planta de Lisboa reproduzida de Silva, 1987a: entre 100-101.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

O terramoto de 1755 incendiou-a²⁶.

²⁶ Ali existira uma casa onde se vendia trigo, designada por “Fangas do Trigo”. Vd. O que escreve A. Vieira da Silva (Silva, 1987a: 96):

“Ao sul dêste paço, em (25), era situada uma casa onde se vendia trigo, e designada por Fangas do Trigo, aí transferida em 1387 por D. João I. Fez êste rei doação ao Concelho de Lisboa de ... *um campo que está ora devasso junto com o nosso (do rei) armazem, que foram casas, junto com a torre do dito armazem, que parte com a rua que vae da porta (do Ferro) para as carneçarias, e pediram por mercê que lhe fizessemos delle doação para fazerem em elle fangas do pão* ¹.

O Concelho naturalmente construiu o edificio de que necessitava, contiguo à muralha, pois que seis anos depois alcançava que D. João I lhe fizesse doação do *chão que vem á beira do muro da dita cidade sob a porta do ferro, desde as fangas onde vendem o trigo, vindo pela beira do dito muro até á dita porta do ferro, para fazer em elle o que lhe (ao Concelho) aprouver* (1393) ².

Vêmos por isso no *Tombo de 1573* pertencerem à Câmara quasi tôdas as propriedades (22 e 23) que formavam o lado oriental da rua da Padaria; foi a melhor aplicação que o Concelho lhe soube dar, para tirar rendimento de um terreno que parece estava desaproveitado, talvez ainda com o fôssco ou cava, já inútil, pela frente da muralha.

¹ *Chancellaria de D. João I, liv. II, fl. 31 v., era 1425*

² *Chancellaria de D. João I, liv. II, fl. 86, era 1431”*

Acrescenta o mesmo erudito (Silva, 1987a: 97):

“A instalação das Fangas desapareceu, e adaptou-se o seu lugar para uma ermida (25) que tinha a invocação de S. Sebastião (da Padaria, da rua onde ficava situada).

Segundo a informação de C. R. de Oliveira, foi esta ermida construída pelo ano de 1471 ¹, destruindo-a o fogo em 1755 ². Ficava situada no primeiro andar, e por baixo tinha algumas lojas, de diversos proprietários; a parte sul da ermida assentava sobre um arco, para cujo vão se abria uma das ditas lojas ³.

Por 1731 estava a ermida muito arruinada, e foi reedificada em 1734, ficando então o templo com a porta para o sul, pois que anteriormente tinha duas portas, uma para o poente e outra para o sul ⁴. As suas dimensões eram: 15m,91 de frente para a rua da Padaria, e 7m,70 de fundo ⁵. Estas dimensões mostram que a ermida assentava ainda em parte sobre a muralha da cêrca.

¹ *Summario*, etc., ed. de 1755, pág. 48. – referindo a data ao ano de 1551, em que o autor foi encarregado de *que enformasse na verdade do rendimento do dito Arcebispadado* (de Lisboa), pág. 1.

² *Historia Universal dos Terramotos*, etc., por Joaquim Joseph Moreira de Mendonça, 1758, pág. 128

³ *Tombo de 1573*, fl. 490 – *Tombo de 1755, Bairro da Rua Nova*, fl. 244 v.

⁴ *Elementos*, etc., por E. F. de Oliveira, tom. XII, 1901, págs. 375 e 604, nota

⁵ *Tombo da Cidade de 1755, Bairro da Rua Nova*, fl. 238.”

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ ERMIDA DO HOSPITAL DOS PALMEIROS ^{CXXX}

Século XIV [1330] – † 1755

Sobre esta ermida temos uma nota de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, no seu *Sumário* (Vd. ed. 1987: 62-63), no capítulo sobre os “Hospitais que há na cidade”:

O HOSPITAL DOS PALMEIROS

“Nos tempos passados vieram a este reino ingleses romeiros; e chegando a Cacilhas, lugar da banda d’além pegado com o mar, não acharam gasalhado, e vindo a esta cidade acharam a mesma falta. Espantados muito de em tão nobre cidade não haver gasalhado para os peregrinos, determinaram fazer às suas custas dois hospitais, um no mesmo lugar de Cacilhas e o outro na cidade. E para se sustentarem, compraram casas, em que tivessem renda para serem providos do necessário, ordenando logo por seu compromisso que para sempre fossem administradores vinte cidadãos dos principais da cidade, e não pudessem ser mais. E, falecendo um, entrasse outro. Tem uma casa muito concertada, com uma enfermaria de leitos e camas e o mais necessário para os peregrinos, os quais por regimento dos ditos fundadores não podem estar nela mais de três dias. Os vinte irmãos administradores têm confraria de Nossa Senhora; e todos os domingos e festas e missa de canto de órgão. Há neste hospital hospitaleira, que tem cuidado de alimpar e concertar a casa e agasalhar os peregrinos. Vale a renda dele oitenta cruzados.”

Bluteau, no seu *Elucidário* (Vd. “Palmeiro”) diz:

“Em Lisboa na parochia de Santa Maria Magdalena há o Hospital dos Palmeiros, que é albergaria de pobres peregrinos, a quem dá cama, água e candeia, só por três dias. Fundou-se no ano de 1330. É administrada por vinte e cinco irmãos, um provedor e um escrivão” (Ribeiro, 1901: 755).

O titular da ermida era “Nossa Senhora de Belém”. O hospital estava enlaçado com a igreja da Madalena (que antes do terramoto tinha a fachada voltada a nascente, para a Rua da Padaria).

A imagem de “Nossa Senhora de Belém” passou para a dita Igreja da Madalena, após o terramoto (e ainda lá se venera).

^{CXXX} Salgado e Salgado, 1994: 443, admitem que o hospital foi fundado ainda no século XIII, «embora na sequência de uma iniciativa de cruzados ingleses que ajudaram D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa». Araújo, 1938-39: vol. I, 17 contrariou esta perspectiva e localizou a sua fundação em 1292, por romeiros ingleses, tendo a instituição sido dedicada a pobres e peregrinos em trânsito de e para a Terra Santa. A sua administração estaria a cargo de «vinte cidadãos principais da cidade» e, ainda de acordo com este último autor, o hospital situava-se «pouco mais ou menos no sítio onde hoje a Rua de S. Julião vai encontrar a Rua da Padaria». Barroca, 2000: vol. 2/1, 1080 esclareceu que a primeira referência documental alusiva ao hospital data de 1299. O mais antigo vestígio material parece ter sido uma inscrição medieval, copiada em época moderna (Barroca, 2000: vol. 2/1, 1080), com o seguinte conteúdo: «Este Hospital he dos pobres Palmeyros, e Peregrinos e resgatados d'elle e de outro Hospital de Cacilhas perto d'Almada; os honrados confrades desta cidade de Lisboa na era de 1330» (leitura de Silva, 1940: 163-164). Segundo Barroca, 2000: vol. 2/1, 1078-1080, a inscrição ainda existia em 1721, mas deve ter desaparecido com o terramoto de 1755 ou com um incêndio.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Θ ERMIDA DE SANTA APOLÓNIA ^{CXXXI}

Século XIV [1337?] – 1718

1. Situava-se esta ermida no ponto em que a estrada que vinha da Cruz da Pedra se bifurcava em direcção à Porta da Cruz. A ermida deu o nome ao Bairro.

Segundo J. Paiva Boléo (1960: 33), o Convento de Santa Apolónia foi fundado “junto do sítio onde havia já uma ermida, à qual se faz referência em documentos datados de 1337, e que era dos confeitores, dedicada a Santa Apolónia²⁷. Portanto, no início do século XIV, já havia em Lisboa devoção a Santa Apolónia”. Infelizmente, o Autor não identifica esses documentos a que alude.

A ermida teria sido construída no lugar onde já existiam antigamente uns fornos de cal; e foi construída pelos Confeitores da cidade de Lisboa, que estavam organizados em Irmandade. A ermida tinha uma sacristia e duas casas: uma para morada do capelão, outra para reuniões da irmandade (Vd. ANTT, *Manuscritos da Livraria*, nº 1984 = Diogo, 1757: cap.º 1º).

Cristóvão Rodrigues de Oliveira (1551) inclui a “Ermida de Santa Apolónia, [que] está na freguesia de Santo Estêvão, de fora de muros”. Diz que “é casa de muita devoção e esmolos; tem confraria da mesma santa, regida por pessoas honradas. Valem as esmolos oitenta cruzados” (Oliveira, ed. 1987: 57).

Igualmente, João Brandão de Buarcos (1552) refere a ermida de “santa Apolónia”, na lista das “42 ermidas que não são curadas” (BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 115).

A curiosa Relação em que se trata e faz... (Vd. Castilho, 1893: Livro I, 109), em 1626, menciona esta ermida na seguinte quadra:

“Santa Apolónia adeante
uma ermidinha pequena
onde vão por devoção
mil matronas, mil donzelas”.

Em 1671, a ermida sofreu ruína e reedificação.

^{CXXXI} Araújo, 1938-39: vol. III, 27 atribuiu uma cronologia quinhentista a este templo. Pereira, 1840: 278 situou a constituição do convento no período imediatamente após a restauração da independência nacional, em 1640, e a uma relativa proximidade entre a instituidora e a própria dinastia de Bragança. Até ao momento, as observações de Boléo, aqui recolhidas por Felicidade Alves, não foram objecto de análise mais profunda.

²⁷ O P. Frei Diogo do Rosário, na sua obra *Flos Sanctorum*, ou *Histórias das vidas de Cristo Nosso Senhor, de Sua Santíssima Mãe, e dos Santos, e suas Festas* [1767: 398 (referida a 9 de Fevereiro)], descreve-nos o martírio e as virtudes de Santa Apolónia:
Ver infra anexo sobre a história do Martírio de Santa Apolónia.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

2. Esta ermida foi berço de uma experiência religiosa exemplar. Em 1640 veio de Vila Viçosa certa veneranda devota, Dona Isabel da Madre de Deus, criatura muito protegida da família da Casa de Bragança. E em 1642 recolheu-se a um prédio contíguo à ermida, que pertenceu à Irmandade dos Confeiteiros. Tratava com o maior cuidado o altar da Santa, e ficou morando em tal habitação contígua. Andava vestida de capucha; e tanto lhe quis sempre a rainha Dona Luísa, que a denominava habitualmente “a minha capuchinha”.

Dona Isabel acompanhou a Londres a sua jovem ama, a Infanta Dona Catarina, Rainha da Grã-Bretanha, em 1662; e voltando com ela em 1673, tornou para a sua saudosa ermida de Santa Apolónia (que fora reedificada em 1671, após a ruína que sofrera). Esta Dona Isabel juntou companheiras, e aí deu princípio a um Recolhimento, sob a direcção espiritual do Padre Frei Amaro da Esperança, Comissário dos Terceiros de São Francisco da Cidade. Entre as companheiras, notava-se especialmente uma a quem chamavam Luísa da Assunção.

A Casa Real portuguesa protegeu aquelas recolhidas de Santa Apolónia; deu-lhes ornamentos para o templo, e outras alfaia; a Rainha Dona Luísa ofereceu ricos vestidos; a Rainha da Grã-Bretanha ofereceu o trajo de núpcias com que se recebera na Sé de Lisboa; tudo para enfeite e adorno das imagens.

3. Vivendo estas servas de Deus com grande exemplo e edificação, o Santo Padre Clemente XI, por Bula de 16 das Calendas de Maio [17 de Abril] de 1717, deu licença às Recolhidas de Santa Apolónia para se constituírem em clausura formal.

Nasceu assim o Convento de Santa Apolónia, em 1718. Dele trataremos a seu tempo.



Fig. 27 – Pormenor da Vista de Lisboa na 2ª metade do séc. XVI (Braunio, 1598). Em destaque, a zona dos fornos da cal (20), em que foram construídos, bastante mais tarde, a ermida e o convento de Santa Apolónia.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bibliografia

Veja-se a que é indicada para o *Convento de Santa Apolónia*, 1718.

ANEXO

HISTÓRIA DA VIDA E MARTÍRIO DE SANTA APOLÓNIA, VIRGEM SEGUNDO O BREVIÁRIO DE ÉVORA E EUSÉBIO CESARIENSE, CONTADA POR FREI DIOGO DO ROSÁRIO

“A gloriosa Santa Apolónia, Virgem de Alexandria, de sua meninice foi dada, e consagrada a Deus. Morava com seus pais, que eram dos mais nobres de Alexandria, em uma quinta fora da cidade. Defuntos seus pais, perseverando ela no propósito de santa virgindade, e distribuindo sua fazenda aos pobres, chegou a perfeita idade. Naquele tempo havendo grande perseguição dos cristãos, por mandado de Décio Imperador, sendo então presidente de Alexandria, Divino Tirano, Santa Apolónia, sendo já mulher anciã, segundo diz Eusébio, desejando de morrer pelo nome de Jesus Cristo, saiu de casa à meia noite, porque não fosse impedida da família e veio até à cidade. Esperando hora em que o Presidente na praça atormentava os fiéis diante de todo o povo, disse ao Tirano Divino:

- Malvado e injusto Juíz, que coisa é esta, que não somente não temes o Rei dos Reis, que é Deus, mas ainda os que o temem e servem, com diversos tormentos, os afliges e atormentas? Olhando o Presidente para a virgem Apolónia, espantado disse:

- Quem és tu que sem minha licença ousaste chegar aqui e com grande soberba me injurias?

- Respondeu a santa sem algum temor e com alta voz: Eu sou Apolónia, serva de Jesus Cristo, e admira-me muito a tua doidice porque desprezando a Deus, Criador de todas as coisas, adoras o diabo e confranges os homens, que servem a Deus, a sacrificar aos ídolos e aos que não querem sacrificar matas com diversos tormentos.

- Ouvindo isto o Presidente mandou-a açoitar e ferir e dizia-lhe: Onde está o teu Deus que não te livra destas penas? Se confessares que disseste aquelas palavras com ignorância, receberás perdão.

- Respondeu a Santa: Cruel, porque me aconselhas a mentir? Eu sou serva de Deus, e temo a Deus, o qual manda ao inferno os mentirosos e sacrílegos e portanto não me convém mentir; mas antes pela verdade da fé Cristã não sinto os açoites, porque o Senhor Jesus Cristo me defende.

- Irado, então em grande maneira, o Presidente lhe mandou com muita violência tirar todos os dentes. E cada vez com mais alegria cantava ao Senhor dizendo: Havei de mim misericórdia. Senhor, havei de mim piedade porque em vós confia a minha alma: não me envergonharei porque não diga o inimigo: Prevaleci contra ela.

- Vendo o tirano a sua constância, mandou acender uma grande fogueira e disse-lhe: Apolónia, até aqui tive dó e compaixão da tua fidalguia e tendo esperança de te apartar de tua tenção, mas agora escolhe uma de duas coisas, ou renunciando a teu Deus adora os nossos ou serás lançada viva no fogo.

A Santa Virgem vendo a fogueira acesa e as chamas que subiam altamente, detendo-se em consideração um breve espaço, como que queria tomar parecer no que faria, encomendando-se entretanto a Deus e oferecendo-lhe o seu espírito, pedindo-lhe esforço para executar a sua resolução, que tomava, ardendo o seu coração em maiores chamas de amor divino, se desembaraçou das mãos dos algozes, e correndo se arrojou no fogo, com que intentavam atemorizá-la, para lhes mostrar que nem o temia, nem lhes queria a eles dar o grande gosto de a lançarem nele; do que os autores da crueldade ficaram admirados e afrontados, vendo que uma fraca mulher fora mais ligeira e diligente em se entregar ao seu tormento do que eles em executar a sua maldade; e assim abrasada e consumida de fogo, foi sacrificada e oferecida a Deus Nosso Senhor em agradável holocausto por sacrifício suavíssimo; o que a Santa fez por particular instinto e impulso divino sem o qual se não podia fazer licitamente, porque ninguém pode tomar a morte por suas mãos.

Padeceu Santa Apolónia em 9 de Fevereiro do ano do Senhor 252 e neste dia é celebrada de todos os fiéis com grande veneração por ser poderosa advogada do grande tormento da dor de dentes, porque Deus obra grandes maravilhas, a qual não tendo pelo Breviário Romano mais que uma reza simples, a Rainha Nossa Senhora, Dona Mariana de Austria, mulher do Senhor Rei João V, por sua devoção e à instância das Religiosas Franciscanas do convento, que esta Santa tem nesta Corte, conseguiu do Papa Clemente XII que se reze neste reino o ofício de nove lições semiduplex por decreto de 4 de Maio de 1734 para maior louvor de Deus Nosso Senhor. Amen.”

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO PARAÍSO – 2ª – À CRUZ DA PEDRA ^{CXXXII}

Século XIV [1366] – 1490

A 1ª ermida deste nome existiu na Pampulha.

1. Temos a informação de D. Rodrigo da Cunha (1642: 259v-260):

“Em Agosto de 1366 foi instituída a confraria de Nossa Senhora do Paraíso no sítio onde agora está o Mosteiro de Santos. No compromisso velho pedem os irmãos confrades instituidores, ao bispo D. Pedro, e a seu vigário geral João Afonso, capiscol da Igreja de Toledo, que a tudo dê autoridade, como fez”.

O arcebispo não diz porém, o que o *Santuário Mariano* (Santa Maria, 1721: vol. VII, 68) nos conta: ou seja, que no dia 15 de Agosto de 1366, a Irmandade e a Imagem de Nossa Senhora do Paraíso veio do primitivo sítio da Pampulha, para o local onde se edificou o Mosteiro de Santos-o-Novo, por mandado de D. João II.

2. Em 5 de Outubro de 1490, fez-se solenemente a mudança do Mosteiro das Comendadeiras de Santiago, do sítio de Santos para o sítio do Paraíso.

Até aos princípios do século XVII, a história desta ermida é absorvida pelo Mosteiro das Comendadeiras de Santiago.

3. Nos princípios do século XVII foi construído um novo e sumptuoso Mosteiro para as Comendadeiras de Santiago.

A Ermida de Nossa Senhora do Paraíso revivesceu e readquiriu uma vida própria.

Vd. Ermida de Nossa Senhora do Paraíso – 3ª

^{CXXXII} A construção da ermida de Nossa Senhora do Paraíso deve ter ocorrido pouco depois de 1366, a fazer fé no relato de Rodrigo da Cunha sobre a transferência da devoção (e confraria?) da Pampulha para a zona oriental de Lisboa, fora de portas. O templo foi mandado demolir / incorporar no Convento de Santos-o-Novo em 1470, recebendo este novo instituto as comendadeiras de Santos em 1490. Araújo, 1938-39: vol. II, Liv. VIII, 79 referiu que a ermida sobreviveu à renovação empreendida naquele final do século XV (veja-se a nota CLII) e foi reconstruída em 1562 por Diogo Pereira, cavaleiro da Ordem de Santiago. Ainda de acordo com Norberto de Araújo, os vestígios da ermida permaneceram até ao final do século XIX, altura em que se construiu um prédio de rendimento no seu local.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA(S) DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS E DO SANTO ESPÍRITO EM ALFAMA ^{CXXXIII}

Século XIV (fins) ou XV (inícios) → ✧

É uma das mais duradoiras ermidas da cidade; e era uma das mais ricas.

1. A primeira menção documental encontra-se no *Sumário* (1551) de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, que nos informa:

- da existência de “a ermida de Santo Espírito em Alfama. É casa de devoção, a que se fazem muitas esmolos, que valem sessenta cruzados. Está na freguesia de Santo Estêvão”.

- e simultaneamente refere a existência do “o Hospital dos [pescadores] chincheiros, [que] está na freguesia de Santo Estêvão. Tem onze camas para onze mulheres pobres, as quais os chincheiros sustentam somente as camas e a casa; e tem uma ermida, em que se diz missa, que se chama Nossa Senhora dos Remédios” (Oliveira, ed. 1987: 63).

Parece dever-se concluir que havia ali duas ermidas distintas: a ermida do Espírito Santo; e a ermida de Nossa Senhora dos Remédios, esta integrada no Hospital dos Chincheiros.

2. Pela mesma época (1552), João Brandão de Buarcos, em *Grandeza e Abastança de Lisboa em 1552*, mencionava entre as ermidas de Lisboa: a de “Santo Spirito de Alfama”; e seguidamente diz: “Nossa Senhora da Piedade, de baixo do mesmo Santo Spirito” (BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 115).

Ficamos hesitantes sobre se “de baixo” quer dizer: no mesmo edifício, mas em piso mais baixo; ou se quer dizer: num outro local, mais abaixo. Creio que a primeira interpretação é mais óbvia.

Também não sabemos se a invocação de “Nossa Senhora da Piedade” (que o *Sumário*, mais bem documentado sobre as questões religiosas, ignora...) não será um lapso, e se deverá referir a “Nossa Senhora dos Remédios”.

^{CXXXIII} Não é possível, para já, provar a existência desta ermida desde finais do século XIV. À semelhança das fontes aqui invocadas por Felicidade Alves, também Castilho, 1893: 138 mencionou dados relativos apenas ao século XVI. Por dedução, também não é fácil relacionar o orago da ermida com a festa do Espírito Santo, trazida para Portugal pela rainha Santa Isabel nos finais do século XIII, uma vez que, aparentemente, tratava-se de uma capela que polarizava apenas a devoção corporativa dos homens do mar de Alfama. Segundo Araújo, 1938-39: vol. II, Liv. X, 95, a irmandade instituída pelos mareantes de Alfama havia sido fundada no templo de São Miguel de Alfama, mas, em época desconhecida, teria transitado para edifício autónomo. Os vestígios materiais mais antigos que se conservam datam da época manuelina e correspondem a uma reconstrução iniciada em 1517. Desconhece-se qual o motivo que levou à alteração do orago, embora seja de admitir que, na época moderna, decaindo o culto ao Espírito Santo, se tenha associado uma devoção mariana. O hospital que lhe estava anexo situava-se «às portas da Cruz, no encontro da Rua do Paraíso com a das Portas da Cruz» e, no actual prédio com o n.º 55 da Rua do Paraíso ainda se encontra um S invertido, indicador do antigo “Spirital” (Salgado e Salgado, 1994: 444).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Como quer que seja, também se subentende a existência de duas ermidas, acaso uma sobreposta à outra.

3. O autor do *Santuário Mariano* (Santa Maria, 1707: vol. I, 231ss) mantém uma certa ambiguidade:

- Fala, em primeiro lugar, em “A Casa de Nossa Senhora dos Remédios, que está situada no princípio da rua das Portas da Cruz em o bairro de Alfama, na freguesia de Santo Estêvão”.

- Diz que “não consta do tempo em que foi fundada; mas que deve ter mais de duzentos anos de antiguidade”.

- Acrescenta que a Casa de Nossa Senhora dos Remédios “é dedicada ao Divino Espírito, e nela havia e há ainda hoje [1707] Hospital, se bem mais limitado”.

- “Edificaram esta casa [de Nossa Senhora dos Remédios] os pescadores do alto do mesmo bairro”.

- Acrescenta que esses pescadores haviam instituído uma nobre Irmandade, “para com tumba própria enterrarem aos seus irmãos defuntos”, a qual Irmandade “a assentaram na paroquial igreja de São Miguel de Alfama”, “enquanto não tinham Casa própria”.

- Que depois, por atritos com os Clérigos dessa paróquia, “escolheram o sítio aonde [...] começa a [rua] das Portas da Cruz [...] e nela edificaram uma fermosa ermida [...] e a dedicaram ao Espírito Santo”.

- Tudo isso teria acontecido antes de se constituir a Irmandade da Misericórdia, com a qual houve mais tarde contencioso (portanto: no século XV ou 1º quartel do XVI).

- E finalmente: “Da origem da Senhora dos Remédios não há quem diga nada com certeza, sem embargo (ao que parece) de não ser muito antiga: porque na Escritura do ano de 1602 se não fala em a Senhora dos Remédios. Também poderia bem ser que como a Casa é dedicada ao Divino Espírito, e o aparecimento da Senhora foi depois da fundação daquela Casa, fosse o seu aparecimento antes desta demanda [terminada com a Escritura de 1602]”.

Bastante confuso!

4. Um documento de 31 de Agosto de 1912 – Representação da Irmandade do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora dos Remédios, entregue à Comissão encarregada do arrolamento e inventário dos bens das igrejas do 1º Bairro de Lisboa –, e que se revela minuciosamente baseado nos arquivos da dita Irmandade informa-nos:

[a] que “a Ermida dos Remédios é das mais antigas do bairro de Alfama, vendo-se por documentos existentes no cartório da sua Irmandade, que a sua fundação deve datar dos fins do século XIV ou princípios do XV, isto é, dos reinados de D. João I ou de D. Duarte, ignorando-se porém ao certo a data precisa da sua edificação”.

[b] que “a primitiva invocação foi a de Nossa Senhora dos Remédios, talvez pela existência dum poço que está ao lado esquerdo da entrada da Ermida (a principal), cuja água dizem ter propriedades para a cura de várias doenças com especialidade as dos olhos”.

[c] que “mais tarde, talvez pelos reinados de D. Manuel, ou de D. João III, foi ampliada a invocação de Nossa Senhora dos Remédios com a [invocação] do Divino Espírito Santo”.

[d] que “esta última invocação, ou seja, do Divino Espírito Santo, lhe trouxe a Irmandade”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

de deste nome [Espírito Santo], também muito antiga e que tinha [tido] a sua sede na igreja de S. Miguel de Alfama, Irmandade que se compunha de pescadores e navegantes”.

[e] “pelo que estas duas invocações ficaram até à actualidade [1912] constituindo os oragos da Ermida”.

Vd. o texto completo, reproduzido em Castilho, 1948: vol. I, 270-275 (nota nº 9).

5. Advirta-se que a invocação de Nossa Senhora dos Remédios é considerada pelo documento referido no § anterior como anterior à ampliação feita do Divino Espírito Santo; que é atribuída directamente à ermida, e não à imagem; e que é explicada pelos efeitos benéficos da água do poço que está na mesma ermida.

Pelo contrário, Frei Agostinho de Santa Maria (1707: vol. I, 233), fazendo-se eco do que contava a tradição popular, atribui o nome de Senhora dos Remédios, não à ermida, mas sim à imagem; e o título dos Remédios se deveria aos benefícios derivados da imagem milagrosamente aparecida. Mas não situa no tempo o aparecimento da imagem milagrosa.

Leia-se o texto.

Depois das dúvidas que tem quanto à origem da Senhora dos Remédios,

“Da origem da Senhora dos Remedios não ha quem diga nada com certeza, fem embargo (ao que parece) de não fer muyto antiga: porque na Efcritura referida do anno de 1602. se não falla em a Senhora dos Remedios; tambem poderia bem fer que como a Casa he dedicada ao Divino Espirito, & o apparecimento da Senhora foy depois da fundação daquella Casa, foffe o feu apparecimento antes desta demãda” (Santa Maria, 1707: vol. I, 233)

Diz o que pôde descobrir:

“O que pude descobrir he, que naquella Igreja ha hum poço, que fica em o canto della ao entrar da porta principal da parte esquerda. Neste dizem todos por tradição, que indo hũ trabalhador, ou fervente de pedreiros tirar agua, para algũa obra que na Igreja se fazia, & que tirando o caldeirão, tirára nelle a Sãta Imagem. Alvoraçado com o fuceffo, chamou pelos officiaes, & estes pelo Mestre, & todos entendêrao fer coufa milagrosa; & muyto mais por fer o poço baixinho, (que se tira delle agua com limitada corda,) & tirandose delle continuamente agua, nunca fora vista. Tambem se admirárao mais, que estando esta Santa Imagem naquelle poço, se visse a pintura enxuta, & sem lezaõ, o que não podia fer sem milagre, em hũa Imagem de madeira, & eftófada.

A fama deste prodigio se começou a gente a mover, & a festejar o apparecimento, & invocação da Santa Imagem; a invoca por unico remedio de seus trabalhos, afflicções, & neceffidades: e como no feu patrocínio acham promptos os remedios para todos os seus males, daqui nasceo pelo que dizem, este titulo dos Remedios que se lhe impoz.

Outros referem o apparecimento da Senhora noutra fórma: mas o que he sem duvida, que a Senhora appareceo, ou foy achada no poço, ainda que hoje se ignore o modo, & as circumstancias de feu apparecimento. O começar a Senhora a obrar logo infinitas maravilhas, se vê nas innumeraveis memorias dellas, pintadas em quadros, de que se vê cuberta toda aquella Igreja, mortalhas, & outros despojos da morte, & da enfermidade; navios em memorias de outros, que de evidente perigo de se perderem escapárao pela invocação da Senhora dos Remedios. A multidaõ das maravilhas da Senhora fez, que esquecendose todos

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

do primeiro titulo daquella Casa, a denominaffem fômente com o titulo dos Remedios. E affim até o prefente he confiante, & permanente a devoção para com eſta milagroſa Imagem, & à medida da fé, continua a Mãe de Deos em lhes alcançar de Deos o remedio de todas as fuas neceſſidades.”

(o.c., p. 233-234)

6. Não se fica por aqui a lenda. O mesmo autor do *Santuário Mariano*, acrescenta o que segue, explicando aliás a existência de duas imagens da Senhora dos Remédios, que ambas se veneravam na dita Ermida dos pescadores de Alfama.

“Tambem he publico, & conſtante q̃ deſapparece, & ſe acha menos do feu lugar aquella Santa Imagem; & affim ſe diz commummente vay a acudir, a defender, & a livrar aos feus peſcadores do alto, dos perigos que no mar ſe encontraõ, affim de tormentas, como de Mouros. E dizem que algũas vezes a acháram molhada; final de que nos mares acudio aos que nelles perigavaõ.

Daqui ſem duvida nãſceria o mandarem os Irmãos daquella Casa do Eſpirito Santo fazer a Imagem grande da Senhora dos Remedios, que no Altar mór eſtá collocada, para que ſempre achaffem os feus devotos prefente a ſua conſolação, & remedio. A [imagem primitiva da] Senhora terá um palmo de alto; a materia certamente não ſe fabe o que he, entendefe ſer de madeira. He eſtofada, mas muyto linda. Eſtá collocada fobre o Sacratio ſobre hũ trono proporcionado à ſua pequenez debaixo de hum docel tambem pequenino, & cuberta com cortinas.

A Senhora grande eſtá na tribuna cuberta, na meſma fórma, de ricas cortinas. E a Igreja em ſi eſtá toda cuberta de ouro: porque com generoſa piedade cuidam os peſcadores do culto, aceyo, & ornato daquella ſua Caſa.”

(o.c., p. 234-235)

7. Já agora conta-se também um caso ligado à ermida de Nossa Senhora dos Remédios. Vem narrado pelo Padre Manuel Portal, História da ruína da cidade de Lisboa causada pello espantoso terremoto e incendio, que reduziu a pó e cinza a melhor, e mayor parte desta infeliz cidade, fl. 36 (Souza, 1928: vol. III, 713). Teria acontecido no reinado de D. Pedro II († 1706):

“E para que fique em memória hum funſto e ſempre horrível caso, que ſoccedeo na dita Ermida não ha muitos annos no Reynado d’El-Rey D. Pedro que Deus haja já que a dita Ermida reduzida a hum monte de pedras talvez ou não ſe reedificará, ou ſerá em outro lugar o contarey ſummariamente. Tinha a dita Ermida huma Ermitoa que tratava do aceo do Altar, limpeza da Igreja e do ornato, e decerto da Senhora a que ſe venerava em hum Trono. Esta Heremitoa tambem recadava as eſmolas que os fieis ou por voto, ou por devoção offereciãõ em obsequio da Senhora. Sucdedo que hum homem levado da tentação do demonio ſe escondeo dentro da Ermida de Sorte, que não o achou a Ermitoa quando á noute fechou a porta. Então aquelle maldito homem matou a Heremitoa, roubou o cepo onde ſe deytavãõ as eſmolas e a lampada que ardia diante da Senhora na ſua Capella e abrindo a porta ſe ausentou.

Logo ao outro dia correo pela cidade aquele grande desacato e ſacrilegio. E Sua Mageſtade tomando à ſua conta o desagravo da ſenhora mandou logo com penas gravíſſimas

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

fazer exactas diligencias para castigar o author de tão execrando crime. O ladrão querendo escapar usando de industria entrou em casa de hum seu amigo e lhe pediu, que lhe guardasse huma trouxa.

Elle estando inocente lhe disse, que a pozece em hum canto da caza. Foy-se embora; eis que chega a noticia do amigo assim, o roubo, como as diligencias exquisitas que se fazião para colherem o seu author.

Então sospeytando mal o dono da caza chamando a família na sua presença, abrio a trouxa, e vio, que era huma lâmpada de prata feyta em pedaços ainda que não tinha perdido de todo o feytio.

Ficou o pobre homem meyo morto de assombro toda a familia pedindo a Deos Nosso Senhor e a sua Mãy Santissima que os livrasse do perigo em que estava lhe occorreo me parece que foy inspiração hir a caza do Corregedor, e levallo consigo para que o Ministro visse com os seus olhos o que elle determinava fazer. Foy o Corregedor, levando consigo alguns officaes de justiça. Vio o Ministro a lâmpada e então o homem inspirado ao que se entende pela Senhora mandou chamar o ladrão.

Veyo elle escondendo se entretanto em outra caza, o Corregedor, e os officaes mas de sorte que podessem ouvir o que se passava. O ladrão depois de conversar com o dono da caza hum pouco disse que levasse a sua tronxa, que a não queria mais ter em caza. O ladrão pegou nella dizendo, que a levaria já que lhe dava molestia o guardalla, e despedindo-se delle foy descendo pela escada.

Ao encontro lhe sahio o Ministro, que tinha ouvido o que se passara entre elles, e lhe perguntou que levava debayxo do capote; respondeo elle, que huma trouxa que lhe dera o dono, da casa para levar a outra parte, e não sabia mais. Como o Minystro estava inteyrado da verdade o prendeo, no qual se executou hum rigoroso castigo como merecia, crime tão atroz o homem foy render à Senhora as graças pello grande perigo em que se vira estando inocente”.

8. Como já se deixou dito, a Irmandade do Divino Espírito Santo, que fora estabelecida na igreja de São Miguel, de onde saíra para a nova Casa, tinha como finalidade primordial enterrarem os seus irmãos defuntos com tumba própria.

“Affim foraõ continuando por muytos annos, & ifto por privilegios pontificios, que para iffo alcançaraõ, fem que ouveffe quem lho prohibiffe. Com a fua tumba levantada, & cuberta com hum rico pano de veludo preto, com barras, & cruz de bórdado de ouro franjado do mefmo, & Cruz rica com manga na mesma fórma, & tudo com as divisas, & empreza do divino Espirito, que he hũa pomba branca bordada em o mefmo borcado, cercada de hum reflandor de ouro, enterravaõ aos Irmãos, as fuas mulheres, filhos, & filhas, em quanto vivião debaixo do pátrio poder; & ifto fem nenhum interesse. E com a mefma caridade enterravaõ tambem aos criados, & escravos dos mefmos Irmãos. Aos q̄ eraõ pobres curavaõ com prompta caridade no feu Hospital, & lhes davaõ na morte sepultura, & mortalha, & lhes mandavaõ dizer certo numero de Missas; o que ainda hoje continuaõ.

Erigindose depois a Irmandade da Misericordia, & intentando o Provedor, & Irmãos della prohibir aos pescadores do alto enterrar aos seus defuntos com tumba levantada, como ateli haviam feito, & com ornato, & pompa tam illuftre, como a Irmandade da Misericordia custumava fazer aos seus Irmãos; ouve nefta materia hũa renhida demanda; mas confiderando os Irmãos da Misericordia, que os pescadores eftavaõ de posse, havia muytos annos, de

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

acompanhar aos seus defuntos, por evitarem gaftos, & demandas tratáram de fe compor, & affirm fizeram hũa amigavel compozição por hũa escritura de concerto, & tranfacção entre huns, & outros, de que os peçcadores enterrarião os seus Irmãos, & mulheres dos Irmãos, & aos filhos, & filhas em quanto estiveffem debaixo do patrio poder, & não enterrariam outras peffoas de fóra. Fez-se esta escritura em 12. de Agosto do anno de 1602. cujos Procuradores foraõ pela parte da Misericordia o Doutor Marcos Teixeira, & Henrique de Soufa, ambos Deputados da Mesa da Consciencia; & pela parte da Irmandade do Espirito Santo dos peçcadores, Antonio Gonçalves, & Joaõ Vaz, & Duarte Lourenço. Era neste tempo Provedor da Misericordia Mathias de Albuquerque.”

(In Santa Maria (1707: vol. I, 232-233)

9. “Não foi porém só por esta razão que os pescadores do alto viram perigar alguns dos seus direitos por causa da Santa Casa da Misericórdia.

Doutra vez, conta-o Vítor Ribeiro⁽¹⁾, foi por causa do chão que estava à porta do chafariz dos Cavalos (de Dentro) e que ia desde essa porta para a banda do poente até umas casas que ali se fizeram novas, o qual em 1562 fôra cedido pela Câmara à Misericórdia, para nêle se edificar o hospital dos Incuráveis. Ora o chão, segundo reclamavam os pescadores, era preciso para uso das caravelas e barcos e despejo delles e para nelle vararem os seus bateis e barcos no inverno e tempestades e os amarrarem ao muro e também para nêle pôrem a enxugar as suas rêdes e acomodar os mastros e as vêrgas. Porém a reclamação não foi atendida se bem que afinal o tivesse sido em razão do hospital, segundo parece, não ter chegado a construir-se no referido chão.”

⁽¹⁾ A Santa Casa da Misericórdia, pág. 427.

10. Quanto aos hospitais desta Irmandade, tenha-se em conta o seguinte:

- Já no século XVI o *Sumário* menciona o “hospital dos pescadores chincheiros” (Vd. Supra, §1).

- “A vida desafogada que financeiramente lhe decorria por êsse século [XVII] e a que já possuía nos anteriores, impulsionaram os seus gerentes a adquirirem alguns prédios no Bêco do Espírito Santo, traseiro à Ermida, nos quais instalaram nêles um recolhimento e um hospital para os seus Irmãos e Irmãs pobres, para o que chegaram a abrir uma comunicação (actualmente vedada ou entaipada) para o dito hospital, prédio êsse que ainda é propriedade da Irmandade, no qual se acha encravada a sacristia da Ermida e que pela sua escritura de compra, se prova ter sido adquirido no ano de 1672”.

- “Apesar do grande contratempo do terramoto ao desapontar do século XIX, acháva-se a Irmandade ainda bastante próspera, pelo que os seus rendimentos lhe permitiram instituir ainda num prédio seu, um hospital situado às Portas da Cruz, à Rua dos Remédios, o qual teve existência até meados dêsse século XIX, servindo de muito auxílio a seus Irmãos e Irmãs pobres, aos quais por seus falecimentos se encarregava dos funerais, como era praxe das antigas mesas gerentes da Irmandade facultarem”.

- “Em 1857 por deliberação da Junta Grande da irmandade, foi resolvida a venda dalguns bens, a-fim de ocorrer às despesas de assistência hospitalar e fúnebre e cujos traslados de tais vendas, se encontram no arquivo e notas do tabelião desta cidade Carlos da Silva.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Mais tarde em 1863 foi a Irmandade obrigada a vender os restantes prédios que possuía em diferentes locais, desaparecendo por consequência o hospital do prédio das Portas da Cruz, como já desaparecera em 1755 o primeiro.

O produto total dessas vendas foi por lei convertido em inscrições de assentamento da Junta de Crédito Público, sendo apenas isento da venda o prédio sito no Bêco do Espírito Santo n.ºs 12 e 14, por nele se achar encravada a Ermida dos remédios, com a sua sacristia e uma outra dependência da mesma”.

11. “Uma notícia curiosa: à Ermida dos Remédios, nos fins do século XVI, foi atribuída uma das actuais utilidades das esquadras de polícia – depósito das crianças que se perdiam na cidade. A resolução fôra tomada na reunião dos vereadores efectuada em 21 de Maio de 1592: «...(~q) toda a pessoa, (~q) achar menino ou menina perdidos, os leve e entregue na hermda da acensão, aa calçada do congro, aa hermitoa, ou no hospital dos Palmeiros, ou em nosa (sñra) dos remédios, em Alfama, aos hermitães ou p.^{as} (~q) tem cuidado do dito hospital e hermidas; e p.^a (~q) seus pais e ma~is e p.^{as} (~q) delles tem carreguo saibão onde os podem ir buscar, se fação escritos p.^a se notificar~e nos púlpitos.» (1).

Mais tarde, em 1628, uma nova determinação sobre o mesmo assunto já não menciona a ermida dos Remédios (2)”.

(1) Elementos para a História do Município de Lisboa, Eduardo Freire de Oliveira, vol. II, pág. 68.

(2) Idem, vol. III, pág. 288

12. “O terramoto de 1755 destruiu em parte os altos da frontaria da Ermida, pelo que a Irmandade dessa época teve de a mandar à sua custa restaurar, o que se prova com os livros de contas dessa reedificação, que foi aberta a porta lateral direita que deita para a Rua da Ragueira.

Alguns dos prédios que por efeito do terramoto ficaram arruinados, foram então vendidos e com o produto das vendas se fêz a reedificação doutros e da Ermida.

Com o terramoto de 1755 tanto a ermida como o hospital dos pescadores sofreram grande ruína (3) dizendo o padre Manuel Portal queaquela «ficou reduzida a hum monte de pedras sepultada a milagrosa Imagem e as pessoas que eram muitas que estavam na Igreja (4). Pouco tempo depois, porém, a ermida estava reedificada (5)”.

(3) Hist. Universal dos Terramotos, Joaquim José Moreira Mendonça, pág. 133

(4) Hist. da Ruína, fl 36, em o Terramoto de 1º de Nov. de 1755 em Portugal, de Francisco Luís Pereira de Sousa, vol. III, pág. 713.

(5) Mapa de Port., João Baptista de Castro, vol. III, pág. 165 – ed. 1870.

13. O que existe actualmente é um modesto templo do século XVI, onde se encontram ainda coisas desse século e do seguinte, misturadas com as que lhe apôs a restauração do século XVIII [1755-1763].

Notável a porta manuelina, encimada pela pomba (Espírito Santo).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A ermida tem três altares ou capelas:

No altar-mor, as imagens de S. Pedro Apóstolo e de S. Pedro Gonçalves. Uma maqui-neta com a imagem milagrosa da Senhora dos Remédios.

No lado da Epístola, o altar de Nossa Senhora dos Anjos, acompanhada de S. José e Santo António; em baixo, o Coração de Jesus.

Nossa Senhora da Piedade, acompanhada por S. Joaquim e S. Sebastião. Entre este altar e o altar-mor, uma boa imagem de Cristo Crucificado.

Azulejos do lado da epístola, com os temas da Anunciação e da Visitação; do lado do evangelho, com cenas da vida de Santa Cecília.

À entrada da porta, dois quadros: o da direita representa Santa Luzia, Santa Catarina, e Santa Bárbara; o da esquerda, Santa Apolónia, Santa Úrsula e Santa Marta.

Na sacristia, bons azulejos com cenas da vida de Santo Antão.

No Cartório encerra-se livros preciosos, nomeadamente escrituras de compra e venda, traslados de vários legados testamentários, alvarás, livros de receitas e despesas... E sobretudo o seu compromisso, aprovado pelo rei D. João IV, com ricas iluminuras feitas por grande artista do século XVII.

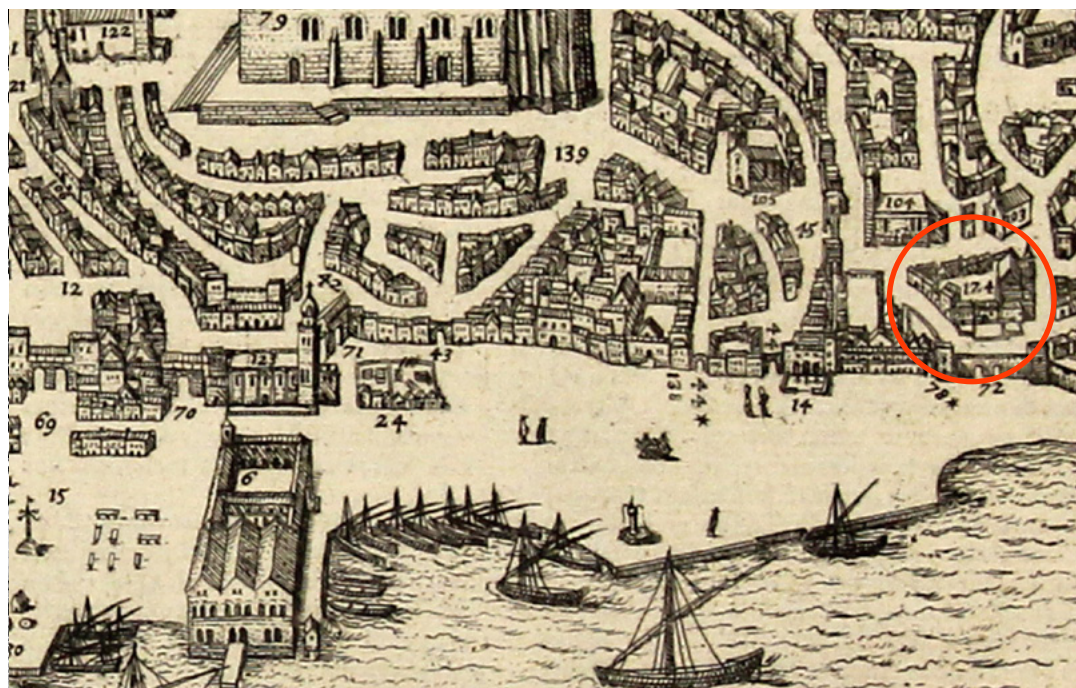


Fig. 28 – Pormenor da Vista de Lisboa na 2ª metade do séc. XVI (Braunio, 1598).

Em destaque, a Ermida do Santo Espírito a Alfama (124).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

◉ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA OU: ERMIDA DE SÃO PEDRO GONÇALVES = ERMIDA DO CORPO SANTO ^{CXXXIV}

Século XV [1412 ?]

Existiu esta ermida no ângulo NE do que é o actual Largo do Corpo Santo. Era cintada por dois lanços da muralha fernandina, na qual se abriam os Arcos da Fontainha e dos Cobertos, à entrada da actual Travessa do Cotovelo, ao fundo da Calçada do Ferragial.

1º Ermida de Nossa Senhora da Graça.

“No sítio que em Lisboa se chama o Corpo Santo (e nestes nossos tempos [séc. XVIII] se chama também a Corte Real, por estar nele o Palácio que foi do Marquez de Castello Rodrigo, cujo apelido era Corte Real, e hoje é de S. Majestade), está uma Ermida muito antiga, dedicada a Nossa Senhora com o título da Graça. Nela é venerada uma devota Imagem da Mãe de Deus, de cuja origem e princípios se sabe muito pouco, e menos do ano em que se fundou e se lhe dedicou aquela Casa; de donde se vê ser muito antiga.

Com esta santa Imagem têm muita devoção os moradores circunvizinhos, e distantes, e antigamente ainda foi muito maior a devoção para com ela” (Santa Maria, 1707: 344-345).

Apesar de serem atribuídas a esta ermida outras denominações, “... sempre a Senhora da Graça foi e é a Padroeira daquela Casa” (Santa Maria, 1707: 346).

“Está colocada a imagem da Senhora em uma rica tribuna dourada, e com grande veneração. É de vestidos; e terá de estatura cinco palmos [= 1,10^m]. Em seus braços tem o Soberano Jesus Menino” (Santa Maria, 1707: 346).

Seria esta Ermida da Graça anterior a 1412, segundo pensam alguns; mas João Baptista de Castro, sempre tão meticoloso, parece não admitir essa versão (Vd. Castilho, 1964: vol. IV, 72).

“São os Administradores desta Ermida os pescadores do alto bairro da Pampulha; os quais tomaram por sua conta servir à Senhora da Graça, encarregando-se em uma Irmandade; e eles são os que concorrem com as despesas que se fazem, assim nas festividades da Senhora, como nas ordinárias”.

“Foi esta Igreja antigamente Freguesia; e dela se mudou para a [igreja] de São Paulo em o ano de 1402, como se colhe da pedra que se vê na porta principal [porta principal da ermida, ou da igreja de São Paulo?]”.

“E a Casa da Senhora [da Graça] se reparou pelos anos de 1594”.

“Tem esta Casa da Senhora grandes privilégios; e tudo quanto há naquele sítio paga para a Senhora certa pensão, ou tributo, desde a praia até à Igreja, e tudo quanto se põem naquela praça” (Santa Maria, 1707: 346)

^{CXXXIV} São muito escassas as informações respeitantes a este templo, devendo-se a Araújo, 1938: vol. III, 35 a mais objectiva aproximação historiográfica: numa ermida consagrada a Nossa Senhora da Graça, um grupo de pescadores terá instituído uma capela por devoção a São Pedro Gonçalves Telmo, padroeiro das comunidades piscatórias; é possível que esta versão se relacione com uma realidade já quinhentista e que a capela se localizasse no início da desaparecida Calçada do Ferragial.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

2ª Ermida de São Pedro Gonçalves

João Brandão de Buarcos menciona, entre as ermidas que não são curadas e logo a seguir à de Santo Espírito ao Cais do Secretariado, a Ermida de São Pedro Gonçalves (Vd. BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 115).

A ermida recebeu esta denominação não sabemos em que data: mas conjectura-se que deve remontar ao século XV.

Deve-se este título ao facto de se venerar na Ermida de Nossa Senhora da Graça uma imagem de São Frei Pedro Gonçalves Telmo, santo cujo culto se popularizou entre a gente marítima de Espanha e Portugal, especialmente em Lisboa, Biscaia e Guipúzcoa.

“E pelo muito que estes homens [os marítimos e navegantes] se reconhecem obrigados aos favores que dele recebem (porque os livra de grandes perigos de tormentas), concorrem àquela Casa a visitá-lo, e a pagar-lhe os votos que fazem, solenizando-lhe as suas festas com muita grandeza” (Santa Maria, 1707: 345).

A extraordinária devoção dos marítimos a este São Pedro Gonçalves dever-se-á não apenas à actividade deste santo, especialmente entre os marítimos e os pescadores, mas também nas características da sua vida apostólica, de taumaturgo, pois o dito santo obrava de maneira quase contínua os prodígios mais extraordinários, colocando-o ao nível dos mais célebres da história eclesiástica, sob este ponto de vista²⁸.

Também terá concorrido para a explosão deste culto o facto de São Pedro Gonçalves também se chamar Pedro Telmo: isto terá feito com que a devoção que os marinheiros tinham anteriormente a Santo Erasmo se canalizasse para São Telmo. Com efeito, Santo Erasmo, mártir do século IV, também era chamado de Sant’Éramo, Sant’Ermo, ou Sant’Elmo.

3ª Ermida do Corpo Santo

É de notar que Cristóvão Rodrigues de Oliveira, na sua preciosa obra *Sumário* (elaborada por volta de 1551), no capítulo em que trata das Ermidas, não menciona a Ermida da Nossa Senhora da Graça sob este nome; mas, em seu lugar, refere a Ermida do Santo Corpo: “o hospital e confraria do Corpo Santo estão na freguesia dos Mártires; valem as esmolas que se aí faziam cinquenta cruzados” (Vd. Oliveira, ed. 1987: 56)

Esclarece o *Santuário Mariano* (1707: vol. I, 345-346): “Deu-se àquela casa [ermida de Nossa Senhora da Graça] o título de Corpo Santo por causa de se venerar nela uma Imagem de São Pedro Gonçalves, a que os marítimos e navegantes chamam Corpo Santo; e os castelhanos S. Telmo. E pelo muito que os homens se reconhecem obrigados aos favores que dele recebem (porque os livra de grandes perigos de tormentas) concorrem àquela casa a visitá-lo, e a pagar-lhe os votos que fazem, solenizando-lhe as suas festas com muita grandeza; e com esta ocasião se começou a denominar aquele sítio O Corpo Santo; e parece ser também nele muito antigo. Porém sempre a Senhora da Graça foi e é a Padroeira daquela Casa”.

O excelente Bluteau (Vd. 1727, tomo II, 573): “O que na cidade de Lisboa chamamos o Corpo Santo não é palácio; é uma ermida, ou o bairro, em que por uns degraus de pedra se sobe a uma pequena igreja, dedicada ao santo que os homens do mar costumam invocar

²⁸ Ver infra o anexo sobre a vida de São Pedro Gonçalves ou São Telmo.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

nas tormentas, e lhe chamam alguns Santelmo ou São Telmo, e outros gritam dizendo: Salva, salva Corpo Santo!”. O mesmo Bluteau (Vd. 1727, no nome “Corpo Santo”) elucida: “Corpo Santo (termo de homens do mar). É a exalação luminosa, que os meteorologistas chamavam Castor e Pollux. Vd. Castor. De ordinário aparece esta exalação sobre os mastos [mastros] e outras partes dos navios, e os marinheiros imaginam que esta luz é o Corpo de seu advogado S. Pedro Gonçalves, que os vem consolar; e por isso gritam: salva, salva, o Corpo Santo. Veja-se a Decada Setima de Couto, fl. 88 e 89”.

- “Para esta ermida se sobe por uma escada de pedra de quinze degraus, no fim da qual se faz um recebimento com um parapeito, que faz um excelente púlpito. E como de tal se aproveitava dele o venerável Padre Inácio Martins da Companhia de Jesus (chamado vulgarmente o Mestre Ignacio) o qual pela grande devoção que tinha com a Senhora da Graça, costumava ir fazer as suas doutrinas em aquela igreja. E por ser sítio de grande concurso, aonde residem muitos estrangeiros de toda a sorte, assim Católicos como Hereses, e vivem muitos soldados e homens marítimos, e daquele lugar faria grande fruto nas almas; em que também lhe não faltaria para o fazer o favor da Senhora da Graça, que nunca falta em a alcançar aos pecadores, para que cuidem do primeiro, e principal negócio, que é o da sua salvação. De então para cá (que foi isto pelos anos de 1580) costuma a Companhia mandar fazer ali doutrina em as tardes da maior parte dos Domingos do ano” (Santa Maria, 1707: vol. I, 345).
- “Celebrava-se ali uma grande festa no dia da Senhora dos Prazeres. Ia S. Telmo debaixo do palio em procissão com grande acompanhamento, por várias hortas e casas particulares, até S. Domingos do Rossio, onde os frades lhe faziam vistoso recebimento no claustro do mosteiro”. (diz Castilho, 1964: vol. IV, 72; que remete para Castro, 1763: tomo II, 157).
- Não era isolada esta ermida: o Tombo da cidade fá-la partir com outras propriedades, e coloca-a sobre o lado norte da praça.
- Tinha de frente 7 varas, 2 palmos e, 7/20: de fundo 11 varas e 5/10 (Vd. Castilho, 1964: vol. IV, 73). Ou seja: 2 metros e 30 cm de frente, por 12 metros e 77cm de fundo.

“Na ermida existiu pelo menos mais uma outra irmandade ou confraria, esta sob o patrocínio de Santa Catarina, segundo se declarava no frontispício do respectivo compromisso visto por frei Apolinário da Conceição antes do terramoto: *Compromisso da confraria, e Irmandade da Bemaventurada Virgem, e Martyr Santa Catharina, sita na Ermida de N. Senhora da Graça do Corpo Santo desta cidade de Lisboa, ordenado pelo Juiz, e Officiaes da dita confraria. No anno de 1615, sendo Juiz desta confraria o capitão Diogo Borges de Cea Cavalleiro Fidalgo da casa del Rey N. Senhor, mandou fazer por sua devoção este Compromisso á sua custa.*

Mais tarde, esta irmandade, uniu-se à da mesma invocação erecta na paroquial dos Mártires – *Demonstração Histórica* (Vd. Castilho, 1964: vol. IV, p. 71)
- Sobre o que aconteceu à ermida no terramoto de 1755, encontramos duas versões contraditórias:

A) A ermida teria sido arruinada com o terramoto. Esteve esta igreja alguns anos desmantelada. “Não pude saber se foi o povo, se foram os padres irlandeses (católicos) que a reedificaram depois daquele horroroso cataclismo, o que é certo é pertencer actualmente a estes padres” (Leal, 1874: vol. IV, 237).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

B) Merece mais fé João Baptista de Castro (1763: tomo III, 396), que diz: “Não padeceu ruína alguma esta Ermida com os abalos do terramoto”.

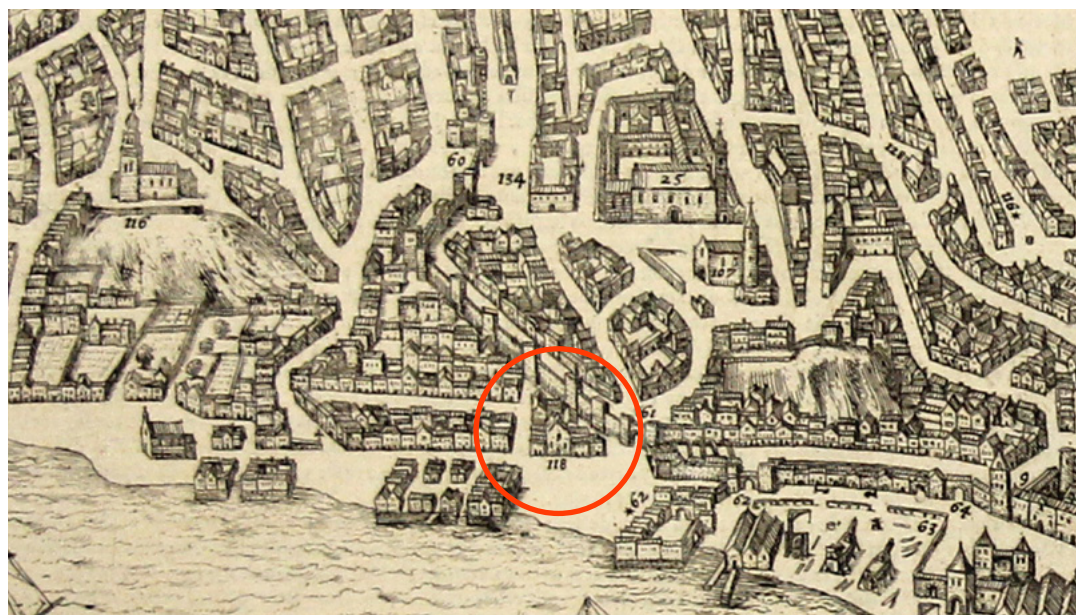


Fig. 29 – Pormenor da Vista de Lisboa na 2ª metade do séc. XVI (Braunio, 1598). Em 118, em destaque, vê-se a Igreja do Corpo Santo com a frontaria voltada para o sul; empena de bico; porta ao meio; janelas dos dois lados da porta; uma rosácea ou janela maior, por cima.



1. Ermida de Nª Srª da Graça; 2. Igreja de Nª Srª dos Mártires; 3. Igreja de São Julião; 4. Igreja dos Dominicanos Irlandeses

Fig. 30 – Pormenor da planta de Lisboa por Vieira da Silva, com indicação das igrejas antes do terramoto de 1755 (in *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, gravura 3).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ANEXO

NOTA SOBRE A VIDA DE SÃO PEDRO GONÇALVES, OU SÃO TELMO

Pedro González, ou Pedro Telmo, nasceu em Frómista, povoação das actuais províncias e diocese de Palencia, por volta de 1180-1190.

Seus pais eram nobres e ricos; acaso era aparentado com os reis de Castela. Foi educado em Palencia, ao lado do irmão de seu pai, o bispo da dita cidade, Tello Téllez de Meneses, a personagem mais importante do reinado de Afonso VIII, criador com este monarca da Universidade de Palencia.

Cursou as artes liberais nessa universidade. O tio era prelado mais cortesão e mais guerreiro, do que bispo. A conduta deste, assim como a relaxação moral dos costumes clericais da época explicam que Pedro González se tornasse num clérigo rico e de comportamento secularizado, contra os quais se dirigiam os Cânones reformadores do III e IV Concílio de Latrão. A este último assistiu Tello Téllez e provavelmente o sobrinho.

Vagando o lugar de deão no Cabido de Palencia, e desejando o prelado preparar o sobrinho para a futura sucessão na mitra, então a 1ª de Castela, conseguiu de Honório III a nomeação do dito sobrinho para essa dignidade, facto que este quis celebrar com uma cavalgada pelas ruas de Palencia, no dia de Natal. Caindo do cavalo num lodaçal, as troças das gentes causaram-lhe tal impressão, que decidiu abandonar o mundo e retirar-se para o Convento de Dominicanos de Palencia, acabado de fundar em 1219.

A sua cultura, que o destacava dos clérigos seus contemporâneos, e a sua sincera conversão, evidenciaram-no entre os dominicanos da primitiva província de Espanha, ombreando com São Raimundo de Peñafort e Gil de Santarém.

Percorreu depois os reinos de Leão e Castela em apostolado religioso; e acompanhou o Rei São Fernando, como seu confessor, indo com ele na expedição contra os Mouros de Córdoba. A esta época pertence um prodígio (que aliás se encontra na legenda de outros santos). Diz-se que foi solicitado por uma cortesã paga pelos militares, que se queixavam de ter o santo levado o Rei a expulsar as meretrizes que seguiam o exército. Para converter a meretriz, deitou-se sobre carvões em brasa, sem se queimar...

Tomada Córdoba, é provável que tenha sido Telmo o fundador do Convento de São Paulo dessa cidade. Menos verosímil é que tenha assistido à conquista de Sevilha, e aí tenha fundado outro convento de São Paulo.

Depois disto, separou-se do rei S. Fernando, para se dedicar à evangelização da Galiza e do Norte de Portugal, ocupação que enche os últimos dez anos da sua vida, de 1236 a 1246.

Percorreu Compostela e os seus povos; o condado de Rivadavia, onde se ergue uma ponte em Castrillo; constrói outra ponte em Ramalhosa (onde anuncia a proximidade da sua morte); funda o convento português de Guimarães; entrega o hábito dominicano a São Gonçalo de Amarante; percorre em pregações Lugo e Tuy, acompanhadas de extraordinários prodígios.

Um dos prodígios que se lhe atribui é o seguinte. Construía-se a ponte de Rivadavia, e o povo prestava a sua cooperação pessoal, sem que os trabalhadores exigissem mais nada do que comida, composta principalmente de peixes pescados no rio Minho. Faltaram os peixes, e os trabalhadores ameaçaram voltar para as suas aldeias. Então, São Pedro Gonzalvez colocou-se nas margens do rio, juntamente com o seu companheiro São Pedro de las Marinas: os peixes

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

acorrriam em cardumes, deixando-se apanhar pelos dois santos até que, reunido o número suficiente, São Telmo os abençoava e despedia.

Uma das características da sua vida apostólica era a taumaturgia. O santo obrava de maneira quase contínua os mais extraordinários prodígios, podendo emparceirar com os mais célebres da história eclesiástica, sob este ponto de vista.

Pelo ano de 1246, estando a pregar na ponte de Ramalhosa, junto à aldeia de Santa Cristina, anunciou aos ouvintes a sua morte próxima, após ter conjurado uma furiosa tempestade. Depois disto pregou a Semana Santa em Tuy. E faleceu em Abril desse ano de 1246 (provavelmente).

Logo começaram a prestar-lhe culto e a atribuir-lhe muitos milagres. O bispo de Tuy elaborou uma relação, testemunhada com juramento e todo o género de formalidades legais, em que se continham 126 milagres ocorridos depois da morte de São Telmo. A relação foi enviada ao Capítulo Geral dos Dominicanos, reunido em Toulouse, no ano de 1258.

O seu corpo foi encerrado numa arca prateada; e foi erecta uma sumptuosíssima capela dedicada a São Pedro González, para onde foi trasladado em 27 de Abril de 1579.

Os atributos iconográficos deste santo são o hábito dominicano; e na mão direita uma teia acesa, aludindo ao fogo baptizado com o seu nome (fogo de santelmo), e na mão esquerda um navio, alusão ao seu patrocínio sobre os navegantes.

Sabe-se que já no século XV o seu culto se espalhara entre os marítimos, por todo o litoral de Castela e de Portugal. Ter-se-á originado na Galiza, devido à popularidade de São Pedro Gonçalves naquela região, especialmente por causa dos milagres obrados em favor dos vários pescadores que foram em peregrinação ao seu sepulcro. Como os marinheiros galegos se encontram dispersos por toda a Cantábria e por Andaluzia, eles terão levado o culto do santo a todas estas regiões. De facto, são Pedro Gonçalves, ou São Telmo, ou Corpo Santo, foi o protector da gente do mar.

“O seu culto popularizou-se entre a gente marítima de Espanha e de Portugal, especialmente em Lisboa, Biscaia e Guipúzcoa. Em Tui, erigiu-se uma ermida com o nome de Corpo Santo na casa em que Fr. Pedro adoeceu e morreu, e a rua próxima deixou o nome antigo e tomou também o de Corpo Santo já antes do ano de 1490. Em Guimarães, já em 1503, havia indulgências concedidas aos que visitassem o altar do santo. Em Lisboa, além da igreja chamada do Corpo Santo, dedicaram-lhe capelas com irmandades nas igrejas de S. Domingos, Santo Estêvão e S. Miguel. No Porto, em Lagos e noutros lugares, consagraram-lhe também igrejas ou capelas. Partiram de Portugal as principais diligências para a canonização. Em 1592, a confraria da igreja de S. Miguel de Alfama, em nome das de todo o País, pediu ao arcebispo de Lisboa que patrocinasse o intento. Reuniu ele os documentos e enviou-os a Roma, ao mesmo tempo que permitia aos pescadores exercerem a sua faina nos dias santos, para ocorrer às despesas da causa. Estas diligências foram apoiadas pelos bispos e pelas Câmaras de Lisboa, Bragança e Tui e pelo rei Filipe II. A Santa Sé veio finalmente a aprovar o culto geral, por decreto de 13-XII-1741. A festa do santo celebra-se a 15 de Abril”. (“S. Telmo” in *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, pp. 156-157).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ **ERMIDA DE SÃO BENTO DE ENXOBREGAS** ^{CXXXV}**Século XV [antes de 1446]**

Em tempos muito remotos – provavelmente na 1ª metade do século XV – no sítio de Enxobregas, onde depois (no século XV) se edificou o Convento de São Bento de Xabregas, existia uma ermida da invocação de São Bento, que foi “o primeiro templo que em Lisboa e seus arredores se dedicou a este santo” (Vd. Pereira e Rodrigues, 1906: vol. II, 229).

Fora construída por D. Estêvão d’Aguir (25º abade, 1431-1446) quando era abade de Alcobaça, com o intento de fundar ali um colégio ou hospício para a sua Ordem.

Como se não efectuasse esta fundação, a rainha Dona Isabel, mulher de D. Afonso V, determinou edificar ali um Convento, não já para a Ordem de São Bernardo (Alcobaça), mas para a Congregação de São João Evangelista (“Loios”), que surgiu no país no reinado de D. João I.

^{CXXXV} Sousa, 2006: 242 recua ligeiramente a possível data de fundação do primitivo oratório consagrado a São Bento, situando-a por volta de 1429, e atribui o seu patrocínio a D. Isabel, duquesa de Borgonha, e não ao abade alcobacense. À luz desta interpretação, é difícil perceber qual o motivo, e em que data, entraram os monges de Alcobaça na posse do edifício, mas é certo que, pelos meados do século XV, eram estes os legítimos proprietários. Também a data de constituição do mosteiro, por intermédio da rainha D. Isabel, mereceu reservas a Sousa, 2006: 242. Araújo, 1938: vol. III, 71, sustentou que D. Afonso V teria comprado o terreno ao Mosteiro de Alcobaça e que, em 1461 (já depois do falecimento da rainha, ocorrido em 1455), teria ordenado a construção do convento dos Lóios.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA LUZ, EM CARNIDE** ^{CXXXVI}**Século XV [1464] →**

1. Aparece referida já em 27 de Maio de 1311, num documento de partilhas, a existência em Carnide de uma fonte de mergulho, que em outro documento de 8 de Janeiro de 1443 é designada como Fonte do Machado. A tradição diz que por volta dos fins do ano de 1462 os habitantes de Carnide começaram a dar-se conta da existência de uns clarões ou luzes para as bandas da dita Fonte do Machado, local ao tempo áspero e coberto de espesso e impenetrável matagal.

A revelação do mistério daquelas luzes foi feita por Pero Martins, filho de pais humildes, natural de Carnide, que tendo ido trabalhar para o Algarve, dali regressou casado com uma tal Inês Anes. Não sabemos em que circunstâncias, Pero Martins foi feito prisioneiro dos Mouros, prolongando-se o cativeiro. Estava-se já no ano de 1463. Desanimado da parte dos socorros terrestres, começou a pensar e a recorrer a Nossa Senhora. Diz a lenda que, estando Pero Martins sujeito às crueldades e vexações do cárcere, lhe apareceu em sonhos Nossa Senhora aureolada de extraordinária luz e formosura. Ter-se-á isto repetido por uns trinta dias, durante os quais Nossa Senhora lhe foi sugerindo ideias consoladoras, que se poderão exprimir na seguinte forma de palavras:

“Filho, consola-te. Eu te livrarei deste cativeiro em que ora estás. E como te livrar, ainda que sejas pobre e de parentes necessitados, não deixarás de fazer o que te agora digo. Irás ao lugar de Carnide no termo de Lisboa, donde és natural, e fazer-me-ás sobre a Fonte do Machado uma ermida como tu puderes. E será a invocação de Santa Maria da Luz, por ser esse o nome que me convém e de que meu Filho é servido me chame. Nesse lugar há-de ser meu nome glorificado, honrado e aumentado com muitas maravilhas e milagres que nele serão feitos por minha intercessão em muitas pessoas devotas. E quando chegares, já lá acharás de minha luz e claridade os sinais, que teus naturais hoje vêem sobre a mesma fonte do Machado. Aí acharás (buscando-a) uma imagem minha a que farás o que te digo, e nela mostrarei eu o que sou” (Santa Maria, 1707, vol. I, 100).

Entre os milagres de Nossa Senhora deve figurar o da libertação do próprio Pero Martins. A lenda vai até ao ponto de pretender que ele fora posto em sua casa de Carnide algemado ainda com as grossas cadeias de ferro a que se vira submetido. Fosse, porém, como fosse, o certo é que ele foi liberto em 1463 e regressou a Carnide.

^{CXXXVI} A data de 1463-64 para a decisão de se edificar a igreja da Luz, por vontade de Pero Martins e sua mulher, Inês Anes, tem sido unanimemente aceite. Trata-se de mais um templo erguido na sequência de uma aparição mariana, tão comum no século XV, neste caso a um soldado português encarcerado em Tânger em 1459. Pero Martins seria natural de Carnide, daí a construção junto à Fonte da Machada, certamente um dos locais mais concorridos da então freguesia. A construção da ermida contou com o apoio do arcebispo e do próprio monarca, D. Afonso V, os quais estiveram presentes na entrada solene da imagem de Nossa Senhora da Luz no primitivo templo. Em 1467, D. Jorge da Costa ordenou a aneção do conjunto à igreja paroquial de Carnide e, já no século XVI, por vontade de D. Maria, filha de D. Manuel, estabeleceu-se um hospital nas imediações.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Somente Pero Martins conhecia o segredo da luz, que a tantos trazia intrigados em Carnide e arredores. Mas por se sentir falho de posses para cumprir o desejo da “aparição” de que havia sido privilegiado, Pero Martins não se tinha ainda decidido a ir em busca da imagem da Senhora. Tampouco havia ele revelado a alguém o seu segredo. Nem sequer à sua própria esposa. Contudo, em dado momento em que com ele estavam Inês Anes, sua mulher, e Lopo Simão, seu primo, Pero Martins não foi capaz de se conter e acabou por desabafar acerca dos seus cuidados. Sua mulher e seu primo queriam ambos que se fosse imediatamente em busca da Senhora. No entanto Pero Martins fez questão em que tal diligência se fizesse de noite. Todos concordaram e já na calada da noite, lá se dirigiram os três para o sítio da Fonte do Machado.

Aí chegados, encontraram um montão de pedras: à roda do qual havia crescido abundante mato e silvedo. Roçado o mato e revolvidas as pedras, lá encontraram finalmente, sobre uma laje de mármore uma bela imagem de Nossa Senhora. Lopo Simão sugeriu que imediatamente se erguesse como que um altar, onde a veneranda imagem fosse colocada até que se lhe fizesse alguma casa. E foi o que se fez. E foi assim que nesse longínquo ano de 1463 se iniciou a devoção e a romagem popular ao sítio de Nossa Senhora da Luz de Carnide.

2. Pero Martins tinha de construir uma ermida para a imagem da Senhora. Dirigiu-se, por isso, ao Algarve a vender a pouca fazenda que da parte de sua mulher ainda aí possuía. Feita a venda com a brevidade que lhe foi possível, regressou a Carnide com o dinheiro que obteve. Os seus conterrâneos aguardavam-no ansiosos. Logo se lhe ofereceram para contruir, tanto com dinheiro, como com pessoal, para a construção da referida ermida. Verificado este geral entusiasmo, pediu-se a licença para a construção ao então bispo de Lisboa, D. Afonso Nogueira. Este, não só se interessou pelo caso, como até se ofereceu para ir ele, pessoalmente, abrir os alicerces da própria ermida. Fora essa, aliás uma cerimónia que se revestiu de certa solenidade e que atraiu uma razoável quantidade de povo devoto.

Trata-se de um indiscutível exagero, mas refere um cronista que ao fim de quatro dias estava construída essa ermida de trinta passos de comprido e vinte de largo. Foi aos 8 de Setembro de 1464, festa da Natividade de Nossa Senhora, que a imagem de Santa Maria da Luz foi introduzida na sua capela. Ao acto estiveram presentes representantes de todo o clero secular e regular da cidade de Lisboa, celebrando de pontifical o Bispo D. Afonso Nogueira. Presente ainda o rei D. Afonso V, a Corte e igualmente muito povo.

3. Data da mesma ocasião a confraria ou irmandade de Nossa Senhora da Luz, que se incumbiria da conservação da ermida de Nossa Senhora da Luz. Os primeiros irmãos alistados foram el-rei D. Afonso V e o Bispo de Lisboa, D. Afonso Nogueira, tendo-se-lhes seguido muitos fidalgos e nobres do Reino.

Em 1566 inscrever-se-iam também como irmãos o rei D. Sebastião, a rainha D. Catarina, a infanta D. Maria, o senhor D. António, o infante D. Luís e o senhor D. Duarte, bem assim como as mais ilustres casas de Portugal.

Até princípios do século XVII (1606) eram membros da Irmandade pessoas da maior fidalguia de Lisboa, as quais sempre faziam questão em custear as despesas da festividade da Senhora da Luz, no dia 8 de Setembro de cada ano. Fidalgos houve, que, apesar de muito ilustres, tiveram de aguardar a sua vez durante três, quatro ou mais anos, para terem a alegria de

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

fazer a dita festa à sua conta. Houve também súbditos estrangeiros interessados nessas festas, para as quais contribuíram com avultadas esmolas.

A 14 de Março de 1466 falecia o fundador da ermida de Santa Maria da Luz, Pero Martins, que a ela dedicara inteiramente o seu tempo e o seu coração. No ano seguinte faleceu também, por sua vez, o bispo D. Afonso Nogueira. Na Sé de Lisboa sucedeu-lhe D. Jorge da Costa, aquele que viria a ser Cardeal em Roma. Entendeu o novo bispo por bem retirar à Irmandade da Senhora da Luz a administração directa da Ermida para a anexar à fábrica da igreja paroquial de S. Lourenço de Carnide. Ficaria assim, desde 1467, encarregado o pároco de Carnide da manutenção do culto e das festividades em honra de Nossa Senhora da Luz.

4. Embora não se saiba desde quando, sabemos que em 1543 a Ermida estava anexa ao Mosteiro de Ceíça (Montemor-o-Novo, Coimbra), conforme se lê numa carta de D. João III ao seu embaixador em Roma:

“Tem este mosteiro (de Ceíça) uma igreja paroquial, no lugar de Carnide, termo da cidade de Lisboa, uma légua da dita cidade, lugar muito viçoso, em o qual lugar de Carnide está uma Ermida, que se chama de Nossa Senhora da Luz, que outrossim é anexa ao dito mosteiro, por ser sita no limite da dita igreja paroquial. E ao dito mosteiro (de Ceíça) pertencem as rendas da dita igreja paroquial de Carnide e da dita ermida de Nossa Senhora (da Luz), tirando certa parte, que leva o vigário que tem a cura da dita igreja paroquial, a qual ermida de Nossa Senhora é de muito grandíssima romagem, assim da gente de Lisboa e seu termo, como de todo o Reino, e de estrangeiros que à dita cidade vêm por suas mercadorias e tratos e têm à dita casa muito grande devoção e por muitos dias do ano correm á dita casa de Nossa Senhora grande número de gente, e continuamente, todos os dias, vem a ela gente de diversos lugares e partes”

D. João III obteve do Papa, em 18 de Fevereiro de 1544, a faculdade de transferir os bens, rendas e direitos do Mosteiro de Ceíça para um mosteiro a construir em Carnide, junto da Ermida de Nossa Senhora da Luz; e entendeu confiar imediatamente a Ermida de Nossa Senhora da Luz aos Freires da Ordem de Cristo. Sabemos que eles ficaram de facto em sua posse desde o ano de 1545. A construção do Mosteiro terá começado uns 14 ou mais anos depois, já em tempos da regência da rainha D. Catarina.

A infanta D. Maria decidiu mandar construir um sumptuoso Santuário para Nossa Senhora da Luz, “que fosse das melhores cousas da Europa”. A construção começou a 13 de Junho de 1575, mas só em 1596 estaria concluída. Em 8 de Setembro de 1596 fez-se a procissão para a solene transladação da sagrada imagem da antiga ermida para o retábulo da nova capela-mor.

A partir de então, a história da ermida integra-se na história da Igreja de Nossa Senhora da Luz.

Vd. Igreja de Nossa Senhora da Luz – 1575

5. Na fachada lateral-sul do santuário lêem-se ainda as seguintes legendas:

NO ANNO DE MCCCCLXIII REINANDO EM PORTUGAL
DOM AFONSO QUINTO, OS VIZINHOS DE CARNIDE
COM DEVOÇÃO DAS REVELAÇÕES QUE PERO MARTINS,
NATURAL DESTES LUGAR, TEVE EM SEU CATIVEIRO,

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

DONDE SAIU MILAGROSAMENTE, FIZERAM UMA CAPELA A NOSSA SENHORA DA LUZ, EDIFICADA SOBRE ESTA FONTE E NESTE LUGAR QUE, COMO DETERMINADO POR DIVINA PROVIDÊNCIA PARA ESTE SANTO EFEITO SE VIA DANTES MUITAS VEZES CLARO E RESPLANDESCENTE COM VISÃO E LUMES DO CÉU COMO DEPOIS SE VIU RESPLANDESCER COM GRANDES E INUMERÁVEIS MILAGRES NA TERRA

E SEGUINDO EM TUDO A ORDEM E REVELAÇÃO QUE A VIRGEM PURÍSSIMA INSPIROU A PERO MARTINS LHE PUSERAM O NOME QUE TEM DA LUZ EM CUJA MEMORIA E LOUVOR A INFANTA DONA MARIA, FILHA DEL-REI DOM MANUEL O PRIMEIRO DESTE NOME, REI DE PORTUGAL E DA CRISTIANÍSSIMA RAINHA DONA LEONOR, INFANTA DE CASTELA, MANDOU REEDIFICAR E LEVANTAR O TEMPLO DE NOVO NESTA ORDENANÇA E GRANDEZA NO ANO DE MCCCCCLXXXV

Alguns vestígios haverá ainda da primitiva fonte e da ermida levantada por Pero Martins, tanto mais que os construtores do grandioso e actual santuário tiveram o invulgar cuidado de nos conservar aquilo que tecnicamente lhes era possível.

A água da fonte do Machado corre de norte para sul; mas antes de cair na bica, que hoje se vê ao fundo da fachada sul do santuário e à qual se tem directamente acesso da via pública, através de dois lanços de escadas, rebenta em dois sítios: por debaixo da actual sacristia e debaixo do retábulo do altar-mor, onde se vê a imagem de Nossa Senhora da Luz. Esta fonte ficou constituindo uma mina coberta em abóbada, cujo interior se pode observar, graças à fresta que certamente se lhe reservou para lhe dar luz.

Entre o que restará da primitiva ermida poder-se-ão certamente contar alguns panos de silhar de azulejos hispano-árabes em relevo, do tipo dos de Sintra e Tomar, os quais guardam as paredes da escada de 12 de graus que descem para a mina, além duma cruz de pedras, tosca, embebida na parede do fundo da escada e em frente, e que se situa sobre cinco peças de azulejos também hispano-árabes, semelhando besantes em cruz e cujo sentido se desconhece. No patim, ao fundo das escadas e dando pela direita acesso à fonte ou mina, vê-se o portal da boca da mina, certamente de estilo afonsino, embora seja de evidente colocação posterior o escudete com a cruz da Ordem de Cristo. Trata-se de um portal sem qualquer relação com o estilo existente em qualquer outra parte do edifício. É constituído por colunelos torcidos com fustes ornamentados de folhagens e frutas dormideiras e comportando um arco em volta abatida, mas cuja linha descontínua prova à saciedade que nele houve transformações ou adaptações. O portal era mais longo e houvera que estreitá-lo por qualquer motivo. Poder-se-á admitir, sem grande receio, que terá sido este o pórtico da primitiva ermida que em 1464 se inaugurou.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DO SANTO ESPÍRITO, A CATA-QUE-FARÁS ^{CXXXVII}

Século XV (?)

O *Sumário*, de Cristóvão Rodrigues de Oliveira menciona a existência de um hospital a cata-que-farás, provido pelos pescadores (semelhante ao que estava na freguesia de Santo Estêvão à porta da Cruz). Um documento anterior, de 1464, fala-nos deste hospital: “Hum pedaço de chão aa porta da cata que farás que he entre ho muro e o ospitall ~q he hedificado p^a os pescadores da freguesia dos martires o quall chãao parte de hua parte com o dito muro e da out^a com caminho pp^a que vay da porta p^a o dito logo de cata que farás” (cit. por Castilho, 1964: vol. IV, 227).

Nesse mesmo sítio de Cata-que-Farás²⁹, o dito Cristóvão Rodrigues de Oliveira dá como existente “a Ermida de Santo Espírito” “Cata-que-Farás”, que “está na freguesia dos Mártires” e que “valem as esmolas desta casa cincoenta cruzados”.

Supomos ser idêntica à ermida que João Brandão, pela mesma época (1552) evoca: Ermida de Santo Espírito ao Cais do Secretariado. É registada imediatamente antes da Ermida de São Pedro Gonçalves. Gomes Brito diz que esta Ermida de Santo Espírito ao Cais do Secretariado era a “futura sede [da freguesia] de São Paulo” (BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 115).

Não temos elementos mais precisos de localização. Atrevemo-nos a pensar que será o edifício que em Bráunio se encontra junto à praia, na linha vertical da igreja das Chagas (?).

Esta ermida terá desaparecido com a urbanização daquela zona, talvez no século XVI (?).

^{CXXXVII} Segundo Salgado e Salgado, 1994: 444, baseados em informações de Silva Correia, este hospital localizar-se-ia mais para nascente que o sítio de Catequefarás, algures na freguesia de S. Julião e nas proximidades das Casas do Tronco (antiga prisão pré-1755), localização que entra em contradição com o documento de 1464 citado por Felicidade Alves. A tradição de lhe estar associada uma capela dedicada ao Espírito Santo não encontra correspondência com a documentação medieval.

²⁹ *Cata-que-Farás* era o nome dado à porta que ficava mais ou menos na parte inferior da actual Calçada do Ferragial e se abria na muralha fernandina da cidade. Por volta de 1755 chamava-se Arco das Fontainhas. Ainda nos fins do século XVI, era Porta ou Postigo de Corpo Santo, como se vê em Bráunio e em vários documentos (Vd. Oliveira, 1888: vol. III, 169, relativo ao ano de 1625). Antes disso, foi porta ou postigo de Cata-que-Farás (Vd. Conceição, 1750: 200, relativas ao ano de 1542).

Esta porta tinha também na sua proximidade outra ermida: a Ermida de Nossa Senhora da Graça, que tinha também o nome de Ermida (ou igreja) de São Pedro Gonçalves, ou do Corpo Santo.

No sítio de Cata-que-Farás existiam por volta de 1500:

- um chafariz;
- umas tercenas, feitas por D. Manuel; que depois foram o Forte de S. Paulo;
- uma Ermida do Espírito Santo;
- um hospital dos pescadores;
- uma porta ou postigo (depois chamado do Corpo Santo), junto à Ermida de Nossa Senhora da Graça.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fig. 31 – Pormenor da vista de Lisboa na 2ª metade do séc. XVI (Braunio, 1598).
Em destaque, vê-se a Ermida do Santo Espírito ao Cais do Secretariado
ou Santo Espírito a Cata-que-farás.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA** CXXXVIII**Século XV (?) → ♂ 1551-1552**

A fundação da ermida é de data imprecisa. Mário Sampaio Ribeiro (p. 9) diz que terá sido no decurso, ou nos meados, do século XV.

1. A origem desta ermida baseia-se na descoberta duma imagem de Nossa Senhora. Aconteceu que dois garotos costumavam andar por aqueles sítios, de guarda a umas cabras que apascentavam nos restolhos. Uma das cabras desviou-se do pascigo e tomou a direcção da ribeira, galgando a penedia. Um dos rapazes logrou à carreira para ir agarrá-la e trazê-la para junto das demais. Como se demorasse, o companheiro procurou-o e foi dar com ele numa grutazinha natural, escavada na penedia, de cuja existência ninguém tinha notícia. Lá encontraram uma pequena e linda imagem de Nossa Senhora, sentada em pequena cadeira, tendo o Menino Jesus nos braços.

A notícia de terem encontrado a imagem entre as fendas da rocha, contada pelos dois rapazes, divulgou-se rapidamente. E as demonstrações de devoção fizeram-se ali profusa e intensamente. Dois frades de São Francisco da Cidade, que andavam à esmola, promoveram uma devoção em acção de graças. De toda a parte acorriam os devotos a venerar a imagem, que prodigalizava milagres: e traziam dinheiro, jóias e outros valores, que se acumulavam dia a dia. Com estes recursos construiu-se a primeira ermida de Nossa Senhora da Ajuda, no próprio local onde fora encontrada a imagem.

A fama dos seus milagres ia-se espalhando rapidamente, aquém e além Tejo; a humilde ermidinha estava, por assim dizer, em romaria permanente. Em redor foram-se estabelecendo barracas, a princípio; depois, casas para venda; e, dentro em pouco, estava formado um povoado em volta da ermida, que já era assaz pequena para tanta concorrência. Os recursos aumentavam também prodigiosamente. As esmolos que os romeiros levavam eram muitas e valiosas, havia já algumas doações e legados, pois algumas pessoas legaram por sua morte os seus bens à Senhora da Ajuda. Assim, deu-se começo a maior capela, e de melhor arquitectura, para substituir a primitiva ermida.

O facto de o rei D. Manuel ter mandado construir em Belém o Mosteiro dos Jerónimos contribuiu grandemente para o desenvolvimento da já grande povoação da Ajuda. Alguns fidalgos edificaram casas de campo nas proximidades, tornando-se assim o arrabalde predilecto da gente fina e abastada. Também muito ajudou o facto de a rainha Dona Catarina, mulher de D. João III, ser muito devota de Nossa Senhora da Ajuda, visitando muito amiúde a sua capela, no que quase toda a corte lhe seguia o exemplo.

CXXXVIII Cortez, 1994: 45 admitiu a fundação da ermida de Nossa Senhora da Ajuda no século XV (tal como Araújo, 1938: vol. II, 94) e a lenda da descoberta de uma imagem mariana numa gruta natural de Monsanto, por dois guardadores de cabras. As referências documentais que esta mesma autora invoca, todavia, referem-se já ao século XVI. Tratar-se-á de mais uma, entre tantas, aparições marianas quatrocentistas que, neste caso, deu origem à primitiva localidade da Ajuda.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

2. A veneranda imagem acabou por vir para o Mosteiro dos Jerónimos (onde ainda se encontra), devido a um procedimento algo fraudulento da referida rainha Dona Catarina. Conta-se a aventura.

“A dita Rainha Dona Catarina, viúva de D. João III, retirava-se amiúde para o Convento de Belém, com toda a sua casa e família; e muitas vezes saía do Mosteiro pela porta da cerca: ela ia numa mula de silhão, que um estribeiro levava à rédea, e as suas damas e donas iam a pé, em devota visita á imagem. Ora, adoecendo a rainha e agravando-se-lhe a queixa, “fiada mais nos poderes daquela soberana Senhora, do que nos remédios da medicina” não a podendo ir ver a sua casa, mandou trazer a imagem á sua presença. Trouxeram, pois, a devota imagem á câmara da rainha, e puseram-na na sua capela privativa. Para que a ermida não estivesse sem uma cópia, logo a rainha mandou fazer outra imagem, que foi colocada no seu lugar e ermida. E a Senhora milagrosa, mandou-a pôr depois num altar do templo sumptuoso de Belém, aonde a rainha a ia visitar muitas vezes quando ia ver as obras da capela-mor, que ela edificou. E assim, quando se fez o altar, que é do título de Santa Paula, lá se colocou a milagrosa Senhora da Ajuda. Enquanto a rainha viveu não houve quem procurasse que fosse restituída a Senhora da Ajuda à sua casa, nem quem se atrevesse a fazê-lo: mas por sua morte houve uma grande demanda. E a demanda “se venceu a favor do mosteiro”; “ou se não se concluiu de todo, por alguns respeitos”! Em suma: assentou-se que a imagem ficasse naquela casa...

Quem nos conta tudo isto, assim por miúdos, é Frei Agostinho de Santa Maria (Sumário Mariano, livro I, título 41). Mas ele achava, decerto, a história tão rocambolesca, que remete toda a responsabilidade para o testemunho do padre Frei Miguel Manoel, que foi Prior da Casa de Belém, natural ele próprio de Belém, que dizia “que lhe haviam referido os religiosos velhos da mesma casa, sendo ale ainda corista”; e dizia o mesmo Frei Miguel Manoel que, “replicando algumas vezes a sua mãe (que lhe havia referido também estas coisas sem acrescentar palavra) que aquilo pareciam contos de velhas, pelas não ter lido, nem ouvido a outras pessoas (isto era antes de ser religioso) lhes respondera que aquilo lhe contava seu avô, que depois de viúvo se ordenara de sacerdote, e fora cura da mesma igreja [da Ajuda], onde estava sepultado; e que o mesmo ouvira sempre a pessoas muito antigas da mesma freguesia”.

Que mais controlo de credibilidade se iria exigir? Pelo sim, pelo não, o criterioso Frei Agostinho não se contentou com palavras. Fez levantar um auto: “E tudo isto depõem, debaixo de juramento, passar na verdade, firmando-o de seu nome em 15 de Abril de 1698”. O livro de Frei Agostinho foi publicado em 1707.”

(Costa, 1929: vol. I, 232-233).

3. A existência da “ermida” é mencionada por Cristóvão Rodrigues de Oliveira, no seu *Sumário* (1551) (Oliveira, ed. 1987: 55-56). Curiosamente, João Brandão, em 1552, omite a ermida, mas regista a existência da “paróquia de Nossa Senhora da Ajuda” (BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 115) Isto parece sugerir que a paróquia de Nossa Senhora da Ajuda terá sido criada precisamente no intervalo da redacção das duas publicações, ou seja, em 1551-1552.

O que é certo é que, a partir da criação da dita paróquia, a história da ermida ficou absorvida pela história da paróquia.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Bibliografia

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*, vol. I, Lisboa, Officina de Antonio Pedrozo Galraõ, 1707, p. 206-209;

COSTA, Américo – *Diccionario chorographico de Portugal continental e insular: hydrographico, historico, orographico, biographico, archeologico, heraldico, etymologico*, tomo I, Porto: Domingos d'Oliveira, 1929, p. 232-233;

RIBEIRO, Mário Sampaio – *Do Sítio de Nossa Senhora ao actual Largo da Ajuda*. Lisboa: Câmara Municipal, 1936.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO PARAÍSO – 3ª – À PORTA DA CRUZ ^{CXXXIX}

Século XV [1495?]

1. Em frente das Portas da Cruz – no troço oriental da muralha fernandina – a sul do Campo de Santa Clara.

D. Rodrigo da Cunha (1642: 259v-260) conta-nos a origem desta ermida e confraria de Nossa Senhora do Paraíso, que havia sido transferida da Pampulha para a Cruz da Pedra (em 1366), e na qual se estabelecera o Mosteiro das Comendadeiras de Santiago (em 1490):

“Esta confraria se mudou 129 anos depois [1495?] da sua primeira fundação, para fora da Porta da Cruz, fazendo-se ali pelos mesmos irmãos a ermida de Nossa Senhora do Paraíso, que este nome lhe quiseram dar, por conservarem o da primeira, por parecer indecente aos confrades estar confraria de homens em mosteiro de mulheres, qual era o das comendadeiras de Santos, que para ali mudava el Rey Dom João o 2º”.

2. Outras informações, que não sei se são conciliáveis, são-nos dadas pelo Santuário Mariano (Santa Maria, 1721: vol.VII, 68):

“Depois fe tresludou ao sitio, em que depois fe edificou o Mosteyro de Santos, por mandado delRey Dom Joaõ o II. & fez fe esta mudança no anno de 1366.em 15 de Agofto com a fua Confraria: aqui perfeverou atè que as Freyras da Ordem de Santiago occuparaõ aquelle lugar.

Defte fitio foy tresladada ultimamente a Senhora do Paraíso com a fua Confraria para o lugar em que hoje he venerada defronte das Portas da Cruz, por Diogo Pereyra Cavalleyro da Ordem de Santiago, pondo-lhe a condiçaõ, que naõ pudeffem os Irmãos da fua Irmandade paßar o dominio defta Igreja a outros possuidores. Benzeo esta cafa da Senhora o Bispo de Fez, Dom Belchior Beliago, no anno de 1562.”

3. A esta ermida se refere Cristóvão Rodrigues de Oliveira, no seu Sumário (1551):

“A Ermida de Nossa Senhora do Paraíso está na freguesia de Santo Estêvão, cuja anexa é. Tem um ermitão, que tem cuidado de a concertar e alimpar e de dar guisamento para dizerem as missas, que os confrades dão salário com que se mantém, e com as esmolas que pede pela freguesia. E tem confraria governada por pescadores, com missa de canto de órgão todos os domingos e festas. Valem as esmolas desta confraria cem cruzados” (Vd. Oliveira, ed. 1987: 56).

Na mesma época (1552) João Brandão de Buarcos inclui a Ermida de Nossa Senhora do Paraíso no elenco das ermidas que não são curadas (Vd. BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 115).

Bráunio no *Theatrum Urbium*, do 3º quartel do século XVI, desenha com muito relevo a dita ermida.

^{CXXXIX} Sobre esta fase do templo, veja-se o que se diz na nota CXXXII.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

4. “Os administradores desta Ermida [eram] os Pescadores do alto, congregados em uma Irmandade, e eles são os que servem e festejam a Senhora do Paraíso” (Santa Maria, 1721: vol. VII, 68).

É também nesta obra (ib, 68-69) que encontramos alguns traços sobre a imagem:

“Está esta Santíssima Imagem collocada em a Capella collateral da parte do Evangelho em huma rica Capella, aonde se vê com grande veneração fechada em hum nicho, ou tabernaculo com vidraça, circulada de talha dourada, & com adorno de cortinas, & dentro ramos de prata batida, & outros de flores artificiaes. He esta Santíssima Imagem de escultura de madeyra, tem fobre o braço esquerdo ao Menino Deos, & ambas as Imagens se vem coroadas de prata. A sua estatura faõ perto de seis palmos, & festeja-se em 15.de Agosto. He esta Santíssima Imagem muyto milagrosa, como o estaõ testemunhando os muytos quadros que se vem pender das paredes daquella Igreja, & outros mais sinaes, & insignias das suas maravilhas. Nos quadros se relataõ as grandes mercès, que a Senhora faz aos seus devotos. Da sua origem, & princípios não pude descobrir nada, o certo he, que he muyto antiga; porque sendo venerada muytos annos no bayrro da Pampulha de donde foy mudada para o sitio aonde se fez o Convento novo de Santos, no anno de 1366. & ha hoje 349 que isto succedeo, & sendo já venerada de muytos annos no primeyro sitio, aonde tinha Irmandade que a acompanhou. Tudo isto denota muytos annos, se alli appareceo no sitio em que se lhe edificou a primeyra casa, não confita, nem o pude descobrir; mas já lá era buscada com muyta veneração, & isto he coufa em que podemos conjecturar, que havia naquella Santa Imagem alguma singularidade que nos he oculta. Desta Santa Imagem faz menção o Arcebispo Dom Rodrigo da Cunha, na sua Historia Ecclesiastica de Lisboa, & o Author da Corografia Portugueza, tomo 3. p. 366, & o Padre Fr. André na sua Historia de Santiago manuscrita.”

5. Quando foi do “desacato” na igreja paroquial de Santa Engrácia, na noite de 15 para 16 de Janeiro de 1630, em consequência do qual a igreja ficou interdita, a sede da paróquia passou para esta ermida de Nossa Senhora do Paraíso. Aí a referem A. Carvalho da Costa (1712; vol. III, 256) e J. Baptista de Castro (1763: tomo III, 147).

Em 5 de Abril de 1835, extintas as Ordens Religiosas e ficando vaga a igreja dos Barbadinhos Italianos, a sede da paróquia de Santa Engrácia, abandonou a Ermida de Nossa Senhora do Paraíso (onde permanecera mais de 200 anos) e passou para a dita igreja ex-conventual dos Barbadinhos Italianos (onde ainda se conserva).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

6. Ignoro em que data e condições foi demolida a histórica ermida.

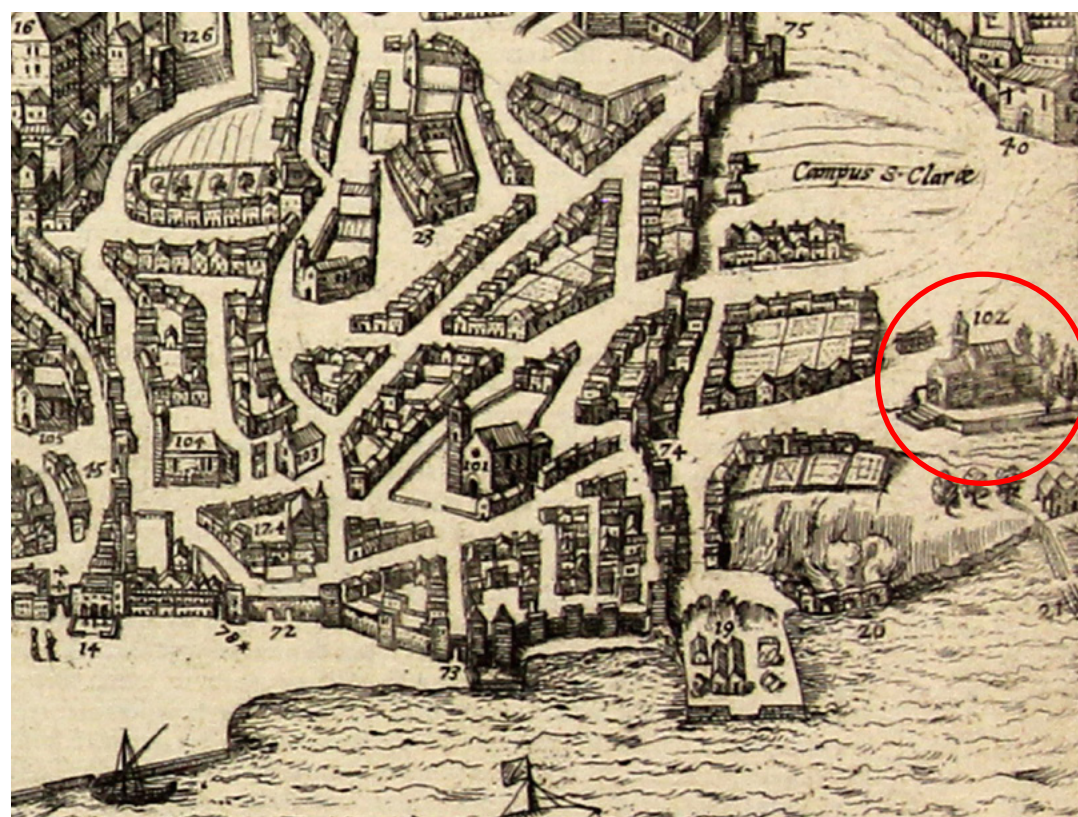


Fig. 32 – Pormenor da Vista de Lisboa na 2ª metade do séc. XVI (Braunio, 1598).
Em destaque, a Igreja de N. S.ª do Paraíso (102).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA ^{CXL}

Anterior ao século XVI → 1653

Há quem afirme que a Ermida de São Sebastião da Pedreira se supõe ter sido fundada nos primeiros tempos da monarquia (?).

É mencionada no Sumário de Cristóvão Rodrigues de Oliveira (1551) e na obra de João Brandão de Buarcos (1552): “São Sebastião da Pedreira” (Oliveira, ed. 1987: 5 e BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 115).

Era dos carpinteiros* da Rua dos Arcos

[* ou caixoteiros].

Para junto daquela ermida veio morar o Patriarca de Alexandria (ou das Índias), D. João Bermudes, quando regressou a Portugal em 1559, durante a Regência de Dona Catarina, viúva de D. João III. O santo varão trouxera de Roma uma imagem da Senhora da Saúde, que deu à referida ermida. Falecendo em 1570, pediu para ser ali sepultado.

Quando a igreja paroquial de São Sebastião da Pedreira foi construída em 1652, junto da antiga ermida, os ossos do dito Patriarca foram trasladados para o novo templo, por ordem de sua sobrinha Dona Filipa de Távora, a 16 de Outubro de 1653, ficando no cruzeiro da capela-mor em sepultura rasa, tendo sobre a campa as suas armas esculpidas e com o singelo epitáfio: Sepultura do Patriarca da Alexandria Dom João Bermudes.

∴ A imagem de São Sebastião, de pedra, e a imagem da Senhora da Saúde passaram para a igreja paroquial.

^{CXL} Como adverte Felicidade Alves, não está provada a origem medieval desta igreja, cuja referência mais antiga data de 1505 e refere-se à constituição da Irmandade de S. Sebastião, criada pelos artilheiros da guarnição de Lisboa na igreja de S. Sebastião da Mouraria.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ **ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PALMA** ^{CXLI}**Anterior ao século XVI (?) → † 1755**

A referência mais antiga de que dispomos é a que vem no *Sumário* (1551) de Cristóvão Rodrigues de Oliveira: “A Ermida de Nossa Senhora da Palma está na freguesia de São Nicolau, cuja anexa é. Valem as esmoladas desta ermida cincoenta cruzados” (Oliveira, ed. 1987: 56). Do ano seguinte (1552) é o testemunho de João Brandão de Buarcos, que a menciona entre as ermidas que não são curadas, “Nossa Senhora da Palma” (BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 115).

Nos seus *Elementos para a História do Município de Lisboa* (1896: vol. XI, 154), Freire de Oliveira pouco mais acrescenta de novo: “A ermida de Nossa Senhora da Palma, cuja fundação era antiga, pois já em 1551 Cristóvão Rodrigues a menciona no seu «Summario», ficava situada por detrás da capela-mor da igreja de São Nicolau, próximo ao convento do Corpus Christi, vulgarmente denominado dos Torneiros, talvez por ser erecto na rua que tinha este nome”.

Segundo o mesmo A., “a ermida de Nossa Senhora da Palma ficou muito arruinada pelo terramoto em 1 de Novembro de 1755, e não tornou a ser edificada, sendo as suas ruínas vendidas, bem como o terreno que ocupava, para a construção de prédios particulares” (Oliveira, 1896: vol. XI, 154 nota).

Em 9 de Dezembro de 1716 uma Consulta da Câmara a el-rei, dava conta de uma petição feita pelo prefeito e irmãos da congregação e irmandade de Nossa Senhora da Palma ao Senado da Câmara de Lisboa, expondo que eles pretendiam fazer obras na dita ermida e para tal intentavam que o dito senado lhes desse do público uns bocados de chão. O que foi concedido. (Vd. Oliveira, 1896: vol. XI, 154-156).

No Tombo das propriedades do bairro do Rocio, arruinadas pelo referido terramoto, encontram-se assim descritos o largo e o edifício da ermida de Nossa Senhora da palma (Vd. Oliveira, 1896: vol. XI, 154-155):

“Largo de N.^a Snr.^a da Palma:

Corre N.S. Tem de comprimento desde a entrada que para elle vem, da parte da rua das Arcas, até ao convento dos religiosos carmelitas, 78 palmos, e de largura 60.

Propriedades pertencentes ao dito largo, parte do L:

Ermida de N.^a Snr.^a da palma. Corre o seu comprimento L. O e faz frente para O. Parte pelo N. com uma calçadinha que lhe fica d'esta parte, pelo S. com um bêco sem saída, e pelo L. com uma serventia publica, por uns arcos. Tem de comprimento 55 palmos, e de largura,

^{CXLI} Trata-se de mais uma igreja cuja cronologia medieval não se encontra provada, nem tão pouco foi identificado o local da sua implantação.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

pela parte da frente, 23 ½ palmos, e pela do fundo 16 172 palmos.

Sacristia que tem de comprimento, do L. para O., 26 ½ palmos, e de largura 18.

Vão triangular onde havia umas escadas que subiam para o coro: tinha no lado N. 25 palmos, no do S. 28 ½ palmos, e no do L. 17.”

À falta de outros documentos, conjecturamos que a ermida será acaso anterior ao século XVI.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ **ERMIDA DE OS ANJOS** ^{CXLII}**Anterior ao século XVI (?)**

Já existia em 1551 uma ermida com a invocação de Os Anjos. Cristóvão Rodrigues de Oliveira, em *Sumário* (1551), menciona “a ermida dos Anjos [que] está na freguesia de Santa Justa. Há nesta ermida duas confrarias, uma dos Anjos e outra de Nossa Senhora. Valem as esmolmas delas sessenta cruzados” (Oliveira, ed. 1987: 54).

João Brandão de Buarcos, em 1552, entre as ermidas que não são curadas, refere a de “Santa Maria dos Anjos” (BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 115). Possivelmente a ideia deste autor foi influenciada pela existência das duas confrarias, o que terá levado a fundir numa só as duas denominações.

O título correcto deve ser “Os Anjos”, não só pelo maior crédito que neste assunto nos merece o autor do *Sumário*, mas sobretudo pelas razões decisivas que explanaremos a propósito do orago da freguesia de Os Anjos, quando tratarmos da Igreja Paroquial dos Anjos, em 1564-1569.

A ermida ficava ao fundo do Vale de São Jordão, denominação que depois mudou para Regueirão dos Anjos. Era no ponto onde o dito Regueirão dos Anjos se inseria na Rua dos Anjos. Na Lisboa actual, o seu local correspondia exactamente ao meio do leito da Avenida Almirante Reis, em frente dos prédios n.ºs 26 e 28, um pouco para o norte da embocadura da Rua Andrade, mas num nível muito mais baixo do que o destas ruas (A. Vieira Silva).

Foi certamente nesta ermida que se fundou a freguesia do mesmo título destacada no tempo do Cardeal Arcebispo D. Henrique, entre os anos de 1564 e 1569, da de Santa Justa, por ser consideravelmente extenso e já muito povoado o distrito desta.

^{CXLII} A paróquia dos Anjos foi criada em 1563, tendo por sede uma ermida que ali existia. É esta ermida que Felicidade Alves admitiu ser de cronologia medieval, mas de que não se encontrou prova documental ou material até ao momento. Araújo, 1938, vol. I: 69 atribuiu a construção da ermida somente a 1568.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊙ ERMIDA DE SANTA BÁRBARA E SÃO JORDÃO

Anterior ao século XVI (?)

É mencionada por Cristóvão Rodrigues de Oliveira, nos seguintes termos: “A ermida de Santa Bárbara e São Jordão, que está na mesma casa, freguesia de Santa Justa. Valem as esmolos que se fazem a esta casa cem cruzados” (Oliveira, ed. 1987: 54).

João Brandão de Buarcos menciona, entre as ermidas que não são curadas, “Santa Bárbara” (não refere São Jordão) (BRANDÃO (de Buarcos), ed. 1990: 115).

Existia, portanto, antes de 1551. Fica-se com a impressão de que seriam originariamente duas confrarias instaladas na mesma casa. O volume das esmolos, 100 cruzados, é muito notável: só excedido pelas ermidas de Nossa Senhora da Luz [500 cr.] e de Santo Amaro [400 cr.], e igualado pelas de Nossa Senhora da Escada, Nossa Senhora da Ajuda e Nossa Senhora do Paraíso.

Conjecturamos que seja anterior ao século XVI (?).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO** ^{CXLIII}**Século XV [1423] – 1755**

1. Esta igreja e convento foram edificados por D. Nuno Álvares Pereira^{CXLIV}, em cumprimento de um voto feito por ocasião da vitória na Batalha de Aljubarrota, sucedida em 14 de Agosto de 1385. Recorda-se que D. João I, em virtude de análogo voto feito na mesma batalha, mandou construir nessa mesma época o Mosteiro da Batalha.

Pretendendo-se construir em Lisboa um templo majestoso, consagrado à Santíssima Virgem, o Condestável escolheu para esse fim o Monte (que depois se chamou do Carmo), outrora povoado de oliveiras, e que ficava sobranceiro ao vale vastíssimo chamado Valverde (devido à sua luxuriante vegetação). Esse sítio ficava dentro dos muros da cidade de Lisboa, com que poucos anos antes o rei D. Fernando a tinha cingido. Pela sua elevação, o local oferecia um panorama maravilhoso e conveniente à saúde, avistando-se o Tejo até à barra, tendo o Monte do Castelo em frente e divisando-se os campos verdejantes que circundavam a cidade.

Aquele terreno pertencia, na maior parte, aos frades da Ordem da Trindade, que tinham o seu convento nas proximidades. O Condestável obteve o terreno, uma parte que pertencia aos Trinitários, como compra, e a outra parte que pertencia ao seu cunhado, o

^{CXLIII} Conhecem-se vários arquitectos associados à obra do Carmo. Os primeiros nomes são Afonso Anes, Gonçalo Anes e Rodrigo Anes, muito provavelmente parentes entre si (irmãos?) e responsáveis pela edificação da base de sustentação de toda a cabeceira, a qual ruiu duas vezes antes de ser definitivamente levantada. Na capela setentrional da cabeceira conserva-se uma enigmática inscrição que se limita a um apelido - «Gomez». Deverá tratar-se de mestre Gomes Martins, documentado em 1399 como «Mestre da Obra do Conde» (Sousa, 1949: 6). Já quanto à datação da epígrafe, ela foi balizada entre 1389 e 1397 (Barroca, 2000: vol. II, 1932-1934), correspondendo o primeiro ano ao arranque das obras e o segundo à instalação da comunidade fundacional de frades. Conhecem-se ainda os nomes de Lourenço Gonçalves, Estêvão Vasques, Lourenço Afonso (de que se conserva sigla estudada por Cordeiro de Sousa em 1982: vol. I, 39-44) e João Lourenço, prováveis mestres pedreiros que laboraram no estaleiro ou comandaram parcelas específicas do trabalho. As obras das naves ter-se-ão iniciado por volta de 1399, ano em que se lançaram os arcobotantes meridionais que reforçam o conjunto, embora a sagração do templo tenha ocorrido apenas em 1423, data em que D. Nuno Álvares Pereira tomou o hábito carmelita. A primeira invocação conhecida do templo é Santa Maria do Carmo (constante num documento da chancelaria de D. João I referido em Pereira, 1989: 92). Mais tarde, e por motivação popular, impôs-se o orago de Nossa Senhora do Vencimento do Carmo, em memória da vitória do condestável na Batalha de Aljubarrota.

^{CXLIV} Nos últimos tempos multiplicaram-se os estudos sobre Nuno Álvares Pereira, motivados pela sua recente beatificação. Também há que distinguir as dimensões histórica e mítica da sua figura, esta última tão calorosamente apadrinhada pelo Estado Novo. A principal referência bibliográfica aqui seguida (pela sua concentração na relação de Nuno Álvares com Lisboa) é Moiteiro, 2005. Nuno Álvares entrou em contacto com os carmelitas de Moura ainda na juventude e fascinou-se pelos ideais de martírio e até de algum radicalismo proporcionado pela experiência das ordens militares em torno da figura arturiana de Galaaz. Entrou no Convento do Carmo em 1422 e faleceu em 1431. Imediatamente, a casa real promoveu o seu culto, de que restou um livro de milagres, redigido, muito provavelmente, para suportar um processo de canonização que deu entrada na cúria papal em 1437.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

almirante Carlos Peçãno, como troca. A parte comprada constava de um olival na encosta sobranceira ao Rossio; e a parte que trocou compunha-se da própria casa do almirante e o bairro, que ficavam juntos da referida herdade; a troca efectuou-se sobre uma casa que o Condestável possuía noutra localidade.

Para a construção do convento, o Condestável impetrou primeiro o beneplácito do papa Urbano VI, no ano de 1387.

As obras de construção começaram em 1389 e terminaram em 1423, isto é, 34 anos depois. Durante todo este tempo, trabalhou-se sem interrupção.

A capela-mor abateu duas vezes antes das obras concluídas, pois o declive e a natureza do terreno tornavam pouco firme a construção. Foi preciso da terceira vez abrirem-se os caboucos para assentar os alicerces abaixo do nível do vale, onde hoje é a Praça D. Pedro. Só assim se pôde conseguir a solidez dos seus altos e robustos muros.

Antes de se concluir o convento, vieram em 1397 para Lisboa estabelecer a comunidade alguns frades do Convento de Moura, que foi o primeiro que os Carmelitas tiveram em Portugal, cuja fundação datava de 1250.

Fabricada a igreja e posto o convento em estado de se poder habitar, em 28 do mês de Julho de 1423, o Condestável deu posse do convento aos religiosos do Carmo. O templo teve a invocação de Nossa Senhora do Vencimento.

Este edifício constituiu um dos mais vastos programas da arquitectura medieval portuguesa. O estilo é gótico puro. Considera-se obras dos três irmãos Anes; mas Gomes Martins aparece citado como mestre da obra de D. Nuno num documento de 1399, pelo que será ele, se não o autor do risco, ao menos o responsável pela direcção construtiva do convento nos fins do século XIV.

O Convento do Carmo tinha mais de 20.000 cruzados de renda, além das quintas de Corroios, Morfacem e da Portella. Houve época em que reuniu dentro do seu recinto 130 religiosos.

Aqui viveu o Condestável, sob o nome de Frei Nuno de Santa Maria († 1431).

2. O *Sumário* de Cristóvão Rodrigues de Oliveira dedica ao Mosteiro do Carmo estas linhas (Oliveira, ed. 1987: 68):

“O Mosteiro do Carmo foi edificado pelo Conde D. Nuno Álvares, o qual passados muitos trabalhos que passou nas guerras que por este reino fez, principalmente nas de Castela, fundou este mosteiro e se recolheu nele e faleceu numa pousada junto da portaria, que ainda agora aí está. E jaz enterrado na capela-mór. Deixou a este mosteiro muita renda no termo desta cidade e outras partes, pelo que lhe dizem duas missas quotidianas, uma cantada e outra rezada. E a cantada é a missa da terça conventual. São estes frades da ordem dos carmelitas. E há no mosteiro setenta, dos quais são trinta de missa. Tem oito capelas de administradores, todas de missa quotidiana. E são obrigados por bens que possuem dizerem cento e quatro missas rezadas, e vinte cantadas, e trinta e dois aniversários.

Há mais no mosteiro seis confrarias: a confraria de Nossa Senhora do Carmo, governada por pessoas honradas; a confraria de Nossa Senhora da Piedade; a confraria da Vera Cruz; a confraria de santa Luzia; a confraria de santa Ana; a confraria de são Roque. As quais rendem quinhentos cruzados.

E a renda do mosteiro vale dois mil cruzados. E tem dez servidores”.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

3. Em apêndice damos a descrição feita por um anónimo (jesuíta) dos inícios do século XVIII, que nos permite ter uma ideia de como era a igreja antes do terramoto de 1755. Agora anotamos apenas breves notas:

O templo media 73 metros de comprimento por 22 metros de largura.

A igreja apresentava três naves de cinco tramos; transepto saliente e cabeceira de cinco capelas.

As naves assentam em seis grandes pilares de cada lado.

Todos os altares têm o seu retábulo.

Havia ao todo 24 altares. Altar-mor, 4 capelas colaterais, 2 no topo dos transeptos e mais 17 laterais.

Todo o templo tinha cobertura de pedra, sendo as naves laterais rematadas com abóbada de berço quebrado, assente em arcos torais que arrancavam de mísulas.

Exteriormente ostentava uma platibanda de merlões e de ameias.

Entre as obras de arte, mereciam especial atenção duas estátuas de alabastro. Uma, de pé, em frente do corpo da igreja, figurava um soldado ainda moço, vestido de armas brancas, com peito de aço, manoplas, grevas e espaldas, cota de malha guarnecida de cruzes, espada à cinta, e maça de ferro na mão. A outra, figurava um ancião com hábito de servente dos religiosos carmelitas, que era túnica talar com escapulário comprido, capa curta a modo de Mourça, tendo na mão direita o báculo a que apoiava a velhice, e na esquerda o livro de orações; estava deitada sobre um túmulo no presbitério do lado da epístola. Representavam afinal o Condestável de Portugal, D. Nuno Álvares Pereira, senhor de três condados e donatário de 33 vilas; e Frei Nuno de Santa Maria, humilde fundador do Convento.

Junto ao altar-mor da igreja estava um túmulo de jaspe, que encerrava os restos mortais do Condestável. Ao pé via-se outro túmulo, numa espécie de nicho, metido na parede, onde jazia sua mãe, Dona Iria Gonçalves. O túmulo do Condestável fora mandado de França por uma sua 4ª neta, a Duquesa de Borgonha.

É impossível dar uma relação das inumeráveis obras de paramentaria (casulas, frontais de altar, cortinas e tapeçarias...) ourivesaria (custódias, cálices, frontais de altar em prata batida, castiçais, relicários, etc.), pintura (quadros...), talha dourada...

O cadeiral do coro monástico, com 72 cadeiras, era o mais valioso da cidade de Lisboa, superior mesmo ao dos Jerónimos.

4. O terramoto de 1755 e o incêndio subsequente atingiram grave e irremediavelmente a igreja.

O túmulo do Condestável ficou soterrado. Mas parece que os frades conseguiram salvar os venerandos ossos, enterrando-os num féretro de madeira, e depositaram-nos na Igreja de São Vicente.

Arderam as alfaias, talhas, paramentos, peças de ourivesaria, ficou destruído o cadeiral monástico.

Entre as preciosidades contava-se a espada do Condestável e o ceptro de D. João I de Castela (este, tomado pelo valeroso guerreiro na Batalha de Aljubarrota). A espada do Condestável foi encontrada nos entulhos; mas os frades, que a quiseram colocar na mão de

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Santo Elias (!), achando-a muito comprida, mandaram-na cortar (!!). Depois de 1834, foi ela recolhida no Arquivo da Casa Real. Tem por ornato uns rendilhados, recortados no centro, formando cinco vãos, três oblongos, tremidos, e dois em forma de coração, singularidade que se não encontra em qualquer outra. Na procissão do Corpo de Deus, até 1834, Santo Elias comparecia armado com a espada.

A parte conventual do Mosteiro foi reconstruída. Mas a igreja ficou em ruínas. As “re-construções” tentadas posteriormente acabaram por o destruir ainda mais.

Com o tempo, as ruínas transformaram-se no século XIX (antes de 1865) em vazadou-ro público de lixo e em cavalaria do Quartel.

5. O que resta actualmente

Conservam-se da igreja primitiva:

[a] A frontaria ou fachada que dá para o Largo do Carmo, e o portal “com as arqui-voltas ladeadas por um arco contracurvado; e nas ombreiras, elegantes fustes coroados de capitéis de decoração vegetal de feição naturalista, a que se misturam máscaras humanas”.

[b] Nas paredes exteriores, duas lápides colocadas uma de cada lado da porta principal, com duas inscrições em letra gótica, que parecem ser do tempo da fundação. Com as obras que se têm efectuado durante séculos no Largo do Carmo, ficou soterrado quase todo o lado direito, e parte do lado esquerdo; sobre estas lápides se embutiram outras duas, cujas inscri-ções se julga serem tradução das antigas.

[c] Vestígios das molduras do óculo que se rasgava sobre o portal.

[d] As grandes janelas do cruzeiro.

[e] Uma janela entaipada.

[f] Parte da fachada sul “exteriormente ritmada de contrafortes”, onde se observa, “ao nível do transepto um portal encimado de gablete e com ombreiras ornadas de flor-de-lis entre as colunas, cujos capitéis mostram decoração fitomórfica”.

[g] Dois arcos da nave, isto é, os dois vãos de arco que se seguem à porta de acesso.

[h] Os arcos das capelas menores.

[i] Parte da capela-mor: paredes laterais e parte das janelas ogivais do fundo.

[j] As quatro capelas absidais, “intercomunicantes, escalonadas em altura e profun-didade, cobertas de ogivas e de nervura longitudinal e com ábside poligonal de três panos” (embora muito danificadas pelos cortes feitos para aplicação da talha monumental e pelo calor do incêndio).

6. O que lá se vê, mas não é primitivo

- Os dois janelões rectangulares que se abrem nas paredes extremas das naves laterais, sobre a frontaria: foram abertas no século XVIII e já apareciam numa gravura de 1745. Eram úteis para dar luz às naves, mas causaram grande prejuízo à harmonia da fachada.

- A arcaria que divide o templo em três naves.

- Os arcos-sólios.

- O lambrim da capela-mor.

- Os embasamentos e portas que ligam a capela-mor aos absidiolos.

- A abóbada da capela-mor.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Outros pormenores...

São espúrios, no sentido de que datam apenas da reconstrução tentada depois do terramoto de 1755. Com efeito, no reinado de Dona Maria I, tentou-se reconstruir o templo. A boa vontade é de apreciar, mas as obras não continuaram, os critérios eram muito primários, e desconhece-se até o plano de reconstrução. O estilo, em vez de gótico puro, era um misto de gótico, de manuelino e de clássico. Tentou-se afinal reconstruir (e mal), e não restaurar.

Os arranjos destinados à exposição das peças do Museu Arqueológico introduziram ainda mais distorções às ruínas.

“Hoje, apesar de arruinado, continua a ser importante elemento da paisagem urbana, avultando os restos da sua carcaça quando observados de locais elevados (Castelo, Senhora do Monte) e participando a sudoeste do cenário envolvente do vale correspondente ao Rossio. Constituí uma ruína familiar à população lisbonense que lhe passa à ilharga sul no vaivém de elevador de Santa Justa e a frontaria da igreja concorre de modo notável para o enquadramento do Largo do Carmo”.

“Na igreja encontra-se o Museu Arqueológico do Carmo e no sector da cabeceira está instalada a Associação dos Arqueólogos Portugueses (antiga Associação dos Arquitectos Civis de Lisboa), fundada em 1863 pelo arquitecto Possidónio da Silva.

Na área do antigo convento encontra-se o quartel da Guarda Nacional Republicana”

(*História dos Mosteiros*, 1975: vol. II, 39).

Descrição do interior da igreja do Convento do Carmo feita por um Jesuíta anónimo nos primeiros anos do sec. XVIII.

“Na entrada da capela-mor se fez de novo ha poucos annos huma obra de pedraria com suas almofadas de marmores de varias cores, e no meyo desta obra se puzeram grades de pao sancto guarnecidas de bronze dourado, e encostado ao pilar do arco da capella-mor tem lugar de cada parte hum pulpito formado de grades de pao sancto guarnecidas tambem de bronze dourado, e dos dittos pulpitos nos dias de missa solemne se diz de hum a Epistola e de outro o Evangelho.

E da ditta obra, que de novo se fez, como temos ditto, sam os pilares e arco de talha dourada, e por remate tem os pilares huns anjos estofados de ouro, e sobre o arco da capella todo o spasso que sobe ao tecto, correspondente ao da nave do meyo, he de bom azolego, no meyo do qual tem lugar hum oculo correspondente ao grande que está sobre a porta da igreja, e estes dous óculos sam os que dam a principal luz e claridade à nave do meyo, recebendo as duas naves coleteraes toda a que tem de duas grandes janellas que nos lados da porta da igreja se abriram ha poucos annos em grande beneficio da claridade da igreja, cujas naves tinham antes muyto pouca. E continuando a noticia da capella-mor se ve nella hum tecto, obra tambem moderna, de vistosa e alegre pintura, de que resulta grande fermosura à capella, na qual tem seo assento o coro principal composto de dous andares de boas cadeyras

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

que fazem numero de setenta e duas, e por cima dellas fica hum respaldo de payneys de sanctos da Ordem, guarneidos de sua talha dourada com seos remates de figuras estofadas de ouro. E estes payneys se removem facilmente nas occasiões de festas solemnes dando lugar a se poderem ver huns ricos sanctuarios, veneraveis pellas reliquias que incluem, curiosos e preciosos pello ornato com que estam.

Sobre este andar em que fica o respaldo se deyxam ver de cada parte quatro grandes payneys guarneidos de humas grandes molduras de talha dourada. E sobre esta obra vae huma grande simalha de talha guarneida de ouro que acrescenta muyto o grande ornato da capella, cujo retabolo consta de duas grandiosas columnas por banda. E no primeyro corpo delle se deyxam ver sobre a banquetta a imagem de Nossa Senhora do Monte do Carmo, ficando da parte do Evangelho huma fermosa imagem de Sancto Elias, com huma espada de prata na mam direyta e huma igreja tambem de prata na esquerda, e seo diadema sobre a cabeça. E a esta imagem corresponde da parte da Epistola a imagem de Sancto Elizeo com seo diadema de prata e hum grande bordam da mesma. As quaes Imagens tem seo lugar em humas peanhas que ficam deante das bases das columnas.

E sobre este primeyro corpo do retabolo se segue outro em que fica a tribuna, obra toda de talha dourada como cambem o he o seo throno sobre que assenta hum rico cofre de prata, ornado com varias pedras preciosas de que he guarneido. E neste cofre se concerva sempre o Divinissimo Sacramento, cuja exposiçam se faz em huma custodia de mays de seys palmos de altura, e pera mayor ornato della se fez de novo hum grande resplendor de prata que fica por detraz da custodia. E pera allumiar ao Senhor tem a tribuna seys castiças de prata, e toda a riqueza e perfeiçam desta obra e do seo cortinado se deve à devoçam do Reverendissimo Padre Mestre Frey Joam da Silveeyra, principal author de toda a despesa com que se fez.

Sobre o arco da tribuna se deyxam ver huma imagem de Christo Senhor Nosso com o mundo na mam. E pera melhor se poder ver a grandiosa obra desta capella, e de seo retabolo, tem lugar nos dous lados, proximos a elle, de cada parte hum janella por onde se lhe communica muyta luz alem da que lhe dam duas fermosas alampadas de prata. Tem mays o altar ricos frontaes de bordados e telas, e de novo hum excellente de prata batida, de que he tambem a banquetta do altar, em que assentam seys castiças muyto altos e seys grandes jarras de prata pera ramalhetes, mays outros seys castiças, sacra grande de prata, Evangelho e lavabo, duas estantes, dous pares de galhetas, dous pratos e dous gumis e hum cruz grande, e tudo isto he de prata.

E o retabolo todo do altar-mor tem rico cortinado de damasco carmezim, com sanefas de veludo lavrado e franjas de ouro, e a mesma guarniçam de cortinas tem tambem os payneys grandes do coro e a imagem de Nossa Senhora as tem de muy perfeyto lô. Da parte do Evangelho, sobre o presbiterio, tem seo lugar o tumulo do invencivel Condestavel Dom Nuno Alveres Pereyra, fundador deste insigne convento, authorisado em sua vida com illustre ezemplo de virtude e por morte ennobrecido com o veneravel deposito de seo corpo, cujo tumulo ornam pella parte de fora dous quoadros de meyo relevo. E no que olha pera a entrada da capella-mor se ve a sua figura em pé, retratada na forma em que andava sendo mancebo, com hacha na mam e espada na sinta. E no quadro que o representa na idade de velho se ve vestido no habito de donato carmelita, com hum baculo na mam direyta e na outra hum livro aberto, fazendo muy celebres e veneraveys as cinsas de tam admiravel heroe assim a memoria de suas excellentes e religiosas virtudes, como à de suas valerozas acções obradas na defensa deste Reyno.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

He o pavimento desta capella-mor ornado de marmores de diversas cores. E finalmente a imagem da Virgem Senhora do Bentinho, venerada no altar-mor, tem anexa a seo serviço huma Irmandade de alguns quatrocentos Irmãos applicados com grande zelo ao serviço da Virgem Sacratissima, honrando-se muyto com o titulo de Irmãos do Bentinho da Senhora do Vencimento do Monte do Carmo.

E passando já da capella-mor pera as do cruzeyro he a primeyra que ocorre da parte da Epistola a que se intitula de Nossa Senhora da Piedade, a qual tem hum grande fundo, e o tecto he todo ornado de payneys de boa mam, com molduras de talha dourada e do mesmo modo sam os lados da ditta capella, cujo retabolo se compõem tambem de bons payneys ornados de molduras de talha dourada. E no ditto retabolo tem lugar hum nicho em que se venera huma imagem de vulto da Senhora com a de seo benditissimo Filho nos braços.

Mas com ter esta capella tantas e tam boas pinturas dignas de se verem, mas pera a vista as lograr lhe falta à capella a luz e claridade necessaria, por nam ter outra que a que recebe da igreja, e nam sendo esta ainda hoje muyta, e era ainda menos a que tinha antes de se abrirem as janellas colateraes à porta da igreja das quaes resultou a cada huma das naves dos lados da igreja muyto mayor luz da que tinham, e desta participou tambem a que hoje logra a capella da Senhora da Piedade.

E passando já a falar do ornato de seo altar nenhum tem a igreja, sendo que tem muytos e bom ornados de prata, que seja tambem rico della, como he o da capella da Piedade, porque nam contentes os Irmãos com lhe terem feyto hum frontal de prata batida, tem mays huma banquetta tambem de prata, que cae pera as ilhargas, e sobre esta banquetta que assenta immediatamente [n]o altar ha mays tres, que ficam sendo como degraos de huma peanha de prata que assenta no ultimo degrao, da qual peanha, como em throno, se expoem o Espinho da Coroa de Christo, dadiva que o grande Condestavel deyxou a este seo convento e nelle se conserva no sanctuario da sanchristia, do qual passa a esta capella na occasiam da Festa da Invocaçam da Cruz, em tres de Mayo.

Tem mays o altar huma boa sacra de prata com seys grandes castiças, com os quaes dizem bem seys jarras pera ramalhetes, e além desta prata que serve de ornar o altar tem mays a capella tres alampadas grandes de prata, ao uzo moderno. Tem bons ornamentos de todas as cores que uza a Igreja, e hum cortinado de damasco carmezim que serve de ornar os muytos payneys da capela, na qual serve à Virgem Sacratissima com grande devoçam alguns quatrocentos Irmãos, por cuja conta corre o enterro do Senhor na Sexta feyra Sancta, funçam que a Irmandade faz com tanta devoçam que bem mostra a que tem à Senhora da Piedade, de que professam serem Irmãos. Pertence o padroado aos Senhores da Casa de Villa Flor, que hoje possui Francisco de Sampayo.

Depoys da capella da Senhora da Piedade he tambem collateral à capella-mor outra da invocaçam de Nossa Senhora da Conceyçam, a qual ha pouco tempo se ornou de novo, com bom retabobo de talha, dourado, feyto pello estillo com que hoje se costumam fazer. E nam contentes os Irmãos com a obra do retabolo, pera que fosse mayor o ornato da capella pintaram o tecto della de hum brutesco de ramos, que o fazem vistoso e engraçado. E porque nam faltasse capella o que lhe era mays necessario, e vinha a ser a luz e claridade, esta lhe procuraram dar abrindo huma grande janella no lado direyto, pera o que venceram huma grande difficuldade por ser a parede em que se havia de abrir a ianella nam só muyto grossa e antiga mas tambem toda de cantaria. Tem a capella de ornato sua alampada de prata, quatro

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

castiças grandes de banquetta, seys de bojo, e crescerá ainda mays o ornato pello zelo com que a Irmandade deseja servir à Virgem Senhora da Conceição.

Depoys de termos dado noticia das duas capellas collateraes à capella-mor, da parte da Epistola, dedicadas ambas à honra da Virgem Sacratissima, passando a outras duas que lhe correspondem da parte do Evangelho, ambas tambem consagradas com a invocação da Virgem Mãe, das quaes a mays proxima à capella-mor he de Nossa Senhora da Encarnação, cuja Irmandade, que era muyto numerosa e devota do serviço da Senhora, tinha feyto na capella seo retabolo, o qual deyxaram de dourar por tomarem outro conselho, e foy este o de mudarem pera a capella do Sancto Christo, como logo diremos.

A outra capella, seguindo o caminho pera a sanchristia, e proxima à da Encarnação, se intitula de Nossa Senhora da Boa Morte. Tem seo retabolo obrado com modo diverso daquelle com que hoje se costumam lavrar e obrar. Tinha esta capella sua Irmandade, a qual nos annos atraz costumava fazer huma procissão muy solemne, mas como a despeza [não] era pouca veyo a cançar a devoção dos Irmãos e veyo de todo a faltar a Irmandade, e assim nam tem hoje a capella outro ornato que o seo retabolo. Pertence o padroado da capella aos Condes da Ponte.

E deyxando já as capellas collateraes da capella-mor restam ainda duas grandes que occupam os topos do cruzeyro das quaes, a que tem lugar da parte do Evangelho he tam levantada que se termina o seo tecto com a abobeda do cruzeyro, sendo sua largura igual com a que tem o mesmo cruzeyro. A parede que fica no lado da capella da parte do Evangelho ornam dous grandes payneys com suas molduras de talha dourada, e o resto da que sobe até ao tecto he revestida de azulejo, e da outra parte, a que fica sobre as capellas da Boa Morte e a que era da Encarnação, he tambem vestida de azulejo. Tem esta capella hum degrao na entrada, levantado coisa de hum palmo do pavimento da igreja, sobre o qual assentam humas grades de bronze em altura de sinco palmos, E do pavimento da capella pera o altar se sobem sinco degraos; tem presbiterios com boa largura e capacidade.

Consta o retabolo da capella de quatro corpos divididos com payneys e columnas, E o primeyro corpo começa sobre a banquetta, e no meyo delle tem seo lugar a tribuna de Nossa Senhora da Encarnação, que da capella proxima ao coro se passou pera esta aonde a Irmandade chamada da Cadea pella que trazem no braço os Irmãos, que se prezam de escravos da Senhora, e nam serem menos de quatrocentos. Celebra a Irmandade a festa da Encarnação juntamente com a da Cruz, em tres de Mayo.

Tem a capella de ornato huma alampada grande de prata, doze castiças de bojo, seys mayores e seys mays pequenos, duas cruces grandes, huma do altar, outra de acompanhar, tudo de prata. Tem mays a capella pera serviço do altar bons ornamentos de todas as cores que usa a Igreja. No segundo corpo do' retabolo se venera em outra tribuna a imagem do Senhor crucificado. E sobre esta segunda tribuna fica no terceyro corpo huma grande janella de outro coro, do qual se servem os religiosos pera escusar ir de noyte no inverno a cantar as matinas ao coro de bayxo.

Superior à tribuna do coro vae ainda outro corpo do retabolo, que consta de hum paynel em quadro com suas molduras douradas, que acompanha de cada parte seo paynel com guarnição de talha dourada. E finalmente tem por remate este retabolo hum paynel mayor de molduras e quartelas. Acrescenta finalmente o lustre desta capella e retabolo o rico cortinado de damasco carmezim com franções de ouro que se vem em todos os seos payneys, nam obstante serem tantos.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Fronteyra a esta capella do Sancto Christo responde outra, e he a do Sanctissimo Sacramento, igual na altura e largura com toda a que tem o cruzeyro, de cujo pavimento se sobe pera a capella hum degrao em altura de palmo, sobre o qual assentam humas grades de bronze proporcionadas pera poderem sobre ellas commungar os que querem receber o Sacramento.

Na parede que fica à mam direyta olhando pera a capella da Senhora da Conceyçam se vem dous grandes payneys com suas molduras de talha dourada, e a parede, que nam occupam os payneys, he revestida toda de azolejo e do mesmo modo a que lhe fica fronteyra sobre o arco da capella da Conceyçam.

Entrando das grades da communham pera dentro se sobem do pavimento pera o altar sinco degraos, que vam acompanhados de grades de bronze que correm pelos presbyterios que tem esta capella, em cujo primeyro corpo do retabolo assenta sobre a banquetta delle hum bom sacrarlo, a cujos lados acompanham de cada parte duas columnas com seos capiteys, e sobre ellas e o sacrario corre huma cimalha a que ficam superiores humas quartelas, que sam remate do primeyro corpo do retabolo, ao qual se segue o segundo, que consta de hum grande paynel que orna huma avultada moldura competente à grandesa do paynel, em cujo meyo se ve huma custodia do Divino Sacramento, que assenta sobre hum altar por bayxo do qual se vem prostrados de joelhos adorando o Sacramento o Pontifice, muytos cardeaes, prelados da igreja e religiosos do Carmo. Este mesmo paynel ornam tambem muytos anjos fazendo tambem a adoraçam ao Senhor. Aos lados deste grande paynel se ve de cada banda huma grande e grossa columna que assenta sobre seos pilares, que tem principio no primeyro corpo do retabolo.

E sobre os capiteys das duas grandes columnas corre a simalha real do retabolo que se divide pello meyo com huma obra, a qual he remate do retabolo e inclue no meyo hum espelho que serve de dar ornato e luz ao mesmo retabolo, que pera sua mayor fermosura tem rico cortinado de damasco carmezim com sanefas de veludo lavrado a que acrescentam o lustre os grandes franções de ouro.

Tem esta capella de ornato de prata duas grandes alampadas, seys castiças grandes de banquetta, seys jarras tambem grandes, dous cerriaes, dous vazos pera o lavatorio. Nesta capella servem ao Senhor duzentos Irmãos, entre os quaes ha boa nobreza, e por conta da Irmandade corre na Sexta feyra Sancta o deposito do Senhor. E no oitavário de Corpus tem o Senhor exposto todos os dias com solemne festa em que faz consideravel despeza a Irmandade, que pode ser seja a unica que em igreja de religiosos se ache com titulo de Irmandade do Senhor, a qual tem tambem sua cruz de prata pera acompanhar seos defunctos. He esta fermosa capella do padroado dos Condes de Sabugal.

Depoys de termos feyto relaçam da capella-mor e das mays que se incluem no cruzeyro, segue-se darmos tambem noticia das que tem seo assento no corpo da igreja, pera a qual saindo do cruzeyro pella nave, que fica à mam esquerda de quem sae delle, he a primeyra capella que se offerese a da invocaçam do Spirito Sancto, a qual he de bastante fundo. Sua abobeda he de pedraria bem lavrada, com almofadas de varias cores, e do mesmo modo sam os lados da capella. Esta capella se chama hoje vulgarmente a do Sancto Christo por estar nella huma imagem de Christo morto, a qual indo em hum navio pera o Maranhão, sendo tomado o navio pellos mouros de Argel, depoy de estar a imagem sinco annos em seo poder foy resgatada e trazida a esta cidade, aonde foy recebida com solemne procissam e depositada

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

na capella do Spirito Sancto aonde começou logo a obrar muytas aravilhas nos devotos que em suas necessidades recorriam a ella.

O tamanho da imagem he de hum homem proporcionado. Está mettida em hum tumulto todo de prata, e pella parte de diante pella qual se deyx a imagem tem suas grades de prata. E o tumulto fica sobre duas banquetas de prata que tem suas caídas da mesma, que acompanham o frontal que he tambem de prata batida. Diante deste tumulto estam sempre acesas sinco alampadas de prata, das quaes he de muyta grandesa huma que foy offerta da Serenissima Rainha Dona Luiza de Gusmam, mulher de El-Rey Dom João o IV.

Tem quatro castiças triangulares. Evangelho e lavabo e huma bacia grande em que se lançam as esmolos, tudo de prata. Tem muytos e bons ornamentos, acrescentando ao ornato Interior da capella, pella parte exterior della, muytas insignias das mercês que pessoas devotas mandaram pendurar em memoria dos beneficios recebidos.

Depoys da capella do Scnhor morto, passando a porta travessa da Igreja, se seguem sette altares de que já fizemos mençam fazendo-a em geral do corpo da igreja, e falando agora em particular do ornato que tem os dittos altares he muy singular em riqueza de prata o da gloriosa Sancta Theresa, cujo frontal he de prata batida; tem mays tres banquetas com caídas pera as ilhargas e sobre a mays levantada tem tres peanhas de prata, huma da gloriosa Sancta, outra de Sam Joam da Cruz, a terceyra de Sancta Febronia; tem doze castiças, seys grandes e seys mays pequenos, doze jarras pera ramalhetes, sacra e diademas das tres imagens, alampada e cruz de acompanhar os defunctos da Irmandade, que com grande zelo e devoçam servem à Sancta.

A capella de Sancta Thereza se segue no ornato de Sancta Maria Magdalena de Pazzi, à qual sancta servem com special devoçam cousa de trezentos Irmãos. Tem a capella de ornato frontal de prata, quatro castiças altos de banquetta, seys de bojo, alampada ao uso moderno, sacra e cruz de acompanhar.

Alem destas duas capellas ha outras nesta igreja que ainda que nam sejam iguaes na riqueza do ornato, o tem tambem muyto bom. E tal he a de Sancto Alberto, cuja Irmandade consta de cento e sincoenta Irmãos, que tem a capella com frontal de prata, quatro castiças grandes e cruz de acompanhar. A capella de Sam Roque tem Irmandade grande, que consta de carpinteyros e calafates da Ribeyra das Naos; tem doze castiças grandes, doze jarras tambem grandes, sua sacra, boa alampada e cruz grande de acompanhar.

A capella de Jesus Maria Joseph he servida pellos homens pretos. Tem de ornato seys castiças de prata, seys jarras da mesma, sua alampada e sua cruz de acompanhar.

A capella do Sancto Antonio tem seys castiças grandes e sua alampada de prata.

Todas as mays capellas que ha no corpo da igreja, que sam dez, nam deixam de ter sua alampada de prata, quatro castiças da mesma e cruz de acompanhar.

E todos os altares, assim os que temos nomeado no corpo da Igreja como os mays que nella ha, tem de novo hum grande ornato que de poucos annos a esta parte se lhe tem augmentado com bons sitiaes, os mays delles de rico damasco carmezim com guarniçam de franjões de ouro.

E tendo acabado já de dar noticia da igreja com mays brevidade do que pedia o muyto que della se pode dizer, passemos à sanchristia, a qual he de duas naves, e fronteyra à porta por onde se entra nella fica huma capella proporcionada com a nave, com seo retabolo dourado e seo sacrario em que se guarda huma grande reliquia do Sancto Lenho e hum Espinho da

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Coroa do Senhor. Tem mays huma imagem de Christo crucificado, da grandesa que pede a capela, e em sima por frontispicio tem duas grandes quartelas e nellas varias reliquias que se deyxam ver por huns vidros como oculos redondos. E nos lados desta capella se vem duas sepulturas bem lavradas, metidas em huns arcos de pedra. E a que fica da parte da Epistola se diz ser de Luis da Sylva, filho de Joam Gomes da Sylva e de Dona Guiomar Henriques. E da mesma parte fica outra na parede levantada do pavimento huma vara, que o letreyro diz ser de Dona Maria de Alencastre, filha de Dom Francisco de Faro, quarto neto de El Rey Dom Joam o primeyro, e Dona Guiomar de Castro, mulher que foy de Luis da Sylva. Da parte do Evangelho se ve outra sepultura de Joam Gomes da Sylva, filho de Bras Telles de Menezes e de Dona Catherina de Brito sua mulher. E nesta nave de que vamos falando, à mam esquerda de quem nella entra, tem lugar os cayxões que sam de muyto boa aparencia, e sobre elles se segue o respaldo em que ficam huns payneys de meynos corpos de sanctos da Ordem Carmelitana, com suas molduras que chegam humas às outras.

E neste respaldo se vem encayxados tres fermosos espelhos, pera que os que se revestem pera irem ao altar possam notar se vam compostos com a decencia que pede o acto que vam celebrar.

Na nave da outra parte, que he mays estreita, ha outros cayxões, ornados de mesmo modo dos que temos ditto; e estes se dividem pello meyo com huma grande janella que olha pera o Rocio.

A esta janella corresponde outra igual, que se segue depoy de se terminarem os cayxões, e como estas duas janellas sam muyto grandes e sobre ellas vam outras com vidraças fixas, e de todas recebe muyta luz e claridade a sanchristia.

Ao topo desta nave tem lugar hum sanctuário incluzo em hum vam metido na parede, que consta de diversos meynos corpos de madeyra estofados de ouro, que tem no peyto varias reliquias, e além destas ha outras bem ornadas no ditto sanctuario, o qual defende por resguardo huma vidraça por onde se vem muyto bem as reliquias, e se pode abrir quando querem.

Fronteyro a este sanctuario se deyxam ver outro em tudo semelhante, no qual, entre outras reliquias, se guarda em huma custodia dourada Ieyte da Virgem Mãe, e em outra custodia parte da beatilha da mesma Senhora.

Além do que temos ditto do material da casa da sanchristia, he muyto grande o ornato que nella se enserra, pertencente ao serviço da igreja, porque havendo frontais e casulas muyto boas de todas as cores que se usam na Igreja, pera todas as capellas e altares della, que seria muyto largo referir por miudo, he singular hum ornamento de tella com as sanefas bordadas de ouro, obra da China, couza muyto rica, posto que mays antiga. Agora porem se fez pera todas as capellas e altares da igreja, que sam vinte e quatro, frontaes ao uzo moderno, couza muyto rica e como tal de muyto custo. Tem mays a sanchristia pera serviço da igreja rico pallio com seys varas de prata, duas alanternas, dous cereaes, dous turibulos, duas navetas, descanso de prata, que serve na procissam, duas caldeyras e izopes de prata, varias cruces pera as procissões e pera os acompanhamentos dos enterros. Tem tambem a sanchristia varias custodias de prata dourada e outras pessas, que por miúdas passo em silencio”.

(In *História dos Mosteiros*, 1950: vol. I, 169-182.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

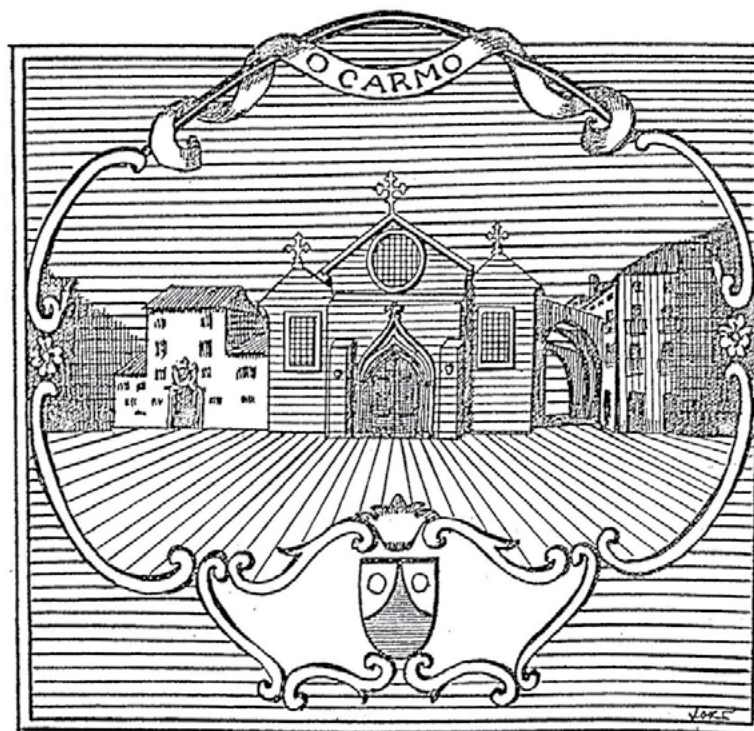
1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fachada da igreja e do mosteiro do Carmo conforme a conhecida gravura de Debric, do meado do século XVIII

Fig. 33 – Reprodução de desenho relativo à fachada da igreja e mosteiro do Carmo.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



Fig. 34 – Fotografias das ruínas do Convento do Carmo.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

← ♂ **CONVENTO DE SANTO ELOY (1ª)** → CXLV

← Século XV [1442]

A instituição fundada em 1286 por D. Domingos Jardo (Vd. Santa Maria, 1697), com o tempo foi decaindo do cumprimento das suas obrigações e dissiparam-se as rendas da manutenção da casa. O infante D. Pedro, regente do reino em nome de seu sobrinho o rei D. Afonso V, após recurso ao papa Eugénio IV, entregou o colégio à Congregação dos Cónegos Seculares de São Salvador de Vilar de Frades, ou Congregação de São João Evangelista. A posse foi tomada por D. Afonso Nogueira em 24 de Abril de 1442. Assim se transformou o hospício em Convento.

“A igreja conservou-se algum tempo no mesmo estado. Em 1463, faleceu a infanta Dona Catarina, filha do rei D. Duarte e de Dona Leonor. Esta princesa pediu em seu testamento ao cardeal D. Jorge da Costa, depois arcebispo de Lisboa, que a sepultasse onde entendesse; e este escolheu para tal fim a igreja do convento de Santo Elói. Propôs por isso aos cónegos fazer-lhes um novo templo, mas com a condição de o corpo da infanta ficar na capela-mor da nova igreja, e o corpo do bispo instituidor, D. Domingos Jardo, numa colateral. Esta condição foi recusada pelos cónegos. Fez-se, no entanto, um acordo pelo qual o arcebispo D. Jorge da Costa se comprometia a modificar a igreja existente, construindo uma segunda nave idêntica à primitiva (que se conservava), e uma segunda capela-mor em correspondência da existente, onde jazia o corpo do bispo instituidor.

Assim se fez. A nova nave ficou contígua e ao norte da primitiva, para o que foi necessário demolir a parede lateral norte do templo, e substituí-lo por um pilar ou coluna, que ficou ao centro do corpo da igreja, e sobre o qual vinham apoiar-se os dois arcos que substituíram o muro suprimido.

Estas obras ficaram concluídas no ano de 1474” (Castilho, 1938: vol. XI, 237-238).

CXLV Andrade, 1948: 123-124 aceitou o relato de Cunha, 1642: 203v, segundo o qual o hospital fundado pelo bispo D. Domingos Jardo estava praticamente arruinado por volta de 1440. O regente D. Pedro terá, então, entregue o instituto aos cónegos regantes de S. João Evangelista (conhecidos como Lóios), tomando estes posse dos edifícios por bula papal de 24 de Abril de 1442. A obra patrocinada por D. Jorge da Costa terá decorrido entre 1463 e 1474 e foi objecto de reconstituição por parte de Loureiro, 1927, a partir do relato de Fr. Francisco de Santa Maria (com crítica de Andrade, 1948: 136-137). Para além de ter sido um dos poucos templos medievais de duas naves, possuía retábulo de pintura «antiga & excelente», no qual se pintaram os retratos de D. Catarina e D. Jorge da Costa, e uma imagem de Nossa Senhora «do Vale», para ali levada por D. Leonor, mulher de D. Duarte. O túmulo de D. Catarina, irmã de D. Afonso V, foi aberto em 1695, tendo-se lavrado um relato dessa ocasião: compunha-se de arca e tampa, acompanhadas de longo letreiro epigráfico funerário (Andrade, 1948: 138-139). Após a conclusão das obras, na década de 70 do século XV, este convento atraiu imediatamente uma comunidade de mulheres vindas de Jerusalém, as quais, em 1498, já viviam em casas compradas pelo convento propositadamente para esse fim (Fontes, 2007: 271).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

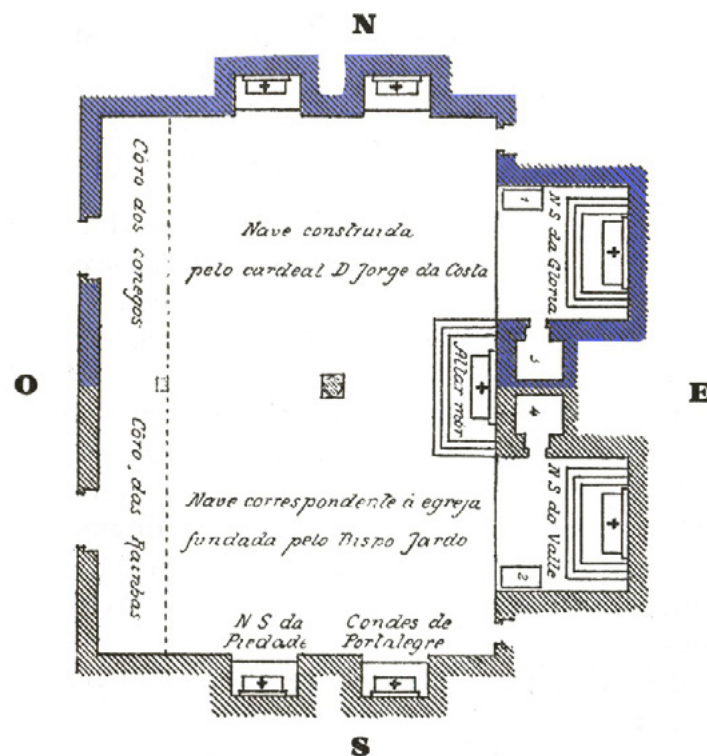
1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



RECONSTITUIÇÃO, PELO S.^R HENRIQUE LOUREIRO,
da planta da igreja do convento de S.^{to} Elói,
depois da obra de ampliação mandada fazer pelo cardeal
D. Jorge da Costa (1474)

1. Túmulo da infanta
2. Sepultura do bispo D. Domingos Jardo
- 3 e 4. Capelas pequenas

Fig. 35 – Planta do convento de Santo Elói com a indicação da construção de 1286 (tracejado oblíquo a branco e preto) e a nova construção de 1474 (tracejado oblíquo a branco e preto preenchido a azul) reproduzida de Castilho, 1938, vol. XI, 239).

A capela antiga, onde o bispo D. Domingos estava depositado, passou a ser dedicada ao Santíssimo Sacramento, mas nela se venerava (ainda em 1695) a imagem da Senhora do Vale. Por isso lhe chamavam “capela grande da Senhora do Vale”. Aí estiveram depositados, provisoriamente, os ossos da infanta Dona Catarina, desde o seu falecimento em 1463 até ao seu depósito no sarcófago que lhe fez construir D. Jorge da Costa em 1474.

A nova capela, simétrica com a antiga, era conhecida por “capela grande da Senhora da Glória”. No seu retábulo, de pintura antiga, estavam retratados ao natural a infanta Dona Catarina e o cardeal D. Jorge da Costa. Sobre o altar via-se, embebido no retábulo, o trânsito da Senhora e os Apóstolos assistindo; e no altar a imagem da Senhora subindo ao Céu.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Nesta capela, do lado do evangelho, foi colocado em 1474 o túmulo de mármore riquíssimo, liso e polido com muita perfeição, que o dito D. Jorge da Costa mandou fazer para encerrar o corpo da infanta. O túmulo, que assentava então sobre uma base de pedra, formando degrau, com cerca de dois palmos de altura, era formado por uma pedra única, sobre que descansa a tampa, também de uma só pedra. Tinha 2,52^m de comprimento e 1,39^m de largura, na maior secção horizontal, e 1,70^m de altura. Na sua face dianteira, lia-se a seguinte inscrição (Castilho, 1938: vol. XI, 240):

AQVI IAZ . A INFANTE D . CNA . FA . DELREY D . DVARTE . E DA RAI-
NHA D . LEANOR . NETA DEL-REY D . IOAÕ . 1º . IRMÃ DELREY
D. Aº . 5º . TIA DELREY . D. IOAÕ 2º. AQVAL . ESTANDO . DESPOZA-
DA . COM CARLOS PRINCIPE . DENAVARRA . E ARAGAÕ . E COM
DVARTE 4TO . REY DEINGLATERRA . SEMSE EFFEITVAR . ALGVM
DOS CAZAMENTOS . FALLECEO . DE 27 ANNOS . SEXTA FEIRA
17 DE IVNHO . ANNO DE 1463

“Entre as duas capelas mencionadas da igreja reformada, havia, em frente da coluna central, um altar dedicado a S. João Evangelista, Santo Eloi e S. Lourenço, que servia de altar-mor do templo.

Nos cantos das duas capelas grandes construíram-se duas menores, uma dedicada a Cristo crucificado, e a outra a S. José.

Além destas, havia no corpo da igreja, da parte do mar ou do sul, uma capela dedicada ao Espírito Santo, que servia de jazigo à família dos condes de Portalegre, e uma outra, de invocação de N. S.^a da piedade. Da parte do norte é natural que houvesse outras capelas em correspondência com estas, mas não ficou memória alguma delas.

Ao fundo da igreja havia dois coros, correspondentes às duas naves. No da banda da terra (norte) resavam os cônegos de Santo Eloi. O outro (do sul) era conhecido por coro das rainhas, porque aí iam assistir aos ofícios divinos as pessoas reais, e nomeadamente a rainha D. Leonor, mulher do rei D. João II, a qual morava nas casas defronte de S. Bartolomeu, atrás descritas, e que tinham então um passadiço para o convento.

Além das duas sepulturas, da infanta e do instituidor, havia na igreja várias outras, e bastantes inscrições funerárias”.

(Ib, 241-242).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Tal era o estado da igreja pelos fins do século XVII. Mas como o templo se achava já muito arruinado, demoliram-no. E no mesmo sítio foi construída nova igreja³⁰.

→ Igreja do Convento de Santo Elói – 2ª – Século XVII [c. 1695]

Fontes iconográficas

- Vistas da cidade:

“Por exemplo: na estampa *Desembarcacion de Su M. en Lisboa*, que acompanha o livro de João Baptista Lavanha: *Viagem da Catholica Real Magestade del Rey D. Filipe II. N. S. ao Reyno de Portugal* (Madrid, 1622); - na vista panorâmica de Lisboa, por R. Stoop, 1660; - na vista panorâmica de Lisboa, a óleo, que tem por assunto a partida de S. Francisco Xavier para a Índia, e atribuída a Simão Gomes dos Reis (reinado de D. João IV); etc” (Castilho, 1938: vol. XI, 246, nota 1).

Bibliografia

CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA, vol. XI, Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1937, p. 237-242, o qual refere SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *O ceo aberto na terra. História das sagradas congregações dos conegos seculares de S. Jorge em Alga de Venesa, & de S. João Evangelista em Portugal*. Lisboa: Oficina de Manuel Lopes Pereyra, 1697.

³⁰ Castilho, 1938: vol. XI, 246: “No ano de 1531 houve em Lisboa um forte abalo de terra, que derrubou grande número de edifícios. Os cônegos de S. João Evangelista, aproveitando a lição da experiência, construíram então sólidamente o convento, com fortes paredes e linhas de ferro, de forma que pôde resistir sem grandes prejuízos, ao terramoto de 1755”.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ IGREJA DO CONVENTO DE SÃO BENTO DE ENXOBREGAS - 1ª ➡ CXLVI

Século XV [1455...]

No local onde se instalou este Convento, existiu em tempos muito remotos [talvez no século XIII ?] uma ermida invocação de São Bento, o primeiro templo que em Lisboa e seus arredores se dedicou a este santo. Fora construído por D. Estêvão de Aguiar, que então era D. Abade de Alcobaça, com o intento de fundar ali um colégio ou hospício para a sua Ordem.

Como se não efectuasse esta fundação, a rainha Dona Isabel, filha do Infante D. Pedro e mulher de D. Afonso V, determinou realizá-la, não para os monges beneditinos, mas sim para uma congregação introduzida no País no reinado de D. João I, a qual pelas virtudes dos congregados, e por se ter estabelecido num sítio chamado Vilar, junto ao rio Cávado, duas léguas ao norte de Braga, principiou a ser conhecida pelo novo título de congregação dos Bons Homens de Vilar. Mais tarde, o sítio se mudou em Vilar de Frades.

Em 1455 (15 de Dezembro) faleceu a rainha Dona Isabel (com 23 anos de idade), sem ter chegado a cumprir o seu desejo; mas no seu testamento deixou oito mil coroas de ouro para aquela fundação, determinando que o novo convento fosse cabeça da Ordem.

D. Afonso V apressou-se em dar execução às últimas vontades da defunta rainha; e, obtendo do Dom Abade de Alcobaça a referida Ermida de São Bento de Enxobregas, construiu em seu lugar um Convento e Igreja, que entregou aos Bons Homens de Vilar. O Convento ficou a denominar-se, a partir de 1461, Convento dos Cónegos Seculares de São João Evangelista, para o que se alcançou um Breve do papa Pio II; em homenagem, porém, ao padroeiro da ermida, à nova igreja deu-se o nome de São Bento de Enxobregas.

Pelo facto de os Bons Homens de Vilar terem anteriormente vivido no Convento de Santo Elói, ao Castelo, ficaram-se chamando Loios; daí que também se denominasse este Convento de Xabregas Convento de São Bento dos Loios em Xabregas.

No seu *Sumário* em que brevemente se contém..., Cristóvão Rodrigues de Oliveira dá-nos um apontamento deste Mosteiro, relativo ao ano de 1551 (Oliveira, ed. 1987: 72-73):

“O MOSTEIRO DE SÃO BENTO [DE XABREGAS]

São Bento foi antigamente ermida anexa a Alcobaça. A rainha dona Isabel, filha do infante D. Pedro, mulher de El-Rei D. Afonso o quinto, foi a principal edificadora deste mosteiro, e o fez da congregação de São João Evangelista. Foi povoado do mosteiro de Vilar de Frades, da mesma ordem, no ano de mil e quatro centos e setenta e um. Está fora dos muros da cidade, a meia légua. Tem quatro capelas. Uma da invocação de Jesus, de D. João de Azevedo, bispo que foi do Porto. É quotidiana. E cada ano, por dia dos finados, se diz nela um ofício de nove lições. Outra de D. Pedro, rei que foi de Aragão, irmão que foi da rainha dona Isabel, também quotidiana. As outras duas, uma é quotidiana, e outra se diz nela missa rezada todos os domingos. Além destas capelas, se fazem vinte e três aniversários, por muitas pessoas. E

CXLVI Sobre a primitiva ermida de São Bento, veja-se o que se diz na nota CXLIV.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

pelo bispo D. Domingos Jardo se faz um aniversário cada ano. A confraria de São Bento, que há no mosteiro, vale a esmola de cinquenta cruzados.

Vale a renda deste mosteiro dois mil cruzados. Há nele trinta e sete padres. E tem vinte seis servidores.”

A construção do convento e da igreja, sendo apropriada a uma ordem que vivia pobre e humilde, ficou no entanto apertada e mesquinha, o que deu causa a que em pouco mais de século fosse precisada de ser reconstruída completamente.

Vd. Século XVI (fins do)

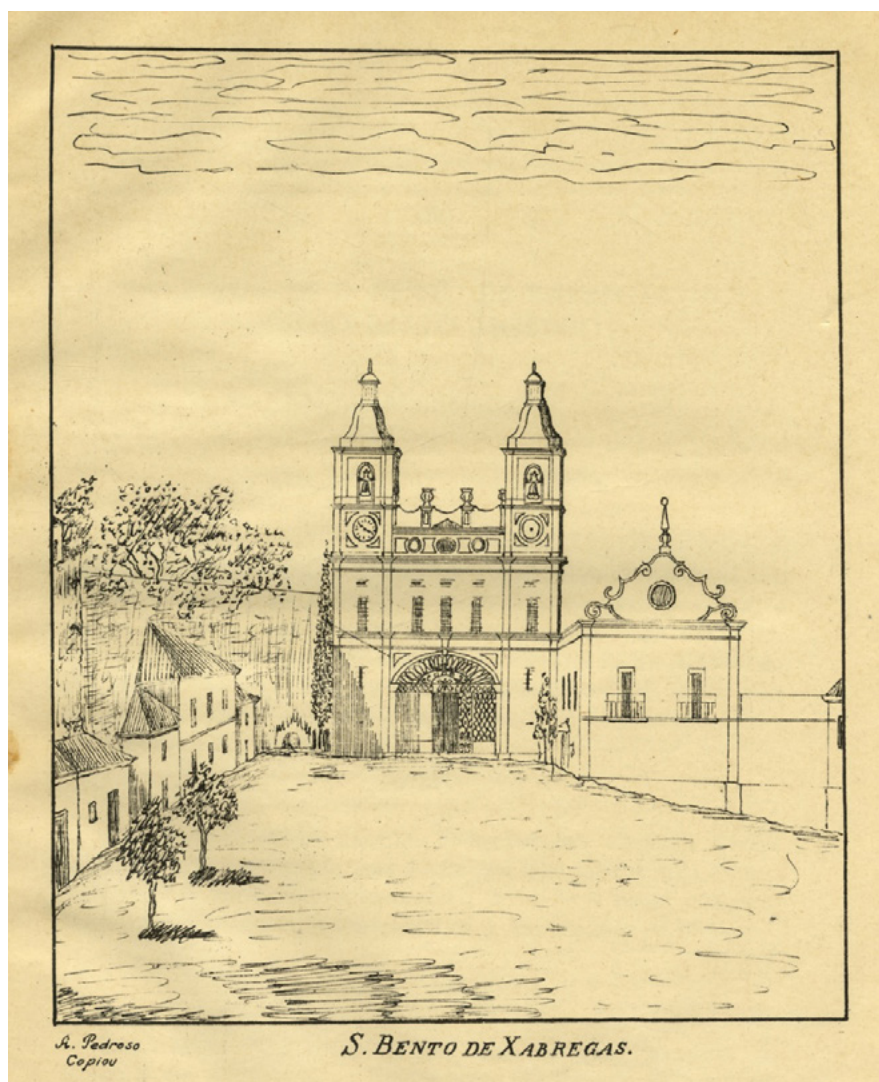


Fig. 36 – Fig. 36 - Fachada do Mosteiro de São Bento de Xabregas
(in Gonzaga Pereira, ed. de 1927, 109).

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ IGREJA DO CONVENTO DE SANTA MARIA DE JESUS, EM XABREGAS – 1^a CXLVII

Século XV [1460] – 1755

Também chamado de “CONVENTO DE S. FRANCISCO DE ENXOBREGAS”. Era de Frades Franciscanos, da província dos Algarves.

1. Primitivamente, era um palácio real, fundado por D. Afonso III. Era neste palácio que todos os monarcas, até ao rei D. Fernando, residiam, quando estavam em Lisboa. Chamava-se-lhe os Paços de Enxobregas³¹.

O palácio fundado por D. Afonso III incendiou-se: tal sucedeu quando o rei castelhano Henrique II, que promovia guerra contra Portugal, no reinado de D. Fernando, e que havia cercado Lisboa, vendo-se vencido, teve de levantar o cerco, deitando nessa ocasião fogo aos ditos Paços de Enxobregas.

Ficou em completa ruína e abandono, até ao ano de 1455, sem que ninguém pensasse em reedificar o palácio.

2. No ano de 1455, o rei D. Afonso V fez dele doação à Condessa de Atouguia Dona Guiomar de Castro, mulher do 1º conde de Atouguia D. Álvaro Gonçalves de Atouguia, para ali se fundar um convento da Ordem de São Francisco.

Começaram então as obras, concorrendo também esmolas do povo; e ficaram concluídas em 1460, ficando o convento com a denominação de Santa Maria de Jesus.

Em 17 de Abril do referido ano de 1460, tomaram posse da nova casa religiosa alguns frades franciscanos da província do Algarve, que no ano antecedente tinham vindo da Ilha Terceira. Eram nove ao todo, sendo dois sacerdotes e sete leigos; o prelado chamava-se Frei Pedro de Sarça (“frade leigo, porque naquele tempo precediam as virtudes às letras”, comenta o P.º J. Baptista de Castro (1763: vol. III, 272).

^{CXLVII} Sousa, dir., 2006: 313 confirma os dados recolhidos por Felicidade Alves: 1455, ano de fundação do convento; 1460, conclusão das obras, ficando o conjunto apto a receber a comunidade religiosa. O patrocínio real e a própria herança régia do local terá contribuído para atrair a generosidade de importantes nobres e dos reis D. Afonso V e D. João II. Ali se fez sepultar a fundadora, D. Guiomar de Castro (mulher de D. Álvaro Gonçalves de Ataíde), e outros membros da sua família. O conjunto foi ampliado a partir de 1497 (Sousa, dir., 2006: 314).

³¹ A origem deste nome de “Enxobregas” é assim explicada.

“Em eras muito mais remotas que a de D. Afonso III, davam fama àquele sítio as contínuas rixas que todos os dias havia num lavadouro público, entre as mulheres que lavavam a roupa. À falta de polícia, elas próprias tratavam de sossegar aquelas que se excediam de palavras, gritando com quanta força tinham, mal começava a desordem, leixa bregas, querendo dizer deixa brigas. Daqui viria ao sítio, com alguma corrupção, o nome de Enxobregas, que se conservou durante séculos, transformando-se mais tarde em Xabregas” (Machado, 1984: vol. III, 1488).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

A este acto solene assistiu o rei D. Afonso V e muitas pessoas da nobreza.

O Convento ficou considerado a Casa Capitular da Província do Algarve, que se dividiu a instâncias de D. João III em 1532, por um Breve do papa Clemente VII.

Ficava colocado à beira-mar, tendo defronte o forte de Xabregas, contíguo à Madre de Deus e o Convento do Grilo, com frente para o lado sul.

3. Em 1551, Cristóvão Rodrigues de Oliveira, em *Sumário*, dá deste convento uma sucinta mas densa notícia, que transcrevemos. Já então era apelidado mosteiro de São Francisco de Enxobregas:

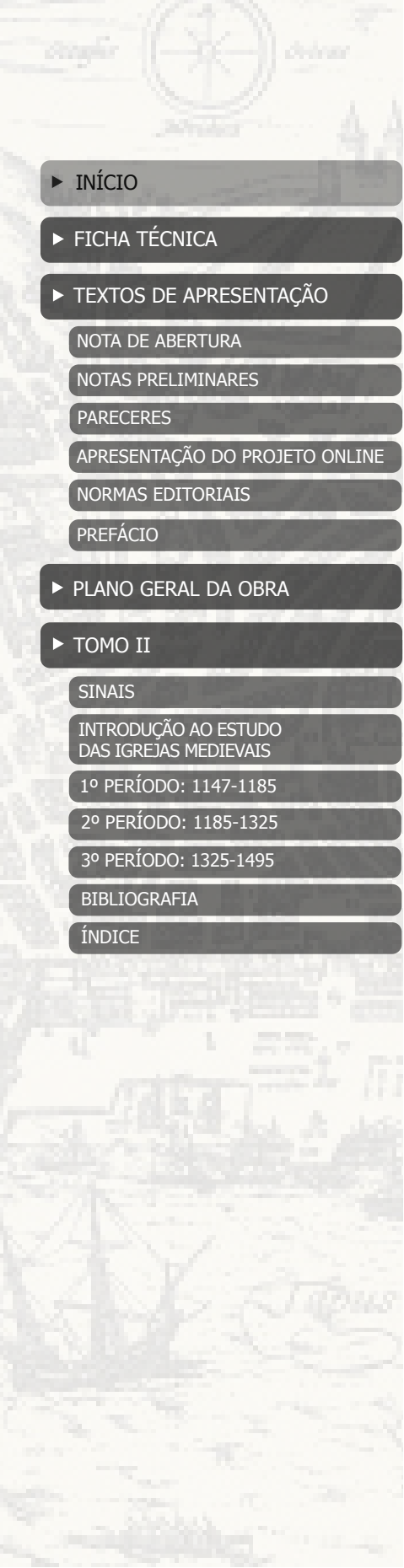
“O Mosteiro de são Francisco de Enxobregas está fora dos muros a um terço de légua. É de frades menores de observância. Há nele cinquenta frades. Tem algumas capelas, primeiramente uma da invocação dos Reis, sepultura de muitas pessoas nobres, na qual os padres têm algumas obrigações de missas; outra da invocação de Nossa Senhora; outra da invocação da Cruz, esta é de administrador com missa quotidiana; outra da invocação da Anunciação de Nossa Senhora; outra do descendimento da cruz, com missa quotidiana. Há mais outra capela de administrador, com missa quotidiana. E não tem o mosteiro nenhuma renda certa; mantém-se de esmolos, ou seja, as esmolos das missas rezadas, que dizem trinta e cinco padres de missa que há no mosteiro, valem mil cruzados; valem as esmolos dos alforjes que tiram dez padres todas as semanas do ano às quartas e aos sábados pela cidade, de que se mantém sessenta e duas pessoas, afora os hóspedes e pobres que vêm a porta a pedir, mil e quinhentos cruzados; valem os benesses desta casa todo o ano e esmolos particulares e outras esmolos de trigo, mil cruzados; valem os sufrágios de missas cantadas e trintários de santo Amador e a esmola dos hábitos que deixam os defuntos por se enterrarem neles, sete centos cruzados; vale a esmola do vinho, azeite, carnes e outras minúcias que os padres pedem pelos limites e comarca da cidade, quatro centos cruzados; vale a esmola que El-Rei dá em especiaria, açúcar e pescado, cinquenta cruzados; que faz em soma ao todo o que valem esmolos, quatro mil e seis centos e cinquenta cruzados. E tem seis servidores”

(Oliveira, ed. 1987: 73).

4. A igreja tinha 9 capelas, incluindo a capela-mor. Nesta, viam-se as imagens dos santos fundadores da Ordem. Nas 8 capelas laterais contava-se a do Santíssimo Sacramento e a de Nossa Senhora Mãe dos Homens³².

³² Diz J. Baptista de Castro (1763: vol. III, 272):

“Affitêm neste Convento mais de cem Frades ordinariamente, e nelle eftá fepultado Fr. André Cidade, pay do Santo Patriarca da hospitalidade de S. João de Deos, que tomando aqui o Serafico habito, em fó dous annos, que viveo na Religião, mereceo acabar com opiniaõ de Santo em 11 de Março de 1520. He muito celebrada na Igreja deste Convento huma prodigiosa Imagem de Nossa Senhora com o titulo de Mãe dos Homens, que fez collocar aqui o devotissimo, e Religiofissimo Padre Fr. João de Nossa Senhora, Miffionario, e Varão verdadeiramente Apoftolico dos noffos tempos.”



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

No pavimento nobre estava a capela dos provinciais, que tinha no retábulo um excelente quadro de Nossa Senhora (de seis palmos em quadro), pintura de Guido Reni; havia ainda outros quadros (30 painéis de 2 palmos de alto), trabalhos de Therienes, representando a Paixão de Cristo.

5. O terramoto de 1 de Novembro de 1755 destruiu completamente o convento.

Vd. Igreja do Convento de Santa Maria de Jesus de Xabregas – 2ª – após o terramoto

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♂ **IGREJA DO CONVENTO DE SÃO DOMINGOS DE BENFICA – 1ª** ^{CXLVIII}**Século XIV [1399] → c. 1630, 2ª**

Numa época em que a Ordem de São Domingos, introduzida em Lisboa no 1º quartel do século XIII, já acusava alguma relaxação, o Mestre Frei Vicente de Lisboa – que, depois de ter administrado os cargos de Provincial de todos os conventos de Castela e Portugal, e Inquisidor de toda a Espanha, assistia neste Reino por confessor e pregador de D. João I – encheu-se de zelo para aderir à reforma da Ordem empreendida por Frei Conrado de Prússia (em 1390), a que tinham dado todo o apoio o Geral Frei Raimundo de Cápua e o Papa Bonifácio IX. Com o apoio do Dr. João das Regras^{CXLIX}, obteve do Rei D. João I uma casa de recreação, antiga, que tinha junto do lugar de Benfica: sítio deleitoso por fontes e frescura, e afastada do concurso da cidade quanto bastava para a quitação do espírito. A provisão real é 22 de Maio de 1399.

^{CXLVIII} Fr. Vicente foi o grande impulsionador do convento de São Domingos de Benfica e parece que, no final da vida, acelerou bastante o processo de constituição do conjunto. É o que se depreende dos seguintes factos: os frades ocuparam as instalações logo em 1399; em 1401, falecendo Fr. Vicente (em Fevereiro de 1402 já não era vivo), o seu corpo foi sepultado no novo convento, infelizmente em local desconhecido da igreja e de cuja tumulação apenas se conhece uma inscrição, através de cópia moderna, a qual é mencionada por Felicidade Alves. Quer isto dizer que as obras de edificação da igreja estariam já avançadas quando se deu a morte do fundador. Como referia aquela inscrição, Fr. Vicente fora mestre em Teologia, Inquisidor da província hispânica, confessor de D. João I e um reconhecido reformador no seio dos Pregadores. Para além de João das Regras, cujo túmulo ainda se conserva, o convento foi a última morada de outras importantes figuras, como Diogo Gonçalves de Belíagua, falecido em 1410 e possivelmente oriundo de uma família de formação em Direito, cuja inscrição funerária se conhece graças a cópia moderna (Barroca, 2000: vol. II, 2109-2111). De acordo com Fr. Luís de Sousa (cf. Cacegas e Sousa, 1767: parte II, livro II, cap. VI, 109), Diogo de Belíagua seria um dos companheiros de Fr. Vicente, que o teria acompanhado na fundacional comunidade dominicana de Benfica. O convento foi reedificado entre 1624 e 1632.

^{CXLIX} Fr. Vicente teve como principal parceiro nesta empresa o Dr. João das Regras, o qual obteve a doação de D. João I dos «Paaços de Benfica da par da cidade de Lixboa, com todos seus pumares e ortas e entradas e saídas, pera se fazer delles huu moesteiro» (Costa, 1989: 69). João das Regras chamar-se-ia, na verdade, João das Regas, como aparece mencionado na inscrição que acompanha o seu túmulo – IOAN DAREGAS - popularizando-se a forma “Regras” a partir do século XVIII (Barroca, 2000: vol. II, 2094-2095). A biografia de João das Regras é sobejamente conhecida: terá nascido por volta de 1340 e era filho de Sentil Esteves e de João Afonso das Regas I; frequentou a universidade de Bolonha, onde se doutorou em Direito em 1378; em Portugal, está documentado a partir de 1382, ao serviço de D. Fernando e dos seus propósitos de voltar a prestar obediência ao papa de Avinhão (Homem, 1982: 244); prior de Santa Maria da Oliveira em 2 de Dezembro de 1383, manteve-se no cargo até, provavelmente, 1388, altura em que já era conselheiro real de D. João I (nomeado em data anterior a Maio de 1384), chanceler-mor do rei e regedor e defensor do Reino (também em 1384); em 1389, casou com D. Leonor da Cunha, de quem teve, pelo menos, uma filha, D. Branca da Cunha; as Cortes de Coimbra, em Abril de 1385, representaram o ponto alto da sua carreira, graças às quais foi agraciado com numerosas doações de terras e títulos por parte de D. João I; em 1400 foi designado «Encarregado» do Estudo Geral, tendo falecido a 3 de Maio de 1404, conforme inscrição que acompanha o seu sarcófago de mármore (Barroca, 2000: vol. II, 2087-2101).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

No dia 29 do mesmo mês e ano, ou seja 29.Maio.1399, tomaram posse os frades, um grupo de companheiros que aderiram ao Mestre Frei Vicente de Lisboa.

Frei Luís de Sousa (Cacegas e Sousa, 1767: parte II, vol. II, cap. II, 89-90) registou uma inscrição, que certamente se destinava a ser esculpida em pedra, para memória. Dizia o seguinte:

“I Stud monasterium fuit per victoriosissimum Dominum Regem Ioannem nostro Ordini concessum XXII. Maij an. Domini M. CCCXIX (sic! Deve ler-se M. CCC.X.CI) ad preces Reuerendorum Patrum, Domini scilicet Ioannis de Regulis in vtroque jure Doctoris, & Fratris Vincentij scientia, vita, & honestate Magistri præclarissimi: & fuit receptum per Fratres nostri Ordinis, ac Deo dicatum XXIX. die præfati mensis Maij. in festo Corporis Christi, eodem anno Æra Cæsaris. M.cccc.xxxxvij. (antes M.CCCC.XXXI)

Responde em vulgar.

Este Mosteiro foy dado a nossa Ordem pollo muito invencivel Senhor, elRey Dom Joaõ aos vinte dous dias do mez de Mayo do anno do senhor de 1399. a rogo dos Reverendos Padres o Senhor Joaõ das Regras Doutor em ambos os Direitos, e Frey Vicente esclarecido Mestre em letras, e virtudes, e foy aceitado pollos Frades da Ordem, e a Deos confagrado aos 29. do mesmo mez, e anno na festa de Corpus Christi, correndo a era de Cefar em M. cccc xxx. vij annos.“

Frei Vicente foi constituído cabeça da reformação e passou a ser Vigário Geral, assim como os que no cargo lhe sucederam: os Prioros de São Domingos de Benfica eram Vigários da Observância, ou Vigários da Congregação reformada.

Para contrariar os desacatos de que sofria o convento naquele lugar solitário, D. João I passou uma Provisão, com data do ano do Senhor de 29 de Outubro de 1399:

“Dom Joaõ polla graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve. A quantos esta Carta virem fazemos saber, que nós querendo fazer graça, e merce ao Mosteiro, e Frades de S. Domingos de Bemfica: por esmolla: temos por bem, e tomamos o dito Mosteiro, e os Frades delle, e todas hortas, agoas, e todos outros seus bens, e coufas, sob nossa guarda, e encomenda, e sob nosso defendimento. E porem mandamos, e defendemos, que não seja nenhum tão ousado, de qualquer estado, e condição, que seja, que ao dito Mosteiro, e fontes, nem a outras nenhuma das suas coufas, fação nenhum mal, nem sem rezaõ, nem outro nenhum defaguzado, em nenhuma guisa, que seja, nem lhe tomem outra nenhuma coufa, nem quebrem contra seus talantes as agoas, que som, ou forem do dito Mosteiro: nem lhes tomem outra nenhuma coufa do seu por força contra seus talantes: sobpena de pagarem a nós os nossos encoutos de seis mil foldos, que mandamos, que paguem para nós, qualquer que lhes a dita agoa, ou outra alguma coufa de seu tomarem. Os quais encoutos mandamos ao nosso Almoxarife da cidade de Lisboa, que recade, e receba pera nós: e ao Escrivão do dito officio, que os ponha sobre elle em receita sobpena de nolos pagarem de suas casás em tresdobro. E em caso que lhe alguem contra ello vá, ou queira hir, mandamos a nossas justiças, que lho não confintaõ, e lhe alcem dello força, e lhe fação corregger o mal, e dano, que lhes assi for feito; e o estrarhem áquelles que lho fizerem, ou fazer quizerem. E em guisa, que sejamos nós certos, que o dito Mosteiro, e seus Frades, e a dita agoa, e suas coufas são por nós defezas, e emparadas. Senão sejaõ certas as justiças, que em ello forem negligentes, sendo pera

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ello requeridos, que por seus bens lhe faremos correger, e pagar o mal, e dano, que em o Mosteiro, e nas coufas delle for feito, e de mais lho estranharemos gravemente, assi como aquelles, que nem cumprem, nem guardaõ mandados de feu Rey, e Senhor: onde huns, e outros alnaõ façades. Dada em a cidade de Lisboa aos 29. dias de Outubro. ElRey o mandou por Alvaro Pires Escollar juis de seus feitos, que isto mandou livrar, era de M. cccc. xxx. vij. (responde aos annos de Christo 1399.)”

(Ib.:90-91)

Cristóvão Rodrigues de Oliveira (em 1551) dá deste Mosteiro a seguinte breve notícia:

“O Mosteiro de são Domingos de Benfica é da ordem dos pregadores. Está a meia légua fora dos muros. Há nele trinta e três frades professores.

Tem cinco capelas de administradores, todas de missas quotidianas. E fora estas, se dizem outras missas quotidianas por defuntos.

Vale a renda deste mosteiro dois mil e quinhentos cruzados. Há na casa seis servidores”

(Oliveira, ed. 1987: 72).

Não temos descrição de como era esta primeira igreja do convento; uma descrição do convento encontramos-la em Frei Luís de Sousa (Cacegas e Sousa, 1767: parte, II, livro II, cap. 3, 92-98).

A igreja foi reedificada no ano de 1630, sendo Prior o Padre Frei João de Vasconcelos:

Vd. Igreja do Convento de S. Domingos de Benfica – 2ª – c.1630

Bibliografia

CACEGAS, Fr. Luis de e SOUSA, Fr. Luis de – *Segunda Parte da História de S. Domingos particular do reino e conquistas de Portugal por Fr. Luis Cacegas, da mesma ordem e provincia, e chronista d'ella reformada em estilo e ordem, e amplificada em sucessos e particulares por Fr. Luis de Sousa, filho do convento de Bemfica*, 2ª edição, Lisboa, Officina de António Rodrigues Galhardo, 1767.

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

✝ ♀ **IGREJA PAROQUIAL E CONVENTUAL DE SÃO SALVADOR**^{CL}**Século XIV [1392] – † 1755**

1. Alguns autores chamam-lhe “São Salvador da Mata”, alusão à legenda do aparecimento da imagem de Cristo Crucificado entre os matagais que então (século XII) enchiam aquela zona da cidade. Documentos oficiais do século XIX atribuem-lhe a invocação do “Santíssimo Rei Salvador”.

Deve ter-se presente a história anterior desta igreja: 1º Ermida de São Salvador da Mata, no século XII e Recolhimento de Beatas; 2º Paróquia de São Salvador, anteriormente a 1391.

2. João Esteves [de Azambuja], filho de Afonso Esteves, e sobrinho de um outro João Esteves, que foi alcaide-mor de Lisboa e Privado do rei D. Fernando, foi colaborador de D. João I nas lutas contra Castela. Alcançada a paz para o Reino, decidiu-se João Esteves a seguir a carreira eclesiástica e as Letras. Mas D. João I, conhecendo o seu valor e préstimo, encarregou-o de negócios seus e do Reino, em virtude dos quais o mandou duas vezes a Roma. O Rei, para o recompensar, obteve-lhe a nomeação de Bispo do Porto: ele era antigo Cónego de Coimbra e de Évora, prior da igreja de Monção, e da Alcáçova em Santarém, confessor do rei D. João I...^{CLI}

Quando era bispo do Porto, considerando o lugar em que queria mandar sepultar o seu corpo, resolveu ser na capela em que na Igreja do Salvador jazia seu pai e seu tio. E pareceu-lhe que não podia honrar melhor a sepultura dos seus, do que fazendo uma Casa de Religião naquele sítio.

^{CL} É conhecida a criação conventual a partir de 1391, mas subsistem alguns equívocos na historiografia. Silva, 1943, repub. 1954: 252 assumiu que o convento era de franciscanas e não dominicanas e o mesmo autor apontou o ano de 1438 para a conclusão das obras (dados aceites por Silva, 2008: 264-265). A confusão entre as datas 1438 e 1478 (esta última recolhida por Felicidade Alves e aceite por Marques, 1994: 96) deve-se ao patrocínio de D. Leonor, mulher de D. Duarte, para o acabamento das obras, e não a D. Leonor, mulher de D. João II. Na fundação do convento estiveram activos D. João da Azambuja (então ainda como bispo do Porto) e Fr. Vicente de Lisboa, o mesmo que se empenharia, por volta de 1399, em fundar o convento de São Domingos de Benfica. As constituições conventuais foram dadas por D. João da Azambuja a São Salvador em 1396 (Barroca, 2000: vol. II, 2126), estando presente Fr. Vicente, consumando-se, desta forma, o primeiro acto português da reforma dos Pregadores, então em voga na Europa e na qual Fr. Vicente era um dos mais destacados impulsionadores. A aura de santidade deste novo convento atraiu outras fórmulas de religiosidade, associando-se uma casa de mulheres emparedadas.

^{CLI} Sobre a vida de D. João Esteves da Azambuja, segundo arcebispo de Lisboa, veja-se o que se diz na nota XXXI. O seu testamento foi executado a partir de Dezembro de 1415, mas nem todas as disposições nele constantes foram cumpridas. Ao contrário do que havia determinado, o seu corpo não repousou na capela de seu tio, mas sim na capela-mor da igreja conventual e em sarcófago privilegiado, contrariando também a disposição testamentária de ser «sopultado em terra» (cf. Barroca, 2000: vol. II, 2128).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Para lhe facilitar o intento, D. João I fez-lhe mercê do padroado da Igreja, que era da Coroa; e, para que o bispo de Lisboa não pusesse obstáculos, o Rei fez com que o bispo cedesse todo o direito que podia ter na dita igreja.

3. D. João Esteves de Azambuja negociou em Roma, por seus procuradores, que lhe alcançaram do papa Bonifácio IX o Breve de 27 de Fevereiro de 1391, com amplíssima faculdade de fundar um Mosteiro da Ordem de São Domingos, e para lhe anexar todas as rendas do prior e beneficiados da igreja, à medida que fossem vagando por morte de cada um. Obteve também a concordância do Geral da Ordem dos Pregadores; e a Provisão Régia de D. João I, de 25 de Outubro de 1391.

Com todas essas autorizações, foi ao Recolhimento, fez uma prática às beatas, solicitando-lhes o livre consentimento de se consagrarem ao serviço do Senhor, debaixo da regra de São Domingos. Todas ficaram contentes. Eram então 21 devotas, governadas por Dona Margarida Annes.

4. Na véspera da festa de Santo André – que se celebra a 20 de Novembro – do ano de 1392, fez-se a solene cerimónia de entrega do Recolhimento à Ordem de São Domingos.

Vale a pena ler uma Crónica deste acontecimento [Vd. [Anexo](#)]. Desse facto se fez um assento autêntico, na forma seguinte:

"Anno Domini millesimo tercentesimo nonagésimo secundo
Dominus Joannes Episcopus Portuensis auctoritate aposto-
lica e ex consensu Domini Joannis, Dei gratia Regis
Portugaliae et Algarbiorum, erexit Ecclesiam parochialem
Sancti Salvatoris civitatis Ulixbonensis in Monasterium
Sororum ordinis Praedicatorum"

5. Foram grandes os rendimentos e privilégios com que o fundador enriqueceu este Mosteiro. E maiores as mercês e doações feitas pelos monarcas portugueses.

D. João Esteves de Azambuja foi depois promovido a arcebispo de Lisboa, em 1402. Passou à Itália para assistir ao Concílio de Pisa, no ano de 1409, a fim de serenar o Cisma que então dividia a Igreja. Foi a Jerusalém visitar os lugares santos. O papa João XXIII³³, em atenção aos seus méritos, conferiu-lhe o capelo de cardeal em 1441, ficando-lhe o arcebispado em título de comenda. Dirigiu-se de Roma a Constança para assistir a novo Concílio; e na retirada para Portugal adoeceu gravemente em Bruges, cidade da Flandres, onde faleceu a 23 de Janeiro de 1415. Os seus despojos mortais foram trasladados para Lisboa, ficando sepultado no coro de cima da igreja do Mosteiro do Salvador. Colocou-se-lhe sobre a campa um epitáfio em latim.

³³ Anti-papa, eleito em 1410, em Pisa, por um mini-conclave de 7 cardeais que contestavam a autoridade pontifícia de Bento XIII (Avignon) ou de Gregório XII (Roma) como legítimos sucessores de Pedro. Convocou o Concílio de Constança em 1413 no intuito de destituir os respectivos papas e pôr fim ao cisma do Ocidente. Entretanto evadiu-se de Pisa, em condições rocambolescas, o que permitiu ao concílio destituí-lo (1415) e lograr a resignação dos outros dois papas, tornando possível a eleição de Martinho V (1417) e o fim do cisma.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Entre as muitas relíquias que o fundador deu a esta casa religiosa, contava-se uma boa parte do Santo Lenho, metida num relicário que se guardava na sacristia; mais tarde as freiras mandaram fazer um sacrário, que colocaram no altar do coro.

Quando o arcebispo faleceu (23.Janeiro.1415), as obras ainda não estavam concluídas. Mas a rainha Dona Leonor, mulher do rei D. João II, terminou-as em 1478.

Entre as memórias notáveis ligadas a esta igreja, merece especial referência a seguinte.

Após o falhado resgate do Infante D. Fernando contra a entrega de Tânger, e tendo falecido em Fez no ano de 1443, os seus despojos foram transportados para Portugal e depositados neste convento. Alguns dias volvidos, procedeu-se então à sua transferência para o Mosteiro da Batalha.

Conta-se também que foi neste convento que se criou o primeiro Presépio, e que isso se deveu à visão de uma freira. Também as belas músicas que entoavam nos cânticos litúrgicos lhes surgiam nos seus êxtases...

6. A igreja era de uma só nave, com a porta para o sul. Tinha sete capelas, além da capela-mor, em que se via um retábulo e dois nichos com as imagens de São Domingos e São Francisco. As outras capelas eram: a do Santíssimo Sacramento; do Santíssimo Rei Salvador (imagem de muita devoção, que tinha a sua confraria); de Santa Catarina de Sena (com irmandade); a de São José; de Nossa Senhora dos Remédios (de que eram administradores os condes dos Arcos); Nossa Senhora da Boa Viagem (com irmandade, que fora primitivamente dos homens do mar); Nossa Senhora do Rosário (cuja irmandade era administrada pelos pretos). Havia também a irmandade de Escravos do Santíssimo Sacramento.

7. 1755

Em 1755, o corpo da igreja arruinou-se; só escapou o altar-mor e mais dois, um da parte do evangelho, outro da parte da epístola. Os restantes caíram. Foram vítimas da terrível catástrofe 12 freiras professas, uma noviça, duas seculares e uma criada. As outras saíram da clausura, indo umas para o Cardal da Graça, abrigando-se na Quinta do alcaide fidalgo; outras estiveram no Campo Grande, em casa do desembargador Francisco Lopes de Carvalho. Voltaram alguns anos depois para o seu convento, que se reedificara.

Para reedificar a igreja foi preciso começar desde os alicerces. As obras prosseguiram até 1762, ficando a igreja por concluir.

1834 Com a extinção das Ordens Religiosas em 1834, o Convento ficou proibido de receber mais freiras ou noviças. Foi-se extinguindo lentamente, até à morte da última religiosa, o que ocorreu em 1884 (10 de Abril).

A Fazenda Nacional tomou então posse da igreja e do Convento do Salvador em 28 de Abril de 1884. O edifício foi concedido à Associação Protectora de Meninas Pobres, e à Associação Protectora de Escolas Asilos para Rapazes Pobres, que aliás já ali estavam funcionando desde 1883, por concessão do rei D. Luís. Essa cedência foi confirmada definitivamente por carta de lei de 26 de Maio de 1884.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

Depois da proclamação do regime republicano, foram os edifícios dos conventos cedidos a diferentes instituições, cabendo a igreja ao Centro Escolar Republicano Dr. Magalhães de Lima, que aí se conserva, tendo adaptado o corpo da igreja a salão para diversões e espetáculos, e o coro a escola primária.

ANEXO

ENTREGA DO RECOLHIMENTO À ORDEM DE SÃO DOMINGOS

Extraído de *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 267-271.

“Tendo o bispo Dom Joam alcançado assim na corte de Portugal como na de Roma o que era necessario pera dar satisfaçam a seo desejo, logo com a provisam d'El Rey e breve do Pontifice foy hum dia ao recolhimento e com huma bem ordenada pratica declarou a determinaçam com que estava, e que pera o bom effeyto della nam faltava mays que seo livre consentimento, pello qual declarasse eram contentes de se consagrarem ao serviço do Nosso Senhor debayxo da regra de Sam Domingos, ficando sogeytas a ella e á obediencia dos Prelados da ditta Religiam, a cujo sancto statuto acrescentaria algumas ordens que julgasse convenientes pera mayor bem seo e do convento, as quaes lhe nam seriam muy pesadas.

Nam se pode bem explicar o jubilo e consolaçam spiritual que receberam as beatas com entenderem a entençam do Bispo, e o grande bem que della resultava a todas, que nam eram ja menos de vinte huma, que governava Margarida Annes ou, como diz outra memoria, Dona Margarida Joam, a qual, com todas as subditas mays com as lagrimas dos olhos que com palavras significaram ao Bispo o jubilo e goso de suas almas com tam inesperada e alegre nova. Era tanta em todas a copia das lagrimas que obrigaram o Bispo e os que lhe assistiam a derramarem tambem muytas de consolação e gosto spiritual, do qual cheyo o Bispo se despedio das beatas, que todas reconhecidas à mercê que o Senhor lhe[s] fazia em as querer admitir por suas esposas caminharam em comunidade pera diante do Sancto Crucifixo a render-lhe as graças pella mercê e misericordia grande que uzava com suas servas em dispor com divina traça que fossem obrigadas por voto as que já o eram por livre vontade, agradecendo tambem ao Senhor o beneficio que lhe[s] fazia em lhe[s] dar tal Pay e Protecto[rl] como o glorioso Patriarca Sam Domingos. E nestes affectos de agradecimento continuaram alguns dias em que o Bispo mandou levantar no recolhimento algumas officinas e compôr algumas cousas necessarias pera que o mosteyro ficasse com a decencia conveniente.

E tanto que assim esteve o recolhimento, vespera do Apostolo Sancto André do anno de 1392 se achou o Bispo na igreja do Salvador acompanhado de muytos fidalgos, parentes e amigos seos e devotos da Ordem, e juntamente com o Padre Frey Lopo de Lisboa, prior do convento de Sam Domingos da cidade que governava os conventos da Religiam Dominicana em Portugal, o qual se nomeava Vigario Geral de Hespanha. Achava[m]se mays presente[sl] o Mestre Frey Vicente de Lisboa, pregador e confessor d'El Rey Dom Joam, que tinha sido Provincial e Inquisidor de toda Hespanha. Acodio tambem muyta parte da nobreza e povo da cidade, obrigado da novidade.

Appareceram logo no coro, corrida huma cortina, as futuras noviças ornadas de humilde composiçam, modestia e devoçam, e o Bispo, pondo os olhos nos Religiosos, expoz com huma discreta prática as rasões particulares que tinha pera venerar aquelle sanctuario em que tinha depositado pay e tio e que desejando acrescentar e enobrecer aquelle lugar lhe dera pera isso occasiam o ezemplo e prova de virtude daquellas boas Irmãs que se achavam

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

presentes, e que era grande a sua consolaçam por entender o lucro que aos que ali se achavam presentes resultava daquella obra: «Ás Irmãs com a consolaçam de se verem em verdadeyra religiam (cousa que muyto desejavam); a mim com as ter por Mercieyras e gosar da valia de suas orações; Religiam de Sam Domingos por lhe crescer hum convento que esperava nam fosse em nada inferior ao de Sam Xisto de Roma».

A este fim acrescentou o Bispo: «Tenho até [a]gora trabalhado e alcançado o que era necessario». E, voltando pera Frey Lopo de Lisboa, prior que era do convento de Sam Domingos e Vigario Geral dos conventos de Portugal, lhe disse: «Resta pera conclusam de tudo saber de Vossa Reverencia, Reverendo Padre Vigario Geral, se lhe contenta aceytar o governo deste mosteyro na forma dos despachos do Reverendissimo Padre Geral que lhe tenho mostrado?».

Parou o Bispo, mostrando esperava a resposta do Reverendo Vigario Geral, o qual a deo dizendo acceytava de muyto boa vontade o mosteyro debayxo da obediencia e uniam da Ordem, pellos mesmos motivos e rasões que S. Senhoria apontara, e pello gosto que mostrava ter do ditto mosteyro. A que o Bispo acrescentou que lhe fazia saber que pello Breve de Sua Sanctidade tinha faculdade pera acrescentar às regras commuas da Religiam de Sam Domingos alguns statutos particulares de sua devoçam pera se observarem naquelle mosteyro, mas que podia fiar delle que nam seria pesada nem dificultosa a sua observancia. E dando noticia de alguns, acrescentou que nam os declarava logo todos porque queria que o discurso do tempo lhe descobrisse se seriam tanto a proposito pera bem da Religiam e convento, como desejava e imaginava, e por isso queria lhe ficasse inteyra e salva a authoridade que lhe davam as letras apostolicas pera serem observados e obedecidos a todo o tempo que os propuzese.

Era o Bispo varam tam prudente e tinha dado tantos penhores de amigo na Religiam de Sam Domingos que o Vigario Geral e mays padres que o acompanhavam em nada fizeram reparo nem mostraram ter duvida alguma.

Seguiose logo mandar o Bispo ler o breve do Papa que continha as licenças acima referidas. Leose tambem a provisam d'El Rey em que lhe dava o padroado da Igreja; leose tambem o consentimento do Bispo de Lisboa. E sendo tudo lido e entendido, disse o Bispo em voz mays alta que pello direyto que os taes despachos lhe davam, elle, Dom Joam Esteves, bispo da cidade do Porto, fazia doaçam perpetua à Ordem de Sam Domingos da igreja do Salvador pera effeyto de ser mosteyro seo, e que, pera isso, lhe applicava, unia e ncorporava pera sua sustentaçam todas as rendas da' ditta igreja e as de Nossa Senhora do Amparo, do lugar de Bemfica, sua .anexa, no termo da cidade, assim como as [que] fossem 'largando por morte ou cessam voluntaria o prior e beneficiados que de presente as possuiam com declaraçam que o que faltasse pera congrua [e] sustentaçam da comunidade elle o supreria de sua casa. E de tudo mandou fazer hum assento autentico na forma seguinte:

«Anno Domini millesimo tercentesimo nonagesimo secundo Dominus Joannes Episcopus Portuensis autoritate Apostolica et ex consensu Domini Joannis Dei gratia Regis Portugaliae et Algarbiorum, exerit Ecclesiam parochialem Sancti Salvatoris civitatis Ulixbonensis in Monasterium sororum Ordinis Praedicatorum».

Passado o referido acto, começou o Vigario Geral, como prior que era do convento de Sam Domingos de Lisboa, a satisfazer ao que estava à sua conta, expremindo muyto por extenso a todas as noviças as obrigações e rigores da Ordem de Sam Domingos: o peyxe por mantimento quotidiano de toda a vida, o Jejum de sete mezes, as vigalias na hora da meya noyte em que se enterrompe o melhor do sono, sem saber que cousa he linho nem na cama

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

nem no corpo, sugeyçam do juizo proprio com mortificaçam da vontade, clausura perpetua sem esperança de jamays tornar ao mundo, contradiçõeess tudo da natureza repugnantes nam só ao gosto mas tambem à saude e à vida, e isto sem outro termo que o da morte. Acrescentou a Isto o Vigario que cada huma atentasse bem com que animo se achava e se vinham voluntarias ou constrangidas, se tinham medidas e pesadas bem suas forças com o trabalho a que se offereciam e se declarassem com tempo e que nam tomassem peso mayor do que suas forças podiam levar, e que considerassem que menos mal era nam começar a empresa q[ue]l deyxalla depouys de começada.

Estavam os seculares que se achavam presentes e ao parecer medrosos com a relaçam dos apertos e rigores propostos pello Vigario Geral às reclusas; mas nelas se descobria tanta alegria no rosto e olhos que a nam sabia emcobrir a modestia natural, mostrando estimar tanto as asperesas propostas como seja comesassem a tomar gosto. E começando depouys da ditta pratica a fazer perguntas a cada huma em particular.”

▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

♀ **IGREJA DO MOSTEIRO DAS COMENDADEIRAS DE SANTIAGO, DE SANTOS-O-NOVO – 1A** ^{CLII}

Século XV [1490] – Século XVII →

O martírio dos Três Santos Irmãos Veríssimo, Máxima e Júlia, nos primeiros anos do século IV deu origem à Ermida dos Santos, próxima da praia onde os seus corpos foram devolvidos pelo Tejo. Quando em 1147 foi conquistada Lisboa aos Mouros, reedificou-se ali a ermida, que depois foi doada à Ordem Militar de Santiago, estabelecendo-se depois um Mosteiro feminino chamado das Comendadeiras de Santos.

1. D. João II, querendo melhorar-lhes a habitação, mandou-lhes fazer um novo edifício, cremos que por volta de 1475 (?), o qual se fundou no sítio chamado Santa Maria do Paraíso, entre o Mosteiro de Santa Clara e o da Madre de Deus. Actualmente, nesse sítio está o Reco-lhimento de Lázaro Leitão, na Cruz da pedra.

Em 5 de Setembro de 1490, foram trasladadas as relíquias dos Santos Mártires para o novo Mosteiro. Garcia de Resende, na *Crónica* de D. João II consignou o acontecimento (1973: 148):

De como foy mudado o moſteiro de Sanctos.

Aos cinco dias de Setembro deſte anno de quatrocentos e nouenta mandou el Rey mudar, ou trasladar o moſteiro de Sanctos, que eſtava em Sanctos o velho, onde ora são os paços alem de boa villa, pera o lugar onde ora eſtá, que há Sancta Maria do paraiſo, antre o moſteiro de Sancta Clara e o moſteiro da Madre de deos. O qual moſteiro he da ordem de Sanctiago, e el Rey o mandou ally fazer de nouo, e as reliquias dos Martyres, que no moſteiro velho eſtauam, foram lá leuadas em hũa tumba dourada, e a comendadeyra que ſe chamaua Violante Nogueira, molher de muyta virgindade, e honeſtidade, e aſſim todas as donas do conuento forão no dito dia leuadas a pe com solenne procieſſão do Cabido, e todas as Ordens, e Cruzes do dito moſteiro, no qual ſempre viuerão honeſtamente.

^{CLII} Subsistem dúvidas a respeito do ano em que D. João II terá determinado a construção deste convento. Felicidade Alves registou, sob reserva, a data de 1475 e outros autores apontam o ano de 1470, sobre a antiga ermida de Nossa Senhora do Paraíso (Cortez, 1994a: 869). Para resolver o crónico problema das comendadeiras de Santos, que se arrastava desde o final da 1.ª Dinastia, ter-se-á tentado criar uma nova centralidade religiosa no sítio da Paraíso, no lado oriental da cidade e abandonando-se definitivamente a zona ocidental, onde o convento estava instalado desde 1194. É possível que a exacta localização deste convento fosse ligeiramente mais a Sul que o actual grandioso edifício de Santos-o-Novo, obra filipina de raiz.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

2. As preciosas relíquias foram metidas em uns cofres de prata, que colocaram ao lado direito do altar-mor, em porte eminente, com o epitáfio seguinte:

“Sepultura dos fantos martyres S. Verifsimo, fanta Maxima, & fanta Iulia, filhos de hum Senador de Roma, vindos a esta cidade a receber martyrio, por reuelação do Anjo. Iazem nesta sepultura os feos fantos corpos, os quaes ha 1350. annos, que padecerão & foraõ sepultados em Santos o velho, & dahi foraõ traslados a esta cafa onde jazem.”

(In Cunha, 1642: fl. 40v)

Esta sepultura foi mandada fazer por Dona Ana de Mendonça, Comendadeira desta Casa, e se acabou na era de 1529.

Tal epitáfio encerra, todavia, alguns erros: assim, não consta que estes santos mártires fossem “filhos de um Senador de Roma”; nem que eram “vindos a esta cidade”, como que insinuando que não eram naturais dela. Mas sobretudo a indicação de terem padecido “há 1350 anos”, (o que nos remeteria para o ano de 179, no qual imperava Septímio Severo, e não Diocleciano) contradiz o testemunho dos Martirológios que os dão com martirizados sob Diocleciano, que começou a governar em 297, e o martírio teria sucedido no 10º ano do seu império, ou seja, entre 306 e 308.

3. Em memória dos benefícios atribuídos pela cidade de Lisboa à protecção dos Santos Mártires, a cidade agradecida lhes votou uma procissão todos os anos, no dia 1º de Outubro, que foi o dia do seu trânsito. A dita procissão saía da Sé e ia até ao Mosteiro de Santos [-o-No-vo], onde estava o sagrado depósito de suas relíquias (Vd. Cunha, 1642: 41).

Não dispomos de informações para assinalar quando é que deixou de se fazer a referida procissão.

4.

“Foy continuando a morada das Religiosas no novo mosteyro que como obra e fundaçam d'El Rey Dom Joam o II foy muy assistido de seo filho o Mestre de Sanctiago Dom Jorge, cuja mãy, Dona Anna de Mendonça, passado pouco tempo da mudança do mosteyro a fez El Rey Dom Joam commendadeyra, succedendolhe por sua morte no mesmo lugar Dona Elena de Alencastre, filha do mesmo Mestre.

Depoys se seguio a ella Dona Anna de Alencastre, filha do duque de Aveiro Dom Joam, e a Dona Anna succedeo Dona Brites, filha do duque Dom Alvaro. Todas estas senhoras, descendentes do Mestre Dom Jorge, ocuparam com muyta rasam o lugar de Commendadeyras no mosteyro de Sanctos, assim por elle ter sido fundaçam d'El Rey Dom Joam o II como pellos grandes beneficios que recebeo do Mestre Dom Jorge, o qual da Mesa Mestral applicou algumas commendas pera sustento do mosteyro, as quaes commendas o Cardeal Rey Dom Henrique por breves apostolicos unio ao mosteyro, e a renda das dittas commendas he a principal que o mosteyro tem pera sua conservaçam.” (In *História dos Mosteiros*, 1972: vol. II, 227).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

5. Este mosteiro medieval não é o que hoje vemos, nem no mesmo local. É que no século XVII foi deslocado e reedificado de novo. Lemos em *A Ribeira de Lisboa*, de Júlio de Castilho (1893: Livro V, 587):

“Do edificio d'el-Rei D. João II pouco resta, ou nada, creio eu, a não ser um portal da horla do mosteiro, mesmo defronte do Recolhimento «de Lazaro Leitão», ao fundo do beco, ou travessa do mesmo Recolhimento. Tem muita physionomia esse formoso portal do seculo xv; é de volta abatida, historiado e florido à maneira do tempo; no alto da verga vê-se um escudo, contendo uma espada entre duas vieiras: Santiago da Espada. Está mal tratado mas é de altissimo interesse.”

Vd. Igreja do Mosteiro das Comendadeiras de Santiago, de Santos-o-Novo – 2º - século XVII

Bibliografia

Cunha, 1642: 38-41v;

História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa (1950-1972), ed. de Dural Pires de LIMA, tomo II, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1972, p. 226-230;

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal. Diccionario histórico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*, vol. 4, Lisboa: J. Romano Torres, 1908, p. 304.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

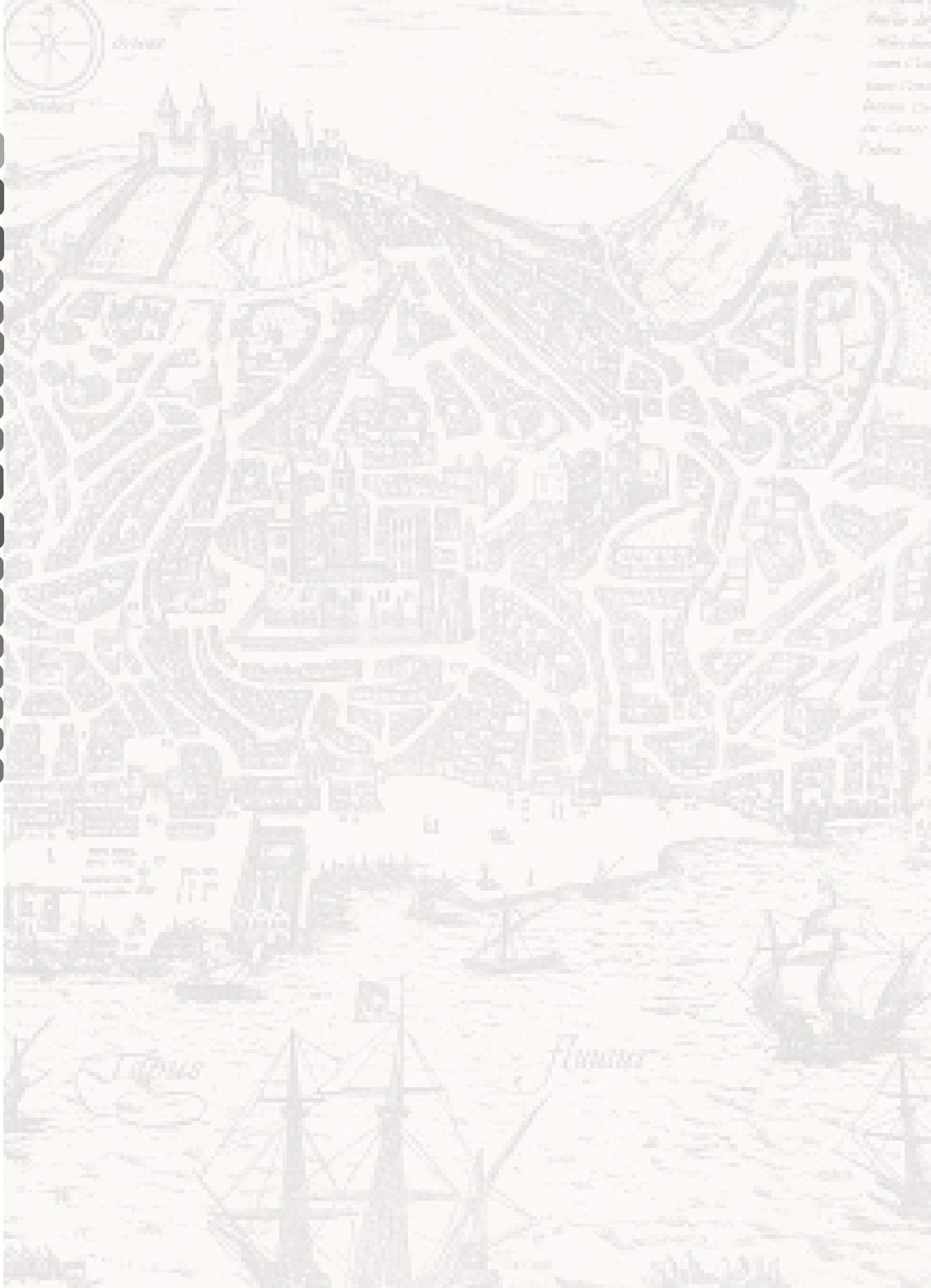
1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

BIBLIOGRAFIA DO TOMO II

Fontes manuscritas

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Mosteiro de Santos-o-Novo, Lisboa (Santos-o-Velho, S. João da Praça e Madalena), mc. 2, doc. 26

Manuscrito da Livraria, nº 1984 (DIOGO, Fr. Pedro de – *Horto Seráfico. Fechado às vaidades do inundo, e aberto Para as felecidades da gloria. Em que se trata da Origem, fundação, e progressos do Reformadissimo Mosteiro de Santa Apellonia*, 1757)

Biblioteca Nacional de Portugal

Manuscrito, nº 215 (PEREIRA, Luiz Gonzaga – *Descrição dos monumentos sacros de Lisboa, ou collecção de todos os conventos, mosteiros, e parochiaes no recinto da cidade de Lisboa. Em MDCCCXXXIII. Em que se mostram os desenhos de seus alçados, e se descreve a belleza que os mesmos continhão relativo as artes de pintura, escultura, e arq[ui]t[etur]a, e gravura*, 1840)

Fontes impressas

ACABADO, Maria Teresa Barbosa (1969) – “Inventário de compras do Real Mosteiro de S. Vicente de Fora (cartulário do séc. XIII)”, *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*. Coimbra: Atlântida. Ano XIV, n.ºs 53-56; Separata.

AZEVEDO, Luís Marinho da (1652) – *Primeira parte da fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa, e seus varoens illustres em sanctidade, armas, & letras: catalogo de seus prelados, e mais cousas ecclesiasticas, & politicas ate o anno 1147*. Lisboa: Officina Craesbeckiana [2ª edição, Lisboa, Officina de Manuel Soares, 1753].

AZEVEDO, Rui de (1944) – *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

BLUTEAU, Rafael (1716-1721) – *Vocabulario Portuguez e Latino*. Vol. 1-4. Coimbra: Colégio das Artes, 1712-1713. Vol. 5-8. Lisboa: Pascoal da Sylva.

BLUTEAU, Rafael (1727) – *Suplemento ao Vocabulário Portuguez e Latino*. Lisboa: Joseph Antonio da Sylva. 2 vols.

BRANDÃO, Fr. António (1632) – *Terceira parte da Monarchia lusytana : que contem a Historia de Portugal desdo Conde Dom Henrique, ate todo o reinado delRey D. Afonso Henriques*. Lisboa: Officina de Pedro Craesbeeck. [edição facsimilada, com introdução de A. da Silva REGO e notas de A. Dias FARINHA e Eduardo dos SANTOS. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1973].

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

BRANDÃO, Fr. António (1632a) – *Quarta parte da Monarchia lusytana : que contem a Historia de Portugal desdo tempo delRey Dom Sancho Primeiro, até todo o reinado delRey D. Afonso III*. Lisboa: Officina de Pedro Craesbeeck. [edição facsimilada, com introdução de A. da Silva REGO e notas de A. Dias FARINHA e Eduardo dos SANTOS. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1974].

BRANDÃO, Fr. Francisco (1650) – *Quinta parte da Monarchia lusytana : que contem a historia dos primeiros 23. annos delRey D. Dinis*. Lisboa: Officina de Paulo Craesbeeck [edição fac-similada, com introdução de A. da Silva REGO e notas de A. Dias FARINHA e Eduardo dos SANTOS. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1976].

BRANDÃO (de Buarcos), João (ed.) (1923) – *Tratado da Majestade, Grandeza e Abastança da cidade de Lisboa, na segunda metade do século XVI*, Anselmo Braamcamp FREIRE (ed.), Gomes de BRITO (comentário e notas). Lisboa: 1923.

BRANDÃO (de Buarcos), João (ed. 1990) – *Grandeza e Abastança de Lisboa em 1552*, ed. Felicidade ALVES. Lisboa: Livros Horizonte.

BRAUN, Georg – cf. BRAUNIIUS, Georgius e HOGENBERGIUS, Franciscus (grav.).

BRAUNIO, Jorge – cf. BRAUNIIUS, Georgius e HOGENBERGIUS, Franciscus (grav.).

BRAUNIIUS, Georgius e HOGENBERGIUS, Franciscus (1572) – *Civitates Orbis Terrarum. Liber Primus* Amsterdão. Mapa I-1: Lisabona.

BRAUNIIUS, Georgius e HOGENBERGIUS, Franciscus (1598) – [*Civitates Orbis Terrarum. Liber Quintus:*] *Urbium Praecipuarum Mundi Theatrum Quintum*. Amsterdão. Mapa V-2: Olissippo quae nunc Lisboa... . Museu de Lisboa, MC.GRA.0033.

CACEGAS, Fr. Luis de e SOUSA, Fr. Luis de (1623) – *Primeira Parte da História de S. Domingos particular do reino e conquistas de Portugal por Fr. Luis Cacegas, da mesma ordem e provincia, e chronista d'ella reformada em estilo e ordem, e amplificada em sucessos e particulares por Fr. Luis de Sousa, filho do convento de Bemfica*, Lisboa: Convento de S. Domingos de Bemfica por Gerardo da Vinha. 2ª edição, Lisboa, Officina de António Rodrigues Galhardo, 1767 [3ª edição. 2 vol.s. Lisboa: Typographia do Panorama, 1866].

CACEGAS, Fr. Luis de e SOUSA, Fr. Luis de (1662) – *Segunda Parte da História de S. Domingos particular do reino e conquistas de Portugal por Fr. Luis Cacegas, da mesma ordem e provincia, e chronista d'ella reformada em estilo e ordem, e amplificada em sucessos e particulares por Fr. Luis de Sousa, filho do convento de Bemfica*. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira, por António da Encarnação. [2ª edição. Lisboa, Officina de António Rodrigues Galhardo; 3ª edição. Lisboa: Typographia do Panorama, 1866].

CARDOSO, Jorge (1752-1763) – *Agiologio lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas: consagrado aos gloriosos S. Vicente, e S. Antonio, insigns patronos desta inclyta cidade Lisboa e a seu illustre Cabido Sede Vacante / composto pelo licenciado George Cardoso, natural da mesma cidade*. Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1652 (vol. I), 1657 (vol. II), 1666 (vol. III), 1744 (vol. IV), 1763 (vol. V).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

CASTRO, Padre João Bautista (1762-1763) – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1762 (tomo I. Parte I e II), 1763 (tomo II. Parte III e IV), 1763 (tomo III. Parte V). 2ª edição 1763; 3ª edição 1870.

CONCEIÇÃO, Apolinário da (1740) – *Claustro Franciscano, erecto no dominio da Coroa Portuguesa, e estabelecido sobre dezeseis Venerabilissimas Columnas : expõem-se sua origem, e estado presente. A dos seus conventos, e mosteiros, annos de suas Fundações, numero de Hospícios, Prefecturas, Recolhimentos, Parroquiais, e Missoens, dos quaes se dá individual noticia, e do numero de seus Religiosos, Religiosas, Terceiros, e Terceiras, que vivem Collegiadamente, tanto em Portugal, como em Suas Conquistas...* Lisboa Ocidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca.

CONCEIÇÃO, Apolinário da (1750) – *Demonstraçam historica da primeira, e real parochia de Lisboa de que he singular patrona, e titular N. S. dos Martyres: devedida em dous tomos*. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues.

Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147. Carta de um Cruzado inglês que participou nos acontecimentos (1989), José da Felicidade ALVES (apresentação e notas). Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

COSTA, Américo (1929-1949) – *Diccionario chorographico de Portugal continental e insular: hydrographico, historico, orographico, biographico, archeologico, heraldico, etymologico*. Porto: Domingos d'Oliveira, 1929 (vol. I), 1930 (vol. II), 1932 (vol. III), 1934 (vol. IV), 1936 (vol. V), 1938 (vol. VI), 1940 (vol. VII), 1943 (vol. VIII), 1947 (vol. IX), 1948 (vol. X-XI), 1949 (vol. XII). 12 vols.

COSTA, António Carvalho da (1706-1712) – *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706 (vol. I), 1708 (vol. II), 1712 (vol. III). 3 vols [2ª edição. Braga: Typographia de Domingos Gonçalves Gouvea, 1868].

COUTO, Diogo do (1616) – *Decada setima da Asia: dos feitos que os portugueses fizeraõ no descobrimento dos mares, & conquista das terras do Oriente: em quanto governaraõ a India Dom Pedro Mascarenhas, Francisco Barreto, Dom Constantino, o Conde do Redondo Dom Francisco Coutinho, & Joaõ de Mendoza*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1616.

CUNHA, D. Rodrigo da (1642) – *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa...* Lisboa: Manoel da Sylva.

“De Expugnatione Olisiponis A. D. MCXLVII” (manuscrito, sec. XII). In Alexandre HERCULANO (Dir.), (1861) – *Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores*. Vol I, Fasc. III, pp. 392-405. Texto latino e sua tradução para Português in José Augusto OLIVEIRA (ed.) (1936) – *Conquista de Lisboa aos Mouros (1147). Narrações pelos Cruzados Osberno e Arnulfo, testemunhas presenciais do cerco*, 2ª edição, com prefácio do Engº. Augusto Vieira da Silva. Nova Edição (1989) – *Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147. Carta de um cruzado inglês que participou nos acontecimentos*, José Felicidade

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ALVES (ed. prefácio e notas). Lisboa: Livros Horizonte.

ENCARNATIONE, Thomas ab (1763) – *Historia Ecclesiae Lusitanae: Per Singula Saecula Ab Euangelio Promulgato*. Vol. IV. Colimbriae: Ex Praelo Academiae Pontificiae.

ESPERANÇA, Manuel da (1656-1721) – *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal. Primeira parte, que contem seu principio, & augmentos no estado primeiro de Custodia*. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1656 (vol. I), 1666 (vol. II), 1705 (vol. III), 1709 (vol. IV), 1721 (vol. V). 5 vols.

GALVÃO, Duarte (1906) – *Crónica de D. Afonso Henriques*. Lisboa: Portugália.

GARIBAY Y ÇAMALLOA, Esteban de (1571) – *Los XL libros d'el compendio historial de las chronicas y vniuersal Historia de todos los reynos de España*. Anuers: Christophoro Plantino.

GASCO, António Coelho (1924) – *Antiguidades da mui nobre cidade de Lisboa Imporio do Mundo e Princesa do Mar Oceano*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Só foi escrita a 1ª parte. Redacção c. 1627-1633.

GÓIS, Damião de (ed. 1949-1955) – *Crónica do Felicíssimo Rei. D. Manuel*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1949 (Parte I), 1953 (Parte II), 1954 (Parte III) e 1955 (Parte IV)

HERCULANO, Alexandre (1856-1861) – *Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores*. Vol. I, Lisboa, Academia das Sciencias, 1856 (fasc. I), 1860 (fasc. II), 1861 (fasc. III).

História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa (1950-1972), ed. de Durval Pires de LIMA. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950 (tomo I), 1972 (tomo II).

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho (1873-1890) – *Portugal antigo e moderno: diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1873 (vol. I), 1874 (vol. II-IV), 1875 (vol. V-VI), 1876 (vol. VII), 1878 (vol. VIII), 1880 (vol. IX), 1882 (vol. X), 1886 (vol. XI), 1890 (vol. XII).

OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de (ed. 1987) – *Lisboa em 1551. Sumário*. Lisboa: Livros Horizonte.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de (1882-1911) – *Elementos para a História dos Municípios de Lisboa*. Lisboa: Typographia Universal, 1882 (vol. I), 1885 (vol. II), 1888 (vol. III), 1889 (vol. IV-V), 1891 (vol. VI), 1894 (vol. VII-VIII), 1896 (vol. IX), 1898 (vol. X), 1901 (vol. XI), 1903 (vol. XII-XIII), 1904 (vol. XIV), 1906 (vol. XV), 1908 (vol. XVI), 1911 (vol. XVII).

OLIVEIRA, Fr. Nicolau de (1620) – *Livro das Grandezas de Lisboa*. Lisboa: Iorge Rodriguez [2ª edição, Lisboa: impressão Régia, 1804. Nova edição: Lisboa, 1992].

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme (1904-1915) – *Portugal. Dictionario histórico, Chorographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*. Lisboa: J. Romano Torres, 1904 (vol. I), 1906 (vol. II), 1907 (vol. III), 1908 (vol. IV), 1911 (vol. V), 1912 (vol. VI), 1915 (vol. VII).

PEREIRA, Luiz Gonzaga (1927) – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. A. Vieira da SILVA (prefácio). Lisboa: Biblioteca Nacional.

PORTUGAL, Fernando e MATOS, Alfredo de (1974) – *Lisboa em 1758: Memórias Paroquiais de Lisboa*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.

PURIFICAÇÃO, Fr. António da (1642) - *Chronica da Antiquissima Provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho de Hipponia, & Principal Doutor da Igreja. Primeira Parte*. Lisboa: Manuel da Sylva.

RESENDE, Garcia de (1973) – *Chronica de D. João II e miscelânea*, ed. de Joaquim Veríssimo SERRÃO. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 3 vols.

RIBEIRO, João Pedro (1815) – *Memórias para a História das Inquirições dos Primeiros Reinados de Portugal, coligidas pelos discípulos da Aula de Diplomática no anno de 1814 para 1815*. Lisboa: Impressão Régia, 1815.

RIBEIRO, João Pedro (Dir.) (1810-1836) - *Dissertações chronologicas e criticas sobre a historia e jurisprudencia eclesiastica e civil de Portugal*. 5 Vols.. Lisboa: Academia Real das Ciências.

ROSÁRIO, Frei Diogo do (1767) – *Flos Sanctorum ou vida de Cristo Nosso Senhor, de Sua Santíssima Mãe, e dos Santos e suas festas*. 12ª edição. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues. 2 vols.

SACRAMENTO, Fr. António (1929) – *Memorias curiosas em que , por estes anos de 1778, se acham as principaes cousas da Corte de Lisboa*, com notícia de Augusto Vieira da SILVA, Lisboa: Oficina do “Tombo Histórico”.

SANT’ANNA, Frei Belchior de (1656) – *Chronica de Carmelitas Descalsos Particular do Reino de Portugal e Provincia de S. Filipe*. Tomo I. Lisboa: Henrique Valente de Oliveira.

SANTA CATARINA, Fr. Lucas de (1734) – *Memórias da Ordem Militar de São João de Malta*. Tomo I. Lisboa Ocidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de (1697) – *O ceo aberto na terra. História das sagradas congregações dos conegos seculares de S. Jorge em Alga de Venesa, & de S. João Evangelista em Portugal*. Lisboa: Officina de Manuel Lopes Pereyra.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de (1707-1723) – *Santuuario mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prègadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Lisboa, Officina de Antonio Pedrozo Galraão, 1707 (vol. I-II), 1711 (vol. III), 1712 (vol. IV), 1716 (vol. V), 1718 (vol. VI), 1721 (vol. VII), 1720 (vol. VIII), 1722 (vol. IX), 1723 (vol. X).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

SANTA MARIA, P. Dom Nicolau de (1668) – *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do patriarcha S. Agostinho....* Lisboa: Oficina de Ioam da Costa. 2 vols.

SILVA, D. Maria da (1618) – *Livro da fundação do mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa, e de alguns casos dignos de memoria, que nelle acontecerão. Dirigido ao Divinissimo Sacramento da Eucharistia.* Lisboa: Pedro Craesbeeck.

SOUSA, António Caetano de (1735-1749) – *Historia genealogica da Casa Real Portuguesa : desde a sua origem até o presente, com as Familias illustres, que procedem dos Reys, e dos Serenissimos Duques de Bragança : justificada com instrumentos, e escritores de inviolavel fé : e offerecida a El Rey D. João V...* Lisboa Occidental: na Oficina de Joseph Antonio da Sylva, impressor da Academia Real, 1735 (tomo I), 1736 (tomo II), 1737 (tomo III), 1738 (tomos IV-V), 1739 (tomo VI), 1740 (tomo VII), 1741 (tomo VIII), 1742 (tomo IX), 1743 (tomo X), 1745 (tomo XI), 1747 (tomo XII, parte I), 1748 (tomo XII, parte II), 1749 (tomo XIII).

SOUSA, António Caetano de (1739-1748) – *Provas da Historia genealogica da casa real portugueza: tirados dos instrumentos dos archivos da Torre do Tombo, da serenissima casa de Bragança, de diversas cathedraes, mosteiros, e outros particulares deste reyno.* Lisboa: Regia officina Sylviana, e da Academia Real, 1739 (tomo I), 1742 (tomo II), 1744 (tomo III), 1745 (tomo IV), 1748a (tomo V-VI).

SOUSA, Fr. Luis – cf. CACEGAS, Fr. Luis de e Fr. Luis de SOUSA.

SIMÕES, Augusto Filippe (1870) – *Reliquias da Architectura Romano-Bysantina em Portugal e Particularmente na Cidade de Coimbra.* Lisboa: Typographia Portugueza.

VIEGAS, António Paes (1641) – *Principios del Reyno de Portugal: Con la vida y hechos de Don Alfonso Henriquez... Y con los principios de los otros estados christianos de Hespaña...* Lisboa: Paulo Craebeeck.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de (1865) – *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram : obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam / Publicado em Beneficio da Litheratura Portugueza Por Fr. Joaquim de Santa Rosa Viterbo.* 2ª ed. revista, correcta e copiosamente adicionada de novos vocábulos, observações e notas críticas com um índice remissivo. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes.

Estudos

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1986) – *História da Arte em Portugal.* Vol. 3 (O Românico). Lisboa: Alfa.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (2001) – *História da Arte em Portugal.* Vol. 1 (Românico). Lisboa: Presença.

ALMEIDA, Fernando de (1958) – Pedras visigodas de Lisboa. Revista de Guimarães. Vol. LXVIII. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, pp. 3-25.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ALMEIDA, Fernando de (1966-67) – Mais pedras visigóticas de Lisboa e do grupo lusitânico. Arquivo de Beja. Vols. XXIII-XXIV. Beja: Câmara Municipal de Beja, pp. 224-240.

ALMEIDA, Fortunato de (1910-1924) – *História da Igreja em Portugal*. Coimbra: Imprensa académica, 1910 (vol. I-II), 1912 (vol. III), 1915 (vol. IV), 1917 (vol. V), 1922 (vol. VI), 1923 (vol. VII), 1924 (vol. VIII).

ALMEIDA, Fortunato de (1967) – *História da Igreja em Portugal*, ed. de Damião Peres. Vol I. Porto: Portucalense Editora.

ALMEIDA, D. Fernando (dir.) (1962-2000) – *Monumentos e Edifícios notáveis do Distrito de Lisboa*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa – Assembleia Distrital, 1962 (vol. I-II), 1963 (vol. III-IV), 1973 (vol. V, tomo 1), 1975 (vol. V, tomo 2), 1988 (vol. V, tomo 3), 2000 (vol. V, tomo 4).

ALVES, José Felicidade (1994) – “Jerónimos (Mosteiro dos)”, *Dicionário de História de Lisboa*, Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA (ed.). Lisboa: Carlos Quintas & Associados, p. 477.

ALVES, José da Felicidade (1989-1993) - *O Mosteiro dos Jerónimos. Descrição e Evocação*. 3 Vols. Lisboa: Horizonte.

ALVES, José da Felicidade (2008) – *O Mosteiro de S. Vicente de Fora*. Lisboa: Horizonte.

AMARO, Clementino (1994) – “A arqueologia urbana em Lisboa – Balanço e Reflexão” in José Morais ARNAUD, João MURALHA e Alexandra ESTORNINHO, (eds.). *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. I, pp. 219-225.

AMBRÓSIO, António (1994) – “Santa Maria Madalena (Igreja de)”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 847-849.

ANDRADE, Ferreira de (1948-1949) – *A Freguesia de Santiago. Subsídios para a história das suas ruas, edifícios e igreja paroquial*. Lisboa: Câmara Municipal, 2 vols.

ANDRADE, Maria Filomena (1996) – *O mosteiro de Chelas: uma comunidade feminina na baixa Idade Média: património e gestão*. Cascais: Patrimonia.

ARAÚJO, António de Sousa (1977) – *O Santuário da Luz, Glória de Carnide*. Lisboa: Paróquia de Carnide.

ARAÚJO, Norberto e LIMA, Durval Pires de (1944-1956) – *Inventário de Lisboa*, 1944 (fasc. 1); 1945 (fasc. 2), 1946 (fasc. 3 e 4), 1947 (fasc. 5), 1949 (fasc. 6), 1950 (fasc. 7 e 8), 1952 (fasc. 9), 1955 (fasc. 10), 1956 (fasc. 11 e 12).

ARAÚJO, Norberto (1938-1939) – *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1938 (vol. I. Livros I-V), 1939 (vol. II. Livros VI-X), 1939 (vol. III. Livros XI-XV).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

AZEVEDO, Rui de (1937) – “Período de Formação territorial: expansão pela conquista e sua consolidação pelo povoamento. As terras doadas. Agentes colonizadores” in António BAIÃO, Hernâni CIDADE e Manuel MÚRIAS, (dirs.). *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, vol. I. Lisboa: Ática, pp. 7-64.

BARBOSA, Inácio de Vilhena (1864) – “Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inédito)”, *Archivo Pittoresco*. Lisboa: Castro & Irmão, vol. 7/47, pp. 374-376; vol. 7/48, pp. 379-382.

BARROCA, Mário Jorge (2000) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia – Ministério da Ciência e Tecnologia, 3 vols.

BOLÉO, José de Paiva (1960) – *Santa Apolónia*. Lisboa: Pax.

BRANCO, Manoel Bernardes (1888) – *Historia das ordens monásticas em Portugal*. Vol. 3. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão.

BRANCO, Maria João Violante (1998) – “Reis, bispos e cabidos: a diocese de Lisboa durante o primeiro século da sua restauração”. *Lusitania Sacra*. 10, pp. 55-94.

BRANCO, Maria João Violante (1996) – “A conquista de Lisboa revisitada: estratégias de ocupação do espaço político, físico e simbólico” in *2ª Congresso Histórico de Guimarães. Actas*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães – Universidade do Minho, vol. 2, pp. 119-137.

BRANQUINHO, Isabel (2007) – “As Sorores de São Vicente de Fora: uma primeira abordagem” in Luís KRUS, Luís Filipe OLIVEIRA e João Luís FONTES, (coords.). *Lisboa Medieval. Os rostos da Cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 239-258.

BRITO, Maria Fernanda (1981) – “Os padrões de D. Lopo”, *Revista de História*, Vol. IV, *Actas do Colóquio "O Porto na Época Moderna III"*. Porto: INIC-Centro de História da Universidade do Porto, pp. 23-34.

CAEIRO, Francisco da Gama (1967-1969) – *Santo António de Lisboa*. Lisboa: Edição do Autor, 2 vols.

CALADO, Margarida (2009) – “S. Francisco da Cidade. Cidade de S. Francisco. Aspectos do desenvolvimento urbano de Lisboa antes e depois do terramoto de 1755” in Teresa Leonor M. VALE, (ed.). *Actas das Jornadas A Cidade Pombalina: História, Urbanismo e Arquitectura. Os 250 anos do Plano da Baixa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, pp. 115-132.

CALADO, Maria e FERREIRA, Vítor Matias (1991) – *Lisboa. Freguesia de Carnide*. Lisboa: Contexto Editora, Lda.

CARITA, Hélder (1990) – *Bairro Alto - tipologias e modos arquitectónicos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1990.

CARVALHO, Augusto da Silva (1949) – *A Crónica do Hospital de Todos os Santos*. Lisboa: s.n.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

CARVALHO, Gabriela de (1994) – “Santa Luzia (Igreja de)”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, p. 846.

CASTILHO, Júlio de (1879) – *Lisboa Antiga. Primeira parte. O Bairro Alto*. Lisboa: Livraria de A. M. Pereira, 1879.

CASTILHO, Júlio de (1902-1904) – *Lisboa Antiga. Primeira parte. O Bairro Alto*. 2ª edição correta e acrescentada. Lisboa: Antiga Casa Bertrand-J. Bastos, 1902 (vol. I), 1903 (vol.s II – IV), 1904 (vol. V).

CASTILHO, Júlio de (1954-1966) – *Lisboa Antiga. Primeira parte. O Bairro Alto*. 3ª edição revista e anotada por Gustavo Matos SEQUEIRA. Lisboa: Oficinas Gráficas da Câmara Municipal de Lisboa, 1954 (vol. I), 1955 (vol. II), 1956 (vol. III), 1962 (vol. IV), 1966 (vol. V).

CASTILHO, Júlio de (1884-1890) – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 1ª edição. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1879 (vol. I), 1884 (vol. II), 1885 (vol. III), s.d. (vol. IV), 1887 (vol. V), 1889 (vol. VI), 1890 (vol. VII).

CASTILHO, Júlio de (1935-1938) – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1935 (vol. I-III), 1936 (vol. IV-VI), 1937 (vol. VII-X) 1938 (vol. XI-XII).

CASTILHO, Júlio de (1967- 1975) – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 3ª edição transcrita da 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da SILVA. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1967 (vol. I-IV), 1970 (vol. V), 1975 (vol. VI).

CASTILHO, Júlio de (1981) – *Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros Orientais*. 4ª edição revista e anotada por Gustavo de Matos SEQUEIRA. Lisboa: Sociedade Tipográfica, 1981.

CASTILHO, Júlio de (1893) – *A Ribeira de Lisboa: descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho*. Lisboa: Imprensa Nacional.

CASTILHO, Júlio de (1940-1944) – *A Ribeira de Lisboa: descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho*, 2ª edição revista e ampliada com notas de Luiz Pastor de MACEDO. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 5 vols.

CASTILHO, Júlio de (1948-1968) – *A Ribeira de Lisboa: descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho*, 3ª edição revista e ampliada com notas de Luiz Pastor de MACEDO. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, vol. I (1948); vol. II (1956); vol. III (1960); vol. IV (1964); vol. V (1968).

CASTILHO, Júlio de (1981) – *A Ribeira de Lisboa: descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho*, 4ª edição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

CHARRÉU, Leonardo (1995) – *O Mosteiro de S. Francisco de Santarém e o coro alto de D. Fernando - arquitetura, espaço e arte funerária no século XIV*. Lisboa: Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

CHAVES, Luís (1966) – “Santa Catarina de Lisboa no Culto e na Toponímia Citadina – Singelo Apontamento Olisiponense”, *Olisipo*, ano 29, 115/116 (Julho-Outubro 1966), pp. 117- 129

CLEMENTE, Manuel (2001) – “LISBOA, Diocese e patriarcado de”, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. J-P. Carlos Moreira AZEVEDO (dir.). Lisboa: Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, pp. 93-113.

CLEMENTE, Manuel (2006) – *Memórias de uma cidade destruída. Testemunhos das igrejas da Baixa-Chiado*. Lisboa: Aletheia.

COELHO, Maria Helena da Cruz (1990) – “O arcebispo D. Gonçalo Pereira: um querer, um agir” in *IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga. Actas do Congresso Internacional*. Vol. II/1. Braga: Universidade Católica Portuguesa-Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, pp. 389-463.

COELHO, Maria Helena da Cruz (1996) – “Santo António de Lisboa em Santa Cruz de Coimbra” in *Actas do Congresso Internacional «Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*. Braga: Universidade Católica Portuguesa – Família Franciscana Portuguesa, vol. I, pp. 179-205.

COELHO, Maria Helena da Cruz e SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa (2005) – “D. Vasco Martins, vescovo di Oporto e di Lisbona: una carriera tra Portogallo ed Avignone durante la prima meta del Trecento” in *A Igreja e o Clero Português no Contexto Europeu/The Church and the Portuguese Clergy in the European Context*. Lisboa: Centro de Estudos de Historia Religiosa – Universidade Católica Portuguesa, pp. 117-136.

COELHO, Teresa Campos (1998) – “Trabalhos de recuperação da Igreja de S. Lourenço de Lisboa”, *Pedra & Cal*, nº 0, pp. 38-41.

CORREIA, Vergílio (1928) – “Arte visigótica”. *História de Portugal*, dir. Damião Peres. vol. I. Barcelos: Portucalense Editora, pp. 363-388.

CORTEZ, Maria do Carmo (1994) – “Alto da Ajuda”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 45-50.

CORTEZ, Maria do Carmo (1994a) – “Santos-o-Novo (Mosteiro de)”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 869-871.

CORTEZ, Maria do Carmo (1994b) – “Grilos (Igreja e Convento dos)”. *Dicionário de História de Lisboa*. dir. Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 436-437.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

COSTA, António Domingues de Sousa (1963) – *Mestre Silvestre e mestre Vicente, juristas da contenda entre D. Afonso II e suas irmãs*. Braga: Editorial Franciscana.

COSTA, António Domingues de Sousa (1982) – *S. Antonio Canonico Regolare di S. Agostino e la sua vocazione francescana. Rilievi Storico-storiografici*. Braga: Editorial Franciscana.

COSTA, António Domingues de Sousa (1989) – “D. João Afonso da Azambuja, Cortesão, Bispo, Arcebispo, Cardeal e Fundador das Dominicanas do Salvador de Lisboa”, *Arquivo Histórico Dominicano Português*, vol. IV/2, pp. 1-150.

COSTA, Teresa e CALVÃO, Filipe (2001-2002) – “Fundação de capelas na Lisboa quatrocentista: da morte à vida eterna”. *Lusitania Sacra*, 2.^a sér., t. XIII-XIV. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, pp. 337-368.

CUNHA, Armando Santinho e FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1998) – *Vida e morte na época de D. Afonso Henriques*. Lisboa: Hugin.

DELGADO, Ralph (1969) – *A antiga Freguesia dos Olivais*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

DENIS, Fernando (1846-1848) - *Portugal Pittoresco ou Descrição Historica d'este Reino*. 5 Vol.s. Lisboa: Typ. L. C. da Cunha.

DIAS, Pedro (1994) – *Arquitectura gótica portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa.

DUARTE, Maria José Guerreiro (1994) – “S. João Baptista (Igreja de)”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 801-803.

FAGUNDES, João (2004) – “A Sé” in Irisalva MOITA, (coord.). *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 115-128.

FARELO, Mário (2003) – *O Cabido da Sé de Lisboa e os seus Cónegos (1277-1377)*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

FARELO, Mário (2005) – “A quem são teúdos os barões e sages cónegos? Perspectivas sobre as redes de solidariedade no cabido da Sé de Lisboa (1277-1377)”. *Lusitania Sacra*. 17, pp. 141-182.

FARELO, Mário (2007) – “Ao Serviço da Coroa no Século XIV: o Percurso de uma Família de Lisboa, os 'Nogueiras'” in Luís KRUS, Luís Filipe OLIVEIRA e João Luís FONTES (coords.). *Lisboa Medieval. Os rostos da Cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 145-168.

FERNANDES, Carla Varela (2001) – *Memórias de pedra. Escultura tumular medieval da Sé de Lisboa*. Lisboa: IPPAR.

FERNANDES, Carla Varela (2004) – *Poder e Representação. Iconologia da Família Real Portuguesa. Primeira Dinastia. Séculos XII a XIV*. 2 vols., Lisboa: Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

FERNANDES, Carla Varela (2006) – “Proposta de identificação de um jacente medieval. O infante D. João”, *Artis*, nº 5, pp. 73-87.

FERNANDES, Carla Varela (2006-2007) – “D. Afonso IV e a Sé de Lisboa. A escolha de um lugar de memória”, *Arqueologia & História*, vol. 58-59, pp. 143-166.

FERNANDES, Carla Varela (2011) – “O bom rei sabe bem morrer. Reflexões sobre o túmulo de D. Dinis” in *D. Dinis. Actas dos Encontros sobre D. Dinis em Odivelas*. Lisboa: Edições Colibri – Câmara Municipal de Odivelas, pp. 71-92.

FERNANDES, Hermenegildo (2006) – *D. Sancho II. Tragédia*. Lisboa: Círculo de Leitores.

FERNANDES, Lília e FERNANDES, Paulo Almeida (2014) – “Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 17, pp. 225-243.

FERNANDES, Lília; MARQUES, António; FILIPE, Victor e CALADO, Marco (2011) – “A transformação de produtos piscícolas durante a época romana em Olisipo: o núcleo da Rua dos Bacalhoeiros”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, nº 14, pp. 239-261.

FERNANDES, Paulo Almeida (2002a) – “A grade medieval da Sé de Lisboa”, *Olisipo*, vol. 17, pp. 23-34.

FERNANDES, Paulo Almeida (2002) – “O sítio da Sé antes da Reconquista”. *Artis*. N.º1. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 57-87.

FERNANDES, Paulo Almeida (2004) – “Iconografia do Apocalipse: uma nova Leitura do Portal ocidental da Sé de Lisboa”. *Estudos-Património*. n.º7, Lisboa: IPPAR, pp. 91-100.

FERNANDES, Paulo Almeida (2005) – “Visigótico ou Moçárabe. O núcleo da Alta Idade Média”. in José Morais ARNAUD e Carla Varela FERNANDES (coords.). *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 264-293.

FERNANDES, Paulo Almeida (2006) – “O claustro da Sé de Lisboa: uma Arquitectura «cheia de imperfeições»?”, *Murphy*, nº 1, pp. 18-69.

FERNANDES, Paulo Almeida (2007) – “Os moçárabes de Lisboa e a sua importância para a evolução das comunidades cristãs sob domínio islâmico” in Luís KRUS, Luís Filipe OLIVEIRA e João Luís FONTES, (coords.). *Lisboa Medieval. Os rostos da Cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 71-83.

FERNANDES, Paulo Almeida (2008) – “O mosteiro baixo-medieval de Chelas: interrogações a propósito de uma observância mendicante” in Ana Cristina da Costa GOMES, José Augusto MOURÃO, José Eduardo FRANCO e Vítor SERRÃO (coords.). *Monjas Dominicanas. Presença, Arte e Património em Lisboa*, Lisboa: Aletheia, pp. 19-35.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

FERNANDES, Paulo Almeida (2010) – “«Hoc templum aedificavit Rex Portugalliae Alphonsus I». O mosteiro medieval” in Sandra SALDANHA (ed.). *São Vicente de Fora. Arte e História*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, pp. 77-127.

FIGUEIREDO, António Cardoso Borges de (1887) – “O primeiro architecto de Odivellas”, *Revista Archeologica e Historica*, nº 1, pp. 145-151.

FIGUEIREDO, António Cardoso Borges de (1890) – “Antiguidades Romanas de Chelas”, *Revista Archeologica*, nº 4, pp. 1-15, 30-37, 126-128.

FIGUEIREDO, Ana Paula Valente (2000) – *O espólio artístico das Capelas da Sé de Lisboa: Abordagem cripto-histórica*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 3 vols.

FONTES, João Luís Inglês (2007) – “Reclusão, eremitismo e espaço urbano: o exemplo de Lisboa na Idade Média” in Luís KRUS, Luís Filipe OLIVEIRA e João Luís FONTES (coords.). *Lisboa Medieval. Os rostos da Cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 259-277.

FRANCO, Matilde Pessoa Figueiredo de Sousa (1994) – “Benfica (Sítio de)”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 161-163.

FUSCHINI, Augusto (1904) – *A architectura religiosa na Edade Média*. Lisboa: Imprensa Nacional.

GAMEIRO, Odília (2007) - “Sociologia e Geografia do Culto medieval dos Santos Mártires de Lisboa” in Luís KRUS, Luís Filipe OLIVEIRA e João Luís FONTES, (coords.) *Lisboa Medieval. Os rostos da Cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 371-387.

GARCEZ, Margarida (2006) – “As «Visitações gerais» de D. Jorge da Costa: notícia e breve análise” in *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques*. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património e Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. 3, pp. 201-225.

GARCEZ, Margarida (2002) – “Uma casa diante da porta da Sé: de Fernando Martins a Santo António”, *Olisipo*, 2ª série, nº 17, pp. 35-38.

GIL, Júlio (1989) - *As Mais Belas Igrejas de Portugal*, vol. 2. Lisboa: Verbo.

GONÇALVES, António Manuel e SEGURADO, Jorge (1984) – *O Largo da Rosa e Do Nobre Sítio de São Lourenço*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

Guia de Portugal (1984) – Vol. I: *Generalidades. Lisboa e Arredores*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

GONÇALVES, Iria (1996) – *Um Olhar sobre a Cidade Medieval*. Cascais: Patrimonia.

GUIMARÃES, J. Ribeiro (1872-1875) – *Summario de Varia História. Narrativas, Lendas, Biographias Descrições de templos e monumentos, estatísticas, costumes civis, políticos e religiosos de outras eras*. Lisboa: Editores – Rolland & Semiond, 1872 (vol. I-II), 1873 (vol. III), 1874 (vol. IV), 1875 (vol. V).

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

HERCULANO, Alexandre (1903) – *História de Portugal*. 6ª edição, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 4 vols.

HERCULANO, Alexandre (1848) – *O Monge de Cister ou a Epocha de D. João I*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2 vols.

HOMEM, Armando Luís de Carvalho (1987) – “Conselho real ou conselheiros do Rei? A propósito dos «Privados» de D. João I”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. II/4, pp. 9-68.

HOMEM, Armando Luís de Carvalho (1982) – “O Doutor João das Regras no Desembargo e no Conselho Régios (1384-1404). Breves notas” in *Estudos de História de Portugal. Homenagem a A. H. de Oliveira Marques*. Lisboa: Editorial Estampa, pp. 241-253.

JORGE, Ana Maria C.M.; SÁ-NOGUEIRA, Bernardo de; ROLDÃO, Filipa e FARELO, Mário (2005) – “La dimension européenne du clergé de Lisbonne (1147-1325)” in *A Igreja e o Clero Português no contexto europeu*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa – Universidade Católica Portuguesa, pp. 19-43.

JORGE, Maria Júlia (1994) – “Carnide (Sítio de)”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 214-216.

JORGE, Maria Júlia (1994a) – “Senhora do Monte (Ermita de)”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 876-877.

JORGE, Maria Júlia (1994b) – “Graça (Bairro da)”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 430-432.

LOPES, Fernando Félix (1963) – “Santo Antonio”, *Dicionário de História de Portugal*, dir. de Joel SERRÃO, vol. I, Porto, Figueirinhas pp.159-160.

LOUREIRO, Henrique (1927) – *O políptico do Convento de Santo Elói*. Lisboa: Convento dos Marianos.

MACEDO, Luís Pastor de (1930) – *A Igreja de Santa Maria Madalena de Lisboa*. Lisboa: Solução Editora.

MACHADO, José Pedro (1984) – “Xabregas” in *Dicionário onomástico etimológico da Língua portuguesa*, vol. III. Lisboa: Horizonte/Confluência, p. 1488.

MANTAS, Vasco (2002) – “O mundo religioso dos viajantes e comerciantes”. in José Cardim RIBEIRO, (coord.). *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Catálogo de exposição. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 157-164

MARQUES, Maria Alegria Fernandes (1998) – *Estudos sobre a Ordem de Cister*. Lisboa: Colibri.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

MARQUES, Maria Alegria Fernandes (1990) – *O Papado e Portugal no tempo de D. Afonso III (1245-1279)*. Coimbra: Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1994) – “Depois da Reconquista. A Cidade na Baixa Idade Média” in Irisalva MOITA, coord. *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizontes, pp. 89-113.

MARTINS, Mário (1957) – *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*. 2ª edição. Lisboa: Edições Broteria.

MATA, Joel Silva Ferreira (1992) – *A Comunidade feminina da Ordem de Santiago: a Comenda de Santos na Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MATOS, José Luís de (1999) – *Lisboa Islâmica*. Lisboa: Instituto Camões.

MATOSO, António Gonçalves (1963) – “A paróquia. Sua evolução histórica e influência civilizadora”, *Lumen*, ano XXVII, 27/V-VIII, pp. 447-460, 539-552, 624-643.

MATOSO, Inês (2001) – “Um apontamento de Tumulário Medieval – O Conjunto da Igreja de São Cristóvão em Lisboa”, *Arqueologia e História*, vol. 53, pp. 75-90.

MATTOSO, José (1980) – “A história das paróquias em Portugal”, *Portugiesische Forschungen der Görres-Gesellschaft. Aufsätze*, vol. 18, pp. 1-15.

MATTOSO, José (1974) – “Rocamador. Santuário de Nossa Senhora”, *Grande Enciclopédia Luso-Brasileira*. Vol. 16. Lisboa: Verbo, pp. 695-696.

MOITEIRO, Gilberto (2005) – “Da Lisboa de Nun’Álvares à Lisboa do Santo Condestável. Uma nova devoção na cidade dos reis de Avis” in *A Nova Lisboa Medieval*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 121-132.

MORENO, Humberto Baquero (1980) – *A Batalha de Alfarrobeira. Antecedentes e significado histórico*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 2 vols.

MUCHAGATO, Jorge (1997) – *Jerónimos. Memória e Lugar do Real Mosteiro*. Lisboa: Edições INAPA.

NOGUEIRA, Bernardo de Sá (1996) – *Tabelionato e instrumento público em Portugal. Gênese e implantação: 1212-1279*. Lisboa: Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 3 vols.

NOGUEIRA, Bernardo de Sá (2000) – “O espaço eclesiástico em território português (1096-1415)” in Carlos Moreira AZEVEDO, (dir.). *História Religiosa de Portugal*. Vol. I: *Formação e limites da Cristandade*. Ana Maria JORGE e Ana Maria RODRIGUES (coord.). Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 142-201.

NOGUEIRA, Bernardo de Sá (2007) – “Intervenção da corte régia no enquadramento do comércio lisboeta (1276-1279), documentada por instrumentos notariais de composição” in Luís KRUS, Luís Filipe OLIVEIRA e João Luís FONTES (coords.). *Lisboa Medieval. Os rostos da Cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 112-128.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

“Nossa Senhora da Escada (Ermida de)” (1994), *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, p. 638.

OLIVEIRA, Luís Filipe (2007) – “Uma barregã régia, um mercador de Lisboa e as freiras de Santos” in Luís KRUS, Luís Filipe OLIVEIRA e João Luís FONTES (coords.). *Lisboa Medieval. Os rostos da Cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 182-196.

PEREIRA, Armando de Sousa (1998) – “O infante D. Fernando de Portugal, Senhor de Serpa (1218-1246): História da Vida e da Morte de um Cavaleiro Andante”. *Lusitania Sacra*. 10, pp. 95-121.

PEREIRA, Gabriel (1905) – *De Benfica à Quinta do Correio-Mor*. Lisboa: Officina Typographica.

PEREIRA, Gabriel (1910) – *Pelos subúrbios e visinhanças de Lisboa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira.

PEREIRA, Isaías da Rosa (1994) – “Bispos, arcebispos e patriarcas”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 169-177.

PEREIRA, Isaías da Rosa (1990) – “Para a História da Igreja de Santo André de Lisboa” in *Documentos para a História do Patriarcado de Lisboa*, Separata de *Vida Católica*, 2ª série, vol. 13, pp. 123-144.

PEREIRA, Paulo (1989) – “A igreja e convento do Carmo: do gótico ao revivalismo” in *Comemoração dos 600 anos da Fundação do Convento do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 87-115.

PEREIRA, Paulo (1995) – “A arquitectura (1250-1450)” in Paulo PEREIRA (dir.). *História da Arte Portuguesa*. Vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 335-443.

PICOITO, Pedro (2008) - “A trasladação de S. Vicente. Consenso e Conflito na Lisboa do século XII”, in *Medievalista online*, 4. www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista

PICOITO, Pedro (2010) – “As Ordens Militares e o Culto dos Mártires no Sul de Portugal” in *Ordens Militares e Religiosidade. Actas*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela/Gabinete de Estudos Sobre a Ordem de Santiago, pp. 73-90.

PIRES, João Urbano (1994) – “S. Nicolau (Igreja de)”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 813-814.

PRADALIÉ, Gérard (1975) – *Lisboa da Reconquista ao fim do século XIII*. Lisboa: Edições Palas.

PROENÇA, P.º Álvaro (1964) – *Benfica através dos tempos*. Lisboa: União Gráfica.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

REAL, Manuel Luís (1974) – *Arte românica de Coimbra: Novos dados, novas hipóteses, edição policopiada*. Porto: Dissertação de Licenciatura, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2 vols.

REAL, Manuel Luís (1987) – *Perspectivas sobre a flora românica da “Escola” Lisbonense. A propósito de dois capitéis desconhecidos de Sintra, no Museu do Carmo*. Sintra : Câmara Municipal, pp. 529-560.

REAL, Manuel Luís (1995) – “Inovação e resistência: dados recentes sobre a antiguidade cristã no ocidente peninsular” in *IV Reunió d’Arqueologia Cristiana Hispànica*. Barcelona: Institut d’Estudis Catalans – Universitat de Barcelona, pp. 17-68.

REAL, Manuel Luís (1995a) - “O Convento Românico de São Vicente de Fora”, *Monumentos*, vol. 2, pp.14-23

REAL, Manuel Luís (2000) – “Portugal: cultura visigoda e cultura moçárabe” in Luis CABALLERO ZOREDA e Pedro MATEOS CRUZ (eds.). *Visigodos y Omeyas. Un debate entre la Antigüedad tardía y la alta Edad Media*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 21-75.

RÊPAS, Luís Miguel (2007) – “Entre o mosteiro e a cidade: o recrutamento social das “donas” de Odivelas” in Luís KRUS, Luís Filipe OLIVEIRA e João Luís FONTES (coords.). *Lisboa Medieval. Os rostos da Cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 232-238.

RIBEIRO, Mário Sampaio (1936) – *Do Sítio de Nossa Senhora ao actual Largo da Ajuda*. Lisboa: Câmara Municipal.

RIBEIRO, Victor (1901) – “História da Beneficência em Portugal”, *O Instituto*, 28 (1901), pp. 738-742, 753-757, 828-831, 879-882.

ROCHA, Ilídio (1994) – “Espírito Santo da Pedreira (Convento do)”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 351-353.

RODRIGUES, Ana Maria (2006) – “A formação da Rede paroquial no Portugal medievo”. *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias*. vol. 1. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 71-84.

ROSA, Maria de Lurdes (2000) – “A religião no século: vivências e devoções dos leigos” in Carlos Moreira AZEVEDO, (dir.), ed. *História Religiosa de Portugal*. Vol. I: *Formação e limites da Cristandade*. Ana Maria JORGE e Ana Maria RODRIGUES (coord.). Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 423-510.

ROSA, Maria de Lurdes (2001-2002) – “A Santidade no Portugal medieval: Narrativas e Trajectos de Vida”. *Lusitania Sacra*. 13-14, pp. 369-450.

“S. João da Praça (igreja de)” (1994). *Dicionário da História de Lisboa*, ed. Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 803-804.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

SALGADO, Anastácia Mestrinho e SALGADO, Abílio (1994) – “Hospitais medievais”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 442-446.

SANCHEZ, Sebastião Formosinho (1994) – “Santiago (Igreja de)”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 855-856.

SANTO, Eugénio do Espírito (1997) – *Ameixoeira. Um Núcleo histórico*. Lisboa: Edição do Autor.

SANTOS, Maria Helena Carvalho (1994) – “Ameixoeira (sítio da)”. *Dicionário da História de Lisboa*, pp. 62-63.

SARAIVA, Anísio (2005) – “O quotidiano da Casa de D. Lourenço Rodrigues, bispo de Lisboa (1359-1364†): notas de investigação”, *Lusitania Sacra*. 17, pp. 419-438.

SEGURADO, Jorge (1970) – *Francisco d’Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior.

SEGURADO, Jorge (1976) – *Da obra Filipina de São Vicente de Fora*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

“S. João da Praça (igreja de)” (1994), *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 803-804.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1916-1934) – *Depois do Terramoto*. Subsídios para a história dos bairros ocidentais de Lisboa. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa-Associação dos Arqueólogos Portugueses. 1916 (vol. I), 1918 (vol. II), 1922 (vol. III), 1934 (vol. IV) [2ª edição, 1967].

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1939) – *O Carmo e a Trindade: subsídios para a história de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 2 vols. [2ª edição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1967].

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1954) – Cf. CASTILHO, Júlio (ed. 1954).

SERRA, Joaquim Bastos (2001) – *A Colegiada de Santo Estêvão de Alfama nos Finais da Idade Média: os Homens e a Gestão da Riqueza patrimonial*. Cascais: Patrimonia.

SILVA (1936) – “Descrição da Sé de Lisboa pelo Engenheiro A. Vieira da Silva”. In Castilho, Júlio (1936) – *Lisboa Antiga. 2ª Parte. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada com anotações de Augusto Vieira da Silva, vol. V.

SILVA, Augusto Vieira da (1899) – *A Cêrca Moura de Lisboa. Estudo Histórico e descritivo*, Lisboa: Typographia do Commercio, 1899.

SILVA, Augusto Vieira da (1900) – *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*. Lisboa: Typographia do Commercio.

SILVA, Augusto Vieira da (1939) – *A Cêrca Moura de Lisboa*. 2ª edição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1939.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

SILVA, Augusto Vieira da (1940-1941) – *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*. 2ª edição, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

SILVA, Augusto Vieira da (1942) – “A Evolução Paroquial de Lisboa”, *Revista Municipal*, Ano III, nº 13-14, pp. 3-25 republicado em *Dispersos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1954, pp. 173-215.

SILVA, Augusto Vieira da (1943) – *As freguesias de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

SILVA, Augusto Vieira da (1943a) – “Notícias históricas sobre as freguesias de Lisboa”. *Revista Municipal*, Ano IV, nº 16, pp. 7-28, republicado em *Dispersos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1954, pp. 219-299.

SILVA, Augusto Vieira da (1987a) – *A Cêrca Moura de Lisboa*. 3ª edição, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

SILVA, Augusto Vieira da (1987b) – *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*. 3ª edição, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2 vols.

SILVA, Carlos Guardado da (2008) – *Lisboa Medieval. A organização e a estruturação do espaço urbano*. Lisboa: Edições Colibri.

SILVA, Filipe Nery de Faria e Silva (1897) – *Nossa Senhora do Restello, os Freires de Cristo e a igreja da Conceição Velha*. Lisboa: Typographia Casa Portuguesa.

SILVA, José Custódio Vieira da e RAMÔA, Joana (2009) – “«Sculpto immagine episcopali»: jacentes episcopais em Portugal (séc. XIII-XIV)”, *Revista de história da arte*, vol. 7, pp. 95-119.

SILVA, Manuel Ferreira da (1994a) – “Mártires (Igreja dos)”. *Dicionário de História de Lisboa*. dir. Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 566-569.

SILVA, Manuel Ferreira da (1994b) – “S. Pedro (Igrejas de)”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 817-818.

SILVA, Manuel Ferreira da (1994c) – “Santo Estêvão (Igreja de)”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 868-869.

SILVEIRA, Ana Cláudia (2007) – “Entre Lisboa e Setúbal: os Palhavã” in Luís KRUS, Luís Filipe OLIVEIRA e João Luís FONTES (coords.). *Lisboa Medieval. Os rostos da Cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 197-213.

SOUSA, Bernardo Vasconcelos e (dir.); Isabel Castro PINA; Maria Filomena ANDRADE e Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva SANTOS (2006) – *Ordens Religiosas em Portugal. Das Origens a Trento – Guia Histórico*. Lisboa: Livros Horizonte.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1936) – *Inscrições portuguesas do Museu do Carmo*. 2ª edição, Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1940) – *Inscrições Portuguesas de Lisboa (Séculos XII a XIX)*, Lisboa, Academia Portuguesa da História.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1949) – “A Sigla do Mestre Gomes Martins nas Ruínas do Carmo”, *Brotéria*, vol. 48, pp. 5-8.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1935 e 1953) – “As Sepulturas de Santa Luzia”, *Nação Portuguesa*, 9 (1935), p. 295-302 e in *Colectânea olisiponense*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, vol. I, pp. 69-77.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1982) – *Colectânea olisiponense*. 2ª edição, 3 vols. (o vol. III é uma 2ª edição de 1966). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

SOUZA, Francisco Luiz Pereira de (1928) – *O Terremoto do 1º de Novembro de 1755 em Portugal e um Estudo Demográfico. Vol. III-Distrito de Lisboa*. Lisboa: Typographia do Commercio.

SUCENA, Eduardo (1994) – “Santa Marinha (Igreja de)”, *Dicionário de História de Lisboa*, ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 852-853.

SUCENA, Eduardo (1994a) – “S. Tomé (Igreja de)”, *Dicionário de História de Lisboa*. ed. de Francisco SANTANA e Eduardo SUCENA. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 825-826.

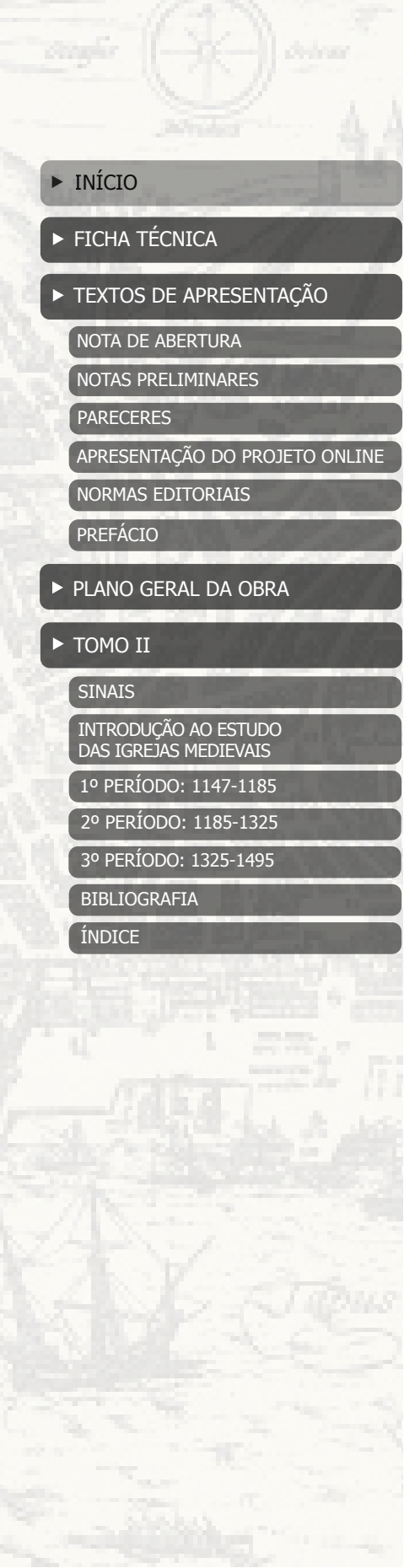
“Telmo (S.)”, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXI, Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, s.a., pp. 156-157.

TORRES, Cláudio (2001) – “Lisboa muçulmana, um espaço urbano e o seu território”, *Arqueologia Medieval*, nº 7, pp. 73-77.

VARGAS, José Manuel (1999) – “O Património das Ordens Militares em Lisboa, Sintra e Torres Vedras, segundo uma Inquirição do Reinado de D. Afonso II” in Isabel Cristina F. FERNANDES (ed.). *Ordens Militares: Guerra, Religião, Poder e Cultura. Actas do III Encontro sobre Ordens Militares, Palmela, 22 a 25 de Janeiro de 1998*, Vol. 2. Lisboa: Colibri, 1999, p. 105-129.

VARGAS, José Manuel (2002) – “As freguesias de Lisboa e do seu termo na Idade Média”, *Olisipo*, 2ª série, vol. 17, pp. 47-66.

VILAR, Hermínia Vasconcelos (2000) – “Instituições monásticas e o elemento humano”. in Carlos Moreira AZEVEDO, (dir.). *História Religiosa de Portugal*. Vol. I: *Formação e limites da Cristandade*. Ana Maria JORGE e Ana Maria RODRIGUES (coord.). Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 206-236 e 241-252.



► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

VILAR, Hermínia Vasconcelos (2001) - O Episcopado no tempo de D. Dinis. Trajectos pessoais e Carreiras eclesiásticas (1279-1325). *Arquipélago*. série História, vol. V, pp. 581-604.

VILAR, Hermínia Vasconcelos (2007) – “Em torno de uma diocese: os bispos de Lisboa entre dois séculos (1244-1325)” in Luís KRUS, Luís Filipe OLIVEIRA e João Luís FONTES (coords.). *Lisboa Medieval. Os rostos da Cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 129-144.

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

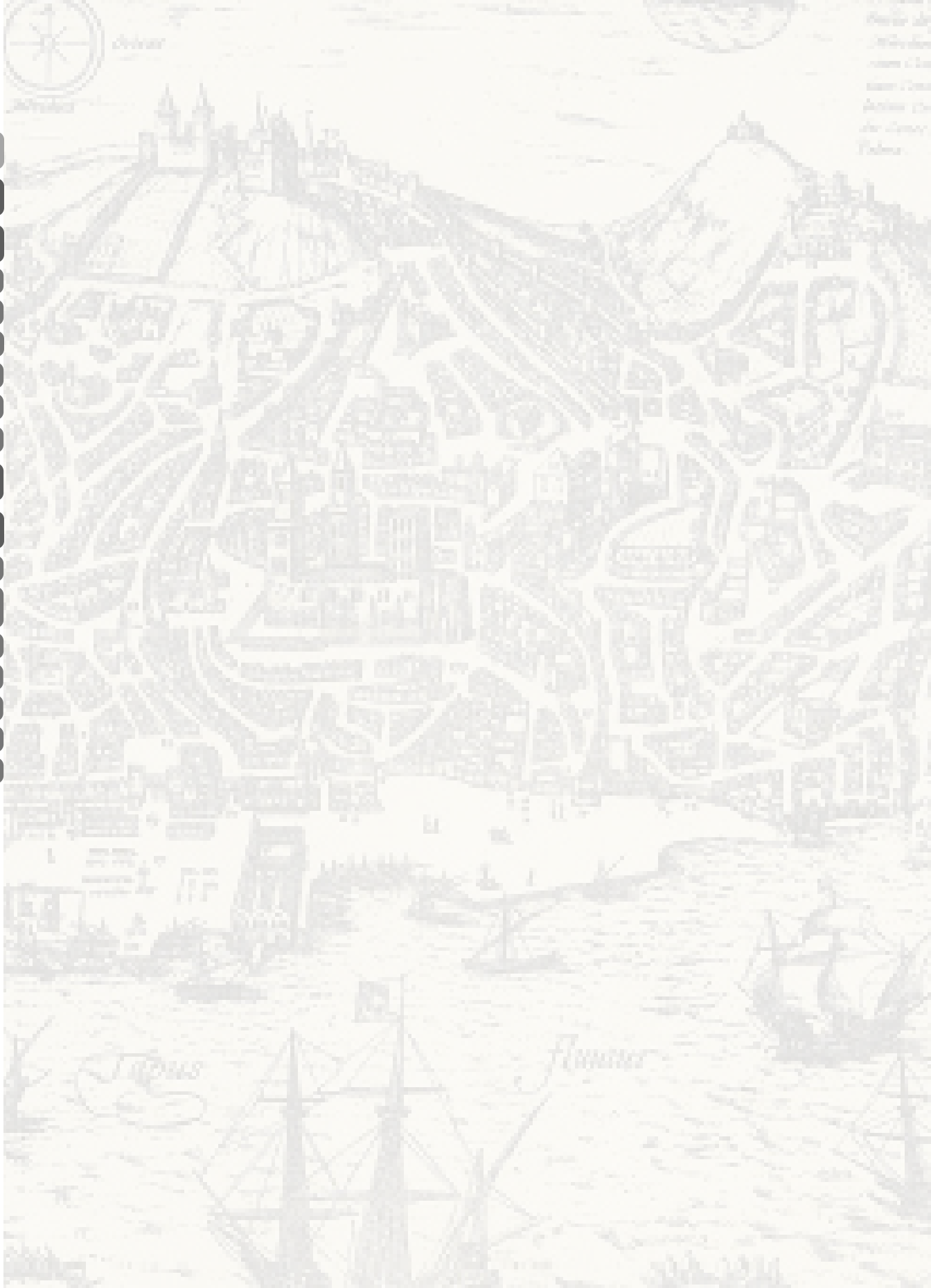
1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE



▶ INÍCIO

▶ FICHA TÉCNICA

▶ TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

▶ PLANO GERAL DA OBRA

▶ TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

ÍNDICE

FICHA TÉCNICA	4
TEXTOS DE APRESENTAÇÃO	5
NOTA DE ABERTURA.....	7
NOTAS PRELIMINARES.....	9
PARECERES.....	13
APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO "ONLINE"	15
NORMAS EDITORIAIS	17
PREFÁCIO	19
PLANO GERAL DA OBRA.....	23

TOMO II IGREJAS MEDIEVAIS DE LISBOA (1147-1495).....	25
SINAIS.....	27
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS IGREJAS MEDIEVAIS.....	29
1. EDIFÍCIOS RELIGIOSOS DA LISBOA CRISTÃ MEDIEVAL: 1147 A 1495.....	29
2. CARACTERÍSTICAS DO PERÍODO INICIAL: 1147 A 1185	30
3. CARACTERÍSTICAS DO 2º PERÍODO MEDIEVAL: 1185 A 1325	33
4. CARACTERÍSTICAS DO 3º PERÍODO MEDIEVAL: 1325 A 1495	35
5. FONTES DOCUMENTAIS MAIS IMPORTANTES PARA A ÉPOCA MEDIEVAL	36
5.1 Paróquias dos arrabaldes criadas pelo bispo D. Gilberto (1147-1166).....	36
5.2 Escritura de D. Álvaro, bispo de Lisboa.....	36
5.3 Documento sobre o Sínodo de 1191, realizado por D. Soeiro Anes (1185-1209 ou 1210), na Sé Catedral de Lisboa.....	37
5.4 Relação de várias igrejas de que el-Rei é padroeiro nos bispados do Porto, Lamego, Tuy, Coimbra e Lisboa: 1209 ou 1229	37
5.5 Inquirição particular sem data	37
5.6 Documento do Mosteiro de Chelas, 15 Fevº. 1261	39
5.7 Catálogo de todas as igrejas, comendas e mosteiros que havia nos reinos de Portugal e Algarves, pelos anos 1320-1321, com a lotação de cada uma delas.....	39
5.8 Summario em que brevemente se contem algumas cousas, assim Ecclesiásticas como Secu- lares, que há na cidade de Lisboa - 1551 por Christovam Rodrigues de Oliveira.....	43
5.9 Grandeza e Abastança de Lisboa em 1552.....	44
6. ESTUDOS GLOBAIS MAIS RELEVANTES.....	53
7. BISPOS E ARCEBISPOS NESTA ÉPOCA (1147-1495)	58
7.1 BISPOS.....	58
7.2 ARCEBISPOS.....	67

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

8. RELAÇÃO DOS REIS DE PORTUGAL NESTA ÉPOCA 72

9. PAPAS CONTEMPORÂNEOS DA ÉPOCA MEDIEVAL DE LISBOA 73

1º PERÍODO: 1147 - 1185 75

⊖ ERMIDA DO ACAMPAMENTO DOS INGLESES 78

⊙ CAPELA DE NOSSA SENHORA DA ENFERMARIA 82

† A SÉ EPISCOPAL DE LISBOA (PROVISÓRIA) 83

† A SÉ DE LISBOA FUNDAÇÃO: SÉCULO XII [C. 1150] → ◇ 85

ANEXO 89

⊖ ERMIDA, OU IGREJA DOS SANTOS MÁRTIRES, VERÍSSIMO, MÁXIMA E JÚLIA 95

♀ IGREJA E MOSTEIRO DE SÃO FÉLIX E SANTO ADRIÃO, EM CHELAS 98

⊖ ERMIDA PRIMEIRA DE SÃO GENS, ÀS OLARIAS 103

♂ ♂ IGREJA DO MOSTEIRO DE SÃO VICENTE DE FORA - 1ª 110

♂ IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES - 1ª 123

♂ IGREJA PAROQUIAL DE SANTA CRUZ DA ALCÁÇOVA ⇒ SANTA CRUZ DO CASTELO - 1ª 127

♂ IGREJA DE SÃO BARTOLOMEU (AO CASTELO) † 130

♂ IGREJA DE SÃO MARTINHO - 1ª → 134

♂ IGREJA DE SÃO JORGE 136

♂ IGREJA DE SANTA JUSTA † 141

♂ IGREJA PAROQUIAL DE SANTA MARIA MADALENA - 1ª 146

♂ IGREJA DE SÃO MIGUEL - 1ª 154

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA CORREDOURA OU NOSSA SENHORA DA ESCADA 155

⊙ ERMIDA E RECOLHIMENTO DE SÃO SALVADOR DA MATA 162

⊙ ERMIDA DE SANTA CATARINA 166

👑 CAPELA REAL DE SÃO MIGUEL, NA ALCÁÇOVA 167

CAPELA DA ALBERGARIA 170

2º PERÍODO: 1185-1325 171

† A SÉ DE LISBOA – II 174

† A SÉ DE LISBOA – III 175

♂ IGREJA DE SÃO PEDRO DE ALFAMA 177

♂ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO JULIÃO – 1ª 179

♂ IGREJA DE SÃO MAMEDE, AO CASTELO † 182

♂ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO SALVADOR † 188

♂ IGREJA DE SANTO ANDRÉ † 190

♂ IGREJA DE SANTA MARINHA DO [OUTEIRO] † 193

♂ IGREJA DE SÃO TOMÉ [DO PENEDO] † 197

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

⊘ IGREJA DE SÃO TIAGO – 1ª	200
⊘ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO JOÃO DA PRAÇA – 1ª	202
⊘ IGREJA DE SÃO NICOLAU – 1ª	203
⊘ IGREJA DE SANTA MARIA DE ALCAMIM → SÃO CRISTÓVÃO	205
⊘ IGREJA PAROQUIAL DE SÃO LOURENÇO ✧	207
⊘ IGREJA DE SÃO JOÃO BAPTISTA, DO LUMIAR	211
⊘ IGREJA PAROQUIAL DE SANTO ESTÊVÃO – 1ª	212
⊘ IGREJA DE SÃO LOURENÇO, DE CARNIDE	214
⊘ IGREJA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO, EM BENFICA – 1ª	217
⊘ IGREJA DE SÃO MATEUS + ...	219
⊘ IGREJA DE SÃO LÁZARO	221
⊘ IGREJA DE SÃO JOÃO DO HOSPITAL	222
⊘ IGREJA DO HOSPITAL DOS MENINOS INOCENTES	223
⊘ IGREJA DO ESPÍRITO SANTO, DA PEDREIRA →	224
⊘ IGREJA DO COLÉGIO DE SANTO ELÓI →	227
⊙ ERMIDA DE SÃO BRAZ OU SANTA LUZIA	230
⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO PARAÍSO, NA PAMPULHA – 1ª	234
⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA OU SANTA MARIA DE ROCAMADOR	235
⊙ ERMIDA DO SANTO ESPÍRITO DE CARNIDE	237
⊙ ERMIDA DO SANTO ESPÍRITO DE BENFICA	238
⊙ ERMIDA DO SANTO ESPÍRITO DA CHARNECA	240
⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO RESTELO, OU NOSSA SENHORA DA “ESTRELA”	241
⊙ ERMIDA DE SANTA BRÍGIDA	242
⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO FUNCHAL, NA AMEIXOEIRA	243
♂ IGREJA DO MOSTEIRO DOS CAVALEIROS DE SANTIAGO, EM SANTOS	245
♂ IGREJA DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO, DA CIDADE →	248
♂ IGREJA DO MOSTEIRO DA TRINDADE – 1ª	251
♂ IGREJA DO CONVENTO DE SÃO DOMINGOS, AO ROSSIO	257
♂ IGREJA DO CONVENTO DE SANTO AGOSTINHO, OU DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA – 1ª ..	263
♀ IGREJA DO MOSTEIRO DAS COMENDADEIRAS DE SANTIAGO, EM SANTOS [O-VELHO] ...	266
♀ IGREJA DO MOSTEIRO DE ODIVELAS	271
♀ IGREJA DO MOSTEIRO DE SANTA CLARA – 1ª	276

3º PERÍODO: 1325-1495.....	279
A SÉ DE LISBOA – IV	283
⊘ IGREJA PAROQUIAL DE SANTA MARIA DOS OLIVAIS	285
△ ERMIDA DE SANTO ANTÃO, NA CORREDOURA	287

► INÍCIO

► FICHA TÉCNICA

► TEXTOS DE APRESENTAÇÃO

NOTA DE ABERTURA

NOTAS PRELIMINARES

PARECERES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ONLINE

NORMAS EDITORIAIS

PREFÁCIO

► PLANO GERAL DA OBRA

► TOMO II

SINAIS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS IGREJAS MEDIEVAIS

1º PERÍODO: 1147-1185

2º PERÍODO: 1185-1325

3º PERÍODO: 1325-1495

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE

△ CAPELA MEDIEVAL DE SANTO ANTÓNIO À SÉ 288

△ IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PORTA DO FERRO OU: ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO 291

Θ ERMIDA MEDIEVAL DE SANTA MARIA DE BELÉM 295

△ IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO DA PADARIA 299

Θ ERMIDA DO HOSPITAL DOS PALMEIROS 302

Θ ERMIDA DE SANTA APOLÓNIA 303

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO PARAÍSO – 2ª – À CRUZ DA PEDRA 306

⊙ ERMIDA(S) DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS E DO SANTO ESPÍRITO EM ALFAMA ... 307

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA OU: ERMIDA DE SÃO PEDRO GONÇALVES = ERMIDA DO CORPO SANTO 315

⊙ ERMIDA DE SÃO BENTO DE ENXOBREGAS 321

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA LUZ, EM CARNIDE 322

⊙ ERMIDA DO SANTO ESPÍRITO, A CATA-QUE-FARÁS 326

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA 328

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO PARAÍSO – 3ª – À PORTA DA CRUZ 331

⊙ ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA 334

⊙ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PALMA 335

⊙ ERMIDA DE OS ANJOS 337

⊙ ERMIDA DE SANTA BÁRBARA E SÃO JORDÃO..... 338

♂ IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO 339

← ♂ CONVENTO DE SANTO ELOY (1ª) → 353

♂ IGREJA DO CONVENTO DE SÃO BENTO DE ENXOBREGAS - 1ª ➡ 357

♂ IGREJA DO CONVENTO DE SANTA MARIA DE JESUS, EM XABREGAS – 1ª 359

♂ IGREJA DO CONVENTO DE SÃO DOMINGOS DE BENFICA – 1ª 362

♂ ♀ IGREJA PAROQUIAL E CONVENTUAL DE SÃO SALVADOR 365

♀ IGREJA DO MOSTEIRO DAS COMENDADEIRAS DE SANTIAGO, DE SANTOS-O-NOVO – 1A 371

BIBLIOGRAFIA DO TOMO II..... 374

